

o **Espiritismo** e as incoerências de um pastor

A falta de bom senso mediante
crendices fundamentalistas



Thiago T. Ferrari

O Espiritismo e as incoerências de um pastor

(Versão 2)

“Hoje creem e sua fé é inabalável, porque assentada na evidência e na demonstração, e porque satisfaz a razão. [...] Tal é a fé dos espíritas, e a prova de sua força é que se esforçam por se tornarem melhores, domarem suas inclinações más e porem em prática as máximas do Cristo, olhando todos os homens como irmãos, sem acepção de raças, de castas, nem de seitas, perdoando aos seus inimigos, retribuindo o mal com o bem, a exemplo do divino modelo”. (KARDEC, Allan. *Revista Espírita de 1868*. 1. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. p. 28, janeiro de 1868.)

Thiago Toscano Ferrari

Copyright 2021 by
Thiago Toscano Ferrari
Vitória-ES

Capa: <https://encrypted-tbn0.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcRwZCkvPS-VaWtSOKBOY3vvlcmGuG-ErxUF3g&usqp=CAU>

Diagramação: Paulo da Silva Neto Sobrinho
site: www.paulosnetos.net
e-mail: paulosnetos@gmail.com

Belo Horizonte-MG, novembro/2021

Sumário

INTRODUÇÃO.....	8
CAPÍTULO I - VISÃO PANORÂMICA.....	19
1.1. Que é o Espiritismo e quais as suas reivindicações?....	19
1.1.1. O Espiritismo e os Cultos Afro-brasileiros.....	26
1.1.2. O Espiritismo Europeu Versus Espiritismo.....	30
1.1.3. O Racionalismo Cristão e o Espiritismo.....	32
1.1.4. A LBV e o Espiritismo.....	36
1.2. É justo criticar o Espiritismo?.....	45
1.3. Altruísmo e não revanche.....	63
1.4. De olho nas incoerências.....	69
CAPÍTULO II - INCOERÊNCIAS QUANTO AO QUE DIZEM DA BÍBLIA.....	96
2.1. O Kardecismo Nega a Bíblia.....	100
2.1.1. Kardec Nega a Bíblia.....	100
2.1.2. A Federação Espírita Brasileira Nega a Bíblia.....	116
2.2. Kardec Finge Crer na Bíblia.....	119
2.3. Terceira Revelação?!.....	134
2.4. Contradição Entre os Dois Testamentos?!.....	162
CAPÍTULO III - NEGA A TRINDADE, MAS SE DIZ CRISTÃO.....	176
3.1. O Kardecismo Nega a Divindade de Jesus.....	178
3.2. Nega a Personalidade e Divindade do Espírito Santo.....	213
3.2.1. A Personalidade do Espírito Santo.....	217
3.2.2. A Divindade do Espírito Santo.....	222
CAPÍTULO IV - NÓS E JESUS JÁ FOMOS BICHOS?! SIM OU NÃO?!	236
4.1. O Homem Já Foi Bicho?!.....	237

4.2. Jesus Já Foi Bicho?!	246
4.3. Fomos Bichos ou Não Fomos?	257
CAPÍTULO V – NEGA A EXISTÊNCIA DO INFERNO, MAS SE DIZ CRISTÃO	270
5.1. Jesus jamais falou de suplício eterno	272
5.2. É Contrário ao Bom Senso	279
5.3. É Repugnante à Justiça:	293
5.4. É Oposto ao Amor de Deus	304
5.5. É Uma Desonra ao Deus Amoroso	319
CAPÍTULO VI – RESPONDENDO ÀS PERGUNTAS KARDEQUIANAS	334
CAPÍTULO VII – PERGUNTAS A UM KARDECISTA	402
CAPÍTULO VIII – JOÃO, VOCÊ É ELIAS, OU VOCÊ É VOCÊ?	411
CAPÍTULO IX – “SAMUEL”, SAUL E A MÉDIUM	429
CAPÍTULO X – OUTROS ERROS E INCOERÊNCIAS	464
10.1. Renascer é o Mesmo que Reencarnar?	464
10.2. Ressuscitar é o Mesmo que Reencarnar?	470
10.3. Sangue de Jesus ou Reencarnação?	479
10.4. Sobre o Diabo e os Demônios	489
10.5. Como Identificar os Espíritos	499
10.6. Reencarnação – Uma Questão de Justiça?	508
10.7. Acerca da Criação	562
10.8. O Silêncio do Cristo?!	565
10.9. Uma Profecia Kardequiana	571
10.10. Por que Moisés Proibiu a Mediunidade?	580
10.11. Sofre ou Não Sofre?	586

10.12. Acerca do Nascimento Virginal de Jesus.....	591
10.13. Sobre as Ordenanças.....	595
10.14. Acerca da Criação dos Espíritos.....	599
10.15. A Proibição à Consulta aos Mortos Prova Sua Possibilidade?.....	601
10.16. Sobre a Suposta Facilidade da Salvação Bíblica.....	602
10.17. O Espírito Santo e o Consolador.....	620
10.18. O Homem Morre Várias Vezes?.....	623
10.19. Acerca da Segunda Vinda de Jesus.....	627
10.20. Sobre o Arrebatamento da Igreja.....	630
10.21. Sobre a Ressurreição.....	631
10.22. Sobre o Tribunal de Cristo.....	636
10.23. Sobre o Juízo Final.....	637
 CAPÍTULO XI - NÃO TROQUE O CERTO PELO DUVIDOSO.....	 639
 CAPÍTULO XII - DEUS NÃO PERDOA PECADO.....	 649
 CAPÍTULO XIII - OS PASSOS DA SALVAÇÃO.....	 664
13.1. Os Cinco Passos que Conduzem à Salvação.....	667
13.1.1. Reconhecer Que é Pecador.....	667
13.1.2. Reconhecer que Deus é Justo.....	668
13.1.3. Reconhecer que Está Condenado.....	670
13.1.4. Reconhecer que a Morte de Jesus Foi Substitutiva....	673
13.1.5. Receber Jesus Como Salvador Pessoal.....	679
13.2. O Único Passo que nos Mantém na Salvação.....	683
13.3. Os Passos Subsequentes à Salvação.....	690
13.3.1. Ser Batizado.....	691
13.3.2. Comungar com seus Irmãos na Fé.....	692
13.3.3. Ler a Bíblia.....	693
13.3.4. Praticar a Doutrina dos Apóstolos.....	693

13.3.5. Cear.....	694
13.3.6. Orar.....	695
13.3.7. Testemunhar.....	696
CAPÍTULO XIV - A PARÁBOLA DO JOVEM DELINQUENTE.....	698
CONCLUSÃO.....	720
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	726
SOBRE O AUTOR.....	733

INTRODUÇÃO

Esta resposta é dedicada ao livro “Espiritismo Kardecista e suas Incoerências” do Pr. Joel Santana e será traçada no estilo clássico daquele que costumamos responder às críticas levantadas contra a Doutrina Espírita, onde sempre citaremos a fonte dos argumentos do pastor e nossos comentários em seguida. Queremos ainda corrigir ao pastor que logo de início, modificamos o seu sumário, concernente as palavras ditas como kardecismo para espiritismo, pois não existe o adjetivo dado pelo pastor a Doutrina Espírita, senão ao que conhecemos que é Espiritismo. Percebemos que o estimado pastor está desinformado quanto a esse importante detalhe, com todo o respeito às demais crenças espiritualistas, mas que fique bem claro que é, realmente, o Espiritismo. Outro ponto em corrigenda, é o capítulo IX que tratar de Samuel, Saul e a médium, sendo este último adjetivo bem pejorativo a mediunidade e seu estudo no seio da Doutrina Espírita, com a espúria intenção em denegrir o Espiritismo o comparando com a necromancia, fato este que é constante nos originais hebraicos de nossa biblioteca, cabendo ao evento registrado em I Sm 28 o real significado da participação da pitonisa de Endor, que entraremos em maiores detalhes no referido capítulo.

A obra em si, é proposta pelo pastor com todo o respeito, que ele julga ter, à Doutrina Espírita nos seguintes

termos que “este livro não tem por objetivo afrontar ou ridicularizá-los” e ridicularizar a quem? A nós Espíritas, mesmo que ele “desdenhe o Kardecismo”, propõe que “Não quero condenar o Kardecismo ou qualquer outra religião” em consonância e justificação à sua posição, até se arvora em citar a Constituição Federal que assegura o direito à liberdade de crença, mas nos atemos a lembrá-lo, como prescrevem o artigo 19, inciso I, e o PL 441/2022, já que não age de acordo com sua proposta inicial, em seus termos, inflige nossa Constituição quanto denigre o Espiritismo, dizendo fazer “singela obra para arrancar do kardecismo pessoas bondosas e sinceras que, por não saberem que o Novo Testamento veio para ficar (2 Co 3.11; Hb 13.20) abraçaram **a farsa chamada “Terceira Revelação”, isto é, o Kardecismo**”, dizendo que é “o amor cristão, pelo qual sou constrangido”, mas o que mais nos impressiona e que nos constrangem em sua obra, é essa sua atitude, e o que mais nos chama a nossa atenção é que ele diz respeitar as outras crenças, mas em seu blog tem críticas a todas as religiões de que temos conhecimento em nosso país, tais como suas outras obras:

1. *Análise Bíblica do Catolicismo Romano;*
2. *Testemunhas de Jeová: Que Religião é Essa?;*
3. *“Igreja” Adventista do Sétimo Dia: Que Seita é Essa?;*
4. *A “Virgem” Maria é Uma Deusa?;*
5. *Transfusão de Sangue Não é Pecado;*
6. *Testemunhas de Jeová e o Inferno;*
7. *Testemunhas de Jeová e as Castas de Salvos;*
8. *Análise da “Cristologia” dos Testemunhas-de-Jeová;*

9. *Maçonaria: É ou Não é Uma Religião?*;
10. *“Igreja” Messiânica: Que Religião é Essa?*;
11. *Os Passos da Salvação (panfleto evangelístico)*;
12. *Que “Igreja” é Essa? (panfleto evangelístico para católicos)*;
13. *Sermão Imaginário de Um Padre Fictício (panfleto evangelístico para católicos)*;
14. *Maria, Mãe de Jesus – Mulher Hiper Abençoada”.*

O autor ainda tem formação como professor de Teologia Sistemática, História Eclesiástica e Heresiologia em diversos Seminários Teológicos no Rio de Janeiro/RJ que não aumentam suas bases para criticar a Doutrina Espírita, já que não é desta agremiação e nem mesmo pesquisou a fundo o Espiritismo, ao qual demonstraremos. Enfim, já concluímos, de antemão, que o pastor sugere ao leitor ter um certo respeito a Doutrina Espírita, mas a sua real intenção é a de demover os Espíritas de suas convicções e levá-los a fileiras evangélicas.

Antes, porém, diremos que a nossa intenção será na contramão da sugerida pelo pastor, pois não queremos e nem pretendemos fazer proselitismos para com ninguém, muito menos com os evangélicos, mas não abriremos mão de defendermos a Doutrina Espírita ante os ataques que o autor irá propor ao longo de sua obra. Num exame mais apurado, as incoerências não estão do lado espírita, mas de quem a julgou apenas pela superfície de suas convicções sobre os princípios espíritas. O pastor ainda se arvora em dizer que o Espiritismo: *“nada mais é que uma tentativa para **sofisticar a milenar feitiçaria**, tão condenada pela palavra de Deus a Bíblia”.* Agora, nós espíritas já não mais somos necromantes, mas

feiticeiros, pois segundo a visão obtusa deste pastor, a feitiçaria é comparada a Espiritismo, o que em sua Bíblia é condenado. Bom, ao longo de nossa resposta, dependendo da tradução que ele dispõe para suas citações, o Espiritismo pode, sim, ser condenado pela “sua” Bíblia, uma vez que neologismos criados por Kardec, em 1857, compõe algumas traduções bíblicas fraudulentas, o que documentaremos mais adiante.

Mais adiante, o pastor nos informa que esta “*sofisticação*” do Espiritismo se deu com Hippolyte Léon Denizard Rivail, um grande pedagogo e cientista do século XIX, que, valendo-se de uma revelação de uma encarnação anterior, adotou o pseudônimo de Allan Kardec, já que este foi o seu nome em uma encarnação anterior entre os Druídas da Gália. É importante o pastor citar este evento, pois, como o Sr. Rivail era bastante conhecido e muito respeitado na Europa, em meados do século XIX, não queria dar a primeira obra *O Livro dos Espíritos* a sua assinatura, pois julgava que o autor daquela obra eram os espíritos, e em respeito a este sentimento, é que adotou este pseudônimo de Allan Kardec, já que a obra era mais importante do que o autor que lhe dera a público. Atitude bem nobre do Codificador que, por sinal, é de completo desconhecimento do pastor.

Mas o pastor não para por aí, em seu completo desconhecimento do que é o Espiritismo, já que diz que:

“O senhor Rivail, frequentando às sessões espíritas, fez diversas perguntas a vários espíritos, anotando as respostas”.

Uma tendência dos críticos é justamente afirmar algo, sem lhe conhecer os fenômenos mediúnicos que os sucedem, pois, as respostas vieram, primeiramente, pelo processo da Tiptologia que eram batidas com respostas positivas, ou ainda negativas às perguntas formuladas, somente após uma maior investigação e experimentação é que as respostas vinham através das psicografias através de médiuns escreventes, fatos estes que contrapõe o que sugere o pastor afirmando que Kardec "*anotando as respostas*". Outro ponto bastante curioso é que Kardec estava "*frequentando às sessões espíritas*" como se o Espiritismo existisse antes de Kardec o codificá-lo, o que demonstra o completo despreparo do pastor em julgar algo que nem mesmo conhece suas nuances. Deveria antes separar o que é mediunidade e Espiritismo, dois conceitos distintos, onde o primeiro nos convida a conhecer os mecanismos de intercomunicação entre os mundos físico e o espiritual e o Espiritismo, que nasce através de um arcabouço de mensagens, via processos mediúnicos e reflexões unicamente do Codificador, que compõe a ciência pela observação que apresentam uma filosofia de impactos morais para a sociedade.

O pastor não para por aí em seus ataques, agora, o julga como seu comentário:

"objetivo de encher de fachadas a velha feitiçaria, dando-lhe uma nova codificação, numa grosseira tentativa de harmonizá-la com o Cristianismo."

Lamentável este comportamento, mas seguimos a

mensagem central de Jesus de “fazer ao próximo o que gostaríamos que nos fizessem” e temos a convicção de que não será necessário atacar suas crenças, mas antes, porém, esclarecer os seus leitores e aos espíritas, de que recomendamos esta assertiva de Jesus “Hipócrita, tira primeiro a trave do teu olho, e então cuidarás em tirar o argueiro do olho do teu irmão”. (Mt 7:5)

Logo nos deparamos com o pensamento de que, segundo o pastor:

“O senhor Rivail adotou o pseudônimo de Allan Kardec ao publicar suas obras em defesa de suas crenças: auto-redenção (salvação através das boas obras e das vicissitudes da vida), reencarnação, mediunidade etc. Esse corpo de doutrinas recebeu mais tarde o nome de kardecismo, devido ao pseudônimo de seu codificador. Allan Kardec, porém, limitou-se a rotulá-lo de Espiritismo.”

O que temos que corrigir é que Kardec era um cético dos fenômenos de ordem mediúnica que ocorria em meados do século XIX, portanto, mediante este axioma, entendemos que Kardec não codificou o Espiritismo em defesa de suas crenças, mas foi convencido pela observação de tais fenômenos de que algo inteligente estava por detrás das mensagens que ele comparou através do CUEE que não sabemos ao certo se o pastor sabe a respeito, mas se tratava do Controle Universal do Ensino dos Espíritos, exarados em minúcias na introdução da obra O Evangelho Segundo o Espiritismo, método este adotado por Kardec. Outro assunto em corrigenda, é que não houve o nascimento do Kardecismo

devido a Kardec, mas do Espiritismo por se tratar da Doutrina dos Espíritos. A limitação aqui encontrada, está na visão obtusa do pastor. O pastor continuando os ataques diz que:

“O kardecismo é antibíblico e incoerente, e, portanto, indigno de crédito”.

Se para o pastor, o Espiritismo não é digno de crédito, por que o tenta denegri-lo? Algo o está incomodando a ponto de escrever um livro para combater, sugerindo aos seus leitores que *“basta-nos-á o uso da razão”*. É com base neste bom senso que já vemos na introdução desta obra, ao qual respondemos que é bem claro a falta dele, ou ainda o completo desconhecimento do Espiritismo e sua história.

E por mencionar a história do surgimento do Espiritismo, o pastor nos dá o seguinte esclarecimento, mediante sua visão:

“O que levou Kardec a se envolver com necromancia e mediunidade? Resposta: Em dezembro de 1847, duas jovens norte-americanas, Margaret e Kate Fox, de doze e dez anos respectivamente, do Estado de Nova Iorque, começaram a ouvir e ver coisas estranhas no interior da casa onde residiam: pancadas em diferentes pontos da casa; cadeiras, mesas e lençóis eram removidos por mãos invisíveis; e uma das meninas sentiu uma mão fria tocar o seu rosto. As ditas meninas criaram então uma maneira de se comunicar com o autor de tais fenômenos, o qual passou a respondê-las, usando para tanto, o código previamente combinado, isto é, pancadas. Assim demonstrou ser alguém portador de raciocínio. Os meios de comunicação de então, anunciaram esse ocorrido, o que incrementou a propagação de sessões

espíritas por todos os rincões da América do Norte. E as coisas não pararam por aí. Esses fenômenos viraram manchete na Inglaterra também, e, daí, em outros países da Europa, como por exemplo, a França”.

O que já identificamos de início é que o pastor desconhece completamente a história, apesar de ser professor de história, terá que voltar aos bancos escolares e se reformar; muito menos ainda conhece a mediunidade, pois tentou misturar a necromancia com mediunidade, tal como tentar misturar água e óleo. Pois bem, a necromancia remonta os povos antigos e práticas de que as pessoas se valiam em sacudir os cadáveres para obter deles mensagens que respondessem suas indagações mais diversas sobre suas colheitas, resultado de batalhas e assuntos corriqueiros do dia a dia. Ademais, analisando com mais vagar sobre a arte da necromancia, encontramos no **Dicionário Aurélio**, conforme abaixo:

Necro: Do gr. *nekro* < gr. *nekrós*, *oû*. O que significa 'morte'; 'cadáver'; 'extinto'.

Mancia: Do gr. *-manteia*. O que significa 'adivinhação', 'predição'.

A **Necromancia** tem a mesma formação das palavras **Cartomancia**, que significa adivinhação por meio de cartas de jogar, ou então **Quiromancia** que é a adivinhação pelo exame das linhas da palma da mão; quiroscopia. Outrossim, o termo **adivinhação**, nesse caso, provoca uma diferença considerável ao que estão nos postulados espíritas, onde Kardec não deixa uma linha sequer que aprove, ou até mesmo abone tais

práticas. Por outro lado, o codificador previne de utilização indevida da mediunidade para fins de adivinhação, já que é alvo certo para mistificações. Tão logo, essa passagem de Deuteronômio 18.10-12, pode ser aplicada a quem quiserem, menos aos espíritas que seguem as orientações de Jesus e da codificação de Allan Kardec já comentada anteriormente, porque os verdadeiros seguidores doutrinários, **jamais** se comunicam com os Espíritos visando adivinhação. Enfim, ainda devo adentrar neste assunto mais adiante.

O mais curioso foi ainda tentar elaborar uma relação de resposta como sendo os fenômenos ocorridos em Hydesville propiciasse ao Espiritismo o seu nascimento, o que percebemos é que a mediunidade, o que não era novidade, estava sendo colocada em manchete naquela ocasião e as irmãs Fox não sacudiram nenhum cadáver para estarem se comunicando com os espíritos para lhes satisfazem suas curiosidades, já que elas é que estavam presenciando a manifestação de um espírito através de batidas em sua casa. Aliás, a família Fox era de orientação Metodista, tendo o seu líder, John Fox, a função de pastor.

Os fenômenos mediúnicos que ocorreram com as irmãs Fox se sobressaem também na Europa e com isso, o Sr. Rivail é convidado a uma dessas demonstrações das mesas girantes, percebendo que não havia ali nenhum embuste, mesmo cético ao momento, parte para a pesquisa de campo em descobrir que causas eram aquelas que divertiam as pessoas. Diante disso, percebe-se que, mesmo cético, o Sr. Rvail vê no fenômeno das mesas girantes, algo de sério, tal como após a

constatação, o Sr. Rivail é convencido pelos fatos e os estuda a fundo, diferentemente do entendimento do pastor de que *“nasceu a doutrina religiosa hoje conhecida pelo nome de Kardecismo”*. O que discordamos, pois através da observação, Kardec estudou os fenômenos de ordem mediúnica, trouxe ao conhecimento do público em geral suas elucubrações que entabularam a ciência que através da filosofia levou impactos morais a sociedade parisiense e agora presente no seio do nosso país com vias de expansão para outros países.

Para o pastor, havia no fenômeno das mesas girantes como:

“Sessões espíritas com mesas se movimentando por mãos invisíveis, acompanhadas de comunicações inteligentes **através de códigos previamente estabelecidos entre os consulentes e os invisíveis consultores**, tornaram-se comuns na França”,

O que nos leva a crer, em destaque, que as mensagens entre os dois planos tinham um conchavo, preestabelecendo uma mistificação e combinação de respostas que fascinou Kardec tamanho embuste, ao qual ainda o pastor sugere que:

“é extremamente incoerente e, neste livro ousou denunciar isso, provar que deveras as coisas são assim, e refutar à luz do bom senso”.

Deixemos, porquanto que o próprio Kardec o responda:

O Espiritismo não pode considerar crítico sério, senão

aquele que tudo tenha visto, estudado e aprofundado com a paciência e a perseverança de um observador consciencioso; que do assunto saiba tanto quanto qualquer adepto instruído; que haja, por conseguinte, haurido seus conhecimentos algures, que não nos romances da ciência; aquele a quem não se possa opor *fato algum* que lhe seja desconhecido, nenhum argumento de que já não tenha cogitado e cuja refutação faça, não por mera negação, mas por meio de outros argumentos mais peremptórios; aquele, finalmente, que possa indicar, para os fatos averiguados, causa mais lógica do que a que lhes aponta o Espiritismo. **Tal crítico ainda está por aparecer.** (KARDEC, 2007b, p. 34, grifo nosso).

Fazemos coro com o nosso codificador e iremos, de agora em diante, demonstrar onde se encontram os argumentos do pastor e testificarmos se, realmente, são regados pelo bom senso, ou por completo desconhecimento do que é a Doutrina Espírita.

CAPÍTULO I - VISÃO PANORÂMICA

1.1. Que é o Espiritismo e quais as suas reivindicações?

Dando início ao nosso estudo do livro do pastor Joel, nos deparamos neste tópico com uma definição que ele deu sobre o “Kardecismo”, vindo a buscar este significado junto ao dicionário Aurélio que assim diz: “...*Doutrina religiosa de Allan Kardec, pensador espírita francês...*”. O que já pudemos observar, não somente esta citação, mas logo em nossa introdução é que o crítico não conhece as bases da Doutrina Espírita, não pesquisou a fundo a codificação e numa leitura apressada, suas reflexões ficaram prejudicadas, levando, inclusive, seus leitores ao erro, ao qual nos propusemos a corrigir o pastor, o que faremos outra vez, já que não existe Kardecismo, o que há é o Espiritismo e as demais filosofias com a crença na imortalidade da alma, na reencarnação e não comunicabilidade com o plano espiritual e físico são denominadas de Espiritualismo, que não adentraremos à miúdo em seus detalhes, nos atendo somente ao esclarecimento do Espiritismo. Pois bem, não somente o pastor se equivocou em sua definição inicial, mas também o Aurélio, pois a Doutrina Espírita não é uma doutrina religiosa de Allan Kardec, mas uma ciência, baseada na observação de fenômenos extrafísicos que propõe uma filosofia com impactos e consequências morais ao espírito encarnado.

Passando mais adiante em nossas reflexões ao tema, nos deparamos com a afirmação do pastor, dizendo que o Kardecismo é *“uma das ramificações do Espiritismo”*, o que nos chama à atenção, pois ele o compara ao Cristianismo e suas agremiações denominacionais, tal como se projetara ao Espiritismo tal ordem, o que os fatos o provam ao contrário, pois Espiritismo somente o é aos que adotam a Codificação de Kardec como base de seus estudos e as demais obras de médiuns espíritas como complementares. Isto fica patente no trato do pastor com o Espiritismo, por estar habituado e familiarizado com o Cristianismo e suas ramificações, o que não poderá ser aplicado ao Espiritismo.

Para o pastor, o Espiritismo veio a ser revelado *“em 18 de abril de 1857”*. Será que ele sabe o que significa esta data para os Espíritas, se não mencionou, devemos, porquanto esclarecer que é devido a data de publicação da primeira obra basilar da Doutrina Espírita que foi *O Livro dos Espíritos*. Ainda para o pastor, o Espiritismo *“Prega a mediunidade, a caridade como tábuas de salvação, a reencarnação, etc”*, cuja definição dada é incompleta, já que o esclarecemos e viemos a reforçar que o Espiritismo entabula como conceito mais amiúde a pluralidade das existências, a pluralidade dos mundos habitados, o intercâmbio entre o mundo espiritual e material, a moral de Jesus e sobremaneira a reforma íntima como condição sinequanon para se chegar ao grau de espírito puro, tal qual não necessite mais da vida física para seu progresso, restando somente encarnar em caráter missionário, tal qual ocorrera a Jesus. Ademais, o próprio mestre Jesus nos

asseverou que “Sede vós pois perfeitos, como é perfeito o vosso Pai que está nos céus. (Mt 5,48)” que somente através da reencarnação é que se pode compreender tal passagem. Kardec, em sua sapiência investigativa argui os espíritos na obra **O Livro dos Espíritos** e eles nos esclarecem.

132. Qual o objetivo da encarnação dos Espíritos?

“Deus lhes impõe a encarnação com o fim de fazê-los chegar à perfeição. Para uns, é expiação; para outros, missão. Mas, para alcançarem essa perfeição, *têm que sofrer todas as vicissitudes da existência corporal*: nisso é que está a expiação. Visa ainda outro fim a encarnação: o de pôr o Espírito em condições de suportar a parte que lhe toca na obra da criação. Para executá-la é que, em cada mundo, toma o Espírito um instrumento, de harmonia com a matéria essencial desse mundo, a fim de aí cumprir, daquele ponto de vista, as ordens de Deus. É assim que, concorrendo para a obra geral, ele próprio se adianta”

A ação dos seres corpóreos é necessária à marcha do Universo. Deus, porém, na sua sabedoria, quis que nessa mesma ação eles encontrassem um meio de progredir e de se aproximar dele. Deste modo, por uma admirável lei da Providência, tudo se encadeia, tudo é solidário na Natureza. (KARDEC, 2004, pp. 136-137, grifo nosso)

Percebemos ainda que o pastor desconhecia esta questão da obra *O Livros dos Espíritos*, ou a considerou somente uma face do prisma, ignorando, sobremaneira o seu âmago e outras facetas da interpretação que o estudo contínuo das obras básicas não poderia nos deixar escapar importante fundamentação, ao qual observamos em suas afirmações, sendo estas a do pastor, sobre a perfeição e a condição, ou meio de se chegar a ela quando ele diz que:

“Esta é considerada necessária à evolução dos espíritos. Estes, através das vicissitudes da vida e das boas obras, podem expiar suas culpas, reparar seu passado e acumular méritos até se tornarem perfeitos”.

Como bem frisaram os espíritos em resposta a Kardec e que fizemos a questão de destacar que a encarnação é necessária ao espírito aprendiz, com o objetivo de se chegar à perfeição através das expiações de faltas passadas, das provas, bem como o concurso de encarnações missionárias que trarão ao espírito encarregado do progresso de outros mais, a sua evolução na senda do bem, além dos que foi encarregado de levar luzes sobre as trevas da ignorância. Acreditamos ainda que foi elaborado no capítulo XVII na obra ***Evangelho Segundo o Espiritismo***, um conceito ao qual citamos como condição da perfeição. Vejamos:

Caracteres da perfeição

1. Amai os vossos inimigos; fazei o bem aos que vos odeiam e orai pelos que vos perseguem e caluniam. - Porque, se somente amardes os que vos amam que recompensa tereis disso? Não fazem assim também os publicanos? - Se unicamente saudardes os vossos irmãos, que fazeis com isso mais do que outros? Não fazem o mesmo os pagãos? - Sede, pois, vós outros, perfeitos, como perfeito é o vosso Pai celestial. (S. MATEUS, cap. V, vv. 44, 46 a 48.)

2. Pois que Deus possui a perfeição infinita em todas as coisas, esta proposição: “Sede perfeitos, como perfeito é o vosso Pai celestial”, tomada ao pé da letra, pressuporia a possibilidade de atingir-se a perfeição absoluta. Se à criatura fosse dado ser tão perfeita quanto o Criador, tornar-se-ia ela igual a este, o que é inadmissível. Mas, os homens a quem Jesus falava não compreenderiam essa nuance, pelo que ele

se limitou a lhes apresentar um modelo e a dizer-lhes que se esforçassem pelo alcançar.

Aquelas palavras, portanto, devem entender-se no sentido da perfeição relativa, a de que a Humanidade é suscetível e que mais a aproxima da Divindade. Em que consiste essa perfeição? Jesus o diz: “Em amarmos os nossos inimigos, em fazermos o bem aos que nos odeiam, em orarmos pelos que nos perseguem.” Mostra ele desse modo que a essência da perfeição é a caridade na sua mais ampla acepção, porque implica a prática de todas as outras virtudes.

Com efeito, se se observam os resultados de todos os vícios e, mesmo, dos simples defeitos, reconhecer-se-á nenhum haver que não altere mais ou menos o sentimento da caridade, porque todos têm seu princípio no egoísmo e no orgulho, que lhes são a negação; e isso porque tudo o que sobre-excita o sentimento da personalidade destrói, ou, pelo menos, enfraquece os elementos da verdadeira caridade, que são: a benevolência, a indulgência, a abnegação e o devotamento. Não podendo o amor do próximo, levado até ao amor dos inimigos, aliar-se a nenhum defeito contrário à caridade, aquele amor é sempre, portanto, indício de maior ou menor superioridade moral, donde decorre que o grau da perfeição está na razão direta da sua extensão. Foi por isso que Jesus, depois de haver dado a seus discípulos as regras da caridade, no que tem de mais sublime, lhes disse: “Sede perfeitos, como perfeito é vosso Pai celestial.” (KARDEC, 1996, pp. 271-272)

Como podemos observar, o Evangelho nos convida ao entendimento de que as obras de Kardec estão em completa harmonia com o conceito do Mestre Jesus, mas o pastor ainda nos diz que a nossa perfeição não será *“tão perfeitos quanto Deus, mas terão a perfeição que a criatura comporta”*. O que em parte ele está correto e compreendeu a mensagem neste ponto. Contudo, no trato com a salvação, assunto este sobremaneira importante no Cristianismo, *“Alcançar a*

salvação é, na linguagem espírita, atingir essa inevitável perfeição". Como frisamos com as citações das obras basilares, o caminho da perfeição exige um comportamento diferente de nossa parte do que este conceito, onde poderíamos nos arremeter a certeza na vida futura, uma vez que percorremos no seio das vidas sucessivas o nosso aprimoramento e a necessidade da reforma íntima, mediante o esforço de dominarmos nossas más inclinações, o que corrobora até mesmo o que diz o pastor, sendo "*inevitável perfeição*".

Acerca das penas eternas e recompensas futuras, o que temos a obra O Céu e Inferno, o pastor nos diz que o Espiritismo:

"prega que ninguém será condenado eternamente, considerando que, mais cedo ou mais tarde, todos os espíritos avançarão rumo à perfeição e a alcançarão indubitavelmente".

É bem por aí mesmo, pois para a Doutrina Espírita não há a condenação eterna mediante erros completamente humanos e finitos, o que sujeita à criatura a possibilidade do arrependimento e reparação através da reencarnação. O Espiritismo, na visão do pastor:

"se considera genuinamente cristão, bem como a terceira revelação de Deus à Humanidade".

O que em parte não procede, uma vez que ser cristão para o pastor e boa parte dos que se intitulam como tal, deverá crer num pacote de dogmas para ser considerado

cristão, mas que na concepção dada por Kardec, através do ensino dos espíritos, percebemos que a moral de Jesus sobressai a todas as legalidades de prestação de culto e formas do Cristianismo dogmático, preocupados mais com a forma do que com o fundo. Já sobre a terceira revelação, entendemos, assim como diz o pastor:

“que a primeira revelação de Deus é o Antigo Testamento; e a segunda, o Novo Testamento”;

Dessa forma, cabendo a Doutrina Espírita o cumprimento da promessa do Mestre Jesus do Consolador Prometido que adentraremos em detalhes mais adiante e que até o pastor virá a nos dizer que:

“Nesta obra empreendo demonstrar que essas reivindicações e alegações kardequianas não resistem a um confronto com o bom senso”.

O que denota que somente ele é possuidor de tal envergadura moral e intelectual para provar que o seu bom senso está acima dos demais, no que se refere ao trato com o Espiritismo, mas que até o presente momento o pastor ficou destituído de tal virtude a avaliar aquilo que não compreendeu. Contudo, ele pretende:

“provar como dois mais dois são quatro, que essa confissão religiosa, muito longe de ser a alegada terceira revelação de Deus, não honra o título de cristã que, injustamente lhe foi conferido”.

A única injustiça aqui apercebida nos leva a corrigi-lo mais uma vez que a Doutrina Espírita não é uma agremiação religiosa nos padrões de suas crenças. Já as demais alegações, veremos nas páginas que se seguem se os seus argumentos comprovarão a sua vontade. Para o pastor,

“Há muitas ramificações espíritas; e nenhuma delas é, obviamente, igual às demais. Logo, é injusto não reconhecer as distinções e diferenças que há entre o Kardecismo e o Candomblé, entre o Candomblé e a Umbanda, entre a Umbanda e o Vodou, entre o Vodou e o espiritismo europeu, etc”.

E continuando em sua injustiça, é que teremos que o corrigir mais uma vez, pois o Espiritismo não é uma agremiação confundida às demais crenças Espiritualistas. Antes, porém, Espiritismo é Espiritismo e as diferenças com as demais crenças espiritualistas são grandes, ao qual demonstraremos, mas o pastor já nos dá *“estes exemplos”*:

1.1.1. O Espiritismo e os Cultos Afro-brasileiros

Não é de hoje que as crenças protestantes fazem um balaio de gatos entre as crenças espiritualistas e o espiritismo, julgando-as como sendo as primeiras decorrentes da Doutrina Espírita. Este é um conceito que nós temos que esclarecer ser contraproducente, uma vez que as crenças espiritualistas têm seus conceitos e regra de fé, e o espiritismo, por sua vez, também os tem, sempre pautados na filosofia, moral e ciência que os diferem, às crenças espiritualistas, de maneira substancial do espiritismo. De antemão, respeitamos as

crenças espiritualistas citadas nesta obra, como sendo o *Candomblé*, *Umbanda*, *Quimbanda*, citadas pelo autor. Não partiremos para as definições destas crenças espiritualistas, uma vez que não temos o conhecimento profícuo para fazê-lo, cabendo apenas dentro da Doutrina Espírita o esclarecimento oportuno dentro da Codificação, já que julgamos deveras não nos apoiar no *saudoso Aurélio* para definições bem simplórias dadas pelo autor da crítica.

Um dos pontos curiosos do autor é o de intitular um culto afro-brasileiro como sendo *afro-baianos*, como se todo o baiano fosse descendente de negros africanos e pasmem, caros leitores, *adeptos do “Candomblé (e também os umbandistas)”*. Ao nos depararmos com definições desconexas e baseadas ainda nos conceitos de um dicionário para definir uma crítica, acreditamos ser mais louvável com você, caro leitor, não aprofundarmos no que não estudamos e não emitirmos uma opinião baseada em dicionários de língua portuguesa. Ademais, o autor da obra ainda divaga nas definições dos *“orixás”*, e até os classifica, mas com base em quê? Esta é uma pergunta que não tem resposta, uma vez que não se utiliza de obras destas mesmas crenças espiritualistas para defini-las, restando somente informações sem fontes bibliográficas e informações de terceira mão.

Pois bem, para o crítico, não bastou classificar tais *orixás*, ele os define como sendo cada um deles, *“Xangô, Orixalá ou simplesmente Oxalá, Exu”*. Como antes já o dissemos, não buscaremos em fontes o que são estes *“orixás”* e nem contrapor as definições dadas pelo pastor, pois não é

este o nosso objetivo, já que estamos respondendo às críticas levantadas contra a Doutrina Espírita. Salta-nos aos olhos outro ponto neste tópico, é que o crítico se detém a destrinchar no conceito do “*orixá Exu*” que busca novamente num dicionário para defini-lo. Essa não é nossa surpresa, mas a de que ele define o orixá como uma entidade voltada ao mal e que o “*candomblecista elogia Exu, o faz por temer esse perigoso marginal*”. Se não nos bastasse, ele ainda conta um diálogo com um senhor adepto da “*Umbanda*” que disse a ele que “*no seu Terreiro Exu só faz o bem*”. Pairei então uma grande interrogação, mas vamos adiante e ele desfecha o tal diálogo: “*se o Exu que se manifesta no seu Terreiro de Umbanda é o mesmo que faz atrocidades nos outros centros espíritas*”. Ficamos até curiosos de saber quais são as atrocidades que este pastor sugere que as entidades que trabalham voluntariamente nas casas de estudos espíritas, uma vez que não há nenhuma legalidade religiosa, nenhum tipo de amuleto, imagens e exigências de prestação de cultos nas casas espíritas por parte dos espíritos que ali trabalham, onde denotam em suas atitudes apenas a caridade e o estudo contínuo da codificação. Ficaremos aguardando que o pastor nos diga quais são estas atrocidades.

Sabemos que a sabedoria popular nos ensina que não devemos jogar pedras no telhado do vizinho, sendo que nossos telhados são de vidro; que por sua vez, nos demonstra que o crítico julga tais crenças espiritualistas como o “*sincretismo do paganismo africano (que os escravos importados da África trouxeram para o Brasil) com as doutrinas da Igreja Católica*”.

Parafrazeando a sabedoria popular, julgar a crença alheia como uma adaptação pagã de seus conceitos, faz o seu telhado de vidro arrebentar, pois o crítico se esquece que o próprio protestantismo herdou o paganismo greco-romano, tal como de outras filosofias como conhecemos no conceito da Trindade que iremos desenvolvê-la mais adiante.

Ao fim deste tópico, depois do pastor definir os baianos como sendo todos eles descendentes dos negros e praticantes dos cultos africanos, o que respeitamos os que assim procedem, ao citar o *“Candomblé e Umbanda”*, julga ele que se refere:

“aos nomes das instituições espíritas, **mais comuns no Rio de Janeiro**, os cultos afro-brasileiros são conhecidos em outras regiões do Brasil por outros nomes: Catimbó, Pajelança, Pemba”.

Começa com definições dos cultos que ocorrem na Bahia e são mais comuns no Rio de Janeiro. É inusitada esta observação e precisávamos registrá-la que o leitor possa refletir nas afirmações desencontradas deste pastor. O que nos leva a concluir que ao nos:

“certificar da autenticidade das afirmações constantes deste subtópico, uma é (e talvez a mais objetiva) consultar um bom dicionário, como, por exemplo, o Dicionário Aurélio; para, deste modo, se inteirar dos significados dos seguintes vocábulos: Orixá, Xangô, Orixalá, Oxalá, Candomblé, Quimbanda e Exu;”

A autenticidade deste tópico se faz valer na Codificação

de Kardec e se não se encontram tais orixás definidos na codificação, concluímos com as próprias palavras do pastor que neste tópico, *“quem estuda”* o Espiritismo *“sabe que o mesmo não admite essas divindades”*. Ele mesmo já respondeu por si só!

1.1.2. O Espiritismo Europeu Versus Espiritismo

Não raro nesta obra, nos deparamos com certa falta de bom senso nos argumentos do pastor que tanto advogou em sua introdução que não resistiu e nem resistirá ao exame que estamos empreendendo, neste caso em suas fontes de referência bibliográfica, pois neste tópico, o crítico veio a se basear numa obra de um Frei Católico para julgar o que o movimento espírita nem *“todos os espíritas são reencarnacionistas”*. Para tanto, ele exemplifica sua afirmativa com base numa citação; ele ainda justifica dizendo que:

“algumas instituições espíritas, por não serem fundamentalistas, não se posicionam doutrinariamente, deixando seus adeptos bem à vontade”.

Realmente a Doutrina Espírita deixa seus adeptos e simpatizantes bem à vontade para praticarem o Espiritismo e se lhe convier, permanecerem em suas crenças religiosas, mesmo sendo estas diferentes da Doutrina Espírita. Contudo, ao estudante contumaz do espiritismo, este deve se basear nas obras básicas de Kardec, o que as vidas sucessivas servem de elo de compreensão em diversos pontos que as crenças dogmáticas não oferecem muitos esclarecimentos. O que nos

chama à atenção é que os que seguem a codificação e tem por base o conceito da reencarnação, segundo o pastor, são fundamentalistas, mas ocorre que o fundamentalismo está mais ao lado do pastor do que aos espíritas que seguem a codificação e possuem um posicionamento doutrinário uníssono. Entendemos que a posição doutrinária do Espiritismo é pautada nas vidas sucessivas e que constam na codificação que nos orienta, deixando os seus estudantes e praticantes da Doutrina Espírita à vontade quanto a sua linha de raciocínio, mas o que norteia suas convicções deverá ser a codificação.

Não obstante, segundo o pastor, citando o tal frei, diz que no trato da reencarnação, se “*pronunciam contra*” algumas instituições espíritas fora do Brasil. Para basilar a sua afirmativa, se utiliza o argumento do *Frei Battistini*, que diz em sua obra “*A Igreja do Deus Vivo*”:

“... os espíritas da Alemanha, Holanda, Inglaterra, Estados Unidos, quase em bloco negam a reencarnação...”.

Antes de adentrarmos na análise do pastor, é importante salientarmos que ele, nas linhas acima que já respondemos, julgou a igreja católica como herdeira do paganismo em um sincretismo com as crenças espiritualistas afro-brasileiras. De um lado, alguém que julgou de forma negativa a igreja católica e depois vem se basear na obra de um Frei que exalta a sua igreja para negar a reencarnação. O que nos vai chamar a atenção é justamente a obra do frei não ter nenhuma referência quanto ao trato com a afirmativa de países europeus que negam a reencarnação. O que denota que esta

não é mais do que uma opinião sem nenhum fundamento. Cabendo ao pastor utilizar-se de um tiro que sai pela culatra, pois seus argumentos não tem a força que deseja e se baseia numa afirmativa contraditória, cabendo uma crítica ao catolicismo e depois vem se apoiar nele para embasar suas afirmativas. Isto nos demonstra certa falta de bom senso! Não satisfeito, ele vem a nos trazer a seguinte afirmativa em sua conclusão:

“Um famoso espírita, conhecido no mundo todo”, [num] “congresso internacional... sobre espiritismo, disse: ‘posso dizer que a reencarnação tal como tem sido exposta até agora não passa de teoria boba para crianças de escola primária’ (A. Dragon)” (**A Igreja do Deus Vivo**, 33ª edição, 2001, Editora Vozes, Petrópolis /RJ, página 35);

Quem é este espírita famoso? A. Dragon? Quem é este orador espírita que não segue a codificação que entabula as vidas sucessivas dentro de seus ensinamentos basilares do Espiritismo? Se fosse tão renomado orador espírita, logo o conheceríamos, mas neste caso não passa de mais uma fonte bibliográfica sem nenhuma referência.

1.1.3. O Racionalismo Cristão e o Espiritismo

O Pastor empreende uma análise do Racionalismo Cristão e as semelhanças que há com o Espiritismo. Seu equívoco é acreditar que o Racionalismo Cristão é espírita, quando diz que *“embora também seja espírita”*. Contudo, ao ver que há algumas nuances que o diferem com a Doutrina Espírita e até arrisca em citar *“os cultos afro-brasileiros”*,

dando-lhes formatos politeístas e asseverando que uma dessas diferenças entre o Racionalismo Cristão e o Espiritismo seja pautada “quanto ao que ensina sobre Deus”. É o que investigaremos, se o Racionalismo Cristão é Espírita e o conceito de Deus que possuem de Deus.

Antes, porém, será preciso contextualizar o que é o Racionalismo Cristão dentro da obra que esta própria corrente espiritualista apregoa, a fim de que possamos entendê-la em suas bases históricas e objetivos a que se prezam alcançar e oferecer aos seus adeptos.

O Racionalismo Cristão foi codificado por Luiz de Mattos entre 1910, ano de fundação da Doutrina, e 1914, quando publicou a primeira edição do livro então intitulado *Espiritismo Racional e Científico (cristão)*. No período compreendido entre 1915 e 1926, ano do seu falecimento, foram publicadas mais três edições. A denominação original permaneceu até a décima quarta impressão, em 1940. A partir da décima quinta, em 1942, a obra passou a ter o título atual. (MATTOS, Luiz. *Racionalismo Cristão*. Rio de Janeiro: 44.ed. 2010, p. 9, grifo nosso)

Não satisfeito, busca o pastor, no afã de dar embasamento a sua crença, uma citação de citação do ICP, onde diz que:

“Veja estes exemplos: Os kardecistas creem que Deus existe e oram a Ele; os adeptos dos cultos afro-brasileiros são politeístas, pois reverenciam muitas divindades (deuses), a saber, os orixás; mas o Racionalismo Cristão prega que cultuar a Deus é uma atitude tola e ridícula. Confessam

textualmente que não adoram a nenhum Deus ('Racionalismo Cristão'. Centro Redentor, 30ª edição, 1976, páginas 53, 55, 63 e 75. Citado em 'Série Apologética', Volume IV, ICP – Instituto Cristão de Pesquisas, edição de 2002, páginas 134 e 137”);

As hipóteses lançadas pelo pastor sobre o conceito de Deus entre o que está descrito na primeira obra da Codificação, a saber *O Livro dos Espíritos* e o que reza o Racionalismo Cristão na obra de igual título, nos motivou a buscar na fonte da obra citada pelo ICP e utilizada como fonte pelo pastor, a fim de que pudéssemos encontrar a verdade sobre os fatos. Fizemos isto por ser uma citação de citação, onde não nos encontramos seguros para chegarmos a uma conclusão sobre os fatos, mediante o que o pastor apresenta. Julgamos importante este exame, uma vez que em todas as citações de outras obras, as quais não são da agremiação dos críticos, que mais desejam diminuir as convicções alheias, a fim de que as suas sejam sobressaídas, percebemos o nosso compromisso em descortinar para o leitor, o outro lado da moeda, a fim de que possa cada um tirar suas próprias conclusões. Inicialmente, vamos corrigir uma incoerência do pastor, ao dizer que o Racionalismo Cristão é Espírita, mas que sabemos que é uma dissidência da Doutrina Espírita e que se classifica como espiritualista e não espírita. Vejamos as citações diretamente da fonte.

A finalidade deste livro é esclarecer as pessoas, de forma concisa e simples, sobre o significado da vida de um **ponto de vista espiritualista**, explanando princípios, através dos quais possam elas formar uma concepção coerente do Universo e com ele se identificar na textura de um

processo evolucionário. (MATTOS, Luiz. *Racionalismo Cristão*. Rio de Janeiro: 44.ed. 2010, p. 9, grifo nosso)

Não pense o leitor que o Racionalismo Cristão faz, com a publicação deste livro, alguma revelação inédita. Desde a Antiguidade até a era em que vivemos, **o espiritualismo é objeto de estudos de filósofos**, de pesquisadores, de intelectuais, inclusive de mulheres e homens da ciência desejosos de colocar a humanidade a par do que há a respeito da vida espiritual, como o médico brasileiro Antônio Pinheiro Guedes, autor do livro intitulado *Ciência espírita*, um ensaio médico-filosófico que contribuiu, dentre outros estudos de várias escolas filosóficas, na codificação do Racionalismo Cristão. (MATTOS, Luiz. *Racionalismo Cristão*. Rio de Janeiro: 44.ed. 2010, p. 15, grifo nosso)

Percebemos ao vermos a citação da própria obra do Racionalismo Cristão que se denomina como espiritualista, cabendo ao termo espírita ao que conhecemos como Espiritismo. Pois bem, que o pastor possa ser corrigido neste ponto. Passemos ao seguinte, no que se refere ao conceito de Deus. Percebemos que dentro do movimento do Racionalismo Cristão há uma nomenclatura diferenciada para o que entendemos ser Deus, o que para eles é a Força Criadora e que eles a veem de uma forma que difere da visão judaico-cristã que acabou criando através dos séculos um deus a imagem e semelhança da humanidade, ao qual possui desejos e imperfeições meramente humanas. Vejamos.

Nessa codificação de princípios, o Racionalismo Cristão afirma ser o Universo composto de Força e Matéria. A Força – que incita e movimenta todos os corpos (Matéria) – é o princípio inteligente que interpenetra todo o Universo. Esse princípio inteligente é compreendido pela maioria das pessoas como Deus, que o Racionalismo Cristão prefere denominar

Força Criadora, Grande Foco ou Inteligência Universal, da qual somos uma partícula que contém os mesmos atributos em forma latente, para serem desenvolvidos e aperfeiçoados nas inúmeras existências por que passamos na Terra. (MATTOS, Luiz. *Racionalismo Cristão*. Rio de Janeiro: 44.ed. 2010, p. 15, grifo nosso)

As primeiras edições da obra ao qual estamos examinando do Racionalismo Cristão trazem no capítulo três um esboço do Grande Foco e que nesta quadragésima quarta edição não há tal capítulo e como na internet não encontramos uma fonte mais antiga e fiável para nossas citações, ficaremos com o que a atual edição nos mostra como conceito de Deus que para o Racionalismo Cristão é a Força Criadora, inconcebível para a mente humana e completamente descaracterizada das paixões e desejos humanos, diferentemente do que as crenças materialistas apresentam um deus assaz antropomórfico, o que a contragosto do pastor, o fez ridicularizar o Racionalismo Cristão no tocante ao conceito de Deus, sendo este um expediente comum no fundamentalismo, mas que beira a irresponsabilidade por não compreender sequer uma linha espiritualista, quiçá o Espiritismo.

1.1.4. A LBV e o Espiritismo

Ao fim desta abordagem sobre as crenças espiritualistas estarem no patamar de igualdade com o Espiritismo, vimos que o pastor se equivocou até o momento, o que não poderia ser diferente neste tópico, ele vem a tecer comentários acerca da LBV (Legião da Boa Vontade) e a similaridade entre ela e o

Espiritismo, quando diz que:

“A LBV – Legião da Boa Vontade, fundada oficialmente em 1950 pelo senhor Alziro Zarur, se julga a quarta revelação de Deus (Jesus – A Saga de Alziro Zarur III); e, quanto às supostas três primeiras revelações, não destoa do Kardecismo, no que diz respeito à sequência e quantidade dessas revelações. E aqui, a LBV e o Kardecismo colidem frontalmente. É que, sendo que a tal de terceira revelação é o prometido Consolador como o afirma Kardec, e este veio para ficar com a Igreja ‘para sempre’, como nos assegura Jesus (Jo 14:16), não há lugar para a tal de quarta revelação”.

As nuances que a diferem é que ele cita a obra de Alziro Zarur “*Jesus - A Saga de Alziro Zarur III*” e menciona na crença de que há a diferença entre o que está contido na Doutrina Espírita que a coloca como a terceira revelação e a LBV que seria a quarta, apontando assim uma aparente contradição. Com isso, nos deparamos com algo inusitado, pois o pastor não retirou este trecho da fonte da obra da LBV, mas da obra **Série Apologética**, ICP – Instituto Cristão de Pesquisas, edição de 2002, Volume I, pois não encontramos nas referências bibliográficas nenhuma obra da LBV. Ou seja, esta citação é uma citação de citação, ou melhor, uma cópia da cópia o que denota que o pastor não pesquisou e muito mesmo estudou as obras da LBV, mas do ICP.

Percebemos que neste ponto em que ao afirmar que a LBV se considera como a quarta revelação, o que não temos como dizer que sim e nem mesmo negar o que ela advoga, por não sermos estudantes de sua doutrina e para tanto, não haveria contradição que se colidem a Doutrina Espírita e a LBV,

pois são filosofias distintas, apesar de pontos em comum. O Espiritismo não deverá ser responsabilizado pela LBV se considerar a quarta revelação, uma vez que não há respaldo na codificação espírita tal assertiva. Apesar disso, o pastor vai além:

“considerando que os legionários também veem o Kardecismo como a terceira revelação, já era de se esperar que essas duas seitas convirjam em vários pontos doutrinários”.

Quais pontos? O pastor nos dá uma pista. Vejamos:

A) “São reencarnacionistas”;

Este ponto não determina se uma crença espiritualista e o espiritismo são uníssonos, não sendo exclusivo nem de uma e nem de outra o conceito das vidas sucessivas. Com isso, não há como inferir que a LBV está em igualdade aos postulados do Espiritismo, uma vez que não segue o corpo doutrinário de Kardec e as vidas sucessivas sim são entendimentos espiritualistas e espíritas. Afirmar que a reencarnação se torna uma evidência de similaridade que a faz ser premissa para que todo reencarnacionista seja espírita é assaz ingênuo da parte do pastor.

B) “Negam que a Bíblia é a Palavra de Deus”;

Acreditar que tudo o que há registrado na Bíblia é de

origem divina cabe às crenças dogmáticas que a defendem, não sendo para nós espíritas uma regra a ser seguida, pois a própria Bíblia recomenda examinar tudo e reter o que é bom (I Ts 5:21). Se a própria Bíblia recomenda isto numa das falas de um dos maiores divulgadores do Evangelho que foi Paulo de Tarso, percebemos que quem não segue a própria recomendação bíblica é o autor da crítica.

C) “São unitaristas e, portanto, rejeitam a Doutrina da Trindade, isto é, dizem que Jesus não é Deus e que o Espírito Santo não é um ser pessoal, nem tampouco Divino”;

Somos unitaristas, pois entendemos como o judaísmo o Shemá muito conhecido para os hebreus, dizendo que “*Ouve oh Israel, o Senhor é um só!*”. Portanto, somos convencidos dentro do corpo doutrinário de Kardec e no judaísmo que Jesus realmente não é Deus, não há a Trindade uma vez que nem mesmo o Cristianismo nascente houve tal concepção, passando para concílios futuros a ideia da trindade que é mais pagã do que Cristã. Somos impelidos a acreditar de igual forma com o Cristianismo nascente, cabendo aos dogmáticos defenderem o dogma de que Jesus é Deus, a Trindade e que o espírito santo compõe um deus trino que não existe. Já percebemos que há uma mudança no seio protestante sobre esses dogmas e recomendamos o site: “www.unitarismobiblico.com”, já que demonstra com profundidade que esses dogmas são contestados com muita ênfase, buscando-se a essência da mensagem Cristã. Continuamos a examinar as alegações do pastor:

D) “Não reconhecem a eficácia do sangue de Jesus na purificação de pecados”;

A Transubstanciação requer muito esforço para reconhecer a liturgia como fonte natural de expiação de pecados por parte do sacrifício de Jesus. Entendemos que o que nos cura e nos livra de nossas imperfeições é a restauração íntima realizada pela experiência individual que atravessa os séculos através das vidas sucessivas. Sustentar este dogma é mais plausível quando se tenta lançar a responsabilidade de nossos atos em cima de Jesus. Uma má interpretação dos profetas e principalmente do livro de Hebreus fez com que houvesse a disseminação deste dogma que é difícil de manter no mundo moderno em que vivemos, cabendo ao crítico condicionar sua salvação na morte expiatória de Jesus, retirando-lhe a total responsabilidade de seus atos em desacordo com a providência divina. Disso não temos dúvida que o plantio é livre, mas a colheita é obrigatória! Assim prossegue o pastor:

E) “Não veem o Diabo como um anjo decaído e irrecuperável”;

Creemos de igual maneira que não há um ser eternamente voltado ao mal e que um dia foi perfeito e se rebelou contra Deus. Esta interpretação é equivocada dentro de Ez 28 e Is 14,12 que levou muitos cristãos a acreditarem numa parábola destinada a queda do rei de Tiro e da Babilônia como se fossem uma alusão a Lúcifer que, diga-se de

passagem, é uma palavra proveniente da Vulgata Latina e não consta nos originais hebraicos do Tanah e gregos da Septuaginta. Ainda assim, o pastor diz que:

“(a LBV prega que o Diabo é nosso irmão e que precisamos amá-lo e orar por ele [para se certificar da veracidade desta denúncia, leia o “Poema do Irmão Satanás”, constante de um dos livros da LBV intitulado **“Mensagem de Jesus Para os Sobreviventes”**, páginas 29-31]), etc”.

O tal poema é assaz longo e desnecessário citá-lo, como pudemos verificar, mas uma pequena reflexão, pois se Jesus recomenda a amar nossos inimigos, orar pelos que nos perseguem e retribuir o mal com o bem, tal poema da LBV acaba por ter um certo respaldo. Entendemos que os pontos convergentes do espiritualismo em diversas formas de se expressar convergem em alguns pontos da Doutrina Espírita, ao qual definimos que todo o Espírita é Espiritualista, mas nem todo Espiritualista é Espírita, pois deverá seguir não as obras básicas do Espiritismo, mas os fundamentos de Kardec, exarados nas obras da Codificação e em seu ensaio nas Revistas Espíritas, negligenciadas na pesquisa do pastor. Ainda assim, para o pastor, *os “legionários da boa vontade têm muitos pontos em comum com os kardecistas, mas não podemos confundir os kardecistas com eles, pois não o são”*, ao qual corrobora nossa tese já apresentada.

Não é de admirar que a segregação que o próprio pastor cria para si e seus fiéis leitores e ovelhas de seu rebanho pastoral, acaba por fundamentar uma muralha de

preconceito e considera o seu próximo como sectário, ao entabular que:

“os adeptos dessa seita (refiro-me à LBV) creem que estão na quarta revelação de Deus, para enxergarmos que não são kardecistas”.

O que advoga o direito de considerar que os outros que não pensam como ele é que são sectários, sendo que ele mesmo não enxerga sua posição e não respeita quem não pensa de acordo com os seus dogmas pré-estabelecidos. Continua o pastor a dizer que:

“Outra relevante diferença entre os kardecistas e os legionários da boa vontade é que aqueles crêem que o Consolador que Jesus nos prometeu é o Kardecismo, enquanto estes pregam que o Consolador é o senhor José de Paiva Neto, atual sucessor de Alziro Zarur na presidência dessa seita (Cf.: ‘Saga de Alziro Zarur’, José de Paiva Neto, 10ª edição, página 88)”.

Mais uma vez um comportamento sectário do pastor e como já deixamos bem claro que o Espiritismo por ser o Consolador, não se responsabiliza por quaisquer outras filosofias espiritualistas e suas alegações. Os pontos doutrinários que enxergamos haver na Doutrina Espírita não a secularizam e nem a separam as demais crenças, antes as envolve, esclarece e direciona para o bem comum que não a nomina como a religião do futuro, mas fundamenta que será o futuro das religiões, abraçando-as como irmãs, como já disse o filósofo espírita Leon Denis, já que seremos conhecidos por

muito nos amarmos, não em quais pontos doutrinários acreditamos. Pois bem, se alguém está feliz com a crença católica, protestante, budista, espiritualista, que continue com sua crença, mesmo que se simpatize com a Doutrina Espírita. Contudo, para o pastor, diante dos exemplos que comentamos, há uma *“grande diversidade de correntes dentro do Espiritismo”*. Para ele tudo emana do Espiritismo como sendo uma de suas ramificações a Umbanda, Candomblé, Racionalismo Cristão, LBV, etc. Não é bem assim, é preciso corrigi-lo e dizer-lhe que respeitamos tais crenças e que não é parte do Espiritismo, mas do Espiritualismo que já esclarecemos. Uma curiosa afirmativa do pastor nos chama a atenção, pois para ele:

“uma pequena demonstração, certamente deixam claro que embora todos os verdadeiros cristãos saibamos que nenhuma das confissões espíritas goza da sanção do Rei dos reis, não deixam dúvida de que revela falta de conhecimento confundir os kardecistas com os macumbeiros e demais espíritas”.

Primeiro ele advoga para seus adeptos o estandarte de verdadeiros Cristãos e até atribui a Jesus a autoridade de usar o seu nome em querer sancionar algo que nem mesmo Jesus o fez enquanto em sua missão como Judeu. Jesus não segregou ninguém, antes usou em suas parábolas as pessoas marginalizadas pela sociedade de sua época, para deixar exposto que o que importava eram suas atitudes e não suas convicções perante a sociedade.

Para o tal pastor, todas as crenças espiritualistas estão

num mesmo pacote de crenças, tal como uma matriz que é o Espiritismo. Contudo, o que demonstramos é que há somente a Doutrina Espírita e as demais filosofias espiritualistas têm suas particularidades que as distinguem entre si. Com este comportamento do pastor, no sentido pejorativo de seus preconceitos, embora equivocados, são completamente discriminatórios o julgamento com as culturas espiritualistas de origem afro, ao qual respeitamos profundamente. Ele conclui este raciocínio corroborando o que corrigimos, quando diz que:

“nenhuma das seitas espíritas pode ser confundida com as demais, pois cada uma, de per si, difere das outras, apesar de, em termos espirituais, serem tudo farinha do mesmo saco”.

Para ele é farinha do mesmo saco, mas tem caroço neste angu e foi o que demonstramos não haver nenhuma base para o pastor afirmar que todas as crenças espiritualistas são espíritas. Respeitamos todas as correntes espiritualistas, mas há nuances que o pastor ignorou por desconhecimento do que é o Espiritismo e suas particularidades. Seria o mesmo que afirmar o que para ele todas as crenças protestantes são farinha do mesmo saco, ao qual sabemos haver dentro do protestantismo, correntes que não são aceitas no seio evangélico. Para encerrar este tópico com chave de ouro, o pastor diz que:

“não obstante os tão conhecidos termos ‘Baixo Espiritismo’ e ‘Alto Espiritismo’ serem apenas classificações humanas, são, contudo, necessários para fins de estudo, pois fazem saltar à

vista que não é tudo igual, como geralmente pensam muitos dos que ainda não se deram ao trabalho de pesquisar as religiões e suas respectivas seitas”.

O que até pesquisamos a Codificação de Kardec onde se encontram os termos Baixo Espiritismo e Alto Espiritismo. Não encontramos a referência dessa classificação que ao que parece deve ter surgido no seio evangélico para aqueles que acreditam conhecer o Espiritualismo e o Espiritismo a fundo, mas que num exame apurado, percebemos que estão à margem do conhecimento que a Doutrina Espírita outorga para os seus estudantes e pesquisadores, cabendo aos incautos afirmativas como esta, determinando que estão bem à superfície do que está contido na Codificação que julgam conhecê-la. Portanto, concluímos que não há Baixo Espiritismo e nem muito mesmo Alto Espiritismo.

1.2. É justo criticar o Espiritismo?

Neste ponto da argumentação do pastor, ao qual nos propusemos a fazer importantes correções em suas premissas anteriormente, este intenta em nos afirmar que tem *“pelo menos quatro razões para responder positivamente a esta pergunta”*. Ou seja, baseado em suas convicções e preconceitos completamente distorcidos do que é realmente o Espiritismo e o que se diferencia do Espiritualismo, encontramos suas justificativas em apoio à autoridade que ele encontrou para julgar a Doutrina Espírita. Vejamos:

A) “A crítica construtiva é uma demonstração de amor, o que, por si só justifica a sua procedência e lhe dá o direito de, pelo

menos, ser apreciada;”

A crítica para ser construtiva deve ser pautada no respeito a todas as crenças e logo no início deste livro nos deparamos com um ranço de preconceito por parte do pastor para com as crenças espiritualistas e a Doutrina Espírita. O que nos move a responder toda a obra ao qual se empreendeu o crítico em difamar o Espiritismo, a fim de que sua crença de sobressaia, pois ao qual vemos, parte de um expediente comum nos dias atuais como se houvessem porta-vozes de Deus no povo que outorgasse a alguns o direito de difamar as correntes filosóficas, científicas e morais que não corroboram com suas premissas. Não vemos amor algum nesta atitude e nos propusemos a pesquisar o conteúdo deste livro e dar-lhe uma resposta. Mas o pastor prossegue, vejamos:

B) “Todos os cristãos autênticos têm o dever de lutar com todas as suas forças em prol da salvação de todo aquele que desconhece o poder do sangue de Jesus (Rm 1.14).”

Este comportamento de que os cristãos protestantes se revestem de uma armadura da justiça e a espada de fé que professam, às vezes os cegam, pois como temos observado, começam uma guerra santa, num movimento totalmente separatista e colocam suas crenças e convicções acima de todas as outras, tendo como base suas interpretações bíblicas, tal como se fossem as mais corretas. Tendemos a acreditar que eles vêm somente um lado do prisma, deixando todo o restante que sua visão não alcança, ao sabor de uma

percepção que não concordam. Julgam-na como se fossem falsas e que seu pequeno e restrito entendimento reflete a verdade absoluta. Não nos julgamos neste patamar, pois o conhecimento absoluto é reservado a Deus, onde também temos uma visão relativa, mas as Escrituras têm quatro níveis de entendimento, sendo eles o nível pessach (literal), remé (parábolas), midrash (profecia) e sod (oculto). Muitas das vezes ficamos somente no primeiro e segundo níveis com acessos restritos, por vezes, ao terceiro e quarto nível. Nesta nossa proposta de resposta ao pastor, intentaremos em buscar o nível mais profundo de entendimento das Escrituras. Esclarecido este ponto, passemos então ao terceiro ponto de sua crítica, ao qual o pastor define:

C) “Neste livro, nem sempre uso o vocábulo ‘crítica’ na sua moderna, popular e picante definição de ‘retaliação’ ou ‘malhação da vida alheia’. Antes o uso também na sua conceituação etimológica. Como bem observou a Dr^a em Filosofia, Marilena Chauí, ‘Em geral julgamos que a palavra ‘crítica’ significa ser do contra, dizer que tudo vai mal, que tudo está errado, que tudo é feio ou desagradável. Crítica é mau humor, coisa de gente chata ou pretensiosa que acha que sabe mais que os outros. Mas não é isso que essa palavra quer dizer. A palavra ‘crítica’ vem do grego e possui três sentidos principais: **1) capacidade para julgar, discernir e decidir corretamente; 2) exame racional de todas as coisas sem preconceito e sem préjulgamento; 3) atividade de examinar e avaliar detalhadamente uma idéia, um valor, um costume, um comportamento, uma obra artística ou científica’...** (Convite à Filosofia, Editora Ática. 13^a edição, 1^a impressão, São Paulo /SP, página 18, 2003).” (grifo nosso)

Fizemos a questão de salientar a citação do pastor nos

três aspectos que se fundamentou para criticar e buscar justificava de suas análises sobre a Doutrina Espírita. O primeiro deles coloca toda a pessoa capaz de criticar tudo o que lhe aprouver, mas é preciso um conhecimento de causa, uma pesquisa em todos os seus detalhes e nuances importantes para dar-lhe autoridade de sua crítica. Contudo, logo em nossa introdução já colocamos os argumentos do pastor em xeque, pois encontramos obras sobre o Espiritismo que ele negligenciou. Ou seja, não conhecia o todo, mas apenas uma parte, o que o coloca de forma inábil em julgar aquilo que desconhece em profundidade. Contudo, já no segundo item proposto pela autora Dra. Marilena Chauí, encontramos uma base de exame racional, mas com uma condição que nos parece sobressaltar aos olhos perspicazes, não que o pastor seja irracional, mas que logo de início o coloca como não participante deste exame racional que empreendeu em sua obra, já que deixou exarado seu preconceito e um prejulgamento diante de suas convicções que o colocam à margem da proposta pedagógica do Espiritismo. Já no terceiro ponto, a crítica se reveste de um exame detalhado e neste intento, faltou ao pastor uma coletânea de importantes obras sobre a Doutrina Espírita que não permitem a sua análise pautada numa crítica a que se deve ser isenta, imparcial e desprovida do preconceito, com conhecimento de causa. Ainda assim, o pastor prossegue em sua crítica:

D) “O próprio Allan Kardec reconheceu o direito de expressão que deve ser assegurado ao indivíduo, porquanto ele também

criticava àqueles de quem ele discordava; e com a agravante de às vezes criticar preconceituosamente, isto é, sem conhecimento de causa, qualificando-se pois, como indigno de crédito, já que ele não era um crítico no sentido etimológico desta palavra. Ele era, pois, um crítico entre aspas. Sim, leitor, verdadeiramente Kardec também criticava àqueles de quem ele discordava;”

Diante da máxima que Jesus nos ensina que “não julgueis para não serdes julgados com o mesmo peso e medida em que julgares”, cabe perfeitamente à proposta do pastor, pois colocou Kardec como uma pessoa desprovida de bom senso para em sua época observar o positivismo europeu, o materialismo, a religião desprovida de base lógica e de materialistas que na finitude da vida buscavam seu significado para as respostas que a vida exige muito mais do que podiam oferecer. Com este aparato, Kardec, um pedagogo e cientista, não chegou aos fenômenos espíritas como um crente, mas como um pesquisador e incrédulo aos fenômenos, a colocar em suas pesquisas o senso crítico, ao qual o que vemos fazer parte de um expediente que coloca o pastor como um ‘crítico’, devolvendo-lhe o julgamento que fez a Kardec, ao passo que nos move a recomenda-lhe um maior estudo do Espiritismo e suas nuances, com proposta a derrubar a ceticismo, desvelar o véu lançado pela religião ainda obscurecida nos dogmas e proporcionarmos uma fé inabalável, capaz de nos fundamentar na filosofia, ciência e moral espírita. Contudo, dentro deste item, propõe o pastor que *“as citações das provas documentais de que realmente as coisas são assim”*, a fim de fundamentar as suas premissas. Vejamos:

a) **Críticas à Igreja Católica:**

• **Primeira crítica:** “A Igreja tem caminhado sempre erradamente, não levando em conta os progressos da ciência” (**O Céu e o Inferno**, Federação Espírita Brasileira: 38ª edição, capítulo 9, nº 9, página 123);

Esta passagem citada pelo pastor encontra-se numa narrativa de Kardec na primeira parte, no capítulo 9, item 7 e seguintes da obra **O Céu e o Inferno** que trata: *Os demônios segundo a igreja*, assim está em sua completude, sem inserir todo o trecho, tendo em vista que voltaremos a este tema mais adiante:

3ª- As palavras atribuídas a Lúcifer revelam uma ignorância admirável num arcanjo que, por sua natureza e grau atingido, não deve participar, quanto à organização do Universo, dos erros e dos prejuízos que os homens têm professado, até serem pela Ciência esclarecidos. Como poderia, então, dizer que fixaria residência acima dos astros, dominando as mais elevadas nuvens?!

É sempre a velha crença da Terra como centro do Universo, do céu como que formado de nuvens estendendo-se às estrelas, e da limitada região destas, que a Astronomia nos mostra disseminadas ao infinito no infinito espaço! Sabendo-se, como hoje se sabe, que as nuvens não se elevam a mais de duas léguas da superfície terráquea, e falando-se em dominá-las por mais alto, referindo-se a montanhas, preciso fora que a observação partisse da Terra, sendo ela, de fato, a morada dos anjos. Dado, porém, ser esta em região superior, inútil fora alçar-se acima das nuvens. Emprestar aos anjos uma linguagem tisonada de ignorância, é confessar que os homens contemporâneos são mais sábios que os anjos. **A Igreja tem caminhado sempre erradamente, não levando em conta os progressos da Ciência.** (KARDEC, A. 1995, pp. 122-123, grifo nosso)

O que Kardec entabula em seu conceito acerca da visão científica do escriba desta passagem de Lúcifer (Is 14,12) é justamente a visão geocêntrica da Terra com as nuvens passando os astros, e estes fixados na abóboda celestes, fossem a morada de Deus, e que Lúcifer queria estar acima de Deus, Uma visão assaz limitada e que o pastor deve compartilhar com ela, uma vez que a defende neste ponto e o que Kardec faz é justamente colocar a Astronomia acima de conceitos já ultrapassados da visão geocêntrica exaradas nas Escrituras. Sobre Lúcifer, voltaremos a este assunto mais adiante. Vejamos a segunda colocação do pastor:

• **Segunda crítica:**“... Deus a julgou e a reconheceu inapta... a Doutrina Espírita causará dor viva ao papado...” (**Obras Póstumas**, Federação Espírita Brasileira: 26ª edição, páginas 310 e 311);

Nesta segunda parte, o pastor cita uma frase da mensagem, onde ele atribui erradamente a Kardec, mas que num exame apurado da codificação, é do “*Espírito de E.*” que os leitores poderão conferir ao final, ocorrida em 30 de setembro de 1863, contida na segunda parte da codificação **Obras Póstumas**, Vejamo-la na íntegra:

Paris, 30 de setembro de 1863

(*Médium: Sr. d’A...*)

A IGREJA

Eis-te de volta, meu amigo, e não perdeste o teu tempo. À obra ainda, pois não deves deixar se enferruje a tua bigorna. Forja, forja armas bem temperadas; repousa do trabalho feito,

empreendendo trabalhos mais difíceis. Todos os elementos serão postos ao teu alcance, à medida que for necessário.

É chegada a hora em que a Igreja tem de prestar contas do depósito que lhe foi confiado, da maneira por que pratica os ensinamentos do Cristo, do uso que fez da sua autoridade, enfim, do estado de incredulidade a que levou os espíritos. A hora é vinda em que ela tem de dar a César o que é de César e de assumir a responsabilidade de todos os seus atos. **Deus a julgou, e a reconheceu inapta**, daqui por diante, para a missão de progresso que incumbe a toda autoridade espiritual. Somente por meio de uma transformação absoluta lhe seria possível viver; mas, resignar-se-á ela a essa transformação? Não, pois que, então, já não seria a Igreja; para assimilar as verdades e as descobertas da Ciência, teria de renunciar aos dogmas que lhe servem de fundamentos; para volver à prática rigorosa dos preceitos do Evangelho, teria de renunciar ao poder, à dominação, de trocar o fausto e a púrpura pela simplicidade e a humildade apostólicas. Ela se acha nesta alternativa: ou se suicida, transformando-se; ou sucumbe nas garras do progresso, se permanecer estacionária.

Aliás, Roma já se mostra cheia de ansiedade e na Cidade Eterna se sabe, por inegáveis revelações, que **a Doutrina Espírita causará dor viva ao papado**, porque na Itália se prepara rigorosamente a cisma. Não é, pois, de espantar o encarniçamento com que o clero se lança ao combate contra o Espiritismo, impellido pelo instinto de conservação. Ele, porém, já verificou que suas armas se embotam contra essa potência que surge; seus argumentos não têm podido resistir à lógica inflexível; só lhe resta o demônio, mísero auxiliar seu no século XIX.

Ao demais, a luta está aberta entre a Igreja e o progresso, mais do que entre ela e o Espiritismo. Ela é batida em toda a linha pelo progresso geral das ideias e sucumbirá sob os seus golpes, como tudo quanto sai fora do seu nível. A marcha rápida das coisas há de fazer-vos pressentir que o desenlace não demorará muito tempo. A própria Igreja parece compelida fatalmente a precipitá-lo.

Espírito de E.

Após a citação das frases isoladas pelo pastor com a mensagem na íntegra, coloca-nos seu intento que a Igreja é inapta ao desenvolvimento de acompanhar a ciência, devido ao seu apego aos dogmas que mais causaram incredulidade, do que fortalecimento da fé. Outrossim, na outra frase isolada resume que a Doutrina Espírita causará dor ao papado por este não estar apto ao progresso científico, o que entendemos que pastor também se enquadra neste aspecto, devido ao seu apego aos dogmas já ultrapassados. Vamos, portanto ao outro ponto aventado pelo pastor:

b) Crítica ao apóstolo Paulo:

“Todos os escritos posteriores, sem exclusão dos de S. Paulo, são apenas... **opiniões pessoais**, muitas vezes contraditórias...” (**Obras Póstumas**, Federação Espírita Brasileira: 26ª edição, páginas 121-122. Grifo meu).

Esta segunda citação do pastor, encontra-se na primeira parte de **Obras Póstumas** que trata de um *Estudo sobre a natureza do Cristo*, constante na mensagem integral que nos diz acerca das *Fontes das provas sobre a natureza do Cristo*. Vejamo-la na íntegra:

§ I — FONTES DAS PROVAS SOBRE A NATUREZA DO CRISTO

A questão da natureza do Cristo foi debatida desde os primeiros séculos do Cristianismo e pode-se dizer que ainda não se acha solucionada, pois que continua a ser objeto de discussão. Foi a divergência das opiniões sobre este ponto

que deu origem à maioria das seitas que dividiram a Igreja há dezoito séculos, sendo de notar-se que todos os chefes dessas seitas foram bispos ou membros titulados do clero. Eram, por conseguinte, homens esclarecidos, muitos deles escritores de talento, abalizados na ciência teológica, que não achavam concludentes as razões invocadas a favor do dogma da divindade do Cristo. Entretanto, como hoje, as opiniões se firmaram mais sobre abstrações do que sobre fatos. Sobretudo, o que se procurou foi saber o que o dogma continha de plausível, ou de irracional, deixando-se, geralmente, de um lado e de outro, de assinalar os fatos capazes de lançar sobre a questão uma luz decisiva.

Mas, onde encontrar esses fatos, senão nos atos e nas palavras de Jesus?

Nada tendo Ele escrito, seus únicos historiadores foram os apóstolos que, tampouco escreveram coisa alguma quando o Cristo ainda vivia. Nenhum historiador profano, seu contemporâneo, havendo falado a seu respeito nenhum documento mais existe, além dos Evangelhos, sobre a sua vida e a sua doutrina. Aí somente é que se há de procurar a chave do problema. **Todos os escritos posteriores, sem exclusão dos de S. Paulo, são apenas,** e não podem deixar de ser, simples comentários ou apreciações, reflexos de **opiniões pessoais, muitas vezes contraditórias**, que, em caso algum, poderiam ter a autoridade da narrativa dos que receberam diretamente do Mestre as instruções. Sobre esta questão, como sobre as de todos os dogmas, em geral, o acordo entre os Pais da Igreja e outros escritores sacros não seria de invocar-se como argumento preponderante, nem como prova irrecusável a favor da opinião de uns e outros, uma vez que nenhum deles citou um só fato, fora do Evangelho, concernente a Jesus; que nenhum deles descobriu documentos novos que seus predecessores desconhecêssem.

Os autores sacros nada mais conseguiram do que girar dentro do mesmo círculo, produzindo apreciações pessoais, deduzindo corolários acordemente com seus pontos de vista, comentando sob novas formas e com maior ou menor desenvolvimento as opiniões contrárias às suas. Pertencendo ao mesmo partido, tiveram todos de escrever no mesmo

sentido, senão nos mesmos termos, sob pena de serem declarados heréticos, como o foram Orígenes e tantos mais. Naturalmente, a Igreja só incluiu no número dos seus Pais os escritores ortodoxos, do seu ponto de vista; somente exalçou, santificou e colecionou aqueles que lhe tomaram a defesa, ao passo que repudiou os outros e lhes destruiu quanto pôde os escritos. Nada, pois, de concludente exprime o acordo dos Pais da Igreja, visto que formam uma unanimidade arranjada a dedo, mediante a eliminação dos elementos contrários. Se se fizesse um confronto de tudo que foi escrito pró e contra, difícil se tornaria dizer para que lado se inclinaria a balança.

Isto nada tira ao mérito pessoal dos sustentadores da ortodoxia, nem ao valor que demonstraram como escritores e homens conscienciosos. Sendo advogados de uma mesma causa e defendendo-a com incontestável talento, haviam forçosamente de adotar as mesmas conclusões. Longe de intentarmos apontá-los no que quer que fosse, apenas quisemos refutar o valor das consequências que se pretende tirar do acordo de suas opiniões. No exame, que vamos fazer, da questão da divindade do Cristo, pondo de lado as sutilezas da escolástica, que unicamente serviram para tudo embaralhar sem esclarecer coisa alguma, apoiar-nos-emos exclusivamente nos fatos que ressaltam do texto do Evangelho e que, examinados friamente, conscienciosamente e sem espírito de partido, superabundantemente facultam todos os meios de convicção que se possam desejar.

Ora, entre esses fatos, outros não há mais preponderantes, nem mais concludentes, do que as próprias palavras do Cristo, palavras que ninguém poderá refutar, sem infirmar a veracidade dos apóstolos. Pode-se interpretar de diferentes maneiras uma parábola, uma alegoria; mas, afirmações precisas, sem ambiguidades, repetidas cem vezes, não poderiam ter duplo sentido. Ninguém pode pretender saber melhor do que Jesus o que ele quis dizer, como ninguém pode pretender estar mais bem informado do que ele sobre a sua própria natureza. Desde que ele comenta suas palavras e as explica para evitar todo equívoco, é a ele que devemos recorrer, a menos lhe neguemos a superioridade que lhe é atribuída e nos sobreponhamos à sua própria inteligência. Se ele foi obscuro em certos pontos, por usar de linguagem figurada, no que concerne à sua pessoa não há equívoco

possível. Antes de examinar as palavras, vejamos os atos.
(KARDEC, A. 2005, pp. 147-150, grifo nosso)

Curiosamente, é expediente do pastor e demais detratores, citarem frases isoladas das reflexões de Kardec, que neste caso destacamos, passando aos seus leitores a impressão de que Kardec estivesse criticando, ou mesmo combatendo os escritos apostólicos em detrimento da Doutrina Espírita, quando realmente ocorre justamente o contrário, pois Kardec, ao desenvolver a superioridade de Jesus, recorre às fontes nos Evangelhos e epístolas dos seus apóstolos e discípulos que são as únicas fontes que nos dizem respeito aos atos de Jesus e seus ensinamentos de sua doutrina e que, embora fossem opiniões pessoais de seus seguidores e continuadores, sobre suas impressões na convivência com Jesus, testificando a complexidade de desenvolvermos juízo de valor à essência do Mestre, mesmo a posteriori com os Pais da Igreja, onde a Igreja tomou parte apenas de 47 volumes da Patrística, concomitantemente às suas ideias e corpo de doutrina, o que facilita a compreensão do pensamento de Kardec quando diz ser perfeitamente justificável como a igreja deificou Jesus, É isto o que Kardec nos explica com tamanha maestria e o pastor ignorou tal fato, pois para ele, Jesus é Deus, ou seja, uma outra opinião pessoal sem nenhum respaldo! Com isso, vamos ao terceiro ponto aventado pelo pastor:

c) Crítica aos materialistas:

“... o materialismo...” [é] “um incentivo para o mal...” (O

Nesta terceira citação do pastor, de duas frases isoladas e desconexas, passa aos seus leitores de que o materialismo é um incentivo ao mal, mas quando vemos o trecho completo da obra ***O Evangelho Segundo o Espiritismo***, na introdução, item 9. Vejamo-la:

IX. Se a morte fosse a dissolução completa do homem, muito ganhariam com a morte os maus, pois se veriam livres, ao mesmo tempo, do corpo, da alma e dos vícios. Aquele que guarnecer a alma, não de ornatos estranhos, mas com os que lhe são próprios, só esse poderá aguardar tranquilamente a hora da sua partida para o outro mundo.

Equivale isso a dizer que o materialismo, com o proclamar para depois da morte o nada, anula toda responsabilidade moral ulterior, sendo, conseqüentemente, um incentivo para o mal; que o mau tem tudo a ganhar do nada. Somente o homem que se despojou dos vícios e se enriqueceu de virtudes, pode esperar com tranquilidade o despertar na outra vida. Por meio de exemplos, que todos os dias nos apresenta, o Espiritismo mostra quão penoso é, para o mau, o passar desta à outra vida, a entrada na vida futura. (*O Céu e o Inferno*, 2ª Parte, cap. 1.) (KARDEC, A. 1996, pp. 47-48, grifo no original e sublinhado nosso)

Após a citação completa e o trecho sublinhado pelo pastor em sua citação original, vemos o despreparo dele e até mesmo dos detratores do espiritismo, no trato com as elucubrações de Kardec e das mensagens dos espíritos. Neste intento, Kardec na mensagem original critica o nada como existência após a morte, não havendo, com isso,

responsabilidade pelos atos viciosos daqueles que ignoram a vida após a morte, sendo a sobrevivência do espírito uma alegação falsa para os materialistas, coloca-nos em pé de igualdade daqueles que desenvolvem suas virtudes, e nada deveriam esperar após a morte, pois a finitude da vida material é a única alternativa, disseminando assim a prática do mal que não haveria a devida responsabilidade de seus atos, àqueles que a praticassem. Agora fica um ponto de dúvida, o pastor concorda com a defesa materialista do nada após a morte, e a consequente prática do mal sem a responsabilização dos atos? Deixaremos ele e seus leitores com esta pulga atrás da orelha e passemos ao último ponto deste tópico. Vejamo-lo:

c) Crítica aos evangélicos:

Allan Kardec refuta os evangélicos, por não rezarmos pelos mortos, tachando-nos de ignorantes, nestes termos: “Certas pessoas não admitem a prece pelos mortos... Há neste modo de pensar uma ignorância da lei divina...”. (**A Prece Segundo o Evangelho**. Federação Espírita Brasileira: 44ª edição, páginas 58-59).

Esta última citação encontra-se no capítulo 1 *Pedi e Obtereis*, no trato com o assunto *Da prece pelos mortos e pelos espíritos sofredores*, na obra **A prece segundo o Evangelho**. Vejamos na íntegra:

DA PRECE PELOS MORTOS

E PELOS ESPÍRITOS SOFREDORES

18. Os Espíritos sofredores reclamam as preces. Estas lhes

são úteis porque lhes mostram que neles se pensa e isso basta para que se sintam menos abandonados, menos desgraçados. Mais direta ação tem ainda sobre tais Espíritos a prece: reanima-lhes a coragem, excita-lhes o desejo de se elevarem pelo arrependimento e pela reparação, e chega mesmo a impedir que pensem no mal. Neste sentido, as preces logram, não só lhes aliviar, mas também abreviar os sofrimentos. (Vede o livro de Allan Kardec, *O Céu e o Inferno*, 2.^a Parte, «Exemplos».)

19. Certas pessoas (1) não admitem a prece pelos mortos porque, segundo a crença que professam, duas unicamente são, para a alma, as alternativas: salvar-se ou ser condenada às penas eternas, sendo inútil a prece, num caso e noutro. Sem discutir o valor dessa crença, admitamos, por um instante, a realidade das penas eternas e irremissíveis, e admitamos, também, que as nossas preces sejam impotentes para lhes pôr termo. Dada essa hipótese, perguntamos: será lógico, será caridoso, será cristão rejeitar a prece pelos réprobos? Por impotentes que fossem para libertá-los, as preces não seriam para eles uma demonstração de piedade, capaz de lhes amenizar os sofrimentos?

Quando, na Terra, um homem é condenado à galé perpétua, embora não haja a menor esperança de se obter para ele o perdão, seria defeso a uma pessoa caritativa ir carregar com ele as correntes que o algemam, a fim de aliviá-lo do peso delas? Quando alguém é atacado de um mal incurável, ser-nos-á lícito, por não haver para ele nenhuma esperança de cura, abandoná-lo, sem que procuremos dar-lhe algum alívio? Lembremo-nos de que entre os réprobos pode encontrar-se alguém que nos seja caro, um amigo, talvez um pai, mãe ou um filho, e digamos se, pelo fato de não podermos esperar haja perdão para ele, lhe recusáramos um copo d'água para lhe matar a sede, um bálsamo que lhe cure as chagas? Não sereis capazes de fazer por ele o que faríeis por um galé? Não, isso não seria cristão. Uma crença que petrifica o coração não se pode aliar com a de um Deus que, em primeiro lugar, coloca, no rol dos deveres da criatura, o amor ao próximo.

O não admitir a eternidade das penas, não implica a negação de uma penalidade temporária, porquanto Deus, na sua

justiça, não pode confundir o bem com o mal. Ora, negar, neste caso, a eficácia da prece, fora negar a eficácia do consolo, fora negar que haurimos forças na assistência moral dos que nos querem bem.

20. Outros se fundam em razão mais especiosa: a imutabilidade dos decretos divinos. Deus, dizem esses, não pode mudar suas decisões porque lho peçam as criaturas; não fosse assim, e o mundo careceria de estabilidade. O homem nada tem, pois, que pedir a Deus; só tem que se submeter e adorá-lo.

Há neste modo de pensar uma falsa aplicação da imutabilidade da lei **divina**, ou melhor — **ignorância da lei**, no que respeita à penalidade futura. Essa lei os Espíritos do Senhor a revelaram agora, quando o homem já se acha suficientemente maduro para compreender o que, na fé, está conforme ou contrário aos atributos divinos.

Segundo o dogma da eternidade absoluta das penas, em nenhuma conta são tidos o pesar e o arrependimento do culpado. Supérfluo lhe é qualquer desejo de se tornar melhor, uma vez que está condenado a permanecer no mal perpetuamente. Se foi condenado por limitado tempo, a pena cessará quando expirar o prazo da condenação. Mas quem nos diz que, ao se verificar isto, não sejam mais acentuadas as suas disposições para melhorar? Quem nos diz que, a exemplo do que ocorre com muitos condenados da Terra, ao sair da prisão ele não se conserve tão mal quanto antes? No primeiro caso, seria aumentar o castigo continuar a afligir um homem que se converte ao bem; no segundo, seria conceder a graça a um que permaneceu culpado. A lei de Deus é mais providente do que isso. Sempre justa, equitativa e misericordiosa, ela não prefixa duração à pena, seja qual for, e se resume assim:

21. «O homem sofre sempre a consequência de suas faltas. Nem uma só infração da lei de Deus deixa de ter adequada punição.

«A severidade do castigo é proporcionada à gravidade da falta.

«A duração do castigo de uma falta qualquer é *indeterminada, depende do arrependimento do culpado e da*

volta ao caminho do bem. A pena dura tanto quanto a obstinação no mal. É de curta duração se pronto é o arrependimento.

«Desde que o culpado brade: Misericórdia! Deus o ouve e lhe manda a esperança. Mas não basta que o culpado apenas deplore o mal que fez; é necessária a reparação. Daí vem o ser submetido a novas provas, em que pode, sempre por sua livre vontade, praticar o bem, reparando o mal que haja feito.

«Assim, o homem é, constantemente, o árbitro da sua própria sorte. Pode abreviar o suplício ou prolongá-lo indefinidamente. Sua felicidade ou desgraça dependem da vontade que tenha de fazer o bem.»

Tal é a lei, lei *imutável* e conforme à bondade e à justiça de Deus.

O Espírito culpado e desgraçado pode, pois, salvar-se por si mesmo; a lei de Deus lhe diz em que condições o conseguirá. O que mais amiúde lhe falta é à vontade, a força, a coragem. Ora, se, por nossas preces, lhe inspiramos essa vontade, se o amparamos e animamos; se, pelos nossos conselhos, lhe damos as luzes de que carece, *em lugar de pedir a Deus que derogue sua lei, nós nos tornamos instrumentos da execução da lei de amor e de caridade*, da qual permite Ele, participemos, dando nós mesmos, com isso, uma prova de caridade. (Vede: *O Céu e o Inferno*, citado, 1.^a Parte, caps. VI, VII, VIII.)

(1) Os protestantes.

(KARDEC, A. 1944, pp. 57-61, grifo nosso)

Foi preciso citar todo o capítulo da citada obra ao qual se refere o pastor, devido ao fato da grande colcha de retalhos por ele montada, tendo em vista passar também a verdadeira ideia a ser transmitida por Kardec. Inicialmente o pastor cita uma frase inicial do item 19 da obra de Kardec, referindo-se a citação específica dos evangélicos, o que até aí tudo bem,

Kardec realmente cita os evangélicos, o problema reside no desenvolvimento da prece a ser exercida aos mortos e espíritos sofredores, ou seja, os espíritos desencarnados em estado de sofrimento, o que denota na segunda mensagem que os evangélicos são ignorantes quanto ao trato com a lei divina, por não realizarem preces aos espíritos sofredores e nem tampouco aos mortos, que é o objetivo do capítulo citado por Kardec, o que com maestria Kardec lança uma pá de cal nos que, em geral, acreditam na eternidade das penas para os espíritos infratores para erros completamente finitos, não cabendo uma remissão por eles em hipótese alguma, após o desencarne, ou comumente após a morte. Contudo, vamos a segunda frase citada pelo pastor e verificar seus argumentos, contida no segundo parágrafo do item 20 do mesmo capítulo ao qual reproduzimos na íntegra:

Há neste modo de pensar uma falsa aplicação da imutabilidade da lei **divina**, ou melhor — **ignorância da lei**, no que respeita à penalidade futura. Essa lei os Espíritos do Senhor a revelaram agora, quando o homem já se acha suficientemente maduro para compreender o que, na fé, está conforme ou contrário aos atributos divinos. (KARDEC, A. 1944, p. 59, grifo nosso)

Agora, o leitor atendo perceberá a citação do pastor: *“Há neste modo de pensar uma ignorância da lei divina”* e o parágrafo ondem contém o pensamento de Kardec, juntamente em destaque, o que o pastor retirou da ideia de Kardec que trata da imutabilidade da lei divina, quanto a penalidade futura que os Espíritos revelaram nas obras básicas

do Espiritismo, haver uma prerrogativa de perdão de erros finitos, outorgados por Deus, ao espírito infrator e arrependido, cabendo numa nova encarnação a expiação e reparação devida com a prática do bem, atenuando o mal praticado em vida anterior, ao qual os evangélicos ignoram este conceito. Este é o pensamento da referida obra citada pelo pastor e que nos parece que ignora e transforma-o em grande problema para que o pastor possa se sair, já que acredita no nada após a morte, como identificado no item anterior a este, quando defende aos materialistas e agora defende a eternidade das penas e as penalidades futuras serem irremissíveis em sua frase citada de forma incompleta. Que o pastor possa se posicionar em qual conceito se encontra, uma vez que defende as duas posições completamente contraditórias, ou seja, uma grande colcha de retalhos. Passemos agora ao próximo capítulo de sua abordagem.

1.3. Altruísmo e não revanche

Neste ponto da abordagem do pastor, ele defende a tese de que está apenas dando, a nós espíritas, o direito de réplica devido ao fato do movimento ao qual ele segue ter sido questionado por Kardec acerca da eternidade das penas e da falta de remissão dos pecados dos infratores por erros completamente finitos. Dentro deste prisma, ele nos alega que tem este comportamento por *“altruísmo significa amor e dedicação ao próximo”*. Se realmente amasse seu próximo estaria ele tendo um comportamento de alteridade, talvez ignorado por ele, no que diz respeito a se colocar no lugar do outro e reavaliar seu comportamento, realizando uma máxima

cristã de “fazer ao próximo o que quereríeis que vos fizessem”, o que de fato não ocorreu quando resolve denegrir a Doutrina Espírita para arrancar seus seguidores às fileiras evangélicas como baluartes da verdade. Outrossim, prossegue o pastor em nos dizer que:

Bem, o fato de Allan Kardec nos criticar nos confere o direito à réplica; porém, não o faço por revanche, e sim, porque julgo que fazê-lo é altruístico. Não posso reter comigo a luz que me veio do Céu. Não posso algemar a Mensagem da Cruz (Rm 1.14).

Longe de termos também o comportamento revanchista, pois não temos a pretensão de converter evangélicos à filosofia espírita, mas antes temos o direito a tréplica ao pastor nos pontos em que age com completa ignorância no trato com a Doutrina Espírita. Este é o nosso objetivo, fornecer aos leitores espíritas o fundamento de nossa filosofia, moral e ciência diante das críticas, assim como Kardec realizava em seu tempo, na oportunidade de responder às objeções e desenvolver novos temas para esclarecimento dos epíritas. Caberá aos evangélicos, se assim o preferirem, simpatizar com os ideais espíritas e continuarem com suas crenças, mas dando-os a referida base filosófica de novos conceitos e percepções acerca da vida espiritual e suas nuances em nosso meio físico, sustentando-os em sua fé no Cristo. Inclusive, o nosso maior exemplo de Jesus na cruz não é o seu sangue derramado, mas o seu perdão aos algozes e neste ínterim, perdoamos ao pastor pelo seu completo desconhecimento acerca do Espiritismo. Mais adiante, vemos o

exemplo do pastor e sua justificativa.

Certo kardecista, ouvindo-me dialogar com um católico sobre a inconsistência do Catolicismo, educadamente me pediu licença para participar da nossa conversa, o que não lhe foi negado. Aí ele me sugeriu a respeitar todas as crenças e a parar de criticar a religião alheia. Disse-me ele: “Religião não se discute, pastor Joel”. Então lhe falei, exibindo provas, que “o fundador de sua ‘religião’ não pensava assim; e que, portanto, você não será um bom kardecista enquanto não seguir o exemplo de seu mentor espiritual, o qual criticava todas as ideias religiosas que lhe pareciam erradas, bem como aceitava ouvir as réplicas e tréplicas de seus interlocutores. Kardec criticou a Igreja Católica, tachou os evangélicos de ignorantes, acusou os materialistas de estarem promovendo o mal, etc. O livro de sua autoria intitulado ‘**O Que é o Espiritismo**’, narra detalhadamente um acirrado debate entre ele e um padre católico romano. Não é, pois, com Kardec que você aprendeu tamanha covardia [...]”. Então o referido “Kardecista” silenciou-se, pois viu que ele não é nem mesmo um bom herege. Estou orando por ele, para que o Senhor lhe abra os olhos do entendimento, salvando-o dos engodos kardequianos.

O diálogo proposto com o católico e as críticas do pastor foram interrompidas por um espírita que teve o princípio da alteridade para com o católico e julgou oportuno interferir ao pastor que estava tendo um comportamento revanchista. O espírita, estava tomando uma posição mais empática, tendo para com o católico, mas advogou o pastor em levar o espírita ao mesmo nível e criticar tanto o católico quando o jovem espírita, acabando assim, por ter um comportamento sectário, quando afirma que tanto o católico e o espírita são hereges e ele, o pastor, portador da verdade. Como se não bastasse, citou a obra *O que é o Espiritismo* e advogou para si o exemplo

do diálogo de Kardec e o padre que é justamente o de esclarecer ao seu interlocutor, por parte de Kardec, as verdades espíritas quando apresenta a finitude das penas, a evolução espiritual através das vidas sucessivas, as leis morais que regem os dois planos, a pluralidade dos mundos habitados, a intercomunicação entre os planos físico e espiritual, bem como a inexistência de seres voltados ao mal que vieram a entabular os conceitos espíritas, dando a entender que a revelação espírita mais envolve as outras religiões com um laço fraternal e que o padre desconhecia, em resumo, ao que Kardec o orienta. Esta é a síntese da obra citada pelo pastor e seu despreparo o concita a ter lido a referida obra e não a entendido, assim como leu a outra obra, *A Prece Segundo o Espiritismo* e não entendeu nada, quando diz que “*acusou os materialistas de estarem promovendo o mal*”, uma vez que o materialismo isenta bons e maus de seus atos e até promove o mau proceder, uma vez que após a morte, existe o nada. Deveria o pastor voltar a estudar a base da Doutrina Espírita e reavaliar seu comportamento. Curiosamente, o pastor assim diz:

Não há uma só seita que não critique todas as demais, mas os adeptos de todas elas, quando confrontados, se melindram e se sentem perseguidos; e, com raríssimas exceções, os kardecistas não têm sido diferentes;

Julga o pastor todas as filosofias que não sendo a sua como seitas, mas esquece que um comportamento sectário é justamente quando se isola cada membro de uma determinada

agremiação religiosa e começa a detratar as demais correntes de pensamento que divergem de sua ortodoxia. Ou seja, o comportamento do pastor é sectário e excludente, pois a tudo julga e condena à sua perspectiva de visão de mundo, mesmo sem juízo de causa no trato com a Doutrina Espírita. O que Kardec realizou em sua obra *O que é o Espiritismo* foi justamente o oposto ao citado pelo pastor, senão esclarecer ao seu público sobre os postulados básicos da Doutrina Espírita e responder às críticas mais comuns vindo da Igreja, do ceticismo e do crítico, nos parecendo que o estimado pastor não entendeu quando leu apressadamente, sem a reflexão. Continua o pastor com suas alegações. Vejamos:

B) Altruísmo para com todos os espíritas:

Estas linhas pretendem ser ainda uma demonstração de amor não só aos kardecistas, mas também aos adeptos das demais ramificações do Espiritismo: Umbanda, Candomblé, Racionalismo Cristão, Legião da Boa Vontade, etc., já que todas essas confissões religiosas não reconhecem a eficácia do sangue de Jesus;

Como já esclarecemos anteriormente, não existe espírita que se coloque numa corrente filosófica espiritualista, concomitantemente acerca do conceito, já esclarecido de que todo espírita é espiritualista, mas nem todo o espiritualista é espírita, pois precisa seguir a codificação de Kardec. Esclarecido este ponto, damos mais importância ao exemplo de Jesus e procuramos seguir seus ensinamentos, uma vez que não colocamos seu sangue como moeda de troca para uma salvação imediata, já que a nossa mensagem da cruz é mais

profunda, no que tange ao perdão de nossos algozes, ao qual perdoamos o pastor em suas análises superficiais da Doutrina Espírita. Vejamos o próximo, e último ponto abordado pelo pastor:

C) Altruísmo para com os católicos. Os católicos têm o seguinte envolvimento com o Espiritismo:

a) Tanto aqui no Brasil, como em toda a América Latina e outros países do mundo, não é pequeno o número de católicos simpatizantes do Espiritismo, nas suas mais diversas modalidades. E a Igreja Católica é culpada disso, como veremos nos três pontos seguir:

b) Há pouco uma jovem senhora, adepta do Catolicismo, estudante de Teologia católica, membro da ordem Jesuíta, falou-me das aparições de santa Rita e outros santos. Então eu lhe disse que isso é Espiritismo, não Cristianismo;

c) Rezar a Maria e aos “santos” nada mais é que invocar os mortos, bem como tentar contatá-los;

d) A Igreja Católica prega oficialmente que os mortos podem se comunicar com os vivos e vice-versa. Ora, repito, isso é Espiritismo. E, se o leitor duvida, lhe desafio a ler o livro intitulado “Glórias de Maria”, da autoria de “**Santo**” Afonso de Ligório, **Doutor** da “Igreja”, editado pela Editora Santuário (editora católica), 14ª edição de 1989, páginas 42-43 e 211. À página 13 do livro em questão consta que o mesmo foi aprovado pela Igreja Católica, após cuidadoso exame: “...a Igreja... aprovou-lhe os escritos depois de percorrê-los cuidadosamente”.

e) Todo bom católico é, pois, um bom espírita, já que a sua “Igreja” promove práticas espíritas. Ou canonizar (isto é, elevar à categoria de Santo) um homem que pregava a mediunidade, elevá-lo a Doutor da “Igreja”, aprovar seu livro, traduzi-lo para diversos idiomas, prefaciá-lo com sobejos elogios, recomendá-lo e publicá-lo não é comprometedor? Existe cumplicidade maior do que essa?

Neste último ponto abordado pelo pastor, existe uma crítica a igreja católica, devido ao fato de seus adeptos serem simpatizantes com a Doutrina Espírita, o que não seria novidade, pois Kardec, em seus escritos sempre envolvia as outras crenças nos postulados espíritas, pois julgava que a Doutrina os completariam e daria mais sustentáculo a sua fé. É o que de fato ocorre e não há como o referido pastor lutar contra a lei do progresso, pois a mediunidade e a comunicação entre os dois planos é fato e contra os fatos não há argumentos. Concluímos este ponto com a reflexão do filósofo espírita Léon Denis:

*“O Espiritismo não dogmatiza... Não é nem uma seita, nem uma ortodoxia, mas uma filosofia viva, aberta a todos os espíritos livres, filosofia que evolue, que progride. ...**Não impõe nada; propõe...** O que propõe apoia em fatos de experiência e em provas morais. ...**Não exclui qualquer outra crença, antes a todas abraça numa fórmula mais vasta, numa expressão mais elevada e extensa da verdade.**” (Léon Denis)*

1.4. De olho nas incoerências

Partiremos agora para possíveis incoerências encontradas pelo pastor na Codificação Espírita, ao qual ele inicia suas análises dizendo que:

Como o prezado leitor já sabe, “O Espiritismo Kardecista e Suas Incoerências” é o título deste livro. Isto, segundo me parece, deixa claro que a principal coisa que pretendo expor nestas linhas é que o Kardecismo é incoerente, isto é, contraditório. E por que empreendo expor que o Kardecismo é incoerente? As respostas são:

A) A fonte deste empreendimento é o amor;

B) Os objetivos deste empreendimento são:

a) Provar aos kardecistas que o kardecismo não merece crédito, para, deste modo, preparar o terreno para a exposição do Evangelho que os libertará;

b) Ver os kardecistas no Céu.

Em sua análise, tentando estabelecer que a Doutrina Espírita é incoerente, certamente que se baseia em alguma base e sua base é o Protestantismo, e ao que parece protesta até os dias atuais contra filosofias que lhe são aparentemente contrárias aos seus dogmas adotados. Embora, foram dedicados ao combate dos abusos da Igreja Católica na idade média, agora se encontram protestando contra a Doutrina Espírita e outras agremiações. Não obstante, ele enumerou três pontos que o motivaram na empreitada contra as supostas incoerências do Espiritismo. Vejamos suas justificativas:

Primeira abordagem que o motiva é o amor que sente pelos adeptos do Espiritismo, a fim de que nós possamos relegar nossas convicções e nos imiscuir aos seus pressupostos e defender seus dogmas fundamentais. Vejamos o que é dito sobre o amor e sua verdadeira prática na Doutrina, constante no capítulo XI da obra *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, sob o título de *Instruções dos Espíritos - A Lei do Amor*. Vejamos:

Instruções dos Espíritos

A lei de amor

8. O amor resume a doutrina de Jesus inteira, visto que esse é o sentimento por excelência, e os sentimentos são os instintos elevados à altura do progresso feito. Em sua origem,

o homem só tem instintos; quando mais avançado e corrompido, só tem sensações; quando instruído e depurado, tem sentimentos. E o ponto delicado do sentimento é o amor, não o amor no sentido vulgar do termo, mas esse sol interior que condensa e reúne em seu ardente foco todas as aspirações e todas as revelações sobre-humanas. A lei de amor substitui a personalidade pela fusão dos seres; extingue as misérias sociais. Ditoso aquele que, ultrapassando a sua humanidade, ama com amplo amor os seus irmãos em sofrimento! Ditoso aquele que ama, pois não conhece a miséria da alma, nem a do corpo. Tem ligeiros os pés e vive como que transportado, fora de si mesmo. Quando Jesus pronunciou a divina palavra — amor —, os povos sobressaltaram-se e os mártires, ébrios de esperança, desceram ao circo.

O Espiritismo a seu turno vem pronunciar uma segunda palavra do alfabeto divino. Estai atentos, pois que essa palavra ergue a lápide dos túmulos vazios, e a *reencarnação*, triunfando da morte, revela às criaturas deslumbradas o seu patrimônio intelectual. Já não é ao suplício que ela conduz o homem: condu-lo à conquista do seu ser, elevado e transfigurado. O sangue resgatou o Espírito e o Espírito tem hoje que resgatar da matéria o homem.

Disse eu que em seus começos o homem só instintos possuía. Mais próximo, portanto, ainda se acha do ponto de partida do que da meta, aquele em quem predominam os instintos. A fim de avançar para a meta, tem a criatura que vencer os instintos, em proveito dos sentimentos, isto é, que aperfeiçoar estes últimos, sufocando os germens latentes da matéria. Os instintos são a germinação e os embriões do sentimento; trazem consigo o progresso, como a glândula encerra em si o carvalho, e os seres menos adiantados são os que, emergindo pouco a pouco de suas crisálidas, se conservam escravizados aos instintos. O Espírito precisa ser cultivado, como um campo. Toda a riqueza futura depende do labor atual, que vos granjeará muito mais do que bens terrenos: a elevação gloriosa. É então que, compreendendo a lei de amor que liga todos os seres, buscareis nela os gozos suavíssimos da alma, prelúdios das alegrias celestes. — *Lázaro*. (Paris, 1862.)

9. O amor é de essência divina e todos vós, do primeiro ao último, tendes, no fundo do coração, a centelha desse fogo sagrado. É fato, que já haveis podido comprovar muitas vezes, este: o homem, por mais abjeto, vil e criminoso que seja, vota a um ente ou a um objeto qualquer viva e ardente afeição à prova de tudo quanto tendesse a diminuí-la e que alcança, não raro, sublimes proporções.

A um ente ou um objeto qualquer, disse eu, porque há entre vós indivíduos que, com o coração a transbordar de amor, dependem tesouros desse sentimento com animais, plantas e, até, com coisas materiais: espécies de misantropos que, a se queixarem da Humanidade em geral e a resistirem ao pendor natural de suas almas, que buscam em torno de si a afeição e a simpatia, rebaixam a lei de amor à condição de instinto. Entretanto, por mais que façam, não logram sufocar o gérmen vivaz que Deus lhes depositou nos corações ao criá-los. Esse gérmen se desenvolve e cresce com a moralidade e a inteligência e, embora comprimido amiúde pelo egoísmo, torna-se a fonte das santas e doces virtudes que geram as afeições sinceras e duráveis e ajudam a criatura a transpor o caminho escarpado e árido da existência humana.

Há pessoas a quem repugna a reencarnação, com a ideia de que outros venham a partilhar das afetuosas simpatias de que são ciosas. Pobres irmãos! o vosso afeto vos torna egoístas; o vosso amor se restringe a um círculo íntimo de parentes e de amigos, sendo-vos indiferentes os demais. Pois bem! para praticardes a lei de amor, tal como Deus o entende, preciso se faz chegueis passo a passo a amar a todos os vossos irmãos indistintamente.

A tarefa é longa e difícil, mas cumprir-se-á: Deus o quer e a lei de amor constitui o primeiro e o mais importante preceito da vossa nova doutrina, porque é ela que um dia matará o egoísmo, qualquer que seja a forma sob que se apresente, dado que, **além do egoísmo pessoal, há também o egoísmo de família, de casta, de nacionalidade. Disse Jesus: “Amai o vosso próximo como a vós mesmos.” Ora, qual o limite com relação ao próximo? Será a família, a seita, a nação? Não; é a Humanidade inteira.** Nos mundos superiores, o amor recíproco é que harmoniza e dirige os Espíritos adiantados que os habitam, e o vosso

planeta, destinado a realizar em breve sensível progresso, verá seus habitantes, em virtude da transformação social por que passará, a praticar essa lei sublime, reflexo da Divindade.

Os efeitos da lei de amor são o melhoramento moral da raça humana e a felicidade durante a vida terrestre. Os mais rebeldes e os mais viciosos se reformarão, quando observarem os benefícios resultantes da prática deste preceito: **Não façais aos outros o que não quiserdes que vos façam; fazei-lhes, ao contrário, todo o bem que vos esteja ao alcance fazer-lhes.**

Não acrediteis na esterilidade e no endurecimento do coração humano; ao amor verdadeiro, ele, a seu mau grado, cede. É um ímã a que não lhe é possível resistir. O contato desse amor vivifica e fecunda os germens que dele existem, em estado latente, nos vossos corações. A Terra, orbe de provação e de exílio, será então purificada por esse fogo sagrado e verá praticados na sua superfície a caridade, a humildade, a paciência, o devotamento, a abnegação, a resignação e o sacrifício, virtudes todas filhas do amor. Não vos canseis, pois, de escutar as palavras de João, o Evangelista.

Como sabeis, quando a enfermidade e a velhice o obrigaram a suspender o curso de suas prédicas, limitava-se a repetir estas suavíssimas palavras: “Meus filhinhos, amai-vos uns aos outros.” Amados irmãos, aproveitai dessas lições; é difícil o praticá-las, porém, a alma colhe delas imenso bem. Crede-me, fazei o sublime esforço que vos peço: “Amai-vos” e vereis a Terra em breve transformada num Paraíso onde as almas dos justos virão repousar. – *Fénelon*. (Bordeaux, 1861.)

10. Meus caros condiscípulos, os Espíritos aqui presentes vos dizem, por meu intermédio: “Amai muito, a fim de serdes amados.” É tão justo esse pensamento, que nele encontrareis tudo o que consola e abranda as penas de cada dia; ou melhor: pondo em prática esse sábio conselho, elevar-vos-eis de tal modo acima da matéria que vos espiritualizareis antes de deixardes o invólucro terrestre. Havendo os estudos espíritas desenvolvido em vós a compreensão do futuro, uma certeza tendes: a de caminhardes para Deus, vendo realizadas todas as promessas que correspondem às aspirações de vossa alma. Por isso, deveis elevar-vos bem

alto para julgardes sem as constrações da matéria, e não condenardes o vosso próximo sem terdes dirigido a Deus o pensamento. Amar o próximo como a si mesmo.

Amar, no sentido profundo do termo, é o homem ser leal, probo, consciencioso, para fazer aos outros o que queira que estes lhe façam; é procurar em torno de si o sentido íntimo de todas as dores que acabrunham seus irmãos, para suavizá-las; é considerar como sua a grande família humana, porque essa família todos a encontrareis, dentro de certo período, em mundos mais adiantados; e os Espíritos que a compõem são, como vós, filhos de Deus, destinados a se elevarem ao infinito. Assim, não podeis recusar aos vossos irmãos o que Deus liberalmente vos outorgou, porquanto, de vosso lado, muito vos alegraria que vossos irmãos vos dessem aquilo de que necessitais. Para todos os sofrimentos, tende, pois, sempre uma palavra de esperança e de conforto, a fim de que sejais inteiramente amor e justiça. Crede que esta sábia exortação: “Amái bastante, para serdes amados”, abrirá caminho; revolucionária, ela segue sua rota, que é determinada, invariável. Mas já ganhastes muito, vós que me ouvís, pois que já sois infinitamente melhores do que éreis há cem anos. Mudastes tanto, em proveito vosso, que aceitais de boa mente, sobre a liberdade e a fraternidade, uma imensidade de ideias novas, que outrora rejeitaríeis. Ora, daqui a cem anos, sem dúvida aceitareis com a mesma facilidade as que ainda vos não puderam entrar no cérebro.

Hoje, quando o movimento espírita há dado tão grande passo, vede com que rapidez as ideias de justiça e de renovação, constantes nos ditados espíritas, são aceitas pela parte mediana do mundo inteligente. É que essas ideias correspondem a tudo o que há de divino em vós. É que estais preparados por uma sementeira fecunda: a do século passado, que implantou no seio da sociedade terrena as grandes ideias de progresso. E, como tudo se encadeia sob a direção do Altíssimo, todas as lições recebidas e aceitas virão a encerrar-se na permuta universal do amor ao próximo. Por aí, os Espíritos encarnados, melhor apreciando e sentindo, se estenderão as mãos, de todos os confins do vosso planeta. Uns e outros reunir-se-ão, para se entenderem e amarem, para destruírem todas as injustiças, todas as causas de

desinteligências entre os povos.

Grande conceito de renovação pelo Espiritismo, tão bem exposto em *O livro dos espíritos*; tu produzirás o portentoso milagre do século vindouro, o da harmonização de todos os interesses materiais e espirituais dos homens, pela aplicação deste preceito bem compreendido: “Amái bastante, para serdes amados.” – *Sanson*, ex-membro da Sociedade Espírita de Paris. (1863.) (KARDEC, A. 2019b, p. 156-159)

Salientamos estas três mensagens dos espíritos de Lázaro, Fénelon e Sanson convergindo para o que propõe a Doutrina Espírita, em destaque, que entrevê em seus postulados a prática do sublime sentimento de amor com o próximo, fazendo ao próximo tudo o que gostaríamos que nos fizessem, onde o que o pastor certamente não observou com zelo na codificação, esquecendo-se de que a Espiritualidade deu a marcha do desenvolvimento moral através da prática do amor uns com os outros, independente de raça, posição social e religião, o que aponta ao lado oposto ao que propõe o pastor em seu comportamento sectário e egoísta em querer trazer os espíritas para seu grupo religioso. Com isso, explica-se o pastor após suas citações:

Ora, embora eu não trate neste livro só das incoerências do Kardecismo, mas também de outros erros (dessa confissão religiosa) igualmente sintomáticos, certamente me bastaria provar a veracidade de que o Kardecismo é contraditório, para ficar claro a qualquer pessoa de bom senso que essa “religião” não merece crédito. Onde não há contradição, temos que examinar para sabermos se há ou não erros; mas a incoerência dispensa maior exame. Uma instituição autocontraditória expõe-se a si mesma ao ridículo, não necessitando, portanto, que alguém se dê ao trabalho de fazê-lo.

Neste ponto se torna curioso o argumento do pastor, uma vez que denota ser incoerente e contraditório o Espiritismo, não necessitando de ninguém realizar as críticas necessárias para apontar tais erros, onde os coloca à margem de quaisquer críticas. Agora vemos onde se encontram as incoerências, tal como esta argumentação completamente contraditória. Percebemos ainda o esforço do pastor em colocar a Doutrina como uma religião, negando assim, seu tríplice aspecto filosófico, científico e moral, ao qual apresentamos acima, os Espíritos deveriam nutrir a desunião, o partidarismo e sectarismo e não o oposto que destacamos. Acredito que temos aí uma incoerência que o pastor terá que resolver. Com isso, continua o pastor:

Para que alguém possa se considerar adepto de uma religião, são imprescindíveis os seguintes passos:

- Essa religião precisa existir. Claro, como ser adepto de uma religião inexistente?
- Conhecer as doutrinas dessa religião;
- Concordar com as doutrinas dessa religião;
- Abraçar as doutrinas dessa religião.

De forma equivocada o pastor continua a classificar a Doutrina Espírita como religião, negligenciando seu tríplice aspecto de filosofia, ciência e moral, o que denota completo desconhecimento dos postulados Espíritas. Parece-nos que não são estudou a codificação em suas minúcias. Contudo, nos diz que é preciso conhecer, concordar e abraçar os pontos doutrinários para que se considere espírita, o que parece não

ser da forma como Kardec entendia, vejamos na primeira parte da *Obras Póstumas*, uma reflexão sintética de Kardec sobre o tema *Doutrina Espírita*, contida no capítulo X, dentro do quesito das cinco alternativas para a humanidade:

V – Doutrina Espírita

O princípio inteligente independe da matéria. A alma individual preexiste e sobrevive ao corpo. O ponto de partida ou de origem é o mesmo para todas as almas, sem exceção; todas são criadas simples e ignorantes e sujeitas a progresso indefinido. Nada de criaturas privilegiadas e mais favorecidas do que outras. Os anjos são seres que chegaram à perfeição, depois de haverem passado, como todas as outras criaturas, por todos os graus da inferioridade. As almas ou Espíritos progredem mais ou menos rapidamente, mediante o uso do livre-arbítrio, pelo trabalho e pela boa vontade.

A vida espiritual é a vida normal; a vida corpórea é uma fase temporária da vida do Espírito, que durante ela se reveste de um envoltório material, de que se despe por ocasião da morte.

O Espírito progride no estado corporal e no estado espiritual. O estado corpóreo é necessário ao Espírito, até que haja galgado certo grau de perfeição. Ele aí se desenvolve pelo trabalho a que é submetido pelas suas próprias necessidades e adquire conhecimentos práticos especiais.

Sendo insuficiente uma só existência corporal para que adquira todas as perfeições, retoma um corpo tantas vezes quantas lhe forem necessárias e de cada vez encarna com o progresso que haja realizado em suas existências precedentes e na vida espiritual. Quando, num mundo, alcança tudo o que aí pode obter, deixa-o para ir a outros mundos, intelectual e moralmente mais adiantados, cada vez menos materiais, e assim por diante, até a perfeição de que é suscetível a criatura.

O estado ditoso ou inditoso dos Espíritos é inerente ao adiantamento moral deles; a punição que sofrem é consequência do seu endurecimento no mal, de sorte que,

com o perseverarem no mal, eles se punem a si mesmos, mas a porta do arrependimento nunca se lhes fecha e eles podem, desde que o queiram, volver ao caminho do bem e efetuar, com o tempo, todos os progressos.

As crianças que morrem em tenra idade podem ser Espíritos mais ou menos adiantados, porquanto já tiveram outras existências em que ou praticaram o bem ou cometeram ações más. A morte não os livra das provas que hajam de sofrer e, em tempo oportuno, eles voltam a uma nova existência na Terra, ou em mundos superiores, conforme o grau de elevação que tenham atingido.

A alma dos cretinos e dos idiotas é da mesma natureza que a de qualquer outro encarnado; possuem, muitas vezes, grande inteligência; sofrem pela deficiência dos meios de que dispõem para entrar em relação com os seus companheiros de existência, como os mudos sofrem por não poderem falar. É que abusaram da inteligência em existências pretéritas e aceitaram voluntariamente a situação de impotência para usar dela, a fim de expiarem o mal que praticaram etc. etc. (KARDEC. A. 2019b, p. 172-173)

De forma resumida, Kardec entabula que os conceitos espíritas são independentes de dogmas e de quaisquer outros preceitos religiosos o que contrapõe a visão do pastor, colocando-o numa posição sectária e incoerente ante o completo desconhecimento da Doutrina Espírita, mas o pastor não para por aí e dá exemplos, vejamos:

Eu não posso dizer que sou muçulmano. O Islamismo existe e conheço as suas doutrinas, mas discordando das mesmas, refuto-as. Eu não creio em Alá (o falso deus dos muçulmanos), duvido do Alcorão e rejeito Maomé como profeta do verdadeiro Deus. Mas eu assumo que não sou muçulmano.

Os muçulmanos podem discordar de mim, mas não podem me tachar de incoerente. Tal não é, porém, a sorte dos

kardecistas, visto que dos quatro requisitos acima, o Kardecismo só preenche os dois primeiros. Sim, deveras o Cristianismo existe e os kardecistas realmente têm considerável conhecimento das doutrinas da fé cristã. Porém, os kardecistas não concordam com o corpo de doutrinas do Cristianismo e, por conseguinte, o rejeitam e combatem-no. Ora, como pode uma pessoa discordar das doutrinas de uma religião e, portanto, rebatê-las veementemente e ainda assim se considerar membro da mesma? Ser Kardecista equivale a dizer o seguinte: “Sou cristão, mas discordo e desdenho o Cristianismo. O Cristianismo é uma religião ridícula e absurda, por cujo motivo o rejeito e repilo, embora eu também seja cristão”.

O que demonstramos acima é que o corpo de convicções dos Espíritas reside na lei natural, na pluralidade das existências, pluralidade dos mundos habitados, na comunicabilidade entre o plano físico moral e o impacto moral que a Doutrina expõe seus adeptos à reforma íntima. Todo este cabedal consiste, em contrapartida, em questionar os principais dogmas exarados pelo Cristianismo, pois como acreditamos, somos impedidos ao raciocínio lógico e perene de nossas convicções, não excetuando as demais crenças, quando sinceras e propulsoras da moral aplicada a cada individualidade. Bem sabemos que o Islamismo deu ao povo árabe uma direção e uma convicção no Deus único, que para os espíritas é um só, independente de crenças, mas como sabemos que o pastor negligenciou a Revista Espírita, trazemos parte da resposta de Kardec ao Abade François Chesnel de Paris, em sua época, encontrada na **Revista Espírita 1859**. Vejamos:

O Espiritismo não é, pois, uma religião. Se o fosse teria seu culto, seus templos, seus ministros. Sem dúvida cada um pode fazer uma religião de suas opiniões e interpretar à vontade as religiões conhecidas, mas daí à constituição de uma nova Igreja há uma grande distância e creio que seria imprudência seguir tal ideia. **Em resumo, o Espiritismo se ocupa da observação dos fatos, e não das particularidades de tal ou qual crença, da pesquisa das causas, da explicação que esses fatos podem dar de fenômenos conhecidos, assim na ordem moral como na ordem física, e não impõe nenhum culto aos seus partidários, como a Astronomia não impõe o culto dos astros, nem a pirotecnica o culto do fogo.** Ainda mais: do mesmo modo que o sabeísmo nasceu da Astronomia mal compreendida, o Espiritismo, mal compreendido na Antiguidade, foi a fonte do politeísmo. Hoje, graças às luzes do Cristianismo, podemos julgá-lo com mais critério. Ele nos põe em guarda contra os sistemas errôneos, frutos da ignorância, e a própria religião nele pode haurir a prova palpável de muitas verdades contestadas por certas opiniões. Eis por que, contrariando a maior parte das ciências filosóficas, um dos seus efeitos é reconduzir às ideias religiosas aqueles que se extraviaram num ceticismo exagerado. (KARDEC, A. 2004b p. 207) (grifo nosso)

Partindo deste princípio de que a Doutrina Espírita não compõe um corpo de sacerdócio, culto preestabelecido, mas de uma doutrina moral, capaz de modificar a visão de mundo de seus adeptos e simpatizantes à mudança interior, preconizada pelo Cristo, em nos remeter a possibilidade de galgarmos os degraus evolutivos, ao qual todos nós estamos sujeitos à chegar ao progresso moral e intelectual, tendo como meritório a ocupação de mundos mais adiantados e regiões celestes, independentemente de crença. Contudo, numa visão sectária, o pastor nos propõe:

Neste livro não discuto se o Cristianismo é ou não verdadeiro. Antes empreendo tão-somente salientar que os kardecistas precisam se posicionar. **“Ser ou não ser: eis a questão”**. Mas, como eles não o fazem, salta aos olhos que o Kardecismo é um sistema fraudulento.

Será uma tarefa árdua ao pastor nos colocar como seguidores de preceitos fraudulentos, pois a Doutrina Espírita está pautada na moral cristã que não difere entre agremiações religiosas, pois está pautada nos principais conceitos doutrinários de “amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo” desejando que “façais ao próximo tudo o que gostaríeis que vos fizessem”. Se a Doutrina Espírita prega esta máxima, logo ela não é fraudulenta, mas exara princípios universais preponderantes para a reforma íntima, independente de credo. Contudo, continua o sectarismo do pastor:

E é verdade que o Kardecismo, incoerentemente, rejeita os pilares do Cristianismo? Em outras palavras: É verdade que o Kardecismo, embora se propague cristão, rejeita e refuta o Cristianismo? A resposta é “sim”. E vou provar isso como dois mais dois são quatro. Para tanto, nada mais terei que fazer além de provar que o Kardecismo nega as seguintes doutrinas do Cristianismo:

- A veracidade da Bíblia como sendo 100% a Palavra de Deus;
- A trindade de Deus;
- A Divindade de Jesus;
- A personalidade e Divindade do Espírito Santo;
- A unicidade de nossa existência neste mundo (ou seja, não há reencarnação);

- A eficácia do sangue de Jesus na purificação de pecado;
- A ressurreição dos mortos;
- A segunda vinda de Jesus;
- O arrebatamento da Igreja;
- O Juízo Final;
- A existência do Diabo e dos demônios segundo a Bíblia;
- O tormento eterno no Inferno para o Diabo, os demônios e os homens que se perderem;
- A negação da mediunidade e, por conseguinte, a proibição de consulta aos mortos;
- Batismo;
- A Santa Ceia do Senhor;
- Que todos descendemos de um tronco único: Adão e Eva, etc.

Obviamente assiste aos kardecistas o direito de negarem todas estas doutrinas; mas eles podem ao mesmo tempo rejeitar estes ensinamentos e, ainda assim, se considerarem cristãos? Será que esse tipo de “cristão” não é comparável a um dicionário sem letras, à Matemática sem números, a um céu sem estrelas, a um rio sem águas, e a veias sem sangue? Será que estou mesmo equivocado, quando concluo que um kardecista cristão é tão anômalo quanto ladrões que não roubam, assassinos que não matam e mentirosos verdadeiros? Será que os Kardecistas não têm mesmo que escolher entre negar as doutrinas cristãs e assumirem que não são cristãos, ou se propagarem cristãos, mas aceitar estas doutrinas?

Sei que os kardecistas, respondendo negativamente a estas perguntas, dirão que este meu argumento não é consistente, “porque” (falo com minhas palavras) “as doutrinas tidas por cristãs, das quais o Kardecismo diverge, não constituem o Cristianismo original pregado por Jesus, e sim, meras interpolações e deturpações cometidas pelos apóstolos (Mateus, Pedro, Paulo, João) e demais hagiógrafos neotestamentários (Marcos, Lucas, Tiago), bem como por muitos outros através dos séculos”. (em defesa deste

argumento é possível que apelem para as diferenças entre os manuscritos). Assim, o Espiritismo codificado por Kardec é, não só a restauração do verdadeiro Cristianismo” (e, diga-se de passagem, um “cristianismo” tão refinado que nem os apóstolos conheceram coisa igual), “mas também a revelação que estava por vir, conforme prometera o Cristo em Jo. 16:12, promessa esta que se cumpre a partir de 1857, quando do lançamento dos livros de Allan Kardec.

Essa enorme listagem do pastor só enumera dogmas que ao longo dos séculos foram se estabelecendo através de incontáveis concílios, pois não encontramos essas recomendações nos Evangelhos e nem mesmo esta é a fórmula deixada pelo Mestre Jesus de reconhecimento dos seus seguidores, pois Jesus nos disse que: **“Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros”**. ([Jo 13:35](#)). É bem simples a recomendação do mestre, mas de difícil cumprimento pelos que se dizem seus seguidores mais seculares, pois colocam os dogmas acima da principal prática da moral cristã, como uma cartilha de aceitação e passaporte para uma vida plena. O que ocorre é o movimento contrário, pois colocam as legalidades de uma crença acima dos preceitos morais do Cristo. Já sobre a passagem que prevê a vinda do Espírito de Verdade, contida no Evangelho de João, voltaremos a ela com mais detalhe mais adiante. Com isso, continua o pastor.

Bem, os kardecistas questionam, como demonstrei acima, a veracidade da Bíblia. Entrar no mérito desta questão não é o alvo deste livro, pois por ora pretendo apenas desmascarar o Kardecismo para, deste modo, levar suas vítimas a buscar a verdade em Deus e no Seu Livro a Bíblia. Por isto limito-me a

formular aos kardecistas as seguintes contundentes interrogações: Os kardecistas podem provar as alegadas adulterações que teriam sido cometidas pelos apóstolos e outros aventureiros através dos séculos? Onde, como e quando ocorreram tais interpolações? Será que tudo não passa de grosseira especulação? Porventura os achados arqueológicos não deixam evidentes que as inegáveis provas dos erros cometidos pelos copistas são falhas banais que, portanto, não ferem a integridade do Texto? Será que os kardecistas não sabem que crer na Bíblia não implica em crer na infalibilidade dos copistas e tradutores das Escrituras, mas sim, e tão-somente, crer na Inspiração Verbal e Plena dos originais?

(Sugiro a todos os que suspeitam da autenticidade da Bíblia a lerem o livro intitulado **As Grandes Defesas do Cristianismo**, de Jefferson Magno da Costa, editado pela CPAD – Casa Publicadora das Assembleias de Deus, geralmente à venda nas livrarias evangélicas).

Não confunda kardecismo com kardecista. Este autor desdenha o kardecismo, não os kardecistas.

Agora o pastor entra num terreno movediço, no que diz respeito às interpolações, glosas e adulterações bíblicas, o que sabemos terem existido ao longo dos séculos de cópias produzidas pela cristandade, o que levou a muito debate e descrédito de cristãos quanto ao trato com a Bíblia neste quesito de veracidade dos textos ali expressos. Se o pastor pudesse verificar mesmo nas traduções protestantes de João Ferreira de Almeida, nos pouparia o trabalho de identificarmos tais adulterações. Mas vamos apenas identificar algumas dentro do próprio movimento protestante. Vejamos:

1º – Acréscimo no Evangelho de Marcos: Nas traduções provindas do Texto Receptus, há o acréscimo em Marcos, constante no encerramento do Evangelho em seu capítulo 16,

versus 9 ao 20, assim como assevera Haroldo Dutra Dias (1971-), em sua obra de tradução **O Novo Testamento**. Vejamos o que ele observa: “A crítica textual contemporânea rejeita esse relato (Mc 16:9-20), como sendo de autoria do Evangelista Marcos.” (DIAS, H. D., 2013, p. 243)

2º - A fórmula trinitária do batismo em nome do Pai, Filho e Espírito Santo onde podemos constatar no Evangelho de Mateus, capítulo 28, versículo 19 ao qual lemos na **Bíblia de Jerusalém**:

Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulos, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo^c (Mt 28,19)

^c É possível que, em sua forma precisa, essa fórmula reflita influência do uso litúrgico posteriormente fixado na comunidade primitiva. Sabe-se que o livro dos Atos fala em batizar “no nome de Jesus” (cf At 1,5+; 2,38+) Mais tarde deve ter-se estabelecido a associação do batizado às três pessoas da Trindade. Quaisquer que tenham sido as variações nesse ponto, a realidade profunda permanece a mesma. O batismo une à pessoa de Jesus Salvador; ora, toda a sua obra salvífica procede do amor do Pai e se completa pela efusão do Espírito. (Bíblia de Jerusalém, 2002, p. 1758) (grifo nosso)

3º - Vou me valer de uma pesquisa que realizei no passado acerca do tema da adulteração no livro de Deuteronômio, constante no capítulo 18, onde em minha pesquisa intitulada **Comunicação com os Mortos na Bíblia**, nas páginas de 7 a 9, podemos encontrar:

Baseando-me na obra “**Analisando as**

Traduções Bíblicas", segue o estudo a seguir que analisa a tradução de alguns textos da Bíblia Hebraica, ou seja, o Tanah, especialmente com relação à passagem tão propalada de **Deuteronômio 18**, onde é considerada a mais utilizada relativamente contra a Doutrina Espírita. Observem que na transliteração, foram consideradas as regras de acentuação da língua portuguesa, mas que salta aos nossos olhos algumas traduções que conhecemos.

e) Deuteronômio, (18: 9-11) : Texto Hebraico.

כִּי אַתָּה בָּא אֶל-הָאָרֶץ אֲשֶׁר-יְהוָה אֱלֹהֶיךָ נֹתֵן לָךְ לֹא-תִלְמַד
 לַעֲשׂוֹת כְּתוֹשֵׁבֵי הַגּוֹיִם הָהֵם: לֹא-יִמָּצֵא בְךָ מְעַבֵּיר בְּנֹרָה
 וּבְתוֹרַת בָּאֵשׁ קֶסֶם קְסָמִים מְעֻנָּן וּמְנַחֵשׁ וּמְכַשֵּׁף: וְחֹבֵר חֹבֵר
 וְשֹׂאֵל אוֹב וְיִדְעֵי דְרֹשׁ אֶל-הַמֵּתִים:

Texto Hebraico Transliterado

"ki atá ba él-haaréts asher lahvéh Eloheichá noten lach lô tilmad la'assôt kto'avôt hagoim hahém. lô-imatzê bechá ma'avir benô-uvitô baêsh kôssen ksamim me'onem umnachêsh umchashêf : vchovêr vchavêr vshoêl ôv veid'oni vedorêsh el-hametim".

Tradução Literal

"ki=quando; **atá**=entrar; **bá**=fores, chegares ou entrar; **él-haaréts**=na terra; **asher**=ao qual; **lahvéh**=lahvéh; **Eloheichá**=teu Deus; **noten lach**=te dá; **lô tilmad**=não aprendas; **la'assôt**=fazer; **kto'avôt**=sujeiras, manchas, abominações; **hagoim hahém**=daquelas nações estrangeiras. **lô-imatzê bechá**=Não se achará entre ti; **ma'avir benô-uvitô**=quem faça passar seu filho ou sua filha; **baêsh**=pelo fogo; **kôssen**=nem encantador; **ksamim**=nem feiticeiros; **me'onem**=nem agoureiro; **umnachêsh**=nem cartomante; **umchashêf**= e nem mágico, bruxo, ou feiticeiro; **vchovêr**=nem mago; **vchavêr**=e semelhante; **vshoêl ôv**=nem quem consulte o necromante, o mágico ou o feiticeiro; **veid'oni**= e o

mágico ou adivinho; **vedorêsh**= e quem exija a presença; **el-hametim**=dos mortos"

Analisemos agora todo este texto palavra por palavra para que você, leitor, possa tirar suas conclusões.

Começemos pelas recomendações de Moisés no Versículo nove(9) do Deuteronômio 18: **“Quando entrares ou chegares na terra que Iahvéh teu Deus te dá, não aprendas a fazer as abominações daquelas nações”**.

Aqui comecem as recomendações. A quem são dirigidas estas recomendações?

Aos Espíritas?

Claro que não!

“Quando entrares na terra que Iahvéh te deu”.

Quando quem entrar?

Certamente que Moisés se refere aos **“Bnei Israel”**, Filhos de Israel, ou o povo de Israel.

E a que terra prometida por Deus se refere Moisés?

Sabemos que o autor sagrado se refere à terra de Canaã ou terra prometida por Deus a Abraão e seus descendentes.

Ora, se estas recomendações foram dirigidas aos filhos de Israel ou Hebreus, nós, espíritas, 4.000 anos depois, não temos a menor responsabilidade sobre esse fato, pois por acaso, recebemos de Moisés a incumbência de ir para a terra prometida?

Parece-nos que os desejosos de atacar, a todo custo, o seu **“PRÓXIMO”** só porque possui outra filosofia religiosa, ficam tão presos às questões críticas e pessoais, que não percebem a verdadeira época e origem dos textos sagrados e a quem eles foram realmente dirigidos.

Vamos analisar, agora, o texto do Deuteronômio, o que de uma maneira geral, resume os demais e serve

para que cada um possa tirar as suas dúvidas e conclusões.

lô-imatzê bechá=Não se ache contigo; **ma'avir benô-uvitô baêsh**=quem faça passar pelo fogo seu filho ou sua filha.

Refere-se esta primeira parte ao costume entre os fenícios de queimar os primogênitos no altar de Moloq³⁵. Moisés proíbe ainda que nem sequer se faça oferta dos filhos e filhas de Moloq, fazendo-os passar pelo fogo (Lv. 18:21 - 2Rs. 23:10). Os acontecimentos bíblicos fazem pensar em ritos realizados para fundações ou em caso de derrotas e infortúnios (1Rs. 16:34; 2Rs. 3:27).

Maimônedes⁸⁵, (1135-1204), filósofo, médico, mestre da literatura rabínica e um dos maiores iluminadores do povo judeu em todos os tempos, explica este procedimento: “Um grande fogo é aceso. O pai toma um de seus filhos e o entrega aos sacerdotes que são adoradores do fogo. Aqueles sacerdotes devolvem o filho ao pai, após ter sido entregue em suas mãos, para que possa ser passado através do fogo, com o consentimento do pai. O pai é quem passa o seu filho sobre o fogo, com a permissão do sacerdote. Ele faz seu filho andar com os próprios pés através das chamas, de um lado ao outro. De fato, em tal ritual, não se queima a criança em honra de Moloq como filhos e filhas eram queimados no ritual de uma espécie de idolatria, mas faz-se meramente com que ele passe através do fogo, a serviço do ídolo chamado Moloq”.

Veja a desobediência dos israelitas em 2 Reis 17:17: **“Fizeram passar pelo fogo seus filhos e filhas, praticaram a adivinhação e a feitiçaria, e venderam-se para fazer o mal na presença de lahvéh, provocando sua ira”**.

Eles ainda estavam muito ligados aos costumes egípcios, daí a preocupação de Moisés, Isaías faz referência em seu livro no Capítulo 19:3, sobre este costume que é herdado dos Egípcios. Veja seu

comentário: **“O espírito dos egípcios será aniquilado no seu íntimo, confundirei o seu conselho. Eles irão em busca dos seus deuses vãos, dos encantadores e dos adivinhos” (vél-haovôt vél-haid'onim).**

Na etimologia clássica grega, Cronos devorava seus filhos. A imolação de crianças na fogueira era acompanhada de cerimônias de encantamento destinadas a apaziguar o deus. Acaz, rei de Judá, realizou tais práticas e está em 2Rs. 16:2-4. Veja: **“Acaz tinha vinte anos quando começou a reinar e reinou dezesseis anos em Jerusalém. Não fez o que é agradável aos olhos de Iahvéh, seu Deus, como havia feito David, seu pai. Imitou a conduta dos reis de Israel, e chegou a fazer passar pelo fogo, segundo os costumes abomináveis das nações de Iahvéh havia expulsado de diante dos filhos de Israel”.**

Aqui existe, por parte da maioria dos tradutores, a tendência de utilizar um texto escrito, em um passado remoto, para adaptá-lo a uma realidade completamente diferente, no presente, tendo, principalmente, como objetivo condenar uma Doutrina que eles desconhecem.

Analise o versículo 10 e responda: Onde é quem no texto acima traduzido, estão as palavras **“médiuns, espiritismo, ou espírita ou espírito”** que tantos tradutores encontram?

Com um pouco de Exegese e Hermenêutica desprovidas de sectarismo religioso faz falta a muita gente!...

Agora observe a tradução da 35ª. edição da Bíblia, realizada pelo centro Bíblico Católico editora Ave Maria22: **“Quando tiverdes entrado na terra que o Senhor, teu Deus, te dá, não te porás a imitar as práticas abomináveis da gente daquela terra. Não se ache no meio de ti quem faça passar pelo fogo seu filho ou sua filha, nem que se dê a adivinhação, à astrologia, aos agouros, ao**

feiticismo, à magia, ao espiritismo, à adivinhação ou a evocação dos mortos”. (tradução incorreta).

Está de acordo, caro leitor, com os textos hebraicos traduzidos acima?

Observe ainda o que coloca a Bíblia **“Tradução do Novo Mundo das Escrituras Sagradas¹³”** dos nossos irmãos Testemunhas de Jeová:

“Quando tiveres entrado na terra que Jeová, teu Deus, te dá, não debes aprender a fazer as coisas detestáveis dessas nações. Não se deve achar em ti alguém que faça seu filho ou sua filha passar pelo fogo, alguém que empregue adivinhação, alguém praticante de magia ou quem procure presságios, ou um feiticeiro, ou alguém que prenda outros com encantamento, ou alguém que vá consultar um médium Espírita, ou um prognosticador profissional de eventos, ou alguém que consulte os mortos”. (tradução incorreta).

Analise a tradução, comparando-a com o texto traduzido acima e tire suas conclusões... onde existe médium e espírita neste versículo? (SILVA, 2012, p. 85-89, grifos no original)

Após esta análise, vemos que há uma tentativa de se condenar a Doutrina Espírita em cima desta passagem, mesmo que estes que se arvoram em detratar o Espiritismo, infelizmente venham **adulterar** um documento histórico. Embora, temos visto a tentativa de se “traduzir” e inserir nos originais hebraicos, neologismos espiritistas, tais como **espiritismo** e **médium**, onde as mesmas foram criadas em 1857 por Kardec, como poderiam estar nos originais?

Mediante tal fato caros leitores, comprova-se a tentativa de se convencer de que a Doutrina Espírita

possui uma condenação Bíblica que não existe e pior, por **adulteração** de um documento histórico **que é crime**. Ademais, voltarei neste ponto mais adiante quando abordar outras edições desta passagem e de outras mais.

Fim da citação.

Enumeramos apenas algumas adulterações bíblicas, tendo em vista o cabedal ser bem mais extenso, mas para não tornar nossa resposta tão longa, deixaremos apenas essas três para reflexão do pastor e seus leitores. Vamos adiante em sua próxima alegação:

Estes carecem de nosso amor, e não de nosso desdém e ódio. O presente livro, apesar de não analisar todos os segmentos do Espiritismo (Umbanda, Candomblé, LBV, Racionalismo Cristão, Vodou, etc.), pode levar luz a todos os espíritas, já que a Bíblia é rejeitada por todas as confissões espíritas. Ademais, nossos irmãos em Cristo farão bem em lê-lo, pois o mesmo é mais uma arma a ser usada na guerra contra Satanás.

O Kardecismo prega, como se pode ver na página 100 de **A Gênese**, capítulo V, número 12, 37ª edição, da Federação Espírita Brasileira, que “os planetas são mundos semelhantes à Terra e, sem dúvida, habitados...”. Os kardecistas aguardam, pois, evoluírem para, deste modo, se habilitarem a ocupar mundos melhores do que este no qual vivemos. Urge, portanto, que lhes preguemos o verdadeiro Evangelho que os libertará dessas ilusões, mostrando-lhes que é pelo sangue de Cristo (e só pelo sangue de Cristo) podemos ingressar desde já numa vida melhor (a nova vida em Cristo), bem como vislumbrar um futuro deveras brilhante. E é com isto em mente que elaboro este livro.

Nós espíritas não carecemos de apenas amor da parte

dos protestantes que insistem em protestar até os dias de hoje, mas principalmente de empatia que reflete ao respeito às convicções filosóficas e morais que nos distinguem e que o pastor teve o trabalho de dedicar em nos taxar de uma série de adjetivos pejorativos que só aguçam aos seus leitores em procurar a verdade e o que fizemos neste capítulo foi exatamente isso, apontar os equívocos, enumerar os erros e mostrar a verdade por trás dos argumentos fragílimos do pastor.

Não se dando por satisfeito, ao qual já o corrigimos, ele insiste em imiscuir nos conceitos espíritas, outras filosofias espiritualistas que por sinal respeitamos, mesmo sabendo que da parte dos protestantes não há igual respeito. Contudo, o pastor citou a fonte da obra **A Gênese**, contida o item 12 do capítulo V, que trata do *Antigo e modernos sistemas do mundo*, acerca do relato da pluralidade dos mundos habitados, ao qual trazemos na íntegra o texto:

12. No começo do século XVI, *Copérnico*, astrônomo célebre, nascido em Thorn (Prússia), no ano de 1472 e morto no de 1543, reconsiderou as ideias de Pitágoras e concebeu um sistema que, confirmado todos os dias por novas observações, teve acolhimento favorável e não tardou a desbancar o de Ptolomeu. Segundo o sistema de Copérnico, o Sol está no centro e ao seu derredor os astros descrevem órbitas circulares, sendo a Lua um satélite da Terra.

Decorrido um século, em 1609, Galileu, natural de Florença (Itália), inventa o telescópio; em 1610, descobre os quatro²⁸ satélites de Júpiter e lhe calcula as revoluções; reconhece que os planetas não têm luz própria como as estrelas, mas que são iluminados pelo Sol; que são esferas semelhantes à Terra; Galileu observa-lhes as fases e determina o tempo que

duram as rotações deles em torno de seus eixos, oferecendo assim, por provas materiais, sanção definitiva ao sistema de Copérnico.

Ruiu então a construção dos céus superpostos; reconheceu-se que **os planetas são mundos semelhantes à Terra e, sem dúvida, habitados**; que as estrelas são inumeráveis sóis, prováveis centros de outros tantos sistemas planetários, sendo o próprio Sol reconhecido como uma estrela, centro de um turbilhão de planetas que se lhe acham sujeitos.

As estrelas deixaram de estar confinadas numa zona da esfera celeste, para estarem irregularmente disseminadas pelo espaço sem limites, encontrando-se a distâncias incomensuráveis umas das outras mesmo as que parecem tocar-se, sendo as aparentemente menores as mais afastadas de nós e as maiores as que nos estão mais perto, porém, ainda assim, a centenas de bilhões de léguas.

Os grupos que tomaram o nome de *constelações* mais não são do que agregados aparentes, causados pela distância; suas figuras não passam de efeitos de perspectiva, como as que as luzes espalhadas por uma vasta planície ou as árvores de uma floresta formam, aos olhos de quem as observa colocado num ponto fixo. Na realidade, porém, tais agrupamentos de estrela não existem. Se nós pudéssemos transportar para a reunião de uma dessas constelações, à medida que nos aproximássemos dela, a sua forma se desmancharia e novos grupos se nos desenhariam à vista.

Ora, não existindo esses agrupamentos senão na aparência, é ilusória a significação que uma supersticiosa crença vulgar lhe atribui e somente na imaginação pode existir.

Para se distinguirem as constelações, deram-se-lhes nomes como estes: *Leão, Touro, Gêmeos, Virgem, Balança* ou *Libra, Capricórnio, Câncer* ou *Caranguejo, Órion, Hércules, Grande Ursa* ou *Ursa Maior* ou *Carro de Davi, Pequena Ursa* ou *Ursa Menor, Lira* etc., e, para representá-las, atribuíram-se-lhes as formas aparentes que esses nomes lembram, fantasiosas em sua maioria e, em nenhum caso, guardando qualquer relação com os grupos de estrelas assim chamados. Fora, pois, inútil procurar no céu tais formas.

A crença na influência das constelações, sobretudo das que

constituem os doze signos do zodíaco, proveio da ideia ligada aos nomes que elas trazem. Se à que se chama *leão* fosse dado o nome de *asno* ou de *ovelha*, certamente lhe teriam atribuído outra influência.

²⁸ N.E.: Atualmente, Júpiter possui 66 satélites conhecidos, quatro dos quais de dimensões planetárias.

(KARDEC, A. 2013, p. 89-90) (grifo nosso)

Ao citarmos o item 12 em questão, da obra citada, e destacando a extração do pastor à frase fora de contexto “**os planetas são mundos semelhantes à Terra e, sem dúvida, habitados**” dando a ele a alimentação de suas convicções, no que diz respeito a aceitarmos o sangue de Jesus e não crer nestas ilusões da pluralidade dos mundos habitados, pois seremos, segundo o pastor, merecedores do sangue de Jesus como alternativa de melhoria de nossa condição terrestre. Lembramos a ele que se derramaram o sangue de Jesus e por quase dois mil anos e não vimos tanta melhora assim em se crer nestes dogmas, à margem da prática dos ensinamentos de Jesus, que são muito mais importantes ao nosso crescimento, do que crer nestes dogmas, mas o que Kardec quis demonstrar foi a evolução da astronomia através dos séculos e entabular que existem planetas que podem abrigar a vida como a Terra, nada além disso. Vamos agora ao encerramento do pastor neste capítulo. Vejamos:

Agora, partamos, ao próximo capítulo deste livro. Continuemos a ver o que o Senhor ainda tem para nós. “Com Ele entraremos no forte do Inimigo e tiraremos os cativos de lá”, como bem o diz um de nossos belos hinos!

O pastor encerra cantando que vai entrar no forte do inimigo, que para ele é satanás que inspirou Kardec e suas obras da Codificação e Revistas Espíritas, ignoradas pelo nobre pastor, a nos recomendar o amor ao próximo e à caridade para com nossos semelhantes, fazendo aos nossos irmãos tudo o que nós gostaríamos que nos fizessem, retirando assim, nós espíritas, que segundo ele, estamos ativos, ao qual esta recomendação poderá recair sobre àquele de que se sugere! Estas são as inspirações do dito inimigo. Vejamos seu próximo capítulo.

CAPÍTULO II - INCOERÊNCIAS QUANTO AO QUE DIZEM DA BÍBLIA

Na abertura deste novo capítulo, o pastor tentará colocar a Bíblia como sagrada, citando algumas passagens do Antigo e Novo Testamento para corroborar em sua tese, bem como imprimir à Doutrina Espírita como contramão desta assertiva. Como anteriormente identificamos, houve interpolações, acréscimos e adulterações nas Escrituras que a colocam em dúvida sua idoneidade, principalmente por aqueles que a zelam, mas que arranjam passagens para corroborar seus dogmas. Vejamos o que o pastor diz:

Verdade ou mentira, certo ou errado, o Cristianismo tem, como também muitas outras religiões, a sua Escritura Sagrada, a saber, a Bíblia. Jesus, o fundador do Cristianismo, autenticou todo o Antigo Testamento (Mt. 4: 4-10; 24:37-39; Mc. 12:24; Lc. 24: 25-27; Jo. 5:39 etc.).

O que observamos nesta citação é o fato de haver Jesus fundado alguma nova religião, ao qual ele mesmo não deixou nenhuma recomendação de uma nova filosofia religiosa, senão somente nasceu, viveu e morreu como judeu. Outrossim, são as citações do Tanah, ou Antigo Testamento dos Judeus para corroborar esta tese de que Jesus fundou o Cristianismo, ao qual sabemos foi instituído como religião oficial, inaugurada pelo império romano, através do concílio de Niceia em 325

d.C., que o imperador Constantino, neste primeiro concílio, entabula o Cristianismo como religião oficial do império romano, retirando assim, o berço judeu ao qual a seita cristã repousava.

Na passagem de Mt 4,4-10, retrata a parábola da tentação de Jesus, ao qual encontramos também em Mc 1,12-13 e Lc 4,1-13; Nesta passagem não há atestação de Jesus quanto ao Tanah, mas algumas referências concernentes à parábola da tentação de Jesus e concomitantemente com a passagem do povo hebreu sobre o deserto até a passagem para a terra prometida de Canaã. Já a passagem de Mt 24,37-39 que também se encontra em Lc 17,26-27.34-35 encontramos Jesus citando uma passagem do Antigo Testamento, referindo-se aos dias de Noé, onde o Messias realiza um Midrash como pano de fundo ao seu sermão profético sobre a queda de Jerusalém e diáspora dos Judeus, não havendo assim, atestação do Antigo Testamento, mas apenas uma alusão. Já em Mc 12,24 que também ocorre em Mt 22,23-33 e Lc 20,27-40 Jesus tratava com os Saduceus sobre a ressurreição dos mortos, ao qual exemplificavam que uma mulher passando por 7 irmãos em casamento não dando descendentes de quem seria esposa na ressurreição (Dt 25,5+), mas Jesus os advertia que no plano espiritual não há casamento e nem mesmo descendência. Após esta citação há a de Lc 24,25-27 que também se encontra em Mc 4,13+; Mt 8,10; Lc 18,31+ e Lc 9,22+ trata-se da citação de que os profetas previram o martírio de Jesus e sua ressurreição ao terceiro dia, o que não atesta o Tanah, mas realiza um Midrash

como já o dissemos anteriormente. Por fim, temos a última citação de Jo 5,39 que novamente se enfatiza que Jesus tem sua profecia de sua vinda no Tanah e de sua missão registrada nos Evangelhos, o que não se trata de uma atestação, mas de um Midrash preconizado pela tradição judaica no trato do Messias, bem como encontramos na Bíblia de Jerusalém, ao qual vejamos “*h*) *Jesus é o centro e o fim das Escrituras* (cf. 1,45; 2,22; 5,39.46; 12,16.41; 19,28.36; 20,9) (Bíblia de Jerusalém, 2002, p.1855)”

O pastor destaca que o Tanah tem ainda inúmeras passagens que atestam sua sacralidade de seu conteúdo, mas esquece-se que em muitos pontos Jesus atualizou a Lei de Moisés ante os Fariseus, Escribas e Sacerdotes do Templo em sua época, conforme podemos constatar em Mt 19,1-9; Mc 10,1-12; Lc 9,51; 11,54; Mt 7,28; 12,15; 15,30; 16,1 e Jo 8,6 no trato a lei do divórcio instituída pela Lei de Moisés, ao qual Jesus dá um outro tratamento, diferente do proposto pela Lei. Este é apenas um exemplo ao qual destacamos que Jesus veio cumprir a Lei e dá-lhe desenvolvimento à diversos pontos e a lei do divórcio foi uma delas, ao qual o pastor negligenciou neste ponto. Vamos agora para a atestação do Novo Testamento. Vejamos o que diz o pastor:

E, quanto ao Novo Testamento, os apóstolos e outros hagiógrafos que o compuseram não esconderam de seus leitores que exaravam sob inspiração Divina (1Co 14:37; 1Tm. 5:18; 2Pe 3:15-16; Ap 1:11 etc.). Mas o Kardecismo, embora também se professe cristão, afirma com todas as letras que a Bíblia não é a Palavra de Deus. Sim, o Kardecismo Nega a Bíblia. E, como prova disso, vejamos estes exemplos:

Neste pondo de suas teses, o pastor advoga, em prol da Bíblia, dando-lhe o caráter inspirado, ao qual já destacamos que Jesus no trato da Lei de Moisés reformulou diversos pontos, ao qual destacamos anteriormente a lei do divórcio como nova conceituação. Vemos agora ao pastor dar a sacralidade ao Novo Testamento, dando-lhe a inspiração divina como passaporte de idoneidade. Vamos conferir as citações do pastor. Vejamos.

Em 1Co 14,37 há a defesa de Paulo ante a inspiração profética, ao qual recomenda suas advertências, pois considerava-se inspirado a fazê-lo, como sabemos existir inspirações para o bem, como para o mal, pois o apóstolo João recomenda que não era para crer em todo o espírito, mas antes provar se o espírito provinha de Deus e deu ainda uma chave de reconhecimento destas inspirações, que era reconhecer que Jesus veio em carne (1Jo 4,1-2). Assim, seguimos toda a recomendação de Paulo, ao qual nos diz para examinar tudo e reter o bem, inclusive profecias (1Ts 5,21). Dentro dessas recomendações, prossigamos na análise da citação do pastor em 1Tm 5,18 que diz respeito ao não se amaldiçoar o boi que debulha, bem como assevera que o operário é digno de seu salário, ao qual encontramos uma referência significativa *d) Var.: “sua nutrição” (cf. Mt 10,10). À citação de Dt juntou-se uma palavra de Cristo que não conhecemos senão por Lucas (Lc 10,7) o que não supõe necessariamente o evangelho de Lucas inteiramente composto e aceito como “Escritura” (cf. 2Tm 3,15+)* (Bíblia de Jerusalém, 2020, p. 2073) Como podemos observar, Paulo não buscava no

Evangelho de Lucas sua atestação, mas no livro do Deuteronômio. Prosseguindo, vemos mais uma citação do pastor em 2Pe 3,15-16 que Pedro alerta aos cristãos primitivos ante o entendimento às “coisas de difícil entendimento” dita por Paulo em suas cartas, especialmente sobre a vinda de Jesus, um assunto já debatido desde àquela época, pois acreditavam os cristãos primitivos que a vinda de Jesus se daria naquele século. Por fim, o pastor cita Ap 1,11 que diz respeito às profecias a serem enviadas às sete igrejas da Ásia, acerca do tempo do fim ser para aquela época e não para um futuro distante.

Portanto, concluímos que as citações do pastor tinham um filtro desde a época apostólica, ao qual o fizemos conforme recomendavam justamente os apóstolos (1Jo 4,1-2) e discípulos de Jesus (1Ts 5,21). Passemos agora ao desenvolvimento do conteúdo deste capítulo.

2.1. O Kardecismo Nega a Bíblia

Neste subcapítulo, dará o pastor à Doutrina Espírita a insígnia de negação da Bíblia, sua regra de fé e dos cristãos, ao qual examinaremos onde se encontram essas críticas e onde repousa a verdade.

2.1.1. Kardec Nega a Bíblia

Vamos conhecer agora os pontos que sustentam a afirmativa do pastor em dizer que Kardec nega a Bíblia, a começar, pelo primeiro ponto por ele abordado:

a) Segundo afirmou Allan Kardec, os Dez Mandamentos são sim a Lei de Deus; mas os outros mandamentos contidos no Pentateuco são decretados por Moisés e rotulados de Lei de Deus apenas para conter, pelo temor, um povo turbulento e indisciplinado (**O Evangelho Segundo o Espiritismo**, supracitado, capítulo 1, nº 2). Essa declaração, que faz de Moisés um embusteiro, não pode ser de autoria de um cristão, já que Cristo e os cristãos, muito longe de pregarem isso, sempre reconheceram que Moisés escreveu sob inspiração Divina, como já vimos acima. O fato de Cristo dizer que “nem um jota ou um til se omitirá da lei sem que tudo seja cumprido” (Mt. 5:18), justifica o título de “sagradas letras” (2 Tm 3:15) que o apóstolo Paulo atribuiu ao Antigo Testamento;

Após a citação do pastor, reclamando que a lei de Moisés é integralmente inspirada por Deus e válida nos dias atuais, sem a necessidade de evolução, conforme o adiantamento da humanidade, vamos a citação da obra **O Evangelho Segundo o Espiritismo**, e ver a assertiva de Kardec:

2. Na lei moisaica, há duas partes distintas: a Lei de Deus, promulgada no monte Sinai, e a lei civil ou disciplinar, decretada por Moisés. Uma é invariável; a outra, apropriada aos costumes e ao caráter do povo, se modifica com o tempo. (KARDEC, A. 2019d, p. 41)

Como podemos observar, os dez mandamentos são invariáveis e imutáveis, já a lei de Moisés se modifica com o passar do tempo e com a evolução dos costumes da humanidade, mas que o pastor não credita esta importante observação de Kardec, dando-o adjetivo de não cristão, citando, inclusive Jesus, em seu discurso contido em Mt 5,17-18 de que a lei deveria ser cumprida na sua integralidade.

Esquece-se o pastor que Jesus cumpriu a lei de Moisés em sua época, o que não significa que atualmente precisemos observar e cumprir certas ordenanças, tal como já identificamos que Jesus ampliou o cumprimento da lei de Moisés em sua época, no trato da lei de divórcio por exemplo.

Para tanto, citaremos nossa pesquisa ***A Comunicação com os Mortos na Bíblia***, publicado em 2014, constante no capítulo ***III Analisando as leis divinas e as leis mosaicas***, cujo item 4 assim diz ***Exemplos de leis mosaicas que foram revogadas***. Vejamos:

Diante da assertiva que muitas das leis que foram anunciadas fora do Decálogo ainda vigoram, segundo foi aventado pelos opositores da comunicabilidade entre os dois planos que “os mandamentos referentes à punições não vigoram, pois os homens, antes de observarem o pecado cometido deveriam julgar com retidão, com amor ao próximo, mas observavam apenas uma parte da Lei e não toda ela. É assim que deve ocorrer hoje, na Nova Aliança, observar os mandamentos de Deus e, a quem não observa, deixar que Deus os julgue”. Iremos identificar algumas ordenanças de Moisés para a análise de sua mutabilidade e o porquê que elas não são praticadas em sua totalidade até os dias de hoje. Tais exemplos, como a escravidão e as leis voltadas aos “servos”, não são mais praticados, dentre outros mais que estão enunciadas abaixo e sem a sua devida prática nos dias atuais. Destarte, não há como sustentar que podemos observar apenas uma parte da Lei e não toda ela, já que se observarmos toda ela, não

poderíamos de deixar de praticá-las, ou a parte que convém.

Êx 21:7 Se um homem vender sua filha para ser escrava, esta não lhe sairá como saem os escravos.

Êx 21:2 Quem ferir a outro de modo que este morra, também será morto.

Êx 21:5 Quem ferir a seu pai ou a sua mãe, será morto.

Êx 21:16 O que raptar a alguém, e o vender, ou for achado na sua mão, será morto.

Êx 21:17 Quem amaldiçoar a seu pai ou a sua mãe, será morto.

Êx 21:23-25 Mas se houver dano grave, então **darás vida por vida, olho por olho, dente por dente, mão por mão, pé por pé, queimadura por queimadura, ferimento por ferimento, golpe por golpe.**

Êx 22:2 Se um ladrão for achado arrombando uma casa, e, sendo ferido, morrer, quem o feriu não será culpado do sangue.

Êx 22:16 Se **alguém seduzir qualquer virgem, que não estava desposada, e se deitar com ela, pagará seu dote e a tomará por mulher.**

Êx 22:19 Quem tiver coito com animal, será morto.

Êx 31:14 Portanto guardareis o sábado, porque santo é para vós outros; aquele que o profanar morrerá; pois qualquer

que nele fizer alguma obra será eliminado do meio do seu povo.

Êx 34:19 *Todo que abre a madre é meu, também de todo o teu gado, sendo macho, o que abre a madre de vacas e de ovelhas.*

Êx 34:20 *O jumento, porém, que abrir a madre, resgatá-lo-ás com cordeiro; mas, se o não resgatares, será desnucado. Remirás todos os primogênitos de teus filhos. **Ninguém aparecerá diante de mim de mãos vazias.***

Êx 34:26 *As primícias dos primeiros frutos da tua terra trarás à casa do SENHOR teu Deus. **Não cozerás o cabrito no leite de sua própria mãe.***

Lv 11:7-8 *Também **o porco**, porque tem unhas fendidas, e o casco dividido, mas não ruminam; este vos será imundo, **da sua carne não comereis, nem tocareis no seu cadáver**; estes vos serão imundos.*

Lv 11:21-22 *Mas de todo o inseto que voa, que anda sobre quatro pés, cujas pernas traseiras são mais compridas, para saltar com elas sobre a terra, estes comereis. Deles comereis estes: a locusta segundo a sua espécie, o gafanhoto devorador segundo a sua espécie, o grilo segundo a sua espécie, e o gafanhoto segundo a sua espécie.*

Lv 19:11 *Não furtareis, nem mentireis, nem usareis de falsidade cada um com o seu próximo;*

Lv 19:26 Não comereis cousa alguma com o sangue;

Lv 19:27 Não cortareis o cabelo em redondo, nem danificareis as extremidades da barba.

Lv 20:9 Se um homem amaldiçoar a seu pai ou a sua mãe, será morto;

Lv 20:10 Se um homem adulterar com a mulher do seu próximo, será morto o adúltero e a adúltera.

Lv 20:13 Se também um homem se deitar com outro homem, como se fosse mulher, ambos praticaram cousa abominável; serão mortos; o seu sangue cairá sobre eles.

Lv 20:18 Se um homem se deitar com a mulher no tempo da enfermidade dela, e lhe descobrir a nudez, descobrindo a sua fonte, e ela descobrira a fonte do seu sangue, ambos serão eliminados do meio do seu povo.

Lv 20:27 O homem ou mulher que sejam necromantes, ou sejam feiticeiros, serão mortos: serão apedrejados; o seu sangue cairá sobre eles.

Lv 21:9 Se a filha dum sacerdote se desonra, prostituindo-se, profana a seu pai: com fogo será queimada.

Lv 21:17-20 Fala a Arão, dizendo: Ninguém dos teus descendentes nas suas gerações, em quem houver algum defeito, se chegará para oferecer o pão do seu Deus Pois nenhum homem em quem houver defeito se chegará: como

homem cego, ou coxo, de rosto mutilado, ou desproporcionado, ou homem que tiver o pé quebrado, ou a mão quebrada, ou corcovado, ou anão, ou que tiver belida no olho, ou sarna, ou impigens, ou que tiver testículo quebrado.

Lv 26:7 Perseguireis os vossos inimigos, e cairão à espada diante de vós.

Dt 21:15-16 Se um homem tiver duas mulheres, uma a quem ama e outra a quem aborrece, e uma e outra lhe derem filhos, e o primogênito for da aborrecida, no dia em que fizer herdar a seus filhos aquilo que possuir, não poderá dar a primogenitura ao filho da amada, preferindo-o ao filho da aborrecida, que é o primogênito.

Dt 21:18-21 Se alguém tiver um filho contumaz e rebelde, que não obedece à voz de seu pai e à de sua mãe, e, ainda castigado, não lhes dá ouvidos, pegarão nele seu pai e sua mãe e o levarão aos anciãos da cidade, à sua porta, e lhes dirão: **Este nosso filho é rebelde e contumaz, não dá ouvidos à nossa voz: é dissoluto e beberrão. Então todos os homens da sua cidade o apedrejarão, até que morra; assim eliminarás o mal do meio de ti: todo o Israel ouvirá e temerá.**

Dt 22:10 Não lavrarás com junta de boi e jumento.

Dt 22:23-24 Se houver moça virgem, desposada, e um homem a achar na

cidade e se deitar com ela, então trareis ambos à porta daquela cidade, e os apedrejareis, até que morram; a moça, porquanto não gritou na cidade, e o homem, porque humilhou a mulher do seu próximo; assim eliminarás o mal do meio de ti.

Dt 23:1 Aquele a quem forem trilhados os testículos, ou cortado o membro viril, não entrará na assembleia do Senhor.

Dt 23:2 Nenhum bastardo entrará na assembleia do Senhor; nem ainda a sua décima geração entrará nela.

Dt 23:13 Dentre as tuas armas terás um pau; e quando te abaixares fora, cavarás com ele, e, volvendo-te, cobrirás o que defecaste.

Dt 25:5 Se irmãos morarem juntos, e um deles morrer, sem filhos, então a mulher do que morreu não se casará com outro estranho, fora da família; seu cunhado a tomará e a receberá por mulher, e exercerá para com ela a obrigação de cunhado.

Dt 25:11-12 Quando brigarem dois homens, um contra o outro, e a mulher de um chegar para livrar o marido da mão do que o fere, e ela estender a mão, e o pegar pelas suas vergonhas, cortar-lhe-ás a mão: não a olharás com piedade.

Mediante tantos exemplos, fica claro que muitas leis mosaicas já não são adotadas nos dias de hoje, já que com o progresso da humanidade, certamente tais leis já estão até sem nenhum

embasamento a fim de estarem vigorando. Agora, aplicar todas como leis divinas e imutáveis, não há base para se sustentar tal tese, apenas se pegarmos o convém, como fazem os opositores da comunicabilidade entre os dois planos em querer expor uma lei que supostamente condena a Doutrina Espírita, mas que vamos retornar a este assunto mais adiante.

Ademais, parafraseando a epístola aos hebreus:

*Portanto, por um lado, **se revoga a anterior ordenança, por causa de sua fraqueza e inutilidade** (pois a lei nunca aperfeiçoou coisa alguma) e, por outro lado, se introduz esperança superior, pela qual nos chegamos a Deus. E, visto que não é sem prestar juramento (porque aqueles, sem juramento, são feitos sacerdotes, mas este, com juramento, por aquele que lhe disse: O Senhor jurou e não se arrependerá; Tu és sacerdote para sempre); por isso mesmo **Jesus se tem tornado fiador de superior aliança.** (Hb 7, 18-19)*

Assim como:

*Agora, com efeito, obtive **Jesus ministério tanto mais excelente**, quanto é ele também **mediador de superior aliança** instituída com base em superiores promessas. **Porque, se aquela primeira aliança tivesse sido sem defeito, de maneira alguma estaria sendo buscado lugar para segunda.** E, de fato, repreendendo-os, diz: Eis aí vêm dias, diz o Senhor, e firmarei nova aliança com a casa de Israel e com a casa de Judá. **Quando ele diz Nova, torna antiquada a primeira.** Ora,*

aquilo que se torna antiquado e envelhecido, está prestes a desaparecer. (Hb, 8, 6-7 e 13).
(FERRARI, T. T. 2014, p.27-31)

Fim da citação

Ao que tudo indica, após a citação de nossa pesquisa sobre a lei civil e mutável de Moisés, ficará um tanto quanto difícil nos comprovar que esta lei é inspirada e imutável como os dez mandamentos. O que julgou Kardec de não Cristão e com a citação descontextualizada de Jesus, o adjetivo recai sobre aquele que julga. Passemos, portanto, para o próximo ponto.

b) Sabemos que a Bíblia registra vários milagres operados por Jesus, inclusive ressurreições: A ressurreição da filha de Jairo (Mc. 5:21-43), a ressurreição do filho da viúva de Naim (Lc. 7: 11-17) e a ressurreição de Lázaro (Jo. 11). Mas, segundo Allan Kardec, é impossível fazer um morto reviver e que, portanto, Jesus não ressuscitou ninguém. Kardec afirma que a filha de Jairo, o filho da viúva de Naim e Lázaro, não estavam mortos, mas apenas em letargia ou síncope; e que, portanto, eles foram curados, não ressuscitados (**A Gênese**. Federação Espírita Brasileira, 35ª edição, capítulo XV, páginas 331-334);

Após este segundo ponto, ao que tudo indica, o pastor crê no fato de que a morte existiu para os personagens da filha de Jairo, o filho da viúva de Naim e de Lázaro como sendo ocorridos de fato, o que ao estudarmos a codificação, sabemos que Kardec dá muito mais ênfase em seus escritos a moralidade de Jesus, colocando à margem os milagres de Jesus, mas que ao tratá-los, sempre coloca o Cristo como

cumpridor da lei divina e se em algum momento nos parece que Jesus derogava a lei natural, ao revolver a vida destes personagens, Kardec nos traz uma explicação científica para tais fatos, ao qual entendemos, que Jesus não poderia ter ido além do que o povo de sua época, dando a Doutrina Espírita, a capacidade de nos esclarecer tais temas, como citado pelo pastor e que reproduzimos:

39. Contrário seria às leis da natureza e, portanto, milagroso, o fato de voltar à vida corpórea um indivíduo que se achasse realmente morto. Ora, não há mister se recorra a essa ordem de fatos, para ter-se a explicação das ressurreições que Jesus operou.

Se, mesmo na atualidade, as aparências enganam por vezes os profissionais, quão mais frequentes não haviam de ser os acidentes daquela natureza, num país onde nenhuma precaução se tomava contra eles e onde o sepultamento era imediato.¹⁷¹ **É, pois, de todo ponto provável que, nos dois casos acima, apenas síncope ou letargia houvesse. O próprio Jesus declara positivamente, com relação à filha de Jairo: “Esta menina,” disse Ele, “não está morta, está apenas adormecida.”**

Dado o poder fluídico que Ele possuía, nada de espantoso há em que esse fluido vivificante, acionado por uma vontade forte, haja reanimado os sentidos em torpor; que haja mesmo feito voltar ao corpo o Espírito, prestes a abandoná-lo, uma vez que o laço perispírico ainda se não rompera definitivamente. Para os homens daquela época, que consideravam morto o indivíduo desde que deixara de respirar, havia ressurreição em casos tais; mas, o que na realidade havia era *cura* e não ressurreição, na acepção legítima do termo.

40. A ressurreição de Lázaro, digam o que disserem, de nenhum modo infirma este princípio. Ele estava, dizem, havia quatro dias no sepulcro; sabe-se, porém, que há letargias que duram oito dias e até mais. Acrescentam que já cheirava mal,

o que é sinal de decomposição.

Esta alegação também nada prova, dado que em certos indivíduos há decomposição parcial do corpo, mesmo antes da morte, havendo em tal caso cheiro de podridão. A morte só se verifica quando são atacados os órgãos essenciais à vida.

E quem podia saber que Lázaro já cheirava mal? Foi sua irmã Maria quem o disse. Mas como o sabia ela? Por haver já quatro dias que Lázaro fora enterrado, ela o supunha; nenhuma certeza, entretanto, podia ter. (Cap. XIV, item 29.)¹⁷²

171 Nota de Allan Kardec: Uma prova desse costume se nos depara nos Atos dos Apóstolos, 5:5 e seguintes.

“Ananias, tendo ouvido aquelas palavras, caiu e rendeu o Espírito e todos os que ouviram falar disso foram presas de grande temor. — Logo, alguns rapazes lhe vieram buscar o corpo e, tendo-o levado, o enterraram. — Passadas umas três horas, sua mulher (Safira), que nada sabia do que se dera, entrou. — E Pedro lhe disse... etc. — No mesmo instante, ela lhe caiu aos pés e rendeu o Espírito. Aqueles rapazes, voltando, a encontraram morta e, levando-a, enterraram-na junto do marido.”

172 Nota de Allan Kardec: O fato seguinte prova que a decomposição precede algumas vezes a morte.

No Convento do Bom Pastor, fundado em Toulon, pelo padre Marin, capelão dos cárceres, e destinado às decaídas que se arrependem, encontrava-se uma rapariga que suportara os mais terríveis sofrimentos com a calma e a impassibilidade de uma vítima expiatória. Em meio de suas dores parecia sorrir para uma visão celestial. Como Santa Teresa, pedia lhe fosse dado sofrer mais, embora suas carnes já se achassem em frangalhos, com a gangrena a lhe devastar todos os membros.

Por sábia previdência, os médicos tinham recomendado que fizessem a inumação do corpo, logo após o trespasse. Coisa singular! Mal a doente exalou o último suspiro, cessou todo o trabalho de decomposição; desapareceram as exalações cadaverosas, de sorte que durante 36 horas pôde o corpo ficar exposto às preces e à veneração da comunidade.

(KARDEC, A. 2019a, p.294-295) (grifo nosso)

Após a citação da obra **A Gênese**, mencionada pelo

pastor, entendemos que ficaria muito mais difícil ao pastor refutar o discurso de Kardec, pois como bem destacamos, Jesus, possuídos de uma força no seu fluido perispírico, tratou de fortalecer os laços espirituais dos personagens aparentemente mortos, trazendo-lhes à vida, aos olhos da multidão de sua época que enalteceram a Cristo acerca do milagre, ao qual a Doutrina Espírita mais judiciosamente julga serem casos de síncope, letargia ou catalepsia, pois bem sabemos que aos homens está ordenado morrerem uma só vez, tornando-se impossível ao filho da viúva de Naim, a filha de Jairo e Lázaro, uma segunda morte (Hb 9,27). Vamos, portanto, ao ponto seguinte:

c) Allan Kardec tentou provar ainda, que Jesus não transformou água em vinho, nem tampouco multiplicou pães e peixes (**A Gênese**. Federação Espírita Brasileira: 35ª edição, capítulo XV, páginas 337-342).

Acerca deste milagre da transformação da água em vinho nas bodas de Caná e multiplicação dos pães, na citada obra **A Gênese**, vamos à fonte e examiná-los: Vejamos:

Bodas de Caná

47. Este milagre, referido unicamente no Evangelho de João, é apresentado como o primeiro que Jesus operou e, nessas condições, deverá ter sido um dos mais notados. Entretanto, bem fraca impressão parece haver produzido, pois que nenhum outro evangelista dele trata. Fato tão extraordinário era para deixar espantados, no mais alto grau, os convivas e, sobretudo, o dono da casa, os quais, todavia, parece que não o perceberam.

Considerado em si mesmo, pouca importância tem o fato, em

comparação com os que, verdadeiramente, atestam as qualidades espirituais de Jesus. Admitido que as coisas hajam ocorrido, conforme foram narradas, é de notar-se seja esse, de tal gênero, o único fenômeno que se tenha produzido. Jesus era de natureza extremamente elevada, para se ater a efeitos puramente materiais, próprios apenas a aguçar a curiosidade da multidão que, então, o teria nivelado a um mágico. Ele sabia que as coisas úteis lhe conquistariam mais simpatias e lhe granjeariam mais adeptos, do que as que facilmente passariam por fruto de grande habilidade e destreza (Item 27).

Se bem que, a rigor, o fato se possa explicar, até certo ponto, por uma ação fluídica que houvesse, como o magnetismo oferece muitos exemplos, mudado as propriedades da água, dando-lhe o sabor do vinho, pouco provável é se tenha verificado semelhante hipótese, dado que, em tal caso, a água, tendo do vinho unicamente o sabor, houvera conservado a sua coloração, o que não deixaria de ser notado. **Mais racional é se reconheça aí uma daquelas parábolas tão frequentes nos ensinamentos de Jesus, como a do filho pródigo, a do festim de bodas, do mau rico, da figueira que secou e tantas outras que, todavia, se apresentam com caráter de fatos ocorridos.** Provavelmente, durante o repasto, terá Ele aludido ao vinho e à água, tirando de ambos um ensinamento. Justificam esta opinião as palavras que a respeito lhe dirige o mordomo: “Toda gente serve em primeiro lugar o vinho bom e, depois que todos o têm bebido muito, serve o menos fino; tu, porém, guardas até agora o bom vinho.”

Entre duas hipóteses, deve-se preferir a mais racional e os espíritas não são tão crédulos que por toda parte vejam manifestações, nem tão absolutos em suas opiniões, que pretendam explicar tudo por meio dos fluidos. (KARDEC, A. 2019a, p.299-300) (grifo nosso)

Neste primeiro milagre, Kardec deixa claro que não se passa apenas de uma parábola, dando ao leitor do Evangelho de João um caráter de citação não constante nos demais Evangelhos Sinóticos o devido registro de tamanha façanha o

que denota termos em mente que mais vale o ensinamento de Jesus ante a esta parábola, do que o miraculoso inexplicável para trazer mais fiéis pelo extraordinário, do que pelo ensino puramente moral. Vamos, portanto, ao próximo milagre da multiplicação dos pães.

Multiplicação dos pães

48. A multiplicação dos pães é um dos milagres que mais têm intrigado os comentadores e alimentado, ao mesmo tempo, as zombarias dos incrédulos. Sem se darem ao trabalho de lhe perscrutar o sentido alegórico, para estes últimos ele não passa de um conto pueril.

Entretanto, a maioria das pessoas sérias há visto na narrativa desse fato, embora sob forma diferente da ordinária, **uma parábola, em que se compara o alimento espiritual da alma ao alimento do corpo.**

Pode-se, todavia, perceber nela mais do que uma simples figura e admitir, de certo ponto de vista, a realidade de um fato material, sem que, para isso, seja preciso se recorra ao prodígio. É sabido que uma grande preocupação de espírito, bem como a atenção fortemente presa a uma coisa fazem esquecer a fome. Ora, os que acompanhavam a Jesus eram criaturas ávidas de ouvi-lo; nada há, pois, de espantar em que, fascinadas pela sua palavra e também, talvez, pela poderosa ação magnética que Ele exercia sobre os que o cercavam, elas não tenham experimentado a necessidade material de comer.

Prevendo esse resultado, Jesus nenhuma dificuldade teve para tranquilizar os discípulos, dizendo-lhes, na linguagem figurada que lhe era habitual e admitido que realmente houvessem trazido alguns pães, que estes bastariam para matar a fome à multidão. Simultaneamente, ministrava aos referidos discípulos um ensinamento, com o lhes dizer: “Dai-lhes vós mesmos de comer.” **Ensinava-lhes assim que também eles podiam alimentar por meio da palavra.**

Desse modo, a par do sentido moral alegórico, produziu-

se um efeito fisiológico, natural e muito conhecido. O prodígio, no caso, está no ascendente da palavra de Jesus, poderosa bastante para cativar a atenção de uma multidão imensa, ao ponto de fazê-la esquecer-se de comer. Esse poder moral comprova a superioridade de Jesus, muito mais do que o fato puramente material da multiplicação dos pães, que tem de ser considerada como alegoria. (KARDEC, A. 2019a, p.300) (grifo nosso)

Nesta segunda citação do pastor, ele alega que Jesus nega os milagres, mas ao observarmos a codificação, Kardec dá o entendimento de se tratar de uma parábola a multiplicação dos pães, bem como bem assinalamos a parábola das bodas de Caná, dando-os o verdadeiro sentido, retirando do maravilhoso e espetacular a inexistência de um ensino moral que não foi dado pelo pastor. Passemos, portanto, ao último ponto abordado pelo pastor a dizer que Kardec nega a Bíblia. Vejamos:

d) O prezado leitor por certo se lembra que no capítulo 1 deste livro fiz constar que Kardec criticou os escritos do apóstolo Paulo, tachando-os de “opiniões pessoais”. Ora, isso é, sim, refutar o apóstolo Paulo, bem como desdenhar a Bíblia e, em particular, o Novo Testamento, já que Paulo (o principal hagiógrafo neotestamentário) asseverou que suas epístolas eram “mandamentos do Senhor” (1Co.7:10; 14:37).

Atribuir ao legislador Moisés, em suas ordenanças, como sendo inspiradas por Deus e que ainda advogam para si o caráter de divinas e imutáveis, foi bastante ingênuo por parte do pastor, ao qual demonstramos e esperamos que ele possa refletir na evolução das leis civis e disciplinares dadas por Moisés e sua temporalidade. Que os leitores possam tirar

suas conclusões e verem se é Kardec, ou o pastor que possui um posicionamento mais lógico.

Apegar-se a alegorias e levá-las ao maravilhoso, sem ao menos um único sentido moral exemplificado por Jesus nos Evangelhos é por demais ingênuo, pois Jesus dava muito mais importância ao seu ensino e exemplo de vida à multidão e muito mais ainda aos seus apóstolos, que certamente detiveram um forte impacto em suas vidas que a mudaram para sempre. Agora, recorrer aos milagres apenas como a explicação do maravilhoso, é por demais superficial, o que deixa claro que Kardec buscou na Codificação Espírita trazer o seu real sentido. Que o pastor nos apresente uma tese melhor que a de Kardec.

O pastor ainda cita Paulo como que se tudo o que ele disse fosse fora de suas opiniões pessoais, o que julgamos muito mais prudente o posicionamento de Kardec em lhe atribuir, em suas epístolas, o caráter de opinião pessoal que é balizada com a coerência e bom senso doutrinário de Kardec, ao qual estamos com ele e não abrimos mão. Ademais, as citações tratam-se somente sobre a orientação de Paulo acerca do divórcio, alegando que não é prudente se separarem marido e mulher, bem como o dom de falar em línguas, o que não observamos nenhum problema destes conselhos de Paulo, apesar de opiniões pessoais. Vamos agora ao próximo ponto abordado pelo pastor.

2.1.2. A Federação Espírita Brasileira Nega a Bíblia

Neste tópico, esperamos ver a citação da Federação

Espírita Brasileira, conhecida pela sigla FEB, em alguma nota oficial, ou periódico em negar a Bíblia, o que denota que o pastor cita a obra **O Céu e o Inferno**, mas não cita uma declaração da FEB diretamente que é contrária a Bíblia, e dessa forma nós espíritas somos taxados pelo pastor de incoerentes, mas salientamos mais uma vez que o adjetivo pejorativo recai sobre aquele que julga. O que sabemos é que somos completamente contrários aos dogmas que foram se consolidando através dos séculos, mas vamos, neste momento, nos ater ao que o pastor diz na citada obra. Vejamos:

No livro intitulado **O Céu e o Inferno**, 38ª edição, supracitado, página 122, numa nota de rodapé, o fato de Moisés registrar que Deus se arrependeu de haver criado o homem, é visto como uma monstruosidade. Senão, vejamos: “Esta doutrina monstruosa é corroborada por Moisés...”.

Os exemplos acima e outros mais que eu não exibo aqui, provam cabalmente que o Kardecismo não vê a Bíblia como a pura, santa, perfeita e infalível Palavra de Deus. E, deste modo, está claro que essa instituição não é cristã, assim como eu não sou muçulmano. Mas, como Allan Kardec e seus discípulos teimam em dizer que são cristãos, aqui está, pois, uma demonstração de incoerência.

A citada frase da suposta nota da editora FEB se encontra no capítulo IX da primeira parte que trata do tema **Os demônios segundo a Igreja**, da obra já citada **O Céu e o Inferno** que vamos trazer à tona o seu teor e averiguar onde se encontra a incoerência. Vejamos:

9. Esta doutrina suscita várias objeções:

1a) Se Satã e os demônios eram anjos, eles eram perfeitos; como, sendo perfeitos, puderam falir a ponto de desconhecer a autoridade desse Deus, em cuja presença se encontravam? Ainda se tivessem logrado uma tal eminência gradualmente, depois de haver percorrido a escala da perfeição, poderíamos conceber um triste retrocesso; não, porém, do modo por que no-os apresentam, isto é, perfeitos de origem.

A conclusão é esta: Deus quis criar seres perfeitos, porquanto os favorecera com todos os dons, mas enganou-se: logo, segundo a Igreja, Deus não é infalível!⁵¹

51 Nota de Allan Kardec: Esta doutrina monstruosa é corroborada por Moisés, quando diz (Gênesis, 6:6 e 7): “Ele se arrependeu de haver criado o homem na Terra e, penetrado da mais íntima dor, disse:

— Exterminarei a Criação da face da Terra; exterminarei tudo, desde o homem aos animais, desde os que rastejam sobre a terra até os pássaros do céu, porque *me arrependo* de os ter criado.” Ora, um Deus que se arrepende do que fez não é perfeito nem infalível; portanto, não é Deus. E são estas as palavras que a Igreja proclama! Tampouco se percebe o que poderia haver de comum entre os animais e a perversidade dos homens, para que merecessem tal extermínio.

(KARDEC, A. 2019c, p.110-111) (grifo nosso)

Fomos cirúrgicos nesta citação do pastor, sabendo que o tópico trata dos demônios, segundo a Igreja, para expor a incoerência de seus argumentos e citações desconexas da Codificação e suposta alegação de uma nota da editora FEB, o que compreendemos que se trata de uma nota de Allan Kardec, em destaque, onde foi retirada a frase pelo pastor, também em destaque. Que o adjetivo de incoerente recaia sobre aquele que julga. Entretanto, o pastor não para por aí, e conclui:

Muitos pensam que as divergências que há entre evangélicos e Kardecistas, apenas giram em torno das interpretações que cada um desses segmentos, de per si, tem da Bíblia. Pensam que ambos a reconhecemos como a Palavra de Deus, embora a vejamos de ângulos diferentes. Mas acabei de provar que as coisas não são bem assim, e que isto prova que o Kardecismo não é Cristianismo, e sim, um sistema incoerente; não merecendo, pois, nossa credibilidade.

Quanto ao arrependimento de Deus, não há nisso nenhum absurdo, já que o Eterno sempre se serviu de termos humanos para se fazer entender pelos mortais.

Parece-nos que o pastor colocou em descrédito a Doutrina Espírita, devido a negação da Bíblia, mas que ficou claro é que Kardec questionava a mesma e quando desprovia de lógica uma determinada passagem, como essa no trato com os demônios segundo a Igreja, reportando-se a uma nota de autoria também de Kardec e não da FEB, de que Deus não poderia se arrepender, pois perderia dois de seus atributos que são a perfeição e imutabilidade tornando-O um ser falível, o que fizemos questão, inclusive, de destacar a fala do pastor de que não há problema em **seu deus voltar atrás e se arrepender de ter feito o homem**. Como já bem o dissemos, que a incoerência recaia sobre àquele que julga. Passemos ao ponto seguinte.

2.2. Kardec Finge Crer na Bíblia

Neste tópico, o pastor coloca dois pontos, asseverando que Kardec finge crer na Bíblia e justifica seu fingimento, dando ao codificador características de um falsário que ilude seus adeptos para impor a sua perspectiva de vida. Vamos analisar tais pontos.

a) Fingindo crer

Vamos ver o que o pastor tem a dizer sobre uma possível hipocrisia da parte de Kardec acerca do trato com o Cristianismo. Vejamos o que ele diz:

Por que muitos pensam que os kardecistas também creem na Bíblia? A resposta é: Para que o dito fique pelo não dito, Allan Kardec às vezes fingia que também tinha grande apreço pela Bíblia; e que, portanto, se identificava conosco, comungando das mesmas crenças nossas. E, assim, propositalmente ensina aos Kardecistas a forjarem a mesma ambiguidade para, deste modo, não espantarem a presa. Senão, vejamos:

Segundo o pastor, Kardec dá a entender que em certos momentos crê na Bíblia e comunga com o Cristianismo. O que já identificamos é que Kardec quando enxerga no Cristianismo uma moralidade, ele evidencia, mas quando a Bíblia traz informações ultrapassadas e que com o tempo se transformaram em dogmas pelos concílios, é aí que Kardec questiona. Fica bem claro que o pensamento dele era de que quanto a moral cristã, não há divergências, mas no trato aos milagres e predições é que jazem inúmeras interpretações. Contudo, vamos ver as citações do pastor em Ihe respaldar suas convicções:

• “O Cristianismo e o Espiritismo ensinam a mesma coisa” (**O Evangelho Segundo o Espiritismo**, supracitado, página 47);

Vamos analisar o contexto desta frase do pastor e averiguar a mensagem que encontramos logo na introdução da

obra **O Evangelho Segundo o Espiritismo**. Vejamos:

A palavra *daimon*, da qual fizeram o termo demônio, não era, na Antiguidade, tomada à má parte, como nos tempos modernos. Não designava exclusivamente seres malfazejos, mas todos os Espíritos, em geral, dentre os quais se destacavam os Espíritos superiores, chamados *deuses*, e os menos elevados, ou demônios propriamente ditos, que comunicavam diretamente com os homens. Também o Espiritismo diz que os Espíritos povoam o Espaço; que Deus só se comunica com os homens por intermédio dos Espíritos puros, que são os incumbidos de lhes transmitir as vontades; que os Espíritos se comunicam com eles durante a vigília e durante o sono.

Ponde, em lugar da palavra *demônio*, a palavra *Espírito* e tereis a Doutrina Espírita; ponde a palavra *anjo* e tereis a doutrina cristã.

VII. A preocupação constante do filósofo (*tal como o compreendiam Sócrates e Platão*) é a de tomar o maior cuidado com a alma, menos pelo que respeita a esta vida, que não dura mais que um instante, do que tendo em vista a eternidade. Desde que a alma é imortal, não será prudente viver visando à eternidade?

O Cristianismo e o Espiritismo ensinam a mesma coisa.
(KARDEC, A. 2019d, p. 35) (grifo nosso)

A conceituação na frase destacada por nós e citada pelo pastor é a de que dentro da concepção do *daimon*, palavra grega que empregava um significado polissêmico, tanto para o bem, quanto para o mal, na cultura grega, ao deslocarmos tais conceitos para a Doutrina Espírita, vertendo-o para *Espírito*, e o Cristianismo como *anjo*, teremos as duas filosofias ensinando a mesma coisa. Ficaria um pouco incoerente transmitir outro entendimento, senão o aplicado por Kardec. Se o pastor expusesse o contexto, não teria o que criticar, mas aprender, a

menos que não tenha estudado a codificação e pegou uma frase isolada fora do contexto. Vamos ver agora seu próximo ponto:

• “Todos os evangelistas narram as aparições de Jesus, após sua morte, com circunstanciados pormenores que não permitem se duvide da realidade do fato” (**A Gênese**. Federação Espírita Brasileira: capítulo XV, nº 61, página 349);

No trato dos milagres relatados nos Evangelhos e trazidos uma pequena frase de Kardec, vamos novamente ao contexto para atestarmos qual o pensamento de Kardec e verificar se o pastor foi condizente em sua citação da obra **A Gênese**, no capítulo XV que trata de **Os Milagres do Evangelho**:

61. Todos os evangelistas narram as aparições de Jesus, após sua morte, com circunstanciados pormenores que não permitem se duvide da realidade do fato. Elas, aliás, se explicam perfeitamente pelas leis fluídicas e pelas propriedades do perispírito e nada de anômalo apresentam em face dos fenômenos do mesmo gênero, cuja história, antiga e contemporânea, oferece numerosos exemplos, sem lhes faltar sequer a tangibilidade. Se notarmos as circunstâncias em que se deram as suas diversas aparições, nele reconheceremos, em tais ocasiões, todos os caracteres de um ser fluídico. Aparece inopinadamente e do mesmo modo desaparece; uns o veem, outros não, sob aparências que não o tornam reconhecível nem sequer aos seus discípulos; mostra-se em recintos fechados, onde um corpo carnal não poderia penetrar; sua própria linguagem carece da vivacidade da de um ser corpóreo; fala em tom breve e sentencioso, peculiar aos Espíritos que se manifestam daquela maneira; todas as suas atitudes, numa palavra, denotam alguma coisa que não é do mundo terreno. Sua

presença causa simultaneamente surpresa e medo; ao vê-lo, seus discípulos não lhe falam com a mesma liberdade de antes; sentem que já não é um homem.

Jesus, portanto, se mostrou com o seu corpo perispirítico, o que explica que só tenha sido visto pelos que Ele quis que o vissem. Se estivesse com o seu corpo carnal, todos o veriam, como quando estava vivo.

Ignorando a causa originária do fenômeno das aparições, seus discípulos não se apercebiam dessas particularidades, a que, provavelmente, não davam atenção. Desde que viam o Senhor e o tocavam, haviam de achar que aquele era o seu corpo ressuscitado. (Cap. XIV, itens 14 e 35 a 38.) (KARDEC, A. 2019a, p.308-309) (grifo nosso)

Dentro desta narrativa encontrada na obra citada e constante ao item 61, identificamos que Jesus, após a ressurreição apresentava seu corpo fluídico e que para os apóstolos se tratava de seu corpo glorificado dentro da narrativa dos Evangelhos, o que dentro do conceito da Doutrina Espírita e o Cristianismo se trata do mesmo fenômeno, mas com nomenclaturas diferentes. Com isso, vamos ao ponto seguinte.

• “... tudo o que está predito no evangelho tem de cumprir-se ...” (**Obras Póstumas**, Federação Espírita Brasileira, 26ª edição, página 321);

Esta citação do pastor se encontra dentro da Segunda Parte de **Obras Póstumas**, mensagem sob o título de **Regeneração da Humanidade**, recebida a 25 de abril de 1866 pela mediunidade das Sras. M... e T... em estado sonambúlico, tratando-se de um resumo muito extenso, ao qual abordaremos somente a primeira parte ao qual se atribuiu

o pastor. Vejamos:

Regeneração da Humanidade²³

Precipitam-se com rapidez os acontecimentos, pelo que já não vos dizemos, como outrora: “Aproximam-se os tempos”. Agora, dizemos: “Os tempos são chegados”.

Não suponhais que as nossas palavras se referem a um novo dilúvio, nem a um cataclismo, nem a um revolvimento geral. Revoluções parciais do globo se hão produzido em todas as épocas e ainda se produzem, porque decorrem da sua constituição, mas não representam os sinais dos tempos.

Entretanto, **tudo o que está predito no Evangelho tem de cumprir-se** e neste momento se cumpre, conforme o reconheceréis mais tarde. Não tomeis, porém, os sinais anunciados, senão como figuras, que precisam ser compreendidas segundo o espírito, e não segundo a letra. Todas as *escrituras* encerram grandes verdades sob o véu da alegoria e, por se terem apegado à letra, é que os comentadores se transviaram. Faltou-lhes a chave para lhes compreenderem o verdadeiro sentido. Essa chave está nas descobertas da Ciência e nas leis do Mundo Invisível, que o Espiritismo vem revelar.

Daqui em diante, com o auxílio desses novos conhecimentos, o que era obscuro se tornará claro e inteligível.

Tudo segue a ordem natural das coisas e as Leis imutáveis de Deus não serão subvertidas. Não vereis milagres, nem prodígios, nem fatos sobrenaturais, no sentido vulgarmente dado a essas palavras.

Não olheis para o céu em busca dos sinais precursores, porquanto nenhum vereis, e os que vo-los anunciarem estarão a enganar-vos. Olhai em torno de vós, entre os homens: aí é que os descobrireis.

Não sentis que um como vento sopra sobre a Terra e agita todos os Espíritos? O mundo se acha na expectativa e como que presa de um vago pressentimento de que a tempestade se aproxima.

Não acrediteis, porém, no fim do mundo material. A Terra tem progredido, desde a sua transformação; tem ainda que

progredir e não que ser Extratos, *in extenso*, do livro das *Previsões concernentes ao espiritismo* destruída. A Humanidade, entretanto, chegou a um dos períodos de sua transformação e o mundo terreno vai elevar-se na hierarquia dos mundos.

23 N.E.: Ver Nota explicativa, p. 335.

(KARDEC, A. 2019b, p.272-273) (grifo nosso)

Esta primeira parte ao qual citamos trata justamente do período de regeneração ao qual se aproxima o planeta Terra e o progresso de seus habitantes, constante nos Evangelhos, em inúmeras passagens (Mt 19,28) e que agora vem a lume. Como bem frisou o espírito, não identificado, e que o pastor pensou ser de Kardec a mensagem, por sua incoerência, mais pelo desconhecimento, do que por leviandade, nos outorgou tal espírito que muitos cristãos se prendem à letra, e a Doutrina Espírita vem dar o sentido alegórico das passagens dos Evangelhos, quanto a transitoriedade ao qual nosso orbe passa, sendo a chave interpretativa e necessária ao nosso entendimento das predições de Jesus. Após constatarmos mais uma incoerência do pastor, por negligenciar neste quesito do autor da mensagem, passemos, portanto, adiante em seu último ponto deste tópico.

• Citando Jo. 16: 7-14, onde Jesus nos promete outro Consolador, Allan Kardec disse: “Esta predição, não há contestar, é uma das mais importantes, do ponto de vista religioso, porquanto comprova, sem a possibilidade do menor equívoco, que Jesus...” (**A Gênese**, supracitado, capítulo XVII, página 386, nº 37);

Sobre este quesito do Consolador Prometido, desenvolveremos mais adiante, mas dentro desta citação da obra **A Gênese**, no capítulo XVII, intitulado **Predições do Evangelho** no trato ao tema **Anunciação do Consolador**, encontramos o item 37. Vejamos:

37. Esta predição, não há contestar, é uma das mais importantes, do ponto de vista religioso, porquanto comprova, sem a possibilidade do menor equívoco, que Jesus não disse tudo o que tinha a dizer, pela razão de que não o teriam compreendido nem mesmo seus apóstolos, visto que a eles é que o Mestre se dirigia. Se lhes houvesse dado instruções secretas, os Evangelhos fariam referência a tais instruções. Ora, desde que Ele não disse tudo a seus apóstolos, os sucessores destes não terão podido saber mais do que eles, com relação ao que foi dito; ter-se-ão possivelmente enganado, quanto ao sentido das palavras do Senhor, ou dado interpretação falsa aos seus pensamentos, muitas vezes velados sob a forma parabólica.

As religiões que se fundaram no Evangelho não podem, pois, dizer-se possuidoras de toda a verdade, porquanto Ele, Jesus, reservou para si a completação ulterior de seus ensinamentos. O princípio da imutabilidade, em que elas se firmam, constitui um desmentido às próprias palavras do Cristo.

Sob o nome de *Consolador* e de *Espírito de Verdade*, Jesus anunciou a vinda daquele que *havia de ensinar todas as coisas* e de *lembrar* o que Ele dissera. Logo, não estava completo o seu ensino. E, ao demais, prevê não só que ficaria esquecido, como também que seria desvirtuado o que por Ele fora dito, visto que o Espírito de Verdade viria tudo lembrar e, de combinação com Elias, *restabelecer todas as coisas*, isto é, pô-las de acordo com o verdadeiro pensamento de seus ensinamentos. (KARDEC, A. 2019a, p. 341-342) (grifo nosso)

A parte que fiz questão de destacar é a mesma citada

pelo pastor, mas a frase final suprimida por ele e que sublinhei, é muito importante, pois acerca do Consolador, Jesus o prometeu, é fato, mas sobre Jesus não ter dito tudo o que deveria dizer, nos traz o entendimento que era preciso um avanço da compreensão dos apóstolos e nosso, para compreender certas verdades, o que mais judiciosamente a Doutrina Espírita nos revela. Sabemos que ao citar esta paste ignorada pelo pastor, o colocaria numa situação desconfortável e que trouxemos a público, a fim de exarar nosso pensamento e evidenciar a negligência e incoerência do pastor. Passemos, portanto, ao próximo ponto desenvolvido pelo pastor, que dará a Kardec o título de hipócrita.

b) Justificando o fingimento

Assim abre o pastor em sua tentativa de impor a hipocrisia de Kardec como justificativa do fingimento, com a referida citação abaixo. Vejamos:

• “... Se alguém tem uma convicção bem firmada sobre uma doutrina, ainda que falsa, necessário é lhe tiremos essa convicção, mas pouco a pouco. **Por isso é que muitas vezes nos servimos de seus termos e aparentamos abundar nas suas ideias:** é para que não fique de súbito ofuscado e não deixe de se instruir conosco. “Aliás, não é de bom aviso atacar bruscamente os preconceitos...”. (**O Livro dos Médiuns**. Federação Espírita Brasileira: 58ª edição, capítulo XXVII, número 301, página 392. Grifo meu). Espertinho, não? Até parece que os fins realmente justificam os meios.

Esta citação está contida no capítulo XXVII da obra **O Livro dos Médiuns**, que se intitula de **Das contradições e mistificações** e abrindo tal assertiva, trata-se exclusivamente

Das contradições na parte inicial do capítulo. Vamos ao teor do trecho pinçado pelo pastor, com arroubo de que houvera encontrado o fingimento de Kardec. Vejamos:

301. Eis as respostas que os Espíritos deram a perguntas feitas acerca das contradições:

1a Comunicando-se em dois centros diferentes, pode um Espírito dar-lhes, sobre o mesmo ponto, respostas contraditórias?

“Se nos dois centros as opiniões e as ideias diferirem, as respostas poderão chegar-lhes desfiguradas, por se acharem eles sob a influência de diferentes colunas de Espíritos. Então, não é a resposta que é contraditória, mas a maneira por que é dada.”

2a Concebe-se que uma resposta possa ser alterada, mas, quando as qualidades do médium excluem toda ideia de má influência, como se explica que Espíritos Superiores usem de linguagens diferentes e contraditórias sobre o mesmo assunto, para com pessoas perfeitamente sérias?

“Os Espíritos realmente superiores jamais se contradizem e a linguagem de que usam é sempre a mesma, *com as mesmas pessoas*. Pode, entretanto, diferir, de acordo com as pessoas e os lugares. Cumpre, porém, se atenda a que a contradição, às vezes, é apenas aparente; está mais nas palavras do que nas ideias; porquanto, quem reflita verificará que a ideia fundamental é a mesma. Acresce que o mesmo Espírito pode responder diversamente sobre a mesma questão, segundo o grau de adiantamento dos que o evocam, pois nem sempre convém que todos recebam a mesma resposta, por não estarem todos igualmente adiantados. É exatamente como se uma criança e um sábio te fizessem a mesma pergunta. Decerto, responderíeis a uma e a outro de modo que te compreendessem e ficassem satisfeitos. As respostas, nesse caso, embora diferentes, seriam fundamentalmente idênticas.”

3a Com que fim Espíritos sérios, junto de certas pessoas, parecem aceitar ideias e preconceitos que combatem junto de outras?

“Cumpre nos façamos compreensíveis. Se alguém tem uma convicção bem firmada sobre uma doutrina, ainda que falsa, necessário é lhe tiremos essa convicção, mas pouco a pouco. Por isso é que muitas vezes nos servimos de seus termos e aparentamos abundar nas suas ideias: é para que não fique de súbito ofuscado e não deixe de se instruir conosco.

“Aliás, não é de bom aviso atacar bruscamente os preconceitos. Esse é o melhor meio de não se ser ouvido. Por essa razão é que os Espíritos muitas vezes falam no sentido da opinião dos que os ouvem: é para os trazer pouco a pouco à verdade. Apropriam sua linguagem às pessoas, como tu mesmo farás, se fores um orador mais ou menos hábil. Daí o não falarem a um chinês, ou a um muçulmano, como falarão a um francês, ou a um cristão. É que têm a certeza de que seriam repelidos.

“Não se deve tomar como contradição o que muitas vezes não é senão parte da elaboração da verdade. Todos os Espíritos têm a sua tarefa designada por Deus. Desempenham-na dentro das condições que julgam convenientes ao bem dos que lhes recebem as comunicações.” (KARDEC, A. 2019f, p. 335-336) (grifo nosso)

O item 301 citado pelo pastor, nos parece que ele copiou de algum lugar e não examinou o contexto, pois a parte que ele destacou não é um pensamento de Kardec, mas a resposta dos espíritos à terceira pergunta de uma série de dez perguntas, ao qual o Espírito de Verdade assina as últimas. Uma incoerência descabida, pois o contexto não está afirmando que Kardec se imiscuía de conceitos cristãos para perpassar um ensinamento da Doutrina Espírita, mas justamente se instruindo de como lidar com a ambiguidade de respostas em dois centros diferentes, sendo este provindo da Doutrina. Não se satisfazendo com esta inocência, comenta a seguir:

Lembre-se, neste livro não discuto se a Bíblia é ou não verdadeira, tampouco considero se o Cristianismo é ou não a religião certa. O que estou dizendo, é que o Kardecismo se revela incoerente quando tenta provar que é cristão. Aliás, não só incoerente, mas também hipócrita; o que se pode deduzir facilmente das transcrições supra. Sim, pois como vimos acima, Allan Kardec disse que acreditava e que não há como se duvidar do que está escrito em Jo. 16: 7-14. Veja o leitor, que confusão dos Infernos: negam a Bíblia, afirmando concomitantemente que são cristãos, o que é uma incoerência; e, como se essa babel não bastasse, citam um texto bíblico e observam que o mesmo é incontestável. Não há como dormir com um barulho desses. Afinal, a Bíblia é ou não é confiável? E, como vimos, essa barafunda tem alvo bem definido: fazer com que o dito fique pelo não dito para, deste modo, não espantar a presa. É bonito isso?

Sobre a citação de Kardec quanto a citação evangélica de Jo 16,7-14 nós esclarecemos acerca do Consolador Prometido no tópico anterior e o que demonstramos na citação da obra **O Livro dos Médiuns** pelo pastor, percebemos a inocência de atribuir uma fala de Kardec, enquanto provamos ser uma resposta dos espíritos. Depois é Espiritismo que é incoerente. Passemos ao ponto seguinte:

Perguntei aos kardecistas no parágrafo anterior: “A Bíblia é ou não é confiável?” A resposta honesta é: Allan Kardec não acreditava na Bíblia, mas quando algum versículo parecia favorecê-lo, então ele lançava mão do mesmo e construía sobre essa “base” mais uma cidadela, sob a alegação de que estava respaldado pela inquestionável Palavra de Deus exarada na Bíblia. Ele tinha jogo de cintura. E é desse molejo kardequiano que o Diabo se serve para fazer suas vítimas em todo o mundo.

Como bem observamos, as citações de Kardec acerca

das Escrituras eram pautadas no bom senso e quando certos ensinamentos causavam discordância com outros, utiliza-se da razão para ponderar o que era justo e eficaz, quando outras passagens careciam de moralidade e embasamento, as rejeitava, usando, inclusive, uma recomendação de Paulo de examinar tudo e reter o bem (1 Ts 5,21). Outra incoerência do pastor no trato com o Espiritismo, é atribuir tais revelações ao Diabo como que para seduzir aos incautos, o que identificamos que como pode o próprio diabo inspirar o amor ao próximo, a prática da indulgência para com as faltas alheias, o perdão das ofensas e ainda fazer tudo o que gostaríamos que nos fizessem? Estaria o pobre-diabo trabalhando contra si mesmo? Jesus, em sua época já era tachado de filho de Belzebu pelos fariseus e sacerdotes de seu tempo e asseverou que um reino dividido em si não subsiste (Mt 12,25), o que não seria diferente no trato de certos líderes religiosos acerca da Doutrina Espírita. Que os leitores tirem suas próprias conclusões e identifiquem as incoerências. Mas o pastor insiste, dizendo:

Que o fato de o Kardecismo negar a Bíblia, prova que essa seita não é cristã, até alguns kardecistas sinceros o admitem. Veja o que diz um honesto livro espírita: “Nem a Bíblia prova coisa nenhuma, nem temos a Bíblia como probante. O Espiritismo **não é** um ramo do **Cristianismo** como as demais seitas chamadas cristãs. Não assenta os seus princípios nas Escrituras. Não rodopia junto à Bíblia... Mas a nossa base é o ensino dos espíritos, daí o nome Espiritismo” (**À Margem do Espiritismo**, página 214, citado em “**Análise do Espiritismo Kardecista**” [Apostila], de autoria do Pastor Natanael Rinaldi, pesquisador do ICP – Instituto Cristão de Pesquisas, página 34. Grifo meu). A bem da verdade, o próprio Allan Kardec

reconheceu que a seita por ele fundada não é cristã.

Doutro modo ele não diria que “O Cristianismo e o Espiritismo ensinam a mesma coisa” (Grifo meu). A presença da conjunção aditiva “e”, entre os vocábulos Cristianismo e Espiritismo, demonstra que ele sabia que sua “religião” não é cristã. Ele caiu na esparrela que ele mesmo confeccionou.

Este argumento de Carlos Imbassay é tão utilizado no trato do Espiritismo com a Bíblia que se repete *ad infinitum* nos textos que temos respondido usualmente, ao qual vamos reproduzir um pensamento que temos a respeito desta citação do pastor. Vejamos no artigo: ***Onde se encontram as falácias nas propagandas anti-espíritas***, de minha própria autoria, na página 6. Vejamos:

[...] como se a opinião dele fosse das dos demais espíritas, que por sinal são livres em seu pensamento e ideias, mas este mesmo autor afirma que a Doutrina Espírita se baseia nos ensinamentos dos espíritos, o que em parte é a verdade. Os ensinamentos dos espíritos nos esclarecem muitos dos fenômenos contidos nas Escrituras, o que universaliza o real entendimento, retirando todo o dogma que no cristianismo foi inserido ao longo dos séculos. (FERRARI, T. T. 2013, p. 6)

Outro ponto abordado pelo pastor é como se o Cristianismo e Espiritismo são discordantes em seus ensinamentos e Kardec não considerava o Espiritismo como uma ramificação do Cristianismo, o que concordamos, pois, a Doutrina Espírita não coaduna com os dogmas que foram construídos ao longo dos séculos e disseminaram mais a incredulidade e o materialismo, facultando ao Espiritismo reerguer o edifício da moral cristã, perdida no tempo. É justamente neste conceito

moral que o Cristianismo e o Espiritismo convergem e justamente empreende todo o trabalho da codificação espírita, dar aos seus adeptos e simpatizantes um roteiro moral de como proceder na sociedade, dar ainda o entendimento das leis divinas e nosso papel ante o entendimento e prática delas, outorgando-nos a compreensão da vida futura, imprimindo em nosso espírito as recompensas e gozos futuros, explicitando-nos a lei de causa e efeito, inerentes à nossa prática diária.

Bem, penso que deixei claro que Kardec dizia com um canto da boca que acreditava na Bíblia, e com o outro canto da mesma boca dizia que não a reconhecia como confiável, e que isso prova que ele era hipócrita e incoerente. Realmente, já que acerca da Bíblia, Kardec “jogava” nos dois clubes (isto é, ele se dizia crente na Bíblia, como também afirmava que nela ele não cria), das duas uma: Ou ele não cria na Bíblia, mas às vezes fingia crer; ou ele cria na Bíblia, mas às vezes fingia não crer. E, agir assim é, indiscutivelmente, ser hipócrita e incoerente.

Encerrando este capítulo, o pastor conclui que Kardec era hipócrita e incoerente no trato com a Bíblia, o que demonstramos à sociedade, o real valor moral que Kardec aplicava às suas interpretações acerca das Escrituras, coordenando as mensagens dos espíritos no encadeamento de ideias condizentes com o bom senso e recomendação que o próprio apóstolo Paulo diz que devemos **“examinar tudo e reter o bom”**. (1 Ts 5,21). Que o julgamento do pastor recaia sobre àqueles que se julgam paladinos da verdade, ao qual atribuímos somente ao Criador a verdade absoluta, pois apenas conhecemos em parte o que o Pai detém no todo. Nós

expressimos a verdade dos fatos e colocamos as incoerências do pastor em evidência, atribuindo o julgamento aos leitores de nossa defesa.

2.3. Terceira Revelação?!

Neste item, o pastor vai tentar demonstrar que não há terceira revelação culminada no ensino dos Espíritos e codificada por Allan Kardec. O pastor ainda vai desqualificar os Testemunhas e Jeová, os Adventistas, os Católicos, os Maçons e os Ateus que ele defendeu logo acima e que refutamos, ao que não entraremos nesta seara, pois o pastor não foca na passagem que Jesus promete outro Consolador e a impossibilidade de os apóstolos receberem o aprofundamento de um ensino que eles não estavam preparados. No entanto, justifica-se o pastor que estas correntes religiosas são atrasadas e que somente o protestantismo professado pelo Pastor é a única vertente que exprime a verdade. Portanto, suprimiremos as críticas que o pastor faz a estas agremiações e focar nos argumentos que tenta desqualificar a Doutrina Espírita. Inicia assim o pastor:

É oportuno registrar que Allan Kardec alegou que o Antigo Testamento é a primeira revelação; o Novo Testamento, a segunda; e o Espiritismo codificado por ele, a terceira. Esta teria sido prevista por Jesus em João 16:12-13, bem como pelo autor dos Atos dos Apóstolos. Veja a prova: “Jesus promete outro consolador: o Espírito de Verdade, que o mundo ainda não conhece, **por não estar maduro para o compreender**, consolador que o Pai enviará para ensinar todas as coisas e para lembrar o que o Cristo há dito. Se, portanto, o Espírito de Verdade tinha de vir mais tarde ensinar todas as coisas, é que o Cristo não dissera tudo; se ele vem

relembrar o que o Cristo disse, é que o que este disse foi esquecido ou mal compreendido... O Espiritismo vem, na época predita, cumprir a promessa do Cristo.

A **primeira revelação** teve a sua personificação em Moisés, a **segunda** no Cristo, a **terceira** não a tem em indivíduo algum. As duas primeiras foram individuais, a terceira coletiva; aí está um caráter essencial de grande importância. Ela é coletiva no sentido de não ser feita ou dada como privilégio a pessoa alguma; ninguém, por consequência, pode inculcar-se como seu profeta exclusivo; foi espalhada simultaneamente, por sobre a Terra, a milhões de pessoas, de todas as idades e condições, desde a mais baixa até a mais alta da escala, conforme esta predição registrada pelo autor dos Atos dos Apóstolos: 'Nos últimos tempos, disse o Senhor, derramarei o meu espírito sobre toda a carne; os vossos filhos e filhas profetizarão, os mancebos terão visões, e os velhos, sonhos'. (Atos, cap. II, vv. 17, 18.)" (**O Evangelho Segundo o Espiritismo**, Federação Espírita Brasileira: capítulo VI, nº 4, página 128. Grifo meu).

Por oportuno julgamos citar todo o trecho do item 4 do capítulo VI da obra ***O Evangelho Segundo o Espiritismo***, citada em parte pelo pastor. Vejamos a citação do item 4 por completo:

Consolador Prometido

3. Se me amais, guardai os meus mandamentos; e Eu rogarei a meu Pai e Ele vos enviará outro Consolador, a fim de que fique eternamente convosco: *O Espírito de Verdade*, que o mundo não pode receber, porque o não vê e absolutamente o não conhece. Mas quanto a vós, conhecê-lo-eis, porque ficará convosco e estará em vós. Porém, o Consolador, que é o Santo Espírito, que meu Pai enviará em meu nome, vos ensinará todas as coisas e vos fará recordar tudo o que vos tenho dito. (João, 14:15 a 17 e 26.)

4. Jesus promete outro consolador: o *Espírito de Verdade*, que o mundo ainda não conhece, por não estar

maduro para o compreender, consolador que o Pai enviará para ensinar todas as coisas e para lembrar o que o Cristo há dito. Se, portanto, o Espírito de Verdade tinha de vir mais tarde ensinar todas as coisas, é que o Cristo não dissera tudo; se ele vem lembrar o que o Cristo disse, é que o que este disse foi esquecido ou mal compreendido.

O Espiritismo vem, na época predita, cumprir a promessa do Cristo: preside ao seu advento o Espírito de Verdade. Ele chama os homens à observância da lei; ensina todas as coisas fazendo compreender o que Jesus só disse por parábolas. Advertiu o Cristo: “Ouçam os que têm ouvidos para ouvir.” O Espiritismo vem abrir os olhos e os ouvidos, porquanto fala sem figuras, nem alegorias; levanta o véu intencionalmente lançado sobre certos mistérios. Vem, finalmente, trazer a consolação suprema aos deserdados da Terra e a todos os que sofrem, atribuindo causa justa e fim útil a todas as dores.

Disse o Cristo: “Bem-aventurados os aflitos, pois que serão consolados.” Mas como há de alguém sentir-se ditoso por sofrer, se não sabe por que sofre? O Espiritismo mostra a causa dos sofrimentos nas existências anteriores e na destinação da Terra, onde o homem expia o seu passado. Mostra o objetivo dos sofrimentos, apontando-os como crises salutares que produzem a cura e como meio de depuração que garante a felicidade nas existências futuras. O homem compreende que mereceu sofrer e acha justo o sofrimento. Sabe que este lhe auxilia o adiantamento e o aceita sem murmurar, como o obreiro aceita o trabalho que lhe assegurará o salário. O Espiritismo lhe dá fé inabalável no futuro e a dúvida pungente não mais se lhe apossa da alma. Dando-lhe a ver do alto as coisas, a importância das vicissitudes terrenas some-se no vasto e esplêndido horizonte que ele o faz descortinar, e a perspectiva da felicidade que o espera lhe dá a paciência, a resignação e a coragem de ir até o termo do caminho.

Assim, o Espiritismo realiza o que Jesus disse do Consolador Prometido: conhecimento das coisas, fazendo que o homem saiba donde vem, para onde vai e por que está na Terra; atraí para os verdadeiros princípios da Lei de Deus e consola pela

fé e pela esperança. (KARDEC, A. 2019d, p. 105-107) (grifo nosso)

A parte que destacamos foi a citada pelo pastor no seu primeiro parágrafo e a citação completa deste artigo de Kardec deixaria o pastor numa situação desconfortável, ao qual preferiu apenas a citação de uma pequena parte. Mas o leitor deve estar se perguntando, e o segundo parágrafo? Onde está ele destacado? Claro que não está neste item 4 da obra **O Evangelho Segundo o Espiritismo**, mas no item 45 do capítulo I da obra **A Gênese**, intitulado de *Caráter da revelação espírita*, ao qual também encontramos na obra **Revista Espírita 1867** no mês de setembro. Vamos, portanto, citar a fonte paralela para os leitores acompanharem nossa linha de raciocínio.

45. A primeira revelação teve a sua personificação em Moisés, a segunda no Cristo, a terceira não a tem em indivíduo algum. As duas primeiras foram individuais, a terceira foi coletiva; aí está um caráter essencial de grande importância. Ela é coletiva no sentido de não ser feita ou dada como privilégio a pessoa alguma; ninguém, por consequência, pode inculcar-se como seu profeta exclusivo; foi espalhada simultaneamente, por sobre a Terra, a milhões de pessoas, de todas as idades e condições, desde a mais baixa até a mais alta da escala, conforme esta predição registrada pelo autor dos *Atos dos Apóstolos*: “*Nos últimos tempos, disse o Senhor, derramarei o meu espírito sobre toda a carne; os vossos filhos e filhas profetizarão, os mancebos terão visões, e os velhos, sonhos.*” (Atos, 2:17 e 18.) Ela não proveio de nenhum culto especial, a fim de servir um dia a todos de ponto de ligação.⁸

8 Nota de Allan Kardec: O nosso papel pessoal, no grande movimento de ideias que se prepara pelo Espiritismo e que começa a operar-se, é o de um observador atento, que estuda os fatos para lhes descobrir a causa e tirar-lhes as consequências. Confrontamos todos os que nos têm sido possível reunir, comparamos e comentamos as instruções dadas pelos Espíritos em todos os pontos do globo e depois coordenamos metodicamente o conjunto; em suma, estudamos e demos ao público o fruto das nossas indagações, sem atribuímos aos nossos trabalhos valor maior do que o de uma obra filosófica deduzida da observação e da experiência, sem nunca nos considerarmos chefe da doutrina, nem procurarmos impor as nossas ideias a quem quer que seja. Publicando-as, usamos de um direito comum e aqueles que as aceitaram o fizeram livremente. Se essas ideias acharam numerosas simpatias, é porque tiveram a vantagem de corresponder às aspirações de avultado número de criaturas, mas disso não colhemos vaidade alguma, dado que a sua origem não nos pertence. O nosso maior mérito é a perseverança e a dedicação à causa que abraçamos. Em tudo isso, fizemos o que outro qualquer poderia ter feito como nós, razão pela qual nunca tivemos a pretensão de nos julgarmos profeta ou messias, nem, ainda menos, de nos apresentarmos como tal.

(KARDEC, A. 2019a, p. 45)

Está destacado caro leitor a parte da obra **A Gênese**, ao qual a citamos a parte mencionada pelo pastor e devido ao seu despreparo, identificou ambos seus parágrafos como sendo todos os dois como o item 4 da obra **O Evangelho Segundo o Espiritismo**. Certamente ele deve ter copiado isso de algum lugar que não foi a Codificação que ele julgou ter lido toda ela, como veremos mais abaixo, mas deu a impressão aos seus leitores de uma citação desconexa, sem sentido como sendo de uma obra, enquanto se trata de duas obras distintas do pentateuco de Kardec, ao qual recomendamos aos leitores a leitura paralela do capítulo VI da obra **O Evangelho Segundo o Espiritismo** e o capítulo I da obra **A Gênese** que consta também na obra **Revista Espírita 1867**, mês de setembro. Vamos agora analisar os argumentos do pastor após

esta gafe:

O Kardecismo passa a ideia de que, conforme a humanidade se evolui moral e intelectualmente, vai, por conseguinte, se habilitando a maiores revelações da parte de Deus. Logo, a segunda revelação é mais panorâmica do que a primeira, assim como a terceira é mais ampla e perfeita do que a segunda. Porém, quando examinamos os escritos de Kardec, não encontramos nenhuma revelação nova, considerando que mediunidade, reencarnação, autojustificação, carma, incoerências e outros engodos, são mais velhos do que andar para a frente.

Demonstrei acima que Kardec ensinou à “base” de Jo. 16:12-13, que nos dias de Cristo a Humanidade ainda não estava preparada para receber as revelações que constituem o Kardecismo... **“por não estar maduro para o compreender”**, dizia ele, conforme transcrição supra. Porém, esse parecer não resiste a um confronto com os fatos, visto que, segundo a História, os pagãos (os gregos, os romanos, os indianos, etc.) sempre creram nessas estórias de reencarnação, carma, mediunidade, etc. Ora, como cremos que as pessoas de então ainda não estavam preparadas para receber uma doutrina na qual já acreditavam desde há muito? Os apóstolos certamente não teriam sofrido tantas adversidades, caso tivessem pregado ao mundo a “nova” revelação Kardequiana. Logo, ainda estou para saber o que o Kardecismo trouxe de novo, já que as “revelações” kardequianas são anteriores à Lei Mosaica, a qual o Kardecismo diz ser a primeira revelação. Ademais, veremos no capítulo 10 que Kardec alegou que Cristo era reencarnacionista e que pregou essa doutrina. E, quando o leitor examinar o capítulo XI, tópico f, verá que os kardecistas se valem de Mt. 17.3 (onde consta que Jesus se comunicou com o espírito de Moisés), em defesa da “mediunidade” por eles praticada, difundida e defendida. Afinal, a reencarnação e a necromancia foram ou não foram praticadas e sancionadas por Cristo? Se sim, onde está a novidade na “terceira revelação?” E se não, por que dizem então que Cristo ratificou tanto a reencarnação quanto a necromancia? Jesus disse que o nosso falar deve ser “Sim, sim; e não, não,

porque o que passa disso é de procedência maligna”
(Mt.5:37).

O pastor tenta nos demonstrar que os apóstolos estavam prontos para receber o ensinamento que a Doutrina Espírita deu a partir de 1.857, denotando que o conhecimento prévio da reencarnação, mediunidade e comunicação entre o plano físico e espiritual era bem difundido no período intertestamentário. Contudo, convidamos aos leitores a realizarem a reflexão no tema **reencarnação** à época do Cristo. Vejamos a passagem de Mt 16, 13-17 e Mc 8, 27-33 que são semelhantes e que não a citaremos, devido ao fato de que iremos desenvolvê-la mais à frente no tópico apropriado. Com isso, para os apóstolos, Jesus poderia ser algum dos profetas ressuscitado, bem como o próprio João Batista ressuscitado. Salientamos a sua atenção a este último personagem, o próprio João Batista que era contemporâneo de Jesus e houvera sido decapitado a mando de Herodes. Ou seja, para os hebreus e em especial aos apóstolos, Jesus poderia ser João Batista ressuscitado, o que demonstra que a reencarnação não era assim tão compreendida no tempo de Jesus como alega o pastor em suas afirmações. Concluindo, era preciso que viesse o esclarecimento da Doutrina Espírita para melhor entendimento da reencarnação, sua evolução na compreensão através dos séculos posteriores a Cristo e o ajuste de que não coaduna com a metempsicose.

Partiremos agora ao outro ponto que convidamos os nossos leitores a refletir, sobre o tema **comunicação entre o plano físico e o espiritual** abordado pelo pastor como

necromancia e que já o esclarecemos anteriormente a diferença entre necromancia e comunicações espirituais de cunho sério, tal como a comunicação entre Jesus, Elias e Moisés, a saber o relato contido nos Evangelhos sobre a transfiguração de Jesus, contida em Mc 9, 2-13; Mt 17,1-13 e Lc 9, 21-36. Pois bem, ali encontramos uma teofania, com os fenômenos de transfiguração, pneumatofonia e materializações, ao qual não encontramos seu desenvolvimento no Novo Testamento e nem mesmo registro no Tanah, cabendo a Doutrina Espírita esclarecê-los a contento em suas obras da Codificação e complementares.

Ficaremos somente nestes dois aspectos da Doutrina que o pastor será convidado a refletir o caráter e a importância do surgimento do Espiritismo, bem como os seus leitores. Vamos agora a seus argumentos sobre o tema:

Pergunto novamente: O que o Kardecismo acrescenta ao Cristianismo, já que Cristo teria sido reencarnacionista e necromante? Sim, senhor Kardec, onde está a novidade, ou seja, a suposta terceira revelação? Entenda quem puder, ou melhor, engula quem for ingênuo.

Bom, temos que corrigir o pastor, pois Jesus realmente foi reencarnacionista à sua época, mas não necromante pelos esclarecimentos que já prestamos e acreditamos que os leitores atentos saberão diferenciar o conhecimento ainda inacabado acerca de fenômenos relacionados à reencarnação, mediunidade e comunicação entre os planos físicos e espirituais no tempo de Jesus, dando à Doutrina Espírita o

devido esclarecimento destes conceitos a partir de 1.857. Não precisam *engolir*, apenas estudar e verificar os fatos sem preconceitos. Contudo, continua o pastor:

A Bíblia, que começou a ser escrita a 3.500 anos atrás, e foi concluída há quase 2.000 anos, contém mistérios tão profundos, que nenhum homem é capaz de entender só com ajuda do intelecto.

Precisamos do Espírito Santo para podermos estudá-la com aproveitamento. E, sendo os escritos de Allan Kardec, uma revelação tão profunda que o homem só se habilitou a receber a partir da segunda metade do século XIX, era de se supor então, que o Kardecismo contenha algo muito mais enigmático que os existentes na Bíblia. Contudo, li todos os livros de Allan Kardec e consegui entender tudo quanto está escrito lá. Ler Kardec é ler discrepâncias facilmente assimiláveis. Ouso afirmar que entre as coisas impossíveis, uma é **entender** a Bíblia (em sua totalidade), e a outra é **não entender** Kardec. Quem lê Kardec raciocinando com a sua própria cabeça, percebe que no Kardecismo não há nada que os inteligentíssimos homens de 2.000 anos atrás não pudessem entender.

Com este comentário do pastor, evidenciamos acima a dificuldade dos hebreus, na questão em foco, os apóstolos, em entenderem fenômenos que escaparam ao vulgo da época, a saber a **reencarnação** que não compreendiam o processo de retorno do espírito à vida corpórea, julgando, inclusive que João Batista poderia ser Jesus ressuscitado que na verdade era reencarnado. Para tanto, basta examinar o contexto do diálogo entre Jesus e Nicodemos, contido em Jo 3, 1-16, onde percebemos a dificuldade de um sacerdote que detinha o conhecimento de sua época, em entender os mecanismos da reencarnação. Acreditar que os hebreus da época de Jesus a

compreendiam é um tanto infantil. Os textos bíblicos defendidos pelo pastor que necessitam de inspiração do espírito santo para lhe compreenderem não é suficiente, pois a compreensão divergente dos textos das Escrituras, demonstram que não há unidade de interpretação, destronando assim o argumento do pastor. Se a Doutrina Espírita é tão fácil de se compreender, parece-nos que o pastor nada dela entendeu e neste tópico misturou duas obras da codificação em uma única citação equivocada, asseverando que ele deve ter copiado este erro de alguém e não estudou as 24 obras de Kardec como deveria. Passemos adiante na argumentação do pastor:

Certo kardecista me disse que o Kardecismo levanta o véu, isto é, aclara ou explica os pontos obscuros da Bíblia, simplificando as coisas. Mas essa pronúnciação é contraditória, visto que se essa doutrina é menos complexa que a Bíblia, por que só pôde ser dada à Humanidade XVIII séculos após Deus nos dar a Bíblia, visto que só então o homem se habilitou a tanto, como o quer o Kardecismo?

As revelações Divinas constantes da Bíblia são, sim, progressivas, mas essa progressividade deve-se a um programa Divino, indiferente ao progresso intelectual e moral da Humanidade. Até porque isso não existe.

Realmente o pastor deveria compreender que, pelo menos, na obra ***O Evangelho Segundo o Espiritismo*** Kardec aborda cerca de 78% de seu conteúdo de cunho moral consonante ao evento do Sermão da Montanha de Jesus, declarando que o objetivo da Doutrina Espírita é o melhoramento da humanidade e não revelar mistérios e

impedir a pesquisa. Os espíritos trazem um conteúdo moral irretocável que já deixou sua marca já na primeira obra **O Livro dos Espíritos** e que parece o pastor não a estudou também. Mas continua o pastor e suas incoerências, pois disse que não há progresso moral e intelectual da humanidade e que as revelações divinas na Bíblia são progressivas num sistema fechado que não permite adaptá-la ao avanço moral da humanidade, onde já demonstramos que as leis civis de Moisés estão boa parte delas em desuso e este argumento do pastor de que a Bíblia é progressista, não fecha o raciocínio com os fatos. Contudo, desfecha o pastor:

Essa tal de terceira revelação não tem razão de ser. O que o kardecismo prega hoje, sempre pôde ser pregado e, de fato, sempre houve quem o pregasse. Ainda há cegos espirituais que nada vêem, tal qual antigamente; bem como ainda há, também, os verdadeiros servos de Deus. As grandes realizações (boas e más) da Antiguidade provam que a Humanidade não evoluiu em nada. O homem está mais sábio, não mais inteligente, nem tampouco mais espiritual. Quanto a estas questões (inteligência e evolução espiritual) está tudo estável. Senão, veja estes exemplos:

Essa argumentação do pastor prova que ele não estudou a Codificação de Kardec e nem mesmo todas as suas obras, pois Kardec deixa claro que houve sim o progresso do intelecto, necessário ao amadurecimento para surgimento do Espiritismo, mas não o moral suficiente que inclusive é o objetivo da Doutrina Espírita, o melhoramento moral da humanidade. Para o pastor, o homem está mais sábio, mas não inteligente, o que nós provamos a dificuldade dos hebreus em

entenderem o processo das vidas sucessivas na época de Jesus e o entendimento deste processo na época de Kardec. Partindo deste axioma, o pastor vai citar críticas aos Muçulmanos, acerca do Islamismo, ao passo que Kardec dedica dois artigos na **Revista Espírita 1866** enaltecendo a missão de Maomé e parece-nos que o pastor até desconhecia, pois não a cita e pelo visto nem ouviu faltar dos 12 volumes da *Revista Espírita* de 1858 a 1869.

Com isso, prossegue o pastor em criticar os Hinduístas, os cultos afro-brasileiros, os Católicos, o Budismo, os Testemunhas de Jeová, os Adventistas do 7º dia, a Maçonaria com longos exemplos que não veem ao caso citá-los, os Mórmons e por fim os Ateus que o mesmo pastor de forma incoerente, mais acima em seu livro, defendeu quando houve a crítica de Kardec no trato do materialismo e aos Católicos pela perseguição à Doutrina, o que nos demonstra que tamanha incoerência do pastor em defender tais agremiações e depois criticá-las. Depois é o Espiritismo incoerente. Nosso objetivo não é de citar outras filosofias, mas responder às críticas quanto ao trato com o Espiritismo.

* * *

Nesta etapa, ainda segundo o Consolador Prometido, o pastor entra em suas conclusões, asseverando que Kardec abordou as leis civis, já ultrapassadas, de Moisés, onde prefiguram um progresso como revelações contidas no Tanah,

defendido pelo pastor. Demonstramos que houve leis civis de Moisés que já entraram em desuso e que o pastor insiste em afirmar que são contemporâneas e progressivas. Assim prossegue o pastor:

O leitor certamente se lembra que eu já disse e provei acima que o Kardecismo confessa que não reconhece a Bíblia como sendo a Palavra de Deus. Vimos que, segundo Kardec e a Federação Espírita Brasileira, Moisés pregava monstruosidades, não sendo, pois, nada mais que o embusteiro que os judeus mereciam. Mas agora estamos vendo que essa seita, incoerentemente finge reconhecer toda a Bíblia, assegurando que o Antigo e o Novo Testamentos constituem duas revelações distintas e progressivas, vindas de Deus. Disso nasce a seguinte pergunta: Afinal de contas, o Antigo Testamento é a primeira revelação que Deus nos deu, ou é um monstruoso embuste da autoria de um impostor chamado Moisés? Ora, embustes e monstruosidades jamais vêm de Deus, não é mesmo? Tampouco um impostor pode ser visto como Emissário de alguma Revelação Divina, não é mesmo?

Em nenhum momento foi demonstrado na codificação que Kardec nominou Moisés como *embusteiro*. Este adjetivo pejorativo é emprestado pelo pastor e nem mesmo a Federação Espírita Brasileira o fez. O que ficou claro e o que apresentamos, é que há uma diferença entre os Dez Mandamentos do Sinai que são leis eternas e promulgadas diretamente por Deus, diferentemente das ordenanças de Moises que são transitórias e adaptadas a uma época. Este é o conceito que asseveramos e exemplificamos acima. Se uma lei divina existe a determinação de *Não matarás* e logo em seguida, existe a pena de morte para alguns delitos,

certamente não seria Deus que num dado momento outorga uma lei e em seguida a derroga. Esta é a diferença entre uma lei divina e outra lei disciplinar, e ao que parece, o pastor não entendeu nem mesmo o Tanah e muito menos a Codificação Espírita. Mesmo assim, prossegue o pastor:

Segundo me consta, nenhum teólogo evangélico negaria a progressividade das revelações de Deus nas páginas das Escrituras, pois a Bíblia no-lo demonstra categoricamente. Mas convenhamos que os embustes e as monstruosidades não podem ser reconhecidos como “progressivas revelações do Senhor”. As revelações do Senhor são, sim, progressivas, porém de modo algum são monstruosos embustes. Mas, como os kardecistas conseguem enxergar monstruosidades, embustes e contradições no Antigo Testamento, custa-me entender (se bem que eu estou entendendo tudo) como ousam rotular isso de “primeira revelação de Deus”. Afinal, o Antigo Testamento é a primeira revelação de Deus, ou é o primeiro embuste? Decidam os kardecistas como quiserem, mas saiam de sobre o muro. Posicionem-se.

Neste segundo momento o pastor até reconhece que há uma progressão das revelações divinas trazidas de Moisés, passando pelos profetas e Jesus, ao qual Kardec culmina no Consolador Prometido e o que ele demonstrou é justamente isso. Essas três revelações têm em comum a revelação divina e as determinações das leis disciplinares de Moisés que boa parte delas entrou em desuso, ou até mesmo foram reformuladas por Jesus e que já demonstramos anteriormente alguns exemplos já ultrapassados da lei mosaica. O problema reside no adjetivo de *monstruosos embustes* que Kardec não disse, mas que o pastor classificou de forma pejorativa. Creio que todo o espírita estudioso reconheça isso e sabe que Kardec

não classificou Moisés como um *monstruoso embusteiro* e nem mesmo a revelação da Torá deu essa insígnia. Creio que já nos posicionamos acerca deste fato. Contudo, continua o pastor:

Interpretando bem, podemos dizer que de acordo com os Kardecistas, não só o que eles chamam de primeira revelação de Deus (isto é, o Antigo Testamento), é um embuste, mas também o que eles chamam de segunda revelação (isto é, o Novo Testamento). Sim, leitor, pois se de fato Cristo não tivesse transformado água em vinho, multiplicado pães e ressuscitado defuntos, seguir-se-ia que as falcatruas do Novo Testamento não seriam inferiores às do Antigo. Mas é justamente aí, a saber, no Novo Testamento, e, em particular, em Jo.16:12-13, que Kardec, incoerentemente se “fundamentou” para construir sua cidadela, a qual estou reduzindo a frangalhos, ao exibir as denúncias aqui contidas, seguidas de minhas refutações. Afinal, o Novo Testamento é a segunda revelação de Deus, ou é o segundo embuste? Decidam lá os kardecistas como quiserem, mas deixem de ambiguidade.

Agora o pastor traça um paralelo do Tanah com o Novo Testamento, ao qual critica como se nós espíritas rotulássemos de *embuste*, ao qual o pastor está sem as devidas referências de que Kardec trata o Novo Testamento também de *embuste*. Creio que se trata apenas de mais uma tentativa de desqualificar o codificador e de meras cavilações. Outrossim, o pastor identifica os milagres de Jesus como justificativa de que se não houvessem estes fatos, Kardec trataria o Novo Testamento de um *embuste* maior do que o Tanah. Dessa forma, por desconhecer a codificação que o pastor se esqueceu que para todo o milagre realizado por Jesus, Kardec trouxe uma explanação científica na obra **A Gênese** que disse

o pastor conhecê-la, mas que não entraremos no mérito deste tema, devido o assunto ser outro completamente outro. No trato da vinda do Consolador, ficou claro que Jesus não disse tudo, pois os apóstolos a seu tempo não estavam preparados para receber o conhecimento que a Doutrina Espírita trouxe a partir de 1.857. O pastor ainda cita que *reduziu a frangalhos* com suas “refutações” ao qual não identificamos essa qualidade nas citações do pastor, de forma equivocada, e já demonstrada, sabendo nós que ele copiou de algum lugar e esta cópia está devidamente errada citando uma obra, quando vemos que são duas distintas. Essa é a *ambiguidade* que identificamos e que ao examinarmos, não somos nós que somos equivocados. Contudo, continua o pastor:

Bem, os kardecistas ainda não provaram que a Bíblia seja realmente o embuste que eles julgam ser, mas que o Kardecismo é um sistema incoerente, até cego pode ver, pois exibi acima provas irrefutáveis desta verdade.

Neste ponto da argumentação do pastor, há uma tentativa de insinuar que dissemos que a Bíblia é um *embuste* e a nosso ver, não houve nenhuma menção de Kardec a esse respeito e ao que nos parece é apenas a intenção do pastor em prefigurar esta classificação com intuito de desqualificar a Doutrina Espírita e o codificador. Outrossim, houve da parte do pastor a tentativa de estabelecer ao Espiritismo uma incoerência que ele não demonstrou e ainda julga possuidor de tal atributo, ao qual ainda estamos esperando tal assertiva, já que ele disse ter apresentado *provas irrefutáveis* e nós

identificamos neste tópico uma citação de duas obras como sendo apenas uma que ele realizou na abertura e que o estimado pastor copiou de algum lugar que está equivocado. Parece-nos que quem tem *provas irrefutáveis* não é ele. Com isso, prossegue o pastor:

Apesar da babel kardequiana supra-exibida, o Kardecismo não só comete a incoerência de se considerar cristão, mas julga digna de nota uma certa mensagem mediúnica, segundo a qual, o kardecismo não é uma instituição cristã igual às demais, nem tampouco a mais certa, e sim, a única verdadeira. Eis a prova: "... Aproxima-se a hora em que, à face do céu e da Terra, terás de proclamar que o Espiritismo é a única tradição verdadeiramente cristã e a única instituição verdadeiramente divina..." (**Obras Póstumas**, Federação Espírita Brasileira, 26ª edição, página 308).

Esta pequena citação do pastor encontra-se, como ele citou, na Segunda Parte da obra **Obras Póstumas**, que se afigura uma mensagem recebida por um espírito que não se identifica, a saber a citação completa da mensagem, cujo tema é *Extratos, in extenso, do livro das Previsões concernentes ao espiritismo*, ao qual trazemos aos leitores o conteúdo completo para análise:

Séгур, 9 de agosto de 1863

(Médium Sr. d'A...)

Imitação do evangelho

Nota – Eu a ninguém dera ciência do assunto do livro em que estava trabalhando. Conservara-lhe de tal modo em segredo o título, que o editor, Sr. Didier, só o conheceu quando da impressão. Esse título foi, a princípio: *Imitação do evangelho*. Mais tarde, por efeito de reiteradas observações do mesmo

Sr. Didier e de algumas outras pessoas, mudei-o para o de *O evangelho segundo o espiritismo*. Assim, as reflexões contidas nas comunicações seguintes não podem ser tidas como fruto de ideias preconcebidas do médium.

Pergunta – Que pensais da nova obra em que trabalho neste momento?

Resposta – Esse livro de doutrina terá considerável influência, pois que explanas questões capitais, e não só o mundo religioso encontrará nele as máximas que lhe são necessárias, como também a vida prática das nações haurirá dele instruções excelentes. Fizeste bem enfrentando as questões de alta moral prática, do ponto de vista dos interesses gerais, dos interesses sociais e dos interesses religiosos. A dúvida tem que ser destruída; a terra e suas populações civilizadas estão prontas; já de há muito os teus amigos de além-túmulo as arrotearam; lança, pois, a semente que te confiamos, porque é tempo de que a Terra grave na ordem irradiante das esferas e que saia, afinal, da penumbra e dos nevoeiros intelectuais. Acaba a tua obra e conta com a proteção do teu guia, guia de todos nós, e com o auxílio devotado dos Espíritos que te são mais fiéis e em cujo número digna-te de me incluir sempre.

P. – Que dirá o clero?

R. – O clero gritará — heresia —, porque verá que atacas decisivamente as penas eternas e outros pontos sobre os quais ele baseia a sua influência e o seu crédito. Gritará tanto mais, quanto se sentirá muito mais ferido do que com a publicação de *O livro dos espíritos*, cujos dados principais, a rigor, poderia aceitar. Agora, porém, tu entraste por um novo caminho, no qual não poderá ele acompanhar-te. O anátema secreto se tornará oficial e os espíritas serão repelidos, como o foram os judeus e os pagãos, pela Igreja Romana. Em compensação, os espíritas verão aumentar-se-lhes o número, em virtude dessa espécie de perseguição, sobretudo com o qualificarem, os padres, de demoníaca uma Doutrina cuja moralidade esplenderá como um raio de sol pela publicação mesma do teu novo livro e dos que se seguirão.

Aproxima-se a hora em que te será necessário apresentar o Espiritismo qual ele é, mostrando a todos onde se encontra a

verdadeira doutrina ensinada pelo Cristo. **Aproxima-se a hora em que, à face do céu e da Terra, terás de proclamar que o Espiritismo é a única tradição verdadeiramente cristã e a única instituição verdadeiramente divina e humana.** Ao te escolherem, os Espíritos conheciam a solidez das tuas convicções e sabiam que a tua fé, qual muro de aço, resistiria a todos os ataques.

Entretanto, amigo, se a tua coragem ainda não desfaleceu sob a tarefa tão pesada que aceitaste, fica sabendo que foste feliz até o presente, mas que é chegada a hora das dificuldades. Sim, caro mestre, prepara-se a grande batalha; o fanatismo e a intolerância, exacerbados pelo bom êxito da tua propaganda, vão atacar-te e aos teus com armas envenenadas. Prepara-te para a luta. Tenho, porém, fé em ti, como tu tens fé em nós, e sei que a tua fé é das que transportam montanhas e fazem caminhar por sobre as águas. Coragem, pois, e que a tua obra se complete. Conta conosco e conta sobretudo com a grande alma do Mestre de todos nós, que te protege de modo muito particular.

Paris, 14 de setembro de 1863.

Nota – Eu solicitara para mim uma comunicação sobre um assunto qualquer e pedira que ela me fosse enviada para o meu retiro de Sainte-Adresse.

“Quero falar-te de Paris, embora isso não me pareça de manifesta utilidade, uma vez que as minhas vozes íntimas se fazem ouvir em torno de ti e que teu cérebro percebe as nossas inspirações, com uma facilidade de que nem tu mesmo suspeitas. Nossa ação, principalmente a do *Espírito Verdade*, é constante ao teu redor e tal que não a podes negar. Assim sendo, não entrarei em detalhes ociosos a respeito do plano de tua obra, plano que, segundo meus conselhos ocultos, modificaste tão ampla e completamente.

Compreendes agora por que precisávamos ter-te sob as mãos, livre de toda preocupação outra, que não a da Doutrina. Uma obra como a que elaboramos de comum acordo necessita de recolhimento e de insulamento sagrado. Tenho vivo interesse pelo teu trabalho, que é um passo considerável para a frente e abre, afinal, ao Espiritismo a

estrada larga das aplicações proveitosas, a bem da sociedade. Com esta obra, o edifício começa a libertar-se dos andaimes e já se lhe pode ver a cúpula a desenhar-se no horizonte. Continua, pois, sem impaciência e sem fadiga; o monumento estará pronto na hora determinada.

Já tratamos contigo das questões incidentes do momento, isto é, das questões religiosas. O Espírito Verdade te falou das rebeliões que já se levantam na hora, presente. São necessárias essas hostilidades para manter desperta a atenção dos homens, que tão facilmente se deixam desviar de um assunto sério. Aos soldados que combatem pela causa, incessantemente se juntarão combatentes novos, cujas palavras e escritos hão de causar sensação e levarão a perturbação e a confusão às fileiras dos adversários.

Adeus, caro companheiro de antanho, discípulo fiel da verdade, que continua através da vida a obra a que outrora, diante do Espírito que te ama e a quem venero, juramos consagrar as nossas forças e as nossas existências, até que ela se achasse concluída. Saúdo-te.”

Observação – O plano da obra fora, de fato, completamente modificado, o que sem dúvida o médium não podia saber, pois que ele estava em Paris e eu em Sainte-Adresse. Tampouco podia saber que o Espírito Verdade me falara da atitude de revolta do bispo de Argélia e outros. Todas essas circunstâncias eram bem urdidas para me comprovar que os Espíritos tomavam parte em meus trabalhos.²²

22 N.E. (à 15a ed.): Ver o *Apêndice* no final da obra.

(KARDEC, A. 2019b, p. 260-262) (grifo nosso)

Foi importante citar a mensagem inteira para análise dos fatos, pois esta mensagem foi recebida um ano antes da publicação da obra ***O Evangelho Segundo o Espiritismo*** e o teor dela nos traz verdadeiramente ao qual Kardec estava em retiro preparando a mesma e houve a comunicação que trouxemos como prova da espiritualidade estar à frente dos

trabalhos de Kardec e sempre o instruindo quanto à suas ações no âmbito da formação da codificação, ao qual extraímos o parágrafo abaixo que o pastor citou apenas uma parte destacada, vejamos:

Aproxima-se a hora em que te será necessário apresentar o Espiritismo qual ele é, mostrando a todos onde se encontra a verdadeira doutrina ensinada pelo Cristo. **Aproxima-se a hora em que, à face do céu e da Terra, terás de proclamar que o Espiritismo é a única tradição verdadeiramente cristã e a única instituição verdadeiramente divina e humana.** Ao te escolherem, os Espíritos conheciam a solidez das tuas convicções e sabiam que a tua fé, qual muro de aço, resistiria a todos os ataques. (KARDEC, A. 2019b, p. 261) (grifo nosso)

A parte anterior demonstra que a obra **O Evangelho Segundo o Espiritismo** deveria ser lançada brevemente e que continha a **verdadeira doutrina ensinada pelo Cristo**, onde a Doutrina Espírita é coroada como a única instituição cristã verdadeiramente divina **e humana**, ao qual tivemos que destacar as partes suprimidas pelo pastor, pois pelo fato de haver não citado por completo, passou a imagem que o Espiritismo é a única tradição verdadeiramente cristã por ser divina, o que não é a expressão da verdade. Devido ao trabalho de Kardec na codificação do Espiritismo, esta é a parte humana e a parte divina da doutrina é a efetivação das mensagens dos Espíritos da codificação, presididos pelo Espírito de Verdade que coordenou os trabalhos no plano espiritual, intuiu e protegeu Kardec em seus trabalhos árduos de reunir todas as mensagens e tecer suas reflexões na

divulgação da Codificação como caráter missionário que teve no plano físico, ou seja, humano. Contudo, esperamos ter esclarecido e prossegue o pastor em suas críticas:

Necromancia (consulta aos mortos), mediunidade, reencarnação, etc., são crenças tão antiquíssimas que remontam a muitos milênios antes de Cristo. Contudo, na opinião dos kardecistas, Espiritismo mesmo é só o Kardecismo. Certa irmã em Cristo, ex- kardecista praticante, disse-me que há muitos anos “a Federação Espírita moveu uma ação judicial, no intuito de proibir que os terreiros de Umbanda e Candomblé continuem sendo identificados como centros espíritas, mas a justiça não lhe foi favorável”. De fato, o “jornal espírita”, órgão oficial da Federação Espírita do Estado de São Paulo, abril de 1.996, em um artigo intitulado **“O primeiro espírita”**, afirma textualmente: “... o primeiro espírita do mundo: Allan Kardec”.

Neste ponto, argumenta o pastor em detrimento aos fenômenos espíritas como antigos, mas como já bem identificamos, muito mal compreendidos, tal como citamos o fato da comunicabilidade entre os planos físicos e espiritual que não são o mesmo que necromancia, como já o corrigimos, a mediunidade e a reencarnação que no conceito pitagórico se aproximava muito da metempsicose nos tempos antigos e de Jesus. Vamos dar outro exemplo de como os apóstolos compreendiam de forma ainda rudimentar a comunicação com os mortos, segundo nos escreve o escritor, teósofo e biblista *José Reis Chaves* em seu artigo ***Jesus e a mediunidade de João no Apocalipse***. Vejamos:

Um exemplo, entre outros, de que, na Bíblia, **os espíritos desencarnados são mesmo chamados de “anjos” está no**

livro de “Atos dos Apóstolos”: 12-15. Pedro estava preso. Tendo sido libertado por um anjo ou espírito, ele foi para a casa de Maria, a mãe de João, chamado de Marcos. A casa estava cheia de pessoas orando. A criada Rosa foi ver quem era e, reconhecendo que se tratava de Pedro, voltou dizendo para os presentes na casa que era o Pedro. Mas, para eles, Pedro tinha sido degolado. **Então, eles disseram que deveria ser o ‘anjo’ de Pedro, demonstrando que os primeiros cristãos já conheciam e aceitavam o contato com os espíritos dos mortos, chamados de ‘anjos’,** como vimos também no caso de Jesus, no princípio do Apocalipse, e veremos também, no seu final, que Jesus é o Espírito ou o “anjo” que transmite para o grande médium João as profecias da história do cristianismo. E eis o final do Apocalipse confirmando de fato o que Jesus nos diz no início desse livro, além de nos mostrar também que Ele, Jesus, não é Deus, pois Ele recusou, energicamente, ser adorado por João. (CHAVES, 2021) (grifo nosso).

Como podemos observar a passagem de Atos dos Apóstolos e no livro do Apocalipse, os seguidores de Jesus acreditavam que os mortos que se manifestavam eram anjos e que como estamos mais uma vez esclarecendo o pastor e seus leitores, era preciso que a Doutrina Espírita surgisse na segunda metade do século XIX para nortear a humanidade nestes fenômenos, dando seu real significado através da observação dos fatos por Kardec, na codificação onde encontramos tais desenvolvimentos e pelo que temos observado o pastor não o estudou de forma proveitosa. Com isso, vamos adiante nas argumentações do pastor:

Como se vê, ser kardecista implica em ser adepto de uma seita ambígua, exclusivista, hipócrita e incoerente. Até as seitas que, com o Kardecismo, formam farinha do mesmo saco, são rejeitadas.

A “única tradição verdadeiramente cristã e a única instituição verdadeiramente divina”, é o Espiritismo, mas não um Espiritismo qualquer, e sim, um Espiritismo polido, brunido, refinado..., a saber: o Kardecismo e somente o Kardecismo. Umbanda, Candomblé, Vodun, Santo Daime, etc., estão fora.

Como já bem esclarecemos o pastor, Espiritismo é a Doutrina que segue os postulados de Allan Kardec, contidos na Codificação e Revistas Espíritas. As demais crenças espiritualistas nós as respeitamos, mas não se tratam de Espiritismo e sim de instituições espiritualistas, tais como a Umbanda, Candomblé, etc. Também já esclarecemos este ponto ao pastor e seus leitores. Sobre a expressão verdadeiramente cristã com origem divina e humana, concernente a Doutrina Espírita, também já o desenvolvemos na citação mutilada do pastor em suas argumentações anteriores, ao qual explicamos o aspecto divino e humano da revelação espírita, ao que parece o pastor não foi honesto em sua citação e as demais que já desenvolvemos. Contudo, prosseguimos nas argumentações do pastor. Vejamos:

Respeitável leitor, não se deixe levar por esse negócio de “terceira revelação”. Realmente Deus foi se revelando progressivamente nas páginas da Bíblia, mas **o Novo Testamento, que é o ápice de Suas revelações até o momento, veio para ficar**. Portanto, pelo menos até que Cristo venha, a presente Dispensação estará em vigor. Logo, nenhuma “novidade”, sob pretexto de uma tal de “terceira revelação”, ou qualquer outra alegação, deve ser aceita. Isso é balela. A Bíblia nos fala da “fé que **uma vez por todas** foi entregue aos santos” (Jd.3 [ARA]. Grifo meu). Neste caso, “fé” refere-se às doutrinas do Cristianismo em sua totalidade. E o apóstolo Paulo, contrastando o Antigo Testamento com o Novo, nos diz que aquele era transitório, enquanto este

permanece (2 Co.3:3-11 [ARC].); que “ninguém pode lançar outro fundamento, além do que já está posto, o qual é Jesus Cristo” (1Co.3:11. Grifo meu); e que se ele ou os demais apóstolos, ou até mesmo se um anjo desça do Céu, pregando outro evangelho, deve ser anatematizado (Gl.1:8-9), isto é, amaldiçoado e excomungado da comunhão dos santos. É como nos disse o Senhor Jesus Cristo: “Mas o que tendes, retende-o até que eu venha” (Ap. 2:25); “Bem-aventurado aquele servo que o seu senhor, quando vier, achar servindo assim”, (Mt.24:46). Isto mesmo, “servindo assim”, a saber, tal qual prescrito por Cristo há dois mil anos, e não à moda Kardequiana.

Agora o pastor fez a sua pregação dentro de sua sapiência de profissão de fé, mas lembramos que estamos analisando a terceira revelação, com a vinda do Espírito de Verdade, contida no capítulo 14 e 16 do Evangelho de João, a dissipar as trevas da ignorância e derrubar os conceitos equivocados que o Cristianismo tomou com o passar dos séculos, como a deidade de Jesus, a Trindade, o suplício eterno e a vida única. Estes são os dogmas que foram questionados na segunda metade do século XIX e que trouxe tanta incredulidade. Vamos nos reportar a passagem abaixo e atestar que Jesus não disse tudo, devido aos seus apóstolos ainda não estarem preparados para suportar tamanho conhecimento que a Doutrina Espírita abarca na Codificação. Vejamos:

Jo 16, 12-14: **Ainda tenho muito que vos dizer, mas vós não o podeis suportar agora.** Mas, quando vier aquele Espírito de verdade, ele vos guiará em toda a verdade; porque não falará de si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido, e vos anunciará o que há de vir. Ele me glorificará, porque há de receber do que é meu, e vo-lo há de anunciar.

Portanto, caro leitor, não foi Kardec que disse que os apóstolos e os demais hebreus do tempo intertestamentário não estavam preparados para o conhecimento que a Doutrina Espírita nos trouxe na segunda metade do século XIX, mas sim Jesus na passagem destacada do Evangelho de João, pois era preciso que o próprio mestre partisse, a fim de que ele enviasse outro consolador. Com isso, cai por terra essa argumentação do pastor em desabonar aquilo que ele mesmo desconhece. Vamos, portanto prosseguir na argumentação do pastor:

Certamente já está claro ao prezado leitor, que, a bem-dizer podemos afirmar que, segundo o Kardecismo (falo com minhas palavras), “assim como o Antigo Testamento findou há quase dois mil anos quando do advento de Cristo, o Novo Testamento, por sua vez, tem seu fim no Espiritismo Kardecista. A Era que Moisés inaugurara teria esbarrado na Era que Jesus inaugurou há quase dois milênios. Esta, por sua vez, morreu quando Kardec e seus espíritos-guia legaram ao mundo o Novo Código! A Terceira Revelação! Uma Nova Era!. A Era dos Espíritos! A Codificação Espírita! O Novíssimo Testamento dado pelos Espíritos Superiores pela instrumentalidade do Grande Mestre cujo pseudônimo é Allan Kardec! E, quem quiser beber desta Nova Fonte, é só ler, estudar e praticar O Evangelho Segundo o Espiritismo e as demais obras procedentes da pena do Grande Codificador, as quais, juntas, constituem o Outro Consolador prometido por Jesus, o qual, na plenitude dos tempos, isto é, em 1.857, veio nos consolar, falando-nos o que o Cristo não pudera falar devido ao atraso inerente aos espíritos dos seus contemporâneos, bem como aclarando os pontos velados (isto é, obscuros) de Sua Doutrina!”. É muita petulância, não?

É bem por aí mesmo caro pastor e parece que agora você começa a compreender o real significado da obra de

Kardec, e como já disse acima, se o cristão, independentemente de sua denominação, pratica o conteúdo na obra ***O Evangelho Segundo o Espiritismo***, certamente ele abarcará cerca de 78% de seu conteúdo moral desta obra que tem por objetivo a regeneração da humanidade, correlacionado no sermão do monte de Jesus. O que é preciso corrigir em seu raciocínio é que a codificação espírita não se trata de um *Novíssimo Testamento*, mas de uma ressignificação dos Evangelhos, dando uma explanação dos espíritos quanto ao conteúdo moral desta obra, intercalados com reflexões do codificador sem dogmatismo. Não se trata de petulância não, mas de cadenciamento de ideias que o próprio criador norteia a humanidade de época em épocas e chama à atenção quanto à sua necessária reforma íntima. Assim o pastor conclui este tópico:

A crença nessa tal de terceira revelação faz com que os kardecistas nos olhem de cima para baixo. Já me disseram que nós somos “espíritos atrasados que ainda não se desenvolveram o suficiente para compreender esta grandeza.” Creem que nós, os evangélicos, já estamos quase chegando lá. Certo kardecista me disse que a evolução do Espírito se dá mais ou menos assim: Primeiro o indivíduo se torna adepto de uma das religiões não cristãs (Budismo, Islamismo, Hinduísmo, etc.), depois se torna católico, posteriormente vira evangélico e, a seguir se converte ao Espiritismo. O tempo que um espírito precisa, desde que é criado até se tornar Kardecista, varia de espírito para espírito, pois depende do esforço de cada um, e pode compreender muitos séculos e até milênios. Ora, por serem os kardecistas nessa suposta evolução espiritual, e julgando estarem num patamar onde só eles alcançaram, não cessam de orar por nós, pois creem que fazê-lo contribui para acelerar o processo evolutivo no qual estamos. Pude perceber que alguns

kardecistas sentem até pena de nós. Vê-se, portanto, que os kardecistas são infelizes e não sabem. E só Deus pode arrancá-los desse labirinto no qual se encontram. Preguemos-lhes, portanto, o Evangelho e oremos com fé e amor. Sem dúvida, o nosso Deus arrancará a muitos desse “Egito” e assim os libertará de “faraó”. Isto ocorrerá quando aspergirem as vergas e as ombreiras das *portas de seus corações com o sangue do nosso Cordeiro Pascual _Jesus (Êx. 12:7).*

Precisamos corrigir o pastor em sua conclusão, pois nós espíritas não temos o ar de superioridade quanto às demais crenças religiosas, pois seguimos o mandamento de que *“Aquele que se eleva, será rebaixado”*, constante no item 3 a 6 do capítulo VII da obra ***O Evangelho Segundo o Espiritismo*** ao qual diz que leu e que parece não ter aprendido, pois o verdadeiro espírita se esforça para dominar suas más inclinações, revisa seus atos no dia em que viveu e se pergunta se não ofendeu alguém, se não faltou com a caridade com seu próximo e é indulgente para com as faltas alheias. Se algum espírita agiu com vaidade para com você, este não é o verdadeiro espírita, já que após compreender a mensagem da Codificação e das Revistas Espíritas, continua praticando suas faltas sem se esforçar em mudar de conduta. Outro ponto que precisamos abordar é que se você está satisfeito à sua crença e ela é capaz de lhe fazer refletir em sua transformação para um homem de bem, o Espiritismo não é para você, pois como apregoou o codificador, a Doutrina Espírita é para aqueles que em nada creem e duvidam, mas reconhece sua crença como verdadeira e justa, não lhe imputando uma necessidade de compor as fileiras espíritas para ser *“liberto”*. Encerramos a análise deste tópico, passemos ao tópico seguinte.

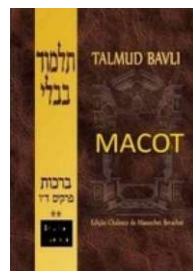
2.4. Contradição Entre os Dois Testamentos?!

Entraremos agora num terreno que não é bem confortável ao pastor que demonstrará apenas umas das várias contradições que a Bíblia apresenta, mas justifica tal contradição como se houvesse uma harmonização de um pensamento que permeiam as Escrituras ao longo de sua história de formação. Vamos analisar a primeira parte das justificativas do pastor. Vejamos:

Muitos kardecistas já me perguntaram: “Se o Antigo Testamento não estava errado, por que tantas diferenças entre ele e o Novo? Por exemplo, por que não matamos ainda os adúlteros, os blasfemos, os assassinos, os idólatras etc.?” Resposta: Para cada diferença há pelo menos uma explicação teológica; e quem não aceita tal explicação precisa tirar a máscara de cristão, parar de chamar o Antigo Testamento de “primeira revelação de Deus”, e assumir o seu cepticismo. Mas, respondendo à pergunta sobre o porquê de não podermos mais executar os criminosos e outros pecadores, informo que a Igreja não é um Estado (como, por exemplo, Israel o era), e sim, um conjunto de indivíduos. Sim, entre outros, o motivo pelo qual a Igreja não pune os criminosos, é o mesmo pelo qual ninguém podia matar Caim (Gn. 4:15), a saber, só o Estado pode cuidar de punir os malfeitores. Como a partir de Noé, estabeleceu-se o Governo Humano, então a pena de morte entrou em vigor (Gn. 9:6). A incumbência de punir os criminosos foi, é e será da competência do Estado (Rm.13:1-7). À Igreja compete: dar a outra face ao agressor (Mt.5:39), não atirar a primeira (nem a última) pedra (Jo.8:7), louvar (Ef.1:12), adorar (Jo.4:23), orar (1Tm.2:1), pregar (1Pe.2:9), etc. Mas isso não é um libelo contra a justiça, que é, repito, da competência exclusiva da autoridade para isto constituída (Jo.19:11; Lc.23:41^a).

Parece-nos que o pastor desconhece o Judaísmo, pois se desse ao trabalho de, pelo menos, ler e estudar o **Talmud Bavli tratado de Macot** saberia que o tribunal judaico era instalado entre os levitas e sacerdotes do Judaísmo e que não era o Estado de Israel que aplicava as punições aos infratores da Lei de Moisés. A lei era civil e disciplinar aplicada aos judeus, não cabendo ao rei de Israel a observância de tal lei e a aplicação das determinações punitivas que era acompanhada com zelo pelo tribunal judaico que fazia parte de uma das atribuições do Judaísmo, pelos anciãos. Outrossim, se o sinal e Caim (Gn 4,15), após matar Abel, absolveu ele de ser morto, certamente não havia a seu tempo a Lei de Moisés para que se aplicasse uma punição a este infrator do Decálogo. Desconheço como início da pena de morte entrar em vigor a partir de Gn 9,6, já que este contexto se refere a lei de causa e efeito de que cada infrator receberia a lei de retorno de seus atos relacionados aos crimes praticados. O capítulo 9 de Gênesis trata exclusivamente da aliança do Eterno para com a geração de Noé e em nenhum momento trata de leis punitivas e nem mesmo da pena de morte estabelecida entre os hebreus, vindo estas determinações disciplinares bem após os eventos narrados após o dilúvio, registradas nos livros posteriores ao Gênesis.

Sobre o **Talmud Bavli - Macot**, que é o tratado sobre o tribunal judaico, constatei que se tratava das punições físicas passíveis de aplicação pelo tribunal rabínico. Sua leitura é de suma importância e nos remete a



realidade do povo hebreu e suas leis ao longo da história do Judaísmo!

Iniciado este tratado da página 2A até 5A, onde saliento as punições previstas na Torá e na tradição oral da Mishná e Guemará o seu desmembramento! Inicialmente a tradução para Macot é açoite em português, ao qual as três punições ao violar a Torá se desdobram em pena de morte, exílio e chibatadas ou açoites que são desenvolvidos neste tratado. Há uma citação do revisor Shamaí Ende como Rabi Akiva o maior sábio talmúdico. Existem punições que é demonstrado a leniência ao infrator, dando a ele a oportunidade de penas severas na presença de duas testemunhas com alerta para a violação da Lei. Caso haja uma violação por meio voluntário, aplicam-se as punições, já que o objetivo da Lei da Torá não é a punição, mas conter os corações mais endurecidos e quando houver a violação das Mitsvót, entra o processo regulador das punições com caráter de expurgo do pecado. Há ainda a menção do ano sabático que se dá de 7 em 7 anos, onde discorrem os sábios na discussão se existirá ou não o perdão das dívidas que superem este período.

Prosseguindo da página 5B a 11A sempre salientando pontos mais importantes, tal como os tsedokim (saduceus) eram considerados hereges, que na discussão de uma Mishná que tratava de uma punição sobre falso testemunho, alegavam que os zomemim não eram punidos, exceto se o acusado for executado pelo seu testemunho (zomemim). Em nota, os comentaristas judeus nos informam que os tsedokim (saduceus) eram uma seita herética que não aceitavam a

inspiração divina da Torá oral (Talmud) e não acreditavam nas interpretações dos sábios que passavam de geração em geração de sua época, tendo como preceito a literalidade da Torá, não somente salientado como muitos entendem que não acreditavam na ressurreição dos mortos e em dois mundos, este real e o outro mundo, o Mundo Vindouro, causando assim diversas divergências com os sábios talmúdicos. Ademais, os saduceus eram originários de Tsadok, um discípulo de Antigonos de Socho. Por isso eram identificados como tsedokim (saduceus). A Guemará é inconclusiva, mas salienta um fato de perdão diante do tribunal celestial entre as almas de Rabi Yehuda Bem Tabai e sua testemunha. Em casos capitais há a inferência que será uma corte de 23 sábios a julgarem os casos de infrações mais graves da Torá, ao qual chamam estes 23 sábios de San'hedrin. A Guemará questiona e informa que uma das formas de purificação é através de um ritual chamado de micvê (imersão) e um sacrifício expiator no Templo.

Prosseguindo da página 11B a 17A, salientando os pontos principais, observo uma discussão na Guemará sobre a punição com caret para receberem chibatadas, uma das treze regras de hermenêutica de Rabi Yishmael, aplicada às leis da Torá, a guezerá shavá ensina que duas palavras semelhantes, escritas na Torá em dois locais diferentes, conectam os dois versículos possibilitando transportar o contexto de um para outro. Para que isso aconteça, é preciso que o sábio judeu tenha recebido este ensinamento de seu mestre. Aparece novamente comentários de Rabi Shimon bar Yochai neste

tratado. Sobre a punição de malcut sobre a ingestão das primícias, algo chama à atenção, o fato das primícias serem as primeiras frutas a serem colhidas e ainda se tratam e 7 frutas a saber: trigo, cevada, uva, figo, romã, azeitona e tâmara. Desta forma, não se trata de recurso financeiros como muitos acreditam!

Finalizando o tratado de Macot, da página 17B a 24B salientando sempre os pontos mais relevantes, em nota da halachá, observamos que no primeiro, segundo, quarto e quinto ano do ciclo de shemitá (ano sabático), após separar o primeiro dízimo que se dá ao Levi, separa-se o segundo dízimo que será ingerido em Yerushalaim - o maaser sheni. Já no terceiro e sexto ano, no lugar de maaser sheni, separa o maaser ani - o dízimo que vai para o pobre - que pode ser ingerido em qualquer lugar e não tem nenhuma santidade (p. 225). Há ainda muitas outras determinações do tribunal rabínico que é recomendável a leitura para entendimento da tradição judaica.

Ainda sobre este tópico o pastor cita Rm 13,1-7 como se Paulo esclarecesse o cumprimento da Lei de Moisés pelo Estado Judaico que não existia, pois estava sobre domínio Romano e por este motivo havia dissolvido o Estado de Israel. Esta citação está na contramão dos fatos e por este motivo é que detenhamos a consciência de que o tribunal judaico era composto pelos sábios judeus do Sinédrio, tanto que na condenação de Jesus (Mc 14,53-65, Mt 26,57-68, Lc 22,63-71 e Jo 18,12-24), estabeleceu-se o julgamento diante de Caifás que não era rei de Jerusalém, mas Sumo Sacerdote que o condenou

por crime de blasfêmia e Cristo este ainda à frente de Pilatos que era Governador da Judeia que foi oferecido a multidão a decisão de escolherem entre Jesus e Barrabás, ao qual o povo escolheu a Barrabás. Portanto, se o Pastor cita Paulo com o objetivo de dizer que o tribunal judaico era composto pelo estado de Israel, esta não existia na época de domínio Romano sobre Israel.

Para concluirmos esta primeira parte, sobre o pastor citar a função da Igreja que não existia à época de Jesus, portanto, não se aplica nenhuma das citações da função de uma organização que se deu após a morte de Jesus em pequenas comunidades fundadas pelos Apóstolos em Jerusalém e na Ásia. O pastor diz que *“À Igreja compete: dar a outra face ao agressor (Mt.5:39), não atirar a primeira (nem a última) pedra (Jo.8:7), louvar (Ef.1:12), adorar (Jo.4:23), orar (1Tm.2:1), pregar (1Pe.2:9), etc. Mas isso não é um libelo contra a justiça, que é, repito, da competência exclusiva da autoridade para isto constituída (Jo.19:11; Lc.23:41^a)”* Lembramos ao pastor que as Igrejas fundadas pelos Apóstolos estavam sobre domínio do império Romano e não detinham o cumprimento da Lei de Moisés, pois estava regida pela tradição oral dos primeiros Cristãos e nem mesmo havia um estado único para julgar os infratores da Lei de Moisés, pelo simples fato de que esta função cabia ao Sinédrio que tinha sua sede em Jerusalém e as Igrejas estavam disseminadas em outras nações regidas pelo Império Romano, sem que existisse um estado de Israel independente para regular as infrações da Lei de Moisés, uma vez que nem mesmo Jesus havia sido

aceito pela boa parte de judeus e esta função era absorvida pelo Sinédrio que era a sede do Judaísmo, assim como demonstramos o tratado de *Macot* do *Talmud Bavli*. Passemos ao ponto seguinte desenvolvido pelo pastor:

Certo kardecista argumentou dizendo que “sendo Deus o único que pode dar a vida, naturalmente só Ele pode tirá-la. Logo, não podemos crer que Moisés, Josué, Samuel e outros tenham recebido de Deus a ordem para ceifar tantas vidas. Mas, como eles mataram muitas pessoas sob a alegação de que o faziam por ordem de Deus, salta à vista que seus escritos não podem ser a Palavra de Deus”.

Refuto esse argumento dizendo que Deus, o único que pode tirar a vida, não está impossibilitado de incumbir um agente Seu, de fazê-lo. Ele pode matar; e não raramente, Ele mesmo o faz; mas às vezes Ele delega este poder a um anjo; às vezes o confere a um homem ou grupo de homens; e, inclusive, como vimos acima, Rm 13: 1-7 nos diz que o Estado está autorizado por Deus a punir os malfeitores com a punição que se fizer necessária. Logo, quando um policial, em nome da Lei, sai na captura de um criminoso, deve trazê-lo vivo ou morto. Por conseguinte, se o dito marginal reagir à voz de prisão, o referido policial poderá até matá-lo, se isso se fizer necessário. Neste caso, o policial autor da execução, não pode ser visto como assassino, e sim, como mantenedor da ordem pública. Rm 13:5 nos diz que a autoridade não traz a espada debalde, isto é, em vão. Ela, a espada, não era enfeite. E, como não ignoramos, a espada (hoje metralhadora, fuzil, pistola, bazuca, etc.) não era instrumento de correção, como o cassete o é. Não!!! A espada existia para matar. Assim fica claro que Deus, o único que dá a vida e, por conseguinte, o único que pode tirá-la, se vê no direito de fazê-lo através de um agente Seu, que pode ser ou um anjo, ou um homem, ou o Estado. Atualmente, Seus agentes investidos deste poder são os anjos (At.12:23) e o Estado (Rm 13:1-7). Este, por sua vez, usa os policiais como executores deste serviço. Aqueles, porém, o fazem por si mesmos, em nome do Senhor.

Neste segundo desenvolvimento, o pastor insiste em dizer que em Rm 13,1-7 Paulo está se referindo às potestades superiores do primeiro verso como o estado de Israel, o que já bem o esclarecemos a ele que o estado de Israel estava dissolvido e que a lei que regia era a do império Romano. Portanto, o império Romano não detinha a Lei de Moisés como regra de conduta e diante disso, cai por terra esta citação. Como bem o esclarecemos, o Sinédrio fazia-se cumprir a Lei de Moisés.

As derrogações que Paulo se referia eram justamente a do Decálogo como podemos ver nos versos mais adiante deste mesmo capítulo 13 de Romanos e não das determinações disciplinares da Lei de Moisés, ou seja das 613 mitzvot que era os mandamentos observados e seguidos pelos Judeus, vejamos:

Rm 13,9: Com efeito: Não adulterarás, não matarás, não furtarás, não darás falso testemunho, não cobiçarás; e se há algum outro mandamento, tudo nesta palavra se resume: Amarás ao teu próximo como a ti mesmo.

Após a citação do contexto e de colocarmos sobre o prisma de quem cumpria a Lei de Moisés em cumprimento dos 613 mitzvot, percebemos que este argumento de que Deus outorga aos seus representantes na Terra que executem os infratores da Lei de Moisés, não teria lógica, uma vez que são lei disciplinares e humanas, não cabendo a Deus a execução da pena, uma vez que Ele determinou um mandamento de “Não matarás”, daí, portanto, não pode ele infringir uma lei

que ele mesmo deu. Com isso, encontra-se sem fundamento algum a citação de Rm 13,1-7 para a observância da lei pelo estado de Israel que não existia.

Agora, para justificar que o anjo do Senhor tem autoridade de Deus para executar os pecadores (At 12,23), devemos examinar o contexto deste capítulo de Atos dos Apóstolos. Nos três primeiros capítulos desta passagem (At 12,1-3), observamos que foi narrada a morte pela espada de Tiago, irmão de João, determinada por Herodes, ao qual **agradou aos judeus**. Se a morte de Tiago agradou aos judeus, julgamos oportuno frisar e perguntar, Tiago descumpriu a Lei de Moisés e o estado de Roma executou a pena do Sinédrio, já que agradou aos judeus? Claro que não! Os judeus se agradaram pelo fato de Tiago ser um discípulo de Jesus. Ao nosso ver, Pedro era uma das figuras mais importantes da Casa do Caminho de Jerusalém e junto com Tiago, apóstolo, lideravam o acolhimento de pessoas que estavam à margem da sociedade e necessitadas de apoio. Com isso, não houve nenhum descumprimento da Lei de Moisés da parte de Tiago, irmão de João, que fizera os judeus se agradarem da morte dele. Outrossim, Roma encerrou Pedro na prisão (At 12,4).

Contudo, houve a manifestação de um espírito, ao qual o Evangelho denomina como anjo e libertou Pedro (At 12,7). Como já bem o comentamos anteriormente, Pedro foi à casa de Maria, mãe de João Marcos, ao qual ao chamar à porta, a menina Rode anunciou à família que Pedro estava à porta, mas todos acreditaram que era o seu “anjo” (At 12,15). Uma

possível manifestação de um espírito era comum aos tempos de Jesus. Com isso, a parte que nos interessa é que Herodes, ao estar à frente da população, por um dado momento, é “ferido” por um anjo do Senhor que o executou, segundo a narrativa, Herodes espirou (At 12,21-25). Certamente que Herodes faleceu por causas naturais e não um “anjo” que o matou a mando de Deus. Temos esta narrativa como uma hipérbole da narrativa, dentro da hermenêutica bíblica, pois como poderia Deus vingar a morte de Tiago, infringindo sua própria lei do Decálogo? Improvável! Fica assim, mais uma regra da hermenêutica para estudo dos leitores e do estimado pastor que viu aplicar-se “a ira do Senhor” no Novo Testamento. Passemos, portanto, ao ponto seguinte:

Uma prova de que o Antigo Testamento não estava errado, é o fato de Jesus o haver aprovado, como vimos acima. Os kardecistas diriam: “Aprovou mesmo? Tem certeza?, você viu? Quem garante?”

A resposta é: A Bíblia no-lo garante; e, em particular, o Novo Testamento. E se não creem no Novo Testamento, então parem de dizer que a promessa de Jesus, constante de Jo. 16:12-13, de nos enviar outro Consolador, se cumpre a partir de 1857, quando da Codificação Kardequiana; visto que, se realmente a Bíblia não fosse confiável, já não saberíamos nem se Cristo teria mesmo feito a promessa constante de Jo.16:12-13. Além disso, um céptico poderia também questionar os Kardecistas quanto à crença deles de que o Kardecismo é o Consolador prometido por Jesus, nestes termos: “Prometeu mesmo? Têm certeza? Vocês viram? Quem garante?”. E agora José? E agora senhor Allan? Sendo a primeira e a segunda revelações, dois embustes, como o supõem os kardecistas, pergunto: A terceira revelação seria o terceiro embuste? Pensem nisso os sinceros!

Nesta terceira parte o pastor, após nossas análises, tentou abonar a pena de morte no Tanah e no Novo Testamento, acerca das infrações das 613 mitzvot, como sendo determinações divinas no cumprimento desta pena de morte por parte do Criador, ao qual nem mesmo as citações bíblicas que o pastor fez o embasam para tal assertiva, nem mesmo o fator histórico contribuiu para que houvesse justificativa que a Lei de Moisés fosse aplicada pelo estado de Israel que estava sob domínio Romano, ao qual não seguiam a Lei de Moisés. Não tratamos o Tanah e nem mesmo o Novo Testamento como *embustes*, mas damos a estas referências seus devidos contextos históricos e aplicamos a hermenêutica bíblica para uma melhor compreensão dos fatos, que ao que parece, o pastor não foi feliz em suas citações e exemplificações. Passemos agora ao encerramento deste tópico, onde assim diz o pastor:

Bem, se a Bíblia é ou não verdadeira, eu disse no capítulo 1 deste livro, assim como nas primeiras linhas deste capítulo, que entrar no mérito destas questões não é, nesta obra, o alvo deste autor, pois por ora pretendo apenas desmascarar o Kardecismo para, deste modo, levar suas vítimas a buscar a verdade em Deus e no Seu Livro _ a Bíblia. Por isto limito-me a formular aos kardecistas as seguintes contundentes interrogações: Os kardecistas podem provar as alegadas adulterações que teriam sido cometidas pelos apóstolos e outros aventureiros através dos séculos? Onde, como e quando ocorreram tais interpolações? Será que tudo não passa de grosseira especulação? Porventura os achados arqueológicos não deixam evidentes que as inegáveis provas dos erros cometidos pelos copistas são falhas banais que, portanto, não ferem a integridade do Texto? Será que os kardecistas não sabem que crer na Bíblia não implica em crer na infalibilidade dos copistas e tradutores das Escrituras, mas

sim, e tão-somente, crer na Inspiração Verbal e Plena dos **originais?**

(Quero mais uma vez recomendar a todos os que suspeitam da autenticidade da Bíblia a lerem o livro intitulado **As Grandes Defesas do Cristianismo**, de Jefferson Magno da Costa, editado pela CPAD – Casa Publicadora das Assembleias de Deus –, geralmente à venda nas livrarias evangélicas).

Por fim, o pastor nos questiona que se podemos provar as adulterações da Bíblia cometida pelos Apóstolos e copistas, bem como interpolações, que na visão do pastor não passam de especulações. Segundo o pastor ainda, esses erros são atos falhos dos copistas e são irrelevantes, não ferindo ao texto. Ele advoga ainda que a inspiração da Bíblia e em seus originais. São muitos temas a tratar e lembramos ao pastor que não temos originais da Bíblia, mas cópia de cópias. Para as outras questões, vamos recorrer à pesquisa do **Paulo Neto** sobre a inspiração da Bíblia, contida no seu artigo: **Inspiração dos Textos Sagrados**, publicado em dezembro de 2015. Colocaremos apenas as três primeiras contradições e quem se interessar em aprofundar, deixaremos o link de acesso ao texto ([AQUI](#)). Vejamos a pesquisa:

Exemplo de textos em conflito

1 – Quem apareceu junto à sarça: o próprio Deus ou foi apenas um anjo?

Ex 3,2: “O anjo de Javé apareceu a Moisés numa chama de fogo do meio de uma sarça. Moisés prestou atenção: a sarça ardia no fogo, mas não se consumia”.

At 7,35: “... Moisés que os israelitas haviam renegado,... Deus o enviou como chefe e libertador, **por meio do anjo**

que tinha aparecido a ele na sarça”.

Quando se usa da expressão “Anjo de Javé”, o objetivo é designar o próprio Deus, assim em Êxodo afirma-se que Deus apareceu a Moisés, enquanto que em Atos é dito que quem apareceu foi um simples anjo.

2 – Será que Deus não revelara o seu nome, conforme afirmara a Moisés?

Ex 6,2-3: “Deus falou a Moisés: 'Eu sou Javé. Apareci a Abraão, a Isaac e a Jacó..., **mas a eles não dei a conhecer o meu nome: Javé**”.

Gn 15,7: “Javé disse a **Abraão: 'Eu sou Javé, ...'**”.

Gn 26,25: “**Isaac** levantou aí um altar, **invocou o nome de Javé, ...**”.

Gn 28,13: “Javé ... disse a **Jacó: 'Eu sou Javé, o Deus de seu pai Abraão e o Deus de Isaac...'**”.

Segundo os relatos, Deus já havia revelado o Seu nome a Abraão, Isaac e Jacó; entretanto, depois disso é negado; ou será que foi apenas um “esquecimento”?

3 – Os hebreus foram expulsos, tiveram permissão para sair ou fugiram do Egito?

Ex 12,39: “... é que, **expulsos do Egito**, não puderam parar, nem preparar provisões para o caminho”.

Ex 13,17: “Quando **o Faraó deixou o povo partir,...**”.

Ex 14,5: “Quando comunicaram ao rei do Egito que **o povo tinha fugido,...**”.

São três alternativas para se explicar o motivo pelo qual os hebreus saíram do Egito, mas qual delas será a verdadeira? (SOBRINHO, P S. N. 2015)

Com isso, encerramos a análise deste capítulo e esperamos ter esclarecido ao pastor e aos prezados leitores. Vamos agora às considerações finais do pastor:

(Agora, partamos ao capítulo 3 e analisemos outras incoerências tão gritantes quanto as que acabamos de ver no presente capítulo)

Bom, vamos ao terceiro capítulo e agora espero que o pastor tenha entendido a ineficácia de suas argumentações neste presente capítulo, ao qual encerramos, onde as *incoerências tão gritantes* recaem em suas citações desconexas e equivocadas.

CAPÍTULO III - NEGA A TRINDADE, MAS SE DIZ CRISTÃO

Neste novo capítulo, o pastor tentará abordar uma nova perspectiva dogmática do Cristianismo que é a visão trinitária da divindade, ao qual ele não vai entrar neste mérito da discussão, mas desenvolverá outras duas vertentes desta mesma crença que é a deidade de Jesus e do Espírito Santo que juntos compõe a base trinitária de sua fé, conforme ele mesmo introduz. Vejamos em sua introdução:

Como no capítulo anterior, neste também não pretendo entrar no mérito da questão quanto a se Deus é ou não Trino, se a Bíblia é ou não verdadeira... Tampouco objetivo argumentar em defesa do Cristianismo. Se o Cristianismo está certo ou não por pregar a Trindade, não vem ao caso no momento. Estas questões também são importantes, mas por ora não trato destes assuntos. O que agora proponho é fazer mais uma demonstração do quanto o Kardecismo é incoerente. Não existe cristão unitário, assim como também não há cristão ateu. Se os kardecistas fossem ateus e, concomitantemente, afirmassem ser cristãos, eu tacharia isso de incoerência, ainda que eu fosse ateu, visto que o Cristianismo não é ateuísta.

Uma abordagem de argumento falho, já que segundo o pastor, não há Cristianismo unitário o que os fatos demonstram justamente o oposto, pois existem muitos Cristãos que são unitários e que a Trindade é uma criação dos Pais da Igreja e que não foi pregada pelo Cristo, fazendo assim, as primeiras

comunidades cristãs unitárias. Segundo o pastor, o Espiritismo é incoerente por esta abordagem e é o que vamos averiguar mais adiante. Vejamos sua conclusão da introdução:

Neste capítulo empreendo demonstrar que o fato de o Kardecismo negar a Doutrina da Trindade, o descaracteriza como cristão.

Segundo o pastor, o Espiritismo seria incoerente por demonstrar que a doutrina da Trindade é tardia ao Cristianismo, como já bem abordamos, ela cria corpo com Tertuliano (160-220), uma ideia pagã de outras agremiações religiões trinitárias que se imiscuiu ao Cristianismo e transformou-se em dogma no início do século II ao IV. Com isso, desfecha o pastor:

Ora, para que fique claro que o Kardecismo deveras rejeita a Doutrina da Trindade, faz-se necessário provar que ele nega a Divindade do Filho e do Espírito Santo. Este é o motivo pelo qual este capítulo está dividido em duas partes: na primeira parte exibo o que Kardec disse acerca da Divindade de Jesus; já na segunda demonstro que ele negou a Personalidade e Divindade do Espírito Santo.

Diante dos fatos já apontados, sugerimos aos leitores em aprofundar em conhecer o dogma da Trindade, sua evolução tardia no Cristianismo e seu estabelecimento como dogma no ebook: [Trindade - “o mistério” imposto por um leigo e anuído pelos teólogos](#) e no artigo: [O Espiritismo esclarece o dogma da Trindade](#) que certamente irão esclarecer como este dogma foi estabelecido no seio da Igreja Católica Apostólica

Romana e disseminada nas demais agremiações protestantes de seu berço. Com isso, vamos aos argumentos defendidos pelo pastor da Deidade de Jesus e do Espírito Santo.

3.1. O Kardecismo Nega a Divindade de Jesus

Adentrando nos argumentos e considerações do pastor, quanto ao tema, encontramos a abertura deste tópico a seguinte alegação:

Crer na Trindade não implica crer em três Deuses em um, antes significa reconhecer que o Deus da Bíblia não é uma unidade absoluta, e sim composta, constituída de três Pessoas distintas (isto é, nenhuma das três Pessoas é as outras duas), igualmente divinas (isto é, cada uma destas três Pessoas é Deus).

Percebemos mais um argumento falho, pois para o pastor, a Trindade não é crer em três deuses em um Deus, mas apenas três pessoas distintas, sendo que cada uma destas pessoas é Deus. A incoerência deste dogma dificulta, inclusive, a sua defesa, pois parte do princípio que o deus trino não contém três deuses, mas que estes três, personificam como deuses, a essência de Deus. Objetivamente se os judeus compreendessem que Jesus se autodeclarava Deus, certamente que iriam julgá-lo por se fazer Deus, sendo homem, o que os fatos demonstram que Jesus foi condenado pelo Sinédrio por ter blasfemado que destruiria o Templo de Jerusalém e que em três dias o reconstruiria, aludindo à sua morte e ressurreição. Não satisfeito, prossegue o pastor:

O fato de a Bíblia dizer que há um só Deus (1Tm 2:5), sem negar tanto a distinção entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo (Jo. 14:16; Mt 26:39), quanto a Divindade de cada uma destas três Pessoas (O Pai é Deus [Jo. 3:16], o Filho é Deus [Jo. 1:1], e o Espírito Santo é Deus [At 5:3-4]), nos impele a concluir que, segundo a Escritura Sagrada do Cristianismo, Deus é o que se convencionou chamar de Trindade, isto é, embora o Pai, o Filho, e o Espírito Santo sejam distintos e igualmente Divinos, não há três Deuses, mas um só. Logo, quem nega a Doutrina da Trindade não pode se considerar cristão, visto que fazê-lo é incoerência. Deste modo, aqui está mais uma demonstração de incoerência no Kardecismo, posto que Allan Kardec sustenta entre as páginas 121-153 do livro "**Obras Póstumas**", editado pela Federação Espírita Brasileira, 26ª edição, que Jesus não é Deus. Referindo-se a Jesus ele diz textualmente: "...ele não é Deus..."(página 131). "... Jesus... não era Deus..." (página 134).

Na citada fonte de **Obras Póstumas**, onde contém um estudo de Kardec acerca do *Estudo sobre a natureza do Cristo*, na primeira parte da referida obra, o codificador transita sobre todos os argumentos possíveis na defesa da impossibilidade de Jesus ser Deus. No início do seu raciocínio, o pastor até admite que existe apenas um único Deus, ao citar um registro de Paulo (1Tm 2,5), cujo teor é: "**Porque há um só Deus**, e um só Mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo homem." (grifo nosso).

Existem ainda muitas outras referências bíblicas de que o Deus de Israel ao qual pregou Jesus era único, sendo a mais marcante da Torá contida em "*Dt 6,4: Ouve, ó Israel: O SENHOR **nosso Deus é o único SENHOR!** Portanto, amarás ao SENHOR teu Deus com toda a tua alma e com toda a tua força*". Todo o judeu intertestamentário sabia deste *Shemá* e o

recitava em suas orações com certa frequência, desabonando, dessa forma qualquer tipo de ideia pagã de uma trindade no meio judaico que inexistia à época de Jesus. Certamente, se não há nenhuma menção da trindade no Tanah, é no Novo Testamento que tentam os cristãos mais ortodoxos apoiar suas elucubrações acerca do dogma trinitário, como se Jesus houvesse se autodeclarado Deus.

O pastor começa distinguindo a personificação da trindade em três deuses distintos e consubstanciados num só Deus, advogando para o Deus Pai a referência de (Jo 3,16) Vejamos seu teor: **“Porque Deus amou o mundo** de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna.”

Nesta passagem, ao qual Jesus está encerrando seu diálogo com Nicodemos, não há a inferência de um Deus trino e apenas de um *único Deus* que amou o mundo, dando-nos a Cristo como ferramenta de regeneração. Forçar a interpretação e empregar a este texto uma ideia trinitária pregada por Jesus é agir deliberadamente, tentando obter do texto aquilo que ele não oferece. O pastor continua a sua defesa e advoga o Deus filho em Jo 1,1, em que se lê: “Jo 1,1: No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, **e o Verbo era Deus.**” (grifo nosso)

Temos esta pesquisa realizada acerca do Logos em resposta ao CACP e que compartilharemos com os leitores o resultado dela, contida no artigo **“O Espiritismo esclarece o dogma da Trindade”**. Vejamos:

João 1,1: No princípio era o Verbo^a, e o Verbo estava junto de Deus e o Verbo era Deus.

a) Cf. Gn 1,1. Em 1,1-5, o evangelista retoma um hino mais antigo que reproduz o relato da criação em Gn 1,1-31, escandido pelos verbos: “Deus disse... e assim se fez”: Deus criou o mundo por seu Verbo, isto é, por sua palavra (Sl 33,6-9; Sb 9,1; Eclo 42,15), especialmente a luz oposta às trevas (Gn 1,18), os seres vivos (Gn 1,20-25), e o homem (Gn 1,26-27). É possível que os vv. 1c-2, enquadrados pela retomada redacional “com Deus... com Deus” e que quebram o ritmo binário do trecho, tenha sido acrescentados pelo evangelista para afirmar a divindade de Cristo, Verbo encarnado (cf. 8,24+; 20,29; 1Jo 5,20. Em 1,9-18, o tema da Palavra criadora se desenvolve em harmonia com Is 55,10-11: enviado por Deus (1,9-11; 4-34+), no mundo (1,9+, para fecundá-lo (1,12+), revelando nele a “verdade” (8,32+), ela retorna a Deus após ter cumprido sua missão (1,18; 13,3; 16,28). Presença junto de Deus, papel da criação, envio ao mundo para aí ensinar a humanidade, este conjunto de temas concernem tanto à Sabedoria quanto à Palavra (Pr 8,22-36+; Eclo 24,3-32, Sb 9,9-12). No NT, cabia a João, graças ao fato da Encarnação (1,14+), expor a natureza pessoal dessa Palavra (Sabedoria) subsistente e eterna. (Bíblia de Jerusalém, p. 1842).

Nesta passagem de Jo 1,1 usa a palavra θεός (Theos) na forma predicativa, permitindo concluirmos a origem divina do Logos, mas não como sendo O Deus Eterno, de modo que o texto seria melhor entendido como: “O Verbo era divino” [2]. Sobre esta passagem registrada no

primeiro capítulo do Evangelho de João, Kardec nos traz o esclarecimento:

VIII. O Verbo se fez carne

“No começo era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. – Ele estava no começo com Deus. – Todas as coisas foram feitas por ele; e nada do que fez não fez sem ele. – Nele estava a vida e a vida era a luz dos homens; – E a luz brilhou nas trevas, e as trevas não a compreenderam.

“Houve um homem enviado de Deus que se chamava João. – Ele veio para servir de testemunha, para dar testemunho à luz, a fim de que todos cressem por ele. – Ele não era a luz, mas veio para dar testemunho daquele que era a luz.

“Aquele era a verdadeira luz que clareia todo homem vindo neste mundo. – Ele estava no mundo e o mundo nada fez por ele, e o mundo não o conheceu. – Ele veio aos seus e os seus não o receberam. – Mas deu a todos aqueles que o receberam o poder de serem feitos filhos de Deus, àqueles que creram em seu nome, que não são nascidos do sangue nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus mesmo.

“E o Verbo se fez carne e habitou entre nós; e vimos a sua glória, sua glória tal quanto o Filho único deveria recebê-la do Pai; ele, digo eu, habitou entre nós, cheio de graça e de verdade.” (João, cap. 1º, v. de 1 a 14.)

Esta passagem dos Evangelhos é a única que, à primeira vista, parece encerrar implicitamente uma ideia de identificação entre Deus e a pessoa de Jesus; é também aquela sobre a qual se

estabeleceu, mais tarde, a controvérsia a este respeito. Essa questão da divindade de Jesus não chegou senão gradualmente; nasceu das discussões levantadas a propósito das interpretações dadas, por alguns, às palavras *Verbo* e *Filho*. Não foi senão no quarto século que ela foi adotada, em princípio, por uma parte da Igreja. Esse dogma é, pois, o resultado de uma decisão dos homens e não de uma revelação divina.

Há de início a notar que, as palavras que citamos mais acima, são de João, e não de Jesus, e que, admitindo que não hajam sido alteradas, não exprimem, em realidade, senão uma opinião pessoal, uma indução onde se encontra o misticismo habitual de sua linguagem; elas não poderiam, pois, prevalecer contra as afirmações reiteradas do próprio Jesus.

Mas, aceitando-as tais quais são, elas não resolvem de nenhum modo a questão no sentido da divindade, porque se aplicariam igualmente a Jesus, criatura de Deus.

Com efeito, o *Verbo* é Deus, porque é a palavra de Deus. Tendo Jesus recebido essa palavra diretamente de Deus, com a missão de revelá-la aos homens, assimilou-a; a palavra divina, da qual estava penetrado, se encarnou nele; trouxe-a ao nascer, e foi com razão que Jesus pôde dizer: *O Verbo se fez carne, e habitou entre nós*. Jesus pode, pois, estar encarregado de transmitir a palavra de Deus sem ser Deus, ele mesmo, como um embaixador transmite as palavras de seu soberano, sem ser o soberano. Segundo o dogma da divindade, é Deus que fala; na outra hipótese, ele fala pela boca de seu enviado, o que não rouba nada à autoridade de suas

palavras.

Mas quem autoriza essa suposição antes do que outra? A única autoridade competente para decidir a questão são as próprias palavras de Jesus, quando disse: *“Eu nunca falei de mim mesmo, mas aquele que me enviou me prescreveu, por seu mandamento o que devo dizer; - minha doutrina não é a minha doutrina, mas a doutrina daquele que me enviou, a palavra que ouvistes não é, minha palavra, mas a de meu Pai que me enviou.”* É impossível exprimir-se com mais clareza e precisão.

A qualidade de *Messias* ou *enviado*, que lhe é dada em todo o curso dos Evangelhos, implica uma posição subordinada com relação àquele que ordena; aquele que obedece não pode estar igual àquele que manda. João caracteriza essa posição secundária, e, por consequência, estabelece a dualidade das pessoas quando disse: *E vimos a sua glória, tal quanto “o Filho único deveria receber do Pai”*; porque aquele que recebe não pode ser igual àquele que dá, e aquele que dá a glória não pode ser igual àquele que a recebe. Se Jesus é Deus, possui a glória por si mesmo e não a espera de ninguém; se Deus e Jesus são um único ser sob dois nomes diferentes, não poderia existir entre eles nem supremacia, nem subordinação; desde então, que não há paridade absoluta de posição, é que são dois seres distintos.

A qualificação de *Messias divino* não implica a igualdade entre o mandatário e o mandante, como a do *enviado real* entre um rei e seu representante.

Jesus era um messias divino pelo duplo motivo

que tinha a sua missão de Deus, e que as suas perfeições o colocavam em relação direta com Deus. (KARDEC, A. *Obras Póstumas*, Capítulo VIII) (FERRARI. T. T. 2014, p. 10-12)

Fim da citação

Como bem explanei em uma pesquisa já realizada no passado em resposta ao CACP, há neste texto do Evangelho de João (Jo 1,1-14) fortes indícios de que é de um hino que é colocado no prólogo desta obra, trazendo à baila, um conceito que fugia do hebraísmo acerca do Logos. Onde se lê “e o verbo era Deus”, deve-se entender dentro da língua grega e suas regras gramaticais como que “e o verbo era divino”. Numa outra tentativa do pastor, é a de identificar o espírito santo como mais um integrante da trindade, ao qual estabelece o Deus trino no livro de Atos dos Apóstolos, numa fala de Pedro a Ananias e Safira, vejamos à passagem:

At 5,3-4: Disse então Pedro: Ananias, por que encheu Satanás o teu coração, para que **mentisses ao Espírito Santo**, e retivesses parte do preço da herdade? Guardando-a não ficava para ti? E, vendida, não estava em teu poder? Por que formaste este desígnio em teu coração? **Não mentiste aos homens, mas a Deus.**

Nesta passagem, ao qual nos reservamos a grifar o entendimento do pastor, quanto a terceira pessoa da trindade, a saber o espírito santo, entendemos que Pedro apenas intuitivamente sabendo pela inspiração de um espírito santo da ação premeditada de Ananias e sua esposa, julgou que a Deus não se mente e nem muito menos se oculta ações deliberadas

e contrárias à sua vontade. Destarte, Pedro, de forma alguma, tenta passar a ideia de uma suposta trindade que certamente era desconhecida pelos apóstolos e muito menos ensinada pelo mestre Jesus, que sempre se colocou subordinado a Deus, onde tendo esta subordinação uma diferença hierárquica, colocando-se num patamar abaixo do Eterno, logo, ambos não poderiam ser o mesmo, já que Jesus não veio dele mesmo (Jo 8,42-59).

Para o pastor é uma incoerência da codificação de Kardec questionar o conceito tardio da trindade e estabelecer como regra de fé uma ideia que concomitantemente a ação dos apóstolos e a do próprio Cristo em pregar um deus trino que certamente seria estranho aos judeus da época. Por fim, o pastor advoga (Mt 26,39) para dar uma base de sustentação a forma trinitária que depõe contra o próprio pastor, pois se Jesus ora a Deus para afastar dele o cálice da sua paixão, certamente houve uma vontade diferente a que partiu do Cristo em relação ao Pai e mais uma vez, a vontade do Pai prevaleceu e Jesus a acatou, desabonando assim, qualquer ideia de trindade de um texto que representa duas vontades distintas entre a de Jesus e do Pai, ao qual prevaleceu a vontade de Deus. Já a passagem de promessa do Cristo em enviar outro consolador (Jo 14,16), o Espírito de Verdade (Paráclito) que já o esclarecemos no capítulo anterior que certamente não se tratava da terceira pessoa da trindade, mas da terceira revelação prometida pelo Cristo, a saber o Espiritismo. Passemos, porquanto, ao ponto seguinte das alegações do pastor:

Sabemos que, segundo a Bíblia, Jesus afirmou que Ele, de Si mesmo nada podia fazer (Jo.5:30); que Ele se submetia à vontade de Deus (Mt.26:39); declarou-Se inferior ao Pai (Jo.14:28); e, quando de Sua morte, Ele entregou Seu espírito a Deus (Lc.23:46). Destas afirmações de Jesus e outras correlatas, Kardec infere e registra no referido livro “**Obras Póstumas**”, no trecho supradito, que Jesus e Deus não são a mesma pessoa; e que, portanto, Ele não é Deus. Mas os argumentos que Kardec, à base destes fatos bíblicos, apresenta para subtrair a Deidade de Cristo, estão errados por três razões:

O próprio pastor reconhece a inferioridade de Jesus em relação ao Pai, submetendo, inclusive a correlação destes fatos à fonte **Obras Póstumas** de Kardec que estamos desenvolvendo, mas vamos às razões que o pastor julgou estarmos errados em subtrair a deidade de Jesus. Vejamos a primeira razão:

1ª) Allan Kardec não pode citar a Bíblia no intuito de provar a “ortodoxia” de suas doutrinas, pois como já deixamos claro, ele não acreditava nela;

Para este primeiro ponto, parece-nos que o pastor não estudou a codificação e encontramos na própria fonte de **Obras Póstumas** que ele critica, mas parece não ter aprofundado nela o suficiente quanto ao que Kardec diz sobre a Bíblia, na primeira parte, capítulo VII a tratar do tema *Da obsessão e da possessão*, ao qual vejamos o pensamento do codificador:

61. O Espiritismo se funda na observação dos fatos que resultam das relações entre o mundo visível e o Mundo

Invisível. Estando na ordem dos da natureza, esses fatos se produziram em todas as épocas e abundam principalmente nos livros sagrados de todas as religiões, pois que serviram de base à maioria das crenças. Por não os terem os homens compreendido, **é que a Bíblia e os Evangelhos apresentam tantas passagens obscuras e que foram interpretadas em sentidos diferentes. O Espiritismo traz a chave que lhes facilitará a inteligência.** (KARDEC. A. 2019b. p.65) (grifo nosso)

Neste ponto, Kardec enaltece a Bíblia por se tratar de passagens obscuras e de difícil entendimento, onde até mesmo o pastor já o reconheceu em capítulos anteriores e que o Espiritismo lhe seria a chave de compreensão das Escrituras. Mas o codificador não para por aí, pois na **Revista Espírita 1861**, no artigo “*A Lei de Moisés e a Lei do Cristo*” o espírito *Mardoché R...* conclui na segunda pergunta por ele respondida:

Os mandamentos de Deus, dados por intermédio de Moisés, contêm o germe da mais ampla moral cristã. **Os comentários da Bíblia, porém, restringiam-lhe o sentido, porque, praticada em toda a sua pureza, não a teriam então compreendido.** Mas nem por isso os dez mandamentos de Deus deixavam de ser uma espécie de frontispício brilhante, qual farol destinado a iluminar a estrada que a humanidade devia percorrer. **Moisés abriu o caminho; Jesus continuou a obra; o Espiritismo a concluirá.** (KARDEC. A. 2004d. P.141) (grifo nosso)

O devido respeito às revelações de Moisés, Jesus e do Espiritismo pela espiritualidade é evidente tanto na codificação quanto nas *Revistas Espíritas* como acabamos de ver. Passemos, porquanto, ao segundo ponto aventado pelo pastor:

2ª) Os cristãos, desde os primórdios do Cristianismo sustentam que Jesus, por ser Deus (Jo.1:1-3,10; Cl.1: 14-17; 2:9) e homem (1Tm 2:5), pode falar como Deus (Mt. 18:20; Mc.2:10) ou como homem (Mt. 24:36; Jo.5:30);

É preciso corrigir o pastor nesta sua segunda defesa da deidade de Jesus, pois como já o bem observamos, nem mesmo Jesus se autodeclarava Deus, nem mesmo seus apóstolos tinham este entendimento, como já desenvolvemos o Logos (Jo 1,1-14). Acerca das manifestações de Paulo (Cl 1,14-17; 2,9) vamos recorrer as fontes e examiná-las à fundo com auxílio do grego koiné e a **Bíblia de Jerusalém**. Vejamos:

Cl 1,14: no qual temos a redenção ^d – a remissão dos pecados.

I. **Parte dogmática** ^e

¹⁵ Ele é a imagem do Deus invisível,

o primogênito de toda criatura,

¹⁶ porque nele foram criadas todas as coisas,

nos céus e na terra,

as visíveis e as invisíveis;

Tronos, Soberanias, Principados, Autoridades,

tudo foi criado por ele e para ele.

¹⁷ É antes de tudo e tudo nele existe.

d) Ad. (Vulg.): “por seu sangue” (cf. Ef. 1,7)

e) Paulo cita aqui um hino cristão primitivo (3,16) composto de duas estrofes (vv. 15.16ac e vv. 18bc. 19.20a), que celebrava o papel de Cristo na primeira criação e na nova criação (2Co 5,17). Ele explica o significado de “todas as coisas” (vv.16bed.20b) em reação à proeminência que os colossenses dão aos anjos (2,18). (Bíblia de Jerusalém. 2002. p. 2054)

Cl 2,9: **Só Cristo é o verdadeiro Chefe dos homens e dos anjos** – 9 Pois nele habita corporalmente toda a plenitude da divindade ^a

a) Var.: “de Cristo” (cf 4,3; Ef 3,4), ou: “de Deus, de Cristo”, “de Deus Pai de Cristo”, “de Deus Pai e de Cristo” etc. (Bíblia de Jerusalém. 2002. p. 2056)

À primeira vista, parece-nos que Paulo denota que Jesus possui a divindade em sua plenitude física e espiritual, ao qual levou o pastor e demais seguidores do cristianismo ortodoxo a acreditarem na deidade de Jesus que, à primeira vista, Paulo defende esta tese ao citar primeiro um hino cristão antigo (Cl 1,14-17) e depois de textualmente colocar Jesus como detentor da plenitude divina (Cl 2,9).

Ocorre que encontramos um exegeta bíblico, Valdomiro Filho esclarece esta passagem dentro dos originais, em seu site **Unitarismo Bíblico**, já defendendo a impossibilidade da defesa da deidade de Jesus e muito menos da possibilidade de haver a trindade. Vejamos:

Cl. 2.8-9: “τὸ πλήρωμα τῆς θεότητος” (plenitude da divindade), é lido em conjunto com Cl. 1,19 “*Porque foi do agrado do Pai que toda a plenitude nele habitasse,*” então, inclusive a plenitude da divindade que Jesus hoje possui é provida pelo Pai. E, nós também seremos participantes da divindade, II Pe 1,4 διὰ τούτων γένησθε **θείας** “*participantes da natureza divina*”, a mesma que é descrita em Cl 2,9 e Rm. 1,20 αὐτοῦ δύναιμις καὶ **θειότης** “*como a sua divindade*”. Ainda podemos ler Ef. 3,19 diz “ἵνα πληρωθῆτε εἰς πᾶν τὸ πλήρωμα τοῦ Θεοῦ” (hina plêrôthête eis pan to plêrōma tou Theou) que se traduz “*afirm de que sejais repletos em toda plenitude de Deus*”. Logo, se constata que ainda que sejamos participantes da natureza divina e cheios da plenitude de Deus ou plenitude da divindade, nenhuma, nem outra coisa é condição de co-

Em se tratando da citação de (1Tm 2,5) já o esclarecemos anteriormente e não entraremos no mérito em repetir nossa tese, bem como sobre Jesus recomendar que onde houvesse dois ou mais reunidos em seu nome, lá ele estaria em pensamento (Mt 18,20) que como sabemos os espíritos puros irradiam seus pensamentos e intenções, assim como o sol irradia sua luz sobre nós, não denotando que Jesus seria como Deus, onipresente. Em consonância a esta passagem que comentamos, há ainda (Mc 2,10) que Jesus teria autoridade para perdoar pecados e por diversas vezes o Cristo foi interpelado pelos fariseus que Jesus estava se passando como Deus a perdoar pecados e operar seus milagres perante os judeus à sua época, o que concluímos que se Jesus se classificasse como Deus, teria uma boa oportunidade para dizer neste momento, ao qual o próprio Cristo nega ser o Eterno. Passemos a terceira defesa do pastor da deidade de Jesus, a saber sua defesa paralela da trindade. Vejamos:

3ª) Kardec alega que (falo com minhas palavras) “se Jesus realmente fosse Deus e homem, de humano Ele teria o corpo, e de Divino, Ele teria o Espírito; mas é justamente o Espírito que Ele entrega nas mãos do Pai, quando de Sua morte (Lc. 23:46). Ora, como entregar Deus aos cuidados de Deus?” Esse argumento, porém, não é tão consistente como talvez possa parecer a uma pessoa desavisada. Veja estas considerações:

Nesta terceira e última alegação, é comentado de que como Jesus, sendo deus na visão do pastor, poderia o Cristo

entregar seu espírito a Deus, já que sendo Deus, como poderia Deus entregar seu espírito ao próprio Deus, já que Jesus afirma que não vem de si mesmo (Jo 8,42-59)? É o que Kardec elucida e esclarece ser impossível de se resolver este imbróglio ao qual nem mesmo o pastor consegue defender esta tese e nos vai apresentar três pontos a desenvolver sua fé da deidade de Jesus. Vejamos:

• Kardec “esqueceu” de considerar que o Cristianismo sempre pregou que de humano, Jesus não possuía só o corpo, mas também o espírito (espírito ou alma, na concepção dos dicotomistas; ou espírito e alma, segundo os tricotomistas);

Outro argumento falho, pois os Dicotomistas acreditam numa essência material que é o corpo e outra essência imaterial que é o espírito ou alma que são a mesma coisa para eles. Quem defendia esta tese eram Atanásio (296-373), Teodoreto (393-457) e Agostinho (354-430). Já os Tricotomistas creem no mesmo conceito, mas neste caso eles creem que o ser humano possui três essências, sendo a primeira como material, a saber o corpo físico, a segunda imaterial, sendo a alma e a terceira igualmente imaterial sendo o espírito. Em nenhuma dessas teses Kardec em seu longo discurso já citado a referência no início deste capítulo da fonte **Obras Póstumas**, destitui Jesus de ter um corpo físico, uma alma e espírito. Gostaria de ver o pastor citar a fala de Kardec corroborando mais esta incoerência aferrada ao codificador. Passemos para o segundo ponto de defesa do pastor, acerca do terceiro ponto desdobrado anteriormente. Vejamos:

- Se de humano, Jesus possuísse só o corpo, Ele não seria 100% homem, como o Cristianismo sempre sustentou, e sim, um ser parcialmente humano;

Outro argumento falho, pois não só Jesus não possui somente um corpo material que é o corpo e outro imaterial que é o espírito, ao qual nos configura de sermos igualmente humanos e divinos, por termos a mesma essência do Cristo. A Doutrina Espírita ainda entabula em seus conceitos a existência do perispírito que nada mais é do que a existência de um veículo semimaterial que envolve o Espírito e o liga ao corpo físico, através dos centros de força. Creio que o pastor deva saber disso, uma vez que disse que “estudou” Kardec e que ao menos nem mesmo este conceito citou. Passemos ao último ponto aventado pelo pastor:

- O Cristianismo clássico jamais ensinou que o Pai e o Filho sejam a mesma Pessoa. Essa crença, estranha ao Cristianismo bíblico e rechaçada pelos católicos, pelos ortodoxos e pelos evangélicos, é conhecida pelos nomes de Sabelianismo, Modalismo e Unicismo. Deste modo, por que Cristo não poderia entregar o Seu espírito humano aos cuidados do Pai, isto é, aos cuidados da Divindade, da qual Ele é integrante? Salta aos olhos que Kardec, das duas uma: Ou ignorava o que o Cristianismo prega, ou usou de má fé. Sim, para nos refutar, ele deveria se ater a solapar as bases sobre as quais nos fundamentamos, e não se valer de premissas rejeitadas por todos os teólogos trinitarianos. Tentar refutar uma ideia, sem solapar a (s) premissa (s) sobre a (s) qual (ais) a mesma esteja apoiada, não é uma atitude filosófica, e sim, um disparate indigno de ser apreciado.

Identificamos mais uma incoerência do pastor, pois se para ele Kardec é indigno de ser apreciado na defesa de que

Jesus não é Deus, por que então ele dedicou um livro a tentar refutar Kardec, já que ele é *indigno de ser apreciado*? Depois somos nós espíritas que somos incoerentes por acreditarmos numa Doutrina igualmente incoerente. Se na concepção do pastor Jesus e Deus não são a mesma pessoa, então estamos tratando de dois deuses que com o acréscimo do espírito santo teríamos então três deuses em um só Deus. O que poderíamos classificar em um politeísmo moderno. Ademais, o Sabelianismo foi a crença de Sabélio (? - 215) do século III que não se impôs aos demais Pais da Igreja já estavam na discussão interminável da trindade e sua defesa. Já o Modalismo foi mais tardio, pregada por Fócio, bispo de Esmirna por volta do século IV, o que certamente foi rechaçada pela Igreja Católica de Roma devido ao estabelecimento da Trindade no I Concílio de Constantinopla em 381 d.C. Passemos ao ponto seguinte da defesa do pastor:

Jesus, à luz da Bíblia, é o Deus Todo-Poderoso, Criador dos Céus, da Terra e de tudo quanto neles há (Jo.1:1-3,10; 5:18; 20:28 Hb. 1: 8-12; Rm. 9: 5; Cl.1: 14-17; 2:9; Tt.2:13; 2Pe 1:1. etc.).

Segundo o pastor *Jesus é o Deus Todo-Poderoso, criador dos Céus e da Terra*, ao qual o mesmo Deus divide-se em três deuses, onde foi necessário vir outro deus, Jesus e sofrer o sacrifício vicário ao outro deus e assim perdoar os pecados dos homens, acometidos pelo pecado original de Adão e Eva, infringido à humanidade. Certamente voltaremos a este tema mais adiante, mas as passagens atestadas pelo pastor e que já

comentamos (Jo 1,1-3; Cl 1,14-17; 2,9). Encerraremos com as demais passagens (Jo 3,18; 20,28; Hb, 1,8-12; Rm 9,5; Tt 2,13; 2Pe 1,1). Começaremos ao citar as análises do grego pelo Valdomiro Filho constante no site **Unitarismo Bíblico**. Vejamos:

As coisas foram feitas por ele

Jo. 1.2,3 trazem informações que não podem passar despercebidas, pois ao dizerem que “todas as coisas foram feitas por intermédio dele, e sem ele nada do que foi feito se fez”, leva alguém a refletir: “... se todas as coisas foram feitas por meio do Verbo, não existe nada que não tenha sido feito por Ele. Logo, Ele não pode ter sido feito, do contrário existiria alguma coisa que não foi feita por meio d’Ele (Ele mesmo)”, esse tipo de raciocínio levanta, no entanto, por não considerar a forma de expressão dos escritores sagrados, algumas dificuldades para quem pensa assim, envolvendo o Espírito Santo. Ao observarmos o argumento proposto, considerando o conjunto das Escrituras, temos, por exemplo, versículos como Lc. 10.22 que diz: “... e ninguém conhece quem é o Filho senão o Pai, nem quem é o Pai senão o Filho, e aquele a quem o Filho o quiser revelar”. Ora, pelo princípio da exclusão completa e absoluta, então, decorre que o Espírito Santo está de fora do conhecimento de quem é Deus, pois se somente o Filho conhece o Pai, e o Pai, o Filho; então, o Espírito não conhece nenhum dos dois, mas isso é algo que sabemos não ser plausível afirmar, não por causa do versículo em si, pois, de fato, nos baseando apenas nesse verso, isoladamente, que é o que fazem com os versos 2 e 3 de João 1, essa conclusão seria inevitável e, na realidade, até que poderia ser assim mesmo, mas, justamente por causa de outros versículos das Escrituras, que complementam e esclarecem aquela passagem, essa exclusão não é plausível, e a prova disto encontramos em I Co 2.11 “Assim também ninguém sabe as coisas de Deus, senão o Espírito de Deus.” Além disso precisamos refletir ainda acerca do Espírito Santo considerando o “argumento da exclusão”, pois se João 1.1-3 fala do Logos numa pretendida condição de existencialidade

eterna e todo o restante sendo criado por Ele, então, pelo princípio da exclusão completa, defendida pelos trinitários, o Espírito Santo passa a fazer parte das coisas abrangidas pela expressão “todas as coisas foram feitas por intermédio dele”, tendo sido “criado” pelo Verbo em algum tempo na eternidade. Assim, mesmo que se reivindique a ideia de procedência relativamente ao Espírito isto não resolveria o requerimento proposto, que aliás, diz J. N. D. Kelly “Agostinho sempre encontrou dificuldade para explicar... em que difere [o Espírito] da geração do Filho”. Temos ainda Hb. 1.6 “E outra vez, ao introduzir no mundo o primogênito, diz: E todos os anjos de Deus o adorem.” Ora, se são absolutamente todos, então o chamado Anjo do Senhor também deve reverenciar Jesus; mas, aí surge um outro problema, pois os trinitarianos veem nesse Anjo o próprio Jesus, o que mais uma vez mostra a falibilidade do argumento da exclusão completa. Quanto lemos em Cl. 1.16 “Porque nele foram criadas todas as coisas que há nos céus e na terra, visíveis e invisíveis, sejam tronos, sejam dominações, sejam principados, sejam potestades. Tudo foi criado por ele e para ele.”, então, seu Pai, o Deus invisível, também foi criado por ele? Já que ele criou todas as coisas que há nos céus, e nos céus é onde Deus habita? Certamente que a expressão “todas as coisas” é entendida não no sentido amplo e irrestrito. Ainda em Jo. 3.35 lemos: “O Pai ama o Filho, e todas as coisas entregou nas suas mãos”, embora se diga “todas as coisas”, o Pai não está incluído, e esse dito no evangelho do João se prova na carta de Paulo em I Co. 15.27 “Mas, quando diz que todas as coisas lhe estão sujeitas, claro está que se excetua aquele que lhe sujeitou todas as coisas”. Até mesmo que lemos “Porque todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus”, claro está que a expressão “todos pecaram” exclui um, o Senhor Jesus Cristo, pois “em tudo foi tentado, mas sem pecado”. Logo se percebe que esse argumento, traz mais dificuldades para um trinitariano que soluções. Aqui não se pretende afirmar que o Filho foi o meio de sua auto-criação, pois fica provado que tais palavras não denotam uma expressão absoluta de totalidade das coisas existentes, pelo contrário, é de se notar pelos exemplos dados que Ele não está incluído na expressão “todas as coisas” por duas razões simples: 1) Por haver sido gerado, não criado, pelo Pai antes, e, 2) por ser o executor da ordem criativa do Pai. Assim, como não foi

intenção do escritor sagrado afirmar que o Pai se auto-entregou ou se auto-submeteu ao Filho nas palavras “todas as coisas” (I Co. 15.27), quanto Ihe submete tudo, assim também a criação de tudo pelo Filho no o exclui de uma origem. “Todas as coisas” Ihe foram entregues menos uma, o próprio Pai; também quando se diz “todos os anjos” (Hb. 1.6) se excetua um, que é a teofania de Yahweh, o Anjo do Senhor. Quando se diz “todos pecaram” se exclui um: o Senhor Jesus. De igual modo quando se usa a expressão “Todas as coisas ...” (Jo. 1.3), ao se fala da criação se excetua um, ele próprio, que foi gerado pelo Pai. E, se é forte aplicar a palavra criação, como objetivamente está escrito em Ap. 3.14 “princípio da criação de Deus” com relação ao Filho, não o é o termo geração (Hb. 1.5), no entanto ambas denotam irremediavelmente início. O artifício da teologia pós-apostólica da “geração eterna do Filho” não é ensinado na Bíblia nem de forma direta, nem de forma indireta. (VALDOMIRO FILHO, *As coisas foram feitas por ele*, link: <http://www.unitarismobiblico.com/w/2010/05/03/jo-1-23/>)

Senhor meu, e Deus meu

Jo. 20.27-28 Certamente o foco desses versos recai sobre a expressão “*meu Senhor e meu Deus*” (ὁ κύριός μου και ὁ θεός μου). A questão é sabermos se Tomé estava identificando quem era o que estava diante dele, a exemplo da revelação que Pedro teve, ou se dirigindo a Ele expressando admiração ou espanto pelo que via ser possível acontecer pelo poder de Deus.

O fato do apóstolo João não haver registrado a forma vocativa do grego em Jo. 20.28, algo que era de se esperar se fosse intenção de Tomé direcionar aquelas palavras exatamente a pessoa de Jesus, tem feito alguns trinitarianos reivindicarem a existência do vocativo com caso nominativo (fato que poderia acontecer no grego koiné) para esse versículo em específico. Mas, embora o vocativo possa se servir de nominativo, deve-se destacar que o nominativo “o κύριος” (ho kyrios) como vocativo articular é o tipo de exceção que não se manifesta em lugar algum do evangelho de João, nem antes, nem depois da ressurreição. Sempre que alguém se dirige a Cristo o chamando de Senhor usa “κύριε” (kyrie), o vocativo, nunca

o nominativo “κύριος” (kyrios). O nominativo da palavra “Senhor”, indicando Jesus, mas não se dirigindo a ele ocorre em cinco lugares nesse evangelho, são elas: Jo. 4.1; 13.13,14; 21.7,12. Em todas as outras ocorrências da palavra “Senhor” quando alguém se dirige a Jesus no evangelho de João é usado o vocativo, expresso como tal: κύριε. Assim, era de se esperar que, se fosse intenção de Tomé dirigir as palavras a Jesus, referindo-se a ele, dizer-lhe, então: “κύριε μου”, seguindo o padrão de registro de como se dirigir ao Senhor Jesus. Isso, por si só, já deveria nos fazer refletir sobre as reais intenções de Tomé. No entanto, poderá se reivindicar justamente a questão do uso vocativo com nominativo grego para descaracterizar essa reflexão (embora que João seja uniforme em seu evangelho em todas as 29 ocorrências da palavra “Senhor” no vocativo se dirigindo a Jesus) e dizer que Tomé estava se referindo, de fato, a Cristo em Jo. 20.28. Mas, vale ressaltar que mesmo que Tomé houvesse usado o vocativo no caso nominativo este se refere ao seu Deus, O Imortal, O Pai, e não a Jesus, que voltara a vida por aqueles dias.

Mas, além dessa questão gramatical reflatamos, agora, contextualmente. A primeira aparição de Jesus após a ressurreição, Tomé não estava presente, causou pavor entre os discípulos Lc. 24.37 *“E eles, espantados e atemorizados, pensavam que viam algum espírito”*. Uma conclusão imediatista, que inclusive é, com relação a essa passagem bíblica, a usual nos dias de hoje, passa pela desconsideração total sobre qual era a paisagem em que o Novo Testamento se formou. Tomé precisaria ser um judeu muito leviano, a despeito do que todos os escritos históricos, salmos, proféticos e sapienciais em milênios de história ensinaram acerca de Deus, inclusive na sua época e mesmo depois, ao dizerem em passagens como Dt. 10.17 *“Pois Yahweh vosso Deus é o Deus dos deuses, e o Senhor dos senhores, o Deus grande, poderoso e terrível, que não faz acepção de pessoas, nem aceita recompensas”*, I Rs. 8.27 *“Mas, na verdade, habitaria Deus na terra? Eis que os céus, e até o céu dos céus, não te poderiam conter...”*, Ex. 33.20: *“Nenhum homem verá a minha face e viverá”*, II Sm. 22.14 *“Do céu trovejou Yahweh, o Altíssimo fez soar a sua voz.”* Sl. 76:7 *“Tu, sim, tu és tremendo; e quem subsistirá à tua vista, quando te*

irares?”, Sl 89:7 “*um Deus sobremodo tremendo na assembleia dos santos, e temível mais do que todos os que estão ao seu redor?*”, Jr. 23.24 “... *Porventura não encho eu os céus e a terra? diz o Yahweh.*” Ou ainda para nós, Ap. 20.11 “*E vi um grande trono branco e o que estava assentado sobre ele, de cuja presença fugiram a terra e o céu; e não foi achado lugar para eles.*”. O próprio apóstolo Paulo mostrou que essa percepção de Deus não havia mudado com a vinda de seu Filho Jesus. A graça e a verdade que a Bíblia diz ter vindo por Jesus Cristo Nosso Senhor não passa pela mudança da percepção de quem é o Deus Eterno de Israel, Aquele conhecido pelos antigos patriarcas, profetas, reis e etc., pois o apóstolo escreveu: I Tm. 6. 16 “*Aquele que tem, ele só, a imortalidade, e habita na luz inacessível; a quem nenhum dos homens viu nem pode ver, ao qual seja honra e poder sempiterno. Amém.*” Nas Escrituras ainda estão escritos “*Não executarei o furor da minha ira; não voltarei para destruir a Efraim, porque eu sou Deus e não homem, o Santo no meio de ti; eu não entrarei na cidade.*” (Oz. 9.11), e “*Deus não é homem, para que minta; nem filho do homem, para que se arrependa; porventura diria ele, e não o faria? Ou falaria, e não o confirmaria?*” (Nm. 23.19). Qualquer que seja a interpretação dada a todos esses versículos e outros semelhantes, tais informações certamente não leva ninguém a acreditar que Yahweh, o Deus Eterno, iria se materializar se fazendo carne diante dos homens e se tornando aquilo que ELE disse não ser: o homem. Tomé como judeu que era, acostumado a recitar o Shemá: “*Ouve, Israel, Yahweh nosso Deus, Yahweh é um*”, acostumado a perceber Deus como um e único, imortal, invisível, imensurável, indescritível e etc., passar, agora, a entender Deus como mortal, visível e, quem sabe, revelado por “hipóstases” como sendo pelo menos dois, passando a admitir que Ele, Deus, havia morrido, ressuscitado e estava em “carne e ossos” ali diante dele palpável é algo completamente sem nexos se considerarmos que para a Bíblia existe um contexto não somente histórico, mas, também, religioso; muito mais quando nos lembramos que um recado foi endereçado aos discípulos, versículos antes, pelo próprio ressuscitado Senhor Jesus Cristo, nos seguintes termos Jo. 20.17 “*mas vai para meus irmãos, e dize-lhes que eu subo para meu Pai e vosso Pai, meu Deus e vosso Deus*”. Tomé mesmo foi testemunha das palavras de

Jesus em João 5.30: “***Eu não posso de mim mesmo fazer coisa alguma***” e o mesmo Evangelista registra em vários momentos essa dependência de Jesus em relação a Deus. Além do mais Jesus mesmo testifica qual era a compreensão que os apóstolos tinham dele e a confirma em Jo. 13.13 “*Vós me chamais Mestre e Senhor, e dizeis bem, porque eu o sou.*”, não Deus e Senhor, mas Mestre e Senhor. É realmente muito difícil imaginar que diante de tudo isso Tomé tenha contrariado o próprio Jesus Cristo, que ao endereçar um recado aos discípulos incluí o próprio Tomé, chamando todos de “***meus irmãos***” e afirmado “***eu subo para...meu Deus***”, passasse, agora, a afirmar ser Ele (Jesus) exatamente aquele conhecido como O Deus de Israel, O Eterno.

Há quem ache impossível Tomé haver respondido a Cristo e não estar se referindo diretamente a Ele, ainda que Jesus mesmo não tenha feito nenhuma pergunta a Tomé. Mas, é interessante saber que fato semelhante já havia acontecido com Jesus ao ser tentado pelo Diabo, quando este pede que Jesus o adore temos as seguintes palavras do Salvador: “*Vai-te para trás de mim, Satanás; porque está escrito: Adorarás o Senhor teu Deus, e só a ele servirás*” (Mt. 4.10). Ora, diante de tudo aquilo que a Bíblia relata a respeito de Satanás é difícil que o pai da mentira considere Yahweh seu Deus. O pedido que ele fez a Jesus reflete isso pelo desrespeito, e o próprio Yahweh já condenou o Diabo, de modo que uma ordem a um condenado dessa natureza não seria dada e nem seria acolhida. Logo, a citação de Jesus não é dirigida ao Opositor embora tenha sido dita a ele. É, portanto, uma referência ao mandamento dado por Moisés para informar ao maldizente que Jesus só adoraria e serviria a Deus, seu Pai e não um aconselhamento ao Maldizente.

Paralelamente Tomé ao dizer “*Senhor meu e Deus meu*” usa ou cita uma expressão muito parecida com a do Salmo 35.23 “*Desperta e acorda para o meu julgamento, para a minha causa, **Deus meu e Senhor meu***”. O Salmo está inserido em um contexto de perseguição e acusações. Tomé havia passado 8 (oito) dias dizendo não acreditar na afirmação dos apóstolos (Jo. 20.26), por não tê-lo visto, certamente deve ter temido ser acusado pelos demais discípulos depois da Prova do milagre estar ali diante dele. Muitos procuram descaracterizar essa verdade alegando que essa afirmação

de Tomé seria blasfema se fosse uma citação não dirigida ao próprio Jesus, pois no entender deles estaria usando o nome de Deus em vão. Alguns alegam, ainda, que Tomé deveria está habituado com as teofanias de Deus nas Escrituras portanto acharia normal Deus está ali diante dele e estaria, por conta disso, dirigindo as palavras ao Senhor Jesus como sendo o próprio Deus, mas essa é uma análise incompleta dos fatos. Como já vimos Tomé não precisava, forçosamente, direcionar as palavras a Cristo, os Salmos nos ajuda nesse entendimento e é difícil defender que as teofanias de Deus no passado tenham convencido Tomé que Jesus fosse o próprio Deus, pois as teofanias são manifestações temporárias de Deus através de algo ou alguém, e essa descrição de teofania não se encaixa na pessoa de Jesus Cristo, que tinha uma mãe conhecida por todos, além de irmãos e irmãs, e um pai adotivo.

Um detalhe adicional a observar é que o milagre da ressurreição não seria o suficiente para uma conclusão trinitária por parte Tomé, pois ele não tinha ciência por qual tipo de ressurreição Jesus havia passado, e, pela quantidade de dias, o corpo de Lázaro havia ficado mais tempo no túmulo do que o de Jesus. Assim, o conceito trinitário só é possível se for considerado o texto isolado de seu contexto.

Admitir que Tomé tenha VISTO, aquele que MORREU e ressuscitou, e o reconhecido como sendo o Deus Eterno fere frontalmente I Tm. 6.16 que diz: ***“Aquele que tem, ele só, a imortalidade, e habita na luz inacessível; a quem nenhum dos homens viu nem pode ver...”*** ¹

Se levantarmos a questão coloquial, há ainda o fato de que na antiga escrita grega não existia pontuação, o que não permitiu registrar a entonação da frase de Tomé. Isso poderia dar também a real dimensão do que nos disse o apóstolo, mas como não sabemos como ele entonou é preferível ficar com a contextualização bíblica que por si só já dá informações suficientes para se compreender perfeitamente as palavras de Tomé.

João fecha a questão, no mesmo capítulo, de forma muito clara em 20.31 ***“Estes, porém, foram escritos para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome.”*** ou seja, o que ele escreveu não

foi para que creiamos que Jesus é Deus, mas “*que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus*”

1 Esse verso é interessante porque também desfaz a reivindicação feita por alguns de Jo. 14.9, para dizer que Jesus é o próprio Deus. Ora, se João estivesse querendo dizer que Jesus era Deus mesmo, então, I Tm. 6.16 seria uma mentira. Mas, se vê o Pai em Jesus significa que ele veio de Deus, então, ambos os versos continuam harmônicos.

(VALDOMIRO FILHO, *Senhor meu, e Deus meu*, <http://www.unitarismobiblico.com/w/2010/05/03/jo-20-27-28/>)

Entendemos ser necessário a citação completa quanto às alegações trinitárias da Divindade e também das alegações da deidade de Jesus, restando somente a análise da passagem de (Jo 20,28; 2Pe 1,8; Rm 9,5; Hb 1,8) que citaremos nossa pesquisa em resposta ao CACP, contida no artigo “***O Espiritismo esclarece o dogma da Trindade***”. Vejamos:

No primeiro ponto é abordado o Pai em 2 Pe 1,17; no segundo o filho em Jo 1,1; 20,28; Rm 9,5; Hb 1,8 e o terceiro com o Espírito Santo em At 5,3-4. Vejamos as citações para após elas, nossos comentários:

2 Pe 1,17: Pois ele recebeu de Deus Pai honra e glória, quando do uma voz vinda da sua Glória Ihe disse: ^c Este é o meu Filho muito amado, em quem me comprazo.

c) “da sua Glória Ihe disse”: var.: “do seio da glória... Ihe veio”. (Bíblia de Jerusalém, p. 2121)

À exemplo da passagem de 2 Pe 1,17 e da de 2 Pe 1,1 que como no grego koine não há a

separação silábica, da mesma forma não há inferência de um Deus Pai. Este é mais um dos versos, a exemplo de Tt 2,13, que tentam buscar como comprovação da suposta deidade de Jesus. Traduções com redações semelhantes têm sido usadas com esse fim, contudo é importante dizer que não existe unanimidade na tradução do versículo. Por exemplo, a versão católica da Bíblia Sagrada da Editora Ave-Maria traduziu: *“Simão Pedro, servo e apóstolo de Jesus Cristo, àqueles que, pela justiça do **nosso Deus e do Salvador Jesus Cristo**, alcançaram por partilha uma fé tão preciosa como a nossa”*. Reconhecendo Deus e o Salvador como seres distintos. Mesmo a Bíblia de Jerusalém que é uma tradução feita por católicos e protestantes, ainda que vertendo o trecho de forma tradicional, informa como primeira nota de rodapé a 2 Pe 1,1 a versão alternativa de tradução: *“Ou: ‘de nosso Deus e do Salvador Jesus Cristo’”*. Mostrando ser possível as duas versões. ^[2] (FERRARI. T. T. 2014. p.10)

Passemos agora às passagens restantes de nossa pesquisa, já que tratamos anteriormente sobre o Logos em (Jo 1,1-14). Vejamos:

Passemos agora a outra passagem que o CACP advoga como sendo mais uma das afirmações de que Jesus é Deus. Vejamo-la:

Jo 20,28: Respondeu-lhe Tomé: “Meu Senhor e meu Deus!” (Bíblia de Jerusalém, p. 1893)

Já na passagem de Jo 20,27-28 com certeza, o

cerne desta desses versos vem a ser sobre a expressão “*meu Senhor e meu Deus*” (ὁ κύριός μου καὶ ὁ θεός μου). Ao examinarmos a passagem que parece aludir a trindade, identificando Jesus como Deus, na questão em lide, é sabermos se Tomé estava identificando quem era o que estava diante dele, ou se dirigindo a Jesus com admiração ou até mesmo espanto pelo que via ser possível acontecer pelo poder de Deus, e não que Jesus fosse realmente o Eterno. Alguns eruditos, aludem ao fato de o apóstolo João não haver registrado a forma vocativa do grego em Jo 20,28, sendo como algo que era de se esperar se fosse intenção a real intenção de Tomé direcionar aquelas palavras exatamente a pessoa de Jesus como sendo o próprio Eterno. Isto tem feito ao CACP e muitos que creem no dogma da trindade reivindicarem a existência do vocativo com caso nominativo (fato que poderia acontecer no grego koiné) para esse versículo em que estamos examinando, contudo o vocativo possa se servir de nominativo, deve-se destacar que o nominativo “ὁ κύριος” (ho kyrios), como vocativo articular é o tipo de exceção que não se manifesta em lugar algum do evangelho de João, nem antes, nem depois da ressurreição de Jesus. Sempre que alguém se dirige a Cristo o chamando de Senhor usa “κύριε” (kyrie), o vocativo, nunca o nominativo “κύριος” (kyrios). O nominativo da palavra “Senhor”, indicando Jesus, mas não se dirigindo a ele ocorre em cinco lugares nesse evangelho, são elas: Jo 4,1; 13,13-14; 21,7-12. Todas as outras ocorrências da palavra “Senhor” quando alguém se dirige a Jesus no evangelho de João é usado o vocativo, expresso como tal: κύριε. Assim, era de se esperar que, se fosse intenção

de Tomé dirigir a palavra a Jesus, referindo-se a ele, dizer-lhe, então: “κύριε μου”, seguindo o padrão de registro de como se dirigir ao Senhor Jesus. Isso, por se só já deveria nos fazer refletir sobre as reais intenções de Tomé. No entanto, poderá se reivindicar justamente a questão do uso vocativo com nominativo grego para descaracterizar essa reflexão (embora que João seja uniforme em seu evangelho em todas as 29 ocorrências da palavra “Senhor” no vocativo se dirigindo a Jesus) e dizer que Tomé estava se referindo, de fato, a Cristo em Jo 20,28, mas vale ressaltar que mesmo que Tomé houvesse usado o vocativo no caso nominativo este refere-se ao seu Deus, O Eterno, O Pai, e não a Jesus, que voltara a vida por aqueles dias.^[2]

Tomé ao dizer “*Senhor meu e Deus meu*” usa ou cita uma expressão muito parecida com a do Sl 35,23 “*Desperta e acorda para o meu julgamento, para a minha causa, **Deus meu e Senhor meu***”. O Salmo está inserido em um contexto de perseguição e acusações. Tomé havia passado oito dias dizendo não acreditar na afirmação dos apóstolos (Jo 20,26), por não ter visto o mestre e procurar as provas materiais de sua ressurreição, certamente deve ter temido ser acusado pelos demais discípulos depois da prova da ressurreição estar ali diante dele. Muitos procuram descaracterizar essa verdade alegando que essa afirmação de Tomé seria blasfema se fosse uma citação não dirigida ao próprio Jesus, pois no entender deles estaria usando, citando o nome do Eterno em vão. Existe ainda a alegação de que Tomé deveria está habituado com as teofanias do Eterno nas Escrituras portanto acharia normal Deus estar ali diante dele e estaria, por conta disso dirigindo as palavras a

Jesus sendo o próprio Eterno, mas essa é uma análise incompleta dos fatos. Como já vimos Tomé não precisava, forçosamente, direcionar as palavras a Cristo, os Salmos nos ajudam nesse entendimento e é difícil defender que as teofanias de Deus no passado tenha convencido Tomé que Jesus fosse o próprio Deus, pois as teofanias são manifestações temporárias de Deus através de algo ou alguém, e essa descrição de teofania não se encaixa na pessoa de Jesus Cristo, que tinha uma mãe conhecida por todos, além de irmãos e irmãs, e um pai. Forçosamente o CACP tenta passar a ideia de uma manifestação da trindade diante da identificação de Tomé que não há amparo na gramática e nem na interpretação dos fatos^[2]

Admitir que Tomé tenha visto, aquele que morreu e ressuscitou, e o reconhecido como sendo o Eterno vai de encontro com a passagem, no entendimento de Paulo, registrado em 1 Tm 6,16 que diz: ***“Aquele que tem, ele só, a imortalidade, e habita na luz inacessível; a quem nenhum dos homens viu nem pode ver...”*** Se levantarmos a questão coloquial, há ainda o fato de que na antiga escrita grega não existia pontuação, o que não permitiu registrar a entonação da frase de Tomé. Isso poderia dar também a real dimensão do que nos disse o apóstolo, mas como não sabemos como ele entonou é preferível ficar com a contextualização bíblica que por si só já dá informações suficientes para se compreender perfeitamente as palavras de Tomé. João fecha a questão, no mesmo capítulo, de forma muito clara em 20,31 ***“Estes, porém, foram escritos para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome.”*** ou seja,

o que ele escreveu não foi para que creiamos que Jesus é Deus, mas “*que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus*”. [2]

Rm 9,5: aos quais pertenceram os patriarcas, e dos quais descende o Cristo, segundo a carne, que é, acima de tudo, Deus bendito pelos séculos!e Amém.

e) O contexto e o próprio movimento da frase supõem que a doxologia se refere a Cristo. Se raramente Paulo atribuiu o título de “Deus” (cf. ainda Tt 2,13) e lhe dirige uma doxologia (cf. Hb 13,21), é porque ordinariamente reserva esse título ao Pai (cf. Rm 15,6 etc) e encara as pessoas divinas menos no plano abstrato de sua natureza do que no plano concreto de suas funções na obra da salvação. Ademais, pensa sempre no Cristo histórico, na sua realidade concreta de Deus feito homem (cf. Fl 2,5+; Cl 1,15+). É por isso que o mostra subordinado ao Pai (1Cor 3,23; 11,3), tanto na obra da criação (1Cor 8,6), quanto na restauração escatológica (1Cor 15,27s; cf. Rm 16,27 etc.). Entretanto, o título de *Kyrios*, que Cristo recebeu na ressurreição (Fl 2,9-11; cf. Ef 1,20-22; Hb 1,3s), não é nada menos que o título divino atribuído a lahweh no AT (Rm 10,9 e 13; 1Cor 2,16). Para Paulo, Jesus é essencialmente o “Filho de Deus” (Rm 1,3s.9; 5,10; 8,29; 1Cor 1,9; 15,28; 2Cor 1,19; Cl 1,16; 2,20; 4,4.6; Ef 4,13; 1Ts 1,10; cf. Hb 4,14 etc.) seu “próprio filho” (Rm 8,3.32), o “Filho de seu amor” (Cl 1,13), que pertence de direito ao mundo divino, de onde veio

(1Cor 15,47), enviado por Deus (Rm 8,3; Gl 4,4). Se ele se revestiu de seu título de “Filho de Deus” de modo novo pela ressurreição (Rm 1,4+; cf. Hb 1,5; 5,5); não recebeu neste momento, pois ele é preexistente, não só de modo escriturístico (1Cor 10,4), mas ontológico (Fl 2,6; cf. 2Cor 8,9). Ele é a Sabedoria (1Cor 1,24.30), a Imagem (2Cor 4,4) pela qual tudo foi criado (Cl 1,15-17; cf. Hb 1,3; 1Cor 8,6) e pela qual tudo é recriado (Rm 8,29; cf. Cl 3,10; 1,18-20, porque reuniu em sua pessoa a plenitude da divindade e do mundo (Cl 2,9+). É nele que Deus concebeu todo o seu plano de salvação (Ef 1,3s), é o fim deste plano, do mesmo modo que o Pai (comp. com Rm 11,36; 1Cor 8,6; Cl 1,16.20. Se o Pai ressuscita os mortos e julga. Jesus também ressuscita (comp. com Rm 1,4+; 8,11+; Fl 3,21) e julga (comp. com Rm 2,16 e 1 Cor 4,5; Rm 14,10 e 2Cor 5,10). Numa palavra, ele é uma das três Pessoas que aparecem associadas nas fórmulas trinitárias (2Cor 13,13+). (Bíblia de Jerusalém, p. 1981)

Sobre Rm 9,5 a tradução interfere muito na compreensão do texto. Mounce nos alude, em sua obra *Fundamentos do Grego Bíblico*, esclarecendo acerca da pontuação nos textos em grego recordando que nos códices mais antigos não existia pontuação ou ainda a conhecida divisão de versículos. Vejamos a citação de Mounce, em sua gramática.

[...] esse fato criou algumas dificuldades para os estudiosos contemporâneos, visto que o modo

de um versículo ser pontuado pode ter efeito importante sobre a sua interpretação. Um dos exemplos notáveis disso é Romanos 9.5. Se uma pausa maior for feita depois da *κατὰ σάρκα* (lit. “segundo a carne”), a parte final do versículo seria uma declaração a respeito de Deus Pai (A NEB traz: “Que Deus, supremo sobre todos, seja abençoado para sempre! Amem”). No entanto, em se fazendo uma pausa menor naquela posição, as palavras finais da frase fariam falar de Cristo. A NVI diz: “[...] de Cristo, que é Deus acima de tudo, bendito para sempre! Amém”¹ e conclui “O modo de a tradução lidar com um versículo ambíguo tal como esse revela as tendências teológicas do tradutor. (MOUNCE, 2009, p.17)

Com este esclarecimento que citamos com apoio a bibliografia anexa, percebemos então a manobra exegética em se criar o mito de que Jesus é Deus e ainda mais o embasamento para uma suposta trindade. Contudo, Prestemos mais atenção para a expressão ‘Deus bendito eternamente! Amém.’ dentro de seu contexto e percebamos que ela é uma glorificação que fecha um conjunto de textos inter-relacionados. Paulo poderia ter dito ‘Que são israelitas, dos quais é a adoção de filhos (Deus bendito eternamente), e a glória (Deus bendito eternamente), e as alianças, e a lei (Deus bendito eternamente), e o culto (Deus bendito eternamente), e as promessas (Deus bendito eternamente);’ Deus seria, e é bendito eternamente por todas essas coisas e pelas coisas do verso seguinte. Paulo mostra um conjunto de fatos onde Cristo, que veio segundo a carne, é um componente desse conjunto e listado na parte final. A expressão “segundo a

carne” encerra a ideia dando sentido completo e pleno a frase em si mesma. O Apóstolo termina com uma Glorificação a Deus: “Deus bendito eternamente. Amém”. Expressão semelhante Paulo usou em 2 Co 11,31 “*O Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que é bendito eternamente, ...*”. Ou seja, o final não é dedução da frase anterior, mas uma louvação a Deus pelas coisas elencadas desde os versos antecedentes e o próprio “Amém” no final do versículo mostra se tratar de uma frase doxológica. Alonso Schökel, assim verte os versos: “*São israelitas, adotados como filhos de Deus, têm sua presença, as alianças, as leis, o culto, as promessas, os patriarcas; de sua linhagem segunda a carne descende o Messias. Seja para sempre bendito o Deus que está acima de Tudo. Amém*”. [2]

Quando está afirmado que o verbo se fez carne, e o verbo era o Eterno (Jo 1,1), não se aplica afirmar que Jesus é Deus, mas que ele era a vontade do Eterno, não categoricamente sendo o Eterno, mas a sua expressão da vontade do Eterno. Quanto à afirmação de Tomé (Jo 20,28), não há base teológica para crer que Tomé acreditava que Jesus era Deus, o Eterno, pois se trata de uma expressão popular. Já sobre (Rm 9,5) percebemos que Paulo não alude a Jesus como Deus, mas como a expressão que Jesus nos dera, “*vós sois deuses e podeis fazer muito mais do que eu*”. Esta era a mensagem de Paulo e não a manobra exegética dos tradutores da bíblia católica em afirmar que ali se encontrava o mistério da trindade. [2]

Hb 1,8: ao Filho, porém, diz: *O teu trono, ó Deus, é para os séculos dos séculos; o*

cetno da retidão é o cetno de sua realeza.^h

E:

h) Var.: “tua realeza” (cf. Sl 45, LXX)
(Bíblia de Jerusalém, p. 2085)

Acerca da passagem de Hb 1,8 a regra de fé do CACP condicionou os seus mantenedores e seu público a cogitarem que sempre que aparece a palavra “Deus”, esta se refira ao Eterno e por conseguinte o próprio Mestre Jesus. Isso gera uma série de problemas em torno das Escrituras para o CACP, colocando-o em dificuldades nas diversas passagens que trazem o termo “deus” dentro da Bíblia. Vale ressaltar que nos originais da Bíblia, seja hebraico, aramaico ou grego não havia distinção capitular nos caracteres, ou seja, todas as letras eram escritas do mesmo tamanho, assim, a tradução para as nossas Bíblias da palavra elohim, por exemplo, por “Deus” ou “deus” ou ainda “deuses” vai depender da compreensão que o tradutor tem de determinada passagem.

O termo ‘elohim’ em hebraico significa ‘deus’ e aparece em torno de 2.570 vezes na primeira aliança que é na língua mãe, o hebraico, sendo que nada menos que umas 240 ocorrências não se referem ao Eterno, de modo que seus outros usos não podem ser considerados exceções. Existe ainda a tradução como deuses pagãos, com cerca de 19 ocorrências: A Báal, 5 vezes (Jz 6,31; 1 Rs 18,24-25,27; Jz 8,33); a Quemós (hebraico=Kemosh), 2 vezes (Jz 11,24; 1 Rs 11,33); a Milcom, 1 vez (1 Rs 11,33); a Dagom, 5 vezes (Jz 16,23-24; 1 Sm 5,7); a Baal Zebube (hebraico=Báal Zevuv), 4 vezes (2 Rs 1,2-3,6,16); a Nisroque (hebraico=Nisroq̄), 2 vezes (2 Rs 19,37; Is 37,38). ou ainda como o bezerro de

ouro feito Arão (Ex 32,4). Observamos que o uso da palavra 'elohim' aplicada a elas, por si só, já descarta a reivindicação da existência implícita da trindade; perfazendo ainda uma pluralidade de pessoas na palavra, sendo que essas divindades não são uma trindade por serem chamadas de 'elohim'. Ainda podemos citar o bezerro de ouro, como 'elohim' que não significava uma trindade pagã, já que tinham uma língua que poderia significar apropriada que poderia significar seus deuses. Como observamos, esta palavra tomada no singular não poderá ser vertida como deidades de uma suposta deidade, já que seu sentido poderá ser de 'deuses' e não pessoas. (FERRARI. T. T. 2014. p.12-16)

Dessa forma, fica impossibilitada a ideia dos cristãos primitivos da trindade que não comungavam nas primeiras comunidades lideradas pelos Apóstolos, vindo a ser incutida no seio cristão tardiamente pelos Pais da Igreja, ao qual já contextualizamos o pano de fundo histórico e a improvável deidade de Jesus, se nem mesmo o Mestre transpareceu este título. Passemos, portanto, a parte final deste tópico. Vejamos:

Como já informei acima, por ora não está em discussão a autenticidade da Bíblia e do Cristianismo. O que nos interessa neste momento é: O Cristianismo prega ou não prega a Doutrina da Trindade? Estamos vendo que sim, e isto torna patente que o Kardecismo não fala coisa com coisa, visto que nega uma das doutrinas cardeais da fé cristã, que é a Trindade, e, simultaneamente quer se passar por cristão. Ora, se o Cristianismo é veraz, então os kardecistas devem abraçar a Doutrina da Trindade, já que se dizem cristãos e é isto que o Cristianismo prega; por outro lado, se a Triunidade

de Deus é um ensino espúrio, os kardecistas precisam abjurar o Cristianismo e assumir que não são cristãos.

Respondendo ao pastor se o Cristianismo prega a ideia da trindade. Respondemos que sim, mas como bem fundamentamos, esta ideia não pertence às primeiras comunidades cristãs, não foi pregada pelos apóstolos e muito menos ensinada por Jesus que ele era Deus e muito menos que havia, no princípio a ideia da trindade, ao qual o pastor nos surpreendeu de não ter tratado da trindade no Tanah, ao qual sugerimos a nossa pesquisa **“O Espiritismo esclarece o dogma da Trindade”** que tratamos deste tema tanto no Tanah, quanto no Novo Testamento com mais abrangência. Vamos agora caminhando para o ponto seguinte no trato do espírito santo e as alegações do pastor na defesa de mais este deus consubstanciado na trindade.

3.2. Nega a Personalidade e Divindade do Espírito Santo.

Adentrando neste tópico, o pastor nos demonstrará que a terceira pessoa da trindade é a promessa deixada por Cristo e tentará provar mais uma vez que a Doutrina Espírita é incoerente por invocar a promessa do Cristo cumprida em 1.857 quando da publicação da obra **O Livro dos Espíritos**. Vejamos a alegações do pastor:

Jesus nos prometeu outro Consolador (Jo. 14:16-17,26; 15:26; 16:7-14); disse que este é o Espírito Santo (Jo. 14: 26); mandou que os apóstolos o esperassem; garantiu que eles iriam recebê-lo dentro de breves dias, e que só podiam sair de Jerusalém para anunciarem o Evangelho ao mundo, após

o recebimento desta bênção (At. 1:4-5; Lc. 24:49). Eles (os apóstolos e outros cristãos primitivos) foram, pois, a um cenáculo e lá permaneceram em oração (At.1:12-14) até que se cumpriu o que está exarado em At. 2: 1-4. Não pode haver dúvida, então, de que o fenômeno do qual trata At 2: 1-4 é a vinda do outro Consolador, conforme Jesus prometera. Logo, a bendita promessa se cumpriu há quase dois mil anos atrás. O kardecismo, porém, apregoa que o outro Consolador que Jesus prometeu é o Espiritismo codificado por Allan Kardec, isto é, a doutrina Espírita; e que, portanto, o dito Consolador veio a 18 de abril de 1.857, quando então Kardec lançou o seu primeiro livro intitulado “O Livro dos Espíritos” (**O Evangelho Segundo o Espiritismo**. Federação Espírita Brasileira: 109ª edição, capítulo 6, nº 4, páginas 128-129; e, **O Reformador**: Federação Espírita Brasileira, abril de 1.995, página 6). Salta aos olhos, portanto, que o Kardecismo nega tanto a Personalidade quanto a Divindade do Consolador. Este não seria uma Pessoa Divina, e sim, um corpo de doutrinas. Por isso exibo abaixo as evidências de que o Cristianismo tem o Consolador (que, segundo a Bíblia, é o Espírito Santo) como Pessoal e Divino. Ao fazer isto, não estarei provando, por conseguinte, que o Cristianismo é veraz ou não; e sim, demonstrando mais uma vez que o Espiritismo (por se julgar cristão, sem crer na Pessoalidade e Divindade do Espírito Santo) é incoerente. Limite-me a este feito porque creio que fazê-lo basta para demover a um inquiridor sincero de depositar sua confiança no Kardecismo.

Veja a exposição abaixo e cientifique-se de que, segundo o Cristianismo, o Espírito Santo é Deus e Pessoal; não sendo, portanto, cristão, quem disso destoa.

Neste ínterim, o pastor cita as passagens (Jo. 14,16-17,26; 15,26; 16,7-14) como o advento do Espírito de Verdade, sendo este o Paráclito, em sua concepção, o Espírito Santo. Salta-nos os olhos o pastor ter afirmado que este Espírito de Verdade foi prometido por Jesus que viria com brevidade, quando o pastor, ao afirmar que Jesus *garantiu que eles iriam recebê-lo dentro de breves dias*, o que nos fez buscar essa

referência nas passagens citadas, e observamos que não há tal promessa do Cristo. O que percebemos da anunciação do Consolador é o fato de que Jesus tinha muito a dizer aos apóstolos e não o fez, devido ao fato deles não poderem suportar naquele momento, naquela época por conhecimento limitado (Jo 16,12) a receber conceitos que somente com a Doutrina Espírita estabelecida, poderia dizer com propriedade e numa época madura para compreender certas ideias filosóficas, apropriadas a segunda metade do século XIX.

Outrossim, prossegue o pastor em citar as falas de Jesus, narradas por Lucas, em seu Evangelho e o livro de Atos dos Apóstolos, destinada a Teófilo, quanto ao evento do Pentecostes, tal qual seria, segundo o Cristo, o advento do Espírito Santo (At. 1,4-5; Lc. 24,49). Não discordamos que houve uma promessa da parte de Jesus que seguiriam aos apóstolos os dons mediúnicos que dariam a eles a capacidade de pregar as Boas Novas, mas que não houve nenhum conceito diferente ao qual Jesus havia ensinado em vida, já que anunciaram somente o que o Cristo ensinou a eles, sem nenhum conceito novo.

Para o apóstolo Pedro, líder da comunidade do caminho (At.1,12-14), esta promessa da vinda do consolador se cumpriu em Pentecostes (At. 2,1-4), ao qual em seu discurso (At 2,14-36) proclamou aos estrangeiros que compreenderam os idiomas falados pelos discípulos, que ao receberem um dos dons de línguas, falavam as línguas nativas de cada povo em específico. Por já termos citado o item 4 da obra **O Evangelho Segundo o Espiritismo** e comentado a contento

anteriormente, viemos agora a compartilhar com o pastor e os demais leitores o item 5 que trata justamente a mensagem assinada pelo Espírito de Verdade, a saber no mesmo capítulo VI citado pelo pastor. Vejamos:

Instruções dos Espíritos

Advento do Espírito de Verdade

5. Venho, como outrora aos transviados filhos de Israel, trazer-vos a verdade e dissipar as trevas. Escutai-me. O Espiritismo, como o fez antigamente a minha palavra, tem de lembrar aos incrédulos que acima deles reina a imutável verdade: o Deus bom, o Deus grande, que faz germinem as plantas e se levantem as ondas. Revelei a doutrina divinal. Como um ceifeiro, reuni em feixes o bem esparso no seio da Humanidade e disse: "Vinde a mim, todos vós que sofreis."

Mas, ingratos, os homens afastaram-se do caminho reto e largo que conduz ao Reino de meu Pai e enveredaram pelas ásperas sendas da impiedade. Meu Pai não quer aniquilar a raça humana; quer que, ajudando-vos uns aos outros, mortos e vivos, isto é, mortos segundo a carne, porquanto não existe a morte, vos socorrais mutuamente, e que se faça ouvir não mais a voz dos profetas e dos apóstolos, mas a dos que já não vivem na Terra, a clamar: Orai e crede! pois que a morte é a ressurreição, sendo a vida a prova buscada e durante a qual as virtudes que houverdes cultivado crescerão e se desenvolverão como o cedro.

Homens fracos que compreendeis as trevas das vossas inteligências, não afasteis o facho que a clemência divina vos coloca nas mãos para vos clarear o caminho e reconduzir-vos, filhos perdidos, ao regaço de vosso Pai.

Sinto-me por demais tomado de compaixão pelas vossas misérias, pela vossa fraqueza imensa, para deixar de estender mão socorredora aos infelizes transviados que, vendo o céu, caem nos abismos do erro. Crede, amai, meditai sobre as coisas que vos são reveladas; não mistureis o joio com a boa semente, as utopias com as verdades. Espíritas! amai-vos, este o primeiro ensinamento; instruí-vos, este o

segundo.

No Cristianismo encontram-se todas as verdades; são de origem humana os erros que nele se enraizaram. Eis que do além-túmulo, que julgáveis o nada, vozes vos clamam: “Irmãos! nada perece. Jesus Cristo é o vencedor do mal, sede os vencedores da impiedade.” – *O Espírito de Verdade*. (Paris, 1860.) (KARDEC. A. 2019d. p. 107-108)

Este capítulo ao qual citamos apenas o item 5, há ainda outros três itens assinados pelo *Espírito de Verdade* e que apenas este item 5 é que é resolvemos citar como que assinado pelo Espírito de Verdade, existindo uma mensagem similar a esta e que está registrada na obra ***O Livro dos Médiuns***, no capítulo XXXI e mensagem IX assinada por *Jesus de Nazaré*. Entendemos que se realmente o pastor disse que estudou a Doutrina Espírita para refutá-la, tenha percebido este detalhe e outros mais acerca do *Espírito de Verdade*. Entretanto, não entraremos no mérito da identidade do *Espírito de Verdade*, mas abordaremos os passos seguintes quanto ao pastor acerca do Espírito Santo. Vejamos o ponto seguinte.

3.2.1. A Personalidade do Espírito Santo.

Atos pessoais são atribuídos ao Espírito Santo:

Neste item, o pastor vai demonstrar que o Espírito Santo compondo a santíssima Trindade tem uma personalidade distinta de Deus e do Cristo, atribuindo a deidade não somente a Jesus, mas também ao Espírito Santo. Vejamos sua introdução:

O Pastor Myer Pearlman, em seu livro intitulado “Conhecendo as Doutrinas da Bíblia”, 16ª edição, à página 180 define a personalidade da seguinte maneira: “É aquilo que possui inteligência, sentimento e vontade”. Esta definição é tão autêntica que não creio na possibilidade de alguém retrucá-la. E assim fica fácil sabermos se o Cristianismo prega ou não a personalidade do Espírito Santo. Basta lermos a Bíblia. Sim, as Escrituras Sagradas asseguram que o Espírito Santo tem:

Os atributos do Espírito Santo, tal como inteligência, sentimento e vontade humanizam-no, assim como se antropomorfizou o próprio Deus. Sabemos que o Espírito Santo se trata de um espírito de elevada categoria que não somente se manifestou nas linhas do Novo Testamento, tal como foi representado pelos apóstolos como uma personalidade independente, como também representa os desígnios do Criador perante os homens, mas que não se trata de um deus compondo uma Trindade deificada. Vejamos o desenvolvimento do pastor quanto ao primeiro item:

a) Inteligência: Segundo Jo 16.13, Ele fala do que escuta e, como todos sabemos, só um ser portador de intelecto, pode fazer isso;

A inteligência é um atributo de um espírito purificado, mas o é de forma relativa, pois como bem sabemos este mesmo atributo designa uma inteligência relativa ao progresso do espírito manifestante, cabendo somente ao Criador a inteligência suprema, assim como apregoa a primeira questão da obra **O Livro dos Espíritos** que a nosso ver coaduna com o próprio Cristo, também ter uma inteligência relativa, outorgando a Deus o atributo da onisciência, derrubando assim

um atributo divino dado a Cristo e ao Espírito Santo que não são detentores da onisciência (Mt 24,36) que poderiam os classificar como parte integrante de Deus na santíssima Trindade que pelas linhas da Bíblia, não há fundamento de onisciência para eles, cabendo somente a Deus o ter.

Ao tratar do advento do Espírito de Verdade em (Jo 16,13) ele, o Consolador, dirá o que terá ouvido, devido a doutrina que o Cristo pregou e o corpo conceitual do entendimento do Evangelho será dado pelos espíritos que compuseram a plêiade que fundamentaram a Codificação, organizada por Kardec e presidida pelo Espírito de Verdade que coordenou os trabalhos de esclarecimento da humanidade. Sabemos, inclusive, que não devemos crer em todas as mensagens provindas dos espíritos, pois como há homens de má-fé, o existem no mesmo caráter do mundo espiritual, tal como recomendou o apóstolo João (1Jo 4,1-3). Passemos ao ponto seguinte:

b) Sentimento: À luz de Ef 4.30, o Espírito Santo pode ser entristecido, pois aí se pede para não entristecermos a Ele. Ora, a ordem para não entristecermos o Espírito Santo, equivale a dizer que devemos mantê-lo alegre, já que qualquer cuidado para não entristecê-lo seria injustificável, se tristeza fosse o seu normal. Então o Espírito Santo pode se alegrar ou se entristecer. Além disso, Rm 15.30 assegura que o Espírito Santo ama. Ora, amor é um sentimento. Assim podemos ver nestas duas referências bíblicas que o Espírito Santo se alegra, se entristece e ama. E alegria, tristeza e amor, não são sentimentos? Pode uma doutrina fazer isto?

De acordo com as referências (Ef 4,10; Rm 15,30) Paulo

antropomorfiza o Espírito Santo, tal qual o vemos quanto a Deus no Tanah, pois acreditavam os hebreus que Deus podia ter quaisquer sentimentos humanos, tal qual Paulo atribui ao Espírito Santo igual interpretação. Não seria diferente atribuir ao Espírito Santo atributos humanos. Contudo, devemos diferir o que é um espírito elevado que em sua plêiade prosseguiu a missão do Cristo, através dos apóstolos, diferentemente da missão do Consolador prometido que era justamente consolar os aflitos, dando-lhes conhecimento das causas das suas aflições, providas de atitudes de vidas pregressas, outorgando-lhes a fé no futuro de recompensas ante a atitudes condizentes com o Evangelho, orientando-lhes quanto às punições temporárias de suas atitudes em desacordo com a providência, em seus resgates reencarnatórios. Esta era a promessa do Cristo quanto a convencer o mundo do pecado, da justiça e do julgamento (Jo 16,8-11). Passemos agora ao último ponto tratado pelo pastor:

c) Vontade: 1 Co. 12:11, garante que o Espírito Santo tem vontade. E Rm 8,27 diz que Deus sabe qual é a INTENÇÃO do Espírito Santo. Deste modo fica patente que o Espírito Santo preenche todos os requisitos que um ser precisa preencher para caracterizar-se como Pessoal. Ele satisfaz todas as exigências: Ele tem intelecto, vontade e sentimentos. O que os kardecistas entendem por pessoa?

Após as citações do pastor ante a Paulo (1Co 12,11; Rm 8,27), percebemos que a vontade está presente em todas as criaturas encarnadas e desencarnadas, mas quando Paulo cita primeiramente em sua primeira epístola aos Coríntios,

especificamente no capítulo doze, em seu contexto, Paulo fala justamente de unidade da igreja em repartindo a cada um os dons mediúnicos (1Co 12,8-10), como aprouve ao espírito comunicante e que esta é a sua intenção particular a cada um, não que exista uma intenção pessoal do espírito santo, mas uma distribuição de dons para os membros da igreja nascente, já que Paulo cita espírito e não espírito santo. Já em sua epístola aos Romanos, capítulo oito, Paulo atribui a manifestação espiritual ao qual denota uma singularidade de manifestação, mas o apóstolo menciona a manifestação do Espírito de Deus, bem como a manifestação do Espírito de Cristo, estando os Romanos na plenitude da vida espiritual (Rm 8,9). Esta é a intenção da unidade do espírito (Rm 8,27) e que a igreja deveria atentar a viver na plenitude da vida espiritual e não na vida física. Esta é a intenção da narrativa, que todos sejam espirituais e não carnis.

O Consolador não é personificado como sendo um único espírito, mas um corpo de doutrina que converge no ensino e em sua base doutrinária, diferentemente do espírito santo advogado pela Igreja e defendido pelo pastor possuir uma unidade que não existe, pois bem o sabemos haver diversas denominações cristãs que divergem em diversos pontos, ao qual não há a união de pensamento, tal qual era a recomendação de Paulo e que o pastor não compreendeu nem mesmo nas citações que lançou mão. Vamos agora para o encerramento deste item, citando a conclusão do pastor. Vejamos:

Além dos atos pessoais supra, atribuídos ao Espírito Santo, há muitos outros casos, dos quais alistamos apenas os que vêm a seguir:

- 1) O Espírito Santo geme inexprimivelmente (Rm. 8:26);
- 2) O Espírito Santo discorda (At. 16: 6,7);
- 3) O Espírito Santo concorda (At. 15:28);
- 4) O Espírito Santo intercede (isto é, ora) por nós (Rm. 8:26).

Com base nesta conclusão do pastor em atribuir ao espírito santo atos humanos, tal como gemidos inexprimíveis (Rm 8,26) que já o comentamos, que o mesmo espírito discorda (At 16,6-7), concorda (At 15,28) e ora por nós (Rm 8,26), baseando sua teologia em que o espírito santo não poderia ser o Consolador prometido por Jesus, personificado na Doutrina Espírita, por ser uma individualidade componente da santíssima trindade, o que bem o fizemos em nossos argumentos e segregamos a manifestação do espírito, contida nas diversas narrativas do Novo Testamento, como manifestações espirituais, bem como a unidade que não há nas igrejas atuais de corpo de doutrina, havendo no Espiritismo uma unidade de conceitos que solapa as bases cristãs tão divergentes entre si, trazendo-os num futuro não muito distante ao Espiritismo. Passemos agora ao ponto seguinte em que o pastor desfechará este capítulo.

3.2.2. A Divindade do Espírito Santo

Neste item o pastor tentará fundamentar sua tese de que não somente Jesus é um deus, mas também o fará para a deidade do espírito santo, apresentando suas justificativas.

Vejamos:

O apóstolo Pedro disse que Ananias mentiu ao Espírito Santo (At. 5:3) e, por conseguinte, a Deus (At 5.4). Se mentir ao Espírito Santo, é mentir a Deus, então o Espírito Santo é Deus.

Como já desenvolvemos este tema do episódio de Pedro, Ananias e Safira anteriormente (At 5,1-4), o pastor advoga a tese de que se mentir ao espírito santo é mentir a Deus, logo o Espírito Santo é Deus. Como o pastor citou o *Estudo sobre a natureza do Cristo*, contido na primeira parte da fonte **Obras Póstumas**, são abordados nove tópicos com profundidade com as *fontes das provas sobre a natureza do Cristo* que desabonam claramente de que Jesus possa ter sido um deus, mas outorga-lhe o caráter divino, sem o ser deus. Prossegue Kardec ainda no estudo com um importante questionamento: *Os milagres provam a divindade do Cristo?* Certamente que não, pois o próprio Mestre asseverou que podemos fazer as obras que ele operou e muito maiores (Jo 14,12). Prossequindo, Kardec continua e questiona novamente: *As palavras de Jesus provam a sua divindade?* Na análise do codificador, prova-se justamente o oposto a suposta deidade de Jesus, pois comparou o Pai como quem o enviou (Lc 9,48; Mc 9,37; Jo 7,33; Lc 10,16), já que Jesus não veio de si mesmo (Jo 8,42), numa suposta trindade que inexistente. Diante do exposto, Kardec argumenta que há uma submissão do enviado, a saber Jesus e quem enviou, neste caso, o Pai, denotando uma hierarquia e submissão de Jesus ante ao Pai

que é maior que ele (Jo 14,28).

Kardec não para por aí, prossegue em suas análises em estabelecer as *Palavras de Jesus após a sua morte* como uma suposta deidade que Jesus não advogou para si mesmo (Jo 20,17; Mt 28,18; Lc 24,48-49), provando assim o seu mesmo discurso enquanto esteve com seus discípulos. Poder-se-ia ainda afirmar que a *Dupla natureza de Jesus* seria, segundo Kardec, uma prova da deidade de Jesus? Certamente que não, pois assim como *O Verbo se fez carne*, Jesus era divino, ou puro espírito e igualmente humano, passível de atravessar as adversidades da vida. O codificador ainda explora a *Opinião dos Apóstolos* e testifica que nem mesmo elas poderiam atestar uma suposta deidade de Jesus (At 2,22-28;.33-36; 3,22-23,26; 4,10; 4,26-28; 5,29-31; 7,37,48-49; 7,55-59) e muito mesmo do espírito santo. Podemos ainda dizer que nos discursos de Paulo, inexistente a suposta deidade do espírito santo, de Jesus e uma suposta trindade que era completamente desconhecida pelos discípulos do Cristo (Rm 1,1-7; 5,1,6,9,11-15; 8,17; 10,9; 1Co 15,24-28; Hb 2,9-13,17,18; 3,1-4). Ademais, prosseguindo com este estudo resumido de Kardec, há ainda a abordagem da *Predição dos profetas, com relação a Jesus* que poderiam prefigurar a deidade do Mestre, do espírito santo e duma possível trindade, o que os fatos demonstram que é inexistente esta prerrogativa (Nm 24,17; Dt, 18,18-19; Cr 17,11-14; Is 7,14; 9,6; 42,1-4; 53,11 Zc 9,9-10; Mq 5,4).

Encerrando a análise do codificador, poderia advogar a si a prerrogativa de deidade do espírito santo e por tabela a de

Jesus, compondo uma suposta trindade ainda na afirmação do Cristo como *Filho de Deus e o Filho do Homem*, o que Kardec esclarece que imputar a título de filho dá uma denotação de gerado por algo, ou alguém, não cabendo o título de deus a quem teve um princípio, por ser filho. Ainda temos o termo filho do homem que Jesus se reportava a si, quando relacionava a profecias e ensinamento, denotando desta forma de que fora criado, e não incriado, bem como título atribuído aos profetas (Ez 2,1-3; 3,25; 7,1-2; 24,1-2; 24,15-18; 34,1-2; 43,6-7; Jd 8,15). Este é um resumo da impossibilidade de Jesus ser um deus e muito menos o espírito santo ser, igualmente, parte integrante desta deidade, consubstanciada a Deus, que Jesus, ao relatar aos apóstolos não saber o dia de sua vinda (Mt 24,36-39), cabendo somente ao Pai este conhecimento, coloca-lhe como submisso à vontade de Deus e nem mesmo o espírito santo detinha este conhecimento, onde, portanto, não possam ser classificados como deuses. Passemos ao ponto seguinte abordado pelo pastor:

1 Co. 6:19 diz que nós, os cristãos, somos o templo do Espírito Santo. Ora, só a Deus se dedica templo. Como sabemos, nenhuma frase será bem estruturada até que haja, entre as palavras que a constituem, uma associação de ideias. A palavra “gaiola” tem que ter alguma relação com pássaro. E o vocábulo “chiqueiro” tem que estar ligada de alguma forma ao substantivo porco. Igualmente a palavra “palácio” lembra estadista. Quando isso não ocorre, diz-se que não se está falando coisa com coisa. Deste modo, se somos o Templo do Espírito Santo, então Ele é Deus. Pense: Que seria o Espírito Santo, se fôssemos o seu chiqueiro? E se fôssemos a sua gaiola? Não constituiria mais uma prova de Sua Majestade, se a Bíblia dissesse que somos o seu palácio? Não seria Ele um pássaro, se fôssemos a sua

gaiola? Não seria Ele um porco, se fôssemos o seu chiqueiro? (Desculpe-me por usar este último argumento tão forte)

Numa perspectiva profunda da compreensão do Evangelho do Cristo, Carlos Torres Pastorino (1910-1980), acerca da passagem de (Mc 9,38-45; Lc 9,49-50) em sua obra **Sabedoria do Evangelho - Volume 5**, esclarece a dúvida ao qual o pastor não sabe justamente o que denota a passagem de (1Co 6,19). Vejamos:

Quando o homem deixa de pertencer a si mesmo, no egoísmo separatista e passa a ser DE CRISTO (Cfr, 1.ª Cor. 6:19-20), começa aí, realmente, o caminho intérmino e maravilhoso, cheio de amor e inçado de espinhos e dores; começa aí sua crucificação consciente na carne, que lhe já não constitui o máximo de prazer, mas que se torna a “gaiola”, embora dourada, que o impede de voar; começa aí a verdadeira porta da iniciação, e por isso o Cristo afirmou: “Eu sou a PORTA” (João, 10:7), a porta que leva ao “caminho”, o caminho que leva à Verdade, a Verdade que leva à vida, na gloriosa ascensão que nos unifica a Ele, que nos harmoniza sintonicamente ao Som do Verbo, que nos transforma em luz ao mergulharmos na Fonte Incriada da Luz do Espírito-Santo.

Perspectiva de infinito, que principia quando “voltarmos a ser crianças”, e tem seu ponto de fuga na eternidade da Vida. (PASTORINO C. T., 1964d. p. 114)

Após atestarmos a fonte em nos abrilhantar o conhecimento profundo do Evangelho, ao qual o Cristo aludiu nas passagens do aspecto da **Tolerância**, que a vontade do Pai está acima da vontade do homem, quando estamos sendo um templo de um espírito santo, pela plenitude da vida

espiritual, não atestando aí uma suposta deidade do espírito santo que não é o objetivo de Paulo e nem mesmo do Cristo. A mensagem do Evangelho é **Tolerância** para àqueles que mesmo que não seguem nossa ortodoxia e parece-nos que o pastor ainda não compreendeu esta mensagem.

A Bíblia diz que o Espírito Santo é Senhor (2 Co. 3:18 ARA). Este versículo, além de provar a personalidade do Espírito Santo, prova também a Sua Divindade. Claro, algo impessoal não pode ser Senhor. Ademais, neste sentido só Deus é Senhor.

Seguindo a temática de análise do Carlos Torres Pastorino (1910-1980), citando a obra **Sabedoria do Evangelho - Volume 8**, temos uma profunda análise acerca do Espírito de Verdade (Jo 16,1-15) que contempla a passagem citada pelo pastor (2º Co 3,18). Vejamos a análise de Pastorino.

1.^a – *PROVARÁ AO MUNDO A RESPEITO DO ERRO, PORQUE NÃO FORAM FIÉIS AO CRISTO.*

Essa revelação estupefaciente, que começaria a cumprir-se três séculos depois da ausência física de Jesus, é um dos pontos importantes e de maior eficiência se for compreendido, pois mostra ao cristão o caminho pelo qual pode libertar-se da escravidão a outros homens: “tereis a gnose da verdade, e a verdade vos libertará” (João, 8:32), deixando que o verdadeiro cristão experimente a “gloriosa liberdade dos Filhos de Deus” (Rom. 8:21), pois “Onde está o Espírito divino, aí está a liberdade” (2.^a Cor. 3:17). Qualquer jugo, de qualquer organização humana, eclesiástica, religiosa ou de qualquer natureza, cerceia a liberdade do cristão. Cada um tem que caminhar por si, livre, independente, absoluto, dentro da relatividade de seu plano evolutivo.

Ao encontrarmos, pois, o Cristo Cósmico, através de nosso Eu profundo ou Espírito verdadeiro, descobrimos o erro em que laboramos durante séculos ou milênios, em que vivemos mergulhados nas trevas da escravidão: vemos, em luz meridiana, que os que mais alto falam do Cristo, apregoando-se “cristãos” e “representantes do Cristo”, não Lhe foram nem são fiéis, pois palmilham uma estrada falsa, que leva para longe da meta, pois carrega todos para fora de si mesmos, em atos externos, cultuando imagens, beijando os pés de “Santidades”, extasiando-se diante de pompas coloridas e altissonantes, e esquecendo o local em que podemos encontrar facilmente o Cristo: no estábulo de nosso coração, cercado pelos animais de nossas paixões, ainda vivas e animalizadas.

Erro fatal, mas que tem a incomensurável virtude de fazer que os espíritos ainda não maduros, se vão acostumando aos atos de piedade, até que, pela experiência (pathê) viva em si mesmos, sintam no âmago de ser, qual o caminho certo da fidelidade total ao Cristo interno. (PASTORINO, C. T., 1971. p. 29) (grifo nosso)

Certamente que após analisarmos a obra de Pastorino, percebemos que o objetivo de Paulo é retratar a liberdade como concomitante ao *Espírito divino* e não transmitir o conceito de uma suposta deidade do espírito santo que não é o objetivo de Paulo e sim o de fundamentar a liberdade. Passemos ao ponto seguinte.

Há, na língua original do Novo Testamento, duas palavras equivalentes a “outro” em Português: ÉTEROS e ALLOS. Esta significa “outro” da mesma espécie, da mesma qualidade e da mesma natureza. Mas aquela significa “outro” diferente. João, por saber que os membros da Trindade são iguais, ao registrar que Jesus nos prometeu outro Consolador, optou pelo vocábulo ALLOS, querendo dizer com isto que o Consolador que Deus nos deu mediante os rogos de Jesus, é igual a este. Logo, o Espírito Santo tem que ser tão Pessoal

quanto Jesus. Sim, se Jesus é um personagem, então o Espírito Santo também o é. E se o Consolador é apenas um conjunto de doutrinas, como o imaginam os Kardecistas, então Jesus também é um conjunto de doutrinas. Deste modo temos em Jo 14.16, mais uma exibição da Deidade do Espírito. O raciocínio é o seguinte: Se Jesus é igual ao Pai (Jo 5.18), e não difere do Espírito Santo (Jo. 14:6), então este é igual ao Pai e ao Filho, o que prova a Sua Personalidade e Divindade.

A assertiva do pastor em tentar colocar Deus, Jesus e o Espírito Santo numa mesma essência através dos adjetivos *éteros* e *allos*, dão-nos a falsa impressão de que ambos os três são uma mesma essência, pois o que está registrado em (Jo 14,16) não é justamente que Jesus seja igual ao Pai, mas que ele o Cristo é o caminho a ser percorrido até o Pai que pressupõe que por ser um caminho que leva ao Pai, não significa que Jesus é igual a Deus, pois deveria construir sua frase como *ninguém vem até mim, senão por mim mesmo*, já que na visão trinitária do pastor, Jesus é o Pai.

Ademais, ser o caminho, a verdade e a vida também não corroboram a tese de que Jesus seja Deus, mas de que possuidor destes atributos revela o Pai que está nele (Jo 14,10-11) e que os apóstolos estarão em Cristo. Se assim o fosse, os apóstolos, Jesus e o Pai seria um só Deus, já que todos estão no Pai (Jo 14,23). Para fundamentar nossa tese, traremos novamente a citação da obra **Sabedoria do Evangelho - Volume 8** de Carlos Torres Pastorino (1910-1980), Vejamos:

E aqui, mais uma das grandes afirmativas, que já vimos glosando há muito nesta obra, sobretudo quando afirmamos

que a tradução correta da frase de Jesus é “Eu sou o caminho da Verdade e da Vida” (João, 14:6). Aqui encontramos o testemunho de que não andamos por atalhos falsos, pois Jesus declara: “O Teu Logos é a Verdade!”
Perfeito: a Divindade, o Absoluto, é a Vida (LUZ); o Logos ou Pai é a Verdade (SOM); o Filho ou Cristo é o caminho que conduz à Verdade (Pai) e à Vida (Espírito). (PASTORINO C. T., 1971. p. 46)

Na mesma obra **Sabedoria do Evangelho - Volume 8**, Carlos Torres Pastorino (1910-1980) fecha a questão desta passagem de (Jo 14,6). Vejamos:

Quanto às três cruzes, já os primeiros Pais da igreja as comparavam às árvores do “paraíso terrestre”: a árvore da ciência do bem e do mal e a árvore da vida, dizendo que eram três: a árvore da vida no centro (Jesus), a árvore do bem de um lado (o “bom ladrão”) e a árvore do mal do outro lado (o mau ladrão”).

Mas, podemos dar um passo à frente, na simbologia.

Assim como, na passagem do reino animal para o reino hominal, a criatura provou da árvore do bem e do mal, perdendo por isso o paraíso da irresponsabilidade animal e adquirindo o livre-arbítrio, assim também na passagem do reino hominal para o reino dos céus a criatura experimentará (páthein) a árvore da vida, adquirindo a VIDA IMANENTE, também chamada, mais geralmente, VIDA ETERNA.

É a árvore do centro, a Cruz de Jesus, que proporciona a Vida, e por isso Ele foi classificado como “o Salvador” ou ainda o “Redentor”. Embora a interpretação desse fato tenha sido deteriorada por ignorância da realidade; de qualquer modo esses atributos estão bem aplicados.

Não é, pois, Redentor no sentido de que sua paixão (páthein) tenha redimido por si só a humanidade, mas sim no sentido de que foi o primeiro a conseguir passar, nesta Terra, de um estágio a outro, abrindo o caminho (“eu sou o CAMINHO da Verdade e da Vida”, João 14:6 para que todos pudessem

segui-Lo, redimindo-se, também, cada um a si mesmo, porque, na estrada que abriu, como batedor ou sapador, todos nós temos mais facilidade de seguir seus passos. Árvore da Vida, a Cruz de Jesus, que simboliza a cruz do corpo humano, que para nós constitui o meio da redenção final, na estrada real da evolução. (PASTORINO, C. T., 1971. p. 147) (grifo nosso)

Como podemos observar, a mensagem do Evangelho vai muito além dos dogmas, tal qual o da trindade defendida pelo pastor, pois a mensagem do Cristo é justamente a redenção de cada um de nós através de seu exemplo e não de uma fórmula trinitária que daria ao cristão como crença de um corpo de conceitos para uma suposta salvação embasada em dogmas. Acerca da passagem de (Jo 5,18), temos novamente a obra ***Sabedoria do Evangelho - Volume 5***, Carlos Torres Pastorino (1910-1980) que nos traz o verdadeiro entendimento. Vejamos:

A ação do Cristo, embora constante (“Meu Pai age até agora, eu também ajo”) João, 5:17) é sentida por nós intermitentemente, porque Ele tem “o poder de aplicar e o poder de recolher” Sua força cristônica, segundo Sua vontade, sem que por ninguém seja coagido. Realmente, em muitos momentos sentimos o “apelo” que nos ativa o desejo de encontrá-Lo. Daí a teoria da “graça”, que não chega quando nós queremos, mas quando a vontade divina o determina, por ser o melhor momento para cada um de nós. Então, podemos interpretar a “graça” como uma atuação mais forte do Cristo Interno dentro de cada um, aplicando a vibração do SOM, “Sua alma”, e buscando dar-nos a tônica, para que, de nossa parte, busquemos sintonizar com essa nota básica. A tônica é o AMOR, por isso o Pai vibra como Amante e o Cristo age como Amado (david), constituindo o “príncipe” entre todos. Essa é a ordem do Pai. (PASTORINO, C. T., 1964e. p. 93) (grifo nosso)

A mensagem do Evangelho e do Cristo (Jo 5,17-18) é o amor e o amor então neste, assim como no Pai e não que era um sentido da deidade de Jesus e muito menos uma ideia trinitária. Vamos adiante nos comentários do pastor:

Bem, estamos cientes que os kardecistas negam a Personalidade e a Divindade do Espírito Santo, confundindo-o com a codificação Kardequiana. Mas a coisa não pára por aí. Os kardecistas confundem as manifestações do Espírito Santo com o que eles chamam de mediunidade. Só para citar um exemplo, o senhor Durval Ciamponi, em um artigo de sua autoria publicado no “jornal espírita”, órgão oficial da Federação Espírita do Estado de São Paulo, junho de 1.991, afirmou: “No dia de Pentecostes todos os apóstolos foram envolvidos pelos espíritos, ocorrendo a maior sessão coletiva de manifestação mediúnica na história religiosa do mundo... os... estudiosos irão descobrir que o Espírito Santo nada mais é que a alma dos homens que se foram...”.

É bem por aí mesmo e como já o comentamos anteriormente, acerca do evento de Pentecostes, onde ocorreram vários fenômenos, sendo um deles o de Xenoglossia que deve ser de domínio do pastor, mas que ele nem mesmo comentou, nos deixando uma dúvida se ele realmente estudou as 24 obras de Kardec. Temos ainda na fonte **Obras Póstumas**, capítulo XVII, onde Kardec trata das *Predições do Evangelho* sobre o evento de Pentecostes. Vejamos no item 42:

42. Se disserem que essa promessa se cumpriu no dia de Pentecostes, por meio da descida do Espírito Santo, poder-se-á responder que o Espírito Santo os inspirou, que lhes desanuviou a inteligência, que desenvolveu neles as aptidões mediúnicas destinadas a facilitar-lhes a missão, porém que nada lhes ensinou além daquilo que Jesus já ensinara,

porquanto, no que deixaram, nenhum vestígio se encontra de um ensinamento especial. O Espírito Santo, pois, não realizou o que Jesus anunciara relativamente ao Consolador; a não ser assim, os apóstolos teriam elucidado o que, no Evangelho, permaneceu obscuro até o dia de hoje e cuja interpretação contraditória deu origem às inúmeras seitas que dividiram o Cristianismo desde os primeiros séculos. (KARDEC. A. 2019b. p 343)

Como podemos observar que nosso conceito está coadunando com a Codificação e que estamos em sintonia com o codificador e que nos parece que o pastor não observou este conceito, o que o levou em erro em admitir que o Consolador de que Jesus falava seria uma suposta terceira pessoa da trindade que acompanhariam os apóstolos em sua missão em pregar o Evangelho. O que esclarecemos é que a manifestação de Pentecostes abriu um marco de iniciação da missão dos discípulos do Cristo, inspirados por espíritos de alta elevação, mas que não cumpriu os requisitos do Consolador em ensinar os apóstolos naquilo que Jesus ainda não tinha como revelar (Jo 16,12-14). Passemos, porquanto, a mensagem seguinte do pastor. Vejamos:

Do exposto, certamente está patente que se os Kardecistas são cristãos, então os ateus também o são. Também posso dizer que se os Kardecistas são cristãos, o autor destas linhas é ou hinduísta, ou budista ou muçulmano. Não creio nos Vedas, rejeito a Tripitaca e desdenho o Alcorão; não obstante, sou de uma dessas religiões, ou, quem sabe, de todas as três. Que importa?

Mais uma vez observamos que o pastor desconhece as 24 obras de Kardec, pois tanto na codificação, quando nas

Revistas Espíritas existem diversos temas e artigos que nos ensinam que a religião universal é o amor e não um corpo de doutrina dogmática que mais separa a humanidade, do que a une. Independente da crença da pessoa num dogma como a trindade, se ela não se esforçar para ser um homem de bem, certamente não terá paz em sua vida. Esta é a mensagem do Cristo que é universal e que seus seguidores construíram um muro e se tornaram sectários a ponto de cerceá-los das demais filosofias religiosas, não permitindo o diálogo. O que demonstramos é de a impossibilidade do dogma da trindade substituir a uma análise séria no Novo Testamento e o que nos impressionou é que o pastor não desenvolveu sua tese trinitária no Tanah, o que entendemos que seria um terreno deveras obscuro, pois para os judeus, não há trindade no Tanah.

Está, pois, claro que o unitarismo (isto, é, negação da Doutrina da Trindade) pregado pelo Kardecismo e muitas outras instituições religiosas, não é cristão; e que o trinitarianismo (postura teológica cristã, segunda a qual a Doutrina da Trindade é correta) pregado pela Igreja Ortodoxa, pelos evangélicos e pela Igreja Católica, é sim, doutrina genuinamente cristã. Se quem nega a Triunidade de Deus está ou não com a razão, é discutível; mas que quem não crê que Deus é Triúno não é cristão, é indiscutível, já que o Cristianismo prega isto.

Para um maior desenvolvimento de nossa argumentação e pesquisa quanto ao tema trindade, fomos cirúrgicos nas passagens que o pastor lançou mão em sua defesa da tese trinitária no Novo Testamento, mas se os

leitores quiserem se aprofundar, recomendamos suas pesquisas sérias, uma escrita por este autor em resposta ao CACP e outra desenvolvida, em formato ebook, pelo pesquisador Paulo Neto, a saber: [Trindade - “o mistério” imposto por um leigo e anuído pelos teólogos](#) e no artigo: [O Espiritismo esclarece o dogma da Trindade](#). Boa pesquisa!

* * *

No capítulo seguinte vamos considerar mais três incoerências Kardequianas. Vamos provar que segundo o Kardecismo, nós, e também o Senhor Jesus Cristo, já fomos bichos nas encarnações anteriores. Vamos, pois, ao próximo capítulo.

Após a conclusão deste tema trindade, passaremos ao próximo capítulo o tema das vidas sucessivas e a evolução do princípio inteligente, prosseguindo nos reinos anteriores ao reino hominal, transformando-se em espírito a agir no reino animal, para assim ter seu ciclo reencarnatório completo a iniciar sua evolução no reino hominal, outorgando a todas as criaturas da natureza uma equidade do Criador, fazendo jus a sua lei de justiça.

CAPÍTULO IV - NÓS E JESUS JÁ FOMOS BICHOS?! SIM OU NÃO?!

Dentro da perspectiva da criação, Kardec elaborou perguntas na obra **O Livro dos Espíritos** e desenvolveu suas teses evolucionistas na obra **A Gênese**, andando de mãos dadas à ciência, de acordo com a primeira obra científica a tratar do tema sobre a evolução das espécies de Charles Darwin (1809-1882). Tanto é fato que a primeira edição da obra **O Livro dos Espíritos** publicada em 18/04/1857 teve uma sensível revisão em 1860, devido a obra **A Origem das Espécies**, publicada em 1859 por Darwin. Creio que o pastor não mencionou este importante fato, devido ao completo desconhecimento da Doutrina Espírita e suas obras fundamentais, mas o pastor nos dá a tônica de como será a sua abordagem neste capítulo, vejamos:

Neste capítulo pretendo expor, como já informei no capítulo anterior, mais três contradições kardequianas.

Como já bem o refutamos nos capítulos anteriores apontando-lhes suas incoerências no trato com a Doutrina Espírita, empreenderemos o mesmo teor de nossas respostas neste capítulo, onde traçaremos um paralelo da evolução das espécies no plano físico e sua relação com o progresso espiritual através das vidas sucessivas e da evolução do

princípio inteligente. Vejamos:

4.1. O Homem Já Foi Bicho?!

A concepção do pastor já se apresenta equivocada, pois iguala o homem aos animais no seio de vida terrena em nosso orbe e não compreende a evolução do princípio inteligente em outros planetas, o que diferencia sobremaneira esta pergunta realizada pelo pastor: **O homem já foi bicho?** Resposta peremptória e negativa, pois olhando a evolução no orbe terrestre, e advogando para si uma evolução das espécies terrenas, é que se formula tal pergunta tacanha e limitada. Nós já o respondemos que: **Não** e desenvolveremos nossa tese em defesa deste conceito, mas antes vejamos o pastor em sua introdução a este tópico:

Segundo o supracitado livro de Kardec intitulado “A GÊNESE”, capítulo III, números 20-24, páginas 81-84, Allan Kardec afirmou que todos os espíritos, ao serem criados são simples e ignorantes, e que cabe a eles se evoluírem até alcançar a perfeição. Nessa trajetória rumo à perfeição os espíritos encarnam, desencarnam e reencarnam em corpos de animais. Kardec registrou que a luta pela sobrevivência entre os animais, onde um come o outro, serve para desenvolver os espíritos que ocupam seus corpos. Tais espíritos, quando atingem um certo grau de evolução, deixam de encarnar nos animais e ingressam no seio da Humanidade, ou seja, passam a encarnar em seres humanos. Fica subtendido no livro em questão (A GÊNESE), que as pessoas perversas são espíritos que deixaram o mundo animal recentemente, e que, portanto, ainda não se despiram da lei do mais forte que vigora entre os irracionais. Senão, vejamos:

Nesta última obra **A Gênese** da codificação publicada

por Kardec em 06/01/1868, o codificador nos convida ao capítulo III, citado pelo pastor, um ensaio de seu título *O bem e o mal*, subdividindo-se em três itens a saber, *Origem do bem e do mal*, *O instinto e a inteligência* e a *Destruição dos seres vivos uns pelos outros*. Parece-nos que o pastor gravitou apenas no último item que é a *Destruição dos seres vivos uns pelos outros*, especificamente dos itens 20 a 24, já mencionados pelo pastor e que não compreendem todo o capítulo e muito menos o foi refutado por ele, mas apenas citado, já que o pastor não apresenta uma outra tese que suplante a que foi abordada por Kardec, então vejamos o início de suas alegações:

“... No homem, há um período de transição em que ele mal se distingue do bruto. Nas primeiras idades, domina o instinto animal e a luta ainda tem por móvel a satisfação das necessidades materiais. Mais tarde, contrabalançam-se o instinto animal e o sentimento moral; luta então o homem, não mais para se alimentar, porém, para satisfazer à sua ambição, ao seu orgulho, à necessidade, que experimenta, de dominar. Para isso, ainda lhe é preciso destruir. Todavia, à medida que o senso moral prepondera, desenvolve-se a sensibilidade, diminui a necessidade de destruir, acaba mesmo por desaparecer, por se tornar odiosa. O homem ganha horror ao sangue.

Contudo, a luta é sempre necessária ao desenvolvimento do Espírito, pois, mesmo chegando a esse ponto, que parece culminante, ele ainda está longe de ser perfeito. Só à custa de muita atividade adquire conhecimento, experiência e se despoja dos últimos vestígios da animalidade. Mas, nessa ocasião, a luta, de sangrenta e brutal que era, se torna puramente intelectual. O homem luta contra as dificuldades, não mais contra os seus semelhantes” (**A GÊNESE**. Federação Espírita Brasileira: Capítulo III, número 24, página 83).

O pastor começa a citação pelo fim da análise de Kardec ao último item 24 deste tópico já mencionado e que iremos citá-lo na íntegra sem cortes e destacando a parte que interessou ao pastor mencionar. Vejamos:

24. Nos seres inferiores da Criação, naqueles a quem ainda falta o senso moral, nos quais a inteligência ainda não substituiu o instinto, a luta não pode ter por móvel senão a satisfação de uma necessidade material. Ora, uma das mais imperiosas dessas necessidades é a da alimentação. Eles, pois, lutam unicamente para viver, isto é, para fazer ou defender uma presa, visto que nenhum móvel mais elevado os poderia estimular. É nesse primeiro período que a alma se elabora e ensaia para a vida.

No homem, há um período de transição em que ele mal se distingue do bruto. Nas primeiras idades, domina o instinto animal e a luta ainda tem por móvel a satisfação das necessidades materiais. Mais tarde, contrabalançam-se o instinto animal e o sentimento moral; luta então o homem, não mais para se alimentar, porém, para satisfazer à sua ambição, ao seu orgulho, a sua necessidade de dominar. Para isso, ainda lhe é preciso destruir. Todavia, à medida que o senso moral prepondera, desenvolve-se a sensibilidade, diminui a necessidade de destruir, acaba mesmo por desaparecer, por se tornar odiosa essa necessidade. O homem ganha horror ao sangue.

Contudo, a luta é sempre necessária ao desenvolvimento do Espírito, pois, mesmo chegando a esse ponto, que nos parece culminante, ele ainda está longe de ser perfeito. Só à custa de sua atividade que o Espírito adquire conhecimento, experiência e se despoja dos últimos vestígios da animalidade. Mas, nessa ocasião, a luta, de sangrenta e brutal que era, se torna puramente intelectual. O homem luta contra as dificuldades, não mais contra os seus semelhantes.²³

²³ Nota de Allan Kardec: Sem prejudicar das consequências que se possam tirar desse princípio, apenas quisemos demonstrar, mediante essa explicação, que a destruição de uns seres vivos por outros em nada infirma a sabedoria divina e que, nas leis da natureza, tudo se encadeia. Esse encadeamento forçosamente se quebra, desde que se abstraia do princípio espiritual, razão por que muitas questões permanecem insolúveis, por só se levar em conta a matéria.

As doutrinas materialistas trazem em si o princípio de sua própria destruição; têm contra si não só o antagonismo em que se acham com as aspirações da universalidade dos homens e suas consequências morais, que farão sejam elas, as doutrinas, repelidas como dissolventes da sociedade, mas também a necessidade que o homem experimenta de se inteirar de tudo o que resulta do progresso.

O desenvolvimento intelectual conduz o homem à pesquisa das causas. Ora, por pouco que ele reflita, não tardará a reconhecer a impotência do materialismo para tudo explicar. Como é possível que doutrinas que não satisfazem ao coração, nem a razão, nem à inteligência, que deixam problemáticas as mais vitais questões, venham a prevalecer? O progresso das ideias matará o materialismo, como matou o fanatismo.

(KARDEC. A. 2019a, p. 74) (grifo nosso)

A parte que destacamos foi a citação mutilada do pastor sem a introdução e a nota explicativa de Kardec que derruba o conceito materialista e sepulta por vez o argumento fundamentalista que incompreende às leis da natureza até os dias de hoje e Kardec já fornece meios de entendimento das leis divinas, por meio de suas reflexões. O pastor iniciou seu castelo de cartas pelo telhado, ou seja, pelo fim das elucubrações de Kardec e já em cortes, visando facilitar sua linha de raciocínio que irá se restringir numa “refutação” deste tópico em apenas uma frase que logo chegaremos a ela. Com isso, vamos adiante nas citações do pastor. Vejamos:

Veja abaixo maiores informações:

“20. — A destruição recíproca dos seres vivos é, dentre as leis da Natureza, uma das que, à primeira vista, menos parecem conciliar-se com a bondade de Deus. Pergunta-se por que lhes criou ele a necessidade de mutuamente se destruírem, para se alimentarem uns à custa dos outros.

Para quem apenas vê a matéria e restringe à vida presente a sua visão, há de isso, com efeito, parecer uma imperfeição na obra divina. É que, em geral, os homens apreciam a perfeição de Deus do ponto de vista humano; medindo-lhe a sabedoria pelo juízo que dela formam, pensam que Deus não poderia fazer coisa melhor do que eles próprios fariam. Não lhes permitindo a curta visão, de que dispõem, apreciar o conjunto, não compreendem que um bem real possa decorrer de um mal aparente. Só o conhecimento do princípio espiritual, considerado em sua verdadeira essência, e o da grande lei de unidade, que constitui a harmonia da criação, pode dar ao homem a chave desse mistério e mostrar-lhe a sabedoria providencial e a harmonia, exatamente onde apenas vê uma anomalia e uma contradição.

Este item está citado completo pelo pastor, da obra **A Gênese**, no item já mencionado e que em nossa versão de 2019a consta à página 72. O pastor apresentou alguma refutação a este item? Não. Vamos adiante ao item 21 em sequência. Vejamos:

21. — A verdadeira vida, **tanto do animal como do homem**, não está no invólucro corporal, do mesmo modo que não está no vestuário. **Está no princípio inteligente que preexiste e sobrevive ao corpo**. Esse princípio necessita do corpo, para se desenvolver pelo trabalho que lhe cumpre realizar sobre a matéria bruta. O corpo se consome nesse trabalho, mas o Espírito não se gasta; ao contrário, sai dele cada vez mais forte, mais lúcido e mais apto. Que importa, pois, que o Espírito mude mais ou menos frequentemente de envoltório? Não deixa por isso de ser Espírito. É precisamente como se um homem mudasse cem vezes no ano as suas vestes. Não

deixaria por isso de ser homem.

Por meio do incessante espetáculo da destruição, ensina Deus aos homens o pouco caso que devem fazer do envoltório material e lhes suscita a ideia da vida espiritual, fazendo que a desejem como uma compensação.

Objetar-se-á: não podia Deus chegar ao mesmo resultado por outros meios, sem constringer os seres vivos a se entredestruírem? Desde que na sua obra tudo é sabedoria, devemos supor que esta não existirá mais num ponto do que noutros; se não o compreendemos assim, devemos atribuí-lo à nossa falta de adiantamento. Contudo, podemos tentar a pesquisa da razão do que nos pareça defeituoso, tomando por bússola este princípio: Deus há de ser infinitamente justo e sábio. Procuremos, portanto, em tudo, a sua justiça e a sua sabedoria e curvemo-nos diante do que ultrapasse o nosso entendimento.

Mais uma citação realizada pelo pastor, da obra **A Gênese**, no item já mencionado e que em nossa versão de 2019a consta à página 73. O pastor apresentou alguma refutação a este item? Não. Vamos adiante ao item 22 em sequência. Vejamos:

22. — Uma primeira utilidade, que se apresenta de tal destruição, utilidade, sem dúvida, puramente física, é esta: os corpos orgânicos só se conservam com o auxílio das matérias orgânicas, matérias que só elas contém os elementos nutritivos necessários à transformação deles. Como instrumentos de ação para o princípio inteligente, precisando os corpos ser constantemente renovados, a Providência faz que sirvam ao seu mútuo entretenimento. Eis por que os seres se nutrem uns dos outros. Mas, então, é o corpo que se nutre do corpo, sem que o Espírito se aniquile ou altere. Fica apenas despojado do seu envoltório.

Outra citação completa, realizada pelo pastor da obra **A**

Gênese, no item já mencionado e que em nossa versão de 2019a, encontra-se à página 73, mas com apenas um detalhe, de que é a nota de rodapé do codificador de número 22, ocultada pelo pastor que assim está escrita: ²² **Nota de Allan Kardec: Veja-se: Revista Espírita, agosto de 1864, Extinção das raças**. Kardec, em quatro anos antes, já havia levado à **Revista Espírita 1864** este ensaio, para apreciação dos seus leitores, tal como laboratório de discussão e entendimento do que viria no futuro, em sua última obra da codificação, a saber **A Gênese**. Vamos a referida obra **Revista Espírita 1864**, mês de agosto, artigo sobre a *Destruição dos Aborígenes no México*, tão desconhecida pelo pastor e muita gente.

(8 de julho de 1864 – Médiun: Sr. d'Ambel)⁴⁸

“Sob as aparências de certa bondade natural, e com costumes mais suaves que virtuosos, os incas viviam indolentemente, sem progredir nem se elevar. Faltava a luta a essas raças primitivas; e se batalhas sangrentas não os dizimavam; se uma ambição individual aí não exercia uma pressão soberana para lançar aquelas populações a guerras de conquistas, nem por isso eram menos atingidas pelo perigoso vírus que levava sua raça à extinção. Era preciso retemperar as fontes vitais desses incas degenerados, dos quais os astecas representavam a decadência fatal, que deveria ferir todos aqueles povos. A essas causas inteiramente fisiológicas, se juntarmos as causas morais, notaremos que o nível das Ciências e das Artes ali tinha igualmente ficado em prolongada infância. Havia, pois, utilidade de pôr essas regiões pacíficas no mesmo nível das raças ocidentais. Hoje se julga a raça desaparecida, porque se fundiu com a família dos conquistadores espanhóis. Dessa raça cruzada surgiu uma nação nova e vivaz que, por um vigoroso impulso, não tardará a alcançar os povos do velho

continente. Que resta de tanto sangue derramado? Perguntam de Bordeaux. Primeiro, o sangue derramado não foi tão considerável quanto se poderia crer. Perante as armas de fogo e alguns soldados de Pizarro, toda a nação invadida se submeteu como se estivesse diante de semideuses, saídos das águas. É quase um episódio da Mitologia antiga, e essa raça indígena é, sob vários aspectos, semelhante às que defendiam o Tosão de Ouro.”

⁴⁸ N.E.: Ver Nota explicativa, p. 523.

(KARDEC, A. 2004g, p. 320-321)

Após a publicação desta mensagem, Kardec vai fazer um longo discurso sobre a perfectibilidade das raças que não nos compete aqui citá-lo na íntegra, mas apenas de observar que o codificador já publicava mensagens não somente que tratavam da progressão do princípio inteligente no reino animal para o hominal, mas também tratava, desde o princípio do estabelecimento da Doutrina Espírita de temas tão relevantes à sua época e ainda discutidos nos dias atuais. Passemos, porquanto, ao ponto seguinte aventado pelo pastor em citar a obra **A Gênese**. Vejamos:

23. — Há também considerações morais de ordem elevada.

É necessária a luta para o desenvolvimento do Espírito. Na luta é que ele exercita suas faculdades. O que ataca em busca do alimento e o que se defende para conservar a vida usam de habilidade e inteligência, aumentando, em consequência, suas forças intelectuais. Um dos dois sucumbe; mas, em realidade, que foi o que o mais forte ou o mais destro tirou ao mais fraco? A veste de carne, nada mais; ulteriormente, o Espírito, que não morreu, tomará outra.

Mais uma citação completa, realizada pelo pastor da obra **A Gênese**, no item já mencionado e que em nossa versão de 2019a, encontra-se à página 73-74 e que ele fez questão de destacar, mas não criou nenhuma objeção. Vejamos agora a sua citação final:

24. — Nos seres inferiores da criação, naqueles a quem ainda falta o senso moral, em os quais a inteligência ainda não substituiu o instinto, a luta não pode ter por móvel senão a satisfação de uma necessidade material. Ora, uma das mais imperiosas dessas necessidades é a da alimentação. Eles, pois, lutam unicamente para viver, isto é, para fazer ou defender uma presa, visto que nenhum móvel mais elevado os poderia estimular. **É nesse primeiro período que a alma se elabora e ensaia para a vida...**” (A Gênese. Federação Espírita Brasileira: Capítulo III, nº 20-24. Grifo meu).

Agora o pastor citou a parte ocultada na citação inicial do item 24, ao qual citamos por completo no início de nossa abordagem, e que foi realizada pelo pastor da obra **A Gênese**, no item já mencionado e que em nossa versão de 2019a, encontra-se à página 74, mas absteve-se de citar a nota explicativa ao qual trouxemos no início de nossa abordagem. Vejamos agora a abordagem do pastor em refutação a tudo o que foi apresentado:

Assim fica claro que, segundo o Kardecismo, o homem já foi boi, cavalo, cachorro, rato, cobra, barata e assim por diante, nas encarnações anteriores. Ora, quem crê nisso, pode ser tudo, menos cristão, já que o Cristianismo nunca pregou isso.

Nesta constatação do pastor, de que: o *homem já foi*

*boi, cavalo, cachorro, rato, cobra, barata e assim por diante, nas encarnações anteriores, carece de fundamento, pois em nenhum momento Kardec e as mensagens dos espíritos dão tamanhos saltos de progresso na natureza para animais contemporâneos à civilização humana nos dias atuais, o que denota é a perfectibilidade das raças, tal qual citamos a **Revista Espírita 1864** que demos suporte ao conceito exarado por Kardec na obra **A Gênese**. Certamente que este conceito não está abordado nos ensinamentos de Jesus, mas que percebemos que é um dos ensinamentos que ele não poderia ter dado à época aos seus Apóstolos, por não se acharem preparados naquela época (Jo 16,12-14), o que mais judiciosamente a Doutrina Espírita abriu portas a partir de 1857 em sua primeira obra **O Livro dos Espíritos**. Vamos ao item seguinte abordado pelo pastor:*

4.2. Jesus Já Foi Bicho?!

Adequaremos este tópico para de: *Jesus já foi bicho?!* Sugerido pelo pastor, para: *A jornada evolutiva de Jesus* (Jo 3,13), uma vez que encontramos no diálogo entre Jesus e Nicodemos (Jo 3,1-16) uma conversa sobre a filosofia da reencarnação, como objetivo da dúvida de Nicodemos ante Jesus. Antes, porém, vejamos a abertura deste tópico junto aos argumentos do pastor:

Todos os leitores de Kardec, se são sinceros reconhecem que ele admitia a possibilidade de até o nosso Amável Salvador e Benfeitor _ Jesus Cristo_ ter sido bicho nas encarnações anteriores. Senão, vejamos: Allan Kardec diz em o livro intitulado “Obras Póstumas”, sob o tópico: “Estudo da

Natureza de Cristo”, páginas 90 à 118, que Jesus Cristo é um espírito criado por Deus. Diz também, em “O Céu e o Inferno”, 1ª parte, capítulo III, número 6, que os espíritos, ao serem criados, são simples e ignorantes. Agora raciocinemos: Se os espíritos, ao serem criados, são simples e ignorantes; e se na trajetória evolutiva, o encarnar-se em animais faz parte do programa, logo Jesus também já foi cachorro, porco, cobra, mosca, sapo, urso, macaco, barata, etc., nas encarnações anteriores até tornar-se perfeito. Quão contrária ao Cristianismo é essa doutrina! As informações que nos vêm da Bíblia acerca da Pessoa de Jesus, são diametralmente opostas às que procedem de Allan Kardec. De acordo com Miquéias 5:2, Jesus é desde a eternidade; segundo o apóstolo João, Jesus é: Igual a Deus (Jo. 5:18); digno de receber as mesmas honras que tributamos a Deus (Jo. 5:23); o verdadeiro Deus (1 Jo. 5:20); o Deus Criador dos Céus, da Terra e de tudo quanto neles há (Jo. 1:1–3,10). À luz de Jo. 1.1-3, Jesus não é criatura, pois que segundo esta referência Bíblica, “sem” Jesus, “nada do que foi feito se fez”. Ora, se “sem Ele nada do que foi feito se fez”, então Ele fez tudo quanto foi feito. E, se Ele criou tudo quanto foi criado, então Ele não é criatura, pois uma coisa que ainda não existe, não pode fazer-se a si mesma nem tampouco ajudar o seu criador a criá-la.

Sobre a citação da fonte **Obras Póstumas**, com respeito ao *Estudo da Natureza da Cristo*, já desenvolvemos no item anterior até um resumo deste longo discurso de Kardec e desconstruímos suas argumentações do pastor que se resumem apenas em um pequeno parágrafo. Ademais, não nos apresentou um estudo mais convincente a provar a deidade de Jesus e muito menos a suposta trindade, onde se circunscreveu a citar passagens do Novo Testamento sem a devida exegese, hermenêutica e compreensão dos originais gregos. Já a citada obra **O Céu e o Inferno**, mencionada pelo pastor respetivamente na primeira parte, sobre o capítulo III que se

intitula *O céu*, mais especificamente no item 6, vejamos na íntegra e a citação destacada do pastor:

6. Os Espíritos são criados simples e ignorantes, mas dotados de aptidão para tudo conhecerem e para progredirem, em virtude do seu livre-arbítrio. Pelo progresso adquirem novos conhecimentos, novas faculdades, novas percepções e, conseqüentemente, novos gozos desconhecidos dos Espíritos inferiores; eles veem, ouvem, sentem e compreendem o que os Espíritos atrasados não podem ver, sentir, ouvir ou compreender.

A felicidade está na razão direta do progresso realizado, de sorte que, de dois Espíritos, um pode não ser tão feliz quanto outro, unicamente por não possuir o mesmo adiantamento intelectual e moral, sem que por isso precisem estar, cada qual, em lugar distinto. Ainda que juntos, pode um estar em trevas, enquanto tudo resplandece para o outro, tal como um cego e um vidente que se dão as mãos: este percebe a luz da qual aquele não recebe a mínima impressão.

Sendo a felicidade dos Espíritos inerente às suas qualidades, haurem-na eles em toda parte em que se encontram, seja à superfície da Terra, no meio dos encarnados, ou no Espaço.

Uma comparação vulgar fará compreender melhor esta situação. Se se encontrarem em um concerto dois homens, um, bom músico, de ouvido educado, e outro, desconhecedor da música, de sentido auditivo pouco delicado, o primeiro experimentará sensação de felicidade, enquanto o segundo permanecerá insensível, porque um compreende e percebe o que nenhuma impressão produz no outro. Assim sucede quanto a todos os gozos dos Espíritos, que estão na razão da sua sensibilidade.

O mundo espiritual tem esplendores por toda parte, harmonias e sensações que os Espíritos inferiores, submetidos à influência da matéria, não entreveem sequer, e que somente são acessíveis aos Espíritos purificados. (KARDEC, A. 2019c. p. 27-28) (grifo nosso e itálico no original)

Por se tratar de uma abordagem de Kardec quando ao estado de felicidade em seu desenvolvimento do que é o céu, logicamente todos os espíritos tendo o mesmo ponto de partida, ou seja, criados simples e ignorantes, ao qual o pastor mencionou e que destacamos, mas com o desenvolvimento individual do princípio inteligente, a tomar forma de Espíritos, vemos que as virtudes que cada um carrega em seu progresso, através das vidas sucessivas, marcam a verdadeira felicidade e o trabalho de orientação dos mais evoluídos aos mais ignorantes, torna-se o objetivo de espíritos com o cabedal evolutivo de Jesus. Percebemos que é uma linha de raciocínio do codificador, onde o pastor se restringiu a defender a tese de que Jesus é eterno, deus partícipe da trindade e criador de todas as coisas. Não voltaremos a este assunto, pois o pressuposto de Jesus ser filho já lhe imputa a insigne de criado pelo Pai, a menos que o conceito trazido por Jesus de Deus como Pai esteja equivocado, uma vez que Jesus se colocou como subordinado ao Pai, submisso à vontade do Pai e certamente que o próprio Cristo não sabia de tudo, asseverando ao Pai a onisciência.

Outrossim, o pastor e seus leitores deverão observar que antes mesmo da Terra ser formada, Jesus já tinha atingido o rol de espírito puro em outros planetas anteriores à Terra e até mesmo ao sistema solar, e por este motivo chegou a governador do orbe terrestre e co-criador com o Pai da formação da Terra, não lhe imputando o atributo de um deus trinitário. Este conceito se encontra na bibliografia consultada pelo pastor, mas nos parece que ele desconhece! Passemos ao

ponto seguinte:

Sim, o fato de a Bíblia dizer que “sem Ele nada do que foi feito se fez”, se Ele tivesse sido feito, não poderíamos chegar a nenhuma outra conclusão, se não às seguintes: Ou Ele fez-se a si mesmo, ou pelo menos ajudou o seu Criador a criá-lo. Você não acha que esse “raciocínio” é tão ilógico que nem mesmo merece ser reconhecido como tal? Este texto Bíblico sustenta que Jesus é desde a eternidade. Jesus “estava no mundo, e o mundo foi feito por Ele...” (João 1:1-3,10). Vejamos ainda as considerações abaixo:

Segundo Hebreus 13:8, Jesus Cristo é hoje o que foi no passado eterno, e será por toda a eternidade o que hoje Ele é. Isto prova que, segundo o Cristianismo, Ele não evoluiu, não evolui e nem evoluirá jamais; Hebreus 1:8-12 diz que Jesus é o Jeová Deus cujo trono subsiste pelos séculos dos séculos, ama a justiça, odeia a injustiça, fundou os Céus e a Terra, e é o mesmo; Em Colossenses 1:14-17, o apóstolo Paulo diz que Jesus é o Criador dos céus, da Terra e de tudo quanto neles há;

O pastor volta novamente à sua tábua de salvação do texto de (Jo 1,1-16) como advogando o Logos como um deus criador em igualdade ao deus pai e deus espírito santo, formando assim seu panteão de deuses. Não voltaremos a este assunto, por termos tratado dele anteriormente. O Pastor também retoma textos de (Hb 13,8; Hb 1,8-12; Cl 1,14-17) onde também já o respondemos e não repetiremos os mesmos argumentos, hermenêutica e exegese que já o fizemos, pois segundo o pastor, apenas citar essas passagens é o suficiente para atestar que Jesus é deus partícipe de uma trindade igualmente divina. Entraremos agora numa abordagem nova, ao qual o pastor parece desconhecer a escalada evolutiva de Jesus e nós o fizemos esta análise no texto: **O diálogo entre**

Jesus e Nicodemos, onde abordamos este assunto. Vejamos:

5. A jornada evolutiva de Jesus

Esta passagem é uma das mais complexas aos exegetas e opositores da reencarnação, em nos trazer uma análise que tenha lógica dentro do contexto que se refere à reencarnação. Pois bem, vejamos:

Jo 3,13: **“Ora, ninguém subiu ao céu, senão o que de lá desceu, o Filho do Homem”**

Primeiro vejamos o que alguns opositores da reencarnação tentam harmonizar para fechar a questão do diálogo entre Jesus e Nicodemos. v.13 “Ora, ninguém subiu (αναβεβηκεν) ao céu, senão o que desceu (καταβας) do céu, o Filho do homem.”. “αναβεβηκεν” (anabebêken) é o perfeito de αναβαινω (anabainô=subir); esta forma verbal grega se caracteriza pela permanência do estado da ação ocorrida no passado; é uma espécie de aoristo com presente, ou seja, não simboliza processos evolutivos como se pretende atribuir a Cristo, foi uma ação completa ocorrida no passado e que permanece. Isso justifica alguns manuscritos trazerem ao final do verso a expressão: “que está no céu”. “Céu” aqui simboliza a glória celestial, da qual ele “desceu” (καταβας), katabas é o particípio aoristo de καταβαινω (katabainô=descer), e denota que Ele estava se esvaziando (sentido do particípio grego) por completo (sentido do aoristo grego), isto se harmoniza completamente com:

Fp. 2,6-7: “o qual, subsistindo em forma de Deus, não considerou o ser igual a

Deus coisa a que se devia aferrar, mas esvaziou-se a si mesmo, tomando a forma de servo, tornando-se semelhante aos homens”.

Essa argumentação seria mais uma além do que nos oferece a exegese, mas sabemos que Jesus chegou ao estado de puro espírito antes mesmo da formação de nosso orbe terrestre, mas não podemos nos furtar do esvaziar como a perda de sua grandeza espiritual.

Nesta passagem, sendo Jesus 'O Filho do Homem', este veio a dizer que “Ora, **ninguém subiu ao céu, senão o que de lá desceu, o Filho do Homem**”. Sendo o diálogo de Jesus e Nicodemos relacionado à reencarnação como uma lei natural, onde é compreensível de que nenhum encarnado na Terra chegou ao grau de espírito puro, senão Jesus que percorreu todos os estágios evolutivos (**subiu ao céu**) chegando ao grau de espírito puro antes da fundação do Planeta Terra e desceu a nossa compreensão (**de lá desceu**), para nos trazer, na época em que esteve em sua ditosa missão na Terra, o Evangelho da redenção e nos elucidar este processo de reencarnação da forma que a Doutrina Espírita (A Consoladora) nos esclarece mais judiciosamente, já que Ele não poderia se estender num assunto, diante de tantos outros, na época em que os “entendidos” ainda não estavam maduros para compreender, bem como, **Tenho ainda muito que vos dizer**, mas vós não o podeis suportar agora; (Jo 16:12). Cabe-nos ao menos o bom senso para aludirmos que Jesus falava de reencarnação com Nicodemos, como sendo uma lei natural a que todos nós estamos sujeitos para o nosso aperfeiçoamento e

resgate das faltas (Jo 3:12).

Assim, uma interessante explicação para esta passagem que acabamos de elucidar, quanto a Jo 3:13, o sentido para muitos opositores da reencarnação é de que ninguém subiu ao céu para poder falar com autoridade a respeito das “coisas celestiais”, segundo indica o contexto (v. 11). Só por revelação os homens podem discernir os segredos do céu, nunca especulando quanto a eles, como explica a *SDA Commentary*:

Subiu ao céu - Isto é, nenhum ser humano foi ao céu para conhecer as “coisas celestiais” (vers. 12). Só o Filho do homem, que desceu do céu, ali esteve e só ele pode revelá-las. Não se faz referência aqui à ascensão de Cristo ao céu depois da ressurreição.

A exegese apresentada a esta passagem, que diverge, inclusive da interpretação particular de alguns opositores da reencarnação, nos leva as seguintes (Pv 30:4; Jo 6:33,38; 51:62; 16:28; At 2:34; I Co 15:47 e Ef 4:9-10). Analisando a descida de Jesus às “regiões inferiores”, sendo ela após a sua ressurreição e não no momento antes do diálogo com Nicodemos, encontramos as seguintes evidências abaixo. Neste ponto, segue a análise da passagem de Ef 4:7-16, no que tange a questão da descida de Jesus às “regiões inferiores”, como santo mistério e o serviço dos santos, com destaque aos seguintes pontos:

a. Jesus desceu às regiões inferiores de fato, como um santo mistério, segundo Paulo, a fim de levar cativo o cativo e **até mesmo rebeldes**, ou seja, espíritos renitentes ainda no erro.

b. Jesus subiu os degraus evolutivos através das vidas sucessivas, **antes** de **sua encarnação** (Jo 3:13).

c. Jesus **desceu** à nossa compreensão. (Jo 3:13).

d. Jesus **foi elevado** no madeiro, bem como ascendido na escalada evolutiva (Jo 3:14; Hb 1:4).

e. Jesus desceu as regiões inferiores **após** a sua **ressurreição**.

f. Jesus desceu às regiões inferiores **antes** de sua **ascensão**.

g. Jesus **ascendeu** em espírito.

Analisemos a passagem:

Jo 3,14-15: E do modo por que **Moisés levantou a serpente no deserto**, assim importa que o filho do homem seja levantado, para que **todo o que nEle crê** tenha a vida eterna.

Esta passagem está referenciada na Torá, que Jesus cita (Nm 21:9), trazendo o entendimento de que Jesus iria ressurgir e ser levantado, ou seja, subiria ainda mais na escalada evolutiva, onde o seu exemplo de misericórdia no suplício do Gólgota seria como a cura, ou seja, a regeneração da humanidade e, por conseguinte, do planeta Terra governado pelo Mestre Jesus, assim como, Ele: *tendo-se tornado tão superior aos anjos quanto herdou mais excelente nome do que eles. (Hb 1:4)*. Diante de toda a explanação, citamos ainda: *para que **todo o que nEle crê** tenha a vida eterna. (Jo 3:15)*.

Finalizamos a análise afirmando que o diálogo de

Jesus com Nicodemos é sobre a reencarnação e não do nascer de novo do batismo, em virtude do pensamento dos Judeus daquela época e a compreensão que eles tinham sobre o que hoje tem o nome de reencarnação, de que certamente o diálogo de Jesus e Nicodemos é sobre a reencarnação. É bom lembrar que o ritual de iniciação entre os judeus era a circuncisão e não o batismo, bem como a Tevilá que era um ritual similar ao batismo de João, o Batista. Aliás, o único que batizava naquela época era João; entretanto, ele disse que viria alguém maior que ele que iria batizar com fogo, ou seja, o batismo da água não tem tanta sustentação nesta passagem como alegam.

Por outro lado. Jesus não houvera, em nenhum momento, falado de batismo em seu diálogo com Nicodemos. Diante disso, Ele não poderia deixar de citar o batismo para atestar e provar que o diálogo era relacionado a tal; tanto que Ele não o cita no fim do diálogo com Nicodemos, dizendo apenas que todo o que nEle crê (...). Se a passagem realmente fosse sobre o batismo, assim deveria ser o desfecho do diálogo: todo o que nEle crê e for batizado tenha a vida eterna. Dessa forma, fica claro que Jesus não falava de nascer 'do alto' e nem mesmo nascer 'de novo pelo batismo' com Nicodemos e sim da reencarnação. Acreditar ou não é de foro íntimo de cada um, mas *Quem tem ouvidos [para ouvir], ouça (Mt 11:15)*. (FERRARI, T. T. 2016, p. 17-20)

Fim da citação

Ao tratamos este assunto em um de nossos artigos

específicos em que abordamos das vidas sucessivas e progresso evolutivo do próprio Cristo, não entraremos no mérito deste assunto que aprofundaremos mais adiante e que trouxemos aqui foi somente a comprovação exegética da jornada evolutiva, percorrida por Jesus, que esboroa nos argumentos do pastor e suas citações. Vejamos o encerramento deste tópico pelo pastor:

Eis aqui o que prega o Cristianismo. Ninguém é obrigado a ser cristão, mas quem se considera cristão tem que crer nisto, sob pena de merecer o título de incoerente que, como uma luva se ajusta aos kardecistas.

O pastor mais uma vez realizou citações isoladas e sem uma hermenêutica condizente com uma boa exegese que o levaria ao âmago dos textos bíblicos, neste quesito da análise do grego koiné (popular) que traria uma melhor apreensão do texto bíblico e assevera que suas simples citações são suficientes para continuar a pregar a deidade de Jesus de cima de seu púlpito, negar a jornada evolutiva percorrida pelo Cristo (Jo 3,13) e atribuir tal incoerência a nós espíritas que defendemos a igualdade na criação divina de seres que compõe os orbes. Desta maneira, numa análise superficial da codificação, realiza citações simplórias, taxam a nós espíritas de incoerentes e comete equívocos, julgando conhecer a base kardequiana, mas que na verdade desconhece boa parte das obras da Codificação Espírita e nos lança anátema, quando refutamos a tese da suposta deidade de Jesus e por tabela a trindade. Vamos ao item seguinte.

4.3. Fomos Bichos ou Não Fomos?

Neste tópico o pastor continua a negligenciar a evolução do princípio inteligente do reino animal para o hominal. O que nos parece, ele trará elementos da obra **O Livro dos Espíritos** e da **Gênese**, protestando que há divergências entre estas duas obras. Antes, porém, vamos averiguar a introdução por ele apresentada. Vejamos:

Vimos que Kardec disse que nós já fomos bichos nas encarnações anteriores. Vimos também que isso o descaracteriza como cristão, já que o Cristianismo nunca pregou isso, e que, portanto, essa heresia constitui uma incoerência. Ou seja, ele não era cristão, pois pregava algo contrário ao Cristianismo; e era incoerente, pois se dizia cristão, apesar dessa divergência.

A princípio, como bem abordamos, este assunto da evolução do princípio inteligente através do reino animal até o hominal é um tema que Jesus não poderia ter desenvolvido à época com os apóstolos e entraria no rol dos ensinamentos que foram apresentados tardiamente através da Doutrina Espírita, o que nos leva a crer que Jesus tinha muito ainda a dizer aos seus discípulos, mas não o pudera em sua época (Jo 16,12-14). Apresentamos este argumento, devido ao fato de não ter havido nada de novo pregado pelos apóstolos, após a passagem de Jesus entre nós. Com isso, percebemos que há um hiato de cerca de dezoito séculos até a medida correta do progresso da humanidade em receber tais ensinamentos. Ser cristão na acepção do pastor é acreditar em seu corpo de doutrina dogmática e suas legalidades, enquanto para Kardec era o

aprofundamento do ensino e prática do sermão da montanha de Jesus, exarado na obra **O Evangelho Segundo o Espiritismo** em cerca de 78% e negligenciado pelo pastor, que diz ter estudado a codificação. Passemos ao ponto seguinte:

Todavia, como se essa discrepância não bastasse, um espírito “superior” (bem sei que espírito é esse), respondendo às indagações de Allan Kardec, assegurou ao seu consulente que os espíritos dos animais jamais encarnarão em seres humanos, e que a recíproca é verdadeira. Disse ainda o espírito consultor, que tanto os espíritos dos animais, quanto os dos homens, evoluem paralelamente, mas a disparidade entre estas duas espécies de espíritos é mantida eternamente. Ambos (os espíritos que encarnam em seres humanos e os que encarnam em animais) chegarão aos mundos superiores (mundos estes habitados pelos espíritos perfeitos); mas, como já afirmei, os espíritos dos animais nunca serão tão **perfeitos** quanto os dos homens. Os espíritos dos homens serão perfeitos, e os espíritos dos animais serão **aperfeiçoados**. Estes (refiro-me aos espíritos dos animais) nunca conhecerão a Deus; antes, para eles o homem será um deus. Esse ensino consta de “O Livro dos Espíritos”, de autoria de Allan Kardec. Ora, como associar esse ensino, constante de “O Livro dos Espíritos”, segundo o qual as almas dos animais são e serão eternamente inferiores às almas dos homens, com o que está contido em “A Gênese”, já considerado no primeiro tópico deste capítulo? Para que o leitor veja que de fato as coisas são assim, queira ler o texto abaixo transcrito, o qual é constituído das perguntas que Kardec formulou a um espírito “superior”, assim como das respostas desse espírito. Tais perguntas constam de “O Livro dos Espíritos” e estão enumeradas. Eis-las:

O pastor desenvolveu este capítulo sempre defendendo que a Codificação Espírita asseverava que o espírito progrediu

do reino animal para o hominal e suas primeiras citações da obra *A Gênese* e agora ele encontra uma contradição na obra *O Livro dos Espíritos* que afirma o oposto, por tratar de que as almas dos animais jamais se igualarão às almas dos homens. Onde há a contradição? Em nenhum lugar, pois o pastor não entendeu nada do que está citado na obra *O Livro dos Espíritos*, já que ele assevera que os espíritos dos animais serão sempre equivalentes ao aperfeiçoamento que o reino animal concede, diferentemente da do reino hominal que será sempre superior. O que o pastor não entendeu e continua sem entender é que a alma é que transita entre os dois reinos, não cabendo a um primara se transformar em homem. O que temos a corrigir ao pastor é que o espírito do animal quando estiver pronto para transpor ao reino animal, a espiritualidade superior realizará esta transição e este animal continuará a abrigar outras almas de animais a progredir. É isso que ambas as obras querem dizer, mas vamos às citações da obra **O Livro dos Espíritos**, parte segunda, capítulo XI, intitulada de: *Os animais e o Homem*. Lembramos que este capítulo começa da questão 592 e vai até a questão 610, o que levou ao pastor apenas a uma citação fragmentada e que se houverem equívocos, assinalaremos. Vejamos:

Pergunta 597: “Pois que os animais possuem uma inteligência que lhes faculta certa liberdade de ação, haverá neles algum princípio independente da matéria?” **Resposta:** ‘Há e que sobrevive ao corpo’”.

Pergunta 605: “[...] a)— Será esse princípio uma alma semelhante à do homem?” ‘É também uma alma, se quiserdes, dependendo isto do sentido que se der a esta

palavra. É, porém, inferior à do homem. Há entre a alma dos animais e a do homem distância equivalente à que medeia entre a alma do homem e Deus”.

Há um equívoco da parte da citação, pois em nossa versão de 2019e, existe a pergunta 597 e após ela o item “a”, não a citação da pergunta 605 equivocadamente apresentada pelo pastor. Em correção, apresentamos à página 285 a real grafia desta questão em corrigenda ao pastor. Seguimos à diante:

Pergunta 598: “Após a morte, conserva a alma dos animais a sua individualidade e a consciência de si mesma?” **Resposta:** ‘Conserva sua individualidade; quanto à consciência do seu eu, não. A vida inteligente lhe permanece em estado latente”.

Pergunta 599: “À alma dos animais é dado escolher a espécie de animal em que encarne?” ‘Não, pois que lhe falta livre-arbítrio”.

Pergunta 600: “Sobrevivendo ao corpo em que habitou, a alma do animal vem a achar-se, depois da morte, num estado de erraticidade, como a do homem? ‘Fica numa espécie de erraticidade, pois que não mais se acha unida ao corpo, mas não é um Espírito errante. O Espírito errante é um ser que pensa e obra por sua livre vontade. De idêntica faculdade não dispõe o dos animais. A consciência de si mesmo é o que constitui o principal atributo do Espírito. O do animal, depois da morte, é classificado pelos Espíritos a quem incumbe essa tarefa e utilizado quase imediatamente. Não lhe é dado tempo de entrar em relação com outras criaturas’.

Pergunta 601: Os animais estão sujeitos, como o homem, a uma lei progressiva? ‘Sim; e daí vem que nos mundos superiores, onde os homens são mais adiantados, os animais também o são, dispondo de meios mais amplos de comunicação. **São sempre, porém, inferiores ao homem** e se lhe acham submetidos, tendo neles o homem servidores inteligentes.

Nada há nisso de extraordinário. Tomemos os nossos mais inteligentes animais, o cão, o elefante, o cavalo, e imaginemo-los dotados de uma conformação apropriada a trabalhos manuais. Que não fariam sob a direção do homem?’

Pergunta 602: Os animais progridem, como o homem, por ato da própria vontade, ou pela força das coisas? ‘Pela força das coisas, razão por que não estão sujeitos à expiação’.

Pergunta 603: “**Nos mundos superiores, os animais conhecem a Deus?**” ‘**Não. Para eles o homem é um deus, como outrora os Espíritos eram deuses para o homem**’ ”.

Pergunta 604: “Pois que os animais, mesmo os aperfeiçoados, existentes nos mundos superiores, são sempre inferiores ao homem, segue-se que Deus criou seres intelectuais perpetuamente destinados à inferioridade, o que parece em desacordo com a unidade de vistas e de progresso que todas as suas obras revelam”.

‘Tudo em a Natureza se encadeia por elos que ainda não podeis apreender. Assim, as coisas aparentemente mais díspares têm pontos de contacto que o homem, no seu estado atual, nunca chegará a compreender....’.

a) — A inteligência é então uma propriedade comum, um ponto de contacto entre a alma dos animais e a do homem? “ ‘É, porém os animais só possuem a inteligência da vida material. No homem, a inteligência proporciona a vida moral”.

Até este ponto as citações estão corretas, com relação a obra citada e o conceito da evolução do princípio inteligente está condizente em: **O Livro dos Espíritos**, nossa versão 2019e, constante nas páginas 285 a 287. A partir da questão “a” da pergunta 604, há um salto à questão “a” da pergunta 605 que acredito ter pensado o pastor tê-la citado no início de sua abordagem, mas que o corrigimos devidamente. Com isso, segue a citação incompleta e incorreta do pastor:

[...].

a) — De modo que, além de suas próprias imperfeições de que cumpre ao Espírito despojar-se, tem ainda o homem que lutar contra a influência da matéria? 'Quanto mais inferior é o Espírito, tanto mais apertados são os laços que o ligam à matéria. Não o vedes? O homem não tem duas almas; a alma é sempre única em cada ser. São distintas uma da outra a alma do animal e a do homem, a tal ponto que a de um não pode animar o corpo criado para o outro....'.

Partindo deste princípio, vamos citar a questão 605 equivocadamente citada no início deste tópico, a fim de esclarecermos o pastor e os demais leitores. Vejamos:

605. *Considerando-se todos os pontos de contato que existem entre o homem e os animais, não seria lícito pensar que o homem possui duas almas: a alma animal e a alma espírita e que, se esta última não existisse, só como o bruto poderia ele viver? Por outra: que o animal é um ser semelhante ao homem, tendo de menos a alma espírita? Dessa maneira de ver resultaria serem os bons e os maus instintos do homem efeito da predominância de uma ou outra dessas almas?*

“Não, o homem não tem duas almas. O corpo, porém, tem seus instintos, resultantes da sensação peculiar aos órgãos. Dupla, no homem, só é a natureza. Ha nele a natureza animal e a natureza espiritual. Participa, pelo seu corpo, da natureza dos animais e de seus instintos. Por sua alma, participa da dos Espíritos.”

a) De modo que, além de suas próprias imperfeições de que cumpre ao Espírito despojar-se, tem ainda o homem que lutar contra a influência da matéria?

“Quanto mais inferior e o Espírito, tanto mais apertados são os laços que o ligam a matéria. Não o vedes? O homem não tem duas almas; a alma é sempre única em cada ser. São distintas uma da outra a alma do animal e a do homem, a tal ponto que a de um não pode animar o

corpo criado para o outro. Conquanto não tenha alma animal, que, por suas paixões, o nivele aos animais, o homem tem o corpo que, as vezes, o rebaixa até eles, por isso que o corpo e um ser dotado de vitalidade e de instintos, porém, ininteligentes estes e restritos ao cuidado que a sua conservação requer.”

Encarnando no corpo do homem, o Espírito lhe traz o princípio intelectual e moral, que o torna superior aos animais. As duas naturezas nele existentes dão as suas paixões duas origens diferentes: umas provem dos instintos da natureza animal, provindo as outras das impurezas do Espírito, de cuja encarnação e ele a imagem e que mais ou menos simpatiza com a grosseria dos apetites animais. Purificando-se, o Espírito se liberta pouco a pouco da influência da matéria. Sob essa influência, aproxima-se do bruto. Isento dela, eleva-se a sua verdadeira destinação.

(KARDEC, A. 2019e. p. 287-288) (grifo nosso e itálico no original)

Ao citarmos por completo a questão 605 equivocadamente mencionada pelo pastor apenas a passagem da questão “a” e parte da resposta dos espíritos de escol, o que o destacamos, ficaria incompleto o entendimento quanto ao raciocínio de que possuímos uma natureza animal e outra natureza moral, que ao avançarmos na escala do progresso, nos desvencilhamos dos instintos animais e caminhamos rumo à perfeição, quando progredimos moralmente, tal qual o comentário de Kardec também ignorado pelo pastor, o que levou seus leitores ao erro primário, o que nos deixa uma dúvida, pois de onde ele copiou, se foi na fonte, não haveria como ter um erro tão grosseiro como este. Contudo, vamos a citação final do pastor. Vejamos:

Pergunta 606: “Donde tiram os animais o princípio inteligente que constitui a alma de natureza especial de que são dotados?” “Do elemento inteligente universal”.

“a) — Então, emanam de um único princípio a inteligência do homem e a dos animais? ” “Sem dúvida alguma, porém, no homem, passou por uma elaboração que a coloca acima da que existe no animal [...]” (**O Livro dos Espíritos**. Federação Espírita Brasileira. Parte 2ª, capítulo XI, números 597-606, páginas 296-299).

A citação da pergunta 606 do pastor está correta e em nossa versão 2019e se encontra à página 288 que difere da edição do pastor. O que ele ignora é que este tópico *Os animais e o homem* da obra **O Livro dos Espíritos** não se encerra na pergunta 606, mas na pergunta 610, que não vamos citá-las para não nos tornarmos demasiadamente longos em nossa refutação. O que salientamos também é que este mesmo tópico não inicia na questão 597, mas na questão 592. Orientamos aos prezados leitores a leitura e meditação de todo este capítulo para um melhor entendimento quanto a este tema abordado por Kardec e que foi suprimido e citado equivocadamente pelo pastor, ao qual tivemos que o corrigir. Vamos aos seus comentários:

Como se pode ver acima, Kardec perguntava e os demônios respondiam. As respostas são contraditórias e o caos se estabelece.

O que nos surpreende ainda é ver certos líderes atribuírem a supostos *demônios* que ditaram a base da Codificação de Kardec, orientando-nos a prática do amor ao próximo, indulgência para com as falhas alheias e oração por

aqueles que nos perseguem, o que temos o prazer de ter este comportamento com a ignorância do pastor. Outrossim, não encontramos as supostas contradições constantes às perguntas 592 a 610 da obra *O Livro dos Espíritos* e a citada pelo pastor, a saber: *A Gênese*. Antes, porém, o corrigimos em suas citações incompletas e incorretas da obra *O Livro dos Espíritos*. Passemos ao ponto seguinte abordado pelo pastor:

O “jornal espírita”, órgão oficial da Federação Espírita do Estado de São Paulo, abril de 1996, Ano XXI, Nº 248, publicou um artigo intitulado “Como os animais vivem o processo da evolução através das reencarnações”, de autoria do senhor Durval Ciamponi que, a título de argumento formula algumas perguntas e as responde respectivamente, versando sobre essa doutrina de que o espírito que ora encarna no homem, antes de se habilitar a tanto, ensaiou nos animais. São, ao todo, 8 perguntas, porém, só vou copiar 5, sem me prender à ordem original. Vejamos:

Como observamos, o pastor mais uma vez cita uma fonte incompleta de uma obra espírita, como é de seu feitio, levando os seus leitores às conclusões que ele deseja, mas não a veracidade dos fatos. Não encontramos tal jornal em nossa pesquisa para verificar as questões por ele ignoradas, o que acreditamos ser a conclusão do autor, mas vamos as suas citações e testificar qual a razão dela e suas reflexões. Vejamos:

Primeira pergunta: “Os animais têm espíritos?” Resposta: “A resposta é sim”,

Segunda pergunta: “Os animais sofrem o processo da evolução através das encarnações?” Resposta: “... podemos

dizer seguramente que sim...”;

Terceira pergunta: “Eles serão sempre espíritos de animais?” Resposta: “... a alma do animal é da mesma natureza que a humana, apenas diferenciada no desenvolvimento gradativo’. A resposta é, portanto, não”;

Quarta pergunta: “Uma cobra poderá vir, em outra encarnação como outro animal, por exemplo: um animal doméstico?” Resposta: “... A natureza não dá saltos... Logo não é concebível que uma cobra venenosa... venha a animar o corpo de um cão, mas poderá vir, em outra encarnação, animando o corpo de uma jiboia, mais mansa, passível e domesticável...”;

Quinta pergunta: “Assim como acontece aos homens, os animais encarnados têm destinos bem diferentes, quando na Terra. Uns são bem tratados, tendo lar e carinho, outros vivem nas ruas sendo chutados, famintos e sem lar. Pode-se dizer que isso seja dívida de vidas passadas?” Resposta: “Bela pergunta; resposta difícil. ... Não se pode dizer que ele sofre [1] por causa das dívidas passadas, mas a tendência de seu comportamento anterior deve ser de profundo interesse para a decisão dos espíritos encarregados da missão reencarnatória”.

Como bem o dissemos, os animais não estão sujeitos à lei de causa e efeito inerente somente ao estágio humano, por se tratar de possuir o livre-arbítrio. Até o presente momento o autor Durval Ciamponi não diverge da codificação já apresentada, mas como o pastor ignorou a conclusão deste autor, mutilando sua matéria e suprimindo as três últimas perguntas e respostas, não sabemos o que ele concluiu, mas vamos logo saber a intenção do pastor. Vejamos o que ele diz.

Como o leitor pode ver, a confusão se estabelece quando se perde o tempo ouvindo os “Espíritos superiores” que se deixavam entrevistar por Allan Kardec. Os demônios, através

de seu servo Kardec, pregaram duas doutrinas diametralmente opostas entre si: Ora a Humanidade já foi bicho, ora nunca fomos bichos e nem tampouco havemos de sê-lo um dia. E agora José? O senhor Durval Ciamponi, como se pode ver ao ler a transcrição supra, não se atazana com isso, antes faz de uma dessas heresias, alvo de suas apologias, e dá o assunto por encerrado.

Como citamos a obra completa *O Livro dos Espíritos* e concomitante a citação incompleta do artigo do autor Durval Ciamponi, entendemos que não há contradição e que o pastor parece não a ter apresentado, o que nos deixa a entender que o intento do pastor é colocar autores espíritas em divergência à codificação o que poderá ocorrer, pois não temos todo o conhecimento da Codificação Espírita em nosso cabedal de conhecimento, o que nos leva sempre a consultá-la e corrigirmos nosso ponto de vista, caso esteja em divergência. Como o autor Durval Ciamponi na resposta a sua terceira pergunta diz que o espírito de um animal será sempre espírito de animal, e como ele responde um enfático não, percebemos que ele está de acordo com as perguntas 592 a 610 da obra *O Livro dos Espíritos*, onde entendemos que as duas fontes são convergentes e uniformes. Cadê a contradição? Não existe caro leitor, somente na cabeça do pastor se encontra tal assertiva! Vamos ao ponto seguinte do pastor:

Acabei de exhibir, pois, mais duas evidências de que o Kardecismo não é Cristianismo:

1ª) Prega doutrinas estranhas à fé cristã. Sim, dizer que nós e até o Senhor Jesus, já fomos bichos nas encarnações anteriores, não é portar-se como cristão;

Ser cristão vai além de uma crença em dogmas, mas de conduta de vida condizente com o sermão da montanha apregoada por Jesus e que já bem o frisamos, o que nos parece que o pastor ignora e não tenha percebido que cerca de 78% da obra *O Evangelho Segundo o Espiritismo* se fundamenta nesta lei moral de Jesus, que é universal. Dar a criação direito de igualdade de progresso só representa uma equidade de propósito do Criador que não relega suas criaturas a inércia de uma existência única, fadada a não progredir e ter o conhecimento pleno da felicidade de compor o rol de espíritos puros. Neste ínterim, os ensinamentos que a Doutrina Espírita nos traz estão convergentes ao que Jesus não pôde ensinar aos seus discípulos há quase dois mil anos (Jo 16,12-14), deixando a cargo do Consolador fazê-lo.

2ª) Contradiz-se a si mesmo. Ora, o Cristianismo é um todo harmonioso, e não essa colcha de retalhos que, aos olhos dos incautos, se faz passar por instituição cristã.

Neste segundo item, observamos que não houve contradição contida nas questões 592 a 610 da obra *O Livro dos Espíritos*, a obra *A Gênese* e o periódico espírita de autoria de Durval Ciamponi. O que encontramos foi um arranjo do pastor com citações incorretas, mutiladas e levianas para levar os prezados leitores ao erro. Vamos ao seu encerramento deste capítulo.

* * *

Mediante tudo o que apresentamos, assim encerra o

pastor:

A rigor, o presente capítulo alude a quatro absurdos constantes da literatura Kardecista:

- 1) Prega doutrinas contrárias à fé cristã;
- 2) Não fala coisa com coisa;
- 3) Os kardecistas, fazendo vista grossa a essas contradições, não as denunciam, antes optam por uma das credices em pauta, e a difunde e defende;
- 4) E se propaga cristão, apesar desses pesares.

Nota do autor: 1. O original diz “sobre”, e não “sofre”, mas uma análise do texto indica tratar-se de uma errata.

Salientamos que os quatro pontos abordados pelo pastor foram respondidos a contento, cabendo somente a ele as incoerências, citações mutiladas, incompletas e equivocadas que fizeram-no cair em erro e levar seus leitores também a conclusões equivocadas. Recomendamos o nosso artigo [A Origem do Homem](#), publicado neste ano de 2021, onde tratamos deste tema em resposta ao CACP de forma abrangente e que é um laço de ligação entre a ciência evolucionista e a codificação de Kardec a nos abrilhantar o amadurecimento da humanidade em receber tais conhecimentos e que compartilhamos com os prezados leitores para dar uma visão de mundo mais racional e lógica perante o Criador.

CAPÍTULO V - NEGA A EXISTÊNCIA DO INFERNO, MAS SE DIZ CRISTÃO.

Neste capítulo, o pastor terá a grande tarefa de provar que as penas eternas existem, que o inferno concomitantemente um lugar restrito ao suplício eterno existe por tabela, imputando assim a divindade de “justa” e “boa”, perfazendo um misto de soberana justiça e bondade a um Deus incapaz de regenerar suas criaturas, que por alguma razão cometeram falhas completamente finitas e são, desta maneira, jogadas no inferno a cumprirem suas penas pela eternidade, não dando ao infrator a capacidade de se arrepender, expiar e reparar suas faltas numa nova oportunidade. Este objetivo da defesa do inferno e das penas eternas, advogadas pelo pastor se baseiam mais na negação da reencarnação como ferramenta de reparação, do que uma provável existência das penas eternas e de seu lugar de suplício eterno, a saber, o inferno. Depois é a Doutrina Espírita tachada de *incoerente*. É o que saberemos ao analisar os argumentos do pastor e suas referências. Vamos a sua introdução:

Ninguém pode ser tachado de incoerente só por negar a existência do Inferno, onde (de acordo com o Cristianismo bíblico) o Diabo, os demônios e os humanos que se perderem serão atormentados eternamente. Cheguei a esta conclusão à base do seguinte raciocínio: Já que ninguém é obrigado a ser

cristão, então ninguém é obrigado a crer que o Inferno existe. Todavia, aquele que se diz cristão, mas não admite o Inferno como real, é, sim, incoerente. Por exemplo, ninguém é obrigado a reconhecer Maomé como Profeta de Alá, mas é impossível ser muçulmano sem admitir isso. Deste modo, o fato de o Kardecismo rechaçar a idéia da pena eterna, e, concomitantemente, se dizer cristão, denota que essa seita é um sistema discrepante, não sendo, pois, uma instituição cristã; já que Cristo, o fundador do Cristianismo, falava coisa com coisa.

Embora o propósito primário deste livro não seja uma apologia ao Cristianismo bíblico, mas apenas demonstrar que o Kardecismo é hipócrita por se dizer cristão sem arcar com as implicações desta postura, neste capítulo argumento que a crença na pena eterna não é incompatível com a bondade de Deus. Seria, se Deus, além de bom, não fosse também justo e santo.

A empreitada do presente capítulo, bem como de todo este livro, é hastear as incoerências Kardequianas, tornando-as bem visíveis. Talvez isto contribua para livrar alguém de percorrer esse caminho que também conduz ao Inferno.

Provo nesta obra que a realidade do Inferno é uma doutrina do Cristianismo histórico, e que, sendo assim, é incoerência se dizer cristão sem aquiescer a este fato. Então, o Kardecismo é incoerente.

Pelo que entendemos desta explanação do pastor e nossa introdução, o inferno e as penas eternas são conceitos do Cristianismo, tal como se Jesus houvesse mesmo defendido esta tese, sem nos esquecermos de que Jesus era Judeu, e a pergunta que fazemos é: Os judeus acreditam no inferno? É o que saberemos ao desenvolvermos nossa pesquisa acerca do tema. Uma outra pergunta que nos vêm é: Os judeus, à época de Jesus, acreditavam na reencarnação? Uma pergunta igualmente importante que está entrelaçada a primeira questão e que nos levará a nossa conclusão da possibilidade

de existirem as penas eternas, mas o pastor continua:

Sintetizando o que Allan Kardec escreveu em seus livros (principalmente no livro intitulado “O Céu e o Inferno”), no seu inglório afã de “provar” a inexistência do Inferno como um lugar de suplício eterno, digo, com minhas palavras, que as “razões” por ele apresentadas são as seguintes: “O castigo eterno não existe porque:

- 1) Jesus jamais se referiu ao suplício eterno;
- 2) É contrário ao bom senso;
- 3) É repugnante à justiça;
- 4) É oposto ao amor de Deus;
- 5) É uma desonra ao Deus amoroso”

Refutarei às objeções supra, na mesma ordem acima apresentadas:

Uma missão difícil e inglória, conciliar o conceito da divindade com o suplício eterno, sendo mesmo este tema que Jesus pregou em sua missão de esclarecimento junto aos seus discípulos. É o que vamos investigar e saber onde se encontram as incoerências. Vejamos o primeiro item abordado pelo pastor, lembrando que não é somente a obra *O Céu e o Inferno* que trata deste assunto, mas também outras mais da codificação e as Revistas Espíritas.

5.1. Jesus jamais falou de suplício eterno

Com base na sugestão deste item de que *Jesus jamais falou de suplício eterno*, o pastor tentará mostrar, dentro de uma fração da obra *O Céu e o Inferno*, seu conceito acerca do tema de que Jesus não defendeu as penas eternas, nem

mesmo houvera abonado sobre elas, segundo o que consta na obra citada da codificação espírita. É o que veremos, pois assim diz o pastor:

Não é necessário provar que os kardecistas negam a existência do Inferno, porquanto eles não escondem isso de ninguém. Kardec entendia que Jesus, em consequência do atraso inerente aos espíritos de seus contemporâneos que, por isso mesmo, não estavam à altura de entender a verdade sobre este assunto, absteve-se de fazê-lo. Jesus, segundo Kardec, não disse que não há suplício eterno, mas também não afirmou que haja. É que Ele sabia que com o tempo isso passaria. Senão, vejamos:

“Jesus encontrava-se, pois, na impossibilidade de os iniciar no verdadeiro estado das coisas; mas não querendo, por outro lado, com sua autoridade, sancionar prejuízos aceitos, **absteve-se de os retificar, deixando ao tempo essa missão.** Ele limitou-se a falar **vagamente** da vida bemaventurada, dos castigos reservados aos culpados, sem referir-se jamais nos seus ensinamentos a castigos e suplícios corporais, que constituíram para os cristãos um artigo de fé” (**O Céu e o Inferno.** Federação Espírita Brasileira: 1ª parte, capítulo IV, nº 6, página 43. Grifo meu).

Como é de praxe no desenvolvimento de nossas refutações, não nos limitaremos a citar apenas o que o pastor mencionou em fragmentos das obras da codificação espírita. Neste ínterim, curiosamente o pastor cita a obra **O Céu e o Inferno** de Kardec, na sua primeira parte, capítulo IV, que trata do *Inferno* e subtópico *O inferno cristão imitado do inferno pagão*, ao qual citaremos e grifaremos a parte citada do pastor, onde após isto, traçaremos nossas reflexões. Vejamos o item 6 em particular:

6. Esta mistura de ideias cristãs e pagãs nada tem de surpreendente. Jesus não podia de um só golpe destruir inveteradas crenças, faltando aos homens conhecimentos necessários para conceber a infinidade do Espaço e o número infinito dos mundos; a Terra para eles era o centro do universo; não lhe conheciam a forma nem a estruturas internas; tudo se limitava ao seu ponto de vista: as noções do futuro não podiam ir além dos seus conhecimentos. **Jesus encontrava-se, pois, na impossibilidade de os iniciar no verdadeiro estado das coisas, mas não querendo, por outro lado, com sua autoridade, sancionar preconceitos, absteve-se de os retificar, deixando ao tempo essa missão. Ele limitou-se a falar vagamente da vida bem-aventurada, dos castigos reservados aos culpados, sem referir-se jamais nos seus ensinamentos a castigos e suplícios corporais, que constituíram para os cristãos um artigo de fé.** Eis aí como as ideias do inferno pagão se perpetuaram até os nossos dias. E foi preciso a difusão das modernas luzes, o desenvolvimento geral da inteligência humana para se lhe fazer justiça. Como, porém, nada de positivo houvesse substituído as ideias recebidas, ao longo período de uma crença cega sucedeu, transitoriamente, o período de incredulidade a que vem pôr termo a Nova Revelação. Era preciso demolir para reconstruir, visto como é mais fácil insinuar ideias justas aos que em nada creem, sentindo que algo lhes falta, do que fazê-lo aos que possuem uma ideia robusta, ainda que absurda. (KARDEC. A. 2019e. p. 39-40) (grifo nosso)

A citação grifada do pastor ao item 6, nós recomendamos a leitura e estudo de todo o capítulo IV da referida obra, mas observamos a tática de citação de apenas à parte que interessa ao pastor, em observar na codificação apenas a parte que lhe seria mais fácil o desenvolvimento de sua tese, onde identificamos que esta crença no inferno é pagã e que o Cristianismo nascente, após a morte do Cristo e sua ressurreição, apenas adaptaram uma crença pagã do *Hades*

dos gregos, apropriando-se deste conceito, criou-se mais um dogma do cristianismo que foi o inferno e suas penas eternas. Ficaria complicado ao pastor desvincular do cristianismo a crença do *Tártaro* que Kardec aborda neste capítulo, imiscuído ao cristianismo uma crença pagã, certamente colocaria o pastor numa saia justa que dificilmente sairia dela. Mas vamos adiante nas argumentações do pastor:

Pelo que me consta, Jesus jamais deixou de ensinar quaisquer verdades, em respeito aos preconceitos, ignorância e tradições existentes nos dias de Seu Ministério terreno: assentou-se à mesa com os publicanos (Mt 9:11; Lc.15:1-2); mandou um homem transportar a sua cama em dia de sábado (Jo. 5:8-13); foi de encontro às tradições dos anciãos (Mt 15:1-11); falou a uma mulher samaritana (Jo.4:9,27); declarou Sua igualdade com Deus (Jo 5:18); exigiu para Si as honras reservadas exclusivamente para Deus (Jo 5:23); e disse ser um com Deus (Jo 10:30), o que equivale a dizer que Ele é Deus (Jo 10:31-33). [Ora, os judeus erraram ao pensar que Jesus estava blasfemando por se fazer Deus, mas acertaram por interpretar a afirmação “Eu e o Pai somos um” como equivalente a “Eu sou Deus” (confere com Jo 10:31-33)]. Os kardecistas, naturalmente me rebatem citando Jo. 16:12, onde Jesus teria **“deixado de ensinar algo que os apóstolos ainda não podiam suportar naquela época, devido às imperfeições de seus espíritos”**. Mas o contexto demonstra não ser este o caso, visto que dentro de poucos dias após, o Consolador veio e os guiou em toda a verdade.

Logo, segundo o próprio Cristo, os apóstolos receberam a Doutrina completa, já que, segundo a Bíblia, o Consolador que lhes daria maiores revelações tão logo viesse, veio dentro de um período de tempo inferior a dois meses e os guiou a toda a verdade. Ademais, não é de se duvidar que Cristo se referia apenas às perseguições que eles, os apóstolos, iriam enfrentar, as quais produziriam até mártires.

Certamente, não era prudente dizer a Pedro que ele seria um dia crucificado de cabeça para baixo; a Tiago, que ele seria

decapitado; a Tomé, que ele seria transpassado por uma flecha e assim por diante.

Apesar o discurso do pastor reportar a deidade de Jesus e de ensinar aos seus discípulos e judeus de sua época, tudo o que era possível ao Mestre revelar, ao qual já refutamos anteriormente, não nos compete citar novamente nossos fundamentos e conceitos que depõe contra o próprio pastor, uma suposta deidade de Jesus que carece de base filosófica e como se Jesus exigisse para si ser adorado como um deus, o que denota contra o próprio pastor sua afirmação, já que o Mestre sempre se colocava abaixo do Pai (Jo 14,28).

Entretanto, o que nos salta aos olhos, é ver que o pastor, ao citar sobre o Consolador, ao qual também já o refutamos, diz que os apóstolos não estavam preparados para receber o que Jesus ainda tinha muito a lhes dizer, atribuindo a esta afirmação do Cristo como uma revelação da forma como os discípulos viriam a ser mortos, através das perseguições que eles sofreriam após a morte do Cristo. A razão nos pede a informação de onde se encontra no Novo Testamento essa revelação a cada um dos mártires cristãos? Não há e nem mesmo os argumentos do pastor resistem a essa reflexão, uma vez que o que Jesus disse, é claro de que os seus apóstolos não estavam preparados para receber certos ensinamentos, o que levaria a necessidade de evolução do pensamento humano e progresso das ideias, a fim de que sua Doutrina fosse lembrada, corrigida e ampliada com o advento do Espiritismo, mesmo que a contragosto do pastor. Mas ele continua em suas cavalações.

O fato de Jesus afirmar que “ainda tenho muito que vos dizer, mas vós não o podeis suportar agora. Mas, quando vier aquele Espírito da verdade, ele vos guiará em toda a verdade” é, segundo os kardecistas (como vimos acima), prova cabal de que naquela época a Humanidade ainda não estava preparada para receber toda a verdade, e que, por isso mesmo, Jesus deixou claro que no devido tempo Deus daria à Humanidade uma revelação maior do aquela mediada por Cristo. Acontece, porém, que Jesus não disse assim: “ainda tenho muito que vos dizer, mas vós não o podeis suportar agora. Mas, quando estiverdes preparados, Eu vos darei outro Consolador que o dirá”. Logo, os discípulos não tinham que evoluir para receberem o Consolador, e sim, receber o Consolador para se habilitarem a maiores revelações. Ademais, vimos no capítulo 3 que, segundo a Bíblia, o Consolador veio no século I.

Neste raciocínio, o pastor inverte o discurso de Jesus, tal como era preciso que os discípulos recebessem o Consolador para se tornarem aptos a novos ensinamentos que não foram além do que Jesus ensinou, mas a ordem dos fatos é justamente oposta, pois denota que era preciso eles progredirem para que o Consolador viesse e que em apenas alguns meses era impossível desta promessa do Cristo se cumprir. O que o pastor faz neste ponto é justamente deturpar uma profecia do Cristo para acomodar aos seus conceitos, e se preciso for, inclusive, levar seus leitores ao erro e imputar ao Espiritismo a incoerência que ele mesmo pratica. Segundo o pastor, o Consolador veio no primeiro século e diante da diversidade do entendimento e erros atribuídos aos ensinamentos de Jesus, faltou ao espírito santo da trindade, pregada pelo pastor, o princípio fundamental que é a unidade de ensino que inexistente e depõe contra o pastor. Depois é a

Doutrina Espírita incoerente! Vamos adiante no que prega o pastor acerca da pena do inferno e penas eternas:

Embora eu não queira ombrear os que não veem em Jesus mais que “um grande filósofo, um grande idealista, um revolucionário político, um grande defensor dos direitos humanos, um grande defensor dos pobres” e assim por diante, reconheço que a mensagem do Cristo causou tão grande impacto nos seus contemporâneos que estes (na sua maioria), rejeitaram-no; e que, não obstante, Ele não arredou o pé: expôs os charlatões publicamente (Mt 21:12,13), falou a verdade com autoridade jamais vista (Mt. 7:29), possibilitando ao povo ouvir algo inédito (Jo. 7:46). Isto nos convence que as dissertações de Allan Kardec em torno da postura de Cristo sobre o Inferno, são meras palavras ocas.

Cristo falou sim, senhor Kardec, do castigo eterno; e não o fez de modo vago, mas claro. Veremos isto em 4.2., a saber, no próximo tópico.

Embora o Cristo tenha pregado as boas novas ao seu tempo e foi combatido sistematicamente pelo sistema religioso que vigorava em sua época, a saber o Judaísmo. Olhando sobre esta perspectiva, a Doutrina Espírita veio também para convencer o sistema religioso de sua época, retirando os erros perpetrados pelos seus líderes, onde igualmente é combatido pelo sistema religioso vigente. Igualmente, este nosso raciocínio está correto, com base nas premissas do pastor, ao qual se arvora em combater o Espiritismo, e a nós, nos cabe defendê-lo!

Outrossim, Jesus, apesar de sua intrepidez e de seu entusiasmo, não adentrou em certos conceitos, e um deles é sobre o desenvolvimento das penas e gozos futuros, deixando,

assim, para tempos futuros atribuir e conceituar este tema, o que moveu o trabalho do codificador em demonstrar na primeira parte da obra *O Céu e o Inferno* e na segunda parte, não citada pelo pastor, de depoimentos dos espíritos que ora estavam em suas penas proporcionais às suas faltas, bem como ao gozo dos demais espíritos acerca de suas atitudes em conformidade à lei de Deus e condizentes com suas atitudes em vida.

Com isso, Kardec elaborou esta obra, e as demais, apoiando-se nos fatos e foram estes que o fizeram a organizar um corpo doutrinário inabalável, capaz de resistir a quaisquer críticas que houver, mas mesmo assim, como bem já disse o codificador: *“O nosso objetivo não é convencer os incrédulos, se não se convencem pelos fatos, menos o fariam pelo raciocínio: seria perdermos nosso tempo.”* (Revista Espírita 1859). Passemos, porquanto, ao ponto seguinte

5.2. É Contrário ao Bom Senso.

Neste item, o pastor tentará demonstrar que existem as penas eternas, concomitantes a ideia do suplício igualmente eterno, relegado àqueles que forem condenados e lançados no inferno, com citações bíblicas como referência, e nos parece que ele abrirá mão do bom senso. Vejamos sua introdução:

Para sabermos se existe ou não o castigo eterno, não podemos nos limitar à consulta do “bom senso”; doutro modo poderíamos fazer acerca da existência do Inferno as seguintes afirmações:

a) Existe realmente;

b) Não existe realmente;

c) Não sabemos se existe ou não.

Por que? Porque encontramos pessoas igualmente inteligentes que fazem, de per si, estas afirmações, alegando todas contarem com a corroboração do bom senso. E aí? Qual das três opiniões é a correta?

Não nos parece, realmente o pastor abdicou do bom senso, ao qual o coloca entre aspas para ridicularizá-lo, com a finalidade de abraçar as penas eternas, a literalidade de passagens bíblicas e sancionar o inferno como algum lugar espiritualmente existente e que perpetra, ao longo da eternidade, o suplício dos ímpios, relegando a estes infortunados a incapacidade de arrependimento de suas faltas completamente temporárias e finitas. Este raciocínio é bastante fraco e esboroa com a própria lei natural da reencarnação (Jo 3,12) que prevê o arrependimento, a expiação e a reparação das faltas cometidas pelos espíritos sancionados pela justiça divina. É com este objetivo que o pastor defende as penas eternas e se apoia na existência do inferno reservado aos ímpios, ou seja, por tabela negar a reencarnação.

Com isso, o pastor desenvolve três aspectos, sendo um deles a existência do inferno, a não existência, ou não sabemos se existe ou não. Respondemos que se o pastor tivesse se dado o trabalho de estudar a codificação, certamente ele deveria ter visto, se é que viu, a segunda parte da obra *O Céu e o Inferno*, e constado dos exemplos de espíritos que relataram à Kardec, seus estados na erraticidade,

onde comprovariam, pelos fatos, que os estados de consciência destes mesmos espíritos teria dado ao codificador a tese de que eles estavam em estados infelizes, intermediários e felizes, quando à justiça divina. Mas porque o pastor não menciona este importante tema? Simplesmente que seria um tanto incoerente atribuir ao diabo tais mensagens, pois como ele se justificaria do objetivo de tais demônios darem este conhecimento à Kardec? Esta é uma pergunta sem resposta e que certamente o pastor se absteve de refletir nela. Entretanto, o pastor prossegue:

Para pronunciar positiva ou negativamente sobre a existência da pena eterna, ninguém está melhor credenciado que o Senhor Jesus Cristo, os profetas e os apóstolos. Ouçamo-los:

Jesus:

- “Serpentes, raça de víboras! Como escapareis da condenação do inferno?” (Mt 23:33);
- “... vem a hora em que todos os que estão nos sepulcros ouvirão a sua voz. E os que fizeram o bem sairão para a ressurreição da vida; e os que fizeram o mal para a ressurreição da condenação”. (Jo 5:28, 29);
- “... Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o Diabo e seus anjos. E irão estes para o tormento eterno, mas os justos para a vida eterna” (Mt 25:41, 46);
- “Ali haverá choro e ranger de dentes, quando virdes Abraão, e Isaque, e Jacó e todos os profetas, no reino de Deus, e vós lançados fora” (Lc 13:28);
- “Ide por todo o mundo, pregai o evangelho a toda a criatura. Quem crer e for batizado será salvo; mas quem não crer será condenado” (Mc 16:15, 16).

Repito: Cristo falou sim, do castigo eterno; e não o fez de modo vago, mas claramente, como acabamos de ver.

O primeiro contexto a examinar é acerca de Mateus, capítulo 23, em que Jesus tem um longo diálogo com os Escribas e Fariseus, com seus apóstolos e a multidão de pano de fundo, onde o Cristo repreende aqueles ante ao orgulho e hipocrisia com diversas advertências (Mt 23,1-7; 13-15, tais como a cegos que guiam cegos (Mt 23,16). Jesus enaltece a humildade (Mt 23,8-12) e recomenda aos seus discípulos. Outrossim, o inferno ao qual Jesus se refere não é um lugar circunscrito e destinado ao suplício eterno (Mt 23,33), mas uma condição de mentalidade e que certamente estava relegada aos Escribas e Fariseus, que em sua maioria tinham mais observância à legalidade da Lei de Moisés (Mt, 23,17-29), do que a prática do amor.

Com isso, Jesus ainda os repreende que o sangue dos profetas cairia sobre aquela geração (Mt 23,30-37). Caso não tenhamos o conceito da reencarnação, certamente cairemos em uma passagem deverás ininteligível, em que os Escribas e Fariseus pagarem pelo erro de seus pais (Ex 20,5-6). Se conceituarmos as vidas sucessivas, certamente que teremos um cumprimento da lei de causa e efeito, dado aos Escribas e Fariseus, da época do Cristo, que teriam a reparação da morte dos profetas que se cumpriu em tempo oportuno, ante a queda de Jerusalém em 70 d.C. pelos Romanos, culminando na morte de cerca de um milhão de judeus e destruição do segundo Templo de Salomão.

Acerca do contexto de João, capítulo 5, mais uma vez encontraremos neste contexto um exemplo da reencarnação exarada na expiação de faltas passadas, perdão dos pecados,

cura num dia de sábado (Jo 5,1-13) e, por conseguinte, a intenção dos Judeus apedrejarem Jesus por se fazer Deus (Jo 5,15-18), cabendo ao Cristo um longo discurso negando sua suposta deidade (Jo 5,19-23) e por fim, arrematando que aqueles que seguissem os ensinamentos do Mestre, certamente provaria uma vida nova, reencarnados, a experimentarem os gozos, outrora, os que estariam incólumes ante a lei da vida, e reencarnados numa nova oportunidade, condenados à expiação (Jo 5,24,29), tal como vivi este homem coxo à 38 anos (Jo 5,5) que Jesus curou (Jo 5,8) e o recomendou a não repetir seus atos progressos da encarnação anterior, que poderia lhe suceder coisa pior (Jo 5,14). Como podemos testificar, em nada neste contexto fala de inferno e suas penas eternas, senão pela vontade do pastor, mas observamos que trata da reencarnação da vida e em contrapartida, a condenação.

Encontramos ainda o pastor advogar a existência do inferno em Mateus, capítulo 25, extraído de três parábolas de Jesus, proferida aos apóstolos, sobre as dez virgens, os talentos e do grande juízo. Lembramos ao pastor e demais leitores que esta parábola está após o sermão profético de Jesus no capítulo anterior, a saber, o de número 24, ao qual não entraremos em detalhes por termos reunido inúmeras fontes históricas, evidências na codificação que levaram a produzir outra obra à parte e que será lançada em breve. Com isso, nos limitaremos a analisar este capítulo 25 de Mateus e ver se realmente está falando da existência do inferno e de penas eternas.

Observamos que esta parábola é tratada da comparação das dez virgens, sendo cinco delas providentes e outras cinco imprevidentes, ante a chegada do noivo que é o Cristo, onde as virgens providentes são os justos e as imprevidentes são os ímpios (Mt 25,1-13). A outra parte deste contexto examina outra parábola, sendo esta a dos talentos que trata daqueles que multiplicam seus dons e retornam a Deus suas conquistas, ante a multiplicação de seus dons, bem como os egoístas que nada produzem de fato (Mt 25,14-30) e por fim, Jesus apresenta a parábola dos bodes e das ovelhas, prefigurando aos que forem caridosos com seu próximo, à recompensa e aos que forem duros com seus irmãos, a condenação (Mt 25,31-46).

Certamente que Jesus usou três grandes símbolos do julgamento do tribunal divino, que habita na consciência de cada um, a providência das virgens, a multiplicação dos dons e a prática da caridade como passaporte para mundos mais adiantados, reservado aos justos. Não tendo a mesma sorte os injustos que são imprevidentes, egoístas e que não praticam a caridade, onde terão relegados ao seu destino, mundos mais atrasados, equivalentes ao seu nível de consciência que estarão condenados a expiar suas faltas, reparar as suas mazelas em adiantarem a população deste novo orbe. Enfim, de forma concisa, este é o objetivo deste contexto e parece-nos que o pastor desconhece a Doutrina Espírita e seus postulados, cabendo-lhe as incoerências das penas eternas e da existência do inferno.

Já sobre o contexto de Lucas, capítulo 13, o pastor cita

uma separação dos que praticam as virtudes, e outros condenados pela iniquidade de seus atos (Lc 13,28). Ao examinar todo o capítulo, percebemos que há inúmeros ensinamentos de Jesus, tal como o da figueira estéril (Lc 13,6-9) a cura da enfermidade da mulher encurvada em dia de sábado (Lc 13,10-17), outra parábola comparando ao reino de Deus ao grão de mostarda (Lc 13,18,22) e a passagem da porta estreita, aludindo às virtudes (Lc 13,22-28) ao qual o pastor se reservou de citar apenas a passagem do verso 28, a fim de atestar a existência do inferno e das penas eternas. Sinto informar ao pastor que em nenhum momento das passagens deste capítulo 13 de Lucas balizam sua defesa do inferno e penas eternas. Este conceito da porta estreita (Lc 13,21) significa àqueles que praticam as virtudes, enquanto outros é reservado o comportamento da iniquidade (Lc 13,27). Porquanto, haverá uma separação entre os que se encontram no seio dos patriarcas e profetas, dos que serão lançados fora da presença do Eterno (Jo 13,28). Nada além disso, e o esforço do pastor em uma citação descontextualizada, mais uma vez o faz escapar o seu real sentido e levar seus leitores ao erro.

Por fim, existe a citação do pastor do encerramento do Evangelho de Marcos, especificamente o capítulo 16, que trata da visita de Maria Madalena ao sepulcro para ungir o corpo de Jesus (Mc 16,1-2). Entretanto, viu Madalena que o túmulo estava vazio, com a presença de um anjo anunciando a ressurreição de Jesus (Mc 16,6), onde sugeriu o anjo, a Madalena que avisasse aos apóstolos (Mc 16,7). Nos manuscritos mais antigos, o Evangelho de Marcos encerra-se

no verso 8 do capítulo 16, em estudo e o pastor cita uma passagem ao final (Mc 16,15-16) que certamente carece de base para suas teses no inferno com suas penas irremissíveis, como já bem o comentamos anteriormente este acréscimo ao Evangelho de Marcos.

Chegamos ao fim das citações isolados do pastor de falas do Cristo a tentar, de forma hercúlea, embasar sua tese de que Jesus pregou a existência do inferno e das penas eternas, enquanto, demonstramos os diversos ensinamentos de Jesus que destoam da visão do pastor e testificam, inclusive, a reencarnação que iremos desenvolvê-la mais adiante, mas que nesta pincelada, podemos ver que é a contrapartida das penas eternas. Ficamos com as incoerências do pastor que não respeitou o contexto do Novo Testamento e atropelou a hermenêutica, recaindo sobre seus argumentos o julgamento de suas premissas inverossímeis. Vamos adiante nas citações do pastor:

Apóstolo João:

- “E o Diabo que os enganava, foi lançado no lago de fogo e enxofre, onde estão a besta e o falso profeta; e de dia e de noite serão atormentados pelos séculos dos séculos” (Ap 20:10).

“E todo aquele que não foi achado inscrito no livro da vida, foi lançado no lago de fogo” (Ap 20:15).

Entendemos que o livro do apocalipse é bastante discutido a autoria ser um outro João, que não o apóstolo, e ao que nos parece, o pastor desconhece, pois cita como se o livro

pertencesse ao apóstolo muito amado pelo Cristo. Com isso, percebemos que este livro demanda uma outra obra que estamos a realizar no desenvolvimento do entendimento das suas profecias que possuem um caráter altamente simbólico. Este capítulo 20, do livro do Apocalipse se encarrega de levar o julgamento e condenação do mal, personificado em adversário, *satã*, ou dragão, ou seja, o império romano que personificavam o mal da época e adversário do bem, que no entendimento do escritor, tratava-se do mesmo articulador do pecado original, a saber a serpente que deverá ter uma análise distinta da que estamos realizando (Ap 20,1-3) por se tratar de eventos distintos, ao qual sugiro a pesquisa do artigo [A serpente é satanás?](#) De coautoria com o escritor Paulo Neto. Acredito que trataremos deste assunto mais à frente!

Este capítulo que estamos analisando trata-se de três eventos, a saber: o reino de mil anos (Ap 20,1-6), o segundo combate escatológico (Ap 20,7-10) e o julgamento das nações (Ap 20,11-15). Com isso, vamos nos ater a condenação do adversário, *satã*, onde jazia a besta e o falso profeta (Ap 20,10) que ao nosso entendimento trata-se do império romano e sua derrocada no século V culminando na vinda do Cristo e a nova fase de regeneração do orbe terrestre (Mt 19,28). Para tanto, onde abalizarmos essa posição, recorreremos a nota de rodapé da ***Bíblia de Jerusalém***. Vejamos:

Ap 20,4: Vi então tronos, e aos que neles se assentaram ^a *foi dado poder de julgar*. Vi também as almas daqueles que foram decapitados por causa do Testemunho de Jesus e da Palavra de Deus, e dos que não tinham adorado a besta, nem

a sua imagem, e nem recebido a marca sobre a fronte ou na mão: eles voltaram a vida e reinaram com Cristo durante mil anos ^b.

- a) Este versículo difícil é um dos lugares em que se acredita encontrar as etapas e retoques na redação do livro: 20,1-6 é duplicata de 19,11-21? (cf. Mt 19,28; 1Co 6,2-3).
- b) Esta “ressurreição” dos mártires (cf. Is 26,19; Ez 37) é simbólica: é a renovação da Igreja depois do término da perseguição romana, com a mesma duração que o cativeiro do Dragão. Os mártires que esperam sobre o altar (6,9-11) estão desde agora felizes com Cristo. O “reino de mil anos” é, portanto, **a fase terrestre do Reino de Deus, desde a queda de Roma até a vinda de Cristo (20,11ss)** – Para santo Agostinho e muitos outros, os “mil anos” se iniciam com a ressurreição de Cristo; a “primeira ressurreição” seria então o batismo (cf. Rm 6,1-11; Jo 5,25-28) – Desde a Igreja antiga, uma corrente da Tradição interpretou literalmente este versículo: após uma ressurreição real, a dos mártires, Cristo voltaria sobre a terra para um reino de mil anos, em companhia de seus fiéis. Este milenarismo literal nunca foi favorecido na Igreja. (Bíblia de Jerusalém, 2002, p. 2164) (grifo nosso e itálico no original)

Já acerca dos ímpios serem lançados no lago de fogo (Ap 20,15), de forma bem simbólica, este evento trata-se objetivamente de condenação pela prática de atitudes em desacordo com a providência, já que foram julgados conforme suas obras (Ap 20,12-13). Contudo, vamos recorrer ao escritor Carlos Torres Pastorino (1910-1980) novamente para nos esclarecer acerca das passagens (Ap 20,10; 15) dentro do contexto grego, em sua obra **Sabedoria do Evangelho - Volume 1**, no trato a palavra eternidade que vem do grego *aion* (αἰων) que é um tempo determinado e não eterno. Vejamos:

II – O substantivo *αιων* aparece 120 vezes, empregado com os sentidos:

a) os séculos, isto é, uma época, um lapso de tempo (92 vezes);

Mat. 6:13; 21:19; **Marc.** 3:29; 11:14; **Lc.** 1:33. 55, 70; **Jo.** 4:14; 8:35 (2x), 51; 52; 10:28; 11:26; 12:34; 13:8; 14:6; **At.** 3:21; 15:18; **Rom.** 1:25; ,9:5; 11:36; 16:27; **1 Cor.** 2:7; 8:13; 10:11; **2 Cor.** 9:9; 11:31; **Gál.** 1:5; **Ef.** 2:7; 3:9, 11:21 (2x); **Fil.** 4:20 (2x); **Col.** 1:26; **1 Tim.** 1:17 (3x); **2 Tim.** 4:18 (2x); **Heb.** 1:2, 8 (2x); 5:6; 6:20; 7:17, 21, 24, 28; 11:13; 13:8, 21 (2x); **1 Pe.** 1:25; 4:11 (2x); 5:11 (2x); **1 Jo.** 2:17; **2 Jo.** 2; **Jud.** 13, 25 (2x); **Apoc.** 1:6 (2x), 18 (2x); 4:9 (2x); 10 (2x); 5:13 (2x); 7:12 (2x); 10:6 (2x); 11:15 (2x); 14:11 (2x); 15:3, 7 (2x); 19:3 (2x); 20:10 (2x); 22:5 (2x).

b) o século, com o significado de o mundo material. (Em oposição ao mundo espiritual), ou com o sentido de uma geração. 28 vezes:

Mat. 12:32; 13:22, 39, 40. 49; 24:3; 21:20; **Marc.** 4:19; 10:30; **Lc.** 16:8; 18:30; 20:34,35; **Rom.** 12:2; **1 Cor.** 1:20; 2:6 (2x), 8; 3:18; **2 Cor.** 4:4; **Ef.** 1:21; 2:2; **1 Tim.** 6:17; **2 Tim.**- 4:20; **Tit.** 2:12; **Heb.** 6:5; 9:26; **1 Pe.** 3:18. (PASTORINO, C. T. 1964, p. 10)

Como observamos, numa análise profunda do capítulo 20 do livro de Apocalipse é bastante simbólica e concomitante a tudo que apresentamos até o momento, entendemos que as penas dos ímpios, relacionados a não praticarem a lei do amor, estarão condenados temporariamente aos ciclos de reencarnação de expiação, reparação e reconstrução de sua conduta. Vejamos a seguir mais um posicionamento do pastor:

Apóstolo Paulo:

• “Os quais sofrerão, como castigo, a perdição eterna, banidos da face do Senhor e da glória do seu poder” (2 Ts. 1:9).

Dentro de uma das melhores traduções do grego que dispomos que é a ***Bíblia de Jerusalém***, ao qual este texto se refere a ação de graças e encorajamento e a última retribuição, segundo o apóstolo Paulo (2Ts 1,1-12), ao qual citaremos apenas a parte que foi mencionada pelo pastor e o desfecho por ele ignorado. Vejamos:

2Ts 1,9-10: O castigo deles será a ruína eterna, *longe da face do Senhor* e do esplendor de sua majestade, *quando ele vier, naquele Dia, para ser glorificado na pessoa de seus santos, e para ser admirado* na pessoa de todos que creram^d – e vós acreditastes em nosso testemunho!^e.

d) Parece que aqui o Apóstolo pensa nos anjos (os “santos”: cf. At 9,13+) e nos cristãos (“aqueles que creram”).

e) A condenação dos que rejeitaram o Evangelho é descrita em contraste muito forte com a glorificação dos fiéis, em termos bastante duros, explicáveis, talvez, pela perseguição sem tréguas – Depois do parêntese dos vv. 6-10, o pensamento retoma a continuação do v. 5. (Bíblia de Jerusalém. 2002. p. 2066)

Percebemos que ruína eterna (aion) é muito diferente de perdição eterna (aion) igualmente temporárias dentro do contexto grego, o que nos leva a acreditar que uma ruína é temporária ao período de arrependimento pelos atos dos romanos, ante a perseguição dos primeiros Cristãos a que se refere o apóstolo Paulo. Certamente este é o objetivo, regeneração da humanidade através da prática do Evangelho e reconstrução de uma vida digna através das vidas sucessivas. Passemos ao ponto seguinte do pastor:

- “Como escaparemos nós, se descuidarmos de tão grande salvação?...” (Hb 2:3a);
- “Porque se voluntariamente continuarmos no pecado, depois de termos recebido o pleno conhecimento da verdade, já não resta mais sacrifício pelos pecados, mas uma expectativa terrível de juízo, e um ardor de fogo que há de devorar os adversários. Havendo alguém rejeitado a lei de Moisés, morre sem misericórdia, pela palavra de duas ou três testemunhas; de quanto maior castigo cuidais vós será julgado merecedor aquele que pisar o Filho de Deus, e tiver por profano o sangue do pacto, com que foi santificado, e ultrajar ao Espírito da graça? Pois conhecemos aquele que disse: Minha é a vingança, eu retribuirei. E outra vez: O Senhor julgará o seu povo. Horrenda coisa é cair nas mãos do Deus vivo” (Hb 10:26-31);

Nessa passagem da Epístola aos Hebreus, ao qual é desconhecida a sua autoria, percebemos que as citações do pastor não enfatizam, em nenhum momento, o inferno e concomitantemente as penas eternas, antes, porém, há a exortação (Hb 2,3) e logo após a pregação do perigo da apostasia (Hb 10,26-31) que em nenhum destes registros há base para as penas irremissíveis. Passemos, porquanto, a penúltima citação. Vejamos:

Daniel:

- “E muitos dos que dormem no pó da terra ressuscitarão, uns para a vida eterna, e outros para a vergonha e desprezo eternos” (Dn 12:2).

O profeta Daniel compõe um dos grandes profetas apocalípticos que previu o fim de uma era de perseguição dos gregos aos israelitas. Como bem o dissemos, sobre estas

profecias não vamos entrar no detalhe, por estarmos produzindo uma obra com este intento, mas precisamos situar o objetivo do profeta, em determinar o tema “O tempo do fim” contido em (Dn 11,40-25; 12,1-2) a ressurreição e retribuição (Dn 12,2-4) ao qual o pastor isolou a parte que o interessa, e, enfim, o desfecho da profecia lacrada (Dn 12,5-13) que neste caso encerraria a perseguição dos gregos com a morte de Antíoco IV Epifanes no século II a.C. Vamos novamente recorrer a **Bíblia de Jerusalém** para abalizarmos nossa pesquisa, e para isso, precisamos citar uma passagem anterior a citada pelo pastor. Vejamos:

Dn 11,45 Armará as tendas do seu palácio entre o mar e a montanha do santo Esplendor. E chegará a seu tempo ^c. sem que ninguém venha em auxílio.

c) Morte de Antíoco (cf. 8,25) (Bíblia de Jerusalém. 2002, p. 1578)

Como podemos observar, na época dos Macabeus, estes derrotaram os gregos, sob comando de Antíoco IV Epifanes que veio a morte em batalha no século II a.C. e que fizemos a citação para situar dos que estiveram a receber a recompensa e o opróbrio desta empreitada (Dn 12,2) que o pastor lançou mão, mais uma vez atropelando o contexto, a hermenêutica e o bom sendo. Vamos a citação final. Vejamos:

João Batista:

• “Quem crê no Filho tem a vida eterna; o que, porém, desobedece ao Filho não verá a vida, mas sobre ele permanece a ira de Deus” (Jo 3:36).

Nesta última citação inglória do pastor tentando provar a existência do inferno e suas penas irremissíveis, temos a citação contextualizada do ministério de Jesus na Judeia e o último testemunho de João (Jo 3,21-36) que em nenhum momento alude para penas irremissíveis, antes, porém, diz claramente que aquele que não segue os ensinamentos do Mestre, a ira de Deus permanece sobre ele. Passemos, porquanto, ao item seguinte.

5.3. É Repugnante à Justiça:

O pastor neste ponto de suas elucubrações vai tecer comentários acerca da justiça e seu conceito dentro da perspectiva humana e estabelecer a bíblia como mediadora direta do caráter aplicativo deste mesmo aspecto da justiça, contudo numa visão divina, sob olhar humano, onde desqualificará a justiça apresentada pela Doutrina Espírita e ao que iremos ver, ele nem mesmo sabe onde está exarado na codificação as dez leis divinas promulgadas e esclarecidas pela espiritualidade. Vejamos sua conceituação:

O que é justiça? O extinto programa de TV intitulado “Você Decide” é um nítido exemplo do quanto a consciência humana está atrofiada, e, portanto, impossibilitada de decidir por si só entre o justo e o injusto: milhões de pessoas diziam “sim” e milhões diziam “não”. E agora José? Se alguém se achar no direito de fazer lei de uma dessas afirmações, não poderá impedir que um outro faça lei da que sobrar, porquanto, embora divergentes entre si, ambos têm, de per si, milhões de simpatizantes. Assim fica claro que o homem necessita duma unidade padrão, com a qual possa gabaritar suas palavras e obras, bem como se certificar da autenticidade ou não de tudo aquilo que se intitula justiça.

Vimos em capítulos anteriores que o pastor destituiu o tribunal judaico em aplicar a Lei de Moisés, lançando ao estado, igualmente judaico, mesmo sob domínio romano a sua aplicação. Agora ele parece mudar de posicionamento e lança mão da validade da justiça pela bíblia como centro de justiça divina. O mesmo pastor demonstrou desconhecer o tribunal judaico, ignorou que o estado de Israel estava sob domínio de Roma, onde até exemplificamos que havia um estado dominado e a lei vigente era romana ao tempo de Jesus. Outrossim, havia a aplicação da Lei de Moisés num prisma judaico pelo tribunal do sinédrio, concomitante ao de Roma, onde até Jesus foi julgado em ambos tribunais e condenado a morte numa pena romana, pois a Lei de Moisés deveria aplicar a morte por apedrejamento, tal qual encontramos suas nuances no *Talmud Bavli - Macot*, o que parece ser de desconhecimento do pastor que levou seus leitores ao erro. Por fim, demonstramos que existiam leis da Torá que já se encontram em desuso e nem tudo que ali está, é mais aplicado nos dias atuais. Mas vamos mais uma vez as referências do pastor:

E esta unidade padrão, segundo nos informaram os homens santos de Deus e o próprio Jesus, existe: é a Bíblia. Senão vejamos:

Jesus:

- “Errais, não conhecendo as Escrituras...” (Mt 22:29);
- “... a Escritura não pode ser anulada” (Jo 10:35);
- “... as Escrituras... dão testemunho de mim” (Jo. 5:39);

O contexto do Evangelho de Mateus, capítulo 22, é subdividido em uma *parábola do banquete nupcial* (Mt 22,1-14), *o tributo de César* (Mt 22,15-22), *a ressurreição dos mortos* (Mt 22,23-33), *o maior mandamento* (Mt 22,34-40) e *o Cristo, filho e Senhor de Davi* (Mt 22,41-16). Contudo, vamos nos ater ao evento da ressurreição dos mortos (Mt 22,23-33) que é o que descontextualizou o pastor, citando apenas o verso 29, prefigurando que por tabela, nós Espíritas também erramos por não conhecermos as Escrituras. O assunto tratado é do ressurgimento à vida espiritual, após a morte, através da Lei Mosaica de perpetuação da geração através da sucessão do casamento pelos irmãos do esposo, caso houvesse a morte do primeiro marido (Mt 22,24-28). Os Saduceus não acreditavam na vida espiritual (Mt 22,23) e Jesus os exortam que não conheciam as Escrituras, por ignorar que Deus não é Deus de mortos, mas de vivos (Mt 22,32) e que no plano espiritual não há casamento, sendo todos comparado a anjos, ou em numa linguagem fácil, espíritos (Mt 22,30). Diante de toda a pesquisa nas obras da codificação e nas obras complementares, segundo o que o pastor realizou tal empreitada, nós espíritas não acreditamos na vida espiritual tal como os Saduceus? Parece-nos que o nobre pastor não pesquisou bem sobre o contexto de sua primeira citação.

Na segunda citação do pastor do Evangelho de João, capítulo 10, encontramos em seu contexto as seguintes passagens, *o bom pastor* (Jo 10,1-21) e *a verdadeira identidade de Jesus* (Jo 10,22-39). Iremos nos ater ao último contexto que trata da verdadeira identidade de Jesus (Jo 10,22-

39), onde o pastor descontextualizou novamente apenas o verso 35, asseverando que nós espíritas não podemos anular as Escrituras. O contexto desta passagem é justamente onde podemos ver que na festa da Dedicção em Jerusalém, o Mestre estava no Templo e os judeus os inquiriam a dizer-lhes abertamente que ele era o Cristo, o Messias, que dissesse claramente a eles, onde o Cristo os adverte de que eles não acreditavam nele, nem em suas obras, ao qual fazia pelo Pai, e que ele, o Cristo e o Pai eram um, levando aos judeus a apedrejá-lo, já que Jesus, sendo homem, se fazia Deus. Contudo, Jesus os advertia que assim como diz as Escrituras, sois deuses (Jr 1,5) e por este motivo ela não deveria ser anulada (Jo 10,35). Em outras palavras, nós espíritas não acreditamos na potencialidade do Cristo em ser um espírito puro a operar maravilhas em sua missão? Claro que não e deste motivo não há menção deste contexto ao que se quer demonstrar o pastor acerca da Justiça que não é o objetivo deste texto. Depois somos nós espíritas taxados de incoerentes!

Por fim, temos a citação novamente do Evangelho de João, capítulo 5, que trata da *cura do enfermo na piscina de Betesda* (Jo 5,1-18) e *discurso sobre o Filho do Homem* (Jo 5,19-47). O pastor descontextualiza novamente citando apenas o verso 39, onde nós espíritas taxamos as Escrituras de não falarem do Cristo. Não entraremos no mérito das profecias acerca da vinda do Messias e sua análise pormenorizada, entretanto, vamos nos ater no conceito de justiça que não tem nada a ver com este contexto e que nem mesmo nós espíritas

não desacreditamos nas referências do Tanah que dizem respeito à vinda do Messias. Passemos agora a análise de Isaías, citado pelo pastor:

Isaías:

- “À Lei e ao Testemunho! Se eles não falarem segundo esta palavra nunca verão a alva” (Is 8:20);

Curiosa a citação do pastor, quanto ao quesito justiça, como se nós espíritas desabonássemos o Tanah e seus ensinamentos, mas vamos citar o verso anterior suprimido pelo pastor.

Is 8,19-10 Quando, pois, vos disserem: Consultai os que têm espíritos familiares e os adivinhos, que chilreiam e murmuram: Porventura não consultará o povo a seu Deus? A favor dos vivos consultar-se-á aos mortos? À lei e ao testemunho! Se eles não falarem segundo esta palavra, é porque não há luz neles.

Acerca do caráter de justiça apontado pelo pastor, é o que toda a reunião mediúnica se faz, inquirir a todo espírito que fale segundo a lei de amor e caridade, caso se não houver esta afirmação por parte dele, certamente que se trata de um espírito leviano. Em outras palavras, o pastor ignorou o verso anterior, descontextualizou e nos recomendou seguir o que já aplicamos. Completamente incoerente! Vamos agora às citações de Paulo.

Apóstolo Paulo:

- “Escrevo-te estas coisas ... para que saibas como convém andar ...” (1 Tm 3: 14,15);
- “Toda Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça” (2 Tm 3:16);

O primeiro contexto da primeira epístola de Paulo a Timóteo, inserida no capítulo 3, entendemos que Paulo orienta Timóteo da *Igreja e o ministério da piedade* (1Tm 3,14-16) que é um pilar da Igreja nascente. Outrossim, somos nós espíritas contra a lei de piedade e ao credo apostólico do verso omitido de número 16? Certamente que não, onde observamos que mais uma vez encontramos incongruências nos argumentos do pastor e não citações mutiladas que dão aos seus leitores a falsa impressão de que a justiça pregada nas Escrituras é relegada por nós Espíritas. Mais uma demonstração da falta de bom senso.

Acerca da segunda citação na segunda epístola de Paulo a Timóteo, capítulo 3, encontramos em seu contexto a *advertência contra os perigos dos últimos tempos* (2Tm 3,1-17). Paulo neste contexto, adverte Timóteo acerca do comportamento daqueles que seriam contrários a lei de amor ao próximo, previstos para os últimos dias de sua era que ele, inclusive, acreditava passar, onde advertia a Timóteo o bom agir e a esperança na missão do Evangelho. Nessa passagem, ao desfecho (2Tm 3,16), é popularmente pregada como se Paulo se referia a toda a Bíblia, mas ao seu tempo só existia o Tanah, prefigurando que poucas cartas paulinas que circulavam nas primeiras comunidades cristãs. Com isso,

vemos que não somos contra o ensino moral do Tanah, mas somos impelidos a registrar que não havia Novo Testamento à época desta exortação de Paulo a Timóteo e que ela se refere ao Tanah somente. Passemos, porquanto, a citação final do pastor, sobre Pedro.

Apóstolo Pedro:

- “Sabendo, primeiramente, isto, que nenhuma profecia da Escritura provém de particular elucidação, porque jamais qualquer profecia foi dada por vontade humana, entretanto homens santos falaram da parte de Deus movidos pelo Espírito Santo” (2 Pe. 1: 20,21).

Nesta citação da segunda epístola de Pedro, capítulo 1, é tratado sobre a *liberdade de Deus* (2Pe 1,3-18) e a *palavra profética* (2Pe 1,19-21), onde iremos nos ater a este último conceito que Pedro exorta as primeiras comunidades cristãs, a testificarem os profetas do Tanah, onde até há uma passagem curiosa que a tradução de *estrela d'alva* em português, vem do grego *phosphoros* e foi traduzida por *lucifer* em latim e que deveriam nascer nos corações dos primeiros cristãos, citado no verso 19 ignorado pelo pastor. Certamente que voltaremos a este assunto e que vamos desenvolver este tema no tópico propício, mas que neste contexto, não há profecia dos profetas do Tanah que desconsideramos, mas que damos a devida interpretação, não cabendo esta recomendação aos Espíritas que já concebem este conceito. Em nenhum momento é relatada a justiça como tema desta citação. Passemos adiante.

Está claro, é a Bíblia que dá a primeira e última palavra em

todos os setores da nossa vida. Temos algo incomparavelmente mais confiável do que as falíveis razões humanas: a Bíblia, a Palavra de Deus.

Aceitar toda a Bíblia como regra de fé, exortamos apenas a sua conceituação moral, principalmente no código de vida pregado por Jesus no sermão da montanha, pois percebemos que muitas ordenanças exaradas na Lei de Moisés entraram em desuso e até a demonstramos anteriormente, não cabendo a nós voltarmos a este tema. Aplicar o conceito de justiça das leis humanas, sabemos que também são passíveis de mudança e que evoluem com o progresso da humanidade. Contudo, existem leis humanas que já substituíram muitas das leis mosaicas e que certamente o pastor não vai dar o braço a torcer sobre este fato.

Se mal interpretado, o que foi apresentado até aqui pode levar um leitor desavisado a concluir precipitadamente que o autor destas linhas discorda do uso da razão. Mas não é este o caso. Eu raciocino sim. Doutrou modo eu não teria detectado as contradições do Kardecismo, e talvez já até tivesse me convertido a essa seita.

O que demonstramos foi justamente o contexto das citações do pastor lançadas como prerrogativas de que a não compreendemos no seu estrito conceito de justiça, mas que percebemos que todas as citações do pastor estavam descontextualizadas e de certa forma não se provou que somos contra, mas apenas demos a sua real interpretação, recaindo ao crítico, a insígnia de falta de bom senso que ele mesmo abdicou no início deste capítulo. E que se faça justiça

às Escrituras, mesmo que a contragosto do pastor.

O fato de Cristo dizer que “nem um jota ou um til, se omitirá da lei, sem que tudo seja cumprido” (Mt 5:18), justifica o título honorífico de “sagradas letras” (2 Tm. 3:15) que o apóstolo Paulo atribuiu à Bíblia. Até a sabedoria popular já externou a sua opinião acerca da inconsistência das nossas imaginações falíveis, ao dizer: “a cada cabeça uma sentença”. No livro intitulado “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, supracitado, capítulo 5, nº 21, páginas 115-116, está contida uma exortação a não avaliarmos a justiça divina pelos nossos suspeitos padrões. Diz o texto: “Por que haveis de avaliar a justiça de Deus pela vossa?”. Assim o Kardecismo destrói-se a si mesmo.

Acerca da citação do Evangelho de Mateus, no seu capítulo 5, em que Jesus exorta aos judeus que nenhum jota ou til se omitirá da Lei, certamente que ele era questionado pelos fariseus por estar sempre descumprindo a Lei de Moisés e que o Mestre sempre os advertia que deveria ser cumprida até a menor das determinações mosaicas a seu tempo (Mt 5,17-19). Concomitante a esta citação, percebemos que o pastor lança mão de (2Tm 3,15-16) como se Paulo se referisse a toda a Bíblia, mas que num exame apurado, constatamos que Paulo se refere ao Tanah. Sobre a conceituação inicial de justiça dada pelo pastor como que “a cada cabeça uma sentença”, o advertimos que as leis morais da codificação se encontram na parte terceira da obra *O Livro dos Espíritos* que trata das *Leis Morais* e que parece desconhecer o nobre pastor. Por fim, tenta o pastor citar uma frase da obra **O Evangelho Segundo o Espiritismo** e implodir seu conceito, baseando-se em sua “justiça”. Vejamos o capítulo 5, item 21 que trata de uma vem

aventurança, a saber *bem-aventurado os aflitos*, citado pelo pastor, mas na integralidade do contexto.

Perda de pessoas amadas. Mortes prematuras

21. Quando a morte ceifa nas vossas famílias, arrebatando, sem restrições, os mais moços antes dos velhos, costumais dizer: Deus não é justo, pois sacrifica um que está forte e tem grande futuro e conserva os que já viveram longos anos, cheios de decepções; pois leva os que são úteis e deixa os que para nada mais servem; pois despedaça o coração de uma mãe, privando-a da inocente criatura que era toda a sua alegria.

Humanos, é nesse ponto que precisais elevar-vos acima do terra a terra da vida, para compreenderdes que o bem, muitas vezes, está onde julgais ver o mal, a sábia providência onde pensais divisar a cega fatalidade do destino. **Por que haveis de avaliar a Justiça divina pela vossa?** Podeis supor que o Senhor dos mundos se aplique, por mero capricho, a vos infligir penas cruéis? Nada se faz sem um fim inteligente e, seja o que for que aconteça, tudo tem a sua razão de ser. Se perscrutásseis melhor todas as dores que vos advêm, nelas encontraríeis sempre a razão divina, razão regeneradora, e os vossos miseráveis interesses se tornariam de tão secundária consideração, que os atiraríeis para o último plano.

Crede-me, a morte é preferível, numa encarnação de vinte anos, a esses vergonhosos desregramentos que pungem famílias respeitáveis, dilaceram corações de mães e fazem que antes do tempo embranqueçam os cabelos dos pais. Frequentemente, a morte prematura é um grande benefício que Deus concede àquele que se vai e que assim se preserva das misérias da vida, ou das seduções que talvez lhe acarretassem a perda. Não é vítima da fatalidade aquele que morre na flor dos anos; é que Deus julga não convir que ele permaneça por mais tempo na Terra.

É uma horrenda desgraça, dizeis, ver cortado o fio de uma vida tão prenhe de esperanças! De que esperanças falais? Das da Terra, onde o liberto houvera podido brilhar, abrir caminho e enriquecer? Sempre essa visão estreita, incapaz

de elevar-se acima da matéria. Sabeis qual teria sido a sorte dessa vida, ao vosso parecer tão cheia de esperanças? Quem vos diz que ela não seria saturada de amarguras? Desdenhais então das esperanças da vida futura, ao ponto de lhe preferirdes as da vida efêmera que arrastais na Terra?

Supondes então que mais vale uma posição elevada entre os homens, do que entre os Espíritos bem-aventurados?

Em vez de vos queixardes, regozijai-vos quando praz a Deus retirar deste vale de misérias um de seus filhos. Não será egoístico desejardes que ele aí continuasse para sofrer convosco? Ah! Essa dor se concebe naquele que carece de fé e que vê na morte uma separação eterna. Vós, espíritas, porém, sabeis que a alma vive melhor quando desembaraçada do seu invólucro corpóreo. Mães, sabei que vossos filhos bem-amados estão perto de vós; sim, estão muito perto; seus corpos fluídicos vos envolvem, seus pensamentos vos protegem, a lembrança que deles guardais os transporta de alegria, mas também as vossas dores desarrazoadas os afligem, porque denotam falta de fé e exprimem uma revolta contra a vontade de Deus.

Vós que compreendeis a vida espiritual, escutai as pulsações do vosso coração a chamar esses entes bem-amados e, se pedirdes a Deus que os abençoe, em vós sentireis fortes consolações, dessas que secam as lágrimas; sentireis aspirações grandiosas que vos mostrarão o porvir que o soberano Senhor prometeu. – *Sanson*, ex-membro da Sociedade Espírita de Paris. (1863.) (KARDEC. 2019d. p´94-95) (grifo nosso)

Esta é uma mensagem de um ex-membro da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas e que no decorrer da evolução da missão da codificação e estabelecimento da Doutrina, veio a falecer, mas deu esta importante mensagem como espírito. Seu conteúdo fala justamente de justiça divina e como os homens encarnados julgam pela sua vida terrena esta mesma justiça divina, a retirar a vida de um jovem em vez de um mais

velho que aos olhos humanos parece-nos que Deus fora injusto. Dessa forma, é que ele nos exorta a não medirmos a justiça divina pela dos homens, pois pelo teor da mensagem, a morte em idade tenra, julga Deus chamar de volta a seu seio pessoas jovens que serão privadas das provas da vida e dissabores que foram abreviados segundo a providência. Outrossim, á o conforto aos seus pais que não serão abandonados, pois, seu filho sempre estará com eles a acompanhá-los em suas jornadas. Este é o conceito de justiça e parece que o pastor não concorda. Ficamos curiosos em saber qual seria a mensagem de conforto que o pastor daria a uma mãe que perde seu filho em tenra idade que seja diferente a que deu o espírito Sanson e que Kardec colocou justamente no capítulo que trata do tema “Bem-aventurados os aflitos”. Portanto, pela parte que ele destacou e que grifamos, fica implodido o fundamentalismo em suas bases defendidas pelo pastor!

5.4. É Oposto ao Amor de Deus.

A exposição do pastor gravitará na necessidade de comprovação de que se a vida concedida pelo Mestre é eterna, igualmente a condenação seria também eterna. Ele irá se basear em (Jo 3,16) dentro do contexto do diálogo entre Jesus e Nicodemos (Jo 3,1-21) que trata do tema da reencarnação como condição *sine qua non* para angariar o reino de Deus e como sempre, o pastor ignorou todo o contexto como vem fazendo ao longo de suas elucubrações para extrair do texto um conceito que ao exame apurado, não fundamenta suas teses, já que o contexto é sobre “ver o reino de Deus” como

oferta a Nicodemos que era necessário nascer de novo (Jo 3,3), segundo o Mestre. Vamos a sua introdução.

O que a Bíblia afirma com muita clareza, é que realmente existe a pena eterna e que Deus é, inegavelmente, amor. Se temos dificuldades para compreendermos o porquê da severidade de Deus para com o pecado, o problema deve estar em nós. O próprio Kardecismo diz: “Por que haveis de avaliar a justiça de Deus pela vossa?” Talvez a passagem bíblica que mais enfatiza, simultaneamente, a perdição eterna e o amor de Deus, seja Jo 3:16. Este versículo diz: “Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu seu Filho unigênito para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna”. Ora, se Deus nos deu Seu filho para não perecermos, está provado que Ele viu que se não nos desse, pereceríamos inevitavelmente; e, visto que Ele realmente é amor, e, portanto, não deseja esta tamanha catástrofe para nós, tomou medidas drásticas e radicais contra o pecado, em defesa do pecador. Este texto bíblico (Jo. 3.16) nos assegura que Deus nos deu o Seu Filho com a seguinte finalidade: Nos livrar de perecer e, por conseguinte, nos dar a vida eterna. A esta altura eu pergunto aos kardecistas: O que é perecer? Vejam que estava para nos suceder uma desgraça; o nome dessa desgraça é perecer; e que Deus nos deu o Seu Filho Jesus para anular essa tal desgraça. Se não existe a pena eterna, a que desgraça se refere Jo 3:16? Se todas e quaisquer faltas pudessem ser reparadas através de boas obras e sofrimentos, nesta e/ou noutra (s) encarnação (ões), neste e/ou noutro (s) mundo (s), asseguro que não haveria necessidade de Deus nos dar o Seu Filho unigênito para nos livrar de perecer, pois já teríamos em nós mesmos a solução desse inconveniente: a caridade e as vicissitudes da vida. Logo, Deus nos teria dado o Seu Filho em vão.

Acerca da frase descontextualizada, citada pelo pastor e reafirmada: “*Por que haveis de avaliar a justiça de Deus pela vossa?*”, salientamos que já tratamos deste assunto no tópico

anterior e pegar frases isoladas na codificação para comprovar suas teses é do feitio do pastor, até mesmo no trato das citações bíblicas, completamente descontextualizadas igualmente, para impor suas convicções, mesmo se ferir o contexto ao qual está extraindo a informação. Justificando sua tese de que como Jesus orienta a Nicodemos de que todo aquele que crê nele, não pereça, mas tenha a vida eterna. Gostaríamos de salientar que perecer não está em pé de igualdade com a vida eterna, pois entendemos que a recompensa é vitalícia, ou seja, intermitente, mas perecer não coaduna com a exposição do pastor de também ser eterna, pois Jesus disse apenas que nele não crer, vai perecer e não frisou que este conceito é eterno, apenas que estará separado, mas como o contexto do diálogo de Jesus e Nicodemos (Jo 3,1-21) trata da reencarnação e certamente aquele que estiver separado do reino de Deus, que está dentro de cada um de nós, certamente terá a oportunidade de regressar ao aprisco, já que, segundo o Mestre, nenhuma ovelha se perderá. Precisaremos realizar uma exegese sobre este conceito de perecer dentro do grego e que realizaremos mais à frente.

Num outro ponto mais adiante, o pastor insiste que perecer seria está condenado a pena eterna, uma vez que aqueles que não acreditam no Mestre, pereceriam e o pastor compara este conceito a uma condição bem desfavorável. Lembramos que perecer é uma condição transitória, pois como já bem adiantamos, estar separado do reino de Deus, não haveria razão em Jesus afirmar que nenhuma ovelha se perderia (Lc 15,3-7), uma vez que no primeiro momento muitos

não acreditaram em Jesus em sua missão das Boas Novas. A compreensão tacanha do pastor no trato com as vidas sucessivas, não se circunscreve apenas a sofrimentos e punições de vidas precedentes. O objetivo da reencarnação é justamente o aperfeiçoamento espiritual, objetivando alcançar o anseio de Nicodemos que era ver o reino de Deus (Jo 3,3). Vejamos o que diz a codificação, na obra **O Livro dos Espíritos**, capítulo IV, segunda parte:

167. *Qual o fim objetivado com a reencarnação?*

“Expição, **melhoramento progressivo da Humanidade**. Sem isto, onde a justiça?” (KARDEC. A. p. 124. 2019e) (grifo nosso)

Como bem observamos, de forma concisa, o objetivo da reencarnação é a expiação das faltas e preponderantemente o melhoramento progressivo da humanidade, como bem frisamos. Vamos adiante no ponto seguinte abordado pelo pastor.

Se o sacrifício de Jesus não quita para com Deus o pecador que arrependido crer, segue-se que a vinda de Cristo ao mundo foi inteiramente ineficaz e inoperante, não tendo, portanto, produzido nenhum efeito positivo sobre nós, porquanto ainda estamos sujeitos a tudo quanto estaríamos, se Ele não tivesse vindo em nosso auxílio, a saber, ainda temos que expiar os nossos pecados através das boas ações + sofrimentos. Acontece, porém, que Jesus Cristo disse “que todo aquele” (o que equivale a dizer: seja lá quem for) “que nEle crê” não perecerá, mas terá “a vida eterna”. O que é “não perecer?”. O que é “ter a vida eterna?” “Não perecerá” significa que não sofrerá a pena eterna? Mas para que nos daria Deus o Seu Filho para nos livrar da pena eterna, se esta

não existisse? Há! “Não perecerá” significa que o crente não terá que sofrer as consequências dos seus pecados? Como não, se Allan Kardec disse que o homem não se livra de pagar o que deve, nesta ou noutra encarnação, neste ou noutro mundo? Respondam-me, ó kardecistas, o que é o “não pereça” a que Jesus fez menção? Está claro, quem crer vai se livrar de uma coisa ruim chamada perecer. Essa coisa ruim não seria uma pena eterna, pois esta não existe (segundo o kardecismo); também não é deixar de sofrer uma pena temporal, isto é, uma pena por um tempo determinado, até que o pecador expie as suas culpas, pois segundo o kardecismo, o homem sofrerá inevitavelmente as consequências de suas faltas.

Então, que é o “não pereça”? É digno de nota que o “não pereça”, está em oposição com o “tenha a vida eterna”, o que por si só já nos informa que quem não perecer terá a vida eterna, e que quem não tiver a vida eterna irá perecer.

Entraremos agora na exegese do texto grego de (Jo 3,16), a fim de respondemos ao pastor sua dúvida quanto a palavra perecer. Bom, inicialmente, vamos a passagem em grego e sua respectiva tradução. Vejamos:

ουτως γαρ ηγαπησεν ο θεος τον κοσμον ωστε τον υιον τον μονογενη εδωκεν ινα πας ο πιστευων εις αυτον μη αποληται αλλ εχη ζωην αιωνιον (João 3:16 Wescot e Hort)

“Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna.” (João 3:16 ACF)

Vamos nos ater ao grego αποληται (apolētai) que significa sair inteiramente do caminho, abolir, colocar um fim à ruína, tornar inútil, perecer, estar perdido, arruinado, destruído, destruir e perder. A palavra αποληται (apolētai) ocorre sete vezes no Novo Testamento, a saber, Mt 5,29-30;

18,14; Lc 21,18; Jo 3,16; 6,12; 11,50, em que em todas as suas ocorrências encontramos o significado de perecer que denota um estado da alma condizente com o afastamento do reino de Deus, que tem o sentido de separação, tal como alguém que pratica a iniquidade e está sendo julgado com equidade de ser cobrado as suas faltas nas gerações futuras de acordo com a Torá (Ex, 20,5-6) que nos parece ser desconhecido este conceito pelo pastor. Como bem observamos, o conceito de perecer é estar separado do reino de Deus e por este motivo, não o poderia ver, tal como o contexto do diálogo entre Nicodemos em Jesus reflete (Jo 3,1-21). Passemos ao ponto seguinte abordado pelo pastor, após esclarecermos que não há base neste contexto das penas eternas.

Uma vez que nós (os evangélicos) e os kardecistas cremos na imortalidade da alma, e por “vida eterna” entendemos uma existência feliz com Deus para sempre, “pereça” não seria uma existência consciente, sem Deus, infeliz, para todo o sempre? Se o leitor é kardecista, por certo está pensando: “Não pode ser, pois Deus é amor!” Mas aí eu lhe pergunto: O fato de Deus nos ter dado o Seu Filho unigênito para nos livrar da pena eterna, à qual estávamos sentenciados, não é, porventura, uma grande prova de amor? Sendo a pena, eterna ou não, ao nos dar Deus o Seu Filho para nos livrar dessa pena, Ele prova o Seu imensurável amor por nós, você não acha? E se Deus nos deu o Seu Filho para nos livrar da pena, ainda que esta não fosse eterna, estaria extinta por Jesus, continuando Allan Kardec a assumir o sacrílego posto de falso profeta, considerando que muitos anos após Deus nos ter dado o Seu Filho para nos salvar, ele (Allan Kardec) escreveu o seguinte:

1) “... O sofrimento é inerente à imperfeição, assim como toda falta dela promanada, traz consigo o próprio castigo nas consequências naturais e inevitáveis ...” (O Céu e o Inferno,

Após esclarecermos o conceito de perecer que em grego é ἀποληται (apolētai) tinha o significado de estar destituído do reino de Deus e por ventura, ainda não participante da vida eterna que é justamente o compartilhamento de uma existência espiritual plena, ao grau de espírito puro, sem mais a necessidade de reencarnações com o objetivo de progredir, uma vez que já alcançou a plenitude espiritual, ofertada pelo Mestre (Jo 3,3). Outrossim, se o protestantismo e o espiritismo creem na imortalidade da alma, seria um tanto incoerente acreditar que Jesus prometeu literalmente a vida eterna a seres espirituais que na condição de desencarnados já possuíssem a imortalidade! Soaria bem desconexo prometer algo que já se tem de antemão. Com isso, concluímos que Jesus falava de algo mais profundo e que ainda não tínhamos, que era a plenitude espiritual na categoria de espíritos puros que atingissem tal envergadura evolutiva, assim como o contexto do diálogo entre Nicodemos e Jesus era o objetivo da dúvida que motivou o sacerdote ao encontro do Mestre (Jo 3,1-21).

Nos deparamos mais uma vez com uma citação da codificação, realizada pelo pastor de forma descontextualizadas de frases isoladas do seu contexto, ao qual é de praxe por parte dos detratores do espiritismo, pegar pequenos trechos isolados e combater o espiritismo. Iremos mais uma vez citar a obra **O Céu e o Inferno** em seu capítulo VII, na primeira parte que trata da *As penas futuras segundo o*

Espiritismo. Não citaremos o artigo na íntegra que é bastante longo, mas iremos citar a parte mutilada, comentar e desenvolveu um resumo do texto de Kardec aos prezados leitores. Vejamos:

Princípios da Doutrina Espírita sobre as penas futuras

[...].

33º) Em que pese à diversidade de gêneros e graus de sofrimentos dos Espíritos imperfeitos, o código penal da vida futura pode resumir-se nestes três princípios:

1. O sofrimento é inerente à imperfeição.

2. Toda imperfeição, assim como toda falta dela promanada, traz consigo o próprio castigo nas consequências naturais e inevitáveis: assim, a moléstia pune os excessos e da ociosidade nasce o tédio, sem que haja mister de uma condenação especial para cada falta ou indivíduo.

3. Podendo todo homem libertar-se das imperfeições por efeito da vontade, pode igualmente anular os males consecutivos e assegurar a futura felicidade.

A cada um segundo as suas obras, no Céu como na Terra — tal é a lei da Justiça divina. (KARDEC. A. 2019c. p. 90-91) (grifo nosso)

Como podemos observar da parte destacada e evidenciada pelo pastor de forma descontextualizada, constatamos que o interesse dele era frisar o sofrimento atrelado a imperfeição e por tabela julgar a encarnação de forma bem tacanha e negativa, mas ele omitiu a parte que trata na conclusão de Kardec sobre os princípios da Doutrina Espírita sobre as penas futuras, ante ao código penal da vida futura, tal como a moléstia punindo os excessos e a ociosidade

dando origem ao tédio, atrelados a condenação do indivíduo. O que bem lembramos é que para estar na contramão desta fatalidade, basta o homem libertar-se destes infortúnios pelo efeito da vontade, assegurando a felicidade e que o pastor, de forma ardilosa e hábil, ocultou de seus leitores, levando-os ao erro em passar um conceito que o Espiritismo não prega, que é apenas o sofrimento, mas sobretudo a felicidade do espírito encarnado, onde é o principal objetivo das vidas sucessivas e por conseguinte, a finalidade de existirmos ante a criação! Passemos ao ponto seguinte aventado pelo pastor.

2) “Toda falta cometida, todo mal realizado é uma dívida contraída que deverá ser paga; se o não for em uma existência, sê-lo-á na seguinte ou seguintes, porque todas as existências são solidárias entre si,... (Idem, capítulo VII, nº 9, página, 91).

Por que é inevitável as conseqüências das nossas faltas, se Deus nos amou de tal maneira que nos “deu o Seu Filho unigênito para que” ao nEle crermos deixemos de perecer e tomemos posse da “vida eterna”?

Mais uma vez encontramos uma citação isolada, mas agora com a novidade de um questionamento do pastor dizendo que se Deus deu a Jesus como meio de angariarmos a vida eterna, não estaríamos passíveis das conseqüências de nossos atos. Com isso, vamos novamente a citação completa do item nove, destacado, na mesma obra *O Céu e o Inferno*, contida no capítulo VII, primeira parte, que trata sobre as *penas futuras segundo o Espiritismo*. Vejamos:

[...].

9º) **Toda falta cometida, todo mal realizado é uma dívida contraída que deverá ser paga; se o não for em uma existência, sê-lo-á na seguinte ou seguintes, porque todas as existências são solidárias entre si.** Aquele que se quita numa existência não terá necessidade de pagar segunda vez.

10º) O Espírito sofre, quer no mundo corporal, quer no espiritual, a consequência das suas imperfeições. As misérias, as vicissitudes padecidas na vida corpórea, são oriundas das nossas imperfeições, são expiações de faltas cometidas na presente ou em precedentes existências.

Pela natureza dos sofrimentos e vicissitudes da vida corpórea, pode julgar-se a natureza das faltas cometidas em anterior existência, e das imperfeições que as originaram.

11º) A expiação varia segundo a natureza e gravidade da falta, podendo, portanto, a mesma falta determinar expiações diversas, conforme as circunstâncias, atenuantes ou agravantes, em que for cometida.

12º) Não há regra absoluta nem uniforme quanto à natureza e duração do castigo; a única lei geral é que toda falta terá punição, e terá recompensa todo ato meritório, *segundo o seu valor*.

13º) A duração do castigo depende da melhoria do Espírito culpado. Nenhuma condenação por tempo determinado lhe é prescrita. O que Deus exige por termo de sofrimentos é um melhoramento sério, efetivo, sincero, de volta ao bem.

Deste modo o Espírito é sempre o árbitro da própria sorte, podendo prolongar os sofrimentos pela pertinácia no mal, ou suavizá-los e anulá-los pela prática do bem.

Uma condenação por tempo predeterminado teria o duplo inconveniente de continuar o martírio do Espírito renegado, ou de libertá-lo do sofrimento quando ainda permanecesse no mal. Ora, Deus, que é justo, só pune o mal *enquanto existe*, e deixa de o punir *quando não existe mais*;⁴² por outra, o mal moral, sendo por si mesmo causa de sofrimento, fará este durar enquanto subsistir aquele, ou diminuirá de intensidade à medida que ele decresça.

42 Nota de Allan Kardec: Vede cap. VI, it. 25, citação de Ezequiel.

(KARDEC. A. 2019c. p. 84) (grifo nosso)

Nessa citação descontextualizada do pastor, referente ao item nove de forma incompleta, sem a conclusão de Kardec que diz **“Aquele que se quita numa existência não terá necessidade de pagar segunda vez.”** De forma bem hábil, abdica do contexto e persevera no conceito de que apenas a faltas recaem sobre o infrator, retirando a conclusão de que após a quitação de seus débitos, estaria livre da condenação, mas o pastor quer ir além e retirar a responsabilidade de nossos atos e colocar nos ombros de Jesus, conforme a sua teologia do sacrifício vicário, pagou pelos nossos pecados, mas aí fica a pergunta, por que ainda continuamos a pecar? Se Jesus pagou pelos nossos erros, deveriam cessar nossas faltas, mas não é isso que ocorre.

Tivemos que citar até o item treze e trazer aos leitores a compreensão, sem cortes, do conceito sobre as penas futuras, a fim de estabelecer um paralelo de que cessada a cobrança das iniquidades nas gerações futuras, finda a expiação, tal como é tratado na Torá (Ex 20,5-6). Se bem observou o pastor, Kardec traz uma nota de rodapé que interliga o conceito de que quando não há mais delito, não existe mais infrator e a pena chegou ao seu objetivo pedagógico de correção das más inclinações, através das vidas sucessivas, tal como encontramos em (Ezequiel capítulo 18 e 33,11), citação esta que se encontra na obra criticada pelo

pastor e que derruba o conceito de penas eternas, tanto na codificação, quanto no Tanah, cabendo as vidas sucessivas o efeito corretivo aos espíritos em débito, como bem frisou Jesus, em nos dizer: **“Com toda a certeza afirmo que de maneira alguma sairás dali, enquanto não pagares o último centavo”**. (Mt 5,26)

Quando o Senhor Jesus Cristo mandou pregar o Evangelho a todas as pessoas, assegurou que “quem crer e for batizado será salvo”; e que “quem não crer será condenado” (confere Mc 16:15,16).

Esta ocorrência já comentamos anteriormente que não se encontra nos manuscritos mais antigos e é uma glosa do copista posterior do Evangelho de Marcos e nem perderemos mais o tempo de comentar uma adulteração bíblica, onde deixamos ao autor e profundo conhecedor do Novo Testamento, Bart D. Ehrman o juízo de valor em sua obra ***Como Jesus se tornou Deus***. Vejamos:

49. A ampla maioria dos estudiosos sobre esse assunto concorda em que os doze versos finais de Marcos foram adicionados por um escriba posterior. **O livro quase com certeza terminava em 16:8**. Ver minha discussão em *Misquoting Jesus: The History Behind Who Changed the Bible and Why* (San Francisco: HarperSanFrancisco, 2005), 65-69. (EHRMAN. B D. 2020. p. 498) (grifo nosso e itálico no original)

Como estudante de teologia, este conceito é básico e parece que o pastor negligencia tal informação, destacando uma citação sem que Jesus houvesse dito a frase mencionada por ele. Com isso, passemos ao ponto seguinte do pastor na

defesa das penas eternas.

Logo, os kardecistas precisam saber o seguinte:

- a) O Senhor Jesus salva (Hb 7:25; At 10:43; 2:48; Mc 2:9; Ef 2:5, 8, 9; I Jo 1:7; Rm 3:23-28; Rm 6:23; 8:1);
- b) Quem crê em Jesus não perece, tem a vida eterna, é salvo e não é condenado;
- c) Que significa ser salvo, não perecer, ter vida eterna e não ser condenado?

Mediante tais citações do primeiro item, percebemos que realmente Jesus salva, mas salva de quê? De nossas imperfeições, pois como o próprio Jesus disse ser o caminho, não julgou que faria por nós, mas deixaria o roteiro a seguirmos, derrubando assim, este conceito ultrapassado do sacrifício vicário que destitui o infrator das consequências de seus atos, em desacordo com a lei divina, bem como criando preguiçosos da fé que colocam nos ombros do Cristo todas as suas mazelas. Por este motivo, o Espiritismo é combatido, pois leva a responsabilidade de nossos atos, explica a causa das aflições, mas dá a esperança no porvir numa superação de nossas imperfeições, jogando uma pá de cal nas penas eternas.

No segundo item, perecer é esta afastado, e como bem realizamos a exegese no grego, entendemos que o conceito é justamente esse, arrastamento de nossas imperfeições através das vidas sucessivas, numa condenação temporária, ante a persistência nos erros que nos levam ao distanciamento da graça divina que nos é outorgada através de nossa vontade de

superar nossa escuridão.

E por fim, neste último item, que é um questionamento, respondemos que ser salvo é muito além de apenas uma declaração verbal de estarmos dando ao público que cremos em Jesus, mas não nos esforçamos a adentrar na porta estreita das virtudes, ao qual está reservada aos diligentes na prática do amor ao próximo, levando acalento aos infelizes, sendo indulgentes para com as faltas alheias e sobretudo sendo exemplo de conversão para as gerações futuras. Salvação vai além dos conceitos exarados pelo pastor e as penas eternas, um mito!

Se não há pena eterna, e sim a inevitabilidade duma punição que termina tão logo o penitente pague o que deve através das boas obras e das aflições da vida, nesta e/ou noutra (s) encarnação (ões), pergunta-se: Quem crer no Evangelho será salvo de quê? E quem não crer será condenado a quê? Sim, se existe a inevitabilidade das consequências das faltas, quem crer será salva de que? Igualmente, se não há pena eterna, e sim a inevitabilidade duma pena passageira, quem não crer no Evangelho será condenado a quê, visto que a pena passageira nós sofreremos inevitavelmente, crendo ou não no Evangelho, como o insiste o Kardecismo? Eu estou apelando para a Bíblia, e os kardecistas devem considerar isto relevante, pois como já sabemos, Allan Kardec recorre à Bíblia frequentemente.

Para saber isto, basta ler seus livros. Quem examina as obras do Kardecismo sabe que a literatura kardequiana está recheada de textos bíblicos. Claro, já vimos no capítulo 2 que Kardec o fazia com segundas intenções, mas, de um jeito ou de outro, isso nos confere o direito de também irmos à Bíblia, para certificarmos se de fato a Bíblia dá ao Kardecismo o apoio que essa seita alega receber do Livro dos livros. Allan Kardec invocou o testemunho bíblico, logo, deixemos que ela fale. Ouçamos, pois, a Testemunha!

Como já bem explanamos anteriormente o conceito de salvação contido nos Evangelhos, tal qual Jesus pregou e a obra *O Evangelho Segundo o Espiritismo* trata em sua maioria, cerca de 78% do desenvolvimento do sermão do monte do Mestre, registrado no capítulo cinco do Evangelho de Mateus, temos o roteiro da prática das bem-aventuranças como condição *sine qua non* para angariar a vida eterna que é a plenitude da prática das boas ações ante o próximo. Sabemos deste conceito, já que examinamos bem a sua aplicação prática, devido ao fato de Jesus ao descer do sermão e ser abordado pelo jovem rico, que o questionava como teria essa salvação, sabendo o Cristo que ele já seguia os dez mandamentos, era necessário algo mais, ou seja, era preciso ele vender seus pertences, dar aos pobres e seguir o Mestre, fato este que não se concretizou, devido às grandes posses deste jovem. Jesus estabeleceu que não era suficiente seguir a lei, mas sobretudo ser desapegado aos bens terrestres, com a finalidade de dar um passo além na evolução espiritual. Tudo isso está registrado no Evangelho (Mt 19,16-30; Lc 18,18-30).

Uma condição ainda pregada pelo Mestre e que temos registro igualmente nos Evangelhos, é o fato da salvação de Zaqueu que prometera ao Cristo que restituiria até quatro vezes mais a quem ele prejudicou e neste momento, Jesus se convidando a ir a sua casa, anunciou a salvação ao cobrador de impostos (Lc 19,1-10). Jesus veio aos desviados, trazer a libertação dos aflitos, recobrar a dignidade dos pecadores, não os julgando, mas exortando-os à prática das boas obras, a reforma íntima e a condição expressa de seguir sua trajetória

de amor e abnegação em favor do menos favorecidos. Por fim, a razão disso se encontra no julgamento final de que serão separados os que fizeram o bem ao próximo e os que foram negligentes, ante a parábola dos bodes e das ovelhas. (Mt 25,31-46). Para nós espíritas, este é o conceito de salvação que se encontra nos Evangelhos e as penas eternas é para aqueles que são impotentes de transformar a vida do seu próximo, quiçá Deus na conceituação destes fundamentalistas!

5.5. É Uma Desonra ao Deus Amoroso.

Este é último tópico em que o pastor vai desferir a sua defesa nas penas eternas como um ato de honra do Criador. Percebemos que este conceito é muito importante para ele e seus partidários, pois mantém o combate à reencarnação e coloca-os num patamar de líderes que intermediam suas ovelhas ao aprisco de suas crenças fundamentalistas. O que é a honra? Para muito um ato de bravura, para outros um estilo de vida, mas para o senso comum é o *“princípio que leva alguém a ter uma conduta proba, virtuosa, corajosa, e que lhe permite gozar de bom conceito junto à sociedade”*. Este conceito atribuído a divindade, acaba rebaixando o Criador à incapacidade de regenerar seus filhos através de uma pena eterna, imputada para falhas meramente humanas e transitórias, pois ninguém em sã consciência permanece no estado de oposição a lei do amor por toda a eternidade, pois como somos seres finitos, não obtemos a infinitude de nossos erros, já que sempre progredimos, seja intelectualmente, como moralmente, já que esta é a finalidade da criação. Dar a Deus um caráter de separação de sua criação por eternidade de uma

pena, colocaria como se o mesmo criador fosse o arquiteto do mal, uma vez que condenará uma boa parcela da humanidade às penas eternas, não tendo acesso e a capacidade de remediar o mal que perdurará pela eternidade. Dessa forma, Deus criou o mal e não pode contra ele, relegando-os a uma zona criada para esta separação eterna, a saber, o inferno. Dessa forma, vamos ao conceito inicial do pastor:

Já informei que o Kardecismo prega que a crença na existência do tormento eterno desonra o Deus amoroso. Porém, a verdade é diametralmente oposta. A severa punição eterna, aplicada sobre o pecado, por si só demonstra quão hediondo crime o pecado é; o que, por sua vez testifica da magnificência de Deus, bem como da magnitude da Sua Lei. Sim, isto exhibe com naturalidade a magnificência de Deus, cuja Lei justa, santa e boa não pode ser ultrajada sem horríveis conseqüências. O pecado, por ser contra Deus, o qual é infinito em todos os Seus atributos: justiça, santidade, bondade, etc., é um crime de hediondez infinita que reclama punição infinda. Uma punição dosada (deficiências físicas, doenças, pobreza... e outras desventuras), como a sugerida pelos kardecistas, seria algum tipo de misericórdia e afrouxamento da justiça divina, o que só ocorrerá no dia em que Deus deixar de ser Deus. Mas, como Deus é de eternidade a eternidade (SI 90.2), o fogo que se acendeu na Sua ira (Dt. 32:22) jamais apagará; o que perpetua infinitamente o tormento dos perdidos. Lembremo-nos que “o juízo será sem misericórdia” (Tg. 2:13).

O tormento eterno não é contrário ao amor de Deus, mas sim, oposto às consciências cauterizadas (1 Tm. 4:2) dos homens naturais que, por isso mesmo, não podem compreender as coisas do Espírito de Deus, por lhes parecerem loucura (1 Co. 2:14).

Entramos agora no conceito de que para o pecado que é justamente o desvio da lei divina, como sendo algo

permanente, já que o infrator está sujeito a uma punição severa com a eternidade da pena, que segundo o pastor, é uma punição equitativa ao amor de Deus que em contradita, odeia o pecado, mas sabemos que o objetivo é que o infrator se arrependa dos seus atos iníquos e volte-se ao caminho do bem, tal qual nos diz o Tanah e que certamente o pastor ignorou o seu real significado.

O Senhor é misericordioso e compassivo; longânimo e assaz benigno. **Não repreende perpetuamente**, nem conserva para sempre a sua ira. Não nos trata segundo os nossos pecados, nem nos retribui consoante as nossas iniquidades (Sl 103:8-10)

Percebemos que isoladamente podemos afirmar o conceito das penas eternas e o pastor se valeu deste requisito que é o seu expediente dentro da sua visão bíblica, condenar ao inferno e às penas eternas àqueles que não seguem sua ortodoxia. A punição dos hebreus e constante na tradição oral registrada no Talmud, que inclusive o pastor demonstrou desconhecer, era tradição entre os judeus à época de Jesus, tal qual vemos o episódio do homem coxo que foi curado por Jesus e que o Mestre o advertiu de que deveria permanecer curado apenas se não voltasse a pecar (Jo 5,14), bem como no caso do cego de nascença que Jesus curou e os discípulos acreditavam que o cego, ou até mesmo os pais dele pecaram para que nascesse cego (Jo 9,1-41) e o que nos parece, o pastor também desconhece este conceito da lei de causa e efeito exarada na Torá (Ex 20,5-6) que desenvolveremos com mais detalhes quando tratarmos da reencarnação.

Com isso, o pastor lança mão de um cântico de Moisés em apenas um versículo do livro de Deuteronômio, a fim de corroborar que o inferno existe e que as penas são eternas. O que trata em seu contexto, deste cântico de Moisés (Dt 32,1-52) que é tratado diversos temas, tal qual observamos na nota explicativa da **Bíblia de Jerusalém** e em seguida vamos abordar a questão do Xeol que a citação do pastor se refere. Vejamos:

Este cântico é um trecho de alto valor poético que exalta o povo de Deus de Israel, o único Deus verdadeiro. Após uma introdução de estilo sapiencial (vv. 1-2), proclama a perfeição das obras de Deus (vv. 3-7), sua providência em favor de Israel (vv. 8-14), a ela opondo a rebelião do povo (vv.15-19), **seguido do julgamento (vv.19-25)**. Deus, contudo, não abandona Israel aos seus inimigos (vv. 26-35) e intervirá em favor de seu povo (vv. 36-42); o v. 43 é doxologia. Este cântico existiu de modo independente, antes de ser integrado no Dt. Sua datação é difícil, alguns traços de estilo arcaico frequentemente levaram a atribuir-lhe data antiga; os opressores de Israel a que alude seriam então os filisteus (sec. XI). Contudo, as relações com os salmos e os profetas, especialmente com o Deutero-Isaias e Jeremias, sugerem antes uma data mais baixa; os opressores, neste caso, seriam os babilônios (sec. VI a.C.). (Bíblia de Jerusalém. 2002, p. 298) (grifo nosso)

Observamos que o pastor mais uma vez abre mão do contexto para fundamentar seus dogmas (Dt 32,22) como se existisse o inferno e as penas eternas. Perguntamos a ele se examinou o contexto que o julgamento não é individual, mas à nação de Israel (Dt 32,19-25), assim sendo, Israel foi condenada a pena eterna do inferno? Claro que não, pois a nação no desfecho do contexto chegou a terra prometida. O

texto mencionado pelo pastor é sobre o Xeol que já esclarecemos que se trata de um lugar-comum a todos os mortos. Mais uma vez, esclarecemos que é importante o pastor respeitar o contexto que não é muito favorável a suas elucubrações.

Encontramos agora com uma pérola do pastor que diz que o que “o juízo será sem misericórdia” se referindo a (Tg 2,13). Ele examinou o contexto (Tg 2,1-26)? Creio que não, já que observamos que o apóstolo exorta quanto ao tema **o respeito devido aos pobres e a fé e as obras** que depõe contra o pastor que defende a salvação pela fé sem obras. Este contexto é completamente contra este conceito e diz que aqueles que desdenham dos pobres, sem misericórdia, pela lei serão julgados sem misericórdia, desculpem-nos o pleonasma. Vamos novamente recorrer ao exame desta citação, contido na nota explicativa da **Bíblia de Jerusalém**. Vejamos:

Tg 2,13: porque o julgamento será sem misericórdia **para quem não pratica a misericórdia**. A misericórdia desdenha o julgamento. ^a

a) “julgamento”, aqui no sentido de condenação. O julgamento pertence somente a Deus, autor da Lei (4,11-12; 5,9, cf SI 9,9+). Ele sancionará a prática da Lei (1,25; 2,8), condensada na misericórdia. (Bíblia de Jerusalém. 2002, p. 2109) (grifo nosso)

Observem leitores, que o pastor destacou que o julgamento será sem misericórdia, mas suprimiu que este mesmo julgamento será sem misericórdia, para àqueles que não tiverem misericórdia para com os pobres que é o contexto

ao qual o pastor mais uma vez abriu mão, e que fizemos o favor de grifarmos a parte omitida do pastor, levando-os ao erro, mas não a nós que examinamos no detalhe. Dessa forma, texto fora de seu contexto, é pretexto, e neste caso, para embasar o pastor em seu conceito de penas eternas que estão a cada linha que estamos desenvolvendo sem o embasamento bíblico advogado pelo pastor. Depois é o espiritismo incoerente! Vamos adiante nos argumentos do pastor.

Os Kardecistas também creem que Deus fará justiça punindo o pecado. O que eles não admitem é que a punição seja tão severa. Todavia, o castigo do pecado terá a duração que Deus julgar necessária, e não a que gostaríamos que tivesse.

Não nos deve causar estranheza o fato de os padrões da justiça divina não coadunarem com os nossos pontos de vista. Até os livros de Allan Kardec nos exortam, como já informei acima: “Por que haveis de avaliar a justiça de Deus pela vossa?”. Este conselho foi dado por um demônio a Allan Kardec, mas os kardecistas fariam bem, em acatá-lo. Neste ponto o Diabo está certo.

Mais uma vez o pastor trouxe uma frase do espírito Sanson publicada na obra *O Céu e o Inferno*, que diz: **“Por que haveis de avaliar a justiça de Deus pela vossa?”**. Onde destacamos que já o respondemos dentro do contexto da mensagem ignorada pelo pastor que trata justamente o desencarne de pessoas jovens, exortando aos pais a resignação em suportar tal prova, uma vez que Deus houvera retirado este rebento em tenra idade, livrando-os das vicissitudes da vida, mas dando aos pais uma provação em perdê-lo apenas do convívio físico, mas que ele estaria junto

deles, amando-os da mesma forma. Ficamos intrigados com o conselho do pastor que fosse diferente deste que apresentamos e que a mensagem, em seu contexto, se refere. Qual seria seu conselho pastor, já que sua justiça da pena eterna consola? Deixemos ele refletir e também os leitores. Passemos ao ponto seguinte de sua argumentação.

Ainda a respeito da alegação de que o tormento eterno é oposto ao amor de Deus, respondo que Deus preferiu nos dar Seu Filho Unigênito para nos livrar do Inferno, a diminuir o castigo devido ao pecado.

A eternidade da pena do pecado santifica o nome de Deus, pois evidencia que Ele não compactuou com o pecado, deixando de puni-lo a altura de seus méritos. Deus não precisa afrouxar a pena do pecado para demonstrar o Seu amor por nós, visto que o Seu infinito amor já se descortinou no Calvário (Rm 5.8).

Percebemos mais uma tentativa do pastor de passar o conceito das penas eternas baseado na citação isolada de (Rm 5,8). Observamos este seu expediente e ao examinarmos o contexto de que Paulo escreve em (Rm 5,1-11), é uma exortação **a justificação e penhor do Senhor**, que em nada abonando um conceito de penas eternas. Mais uma vez vamos recorrer a nota explicativa deste contexto da ***Bíblia de Jerusalém***. Vejamos:

A justificação, penhor do Senhor ^a

- a) Tema da segunda parte (5-8): o cristão justificado (cf 1-4) encontra no amor de Deus e no dom do Espírito a garantia da salvação. Os vv. [-1], introdução da seção Rm 5-8, então voltados para o futuro, enquanto o vv. [2-2]

voltam para o passado para destacar, em oposição a figura de Adão, o papel único de Cristo, por quem toda graça nos foi dada em plenitude. (Bíblia de Jerusalém. 2002, p. 1973)

Conforme fomos à fonte, em nada Paulo alude as penas eternas e o esforço do pastor em tentar passar aos seus leitores que as penas eternas refletem o amor de Deus, sendo este mesmo amor renegado aos que se desviaram momentaneamente do caminho do bem, destinadas ao suplício eterno, sem oportunidade de se regenerarem, prefiguram uma divindade implacável e incapaz de reconstituir a sua criação que tem um único objetivo, a felicidade. Este é o consolo oferecido no conceito do pastor, as penas irremissíveis, sem ao menos uma chance de recuperação do infrator, já que está condenado eternamente. Sabemos qual o seu intento, renunciar a reencarnação que é o único meio de expiação das faltas, correção pedagógica dos vícios e reparação numa existência futura. Este é o objetivo do pastor, abraçar as penas eternas e negar a reencarnação como meio de reparação das faltas. Passemos ao ponto seguinte.

Os horrores do tormento eterno provam o valor do sacrifício de Jesus. A grandeza de um livramento é proporcional ao tamanho do perigo do qual se livrou. São os livramentos das grandes catástrofes que, geralmente, nos deixam grandemente emocionados. Quando nos livramos de um pequeno inconveniente, não nos emocionamos muito. Assim podemos perceber quão grande é o livramento que Jesus nos deu! Ele nos livrou dos horrores eternos! Logo, infinito é o valor do seu sacrifício por nós! O sacrifício é de valor infinito porque o sacrificado infinito é, pois se trata do sacrifício do Deus-Homem. Este sacrifício infinito se fez necessário porque

a pena é infinita. A pena é infinita porque o pecado é crime cuja hediondez é infinita. E o pecado é crime de hediondez infinita porque infinito é o Deus contra o qual pecamos. Este Deus, por ser infinitamente justo, lavrou uma sentença infinita. E por ser infinitamente bom, provê salvação infinita, através do sacrifício de preciosidade infinita, a todos os que arrependidos aceitam a graça infinita, oriunda do hediondo espetáculo da Cruz de Cristo (Lc 23.48). Espetáculo este de valor infinito. Deste modo, o sacrifício infinito prova que a pena é infinita, pois do contrário seria desperdício. E a pena infinita prova o valor infinito do sacrifício, pois doutro modo seria insuficiente, isto é, por não ser correspondente, não substituiria o pecador; e, portanto, não quitaria a dívida contraída por nós. É possível concluir que Cristo não pregou o suplício eterno? Já sabemos que Kardec respondia positivamente a esta pergunta, mas essa postura não condiz com os fatos. A Bíblia (o Livro ao qual Kardec amiúde recorria no intuito de provar não sei o quê), muito longe de lhe ser solidária, o refutava.

Agora entramos no conceito da eternidade, levantado pelo pastor ao se referir que se Deus é infinitamente justo e bom, logo seria implacavelmente infinitamente relegando os pecadores ao suplício eterno. Este conceito é bem simples de cair em sua base, pois entendemos que se Deus é eterno em seus atributos e tudo criou, havendo um mal que perdue por toda a eternidade, logo, concluímos que Deus criou o mal, já que este mesmo Deus é incapaz de transformar trevas, em luz. Assim, num axioma bem simples e com o raciocínio apurado no conceito dos atributos de Deus, descortinados no primeiro capítulo da obra *O Livros dos Espíritos*, que por sinal o pastor nem comenta, entendemos que as questões ali desenroladas por Kardec e respondidas pelos espíritos, estabelecem parâmetros que a nossa capacidade alcança na conceituação

de Deus. Sabemos que não temos como definir a divindade, pois limitamos o criador ao nosso ponto de observação, mas entendemos que se as penas são eternas, igualmente concluímos que o mal também é eterno e se Deus tudo criou, logo, Deus criou o mal e não pode contra ele. Dessa maneira, cai um de seus atributos que é a onipotência, já que contra o amor por Ele disseminado em sua criação, na visão do pastor, haverá o mal por toda a eternidade, a medir forças com este mesmo Deus.

O espetáculo da crucificação de Jesus, mediante a citação de (Lc 23,47-49), respeitando sempre o contexto, é o evento **após a morte de Jesus** que o centurião reconheceu que aquele homem que acabou de morrer era um justo e as pessoas que ali estiveram, saíram batendo no peito. Imagina se disséssemos àquelas pessoas que aprovaram a morte de Jesus, que elas estavam condenadas ao suplício eterno? Desacreditariam imediatamente ao saberem, pois não dariam credibilidade a uma lei que os puniria por todo o sempre e seríamos muito cruéis em relegar estes que ali aprovaram a morte do Mestre. Este é um conceito que igualmente das penas eternas, cai por terra e somente através das vidas sucessivas que encontramos a verdadeira justiça divina em retribuir a cada um segundo as suas obras! Reforçamos ainda que Jesus rogou ao Pai que perdoassem seus algozes (Lc 23,34), já que eles não sabiam o que estavam fazendo. Se o Cristo os perdoou, rogou ao Pai a isenção de culpa pela condenação do Cristo à morte, devido a ignorância, como sustentar que estes mesmos pecadores pagariam pelos erros

que o Cristo os perdoou? Somente a reencarnação poderá dar uma resposta satisfatória a tal evento! Passemos ao ponto seguinte.

Ser ou não ser cristão, é possível; mas é impossível ser espírita e cristão simultaneamente. Conheço muitos cristãos, bem como inúmeros espíritas, mas cristão-espírita ou espírita-cristão, eu ainda não vi, sequer, um.

Já desenvolvemos este tema se o Cristianismo e o Espiritismo divergem e baseados nos ensinamentos de Jesus, percebemos que as diferenças se dão mais nos dogmas do que na regra de conduta, já que a moral do Cristo é universal. Destarte, recomendamos a leitura complementar a esta obra de nosso artigo: [Há diferença entre Cristianismo e Espiritismo?](#) Esta é uma pergunta que os prezados leitores poderão responder, após conhecerem nossa tese que não há! Vamos ao desfecho deste capítulo.

Do exposto neste capítulo, o Inferno está justificado, Deus não é desonrado por isto, Jesus é exaltado, e os kardecistas que se cuidem. A nossa mente finita, muito aquém da de Deus, não consegue entender a coexistência do inegável e demonstrado amor de Deus, com a pena eterna, mas Deus nos deu prova cabal de que os dois (o amor de Deus e o Inferno) existem. O sacrifício de Cristo para nos salvar do Inferno prova duas coisas ao mesmo tempo: Deus é amor e o Inferno existe.

Mediante tudo que aqui expusemos, entendemos que não há base conceitual de se defender o atributo de Deus sendo soberanamente justo e bom, se em contrapartida há um

local de tormento eterno, que medirá forças com a divindade por toda a eternidade, o mal ali existente, dentro de tudo o que já expusemos. O amor de Deus prova na capacidade de tudo o que ele criou estar destinado a plenitude da felicidade e desfrute do amor por ele incondicionalmente atribuído na vida do Cristo, em nos dar o caminho ao qual temos que percorrer, sendo que uns chegarão mais rapidamente do que outros, mas que todos nós alcançaremos um dia. Para complementar a tudo o que dissemos aqui neste capítulo, recomendamos aos leitores mais uma leitura complementar, o nosso artigo em resposta ao CACP intitulado de: [O Inferno existe?](#) Esta é mais uma pergunta que vocês chegarão a conclusão que mais um mito cai por terra! Vamos aos pontos conclusivos do pastor e nossas últimas considerações deste capítulo.

E não venham com essa de que “a morte de Cristo não foi expiatória, mas apenas um exemplo de amor, cujo objetivo era despertar na humanidade um maior interesse à prática do bem, acelerando deste modo o nosso processo evolutivo em direção à perfeição”, porquanto essa doutrina é estranha ao Cristianismo, do qual vocês se dizem adeptos; sendo, portanto, oriunda, ou da cabeça de Allan Kardec, ou dos demônios que consigo se comunicavam, ou de ambos. E ambas as fontes são espúrias.

A Bíblia é confiável em matéria de fé, e se não, pergunto: Por que vocês não param então de citar referências bíblicas (textos isolados que vocês julgam apoiá-los) em abono às suas doutrinas? Se a Bíblia é confiável, parem de pregar essa salvação barata que pode ser comprada com boas obras e sofrimentos, e proclamem a eficácia do sangue de Jesus (1 Jo. 1:7); se não, queiram, por favor, abandoná-la. Fazendo isso, o Kardecismo será menos incoerente e não levará para o inferno pessoas bondosas, sinceras e inteligentes que, não

obstante, por essa seita se deixam levar. Os milhões de kardecistas espalhados pelo mundo afora, constituem prova de quão sutil é o kardecismo. Ele é diabólico, mas muito parecido com Satanás, aparenta-se com algo bom ou inofensivo, ou seja, ele é a cara do pai.

Buscamos na codificação esta citação do pastor e não a encontramos, mas seu conceito está coadunando com a filosofia espírita que prega justamente isso, o exemplo de Jesus na cruz é exatamente o perdão aos algozes que é a única maneira de cessar a violência e calar os canhões das guerras infundáveis. De outra maneira, a morte do Cristo como sacrifício vicário não encerrou as perseguições dos primeiros cristãos, não retirou dos judeus o jugo de Roma e por fim, perduraram as guerras e as iniquidades que só serão terminadas quando cada um de nós entronizar a mensagem do Evangelho, estampada nos nossos atos na sociedade.

Nos deparamos com a citação do pastor que nós espíritas isolamos versículos das Escrituras para dar credibilidade às teses Espíritas e o que demonstramos até o momento, foi justamente o oposto, o pastor se utilizando deste expediente para validar seus dogmas, vindo a realizar esta atitude para tentar refutar o Espiritismo, isolando não somente versículos bíblicos, mas também as frases de Kardec, ou até mesmo de mensagens dos espíritos, com a finalidade de deturpar a Doutrina Espírita. Creio que os leitores estão observando nossas respostas e constatando a mesma evidência que estamos destacando ao longo desta obra.

Para não deixarmos de evidenciar, o pastor mais uma

vez se utiliza de versículos isolados e neste caso sobre (1Jo 1,7) que está dentro do contexto de (1Jo 1,5-7) que não é bem assim, acerca da teologia do sangue de Jesus. Vamos recorrer novamente a **Bíblia de Jerusalém** e examinar o contexto. Vejamos:

I. Caminhar na Luz

1Jo 1,5-7: Esta é a mensagem que ouvimos dele e vos anunciamos: Deus é Luz e nele não há treva alguma. Se dissermos que estamos em comunhão com ele e andamos nas trevas; mentimos e não praticamos a verdade. **Mas se caminhamos na luz como ele está na luz, estamos em comunhão uns com os outros** ^d, e o sangue de Jesus, seu Filho, nos purifica de todo pecado.

d) A união a Deus (1,3+), que é Luz (1,5) e Amor (4.8.16) se reconhece pela fé **e pelo amor fraterno** (2,10-11; 3,10.17.23; 4,8.16) (Bíblia de Jerusalém. 2002, p. 2124) (grifo nosso)

Como fomos acusados, no parágrafo anterior, a esta citação que por incrível que pareça, o pastor isolou a parte final, omitindo todo o contexto ao qual ela se refere e que destacamos que é preciso caminarmos na luz para, estamos em comunhão uns com os outros, através do amor fraterno, e aí que numa forma poética, somos purificados pelo sangue de Jesus. Esta é a condição, ao qual já nos expressamos anteriormente e o texto na íntegra reforça nossa tese de que é preciso praticar as boas obras para entrarmos em comunhão uns com os outros e caminarmos na luz verdadeira da prática do Evangelho que nos redime.

Diante de tudo que já expusemos, se somos pessoas

que praticam as boas ações para com o nosso próximo, estamos na luz e caminhamos seguramente com o Cristo no objetivo da regeneração da humanidade, independente da crença ao qual abraçamos, pois será dado **“a cada um segundo as suas obras”** (Mt 16,27) e reforçamos esta tese em tudo que apresentamos neste capítulo, refutamos a existência do inferno e suas penas irremissíveis, orientamos a pesquisa em artigos complementares a este tema e concluímos com mais um artigo para pesquisa que é: [Reencarnação ou Penas Eternas?](#) Também de nossa autoria em resposta a uma lista de discussão protestante. Deixemos assim, o inferno eterno como um mito e as penas eternas varridas de seu conceito primordial em se comprazer com tormentos igualmente eternos. Partiremos agora ao próximo capítulo.

CAPÍTULO VI - RESPONDENDO ÀS PERGUNTAS KARDEQUIANAS

Neste capítulo, o pastor vai se valer do capítulo IV da obra *O Livro dos Médiuns* que trata objetivamente por Kardec dos sistemas, tal qual o exame dos diferentes modos por que o Espiritismo é encarado. Assim inicia o pastor:

Tentando provar que nós, os que dizemos que os espíritos que se manifestam nos centros espíritas são, sem exceção, demônios, Allan Kardec escreveu em “O livro dos Médiuns”, primeira parte, capítulo 4, número 46, nove perguntas, que ele julgava contundentes. Abaixo transcrevo as ditas interrogações e as respondo respectivamente.

Numa tentativa de enquadrar as comunicações nos centros espíritas como demoníacas, o pastor se ajusta ao sistema de afirmação: pessimista, diabólico ou demoníaco que justamente como ele bem disse, se encontra no desenvolvimento do item 46 que precisaremos situar os leitores na introdução deste item para contextualizar o pensamento de Kardec, dentro da obra citada ***O Livro dos Médiuns***. Vejamos:

46. Sistema pessimista, diabólico ou demoníaco. – Entramos aqui numa outra ordem de ideias. Comprovada a intervenção de uma inteligência estranha, tratava-se de saber de que natureza era essa inteligência.

Sem dúvida que o meio mais simples consistia em lhe perguntar isso. Algumas pessoas, contudo, entenderam que esse processo não oferecia garantias bastantes e assentaram ver em todas as manifestações, unicamente, uma obra diabólica. **Segundo essas pessoas, só o diabo ou os demônios podem comunicar-se. Conquanto fraco eco encontre hoje este sistema, é inegável que gozou, por algum tempo, de certo crédito, devido mesmo ao caráter dos que tentaram fazer que ele prevalecesse.** Faremos, entretanto, notar que os partidários do sistema demoníaco não devem ser classificados entre os adversários do Espiritismo: ao contrário. Sejam demônios ou anjos, os seres que se comunicam são sempre seres incorpóreos. Ora, admitir a manifestação dos demônios é admitir a possibilidade da comunicação do mundo visível com o Mundo Invisível, ou, pelo menos, com uma parte deste último.

Compreende-se que a crença na comunicação exclusiva dos demônios, por muito irracional que seja, não houvesse parecido impossível, quando se consideravam os Espíritos como seres criados fora da Humanidade.

Mas, desde que se sabe que os Espíritos são simplesmente as almas dos que hão vivido, ela perdeu todo o seu prestígio e, pode-se dizer, toda a verossimilhança, porquanto, admitida, o que se seguiria é que todas essas almas eram demônios, embora fossem as de um pai, de um filho ou de um amigo, e que nós mesmos, morrendo, nos tornaríamos demônios, doutrina pouco lisonjeira e nada consoladora para muita gente. **Bem difícil será persuadir uma mãe de que o filho querido, que ela perdeu e que lhe vem dar, depois da morte, provas de sua afeição e de sua identidade, é um suposto satanás.** Sem dúvida, entre os Espíritos, há os muito maus e que não valem mais do que os chamados *demônios*, por uma razão bem simples: a de que há homens muito maus que, pelo fato de morrerem, não se tornam bons.

A questão está em saber se só eles podem comunicar-se conosco. Aos que assim pensem, dirigimos as seguintes perguntas: (KARDEC, A. 2019, p.53-54) (grifo nosso)

Mediante o enquadramento do pastor neste sistema

afirmativo de manifestação dos seres incorpóreos, ao meio físico o confirma a sua possibilidade, mas numa ótica pessimista, diabólica ou demoníaca, como bem destacamos o que Kardec refletiu que este sistema não é opositor ao fenômeno, mas detém um caráter negativo e já em desuso, já que inúmeros cientistas espíritas e não espíritas se debruçam nestes fenômenos em estudá-lo a sério. Como podemos observar, o pastor respondeu aos nove pontos levantados por Kardec e vamos as suas respostas, intercalando como nossos comentários. Vejamos:

Primeira Pergunta: “Há ou não espíritos bons ou maus?”.

Resposta: Há.

De antemão o pastor já assume que há Espíritos bons e maus. Será importante destacarmos esta sua resposta, pois recorreremos a ela no desenvolvimento deste capítulo. Passemos a segunda pergunta:

Segunda Pergunta: “Deus é ou não mais poderoso do que os maus espíritos, ou do que os demônios, se assim lhes quiserdes chamar?”

Resposta: É.

Já discutimos este pensamento do pastor no entendimento dos conceitos de que os demônios são seres voltados ao mal eternamente e que coloca o mal como criação de Deus e esta força do universo em eterna oposição ao Criador. Salientamos que crer nesta possibilidade, dentro deste

sistema pessimista, colocaria o objetivo da criação numa dualidade de resultado, enquanto argumentamos, em consonância à codificação, que o objetivo da Criação é a perfeição e a plenitude! Passemos a terceira pergunta:

Terceira Pergunta: “Afirmar que só os maus se comunicam é dizer que os bons não o podem fazer. Sendo assim, uma de duas: ou isso se dá pela vontade, ou contra a vontade de Deus. Se contra a sua vontade, é que os maus espíritos podem mais do que Ele; se por vontade sua, por que, em sua bondade, não permitiria Ele que os bons fizessem o mesmo, para contrabalançar a influência dos outros?”

Resposta: Nós, os evangélicos, não pregamos que só os maus espíritos se comunicam, pois cremos que os anjos e o Espírito Santo contatam os servos de Deus (Êx 3.2; Dn 9. 21 e 22; Lc 1. 13, 26-28; At 8. 26; 13. 2; Jo 16. 13, etc.). Em se tratando, porém, dos espíritos dos mortos, nem os maus e nem os bons se comunicam, mas sim, os demônios, que personalizam os falecidos, para enganarem os incautos (Lc 16. 27-31).

Na primeira parte da resposta do pastor, já temos a afirmativa que os bons espíritos se comunicam, mas segundo ele, se tratam dos anjos e do espírito santo, que dentro da conceituação da obra que ele criticou da codificação espírita, a saber *O Céu e o Inferno*, coloca como os anjos nada mais que espíritos dos homens que já viveram sobre a terra, ou mesmo em outros planetas, uma vez que atingiram um grau elevado de progresso, velando, desta forma, pelos encarnados e sendo ministros da vontade do Pai. Entendemos que este conceito está dentro da nossa abordagem já realizada acerca da manifestação de pessoas mortas, dentro do contexto de (At 12,15) quando Pedro, ao escapar da prisão, retorna a sua casa

e os que ali estavam, imaginaram ser seu “anjo” que em nosso entendimento, trata-se do espírito de Pedro que poderia estar ali se manifestando, já que os seus acreditavam que Pedro estivesse morto naquela ocasião.

Um outro evento que corrobora nossa assertiva e que o pastor ignorou, foi a visão que Paulo teve de um espírito de um macedônio pedindo-lhe que passasse a Macedônia e ajudassem-nos (At 16,9). Este fenômeno de materialização e comunicabilidade dos que viveram sobre a terra era bastante comum entre os primeiros Cristãos, pois como percebemos ainda, existem os fenômenos de materialização de espíritos aos encarnados como citou o pastor. (Êx 3,2; Dn 9,21-22; Lc 1,13,26-28; At 8,26; 13,2; Jo 16,13, etc.). Entretanto, entendemos que não devemos crer em todos eles como nos recomenda o apóstolo João, **“Amados, não creiais a todo o espírito, mas provai se os espíritos são de Deus, porque já muitos falsos profetas se têm levantado no mundo”**. (1Jo 4,1).

Não podemos nos furtar das evidências do Tanah na manifestação dos espíritos, tal qual encontramos o episódio da comunicação do espírito do profeta Samuel com o rei Saul através da pitonisa de En-Dor que aprofundaremos no capítulo específico a tratar deste fenômeno, registrado em (1Sm 28).

Temos que ainda observar que Jesus se comunicou com os espíritos de Moisés e Elias no monte Tabor, na presença de Pedro, Tiago e João (Mt 17,1-9; Mc 9,2-8; Lc 9,28-36), estabelecendo assim, o contato entre encarnados e desencarnados, corroborando nossa tese inicial e que estamos

esclarecendo ao pastor e seus leitores. Contudo, o pastor advoga que é impossível os espíritos dos mortos se manifestarem, mas diante das evidências apresentadas, a parábola do rico e Lázaro (Lc 16, 27-31) por ele citada ao fim, não impossibilita tal comunicação em seu contexto, citando apenas a impossibilidade de transição entre as zonas inferiores e superiores, representadas no Hades desta passagem, e também mediante os inúmeros fatos por ele ignorados. Passemos ao ponto seguinte:

As manifestações do Espírito Santo e dos anjos, se dão sob a vontade absoluta de Deus, e as manifestações dos demônios disfarçados em espíritos dos mortos, ocorrem sob a vontade permissiva de Deus, pois Ele deu ao homem o livre arbítrio.

Os anjos não são os espíritos dos mortos, porquanto Deus não é nenhum incoerente para proibir aos seus servos de se comunicarem com os mortos (Dt 18.9 a 14) e ao mesmo tempo permitir que eles (os mortos) se comuniquem com Moisés, Zacarias, Maria mãe de Jesus, Daniel, etc.

Os demônios não podem mais do que Deus, mas Ele permite, por causa do livre arbítrio que nos deu, que desobedeçamos às Suas Leis (as quais com clareza proibem que invoquemos, invoquemos e consultemos os mortos), oportunidade esta que os demônios não lançaram fora, mas aproveitaram-na para ludibriarem aqueles que se puseram sob a maldição divina por transgredirem a Lei de Deus, exarada na Sua Palavra (Dt. 18. 9 a 14; Ap 21.8;22.15)

Como já bem evidenciamos no parágrafo anterior, identificamos diversos eventos que não eram demônios que se manifestavam no Tanah e no Novo Testamento (1Sm 28; Mt 17,1-9; Mc 9,2-8; Lc 9,28-36; At 12,15; 16,9) e que nos parece que o pastor ignorou tais ocorrências. Com isso, agora

entramos na proibição da consulta aos mortos e que o pastor advogou que os anjos não são espíritos dos mortos, mas não citou e nem mesmo objetou quando os espíritos que se manifestam são de pessoas que já viveram na terra. Contudo, será preciso contextualizar a definição dos anjos, segundo a Doutrina Espírita, contida na obra **O Céu e o Inferno**, primeira parte, capítulo VIII. Vejamos:

Os anjos segundo o Espiritismo

12. Que haja seres dotados de todas as qualidades atribuídas aos anjos, não restam dúvidas. A revelação espírita neste ponto confirma a crença de todos os povos, fazendo-nos conhecer ao mesmo tempo a origem e natureza de tais seres.

As almas ou Espíritos são criados simples e ignorantes, isto é, sem conhecimentos nem consciência do bem e do mal, porém, aptos para adquirir o que lhes falta. O trabalho é o meio de aquisição, e o fim — que é a perfeição — é para todos o mesmo. Conseguem-no mais ou menos prontamente em virtude do livre-arbítrio e na razão direta dos seus esforços; todos têm os mesmos degraus a franquear, o mesmo trabalho a concluir. Deus não aquinhoa melhor a uns do que a outros, porquanto é justo, e, visto serem todos seus filhos, não tem predileções. Ele lhes diz: *Eis a lei que deve constituir a vossa norma de conduta; ela só pode levar-vos ao fim; tudo que lhe for conforme é o bem; tudo que lhe for contrário é o mal. Tendes inteira liberdade de observar ou infringir esta lei, e assim sereis os árbitros da vossa própria sorte.* Consequentemente, Deus não criou o mal; todas as suas leis são para o bem, e foi o homem que criou esse mal, divorciando-se dessas leis; se ele as observasse escrupulosamente, jamais se desviaria do bom caminho.

13. Entretanto, a alma, qual criança, é inexperiente nas primeiras fases da existência, e daí o ser falível. Não lhe dá Deus essa experiência, mas dá-lhe meios de adquiri-la. Assim, um passo em falso na senda do mal é um atraso para a alma, que, sofrendo-lhe as consequências, aprende à sua

custa o que importa evitar.

Deste modo, pouco a pouco, se desenvolve, aperfeiçoa e adianta na hierarquia espiritual até o estado de *puro Espírito* ou *anjo*. Os anjos são, pois, as almas dos homens chegados ao grau de perfeição que a criatura comporta, fruindo em sua plenitude a prometida felicidade.

Antes, porém, de atingir o grau supremo, gozam de felicidade relativa ao seu adiantamento, felicidade que consiste, não na ociosidade, mas nas funções que a Deus apraz confiar-lhes, e por cujo desempenho se sentem ditosas, tendo ainda nele um meio de progresso. (Vede Primeira Parte, cap. III, *O céu*.)

14. A humanidade não se limita à Terra: habita inúmeros mundos, que no Espaço circulam, já habitou os desaparecidos, e habitará os que se formarem. Tendo-a criado de toda a eternidade, Deus jamais cessa de criá-la. Muito antes que a Terra existisse e por mais remota que a suponhamos, outros mundos havia, nos quais Espíritos encarnados percorreram as mesmas fases que ora percorrem os de mais recente formação, atingindo seu fim antes mesmo que havéramos saído das mãos do Criador.

De toda a eternidade têm havido, pois, puros Espíritos ou anjos, mas, como a sua existência humana se passou num infinito passado, eis que os supomos como se tivessem sido sempre anjos de todos os tempos.

15. Realiza-se assim a grande lei de unidade da Criação; Deus nunca esteve inativo e sempre teve puros Espíritos, experimentados e esclarecidos, para transmissão de suas ordens e direção do universo, desde o governo dos mundos até os mais ínfimos detalhes. Tampouco teve Deus necessidade de criar seres privilegiados, isentos de obrigações; todos, antigos e novos, adquiriram suas posições na luta e por mérito próprio; todos, enfim, são filhos de suas obras.

E, desse modo, completa-se com igualdade a soberana Justiça do Criador. (KARDEC. A. 2019, p. 101-102) (grifo nosso)

Curiosamente o pastor passou batido nesta definição

espírita de anjos, na obra que ele vem criticando, mas que sabemos que encontraria certa dificuldade em refutar a tese de Kardec. Destacamos o trecho acima com o viés de que necessitamos dilatar nossa compreensão da escala evolutiva alcançada pelos puros espíritos, tal qual a grandiosidade da criação e amplidão das vidas sucessivas se darem em diversos planetas, dispostos no universo, em diversas escalas de gradação, outorgando, assim, a perfeição de certos espíritos desde a eternidade, ao qual nos parece, em uma visão limitada, que estes espíritos já tenham sido criados perfeitos, tal qual pensa o pastor.

O pastor entrou na proibição de Moisés em se consultar os mortos, registrado em (Dt 18,9-14), mas segundo ele, não são mortos que se manifestam, mas demônios. Ou seja, Moisés não identificou que é somente os demônios que se manifestam, senão ele teria sido direto em proibir a consulta aos demônios e não aos mortos. Como Moisés proibiria algo que não acontece? Este conceito está unicamente no pensamento do pastor e não no texto que ele levantou como evidência, onde até contrapomos o evento da Transfiguração de Jesus que curiosamente, um dos personagens que ali aparece é o espírito de Moisés. Seria estranho Jesus infligir um mandamento divino, se ele mesmo consultou os espíritos de Moisés e Elias na presença de Pedro, João e Tiago no monte Tabor (Mt 17,1-9; Mc 9,2-8; Lc 9,28-36). Para tanto, temos dois artigos a recomendar como leitura complementar a esta obra que são: [Na transfiguração, Elias e Moisés falaram realmente com Jesus?](#) E [A Comunicação com os mortos na Bíblia](#) de nossa

autoria. Passemos a conclusão desta análise da terceira resposta do pastor à pergunta de Kardec.

O próprio Allan Kardec ensinou que as más ações atraem os maus espíritos, e as boas, os bons. Pois bem, é isto que está acontecendo. A má ação da transgressão da lei de Deus, atrai os demônios, os quais com muita habilidade imitam os falecidos.

Para contrabalançar a influência dos maus espíritos (o diabo e os demônios), temos, não a influência dos “bons espíritos dos mortos”, mas a influência da Bíblia (Malaquias 3.16), do Espírito Santo (Jo 16.13, etc.) e dos anjos (Hb 1.14). Estes (o Espírito Santo e os anjos) nunca se manifestam identificando-se como espíritos dos mortos, pois não o são.

Partindo deste axioma, se uma má ação de consultar aos mortos atrai os demônios, como diz o pastor, como explicar que Jesus na transfiguração atraiu os espíritos de Moisés e Elias? Seria algo ilógico dentro deste pensamento do pastor. Entretanto, temos a resposta, que é objetivamente a forma de como ocorrem as evocações, tal qual diferenciamos o conceito de necromancia que está proibida em (Dt 18,9-14) e de uma evocação séria, tal qual Jesus se utilizou e que as casas espíritas federadas praticam. No artigo que indicamos entramos neste detalhe que não abordaremos aqui, a fim de não deixar esta obra um tanto longa.

Houve a defesa do pastor de que não são os espíritos dos mortos que se manifestam na Bíblia (Hb 1,14; Ml 3,16; Jo 16,13), mas identificamos diversos casos em que eles contataram os discípulos e reis de Israel (1Sm 28; Mt 17,1-9; Mc 9,2-8; Lc 9,28-36; At 12,15; 16,9). Entendemos que a

pergunta de Kardec ainda se encontra sem resposta e que a tentativa do pastor em responder, ignorando importantes conceitos, provou isso. Passemos a análise da resposta do pastor à quarta pergunta.

Quarta Pergunta: “Que provas podeis apresentar da impossibilidade em que estão os bons espíritos de se comunicarem?”.

Resposta: Nenhuma, pois como já vimos, os bons espíritos (o Espírito Santo e os anjos) estão a serviço dos servos do Senhor e conosco se comunicam constantemente; mas, os espíritos dos mortos, nem os bons e nem os maus têm acesso a nós, e esta é a razão porque Deus nos proibiu consultá-los.

Se os mortos tivessem acesso a nós, Deus não nos proibiria consultá-los, pois não haveria nisso nenhuma maldade; pelo contrário, consultar os mortos seria até muito confortante. Deus não é nenhum idiota e, portanto, jamais nos proibira de consultar os mortos se isto fosse possível. O fato de Deus nos ter proibido consultar os mortos, nos prova que eles não têm acesso a nós. Os mortos salvos estão no paraíso e os perdidos no inferno, e não zanzando por aí (Lc 16. 19-31; 23. 42-43; 2 Co 12. 2-4 ; Ap 6. 9-11, etc).

Pelo teor da resposta do pastor que não tem prova nenhuma em que é inexistente a impossibilidade dos bons espíritos em se comunicarem. Para tanto, ele advoga novamente a proibição de Moisés (Dt 18,9-14) como que Deus proibiu algo que não acontece. Realmente ele acredita que este argumento resiste a lógica de seus pressupostos, mediante tudo o que apresentamos (1Sm 28; Mt 17,1-9; Mc 9,2-8; Lc 9,28-36; At 12,15; 16,9). As manifestações ocorriam normalmente, senão o fosse, o apóstolo João não recomendaria

a experimentar todos os espíritos (1Jo 1,4). Seria algo completamente sem lógica experimentar os espíritos se são bons e ruins, se eles não se manifestavam à época intertestamentária.

O pastor está insistindo que os mortos não se manifestam e que Deus proibiu a evocação deles por não ser possível. Já deixamos a pergunta e frisamos: Poderia Deus proibir algo que não ocorre? Logicamente que não e dessa forma, traremos mais um trecho de nosso artigo **A comunicação com os mortos na Bíblia**. Vejamos:

3. A diferença entre a comunicabilidade com os “mortos” e a necromancia

Neste intento, **Severino Celestino**, em sua obra *“Analisando as Traduções Bíblicas”* discorre muito bem sobre esta questão, situando as gritantes diferenças do objetivo no trato com os mortos, entre os povos primitivos, no caso em questão, os Egípcios e os espíritas de hoje. Assim ele arremata:

*“Quem conhece o Espiritismo sabe muito bem que **os espíritas não vão a cemitério debruçarem-se sobre túmulos**, nem ali dormir, para dialogar com os espíritos e **este era o costume daquela época**, por isso, proibido por Moisés. Além disto, **os Espíritas não exigem a presença dos ‘mortos’ nem evocam os espíritos superiores para deles obterem revelações ilícitas, nem delas tirarem benefícios pessoais**, mas esperam as suas*

manifestações espontâneas, para delas receberem sábios conselhos e proporcionarem alívio àqueles que sofrem. Se os Hebreus utilizassem a comunicação dos mortos do mesmo modo e seriedade com que os Espíritos o fazem hoje, certamente Moisés não os teria proibido de nada. Pelo contrário, tê-los-ia estimulado. Veja Números 11:26 a 30” (SILVA, 2012, p. 94, grifos nossos)

Ao qual abordamos outrora, alhures para dar continuidade se era uma proibição de Deus e não de Moisés, é porque elas ocorriam rotineiramente e se elas ocorriam era porque Deus as permitia, com já dizia nosso irmão Chico Xavier de que o telefone só toca do lado de cá, portanto se era uma proibição de Deus, haveria de ter sido anunciada no Decálogo, ou até mesmo uma impossibilidade desta comunicação do plano Espiritual para o Físico, fato este que não ocorreu e não existe esta hipótese da impossibilidade de se comunicar com o plano espiritual. O que ocorre é que podemos provar todos os espíritos, a fim de que possamos verificar se realmente são ou não vindos da parte de Deus. (FERRARI. T. T. 2014. P. 6-7)

Fim da citação

Dessa maneira, identificamos a maneira como as evocações ocorriam na época da proibição de Moisés, segregando a consulta de forma séria e a prática da necromancia que não coadunamos. E encerrando a assertiva de que os mortos ou estão no inferno, ou estão no céu,

advogou o pastor suas referências (Lc 16,19-31; 23,42-43; 2Co 12,2-4; Ap 6,9-11, etc) que em nada impedem da manifestação dos espíritos no mundo físico. Diante disso, vamos recorrer novamente a mais um trecho de nosso artigo **A comunicação com os mortos na Bíblia**. Vejamos:

3. Tobias 5 e a manifestação factual de um espírito que já foi encarnado

Este é um dos relatos mais evidentes de que os anjos, nada mais são os espíritos que já passaram pelo orbe terrestre, porém, que já atingiram um certo grau de evolução e assim podem assistir os demais. Com efeito, cito o seguinte relato:

*Apenas saíra, Tobias encontrou um jovem de belo aspecto, equipado como para uma viagem. **Sem saber que se tratava de um anjo de Deus**, ele o saudou e disse-lhe: De onde és tu, ó bom jovem? **Ele respondeu: Sou israelita.** Tobias perguntou-lhe: Conheces porventura o caminho para a Média? Oh, muito!, respondeu ele. Tenho percorrido freqüentemente esse caminho. Hospedei-me em casa de Gabael, nosso compatriota que habita em Ragés, na Média, cidade que está situada na montanha de Ecbátana. **(Tb 5:5-8)***

Tobias parte em viagem a fim de encontrar Gabael, conforme as orientações de seu pai que até pudesse encontrar alguém pelo caminho para o guiar até o seu destino, já que não sabia o caminho a tomar. Todavia, quando Tobias encontra um jovem ao seu turno, não sabia ele

que se tratava de um anjo de Deus. A resposta do anjo nos deixa ainda mais certo de que este espírito, já desencarnado, era de nacionalidade **israelita**, ou seja, já viveu como tal, assim como conhecia o caminho da Média, havia percorrido este caminho frequentemente, hospedando-se à casa de Gabael, o destino de Tobias. Com efeito, pediu-lhe Tobias que o aguardasse, pois ele viria a dar a notícia ao seu pai de que encontrara alguém com quem ir ao eu destino. Com isso, prossegue o relato em seu desfecho.

*Então o anjo disse-lhe: Eu o levarei até lá e to reconduzirei. **Tobias então perguntou-lhe: Rogo-te que me digas de que família e de que tribo és tu? O anjo respondeu: Que é que procuras: a raça do servo, ou o próprio servo para acompanhar teu filho? Mas, para tranquilizar-te: eu sou Azarias, filho do grande Ananias. És de família distinta, respondeu Tobias. Rogo-te que não me queiras mal por ter querido conhecer tua origem. O anjo então disse: Conduzirei o teu filho são e salvo, e to trarei de novo são e salvo. (Tb 5:15-20)***

Após este desfecho do diálogo entre Tobias e o espírito Azarias, temos a certeza de que mesmo sem saber que era um espírito, vemos que este tinha uma família e, portanto uma vida em que esteve encarnado, com o indubitável relato de sua materialização e diálogo com Tobias, acertando a tal viagem e testificando que a comunicação embasada com fins sérios, como este acima é louvável e inteiramente permissível. Que os demais leitores possam tirar

as suas próprias conclusões. (FERRARI; T. T. 2014, p. 11-12)

Fim da citação

Como podemos observar, tanto o Tanah, quanto o Novo Testamento está repleto de aparições de espíritos e de sua possibilidade de se comunicarem e neste exemplo, como em Tobias 5, se tratava de um bom espírito. Passemos, porquanto ao fim do raciocínio do pastor sobre sua resposta ao quarto questionamento de Kardec.

Certo dia, enquanto argumentava baseado em Dt. 18. 9-14 que os mortos não se comunicam conosco, disse-me um amigo: “Eu creio que é possível comunicarmos com os mortos, e que Deus nos proibiu fazê-lo para nos livrar duma possível farsa demoníaca, porquanto os demônios bem podem imitar ao falecido com quem desejaríamos falar”. Eu disse-lhe que respeito muito a sua opinião, pois mais importante do que sabermos o porquê de Deus ter proibido a consulta aos mortos, é sabermos que Ele o proibiu e obedecermos esta Sua ordem. Todavia, me parece mais evidente que Deus nos proibiu consultar os mortos, não para nos livrar de um possível engano, mas sim, para nos livrar da inevitável farsa, pois os mortos não podem nos contatar. Se este não fosse o motivo, Deus nos proibiria comunicar com os anjos, pois o Diabo, à luz da Bíblia, pode imitar um anjo de luz (2 Co 11.14).

Iniciei minhas objeções à pergunta número quatro, mostrando que, em se tratando de comunicação com espíritos, somente os anjos (que não são espíritos dos mortos como querem os espíritas) e o Espírito Santo se comunicam conosco. Isto é muito óbvio, pois é de se esperar que um bom espírito, como o do apóstolo Paulo, de João Batista... jamais concordaria com a transgressão da Lei de Deus. Ora, se nós estamos proibidos de consultar os mortos, então os mortos estão proibidos de se comunicarem conosco, pois como Deus

poderia nos proibir de consultá-los e enviá-los para serem consultados por nós? Isso seria uma incoerência tão grande quanto aquelas que caracterizam o Kardecismo. Sim, os bons espíritos (refiro-me aos espíritos dos mortos) não se comunicam conosco porque se são bons, obedecem a Deus e ainda querem que façamos o mesmo, e, portanto, jamais nos incentivam à transgressão da Lei de Deus.

Chegamos a clássica passagem em que Paulo recomenda aos cristãos de Corinto que até mesmo satanás pode se transfigurar de anjo de Deus para nos enganar (2Co 11,14), onde o pastor lança mão desta passagem, isoladamente, para fundamentar sua tese que Deus proibiu algo que não acontece. Contudo, vamos novamente ao contexto de (2Co 11,1-33) na **Bíblia de Jerusalém**, e ver o que esta passagem está recomendando. Vejamos:

2Cor 11,14-15: E não é de estranhar! Pois o próprio Satanás se disfarça de anjo de luz. **Por conseguinte, não é surpreendente que os seus ministros também se disfarçam de servidores da justiça. Mas o fim destes corresponderá às suas obras.** (Bíblia de Jerusalém. 2002, p. 2028) (grifo nosso)

A parte que destacamos que está dentro do contexto, ao qual estamos analisando, sempre é suprimida pelos líderes religiosos que combatem o Espiritismo (v. 15), alegando que é Satanás que move as revelações dos espíritos, mas se esquecem que o contexto de Paulo é justamente uma exortação à Corinto, quando **Paulo, constrangido a fazer seu próprio elogio** devido a correntes religiosas apresentarem um outro Jesus e outro evangelho a esta

comunidade cristã (2Co 11,4) que é o objetivo do combate de Paulo, já que no verso posterior (v. 15) estes ministros do falso messias, disfarçados de servidores da justiça, que no fim serão correspondentes às suas obras, que certamente serão destoantes do que pregam. Desmistificado este ponto obscuro, demonstrando a impossibilidade deste verso isolado, em apresentar aos dias atuais uma insígnia de que os espíritas são ludibriados nas sessões mediúnicas, é realmente este adágio por aqueles que desconhecem tal prática dentro da Doutrina Espírita. Dessa forma, vamos à quarta pergunta respondida pelo pastor.

Quinta Pergunta: “Quando se vos opõe a sabedoria de certas comunicações, respondeis que o demônio usa de todas as máscaras para melhor seduzir. **Sabemos, com efeito, haver espíritos hipócritas, que dão à sua linguagem um verniz de sabedoria;** mas, admitimos que a ignorância pode falsificar o verdadeiro saber e uma natureza má imitar a verdadeira virtude, sem deixar vestígio que denuncie a fraude?” (Grifo nosso).

Resposta: O próprio Allan Kardec admite a existência de “espíritos hipócritas, os quais dão à sua linguagem um verniz de sabedoria”. Só nos resta sabermos agora que espíritos são esses. Allan Kardec e todos os kardecistas dizem que são espíritos **ainda** maus e/ou zombeteiros, os quais um dia sentirão a necessidade de se evoluírem e evoluirão, pois Deus, submetendo-os a várias encarnações neste e/ou noutros mundos, lhes proporcionará os meios para que evoluam até atingirem à perfeição moral e intelectual, quando então serão espíritos perfeitos. Dizem que Jesus Cristo, os espíritos que a Bíblia chama de anjos, e todos os espíritos perfeitos, passaram por esta evolução. Admitem a possibilidade de nem todos os espíritos hoje perfeitos, terem sido maus no passado, mas sustentam que todos os espíritos (inclusive Jesus) foram criados imperfeitos e que por seus

próprios esforços e méritos alcançaram a perfeição. A Bíblia, porém, nos apresenta um quadro diferente. À luz da Bíblia, os espíritos que Allan Kardec e discípulos chamam de “espíritos ainda não evoluídos”, são os irrecuperáveis demônios, os quais, inevitavelmente serão lançados no fogo eterno, donde não sairão nunca (Mt. 25: 41,46; Ap. 20: 10).

Percebemos na introdução desta resposta do pastor à quinta pergunta dirigida por Kardec, mais uma pérola, pois segundo o pastor, os espíritos que se utilizam de vultosos nomes nas seções mediúnicas e que não condizem com sua evolução, devido ao verniz de sabedoria ser apenas aparente, logo são descobertos e dessa maneira, Kardec os classifica como levianos, ou hipócritas que na concepção do pastor são os irrecuperáveis demônios e ele nos apresenta fontes que corroboram com sua tese, a saber primeiramente (Mt 25,41-46) que está dentro do contexto do **último julgamento** (Mt 25,31-46). Precisaremos recuar em dez versículos a citação isolada do pastor para entender o contexto ao qual se refere, como que os demônios são representados nesta passagem que testifica a **execução da parábola dos bodes e das ovelhas** que como critério de julgamento, serão pesadas as atitudes de caridade para com os necessitados, representados pelo Cristo como pequeninos. Dessa maneira, os injustos, representados como bodes, serão lançados num planeta ainda primitivo para retomarem sua jornada evolutiva com mais dificuldade e ainda responsáveis por adiantar intelectualmente a civilização nativa deste planeta a duras penas. Já os justos, representados pelas ovelhas, estes passarão a planetas ainda mais evoluídos e continuaram a senda do progresso, ou ainda permaneceram no

processo de pacificação da Terra que transitará a um planeta de provas e expiações para um planeta de regeneração. Esta passagem diz justamente isso e é o que observamos na codificação e obras complementares da Doutrina Espírita. Se apegar a ela como justificava de que há demônios condenados ao inferno eternamente, pela literalidade do trecho isolado, é permanecer num nível de interpretação primário que já destacamos na introdução desta obra.

Acerca de outro texto pinçado pelo pastor (Ap 20,10), precisaremos também citar todo o contexto contido em (Ap 20,7-10) que trata do **segundo combate escatológico** prefigurando figuras simbólicas, tal como *Gog e Magog* representam as nações gentílicas contra a igreja, a *cidade amada*, a nova Jerusalém, o *diabo* representando o mal reinante na terra, a *besta* que é o império romano e sua queda no século V e o *falso profeta* que é representado pelos falsos messias dos primórdios do Cristianismo. Permanecer em seu sentido literal, é como dissemos anteriormente, não representar o significado que o texto nos oferece.

Enfim, chegamos a falta de comprovação de que Jesus não galgou os degraus evolutivos ao qual ele se submeteu. Vamos, dessa maneira, extrair do texto, de nossa autoria, **Diálogo entre Jesus e Nicodemos**, a fim de perceber este importante detalhe desconhecido pelo pastor. Vejamos:

5. A jornada evolutiva de Jesus

Esta passagem é uma das mais complexas aos exegetas e opositores da reencarnação, em nos

trazer uma análise que tenha lógica dentro do contexto que se refere à reencarnação. Pois bem, vejamos:

Jo 3,13: **“Ora, ninguém subiu ao céu, senão o que de lá desceu, o Filho do Homem”**

Primeiro vejamos o que alguns opositores da reencarnação tentam harmonizar para fechar a questão do diálogo entre Jesus e Nicodemos. v.13 “Ora, ninguém subiu (αναβεβηκεν) ao céu, senão o que desceu (καταβας) do céu, o Filho do homem.”. “αναβεβηκεν” (anabebêken) é o perfeito de αναβαινω (anabainô=subir); esta forma verbal grega se caracteriza pela permanência do estado da ação ocorrida no passado; é uma espécie de aoristo com presente, ou seja, não simboliza processos evolutivos como se pretende atribuir a Cristo, foi uma ação completa ocorrida no passado e que permanece. Isso justifica alguns manuscritos trazerem ao final do verso a expressão: “que está no céu”. “Céu” aqui simboliza a glória celestial, da qual ele “desceu” (καταβας), katabas é o particípio aoristo de καταβαινω (katabainô=descer), e denota que Ele estava se esvaziando (sentido do particípio grego) por completo (sentido do aoristo grego), isto se harmoniza completamente com:

Fp. 2,6-7: “o qual, subsistindo em forma de Deus, não considerou o ser igual a Deus coisa a que se devia aferrar, mas esvaziou-se a si mesmo, tomando a forma de servo, tornando-se semelhante aos homens”.

Essa argumentação seria mais uma além do que nos oferece a exegese, mas sabemos que Jesus

chegou ao estado de puro espírito antes mesmo da formação de nosso orbe terrestre, mas não podemos nos furtar do esvaziar como a perda de sua grandeza espiritual.

Nesta passagem, sendo Jesus 'O Filho do Homem', este veio a dizer que “Ora, **ninguém subiu ao céu, senão o que de lá desceu, o Filho do Homem**”. Sendo o diálogo de Jesus e Nicodemos relacionado à reencarnação como uma lei natural, onde é compreensível de que nenhum encarnado na Terra chegou ao grau de espírito puro, senão Jesus que percorreu todos os estágios evolutivos (**subiu ao céu**) chegando ao grau de espírito puro antes da fundação do Planeta Terra e desceu a nossa compreensão (**de lá desceu**), para nos trazer, na época em que esteve em sua ditosa missão na Terra, o Evangelho da redenção e nos elucidar este processo de reencarnação da forma que a Doutrina Espírita (A Consoladora) nos esclarece mais judiciosamente, já que Ele não poderia se estender num assunto, diante de tantos outros, na época em que os “entendidos” ainda não estavam maduros para compreender, bem como, **Tenho ainda muito que vos dizer**, mas vós não o podeis suportar agora; (Jo 16:12). Cabe-nos ao menos o bom senso para aludirmos que Jesus falava de reencarnação com Nicodemos, como sendo uma lei natural a que todos nós estamos sujeitos para o nosso aperfeiçoamento e resgate das faltas (Jo 3:12).

Assim, uma interessante explicação para esta passagem que acabamos de elucidar, quanto a Jo 3:13, o sentido para muitos opositores da reencarnação é de que ninguém subiu ao céu para poder falar com autoridade a respeito das

“coisas celestiais”, segundo indica o contexto (v. 11). Só por revelação os homens podem discernir os segredos do céu, nunca especulando quanto a eles, como explica a *SDA Commentary*:

Subiu ao céu - Isto é, nenhum ser humano foi ao céu para conhecer as “coisas celestiais” (vers. 12). Só o Filho do homem, que desceu do céu, ali esteve e só ele pode revelá-las. Não se faz referência aqui à ascensão de Cristo ao céu depois da ressurreição.

A exegese apresentada a esta passagem, que diverge, inclusive da interpretação particular de alguns opositores da reencarnação, nos leva as seguintes (Pv 30:4; Jo 6:33,38; 51:62; 16:28; At 2:34; I Co 15:47 e Ef 4:9-10). Analisando a descida de Jesus às “regiões inferiores”, sendo ela após a sua ressurreição e não no momento antes do diálogo com Nicodemos, encontramos as seguintes evidências abaixo. Neste ponto, segue a análise da passagem de Ef 4:7-16, no que tange a questão da descida de Jesus às “regiões inferiores”, como santo mistério e o serviço dos santos, com destaque aos seguintes pontos:

a. Jesus desceu às regiões inferiores de fato, como um santo mistério, segundo Paulo, a fim de levar cativo o cativo e **até mesmo rebeldes**, ou seja, espíritos renitentes ainda no erro.

b. Jesus subiu os degraus evolutivos através das vidas sucessivas, **antes de sua encarnação** (Jo 3:13).

c. Jesus **desceu** à nossa compreensão. (Jo 3:13).

d. Jesus **foi elevado** no madeiro, bem como ascendido na escalada evolutiva (Jo 3:14; Hb

1:4).

e. Jesus desceu as regiões inferiores **após** a sua **ressurreição**.

f. Jesus desceu às regiões inferiores **antes** de sua **ascensão**.

g. Jesus **ascendeu** em espírito.

Analisemos a passagem:

Jo 3,14-15: E do modo por que **Moisés levantou a serpente no deserto**, assim importa que o filho do homem seja levantado, para que **todo o que nEle crê** tenha a vida eterna.

Esta passagem está referenciada na Torá, que Jesus cita (Nm 21:9), trazendo o entendimento de que Jesus iria ressurgir e ser levantado, ou seja, subiria ainda mais na escalada evolutiva, onde o seu exemplo de misericórdia no suplício do Gólgota seria como a cura, ou seja, a regeneração da humanidade e, por conseguinte, do planeta Terra governado pelo Mestre Jesus, assim como, Ele: *tendo-se tornado tão superior aos anjos quanto herdou mais excelente nome do que eles. (Hb 1:4)*. Diante de toda a explanação, citamos ainda: *para que **todo o que nEle crê** tenha a vida eterna. (Jo 3:15)*.

Finalizamos a análise afirmando que o diálogo de Jesus com Nicodemos é sobre a reencarnação e não do nascer de novo do batismo, em virtude do pensamento dos Judeus daquela época e a compreensão que eles tinham sobre o que hoje tem o nome de reencarnação, de que certamente o diálogo de Jesus e Nicodemos é sobre a reencarnação. É bom lembrar que o ritual de iniciação entre os judeus era a

circuncisão e não o batismo, bem como a Tevilá que era um ritual similar ao batismo de João, o Batista. Aliás, o único que batizava naquela época era João; entretanto, ele disse que viria alguém maior que ele que iria batizar com fogo, ou seja, o batismo da água não tem tanta sustentação nesta passagem como alegam.

Por outro lado. Jesus não houvera, em nenhum momento, falado de batismo em seu diálogo com Nicodemos. Diante disso, Ele não poderia deixar de citar o batismo para atestar e provar que o diálogo era relacionado a tal; tanto que Ele não o cita no fim do diálogo com Nicodemos, dizendo apenas que todo o que nEle crê (...). Se a passagem realmente fosse sobre o batismo, assim deveria ser o desfecho do diálogo: todo o que nEle crê e for batizado tenha a vida eterna. Dessa forma, fica claro que Jesus não falava de nascer 'do alto' e nem mesmo nascer 'de novo pelo batismo' com Nicodemos e sim da reencarnação. Acreditar ou não é de foro íntimo de cada um, mas *Quem tem ouvidos [para ouvir], ouça (Mt 11:15)*. (FERRARI. T. T. 2016, p 17-20)

Fim da citação

Percebemos que neste primeiro momento, o pastor não consegue responder a altura do questionamento de Kardec e se agarra a conceitos literais das Escrituras, não percebendo seu real significado e que nós fizemos a gentileza de lhe orientar e esclarecer aos seus leitões. Passemos a sua conclusão nesta sua quinta resposta. Vejamos:

A ignorância não pode falsificar o verdadeiro saber, mas lembremo-nos que de ignorante o Diabo não tem nada. Para nos enganar, o Diabo se finge de “um espírito atrasado”, para que pensemos que tais espíritos existem, e também se finge de “apóstolo Paulo; Anjo Gabriel; João Evangelista; João Batista; Maria, mãe de Jesus” e assim por diante, para que pensemos estar contatando um espírito da mais alta ordem. O Diabo está em condição de imitar quaisquer cientistas. Para se cientificar e certificar da autenticidade desta afirmação, basta lermos o livro intitulado “O Consolador”, fruto da “mediunidade”, do senhor Francisco Cândido Xavier, onde o Diabo, dizendo chamar-se “Emanuel”, fala como um verdadeiro cientista, respondendo com muita sabedoria, às perguntas sabiamente formuladas, acerca das seguintes ciências: Química, Física, Biologia, Psicologia, Sociologia e Filosofia.

Nesta mesma obra, não obstante não ter conseguido esconder o “rabo”, o Diabo, que se auto-intitulou “Emanuel”, entra na área religiosa e fala dos profetas, dos anjos, dos apóstolos, de Jesus Cristo, etc.

Uma natureza má pode imitar a verdadeira virtude, pois escreveu o seguinte, o apóstolo Paulo, em 2 Co 11. 14: “E não é de espantar, porque o mesmo Satanás se transforma em anjo de luz”.

Neste posicionamento do pastor, de classificar o espírito Emmanuel que por meio da psicografia de Chico Xavier que ditou a obra **O Consolador** em 1941, passando por diversos temas citados pelo pastor na primeira parte da obra, tal qual as ciências da química, física, biologia, psicologia, sociologia e filosofia que o pastor não refutou, mas disse que o espírito Emmanuel deixou “o rabo” a apresentar na segunda



parte da obra citada sobre o tema religião, em que o autor espiritual elenca os principais temas como vida (aprendizado, experiência, transição), sentimento (arte, afeição, dever), cultura (razão, intelectualismo, personalidade), iluminação (necessidade, trabalho, realização), evolução (dor, provação, virtude) e na terceira parte, Emmanuel conclui, a tratar da religião em específico ao Velho Testamento, Evangelho, Amor, Espiritismo e Mediunidade. Ficamos intrigados em saber onde se encontraria a contradição com os ensinamentos dos Evangelhos que o pastor dirigiu a esta obra e identificou em Emmanuel um demônio que pregou algo completamente destoante do que Jesus nos deixou, registrados nos Evangelhos. Fizemos questão de citar uma passagem que trata do Amor, contida no capítulo III da terceira parte desta obra, a tratar especificamente da fraternidade. Vejamos:

FRATERNIDADE

342 – A resposta de Jesus aos seus discípulos – “Quem é minha mãe e quem são os meus irmãos”, é um incitamento à edificação da fraternidade universal?

– Senhor referia-se à precariedade dos laços de sangue, estabelecendo a fórmula do amor, a qual não deve estar circunscrita ao ambiente particular, mas ligada ao ambiente universal, em cujas estradas deveremos observar e ajudar, fraternalmente, a todos os necessitados, desde os aparentemente mais felizes, aos mais desvalidos da sorte.

343 – Nas leis da fraternidade, como reconhecer na Terra, o Espírito em missão?

– Precisamos considerar que o Espírito em missão experimenta, igualmente; as suas provas no trabalho a realizar, com a diferença de permanecer menos acessível ao efeito dos sofrimentos humanos, pela condição de superioridade espiritual.

Podereis, todavia, identificar a missão da alma pelos atos e palavras, na exemplificação e no ensino da tarefa que foi chamada a cumprir, porque um emissário de amor deixa em todos os seus passos o luminoso selo do bem.

344 – O “amar ao próximo” deve ser levado até mesmo à sujeição, às ousadias e brutalidades das criaturas menos educadas na lição evangélica, sendo que o ofendido deve tolerá-lo humildemente, sem o direito de esclarecê-las, relativamente aos seus erros?

– O amor ao próximo inclui o esclarecimento fraterno, a todo tempo em que se faça útil e necessário. A sujeição passiva ao atrevimento ou à grosseria pode dilatar os processos da força e da agressividade; mas, ao receber as suas manifestações, saiba o crente pulverizá-las com o máximo de serenidade e bom senso, a fim de que sejam exterminadas em sua fonte de origem, sem possibilidades de renovação.

Esclarecer é também amar. (XAVIER. F. C. 2010, p. 118)

Como bem observamos na mensagem de resposta de Emmanuel, ao qual foi submetido, não identificamos um teor que seria contrário ao que Jesus pregou e em toda a obra criticada pelo pastor há inúmeras exortações à prática do amor, fraternidade e esclarecimento que ficamos com a pulga atrás da orelha, como poderia o diabo, disfarçado de um espírito pregar justamente o que ele é contrário, e que fizemos o destaque nestes pequenos trechos? Certamente o pastor terá que aprender mais sobre estes temas que está com a falta do esclarecimento necessário.

Como resumos a esta obra sob a forma de perguntas e respostas, Emmanuel faz, deste livro, um verdadeiro curso de ensinamentos espíritas, tratando de assuntos sempre solicitados pela inteligência e interesse dos que visualizam no

Espiritismo sua feição de Consolador prometido por Jesus. Em temáticas que se inscrevem no tríplice aspecto da Doutrina Espírita - ciência, filosofia, religião -, traz valiosas explicações sobre as ciências fundamentais, determinismo e livre-arbítrio, fatores sociais, educação sexual, mediunidade e outros de inquestionável valor doutrinário. Suas conceituações se revestem de sabedoria e trazem a chancela do bom senso e da autoridade moral do autor espiritual. Esperamos que o pastor nos indique onde está sendo pregado o ódio, a vingança, o ciúme, o orgulho e demais chagar da humanidade através desta obra ditada pelo espírito de Emmanuel.

Novamente o pastor dá uma pinçada na passagem de (2Co 11,14), mas ignora o verso posterior (v. 15) onde os ministros do falso messias, disfarçados de servidores da justiça, que no fim serão correspondentes às suas obras, que certamente serão destoantes do que pregam. Dessa forma, esclarecemos mais uma vez o pastor e seus leitores. Vamos a mais comentários do pastor. Vejamos:

Allan Kardec admite, como podemos ver através da 5ª pergunta, “que a ignorância pode imitar o verdadeiro saber e uma natureza má, imitar a verdadeira virtude”, mas nunca “sem deixar vestígio que denuncie a fraude”. Ora, o Diabo, quando demonstra a sua sabedoria, não pode deixar vestígio de ignorância, porquanto, à luz da Bíblia (Ez 28. 11-19), de ignorante ele não tem nada. Quanto à objeção de que “uma natureza má não pode imitar a verdadeira virtude sem deixar vestígio que denuncie a fraude” respondo que eu também penso assim. Mas quem disse que os espíritos que se manifestam nos centros espíritas, dizendo-se apóstolo Paulo; João, O Batista; O Espírito da verdade; João Evangelista; São Luiz..., não deixam vestígios de que são fraudulentos? Allan

Kardec não enxergou esses vestígios, mas eles existem. Ou pensam os espíritas que nós, os evangélicos, criticamos a tais espíritos gratuitamente? Não é assim. Afirmamos que tais espíritos são demônios, porque temos conseguido, com a ajuda de Deus, pela instrumentalidade da Bíblia, enxergar o “rabo” deles. Senão vejamos: Como podemos crer que Deus nos enviou o espírito do apóstolo Paulo, para o consultarmos, se Ele (Deus) mesmo proibiu a consulta aos mortos? Como podemos crer que esses espíritos são bons, se eles negam o perdão, dizendo que o perdão de Deus não significa o olvido dos pecados, mas apenas forças para que os reparemos, quando a Bíblia diz com clareza que os pecados daquele que se entregou ao Senhor Jesus estão esquecidos por Deus, por terem sido reparados pelo sacrifício substitutivo efetuado por Jesus, lá na cruz? (Mq. 7: 19; Hb. 10:17,18, etc). Porventura, estas contradições entre a Bíblia e tais espíritos não constituem fortes vestígios de que são demônios? Só não enxerga isto quem não quer enxergar. Tenho enxergado, ó kardecistas, os “pés de pato”, as “asas de morcego”, os “chifres”, as “caudas” e os “garfos” desses espíritos e eis a razão porque os denuncio.

Agora entramos no terreno que é a base do pastor, em acreditar na queda de satanás contida em mais um texto pinçado pelo pastor em (Ez 28,11-19). Ocorre que este contexto de (Ez 28,1-23) diz claramente sobre o tema: **Contra o rei de Tiro** e nada além disso. Acreditar na queda de satanás é forçar o texto em que ele não pode oferecer. Recorreremos agora a mais um artigo, de nossa autoria, que tem o título de: ***Quem realmente é Satanás e quem são os demônios?*** Vejamos:

Diante do exposto, percebemos que a serpente não tem nenhuma relação com a serpente e que o primeiro registro do surgimento de satanás está no livro de I Cr 21:1 e também em Jó em 538 a.C. que ele decorria de

influência do zoroastrismo, religião persa que foi assimilada por muitos os hebreus enquanto estiveram sob domínio persa, ao qual citamos a obra “*Analisando as Traduções Bíblicas*” do professor Severino Celestino.

Satanás

*Satanás é uma figura muito controvertida na Bíblia. A palavra ‘Satã’ significa acusador. Aparece, pela primeira vez no livro de Jó, sendo como um promotor celestial. A sua intimidade com Deus e o direito de entrar no “Céu”, de ir e vir livremente e dialogar com Ele, torna-o uma figura de muito destaque. Veja o livro de Jó 1:6 **“Um dia em que os filhos de Deus se apresentaram diante do Senhor, veio também Satanás entre eles”**.*

O livro de Jó foi escrito depois do Exílio Babilônico. Sabemos que o povo judeu, tendo retornado a Israel com a permissão de Ciro, rei persa, no ano de 538 a.C., assimilou muitos costumes dos persas. Isso ocorreu devido à simpatia e apoio que receberam do rei, que inclusive permitiu a construção do Segundo Templo judaico e ainda devolveu muitos de seus tesouros, que haviam sido roubados. A religião dos persas, o Zoroastrismo, influenciou sobremaneira o judaísmo.

*No Zoroastrismo, existe o Deus supremo **“Ahura-Mazda”** que sofre a oposição de uma outra força poderosa, conhecida como **“Angra Mainyu, ou Ahriman”**, **“o espírito mau”**. Desde o começo da existência, esses dois espíritos*

antagônicos têm-se combatido mutuamente. O Zoroastrismo foi uma das mais antigas religiões a ensinar o triunfo final do bem sobre o mal. No fim, haverá punição para os maus, e recompensa para os bons.

E foi do Zoroastrismo que os judeus aprenderam a crença em um **“Ahriman”**, um diabo pessoal, que, em hebraico, eles chamaram de **“Satanás”**. Por isso, o seu aparecimento na Bíblia só ocorre no livro de Jó e nos outros livros escritos após o exílio Babilônico, do ano de 538 a.C. para cá. Nestes livros, já aparece a influência do Zoroastrismo persa. Observe ainda que a tentação de Adão e Eva é feita pela serpente e não por Satanás, demonstrando assim, que o escritor do Gênesis não conhecia Satanás. Os sábios judaicos interpretando o Eclesiastes 10:11, afirmam (**Pirkei de Rabi Eliezer 13**), que na verdade, a cobra que seduziu Adão e Eva era o Anjo Samael que apareceu na terra sob forma de serpente. E que Ele é conhecido como o “dono da língua”. O Anjo Samael, que apareceu sob a forma de serpente, usou sua língua, e este poder pode ser usado somente para dominar o sábio. Ele não pode prevalecer sobre um ignorante.

Uma outra observação interessante é que o livro de Samuel foi escrito antes da influência persa no ano de 622 a.C. e, no II livro de Samuel em seu capítulo 24:1, você lê com relação ao Recenseamento de Israel o seguinte: **“A cólera de**

IAHVÉH se inflamou novamente contra Israel e excitou David contra eles, dizendo-lhe; Vai recensear Israel e Judá". Agora veja esta mesma passagem no I livro das Crônicas, que foi escrito no começo do ano 300 a.C., portanto, já sob a influência do Zoroastrismo persa com o já conhecimento de **"Ahriman", - "Satanás"**. No capítulo 21:1 desse livro, está escrito: Recenseamento: **"e levantou-se Satã contra Israel, e excitou David a fazer o recenseamento de Israel"**. Portanto, o que era **IAHVÉH** no livro de Samuel aparece agora no livro das Crônicas como **SATANÁS**. (Confira em sua Bíblia).

Assim, está evidenciado que Satanás não é um conceito original da Bíblia, e sim, introduzido nela, a partir do Zoroastrismo Persa. Passa a existir a partir daí, **"uma lenda"** entre o povo judeu de que Satanás é considerado como o rei dos demônios, que se rebelara contra Deus sendo expulso do céu. Ao exilar-se do céu, levou consigo uma hoste de anjos caídos, e tornou-se seu líder. A rebelião começou quando ele, Satanás, o maior dos anjos, com o dobro de asas, recusou prestar homenagem a Adão. Afirmam ainda que esteve por trás do pecado de Adão e Eva, no Jardim do Éden, 4 mantendo relação sexual com Eva, sendo portanto, pai de Caim. Ajudou Noé a embriagar-se com vinho e tentou persuadir Abraão a não obedecer a deus no episódio do sacrifício do seu filho

Isaac. Muitas pessoas acreditam no poder de Satanás e até o enaltecem em suas igrejas, razão pela qual, acharmos que seriam fechadas muitas igrejas se os seus dirigentes deixassem de acreditar em Satanás. (SILVA, 2001, p. 277-283) (grifo nosso).

Percebemos que o termo satã nada mais é do que adversário e podemos identificá-lo na passagem em que Jó é tentado, ou provado por ele, vejamos:

Jó 1,6-12: *“Certa vez, foram os filhos de Deus apresentar-se ao Senhor; entre eles veio também Satanás. O Senhor, então, disse a Satanás: ‘Donde vens?’ –‘Dei umas voltas pela terra, andando a esmo’, respondeu ele. O Senhor lhe disse: ‘Reparastes no meu servo Jó? Na terra não há outro igual: é um homem íntegro e reto, teme a Deus e se agasta do mal’. Satanás respondeu ao Senhor: ‘Mas será por nada que Jó teme a Deus? Porventura não levantaste um muro de proteção ao redor dele, de sua casa e de todos os seus bens? Abençoastes seus empreendimentos e seus rebanhos cobrem toda a região. Mas estende a mão e toca em todos os seus bens: eu te garanto que te lançará maldições em rosto!’ Então o Senhor disse a Satanás: ‘Pois bem, tudo o que ele possui, eu o deixo em teu poder, mas não estendas a mão contra ele!’ Mas Satanás saiu da presença do Senhor”.*

Já que satã é uma lenda persa, incutida na cultura hebreia através do convívio com a cultura

persa, onde se encontraria a base da ideia dos anjos caídos que é defendido por muitos cristãos? Vemos que no livro de 2ª Pedro e Isaías encontramos a evidência. Vamos analisar agora a tradução em Isaías 14 e II Pedro 1,19 e ver onde se encaixa o termo Lúcifer, verificando o seu real significado. Vejamos:

2 Pe 1,19 Et habemus firmiorem propheticum sermonem: cui benefacitis attendentes quasi lucernæ lucenti in caliginoso loco donec dies elucescat, et **lucifer** oriatur in cordibus vestris: (VULGATA LATINA, p. 1487)

2 Pe 1,19 Assim demos ainda maior crédito à palavra dos profetas, à qual fazeis bem em atender, como a uma lâmpada que brilha em um lugar tenebroso até que desponte o dia e a **estrela da manhã** se levante em vossos corações.

Percebemos que no texto de 2ª Pedro apresentado não se trata de um ser que caiu, ou como queiram muitos crer neste dogma, já que quando Pedro diz que “**estrela da manhã se levante em vossos corações**”, não poderia ele induzir que satanás, ou Lúcifer deveria crescer nos corações dos primeiros cristãos. Vemos que no livro de Isaías encontramos a evidência, vejamos:

Is 14,12-15 Quomodo cecidisti de cælo, **Lucifer**, qui mane oriebaris? corruisti in terram, qui vulnerabas gentes? Qui dicebas in corde tuo: In cælum conscendam, super astra Dei exaltabo solium meum; sedebo in monte

testamenti, in lateribus aquilonis; ascendam super altitudinem nubium, similis ero Altissimo? Verumtamen ad infernum detraheris, in profundum laci. (VULGATA LATINA, p. 849)

Is 14,12-15: *“Como caíste do céu, ó estrela d'alva, filho da aurora! Como foste atirado à terra, vencedor das nações! E, no entanto, dizias no teu coração: ‘Subirei até o céu, acima das estrelas de Deus colocarei o meu trono, estabelecer-me-ei na montanha da Assembleia, nos confins do norte. Subirei acima das nuvens, tornar-me-ei semelhante ao Altíssimo’. E, contudo, foste precipitado ao Xeol, nas profundezas do abismo”.*

Satã não é Lúcifer mencionado em Is 14,12, pois Isaías se referia ao Rei da Babilônia, já que a narrativa da passagem inicia-se no capítulo treze, que assim diz: **“Sentença que, numa visão, recebeu Isaías, filho de Amós, contra a Babilônia”.** (Is 13,1). Sentença que se proferia contra a Babilônia e não a um anjo que, inclusive, já houvera caído, segundo os que se apegam à letra que mata. Ele, satã, não é um anjo que se revoltou contra o Senhor. Ele é apenas um acusador, ou seja, um dos “olhos” do Senhor, que anda pela Terra e comparece perante o Senhor para acusar os faltosos e não para se opor contra Javé.

Analisando, dentro da concepção judaica, lemos:

Yeshayahu (Isaías) 14:12 ---"ekh nafaleta mi.shamaím neyel ben-shachar nigda'eta la'aretz cholesh 'al-goyim."---

---“que! Tombada dos céus, astro filho da conjuração. Tu ejetado para a terra, ó vencedor de nações!

O termo - neyel ben-shachar - também pode significar - brilhante filho da Aurora ou Alva. Na LXX reza “heosforos = aquele que traz a Aurora”; já Vulgata (Latin) é traduzido por “Lucifer = portador da Luz”, ou seja aquele que porta a claridade, mas que não a possui. Na mitologia de Ugarit é associado a “deidade Attar”, concorrente de Ba'al.

No Oriente Antigo, era comum a observação dos astros e estrelas, e este texto faz alusão ao planeta Vênus, que na época era confundido com mais uma estrela (talvez por falta dos instrumentos modernos), assim o identificavam, porém a TaNaKh nos revelava que se tratava de uma “Falsa Estrela”; pois uma estrela possui luz própria; enquanto Vênus reflete a Luz do Sol, assim como a Lua, é o espelho do Sol e também traz claridade a Noite. ^[1]

No livro de Ezequiel, existe também a alusão da queda de um querubim, ao qual transcrevemos abaixo:

Ez 28:11-19 *Veio a mim a palavra do SENHOR, dizendo: Filho do homem, levanta uma lamentação sobre o rei de Tiro, e dize-lhe: Assim diz o Senhor DEUS: Tu eras o selo da medida, cheio de sabedoria e perfeito em formosura. Estiveste no Éden, jardim de Deus; de toda a pedra preciosa era a tua*

cobertura: sardônica, topázio, diamante, turquesa, ônix, jaspe, safira, carbúnculo, esmeralda e ouro; em ti se faziam os teus tambores e os teus pífaros; no dia em que foste criado foram preparados. Tu eras o querubim, ungido para cobrir, e te estabeleci; no monte santo de Deus estavas, no meio das pedras afogueadas andavas. Perfeito eras nos teus caminhos, desde o dia em que foste criado, até que se achou iniquidade em ti. Na multiplicação do teu comércio encheram o teu interior de violência, e pecaste; por isso te lancei, profanado, do monte de Deus, e te fiz perecer, ó querubim cobridor, do meio das pedras afogueadas. Elevou-se o teu coração por causa da tua formosura, corrompeste a tua sabedoria por causa do teu resplendor; por terra te lancei, diante dos reis te pus, para que olhem para ti. Pela multidão das tuas iniquidades, pela injustiça do teu comércio profanaste os teus santuários; eu, pois, fiz sair do meio de ti um fogo, que te consumiu e te tornei em cinza sobre a terra, aos olhos de todos os que te vêem. Todos os que te conhecem entre os povos estão espantados de ti; em grande espanto te tornaste, e nunca mais subsistirá.

É importante frisar que o profeta está predizendo a queda do rei Tiro, assim como lemos “**levanta uma lamentação sobre o rei de Tiro**”. Embora alguns isolem os versos 13 e 14 e aludem também a um querubim, ou Lúcifer (satã), igualmente em Isaías 14. Contudo, o verso 12 anterior é importante ser citado e

testificado que a profecia refere-se ao rei Tiro, sua soberba e futura queda. (FERRARI. T. T. 2013, p. 1-4)

Sabemos que há um tópico específico que o pastor tratará deste assunto sobre satanás e os demônios, mas já nos adiantamos, pois encontramos uma referência dele quanto ao tema em (Ez 28,11-19) completamente descontextualizada e que fizemos a definição e desconstruímos a base dele em uma crença que não passa de um mito, onde ele atribui aos espíritos manifestantes nas sessões espíritas como demônios e que num exame apurado, encontramos a verdadeira conceituação dentro das Escrituras sem nenhum respaldo a queda de seres angelicais que se rebelaram contra Deus.

Acerca da consulta aos mortos, incansavelmente já expomos nossa tese central anteriormente e Deus não poderia proibir algo que não acontece, mas para o pastor Ele proibiu sim, já que segundo sua visão, são os demônios que ali se manifestam. Argumentamos exaustivamente este tema e não tocaremos nele mais, pois julgamos desnecessário tentar provar que não se proíbe algo que não acontece. Ao que o pastor sugere sobre perdão das ofensas, seus argumentos gravitam no conceito de que os espíritos se identificam como demônios, devido ao fato de que não atribuem ao sangue de Jesus o perdão de nossos delitos, por efeito substitutivo, tal qual ele sugere em (Mq. 7,19; Hb 10,17-18, etc).

No primeiro momento quando o pastor cita o profeta Miqueias, ele pinça o texto de (Mq 7,19) como se referisse ao

sacrifício vicário do Cristo, mas num exame apurado de seu contexto em (Mq 7,18-20) trata do tema central de **apelo ao perdão divino** que é exclusivamente a salvação de Israel pela aliança. Já encontramos uma dissonância na outra pinçada do pastor em citar (Hb 10,17-18) que está dentro do contexto de (Hb 10,11-18) a tratar do tema **a eficácia do sacrifício de Cristo** que é uma recomendação anterior ao verso (v. 16) ignorado pelo pastor, que as leis estão no coração e inscritas em sua mente, havendo remissão de pecados (v. 17) não necessitando mais de sacrifícios no Templo de Jerusalém (v. 18), que através de um equívoco, o pastor desconstrói todo o contexto deste texto para dizer que nossos delitos estão perdoados e que os espíritos contradizem esta máxima que é justamente a crença no sacrifício vicário, numa má interpretação deste texto que diz claramente que o sacrifício de Jesus substituiu aos sacrifícios da lei que não possuem mais eficácia de perdoar pecados.

Mais uma vez percebemos o pastor forçando textos para combater o Espiritismo, mas de uma forma inábil para o leitor atento. Passemos agora a sua conclusão, em sua resposta ao quinto questionamento de Kardec. Vejamos:

Eu disse acima que, segundo os espíritos que se comunicavam com Kardec, o perdão dos pecados não significa o olvido (“olvido” é um vocábulo arcaico e significa “esquecimento”) dos mesmos, mas sim, forças para que os repararemos. E, para que o leitor veja que de fato as coisas são assim, veja esta cópia:

“Que é o que pedis ao Senhor, quando implorais para vós o seu perdão? Será unicamente o olvido das vossas ofensas?”

Olvido que vos deixaria no nada, porquanto, se Deus se limitasse a esquecer as vossas faltas, Ele não puniria, é exato, mas tampouco recompensaria. A recompensa não pode constituir prêmio do bem que não foi feito, nem, ainda menos, do mal que se haja praticado, embora esse mal fosse esquecido. Pedindo-lhe que perdoe os vossos desvios, o que lhe pedis é o favor de suas graças, para não reincirdes neles, é a força de que necessitais para enveredar por outras sendas, as da submissão e do amor, nas quais podereis juntar ao arrependimento a reparação” (O Evangelho Segundo o Espiritismo. Federação Espírita Brasileira, 112ª edição, capítulo X, nº 17, página 179)

Encontramos mais uma vez uma pinçada do pastor numa mensagem da obra **O Evangelho Segundo o Espiritismo**, constante no capítulo X que é sobre o tema *bem-aventurados os que são misericordiosos*, mais especificamente no item 17 ao qual citaremos a mensagem na íntegra, para extrair dela o seu sentido sem cortes e citações levianas para levar os leitores ao erro. Vejamos:

17. Sede indulgentes com as faltas alheias, quaisquer que elas sejam; não julgueis com severidade senão as vossas próprias ações e o Senhor usará de indulgência para convosco, como de indulgência houverdes usado para com os outros.

Sustentai os fortes: animai-os à perseverança. Fortalecei os fracos, mostrando-lhes a bondade de Deus, que leva em conta o menor arrependimento; mostrai a todos o anjo da penitência estendendo suas brancas asas sobre as faltas dos humanos e velando-as assim aos olhares daquele que não pode tolerar o que é impuro. Compreendei todos a misericórdia infinita de vosso Pai e não esqueçais nunca de lhe dizer, pelos pensamentos, mas, sobretudo, pelos atos: “Perdoai as nossas ofensas, como perdoamos aos que nos não ofendido.” Compreendei bem o valor destas sublimes palavras, nas quais não somente a letra é admirável, mas

principalmente o ensino que ela veste.

Que é o que pedis ao Senhor, quando implorais para vós o seu perdão? Será unicamente o olvido das vossas ofensas? Olvido que vos deixaria no nada, porquanto, se Deus se limitasse a esquecer as vossas faltas, Ele não puniria, é exato, *mas tampouco recompensaria*. A recompensa não pode constituir prêmio do bem que não foi feito, nem, ainda menos, do mal que se haja praticado, embora esse mal fosse esquecido. Pedindo-lhe que perdoe os vossos desvios, o que lhe pedis é o favor de suas graças, para não reincirdes neles, é a força de que necessitais para enveredar por outras sendas, as da submissão e do amor, nas quais podereis juntar ao arrependimento a reparação.

Quando perdoardes aos vossos irmãos, não vos contenteis com o estender o véu do esquecimento sobre suas faltas, porquanto, as mais das vezes, muito transparente é esse véu para os olhares vossos. Levai-lhes, simultaneamente, com o perdão, o amor; fazei por eles o que pediríeis fizesse o vosso Pai celestial por vós. Substituí a cólera que conspurca, pelo amor que purifica. Pregai, exemplificando, essa caridade ativa, infatigável, que Jesus vos ensinou; pregai-a, como Ele o fez durante todo o tempo em que esteve na Terra, visível aos olhos corporais e como ainda a prega incessantemente, desde que se tornou visível tão somente aos olhos do Espírito.

Segui esse modelo divino; caminhai em suas pegadas; elas vos conduzirão ao refúgio onde encontrareis o repouso após a luta. Como Ele, carregai todos vós as vossas cruzes e subi penosamente, mas com coragem, o vosso calvário, em cujo cimo está a glorificação. – *João*, bispo de Bordeaux. (1862.) (KARDEC. A. 2019d, p. 149-150) (grifo nosso)

Esta mensagem do espírito do bispo João de Bordeaux tem em seu tema central a oração do pai-nosso proferida por Jesus no sermão da montanha, especificamente o trecho que trata sobre *“Perdoai as nossas ofensas, como perdoamos aos que nos hão ofendido”* e que sabiamente, ou levemente o

pastor omitiu de seus leitores o cerne da mensagem que é justamente o pensamento que necessitamos perdoar ao nosso próximo, a fim de angariar o perdão do Pai. Em nada está dizendo sobre o sacrifício vicário e muito menos passando o conceito que seja diferente do que o Mestre nos ensinou, principalmente sobre a oração dominical.

Extraír deste texto o que ele não oferece, significa falta de bom senso e uma incoerência demasiadamente grande, diante do teor da mensagem que não é a negação do perdão divino às ofensas, mas a condição de reciprocidade de atitude, reparação e mudança de conduta através da *metanoia*. Encerramos, portanto, a análise das respostas do pastor ante a quinta pergunta de Kardec e percebemos que esta permanece de pé, sem alguém que possa respondê-la, senão o pastor em se utilizar de trechos isolados da Escrituras e cortes desonestos da codificação, a fim de combater a Doutrina Espírita. Passemos agora a sexta pergunta de Kardec a resposta do pastor. Vejamos:

Sexta Pergunta: “Se só o demônio se comunica, sendo ele o inimigo de Deus e dos homens, por que recomenda que se ore a Deus, que nos submetamos à vontade de Deus, que suportemos sem queixas as tribulações da vida, que não ambicionemos as honras, nem as riquezas, que pratiquemos a caridade e todas as máximas do Cristo, numa palavra: que façamos tudo o que é preciso para lhe destruir o império, dele, o demônio? Se tais conselhos o demônio é quem os dá, forçoso será convir em que, por muito manhoso que seja, bastante inábil é ele, fornecendo armas contra si mesmo”.

Resposta: A resposta a esta pergunta foi dada pelo apóstolo Paulo em 2 Co 11.14: “Não é de admirar; pois o próprio Satanás se transforma em anjo de luz”. O Diabo recomenda

que se ore a Deus, mas como ele nunca consegue esconder o “rabo”, recomenda também que se ore ao “anjo guardião” e aos “espíritos protetores” (cf.: **“O Evangelho Segundo o Espiritismo”**, capítulo 28, número 11, § § 2 e 4).

Por ter ficado sem resposta lógica, novamente o pastor dá uma pinçada na passagem de (2Co 11,14), mas ignora o verso posterior (v. 15) onde os ministros do falso messias, disfarçados de servidores da justiça, que no fim serão correspondentes às suas obras, que certamente serão destoantes do que pregam. Dessa forma, o contexto ao qual Paulo se refere (2Co 11,1-33) é sobre apresentarem a Corinto um falso Jesus e equivocado Evangelho que em nada tem a ver com o conteúdo da pergunta de Kardec. Entretanto, vemos mais uma citação pejorativa do pastor em que há a recomendação que se ore a intervenção dos espíritos protetores, vejamos a obra **O Evangelho Segundo o Espiritismo** e seu contexto no capítulo XXVIII, item 11, que trata da *coletânea de preces espíritas*.

II – Preces por aquele mesmo que ora

Aos anjos guardiães e aos Espíritos protetores

11. Prefácio. Todos temos ligado a nós, desde o nosso nascimento, um Espírito bom, que nos tomou sob a sua proteção. Desempenha, junto de nós, a missão de um pai para com seu filho: a de nos conduzir pelo caminho do bem e do progresso, através das provações da vida. Sente-se feliz, quando correspondemos à sua solicitude; sofre, quando nos vê sucumbir.

Seu nome pouco importa, pois bem pode dar-se que não tenha nome conhecido na Terra. Invocamo-lo, então, como nosso anjo guardião, nosso bom gênio. Podemos

mesmo invocá-lo sob o nome de qualquer Espírito superior, que mais viva e particular simpatia nos inspire.

Além do anjo guardião, que é sempre um Espírito superior, temos Espíritos protetores que, embora menos elevados, não são menos bons e magnânimos. Contamo-los entre amigos ou parentes, ou, até, entre pessoas que não conhecemos na existência atual. Eles nos assistem com seus conselhos e, não raro, intervindo nos atos da nossa vida.

Espíritos simpáticos são os que se nos ligam por uma certa analogia de gostos e pendores. Podem ser bons ou maus, conforme a natureza das inclinações nossas que os atraíam.

Os Espíritos sedutores se esforçam por nos afastar das veredas do bem, sugerindo-nos maus pensamentos. Aproveitam-se de todas as nossas fraquezas, como de outras tantas portas abertas, que lhes facultam acesso à nossa alma. Alguns há que se nos aferram, como a uma presa, mas que *se afastam, reconhecendo-se impotentes para lutar contra a nossa vontade.*

Deus, em nosso anjo guardião, nos deu um guia principal e superior e, nos Espíritos protetores e familiares, guias secundários. Fora erro, porém, acreditarmos que *forçosamente*, temos um mau gênio ao nosso lado, para contrabalançar as boas influências que sobre nós se exerçam. Os maus

Espíritos acorrem *voluntariamente*, desde que achem meio de assumir predomínio sobre nós, ou pela nossa fraqueza, ou pela negligência que ponhamos em seguir as inspirações dos bons Espíritos. Somos nós, portanto, que os atraímos. Resulta desse fato que jamais nos encontramos privados da assistência dos bons Espíritos e que de nós depende o afastamento dos maus.

Sendo, por suas imperfeições, a causa primária das misérias que o afligem, o homem é, as mais das vezes, o seu próprio mau gênio. (Cap. V, item 4.)

A prece aos anjos guardiães e aos Espíritos protetores deve ter por objeto solicitar-lhes a intercessão junto de Deus, pedir-lhes a força de resistir às más sugestões e que nos assistam

nas contingências da vida. (KARDEC. A. 2019d, p. 337-338)
(grifo nosso)

Não tendo nada a dizer, o pastor se enrola afirmando que o diabo deixou o rabo exposto, recomendando que se ore ao espírito guardião, conforme a citação dele nos parágrafos 2 e 4 da obra citada. Ocorre que quem recomenda é Kardec e não um espírito. Aí perguntamos, da onde o pastor tirou essa informação? Nos parece que copiou de algum lugar que não tenha sido a fonte do ESE e que trouxemos na íntegra que em nada arranha o teor profundo da reflexão de Kardec. O pastor precisa estudar mais e conferir na fonte para não cometer essas incoerências, mas ele continua a disparar suas observações. Vejamos:

O Diabo aconselha que nos submetamos à vontade de Deus, mas não revela qual é esta vontade. Por exemplo, está escrito que a salvação é pela graça, por meio da fé, que não vem de nós, não vem das obras, e que é dom (presente) de Deus (Ef 2. 8,9), mas Satanás tem ensinado o contrário aos espíritas. Senão, vejamos: Em o livro espírita intitulado “**Páginas de Espiritismo Cristão**”, capítulo 7, página 26, podemos ler o que se segue: “Afirma a teologia, que os homens são filhos do pecado, maus desde a origem e, portanto, incapazes de se salvar a não ser pela graça. Já o Espiritismo sustenta que eles são filhos de Deus, essencialmente bons e, como tais, suscetíveis de alcançarem a perfeição” (salvação, na linguagem espírita) “pelo próprio esforço e merecimento”. (O que está entre parênteses é meu).

O primeiro ponto levantado pelo pastor é justamente a passagem isolada de Paulo a nos dizer que a salvação é gratuita e por meio da fé (Ef 2,8-9). Conceitualmente, Jesus

diversas vezes, ao curar os enfermos, dizia, sua fé te salvou, ou seus pecados estão perdoados, fazendo referência a lei de causa e efeito das existências progressas como salientamos o fato do cego de nascença e do homem coxo neste último caso, mas que retomares estes exemplos a dissertar sobre a reencarnação.

Encontramos diversas referências a este respeito e é importante salientarmos que o conceito de salvação, à época do Cristo era justamente a cura das enfermidades, senão não havia razão de Jesus dizer a diversas pessoas deficientes que a fé delas os havia salvado. Portanto, o pastor precisa rever seu conceito de salvação, com a mente crítica transportada à época de Jesus e como os primeiros cristãos a viam. Para fundamentarmos nossa tese, vamos recorrer a outro artigo, de nossa autoria, que se intitula de **A fé sem obras está morta**, ao qual trará neste trecho um importante embasamento a esta questão. Vejamos:

O conceito de fé e obras por Paulo e Tiago

Neste tópico abordaremos a visão de Paulo e de Tiago, mediante o conceito de fé e obras que ambos tinham, a quem eles se dirigiam e a palavra final de Jesus. Alguns que aceitam a graça pela fé apenas ignoram o pensamento deste apóstolo que tanto contribuiu para pregar a essência dos ensinamentos de Jesus, sem contradizer o combate de Paulo contra o farisaísmo e o apego às liturgias Judaicas de sua época.

Segundo esses mesmos que aceitam a graça

pela fé apenas, eles dizem que “o apóstolo Tiago realça muito mais as obras do que os outros escritores bíblicos”. Com isso, encontramos na epístola de Tiago:

*E sede **cumpridores da palavra**, e não somente ouvintes, enganando-vos com falsos discursos. Porque, se alguém é ouvinte da palavra, e não cumpridor, é semelhante ao homem que contempla ao espelho o seu rosto natural; porque se contempla a si mesmo, e vai-se, e logo se esquece de como era. Aquele, porém, que atenta bem para a lei perfeita da liberdade, e nisso persevera, não sendo ouvinte esquecido, mas fazedor da obra, este tal será bem-aventurado no seu feito. Se alguém entre vós cuida ser religioso, e não refreia a sua língua, antes engana o seu coração, a religião desse é vã. **A religião pura e imaculada para com Deus, o Pai, é esta: Visitar os órfãos e as viúvas nas suas tribulações, e guardar-se da corrupção do mundo.** (Tg 1:22-27)*

Prática das obras ou da fé? Tiago não deixa margem para nenhuma dúvida de que os “**cumpridores da palavra**” são os que praticam as boas obras. Essa colocação de Tiago é muito interessante: “**A religião pura e imaculada para com Deus é esta: visitar os órfãos e as viúvas nas suas tribulações, e guardar-se da corrupção do mundo**”, ou seja, prática do amor ao próximo pela realização dos atos de caridade. E Tiago também diz:

*Todavia, se cumprirdes, conforme a Escritura, a **lei real: Amarás a teu***

próximo como a ti mesmo, bem fazeis.
(Tg 2:8).

Após esta introdução, os que aceitam a graça pela fé apenas não satisfeitos, entendem que “obras, bíblicamente falando, não são apenas as com o intuito de amor ao próximo, uma vez que Abraão não fez obra alguma ao próximo, e, sim, a Deus”. No segundo capítulo desta epístola, Abraão não realizou nenhuma obra ao próximo, porém, esta referência de Tiago era como uma alusão ao que o mesmo abre em seu capítulo com a seguinte **exortação da caridade para com o próximo**:

*Meus irmãos, qual é o proveito, se alguém disser que tem fé, mas não tiver obras? **Pode, acaso, semelhante fé pode salvá-lo? Se um irmão ou uma irmã estiverem carecidos de roupa e necessitados do alimento cotidiano, e qualquer dentre vós lhes disser: Ide em paz, aquecei-vos e fartai-vos, sem, contudo, lhes dar o necessário para o corpo, qual é o proveito disso? Assim, também a fé, se não tiver obras, por si só está morta.*** (Tg 2:14-17).

Na abertura desta exortação de Tiago, não há dúvidas de que ele enfatiza a caridade como uma expressão de amor ao próximo e este é o nosso entendimento, sendo o mesmo do apóstolo Tiago. Entretanto, para alguns que aceitam a graça pela fé apenas, Tiago “parece ensinar que a salvação é pelas obras, e não pela fé”. Ora, parece? Contudo a resposta do apóstolo diz o oposto:

verificais que uma pessoa é

justificada por obras e não por fé somente. (Tg 2:24)

Todavia, para que aceitam a graça pela fé apenas “isto é só aparência, é tão somente a fé que justifica. Tiago ao dizer o que disse, não soube se expressar e na verdade quis dizer o contrário”. Na tentativa de fundamentar este argumento, esses mesmos que aceitam a graça pela fé apenas dizem que “o próprio Lutero teve por um tempo este seu mesmo engano”. Engano? Vejamos que o próprio Lutero, ao elaborar as sua 95 teses, não foi contra as boas obras de caridade, mas principalmente contra o abuso da Igreja Católica, tornou-se público e notório o desvirtuamento da essência do Evangelho, descambando para a cobrança das indulgências. O que Lutero realizou foi insurgir contra a própria Igreja diante deste abuso e outros mais, enfatizando o desmerecimento da epístola de Tiago por haver este “desvio”.

Ao vermos a **21ª tese** de Lutero, viemos a encontrar:

*Erram, portanto, os **pregadores de indulgências** que afirmam que a pessoa é absolvida de toda pena e **salva pelas indulgências do papa.**^[1]*

Em consonância com as teses 23, 24, 28, 30, 31, 32, 33, 36, 42, 43, 44, 52, 53, 59, 62, 65, 66 e 67. Todas estas teses são veementemente **contra as cartas de indulgência** e não contra as boas obras. O que defendemos é que o mesmo abuso das indulgências, realizadas pela Igreja Católica na Idade Média, numa analogia, estes desvirtuamentos vêm sendo repetidos em muitas Igrejas Protestantes nos dias de hoje,

com a ambição da arrecadação de dízimos e ofertas, angariando templos suntuosos e enriquecimento ilícito de muitos que se aproveitam. Não estamos generalizando, mas documentando um fato para que os cristãos que são sérios venham a se insurgir contra tais atos, assim como Lutero o fez com a cobrança das indulgências, denunciem estes que venham a realizar tais desvirtuamentos.

Passando adiante, dizem os que aceitam a graça pela fé apenas que “Paulo fala da fé para a **Salvação**, enquanto Tiago mostra as boas obras como **resultado** desta mesma fé”. De tudo não é verdade, pois Paulo se dirige aos que não têm a mesma fé que a dos cristãos primitivos, já que ele se dedica em sua maioria aos gentios e judeus que não acreditavam no messias e se apegavam aos devaneios do materialismo e das liturgias judaicas, sem esquecer-se das pregações e exortações aos cristãos primitivos.

O apóstolo Paulo enfatiza não a fé para a salvação, mas a Graça que é por meio da fé e das boas obras que iremos angariar a salvação, senão, se for por meio da fé somente, não haveria como sermos salvos, já que **a fé sem obras está morta** e foi isso que Tiago enfatizou, quando disse que:

verificais que uma pessoa é justificada por obras e não por fé somente. (Tg 2:24)

*assim como o corpo sem o espírito está morto, assim também **a fé sem obras é morta** (Tg 2:26).*

Paulo prega a graça que vem por meio da fé e é consumada através das boas obras, e assim

chega-se à salvação. Já Tiago prega a justificação pelas obras e não pela fé somente, trazendo assim o foco do tópico de que **a fé sem obras é morta** e conseqüentemente **não pode gerar** como **resultado a salvação**, já que a fé sem frutos é inoperante.

Continuando, caro leitor, os que aceitam a graça pela fé apenas pregam que: “O próprio apóstolo Paulo, em uma de suas cartas, junta o ensino dele com o de Tiago”:

*Porque pela graça sois salvos, **por meio da fé (1)**, e isto não vem de vós, é dom de Deus; não vem das obras, para que ninguém se glorie. Porque somos feitura sua, criados em Cristo Jesus **para boas obras (2)**, as quais Deus antes preparou para que andássemos nelas. (Ef 2:8-9).*

Entretanto, **onde foi demonstrado** pelos defensores da graça que o apóstolo Paulo junta o ensino dele com o de Tiago? Em nenhum lugar, no entanto, **iremos realizar a comparação** dos dois textos em questão. Após a repetição desta mesma passagem predileta dos defensores da graça, este faz duas observações também já reprimadas do escrito anteriormente.

*** 1 Somos salvos por meio da fé, sem obras?** Ou com as boas obras? Se, somos salvos por meio da fé, tão logo a fé não é um fim e sim um meio de se chegar a esta salvação, tão logo, o fim desta mesma fé são as boas obras, gerando conseqüentemente a salvação, mas se **a fé sem obras está morta** são as obras que dão vida à fé. A vida está nas obras, assim como a vida do corpo está no espírito. Ao menos que se mude a essência deste tópico.

*** 2 Criados para e não salvos pelas boas obras.** Criados para as obras? Ou criados para a fé? Se fôssemos criados para a fé, logo ela seria um fim e não um meio. Para os leitores entenderem melhor, a fé a que se refere Paulo é um meio de se chegar a graça que somente é **consumada através das obras**. Tão logo, sem as boas obras **a fé é morta**. Se a fé é morta, ela nada produz. Paulo enfatiza que a fé é um meio, as obras um fim para que andemos nelas, gerando o resultado da graça que é concedida por Deus, através da prática do **“amor ao próximo”**.

Ademais, realistamos o seguinte questionamento aos que aceitam a graça pela fé apenas, com o fito de obtermos uma resposta: A fé extraída da citação de Paulo é uma fé **com obras** ou uma **fé sem obras**? Iremos demonstrar nas linhas abaixo o que entendemos sobre tal assunto, versando sobre o contexto de Ef 2:8-10 e Tg 2:14-26, a fim de juntá-los e chegarmos ao veredicto. O apóstolo Paulo diz que:

*pela graça sois salvos, por meio da fé, e isto não vem de vós, é dom de Deus; **não vem das obras**, para que ninguém se glorie. (Ef 2:8)*

Neste ponto, Paulo deixa claro que o homem é justificado pela fé. Por outro lado, afirma o apóstolo Tiago que:

***verificais que uma pessoa é justificada por obras** e não por fé somente. (Tg 2:24)*

Com efeito, segundo Tiago, uma pessoa é **justificada por obras** e não apenas pela fé. Chegamos à seguinte conclusão, segundo Paulo,

o homem é justificado pela fé sem obras e segundo Tiago o homem é justificado pelas obras. Se ambos os textos forem referentes às mesmas boas obras, estamos diante de uma contradição, mas se Paulo se referia às obras da legalidade judaica e Tiago às boas obras, entendemos que ambos não falavam das mesmas obras e que os textos não se contradizem. Se os que aceitam a graça pela fé apenas sustentarem a sua tese de que eram as mesmas obras que os apóstolos se referiam, não somos nós que laboramos em erro e há um grande problema de contradição textual para que eles, os que aceitam a graça pela fé apenas resolvam.

Finalizando a minha abordagem sobre tal tema, a fé só existe se existirem obras. Sendo as boas obras um fim universal, logo chegaríamos à salvação, ou a graça concedida por Deus através da prática da moral contida no Evangelho, sabendo que estas mesmas obras viriam a ser ensinadas por Jesus, e os seus ensinamentos morais são universais. (FERRARI. T. T. 2013, p. 11-15)

Fim da citação

Como podemos observar, o conceito de obras e fé é bem abrangente e se isolarmos algum trecho das Escrituras, daremos a ela uma interpretação unilateral, ignorando todo o contexto. A nosso ver, expomos apenas um ponto específico em tratar de fé e obras por Paulo e Tiago, mas a sanção é do Mestre e ele nos asseverou que será dado **a cada um segundo as suas obras** como caráter de julgamento, bem como exortou Zaqueu, ante sua salvação pela mudança de

comportamento, em restituir a quem houvesse prejudicado, bem como diversas ocasiões em que seus discípulos remataram em dizer que **a fé sem obras está morta**. Enfim, não é satanás que diz que a salvação é pelas obras, mas o próprio Cristo. O pastor precisa rever seus conceitos e deixar de ser tão incoerente.

Não bastasse isso, além de isolar uma passagem de Paulo, sem a análise acurada de tudo o que já expomos, no quesito de fé e obras, o pastor isolou novamente um trecho do capítulo sete da obra **Páginas de Espiritismo Cristão** do autor Rodolfo Calligaris, de forma bem desonesta e completamente justificada



aos seus interesses em detratar a Doutrina Espírita, mediante suas credices fundamentalistas, ao qual recorreremos ao contexto e extrair do texto deste autor, a sua mensagem central. Vejamos:

7 Cristo Redentor

O fato de o Espiritismo não aceitar como verdadeira a história da “queda do homem”, pelo menos em sua interpretação tradicional, pode dar a ideia de que negue, também, os méritos de Jesus-Cristo como nosso Salvador, o que não é exato.

O conceito espírita de salvação é que diverge profundamente daquele esposado pela Teologia.

Senão, vejamos:

Afirma a Teologia que os homens são filhos do pecado, maus desde a origem e, portanto, incapazes de se salvarem a não

ser pela graça.

Já o Espiritismo sustenta que eles são filhos de Deus, essencialmente bons e, como tais, suscetíveis de alcançarem a perfeição pelo próprio esforço e merecimento.

A Teologia dogmatiza ter sido indispensável o sacrifício de Jesus para que Deus viesse a perdoar à Humanidade pelo pecado de Adão e Eva.

O Espiritismo elucida que, se era propósito de Deus conceder tal perdão, não precisava subordiná-lo ao sofrimento de um inocente, ainda que este se oferecesse espontaneamente para isso. Esse Deus que nos manda perdoar sem condições nossos ofensores, tantas vezes quantas sejam as ofensas recebidas (Mat., 18:22; Luc., 17:4), seria menos misericordioso que os homens?

A Teologia faz a salvação do gênero humano depender exclusivamente da morte do Cristo, colocando em segunda plana seus ensinamentos e os feitos marcantes de sua vida.

O Espiritismo, ao contrário, dá mais ênfase a estes, considerando aquele apenas o coroamento de sua missão. Com efeito, Jesus-Cristo se fez carne entre nós a fim de libertar-nos da ignorância e levar-nos à edificação do “reino dos céus” em nossos próprios corações. Para tanto, deu-nos a conhecer a lídima interpretação do Código Divino, todo ele calcado no Amor, e, no cumprimento de seu messiado, exemplificou-o até às últimas conseqüências, suportando estoicamente a perseguição e o flagício na cruz, para oferecer-nos, em seguida, com suas manifestações tangíveis, a prova histórica e indestrutível da Imortalidade. Mostrou-nos, através do Evangelho e de sua vivência, “o caminho da Verdade e da Vida Eterna”, para que, seguindo-lhe as pegadas, chegássemos igualmente à meta final de nossos destinos, tornando-nos unos com ele, como ele já o é com o Pai Celestial. Foi, portanto, a sua vida admirável que nos beneficiou, e não a sua morte, se é que se pode usar este termo com relação a alguém cujo corpo nem sequer conheceu a corrupção.

Ainda segundo a Teologia, após sua breve existência

terrena, Jesus-Cristo, sem mais nada a fazer, teria subido às mansões celestiais, ocupando um assento à direita de Deus, onde aguarda o final dos tempos para vir julgar os vivos e os mortos, quando, então, premiará uns poucos eleitos com a bem-aventurança e condenará 03 outros (a maioria) às penas eternas. Resultado melancólico, que não se coaduna com sua bondade, não condiz com sua sabedoria, e, se verdadeiro fosse, implica* ria tremendo fracasso.

O Espiritismo, inversamente, ensina-nos que, conquanto não seja Deus, e sim um Espírito sublimado, Jesus-Cristo é o governador de nosso planeta, a cujos destinos preside desde a sua formação. “Tudo (na Terra) foi feito por ele, e, nada do que tem sido feito, foi feito sem ele”, diz-nos João, **3:1**. Pastor dedicado e extremoso, prometera que, “das ovelhas sob sua guarda, nenhuma se perderia” e, fiel a essa promessa, tem estado e continuará sempre atento aos sucessos deste mundo, assistindo carinhosamente os terrícolas. Em nossa marcha evolutiva, em cujo mister não descansará até que nos veja, TODOS, a salvo e felizes, no aprisco do Senhor.

Destarte, longe de subestimar a figura excelsa do Cristo, a Doutrina Espírita é a única que lhe faz plena justiça, ressaltando-lhe a infinita abnegação e o caráter de autêntico Redentor da Humanidade. (CALLIGARIS. R. 2000. P. 12-13) (grifo no original e sublinhado nosso)

Fizemos questão de citar o contexto da obra citada, devido ao fato que o pastor contrapôs o que Paulo disse em (Ef 2,8-9) em oposição ao texto que sublinhamos, mas o pastor omitiu todo o contexto dessa obra, citando o Evangelho e dos ensinamentos do Cristo de um conceito bem mais abrangente de salvação, concomitantemente a assertiva do Mestre que nenhuma ovelha confiada a ele se perderia. Diante de tudo o que expusemos, trazendo a lume todo o contexto ignorado pelo pastor e sancionado pelo Cristo, entendemos que a cada um de nós, **será dado conforme suas obras**. Vamos

prossequir a exposição de mais incoerências do pastor.
Vejam os:

O homem que suporta sem queixas as tribulações da vida, mas não aceita a Jesus Cristo como seu único e todo suficiente Salvador pessoal (isto é, não reconhece que o sacrifício de Jesus é substitutivo, e que, portanto, o Seu sangue o pode purificar de todo o pecado, quitando-o para com Deus, bastando para tanto que ele se declare dependente da Cruz de Cristo para a sua salvação, é semelhante um réu que foi condenado à força, mas não reclama do júri e nem do juiz: nem por isso deixará de ser enforcado.

Ora, dedicar-se à oração não endereçada exclusivamente a Deus, conforme nos ensinou Jesus (Mt 6.9), mas também ao “anjo guardião” e aos “espíritos protetores”, conforme ensinou Allan Kardec, não é submeter aos conselhos de Deus, não é praticar todas as máximas do Cristo, nem tampouco isto representa uma arma contra o império de Satanás, porém, muito pelo contrário. Satanás sabe que se o homem não se lavar no sangue do cordeiro de Deus, jamais se salvará, por mais que ele seja abnegado, resignado, caridoso... Por este motivo ele entrete os incautos com religiões alienadas da Cruz de Cristo (Hb 9:22b) e cheias de fachadas. Do exposto se pode ver que de inábil Satanás não tem nada e que ele não forneceu nenhuma arma contra si mesmo; pelo contrário, disfarçando-se em anjo de luz, conseguiu enganar o inteligentíssimo Allan Kardec e, através deste, muitos milhões de pessoas pertencentes às mais diversas camadas sociais: do iletrado aos grandes gramáticos e cientistas.

Como bem observamos anteriormente, diante de todo o contexto ignorado pelo pastor, não tendo resposta a esta sexta pergunta de Kardec, julga ele que satanás não fornece armas contra si mesmo, orientando-nos a orar pelos que nos perseguem, perdoar as ofensas, praticar a moral do Cristo em

sua maior pureza e amar o próximo como a nós mesmos, já que segundo o pastor é mais importante o sangue de Jesus a todas essas recomendações, e pior, quando Kardec observa que podemos recorrer, em oração, ao nosso “anjo guardião”, virá ao nosso encontro satanás e não quem nós rogamos, pois na cabeça do pastor, os nossos protetores espirituais não passam de demônios, mas pelo conceito que já expusemos, que foi ignorado pelo pastor, é de que os espíritos ministradores são emissários de Deus em realizar suas ordenanças, e uma delas é assistir a humanidade em seus maus momentos, atendendo ao nosso chamado.

Entretanto, não tendo como responder à altura do que Kardec propõe, lança-se anátema diante de um dogma do sacrifício vicário, suplantando até mesmo à prática do Evangelho que os espíritos nos recomendam em sua conceituação moral que é muito mais importante ao nosso crescimento, do que a crença em dogmas por demais ultrapassados. Estes mesmos dogmas nos levam muito mais as formalidades do cristianismo do que a mudança de atitude que foi a proposta do Cristo e que parece, o pastor a ignora! Em contrapartida a tudo o que o pastor se fundamentou, o próprio autor da epístola aos Hebreus conceitua que todos os anjos são espíritos ministradores da parte de Deus (Hb 1,14) e parece que ele enfoca em tentar levar seus leitores ao erro, julgando que se estes emissários da parte de Deus ministram todo o amor que Jesus pregou, exarados na codificação espírita, não passam de demônios, pois não confirmam a sua ortodoxia que evidencia muito mais a crença nos dogmas do que a prática

deste amor vivenciado pelo Cristo. Vamos agora a resposta do pastor a sétima pergunta de Kardec.

Sétima Pergunta: “Pois que os Espíritos se comunicam, é que Deus o permite. Em presença das boas e das más comunicações, não é mais lógico admitir-se que umas, Deus as permite para nos experimentar, e as outras para nos aconselhar ao bem?”

Resposta: Não existe no Espiritismo as boas comunicações, mas somente as más. Como bem o diz o adágio popular, “nem tudo que reluz é ouro”. Quando se quer pegar uma galinha, não se pode dizer “xô”, pois doutro modo ela se sentirá enxotada e fugirá. Quando se quer pegar uma galinha, joga-se milho ao chão. Pois bem, é exatamente isso que Satanás faz com os espíritas: dá-lhes o “milho” dos “bons” conselhos para que eles pensem que ele é um bom espírito, e assim continuem escravizados por ele. Tal escravidão se concretiza da seguinte maneira: Dando o Diabo “bons” conselhos (digo “bons” entre aspas, porque tais conselhos não são realmente bons), os espíritas se convencem que estão no caminho certo, e não descobrem que são membros dum sistema satânico, até ao dia em que partirem deste mundo (Pela morte), e ingressarem no Inferno, quando então será tarde demais, pois o Senhor Jesus só perdoa pecados na Terra, ou seja, antes de morremos (Mc. 2:10). Depois da morte será tarde demais (Tg 2:13; Lc 16:26; Ap 20:15; 22:11).

Para nos aconselhar ao bem, Deus deixou-nos as Escrituras Sagradas, as quais nos falam da atuação do Espírito Santo, que é a terceira Pessoa da Trindade (Jo 14 e 16) e também da atuação dos anjos (At 8:26; 27:24). É possível que as manifestações dos demônios sejam permitidas por Deus para nos pôr à prova, mas sendo ou não, o autor destas linhas já escapou, e o leitor, se ainda não se livrou, pode sair dessa arapuca de Satã hoje mesmo, escondendo-se sob o sangue de Jesus.

Para o pastor não há mensagem de elevado conceito moral na codificação, mas o que temos apresentado até o

momento é justamente o oposto e Kardec foi bem lúcido em seu conceito de que existem comunicações sérias com o enfoque a moralidade e prática de boas obras que é o caráter de julgamento. Outras, porém, não tem um cunho moral tão elevado e ocorrem para servirem de experimentações ao nosso senso crítico. Se o pastor tivesse realmente estudado a codificação, coisa que ele não fez a contento, observaria as mensagens apócrifas que Kardec publicou no capítulo XXXI da obra *O Livro dos Médiuns*, que trata das dissertações espíritas de cunho sério e outras não, orientando os espíritas a não confiarem em todas mensagens que procedem da espiritualidade, passando todas elas ao crivo da razão, independente da assinatura que esta mensagem vier.

Dentro de mais uma pinçada do pastor, à passagem de (Mc 2,10) que segundo ele, Jesus perdoa os pecados somente na terra, julgando, pela sua régua que todos nós espíritas já estamos condenados ao inferno e sem termos a chance do perdão, já que não seguimos a sua ortodoxia. Salientamos que o contexto de (Mc 2,1-12) trata da **cura de um paralítico** que agora o pastor vai se complicar em seu conceito, pois segundo ele, não temos vicissitudes de vidas progressas em nossas limitações físicas, mas observamos neste contexto que Jesus perdoa os pecados deste paralítico (Jo 2,5). Sabemos que a paralisia se dá em tenra idade e seria ilógico pensar que uma criança houvesse pecado na infância que merecesse ser punida com a paralisia. Contudo, quando dilatamos nossa percepção das vidas sucessivas através dos séculos, percebemos que este paralítico realmente era alvo da lei de

causa e efeito, onde sua limitação física houvera servido a conter suas más inclinações. Voltaremos a este assunto mais adiante, onde trataremos sobre o tema reencarnação e certamente o pastor terá que rever seus conceitos sobre as vicissitudes da vida e a causa anterior às aflições.

Por fim, sobre as citações (Tg 2:13; Lc 16:26; Ap 20:15; 22:11) que o pastor repete acerca do julgamento ser referente a passagem de Tiago que é sobre o contexto (Tg 2,1-13) que trata do **respeito devido ao pobre**, já o comentamos e não repetiremos argumentos. Acerca de comentários sobre a **parábola do rico e de Lázaro** e do **julgamento das nações**, contidos na citação do pastor (Lc 16,26; Ap 20,15; 22,11), também já o desenvolvemos anteriormente, onde vemos ser desnecessário responder novamente. Em seu encerramento, falando do consolador (Jo 14; 16) também dedicamos um capítulo exclusivo a este tema e não repetiremos em nossas argumentações. Contudo, há a novidade na citação sobre a atuação dos anjos, citados pelo pastor (At 8,26; 27,24) e que observamos que o contexto (At 8,26-40) que trata, de que **Felipe batiza um eunuco** e outra atuação de um anjo (At 27,9-44) que trata, em seu contexto, da **tempestade e o naufrágio** em que toda a embarcação estava confiada a Deus, por intermédio de Paulo, que em nada fere o entendimento espírita dos anjos ministradores de Deus em nossa vida (Hb 1,14) e que já o desenvolvemos neste capítulo. Passemos, porquanto a oitava pergunta de Kardec e a tentativa de resposta do pastor. Vejamos:

Oitava Pergunta: “Que diríeis de um pai que deixasse o filho a mercê dos exemplos e dos conselhos perniciosos, e que o afastassem de si; que o privasse do contato com as pessoas que o pudessem desviar do mal? Ser-nos-á lícito supor que Deus procede como um bom pai não procederia, e que, sendo ele a bondade por excelência, faça menos do que faria um homem?”

Resposta: Seria um monstro, o pai que deixasse o filho a mercê dos exemplos e conselhos perniciosos e o privasse do contato com pessoas de bem que o pudesse desviar do mal. Não! Deus não procede como um bom pai não procederia! Não! sendo Deus a bondade por excelência, não faz menos do que faria um homem! Mas, e daí? O que queria o senhor Kardec dizer com essas perguntas? Essas interrogações não são tão contundentes como se supõe. Elas não provam que pelo menos alguns dos espíritos que se manifestam nos centros Kardecistas sejam bons, para contrabalançar a influencia dos maus espíritos. Deus não quis usar esse expediente, é o que nos diz categoricamente a Palavra de Deus: “E, quando vos disserem: consultai os magos e os adivinhos, que murmuram em segredo nos seus encantamentos, respondei: porventura o povo não há de consultar o seu Deus? Há de ir falar com os seus mortos acerca dos vivos? Antes à lei e ao testemunho (é que se deve recorrer). Porém, se eles não falarem segundo esta linguagem não raiará para eles a luz da manhã. Andarão errantes, cairão”. (Is. 8:19, 21).

Mais uma vez quero lembrar aos amigos kardecistas que Deus proibiu na Sua Palavra a consulta aos mortos, e que, portanto, os melhores argumentos não justificam a transgressão a este Seu mandamento.

Como podemos observar, novamente o pastor cita uma passagem bíblica (Is 8,19-21) como se ela respondesse ao questionamento de Kardec que deixou o pastor sem a devida resposta. Para tanto, já analisamos esta passagem e daremos o devido entendimento, ao citar nosso texto **A comunicação com os mortos na Bíblia**. Vejamos:

Analizando Isaías 8:19-20

Sobre este tema, dedicamos em complemento a tudo que abordamos, ao qual transcrevo abaixo a ideia central.

*Quando vos disserem: Consultai os que têm espíritos familiares e os feiticeiros, que chilreiam e murmuram, respondei: Acaso não consultará um povo a seu Deus? **Acaso a favor dos vivos consultará os mortos? Se eles não falarem segundo esta palavra, é porque não há luz neles. (Is 8:19-20)***

Agora o mais importante, que é a resposta sintomática das perguntas acima é: “Se eles não falarem segundo esta palavra, é porque não há luz neles”. Assim pergunto: “**eles**” quem? A quem se refere este pronome? A resposta está justamente na pergunta anterior: “**A favor dos vivos consultarão os mortos?**”. Pois bem, o pronome “**eles**” se refere aos “**mortos**”.

Vale ressaltar que todos os que tentam negar a comunicabilidade dos “mortos” com os vivos, citam esta passagem apenas o versículo 19, mas sobre o verso 20 que é subsequente, vemos que há outro entendimento que não é o que nos pretendem mostrar, assim como muitos se aventuram. O texto nos apresenta duas possibilidades e não apenas uma como pretendem mostrar, ao qual elas são:

1. Eles **falarem** segundo a lei e o testemunho.
2. Eles **não falarem** segundo a lei e o testemunho, e neste caso é porque **não há luz neles**.

As possibilidades esclarecidas pelo texto estão

dentro do prisma de que uma verdadeira comunicação com os mortos, **via** necromantes e adivinhos existe por um lado negativo e outro positivo. Esta possibilidade de comunicação ou comunicabilidade com os “mortos” não é questionada, ou muito menos combatida como aludem os opositores da comunicabilidade entre os dois planos.

A partir do momento em que o texto apresentado na Bíblia nos permite as duas possibilidades, e isto dentro da comunicabilidade, não há como negar a evidência textual de acordo com o que ele apresenta. Destarte, não existe a impossibilidade de se evitar a consulta indevida aos mortos, a forma de filtrar **não a comunicação em si**, mas **a qualidade das respostas é “segundo a lei e ao testemunho”**. A partícula “se” indica a **possibilidade** de falarem ou não segundo “**a lei e ao testemunho**”. São **duas** as possibilidades apontadas pelo texto.

Para que o texto em análise retratasse o pensamento dos opositores da comunicabilidade entre os dois planos, este deveria estar construído da seguinte forma: **Acaso a favor dos vivos** consultará os **mortos**? Se **aqueles** não falarem segundo esta palavra, é porque não há luz neles. Todavia, se invertermos o pronome **estes** por **aqueles**, teremos a construção gramatical **correta** para que os opositores da comunicabilidade entre os dois planos tenham razão, porém, encontramos o pronome **estes** e por este motivo se refere aos mortos. Assim sendo, segue a semântica fiel e correta, sem os malabarismos exegéticos dos opositores da comunicabilidade entre os dois planos que mais

uma vez caem por terra.

Acaso a favor dos vivos consultará os mortos? Se eles não falarem segundo esta palavra, é porque não há luz neles...

O Capítulo 8 do livro de Isaías retrata a profecia sobre a invasão dos Assírios em Israel, portanto, há de se convir que esta prática de adivinhação é a que o próprio Moisés proibiu, pois, os profetas de Israel, tais como Samuel eram também videntes (Médiuns), assim como lemos:

Antigamente, em Israel, indo alguém consultar a Deus, dizia: Vinde, vamos ter com o vidente; porque ao profeta de hoje, antigamente, se chamava vidente. (I Sm 9:9)

Os intermediários entre "Deus" e os homens no AT, porém, não faziam estes as consultas fúteis e sim revelações acerca dos hebreus e sua destinação, leiamo-la:

*“Samuel respondeu a Saul e disse: **Eu sou o vidente**; sobe adiante de mim ao alto; hoje, comereis comigo. Pela manhã, te despedirei e tudo quanto está no teu coração to declararei.” (I Sm 9:19). (FERRARI. T. T. 2014, p. 32-34)*

Fim da citação

Como podemos observar, nem mesmo a citação do livro do profeta Isaías auxilia o pastor em refutar Kardec que num exame apurado, coaduna com a recomendação do apóstolo João em nos asseverar: **“Amados, não creiais a todo o espírito, mas provai se os espíritos são de Deus, porque**

já muitos falsos profetas se têm levantado no mundo”.

(1Jo 4,1). Passemos agora a análise da nona pergunta de Kardec e última resposta do pastor. Vejamos.

Nona Pergunta: “A Igreja reconhece como autênticas certas manifestações da Virgem e de outros santos, em aparições, visões, comunicações orais, etc. Essa crença não está em contradição com a doutrina da comunicação exclusiva dos demônios?”

Resposta: A “Igreja” que reconhece como autênticas certas manifestações da “Virgem Maria” e outros “santos” é tão incoerente quanto o kardecismo. Essa crença realmente está em contradição com a doutrina da manifestação exclusiva dos demônios, mas quem tem de responder por esta discrepância são os católicos, e não os evangélicos. Nós, os evangélicos, não cremos nas aparições de Maria e outros cristãos primitivos (aparições estas tão difundidas pelos padres), pois os santos morreram, e contatá-los é fazer o que os espíritas fazem. Realmente não dá para entender porque os padres combatem o kardecismo e outras ramificações do Espiritismo, se eles o praticam no Catolicismo Romano. O Catolicismo Romano é um tipo de espiritismo (feiticeira) disfarçado em Cristianismo.

Realmente os católicos precisam repensar, pois admitir a manifestação dos espíritos dos santos, mas rechaçar a mediunidade espírita, é, deveras, ser tão incoerente quanto os Kardecistas. Os católicos realmente devem uma explicação.

Como podemos observar, o pastor desfecha a sua resposta ao nono e último questionamento de Kardec, destilando seu sectarismo atribuindo aos Católicos como feiticeiros como nós espíritas. Devemos lembrar que a igreja primitiva acreditava na manifestação dos “mortos” como bem evidenciamos em (At 12,15) e inúmeras outras referências.

Parece-nos que o pastor desconhece e convidamos a ele e os demais leitores a conhecer nosso artigo [*A Reencarnação, a Comunicação com os Mortos e as Pesquisas Científicas*](#) em que padres católicos pesquisam o fenômeno com profundidade e sem preconceitos. Fazemos das palavras deles, as nossas, **O diálogo com os mortos não deve ser interrompido porque, na realidade, a vida não está limitada pelos horizontes do mundo. (Papa João Paulo II), O espiritismo existe, há sinais na Bíblia, na Sagrada Escritura, no Antigo Testamento. Não se pode negar que exista esta possibilidade de comunicação. (Gino Concetti). A Igreja acredita que seja possível uma comunicação entre este mundo e o outro mundo. A Igreja se sente peregrina, porque vive na terra e possui uma pátria no céu. (Sandro Register)**. Vamos agora analisar o capítulo seguinte, já que as perguntas de Kardec neste capítulo continuam sem resposta e a tentativa do pastor foi em vão.

CAPÍTULO VII - PERGUNTAS A UM KARDECISTA

Neste capítulo, o pastor desenvolve seis perguntas para um espírita que é seu colega de trabalho, com o objetivo de sancionar sua ortodoxia e tentar encontrar um embasamento às suas convicções em seus dogmas. Vamos a elas e aos nossos comentários em seguida. Vejamos:

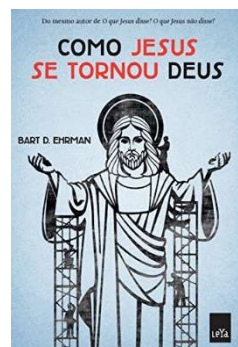
Eu tinha um companheiro de trabalho que é kardecista convicto (seu nome será omitido por questão de ética), ao qual formulei algumas perguntas, obtendo as respostas respectivamente. Suas respostas certamente ajudarão o leitor a conhecer um pouco mais o Kardecismo. Ei-las parcialmente:

Primeira pergunta: Vocês crêem que Jesus é o Deus Todo-poderoso, Criador dos Céus, da Terra e de tudo quanto neles há, como atestam Is. 9:6; Sl. 102:25-27; Mq. 5:2; Jo. 1:1-4, 10; 5:18; Cl. 1.14-17; Hb. 1.8-12 e outras passagens bíblicas?

Resposta: “Não. Os apóstolos estavam equivocados. Devido às suas limitações, os apóstolos pensaram que Jesus (o qual nada mais era que um dos espíritos perfeitos) fosse Deus. O correto é dizermos que quando Deus criou o planeta Terra, Jesus (que já atingira a perfeição, por haver encarnado e desencarnado em outros mundos) o ajudou. Os apóstolos Paulo e João enxergaram isto ‘de longe’, o que os impossibilitou de terem uma visão real da coisa. Lembremos que o ‘outro Consolador’ ainda não havia vindo. Só no devido tempo (isto é, no século XIX) ele veio e revelou, ampliou, aclarou..., o que não pôde ser feito antes, devido ao fato de o homem ainda não ter se desenvolvido o bastante, para entender a Terceira Revelação”.

Precisamos corrigir o nobre espírita, pois os apóstolos não atestaram que Jesus teria sido Deus de fato, onde comentamos estas teses do pastor, em suas citações (Is. 9,6; Sl 102,25-27; Mq 5,2; Jo. 1,1-4, 10; 5,18; Cl 1,14-17; Hb 1,8-12), onde comentamos uma a uma no capítulo específico que tratamos da suposta deidade de Jesus no Tanah e no Novo Testamento, comprovamos por inúmeras outras atestações, diante da exegese e hermenêutica bíblica a impossibilidade de Jesus ter se declarado Deus, seus apóstolos terem confirmado tal tese, onde identificamos que esta doutrina é tardia e provinda de alguns pais da Igreja séculos mais tarde. Dessa maneira, fica muito frágil esta tese do pastor.

O pastor inclusive declara que há outras referências, e nós recomendamos a leitura e pesquisa da obra *Como Jesus se tornou Deus* do especialista e doutor em Novo Testamento Bart D. Ehrman que se encontra algumas citações que dele o fizemos, fazendo parte de uma das fontes bibliográficas desta nossa obra, bem como que varre todos os argumentos do pastor e de quem quer que seja ante a sustentação deste dogma que está entrando para o rol de mito. Vamos à segunda pergunta do pastor:



Segunda pergunta: Vocês dizem que todos os espíritos são criados simples e que cabe a eles se desenvolverem. Sendo Jesus um espírito criado por Deus, como vocês creem, é lógico cremos que Ele já foi tão ignorante quanto nós atualmente, e que Ele também passou pelo processo evolutivo em outros mundos, encarnando, desencarnando e

reencarnando repedidas vezes, até ser um espírito perfeito?

Resposta: “Sim”.

No conceito do pastor, Jesus sendo Deus não poderia estar sujeito à lei da reencarnação que comentamos no capítulo anterior, dentro do contexto do diálogo de Jesus com Nicodemos que prega as vidas sucessivas como uma lei (Jo 3,1-21), que o levaria ao aperfeiçoamento intelectual e moral, inerente a todo e qualquer ser criado simples e ignorante, ante a justiça divina que a Doutrina Espírita nos esclarece e o pastor torce o nariz para ela, já que em sua concepção, Jesus sendo Deus não necessitaria de galgar os graus evolutivos da reencarnação, o que o contrapomos na passagem citada e nas inúmeras referências de que Jesus, sendo filho e subordinado a Deus, não pretendeu ser Deus e nem muito menos preguo isso. Vamos a terceira pergunta do pastor:

Terceira Pergunta: Não sabemos se Jesus foi ou não um espírito mau, pois segundo o que vocês dizem, todos os espíritos são criados simples, mas nenhum é criado mau, tendo todos eles o livre arbítrio para optarem pelo mal ou pelo bem. Assim sendo, vocês acham certo admitirmos a possibilidade de que Jesus, nos mundos em que ele viveu, antes de atingir a perfeição, tenha sido mau, como: esturprador, assassino, invejoso, egoísta, suicida e assim por diante?

Resposta: “Ainda não vi nada no kardecismo que explique isso; mas o que você está falando é tão lógico quanto 2+2 são 4. Logo, a resposta que eu tenho para você, é ‘sim’”.

Mesmo a resposta de seu colega espírita ser sim, em afirmar que Jesus tenha sido mal em alguma existência

longínqua, não temos nenhuma referência doutrinária na codificação de Kardec que sancione esta opinião. Portanto, como Jesus já era um espírito puro antes da criação da Terra e sua evolução espiritual se perde na poeira do cosmo, não há como precisar as vidas passadas do Mestre, já que ele teria sido co-criador com o Pai do orbe terrestre e atualmente é governador deste nosso planeta, impossibilitado a nossa compreensão em afirmar que o Mestre tenha atravessado os caminhos transviados à lei de Deus, mas sabemos que ele os percorreu (Jo 3,13), mas não podemos saber qual o teor dessas existências.

Quarta pergunta: Vocês creem na ressurreição, como pregada pelos profetas (Dn 12: 2) Jesus (Jo 5:28, 29) e os apóstolos (1 Ts 4:13-18; At 24: 15; 1 Co 15; Ap 20:11-15; etc.)?

Resposta: “Não. O que os profetas, Jesus e os apóstolos chamavam de ressurreição, nada mais é que germens da doutrina sobre a reencarnação, a qual foi confirmada pelos Espíritos Superiores a Allan Kardec”.

Acerca da ressurreição e do seu entendimento como reencarnação no período intertestamentário, abordaremos com maior profundidade este tema no capítulo dedicado a este assunto, mas nos adiantaremos ao autor espiritual Emmanuel em nos dar uma explanação a uma das citações do pastor, encontrada na obra **Pão Nosso** que foi psicografada por Chico Xavier. Vejamos:

Lei de retorno

“E os que fizeram o bem sairão para a ressurreição da vida; e os que fizeram o mal, para a ressurreição da condenação.” – Jesus. (João, 5:29.)

Em raras passagens do Evangelho, a lei reencarnacionista permanece tão clara quanto aqui, em que o ensino do Mestre se reporta à ressurreição da condenação.

Como entenderiam estas palavras os teólogos interessados na existência de um inferno ardente e imperecível?

As criaturas dedicadas ao bem encontrarão a fonte da vida em se banhando nas águas da morte corporal. Suas realizações do porvir seguem na ascensão justa, em correspondência direta com o esforço perseverante que desenvolveram no rumo da espiritualidade santificadora, todavia, os que se comprazem no mal cancelam as próprias possibilidades de ressurreição na luz.

Cumpre-lhes a repetição do curso expiatório.

É a volta à lição ou ao remédio.

Não lhes surge diferente alternativa.

A lei de retorno, pois, está contida amplamente nessa síntese de Jesus.

Ressurreição é ressurgimento. E o sentido de renovação não se compadece com a teoria das penas eternas.

Nas sentenças sumárias e definitivas não há recurso salvador.

Através da referência do Mestre, contudo, observamos que a Providência Divina é muito mais rica e magnânima que parece.

Haverá ressurreição para todos, apenas com a diferença de que os bons tê-la-ão em vida nova e os maus em nova condenação, decorrente da criação reprovável deles mesmos (XAVIER, F. C. 2012, p. 239-240)

Conforme nos esclarece o autor espiritual Emmanuel, estamos todos nós sujeitos a lei do retorno através das vidas

sucessivas. O que precisamos diferenciar são os eventos de ressurreição ocorridos no Novo Testamento atestados com Lázaro (Jo 11,1-45), o filho da viúva de Naim (Lc 8,41-56) e a filha de Jairo (Mc 5,22-43) que ressurgiram no mesmo corpo. Outrossim, há a referência a reencarnação em outros episódios encontrados em (Jo 3,28; 5,28-29; Mt 11,10; 16,13-17; Mc 6,14-15; 8,27-33) que atestam o retorno de personagens antigos em novas existências. Entraremos em detalhes mais adiante neste conceito das vidas sucessivas no tempo de Jesus, diferenciando e correlacionando a ressurreição e a reencarnação na compreensão judaica e espírita. Vamos a quinta pergunta do pastor:

Quinta pergunta: Vocês também estão esperando a vinda de Jesus para serem arrebatados aos céus?

Resposta: “Estamos, mas não como vocês creem. Para nós, a vinda de Jesus é a morte. Quando morre uma pessoa, pode-se dizer com muita propriedade que para essa, Jesus já veio”.

Esta crença do arrebatamento da igreja e seus fiéis, precisa de um espaço maior para ser desenvolvida, mas de antemão, esclarecemos que o arrebatamento está evidenciado em diversas partes das Escrituras, tal qual o arrebatamento do profeta Elias (2Rs 2,1-17), que o deslocou para um lugar próximo (2Cr 21,1; 12-15), devido a salvaguardar sua vida, testificando que sua carta e uma evidência de que se encontrava ainda em relação neste mundo, à sua época. Encontramos ainda o arrebatamento de Enoque que igualmente era para retirá-lo do perigo (Gn 5,24). Temos

referência de que todos estes heróis morreram na fé e na esperança (Hb 11,1-13). Outrossim, temos exemplos igualmente do arrebatamento de Felipe que se iguala a estes profetas do Tanah (At 8,1-40). Percebemos que esta doutrina do arrebatamento foi desenvolvida pelo apóstolo Paulo que encontrou no Cristo sua base.

Contudo, Jesus nos deu uma parábola da figueira e muitos entenderam que era o arrebatamento físico dos antigos profetas (Mt 24,32-51), mas somos impelidos a crer que este deslocamento é espiritual, pois como percebemos, Paulo acreditava que seria transformado em seu tempo e que veria a vinda do Cristo a julgar as nações (1Co 15,51). Percebemos que este juízo já ocorre, na separação dos bodes e das ovelhas (Mt 25,31-46, mas como uma seleção espiritual, outorgando a uns a permanência da Terra, com a finalidade de pacificar este planeta e participar do processo de transição de um planeta de provas e expiações para um planeta de regeneração, concomitante aos renitentes no erro que serão relegas a planetas ainda inferiores. Este é apenas um resumo e recomendamos a leitura da obra *No rumo do mundo de regeneração* do autor espiritual Manoel Philomeno de Miranda, através da psicografia de Divaldo P. Franco. Passemos a última pergunta do pastor. Vejamos:



Sexta pergunta: Adão foi o primeiro homem?

Resposta: “Não. Espíritos atrasados foram expulsos de mundos mais evoluídos do que o nosso planeta e enviados para a Terra. Ao chegarem aqui, e encarnarem, tinham uma intuição de que haviam vindo de algum lugar melhor. A lenda de Adão e Eva sendo expulsos do paraíso foi inspirada aí”

O pastor não precisaria perguntar ao seu colega espírita, bastava recorrer a obra **O Livro dos Espíritos** e testificar esta resposta diretamente dos espíritos, após questionar Kardec. Contudo, vamos lembrar a ele, já que nos parece que não estudou a codificação a contento, contida na primeira parte, capítulo III sobre o tema a *criação*, na referida obra. Vejamos:

Povoamento da Terra. Adão

50. *A espécie humana começou por um único homem?*

“Não; aquele a quem chamais Adão não foi o primeiro, nem o único a povoar a Terra.”

51. *Poderemos saber em que época viveu Adão?*

“Mais ou menos na que lhe assinais: cerca de 4.000 anos antes do Cristo.”

O homem, cuja tradição se conservou sob o nome de Adão, foi dos que sobreviveram, em certa região, a alguns dos grandes cataclismos que revolveram em diversas épocas a superfície do globo, e se constituiu tronco de uma das raças que atualmente o povoam. As Leis da Natureza se opõem a que os progressos da Humanidade, comprovados muito tempo antes do Cristo, se tenham realizado em alguns séculos, como houvera sucedido se o homem não existisse na Terra senão a partir da época indicada para a existência de Adão. Muitos, com mais razão, consideram Adão um mito ou uma alegoria que personifica as primeiras idades do mundo. (KARDEC. 2019e, p. 70)

Como podemos observar, Adão não foi o primeiro habitante da Terra, onde na referida obra, nas questões seguintes à 51, podemos atestar o desenvolvimento do raciocínio do povoamento da Terra ser em diversos locais do planeta, explicando assim, a diversidade das raças e das línguas. Acerca do mito do paraíso perdido, não vamos entrar neste mérito para não delongamos muito em nossas observações, mas recomendamos a pesquisa à obra *A Gênese, capítulo XI - Gênese espiritual - Doutrina dos anjos decaídos e da perda do paraíso* que trata deste assunto levantado pelo colega espírita. Passemos agora à conclusão do pastor. Vejamos:

As refutações às afirmações heréticas do kardecista aqui entrevistado constam dos demais capítulos deste livro e, em especial, dos capítulos 5 e 10.

Como bem observamos, refutamos o pastor nos capítulos por ele indicados e desenvolvemos neste, nossas teses. Recomendamos outras obras para pesquisa que, inclusive, compõe nossas fontes bibliográficas, a fim de que possamos embasar na codificação de Kardec nossos temas, bem como em outros autores que nos alargam o liame de citações para corroborar e fundamentar ainda mais nossas convicções. Passemos agora ao capítulo seguinte, desenvolvido pelo pastor.

CAPÍTULO VIII - JOÃO, VOCÊ É ELIAS, OU VOCÊ É VOCÊ?

Neste capítulo, o pastor questiona acerca de *João, você é Elias, ou você é você?* Uma pergunta simples, pois tanto João Batista como Elias são o mesmo e logo, concluímos que Elias foi Elias e João Batista foi João Batista. Pode soar estranho, mas mais estranho ainda seria João Batista ter respondido que era Elias. Uma questão óbvia que muita gente não para pensar é que sempre quando reencarnamos, não somos mais a personalidade anterior e nos transformamos na nossa melhor versão na presente encarnação. A resposta de João Batista não poderia ser diferente. Entretanto, neste capítulo, vamos desenvolver a tese de que o espírito de Elias é o mesmo que animou a personalidade de João Batista e é dentro deste conceito que discorreremos a nossa tese. Vamos à introdução do pastor:

O fato de Jesus haver dito, referindo-se a João Batista: “E, se quereis reconhecer, ele mesmo é o Elias, que estava para vir” (Mt 11:14); e o anjo Gabriel haver dito que João Batista iria adiante de Cristo no espírito e poder de Elias (Lc 1:17), é, para os kardecistas, prova cabal de que João Batista era uma reencarnação de Elias. Mas nenhuma destas duas referências Bíblicas significa o que eles pensam. Mt 11:14 se explica da seguinte maneira: Referindo-me a um valoroso servo de Deus, exclamei: “Este homem é o apóstolo Paulo do século XX”. Com isso, porém, eu não quis dizer que o tal irmão seja uma reencarnação do apóstolo Paulo, e sim, que

O pastor desenvolve duas afirmativas, uma que Jesus diz que João Batista era o Elias que devia vir (Mt 11,14) e outra que o anjo Gabriel atesta que João Batista iria adiante do Cristo no espírito e poder de Elias (Lc 1,17) que ao nosso entender, esta última referência no Evangelho de Lucas é a única que pode deixar uma brecha gramatical para embasar a tese do pastor e demais defensores da vida única que João Batista não poderia ter sido a reencarnação do profeta Elias. Para tanto, precisaremos voltar nas profecias do Tanah e examinar como surgiu este conceito do retorno do profeta Elias. Vamos recorrer ao nosso texto ***Analizando Norman Geisler, João Batista é ou não Elias?*** Vejamos em nossa análise:

Ainda sobre este ponto, é importante citar as profecias que estão relacionadas a Elias no Tanah. Destarte, elas não dizem também, caro leitor, que viria um profeta semelhante, ou ainda sob o poder e espírito de Elias. O que está registrado, taxativamente, é o retorno do Profeta Elias. O que o texto alude é que viria Elias, a preparar o caminho do Mestre. A única maneira do retorno do profeta Elias seria através da reencarnação, mas como já bem esclarecemos anteriormente, os Judeus ainda não a compreendiam de forma clara naquela época. Assim, iremos retornar a este assunto posteriormente e demonstrar nos Evangelhos, após a exposição das profecias. Vejamos abaixo:

***Voz do que clama no deserto:
Preparai o caminho do SENHOR;***

endireitai no ermo vereda a nosso Deus. *Todo vale será aterrado, e nivelados, todos os montes e outeiros; o que é tortuoso será retificado, e os lugares escabrosos, aplanados. A glória do SENHOR se manifestará, e toda a carne a verá, pois a boca do SENHOR o disse. (Is 40,3-5)*

Eis que eu envio o meu mensageiro, e ele há de preparar o caminho diante de mim; e de repente virá ao seu templo o Senhor, a quem vós buscais, e o anjo do pacto, a quem vós desejais; eis que ele vem, diz o Senhor dos exércitos. (MI 3,1)

Eis que eu vos enviarei o profeta Elias, antes que venha o grande e terrível dia do Senhor; (MI 4,5)

Como podemos averiguar eis o Tanách com as profecias relacionadas ao retorno do profeta Elias. É deveras importante sabermos, que, em todas as citações supracitadas, nos indica indubitavelmente a **Voz do que clama no deserto**, como **o meu mensageiro**, sendo este **o profeta Elias**. Em nenhum momento, é retratada a ideia de um espírito profético e sim de uma personalidade que deveria retornar para o cumprimento da profecia. Ou seja, o próprio Elias, ou o seu espírito reencarnado é o único que poderia cumpri-la.

Malaquias - o primeiro passo

Mais adiante, nos propõe uma correção ao trecho anterior, de acordo com o entendimento do autor, como sendo uma “má interpretação” por parte dos que defendem a reencarnação, conforme podemos ver:

CORRIGINDO A MÁ INTERPRETAÇÃO:

Existem muitas razões pelas quais esse verso não oferece qualquer suporte à visão oriental, ou da Nova Era, sobre a reencarnação.

Sugere ainda o autor, que, por muitas razões, os versos de Mt 17,12 e Mc 9,11-13 não estão relacionados à reencarnação. Primeiro vejamos as passagens sugestionadas:

*digo-vos, porém, **que Elias já veio, e não o reconheceram; mas fizeram-lhe tudo o que quiseram.** Assim também o Filho do homem há de padecer às mãos deles. (Mt 17,12)*

Esta passagem de Mateus também se encontra em Mc 9,11-13, e com um detalhe, ela está relacionada com o evento da Transfiguração de Jesus no monte Tabor, na presença de Pedro, Tiago e João, ao qual comentaremos com mais detalhes posteriormente. Neste instante, vamos voltar alguns capítulos atrás, do mesmo Evangelho de Mateus, e verificar um trecho que também fala do retorno do profeta Elias, mas que infelizmente não foi comentado pelo autor. Assim, voltemos à passagem de Mt 11 que começa a partir do verso 10:

*“Este é aquele de quem está escrito: **Eis aí envio eu ante a tua face o meu mensageiro, que há de preparar adiante de ti o teu caminho**”. (Mt 11:10)*

Este verso esclarece o cumprimento da profecia aquela contida em Ml 3,1. Essa citação é muito importante neste momento e toda a nossa atenção deve estar focada neste relato, pois

Jesus a direciona a João Batista quando diz “**Este**”. Por outro lado, o Mestre ainda faz a referência ao Profeta Elias, quando dá a devida continuidade testificando que “**é aquele de quem está escrito**”. No desfecho deste pequeno relato, é onde reside todo o foco neste momento, já que Jesus relaciona tanto João Batista, como o Profeta Elias por uma mesma expressão profética “**o meu mensageiro**”. Ambos, na concepção do Mestre, **são o mesmo mensageiro**. Uma forma de dois serem um, é somente através da Reencarnação.

Lemos adiante, no verso 11:

“Em verdade vos digo que, entre os nascidos de mulher, não surgiu outro maior do que João, o Batista; mas aquele que é o menor no reino dos céus é maior do que ele”. (Mt 11:11)

Deixaremos para dedicar uma explanação mais ampla, sobre este verso mais adiante, no subtópico nº 5. Dando continuidade, no verso 12, está escrito:

E desde os dias de João, o Batista, até agora, o reino dos céus é tomado a força, e os violentos o tomam de assalto. (Mt 11:12)

Elias representava os Profetas, onde o sentido lógico que devemos entender é de que desde os dias em que João Batista viveu como Elias, vigorava a dura lei do olho por olho e dente por dente. Neste contexto, há de se convir que, quando João Batista ainda era Elias, este estava sob a dura Lei de Moisés. No verso 13 subsequente, encontramos:

“Pois todos os profetas e a lei

profetizaram até João". (Mt 11:13)

A confirmação de que Elias representava os Profetas e este está reencarnado como João Batista. A Lei era representada por Moisés e os Profetas por Elias.

Enfim, ao desfechar o cumprimento de uma profecia, Jesus arremata no verso 14:

"E, se quereis dar crédito, é este o Elias que havia de vir"". (Mt 11:14)

Neste ponto, o Mestre afirma, sem rodeios e sem meias palavras, de que João Batista é a reencarnação de Elias e "*Quem tem ouvidos, ouça*". Essa expressão era empregada por Jesus, quando ele se referia às coisas que, para a sua época, não poderiam ser compreendidas tão claramente por todos. Diz-nos a Codificação, acerca da passagem de Mt 11,12-15:

"11. Se o princípio da reencarnação, conforme se acha expresso em S. João, podia, a rigor, ser interpretado em sentido puramente místico, o mesmo já não acontece com esta passagem de S. Mateus, que não permite equívoco: ELE MESMO é o Elias que há de vir. Não há aí figura, nem alegoria: é uma afirmação positiva. - 'Desde o tempo de João Batista até o presente o reino dos céus é tomado pela violência.' Que significam essas palavras, uma vez que João Batista ainda vivia naquele momento? Jesus as explica, dizendo: 'Se quiserdes compreender o que digo, ele mesmo é o Elias que há de vir.' Ora, sendo João o próprio Elias, Jesus alude à época em que João vivia com o nome de Elias. 'Até ao presente o reino

dos céus é tomado pela violência': outra alusão à violência da lei mosaica, que ordenava o extermínio dos infiéis, para que os demais ganhassem a Terra Prometida, Paraíso dos hebreus, ao passo que, segundo a nova lei, o céu se ganha pela caridade e pela brandura.

E acrescentou: Ouça aquele que tiver ouvidos de ouvir. Essas palavras, que Jesus tanto repetiu, claramente dizem que nem todos estavam em condições de compreender certas verdades". (KARDEC, A. O Evangelho Segundo o Espiritismo, Cap. IV) (FERRARI. T. T. 2013, p. 2-5)

Fim da citação

Importante essa nossa introdução, acerca das profecias que relacionam o retorno do profeta Elias que não corroboram que **viria um profeta semelhante, mas o próprio profeta Elias personificado, ou como entendemos, reencarnado como João Batista**. O pastor não cita as profecias que relacionam o regresso do profeta Elias, pois o colocariam em uma circunstância desfavorável para tentar confirmar sua tese de que João Batista teria sido um profeta semelhante a Elias, enquanto percebemos que as profecias relatam sobre o regresso do profeta Elias. Pelo nosso raciocínio, nós desconstruímos o pensamento do pastor neste quesito com a simples análise de que se os fariseus e escribas perguntaram a João Batista se ele era o profeta Elias, é pelo simples fato dos judeus estarem aguardando o regresso do profeta Elias antes da vinda do Senhor, o que denota que eles acreditavam que os grandes profetas de seu tempo poderiam ter sido os profetas

que viveram séculos antes. Somente este argumento desmonta a tese do pastor, mas nós vamos adiante em nossa argumentação. Vejamos o que o pastor nos oferece mais adiante.

Quanto a Lc 1:17 que diz que João Batista foi adiante de Jesus “no espírito e virtude de Elias”, informo que isto significa apenas que João era espirituoso e virtuoso como Elias o fora. O vocábulo “espírito” segundo o “Novo Dicionário Aurélio”, não significa apenas a nossa parte imaterial, mas também, “animo, índole, finura, graça...”. A “Pequena Enciclopédia Bíblica” também dá à palavra “espírito”, várias definições: “substância incorpórea, alma, ente imaginário, aptidão para, tendência, disposição”. Com isto concorda Nm 14:24, pois diz que em Josué e Calebe havia um espírito excelente.

Neste caso, o “espírito excelente” do qual eles eram portadores, não é o Espírito Santo, como alguns pensam, antes quer dizer que eles eram homens de fé e de boa índole. Se a palavra espírito significasse apenas a nossa parte imaterial, isso equivaleria a dizer que Eliseu queria receber “a alma de Elias multiplicada por dois”, já que em 2 Reis 2:9-12, Eliseu pediu **e recebeu**, dobrada porção do espírito de Elias. Veja o leitor, que em todas as versões da Bíblia, o vocábulo “espírito”, constante de 2 Reis 2:9, está gravado com inicial minúscula, o que prova que todos os tradutores reconhecem que a palavra “espírito”, neste caso, não é uma referência ao Espírito Santo que atuava sobre Elias, nem tampouco se refere à alma de Elias, mas sim, à espiritualidade, ao fervor, ao dinamismo deste servo de Deus.

Se Eliseu não pedisse “porção dobrada do teu espírito”, isto é, do espírito de Elias (o dobro da espiritualidade de Elias), mas apenas “espírito de Elias” (a mesma espiritualidade de Elias), provavelmente os falsos profetas já estariam dizendo por aí que a alma do profeta Elias se incorporou no profeta Eliseu. Mas, como é “porção dobrada”, eles têm evitado esse ridículo.

Deveras, por dizer a Bíblia que João Batista foi adiante de

Jesus “no espírito e virtude de Elias”, não constitui prova de que ele era uma reencarnação do profeta Elias, doutro modo poder-se-ia dizer que a alma de Elias se desdobrou em duas e que Eliseu as incorporou. Há outra explicação mais convincente, por não colidir com as Escrituras, antes harmonizar-se com os princípios estabelecidos pela Hermenêutica, entre os quais, que todo texto deve ser interpretado à luz do contexto. Ademais, Eliseu não poderia ser uma reencarnação do profeta Elias, visto que este era contemporâneo daquele

A maior de todas as provas de que João Batista não era Elias reencarnado, é o fato dele mesmo, ao ser interrogado: “És tu Elias?” responder: “Não sou” (Jo 1:21). Certo kardecista disse-me que João Batista se expressou assim, porque o reencarnado sofre um esquecimento das encarnações anteriores, mas estes dogmas (refiro-me aos dogmas da reencarnação e da “amnésia” que um espírito experimenta ao reencarnar-se) não são doutrinas cristãs. Logo, não pode ser pregado por uma instituição que se considera cristã. Mas, como o Kardecismo o faz, aqui está mais uma demonstração de incoerência.

O pastor insiste na análise de (Lc 1,17) como sua tábua de salvação que lhe garante em seus argumentos que devido a polissemia da palavra espírito, há uma brecha gramatical que sustenta a tese que o retorno do profeta Elias poderia prefigurar um profeta semelhante, mas não o mesmo profeta. O que já evidenciamos anteriormente é que as profecias se referiam ao retorno do profeta e não há embasamento no Tanah que sustenta a tese do pastor de ser um profeta semelhante. Temos um estudo sobre a polissemia da palavra espírito dentro do contexto hebraico e grego das Escrituras que é o artigo: [Análise de alma e espírito no contexto grego](#), onde respondemos a um leitor nosso, suas dúvidas quanto ao tema e que recomendamos o seu exame não somente ao pastor,

mas a todos os leitores.

Ainda dentro da argumentação do pastor quanto ao texto de (Lc 1,17) em se tratar sobre a temática de um profeta semelhante, temos no mesmo artigo ***Analizando Norman Geisler, João Batista é ou não Elias?*** um capítulo em que tratamos desta temática. Vejamos:

O que significa a expressão “no espírito e poder de Elias”

Por que João Batista negou ser Elias? Por outro lado, ele afirmou ser o Precursor, embora Jesus tenha afirmado que Elias viria primeiro para restaurar todas as coisas, ou seja, Elias viria como o precursor. (Mt 17,10 a 13). Com efeito, nos é apresentada a seguinte explanação:

Contudo, não é necessário entender essa passagem como uma reencarnação literal de Elias. Existem várias indicações no próprio texto de que ela significa simplesmente que João ministrou no espírito e poder de Elias. Em primeiro lugar, João e Elias não tiveram o mesmo ser — eles tiveram a mesma função. Jesus não estava ensinando que João Batista fosse literalmente Elias, mas apenas que ele veio “no espírito e virtude de Elias” (Lucas 1.17), com o fim de dar continuidade ao ministério profético de Elias.

Em conclusão, podemos raciocinar com três afirmativas dessa passagem tão confusa, porém, só aparente, conforme lemos abaixo:

1ª - João, por questão de humildade, não quis afirmar ser Elias, por sinal à mesma virtude demonstrada, quando inicialmente recusou batizar Jesus, dizendo não ser digno, sequer de carregar as alparcas do Mestre (Mt 3,11) e que Jesus é quem deveria batizá-lo (Mt 3,14);

2ª - Quando o João Batista disse que ele não era o profeta Elias. Isso não prova nada, que ele não era o espírito do Elias reencarnado. O que fica claro é que João Batista não sabia que ele era a reencarnação de Elias, se ele soubesse, ele confirmaria. Neste caso, houve o esquecimento do passado que podemos encontrar na obra “O Evangelho segundo o Espiritismo”, de Allan Kardec, item 11, Cap. V:

“Havendo Deus entendido de lançar um véu sobre o passado, é que há nisso vantagem. Com efeito, a lembrança traria gravíssimo inconveniente. Poderia, em certos casos, humilhar-nos singularmente, ou então, exaltar-nos o orgulho e, assim, entrar o nosso livre-arbítrio. Em todas as circunstâncias, acarretaria inevitável perturbação nas relações sociais. Frequentemente, o Espírito renasce no mesmo meio em que já viveu, estabelecendo de novo relações com as mesmas pessoas, a fim de reparar o mal que lhes haja feito. Se reconhecesse nelas as a quem odiara, quiçá o ódio se lhe despertaria outra vez no íntimo. De todo modo, ele se sentiria humilhado em presença daquelas a quem houvesse ofendido. Para nos melhorarmos, outorgou-nos Deus, precisamente, o de que necessitamos e nos basta; a voz da

*consciência e as tendências instintivas.
Priva-nos do que nos seria prejudicial”.
(KARDEC, A. O Evangelho segundo o
Espiritismo, Cap. V)*

Contudo, o que João Batista tinha, era a intuição de sua missão e por humildade, não se exaltou em cumpri-la, antes se reportou ao Mestre como indigno de carregar as suas alparcas e cumpriu a sua tarefa até o fim, com a intrepidez de um verdadeiro profeta que não se enaltece, mas foi elevado por Jesus.

3ª - Ao reencarnar, João Batista veio cumprir sublime missão, “**a de preparar os caminhos do Senhor**”, em função de sua elevada evolução espiritual, tendo isso sido realizado pôr Jesus:

“Em verdade vos digo que, entre os que de mulher tem nascido, não apareceu alguém maior do que João Batista, mas aquele que é menor no reino dos céus é maior do que ele”. (Mt 11,11)

Era evidente que Jesus estava se referindo a vida passada de João, quando foi Elias e que também veio desempenhar nobre missão e extrapolou seus direitos, ao vencer a aposta diante do Rei Acabe, no Monte Carmelo, provando que o Deus que libertou o povo Hebreu do jugo dos Egípcios, tendo como líder Moisés, o Deus único e verdadeiro, era mais poderoso que o Deus Baal, cujos adeptos, em torno de 450 pessoas, não conseguiram que projetasse do céu fogo para queimar a sua fogueira e o boi, que estava assentado sobre a mesa, cortado em pedaços, apesar dos insistentes apelos que fizeram, vindo até a se mutilarem. Na oportunidade de Elias, o

profeta do Senhor, após fervorosa súplica feita ao seu Deus, de imediato o fogo vindo como um raio queimou a sua fogueira e o seu boi. Ao vencer a aposta, Elias, não usando de clemência, exigiu junto ao Rei Acabe que os profetas de Baal fossem mortos, decapitando-os na torrente de Cison, conforme consta no Livro de 2 Reis 18,19-40.

João Batista, por essa infração ao 5º Mandamento da Lei de Deus, que nos recomenda **“Não matarás”**, voltou para resgatar nas mesmas circunstâncias em que matou, sendo, portanto, decapitado, após solicitação de Salomé e sua mãe ao Rei Herodes (Mt 14,3-11). Essa é a referência ao qual Jesus havia dito que **“... Na verdade Elias havia de vir e restaurar todas as coisas”**.

Ainda com referência ao esquecimento do passado, João Batista evidenciou que no seu caso, este foi parcial, tendo consciência, apenas intuitivamente, da missão que vinha desempenhar como precursor, porém o restante de sua vida como Elias ficou esquecido por completo.

Alegam que João Batista havia negado ser Elias, por outro lado, um fato importante a ressaltar é que logo após o diálogo de Nicodemos e Jesus, há o testemunho de João Batista dizendo que:

*“Vós mesmos sois testemunhas de que vos disse: eu não sou o Cristo, mas **fui enviado como seu precursor**” (Jo 3,28).*

Ou seja, o precursor do Messias era o **Profeta Elias**, segundo as profecias diretas de Malaquias. Enfim, João Batista era de fato Elias reencarnado, sem a dúvida de não sê-lo. Aliás, para alguém

ser enviado, ele precisa existir, o que corrobora que João Batista estava em nova reencarnação, ou, na pior das hipóteses, que seu espírito era preexistente. Só que a preexistência é uma ideia ligada à reencarnação, assim, por ela, estamos voltando ao primeiro ponto.

Outra justificativa que nos tentam passar, a fim de negar que João Batista tenha sido Elias reencarnado, é a ideia de que Elias não reencarnou em Eliseu, após o evento do arrebatamento, como podemos conferir.

“Então Elias pegou o manto, o enrolou e bateu com ele na água. A água se dividiu em duas partes, de tal modo que os dois passaram o rio sem molhar os pés”. (2 Rs 2,8)

*“Pegou o manto de Elias, que havia caído, e voltou para a margem do Jordão. Segurando o manto de Elias, bateu com ele na água, dizendo: 'Onde está Javé, o Deus de Elias?' Bateu na água, que se dividiu em duas partes. E ele atravessou o rio. Ao vê-lo, os irmãos profetas, que estavam a certa distância, comentaram: '**O espírito de Elias repousa sobre Eliseu**'. Então foram ao seu encontro, se prostraram diante dele”. (2 Rs 13,15)*

Quando conferimos a passagem de Lc 1,17, onde está escrito que João Batista “... irá adiante do Senhor no espírito e poder de Elias”, conforme a anunciação de um anjo a Zacarias, vimos que para que haja uma negação de que João Batista seja a reencarnação de Elias, a profecia de Malaquias deveria tratar do “espírito profético” e não do retorno físico do Profeta Elias. Outrossim,

para que a passagem de Lucas testificasse este pensamento do “espírito profético” de Elias estivesse sobre João Batista, Jesus também teria diria que “*o espírito de Elias repousa sobre João Batista*”, baseando-se no fato equivalente entre Elias e Eliseu (2Rs 2,15). Portanto, quando se diz que “*o espírito de Elias repousou sobre Eliseu*” só se pode entender que Elias desencarnou e na condição de espírito influência seu sucessor, ou ainda devido à mediunidade de Eliseu fazia crer que o espírito de Elias estava sobre ele em porção dobrada. Aos que acreditam no arrebatamento físico de Elias, perguntamos: como é que seu espírito andava com Eliseu e seu corpo ficou no mundo espiritual? (FERRARI. T. T. 2013. P. 10-13)

Fim da citação

Como pudemos observar, o pastor isola o trecho de (Lc 1,17) e constrói seu castelo de cartas, atropela a hermenêutica, desconsidera a exegese e aplica ao texto o que ele deseja, levando seus leitores ao erro. Contudo, observamos não somente a ele, mas também a Norman Geisler que é bastante usado pelos fundamentalistas corroborarem suas teses, mas que num exame apurado, encontramos a essências do Evangelho e a assertiva de Jesus em nos dizer sobre João Batista, que **este era o Elias que havia de vir** (Mt 11,14). Vamos adiante nos argumentos do pastor.

Como bem o disse o Frei Battistini, “Quem acredita na reencarnação não é cristão, mas pagão” (A Igreja do Deus Vivo, 33ª edição, 2001, Editora Vozes, página 35). (Caro irmão em Cristo, quando um kardecista lhe inquirir sobre o

porquê de você não crer em reencarnação, diga-lhe que é porque você é Cristão).

Não nos esqueçamos que os kardecistas não podem recorrer à Bíblia, sem faltar com a honestidade e sem ser incoerentes, pois assumem que não a reconhecem como autoridade. Acabamos de ver que os kardecistas são reencarnacionistas e que, portanto, não são cristãos. Ser reencarnacionista equivale a subestimar o sangue de Jesus, e, obviamente, quem o faz não é cristão.

O conceito da reencarnação era comum na era testamentária, tanto que observamos neste capítulo que os fariseus e escribas à época do Cristo esperavam o retorno do profeta Elias. Para tanto, a tese da trindade por exemplo, como bem evidenciamos, é que é uma ideia pagão e imiscuída ao cristianismo como muitas outras liturgias que foram agregadas a igreja de Roma. Para fechar este tópico, vamos evidenciar o que encontramos em fontes judaicas, presentes na introdução de nosso artigo ***Analizando Norman Geisler, João Batista é ou não Elias?*** Vejamos:

[...] é importante sabermos que no primeiro século da era Cristã, ou até mesmo antes, já se acreditava no regresso de alguém que já havia vivido anteriormente, porém, preceito não muito esclarecido para os Judeus, e que hoje sabemos se tratar da Reencarnação (Mt 16,13-17; 14,1-2; Mc 6,14-15; Jo 9,1-3; 5,5-14). Assim, trazemos como adendo a Enciclopédia de Bíblia Teologia e Filosofia:

“As diferenças quanto às crenças doutrinárias, entre os fariseus e os saduceus, conforme é frisada pelo

historiador Flávio Josefo, eram as seguintes (ver Guerra dos Judeus II.8.14): Os fariseus criam na imortalidade da alma, que haveria de reencarnar-se. Isso poderia envolver uma série de reencarnações (**doutrina essa muito comum naquela época, que evidentemente também era defendida pelos essênios; ver nota em Luc. 1:80 e Mat. 3:1 no NTI**), mas também incluía a ideia de que a alma haveria de animar o corpo ressurrecto”. (grifos nossos) (Pr. Bentes, J.R. Enciclopédia de Bíblia Teologia e Filosofia, 4a. edição, volume 5, página 583)

O judeu e historiador Flávio Josefo (37 a 103 d.C.), vivendo no primeiro século da era cristã, nos fornece a evidência histórica de que a reencarnação era crença comum em sua época, conforme podemos ler:

“Ensinavam os fariseus que as almas são imortais e que as almas dos justos passam, depois desta vida, a outros corpos” (De Bello Judaico, 2,5,11).

Vejam ainda, a advertência que faz aos soldados judeus que pensam em desertar, suicidando-se:

“Não vos recordais de que todos os espíritos puros que se encontram em conformidade com a vontade divina vivem nos mais humildes dos lugares celestiais, e que no decorrer do tempo eles serão novamente enviados de volta para habitar corpos inocentes? Mas as almas daqueles que cometeram suicídio

serão atiradas às regiões trevosas do mundo inferior” (De Bello Judaico, 1910). (FERRARI T. T. 2013, p. 2)

Fim da citação

Como podemos observar, o conceito judaico da reencarnação era presente na época do Cristo pelas inúmeras evidências apresentadas. Se João Batista não era o profeta Elias reencarnado, logo, Jesus não poderia ser o messias, já que as profecias do Tanah atestavam o retorno do profeta Elias e não de um profeta semelhante. Dessa maneira, os cristãos a negarem a reencarnação do profeta Elias como João Batista, por tabela, negam que Jesus tivera sido o messias.

Estamos de pleno acordo com Jesus que foi o propagador dessa ideia e não abrimos mão de que e *“... se quereis dar crédito, é este o Elias que havia de vir (Mt 11,14). Então entenderam os discípulos que lhes falava a respeito de João, o Batista”.* (Mt 17,13). Passemos ao capítulo seguinte a tratar do tema sobre a comunicabilidade com os mortos na Bíblia.

CAPÍTULO IX - “SAMUEL”, SAUL E A MÉDIUM

Neste capítulo, o pastor seguirá a linha dos demais detratores do Espiritismo, em identificar que em (1Sm 28) não houve a manifestação do espírito de Samuel a Saul, através da necromante, com um único objetivo de taxar uma manifestação demoníaca que por tabela fere a inerrância das Escrituras e combate a possibilidade das comunicações espirituais entre vivos e mortos, com uma única finalidade, combater a Doutrina Espírita.

Esclarecemos, de antemão, que iremos expor nossos argumentos e referências, com o objetivo de mostrar o outro lado da moeda e separar os conceitos de necromancia e comunicação com os mortos dentro do Espiritismo, onde percebemos que certos líderes religiosos os imiscuem para detratar a Doutrina Espírita, mesmo que de forma desonesta, ao qual esclareceremos a seguir. Vejamos o que o pastor apresenta em sua introdução:

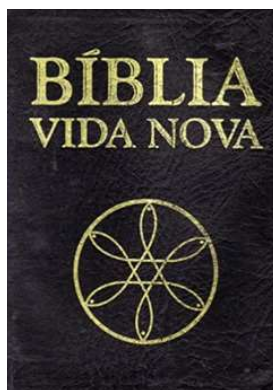
Inspirando-se em 1 Sm 28, vários kardecistas me disseram que a mediunidade é respaldada pela Bíblia. O autor destas linhas quer deixar a refutação a essa heresia a cargo dos eruditos, editores duma Bíblia de estudo intitulada “A Bíblia Vida Nova”:

“1 Sm 28:3. Samuel era morto (ver 25:1). A mediunidade é pecado gravíssimo, condenado pela Bíblia de ponta a ponta, onde é castigada com a pena máxima, a pena de morte (Lv

20:27; Dt 18:10-12; At 16:18; Ap 21:8). Dizer que Deus permitiu o aparecimento de Samuel mediante a pitonisa (11), é afirmar que Deus permitiu a Samuel pecar gravemente. Consultar os “mortos”, ou os falsos mortos, é pecado igual ao de feitiçaria e ao de idolatria (15:23a). É pecado cuja prática Deus não permitiu a ninguém, absolutamente a ninguém, e muito menos a Samuel, que era o segundo dos profetas, quanto à importância, depois de Moisés no A.T. (Jr 15:1) (...)

Argumento Doutrinário: Consultar os “espíritos familiares” é condenado pela Bíblia inteira (ver 28:13). Fossem os espíritos de pessoas, e Deus teria regulamentado a matéria, mas como não são, Deus o proibiu. Aceitando a profecia do PSEUDO – SAMUEL, cria-se uma nova doutrina, que é revelação divina mediante pessoas ímpias e polutas. E nesse caso, para serem aceitas as afirmações proféticas, como verdades divinas é necessário que sejam de absoluta precisão; o que não aconteceu no caso presente (vejam como são precisas as profecias a respeito de Cristo: Zc 9:9 e Jo 12:15; Sl.22:18 e Jo 19:24; Sl 69:21 e Jo 19:28,29; Ex 12:46; Nm 9:12; Sl 34:20 e Jo 19:36; Zc 12:10 e Jo 19:37, etc.)

Inicia o pastor, em sua abordagem, citando a nota explicativa da Bíblia Vida Nova que representa a visão protestante deste evento que estamos analisando de (1Sm 28). Em contrapartida, vamos nos ater em responder a esta nota explicativa, apresentado até mesmo outras fontes que o pastor não cita, ou por desconhecimento, ou ainda por reserva a não derrubar suas teses, já que seu objetivo é demonstrar para seus leitores a impostura de que Samuel se manifestou em espírito a Saul, através da necromante de En-Dor. O que já nos adiantamos, é



que realmente a prática da necromancia era ilegal no Judaísmo, sancionada à pena de morte (Lv 20,27) e ainda continua sendo uma prática reprovável, o que não podemos imiscuir seu conceito às práticas de manifestação dos espíritos nas casas espíritas que são completamente diferentes. Tentar harmonizar o a prática da necromancia, adivinhação e demais sortilégios à prática mediúnica séria nas casas espíritas, ou é um desconhecimento quando ao processo de ambas, ou se trata de má-fé por parte de religiosos que tentam mistificar o Espiritismo.

Neste capítulo, tanto o pastor, quanto ao pastor Airon Evangelista, ao qual já o respondemos no nosso artigo ***○ Espiritismo e a feiticeira de En-Dor***, tentam perpassar a ideia de que Samuel, após o seu desencarne, não se manifestara a Saul através da necromante de En-Dor, conforme registrado no Tanah em 1Samuel 28. Para manter esta posição, eles elaboraram cerca de quatro pontos, bem similares, que contradizem a afirmativa de que fora o espírito de Samuel que se manifestou, dando a entender que foi um espírito maligno que se apresentou a Saul, via necromante. O que defendemos é justamente o fato de que foi Samuel quem se manifestou, de acordo com o Tanah (Bíblia Hebraica), o Talmud Babilônico e com o parecer do historiador Flávio Josefo (37 d.C.-100 d.C.); esse, inclusive, corroborará que, realmente, foi Samuel quem aparecera na consulta de Saul a necromante de En-Dor.

Acerca das profecias relacionadas ao messianismo de Jesus, contidas no Tanah e corroboradas pelos evangelistas no

Novo Testamento, não entraremos no mérito da análise, devido ao fato que não é nosso objetivo neste capítulo este exame, a fim de que não fuçamos de seu cerne que é a discussão da manifestação do espírito de Samuel, mas deixaremos para pesquisa, àqueles que se interessarem, o ebook [“Será que os profetas previram a vinda de Jesus?”](#) do confrade Paulo Neto, que nos esclarece que tais profecias não tem sua atestação, como ventilado pelo pastor, em citar esta nota explicativa da Bíblia Vida Nova, a fim de que pudesse em dúvida a profecia do espírito do profeta Samuel. Examinemos o texto:

1Sm 28: ¹ Naqueles dias, os filisteus juntaram seus acampamentos e formaram um exército para lutar contra Israel, e Ahish disse a David: ‘Saiba que sairás comigo à batalha, tu e teus homens!’ ² E David disse a Ahish: ‘Assim saberás o que o teu servo há de fazer’ – e Ahish disse a David: ‘Por isso te farei meu guarda-costas, para sempre’. ³ **E Samuel havia morrido**, e todo o Israel o havia pranteado e sepultado em Ramá, na sua cidade; e **Saul havia expulso da terra os necromantes e os adivinhadores ideonitas**. ⁴ E os filisteus se juntaram, vieram e acompanharam em Shunem, e Saul reuniu todo Israel e acamparam em Guilbôa. ⁵ E Saul viu o acampamento dos filisteus e temeu, e seu coração estremeceu muito. ⁶ **E Saul consultou ao Eterno, porém o Eterno não lhe respondeu nem por sonhos, nem pelos Urim, nem pelos profetas**. ⁷ E Saul disse aos seus criados: ‘Buscai-me uma necromante, para que eu vá a ela e a consulte – e seus criados lhe disseram: ‘Eis que há uma necromante em En-Dor.’ ⁸ Então Saul se disfarçou e, vestindo outras roupas, foi junto com um dos homens, e vieram a mulher de noite, e ele disse: ‘Rogo-te que me adivinhes pela necromancia e me façás subir aquele eu te disser.’ ⁹ E a mulher lhe disse: ‘Tu bem sabes o que Saul fez e como exterminou da terra os necromantes e os adivinhadores ideonitas; por que então me amarras um laço à

minha vida, para causar a minha morte?’ ¹⁰ E Saul lhe jurou pelo Eterno, dizendo: ‘Assim como o Eterno vive, juro que nenhuma punição te sobrevirá por isso!’ ¹¹ – e a mulher disse: ‘A quem farei subir para ti?’ – e ele disse: ‘Faz-me subir Samuel.’ ¹² **E a mulher viu a Samuel e gritou em voz alta, e a mulher falou a Saul e disse: ‘Por que me enganaste? Tu és Saul!’** ¹³ – e o rei lhe disse: ‘Não temas! Mas o que foi que viste? – e a mulher disse a Saul: **Vi anjos de Deus subindo da terra.**’ ¹⁴ E ele lhe disse: ‘Qual a sua aparência?’ – e ela disse: ‘**Está subindo um homem velho, e está envolto num manto**’ – e Saul soube que era Samuel, e **inclinou-se com o rosto em terra e se prostrou.** ¹⁵ E Samuel disse a Saul: ‘**Por que me importunaste, fazendo-me subir?**’ – e Saul disse: ‘Estou muito angustiado por que os filisteus estão fazendo guerra contra mim, e Deus Se desviou de mim, e não me respondeu mais, nem pelos profetas nem por sonhos. Por isso te chamei, para me fazeres saber o que devo fazer.’ ¹⁶ **E Samuel disse: ‘E por que me perguntas? O Eterno se desviou de ti e Se tornou teu inimigo,** ¹⁷ **e o Eterno te fez conforme falou através de mim, pois o Eterno rasgou o reino da tua mão e o deu ao teu próximo, a David,** ¹⁸ porquanto não deste à voz do Eterno e não executasse o furor de Sua ira contra Amalec; por isso o Eterno te fez assim hoje. ¹⁹ **E o Eterno entregará também a Israel contigo na mão dos filisteus, e amanhã tu e teus filhos estarão comigo; também o acampamento de Israel o Eterno entregará na mão dos filisteus.**’ ²⁰ Imediatamente Saul caiu estendido na terra, e estava com muito medo por causa das palavras de Samuel, e também não havia nele força, porque não tinha comido pão durante todo o dia e toda a noite. ²¹ E a mulher veio a Saul, e viu que estava muito apavorado, e ela lhe disse: ‘Eis que a tua criada deu ouvidos à tua voz, pus a minha vida em risco e ouvi as palavras que me disseste. ²² Agora, rogo-te, ouve também a voz da tua criada, e porei diante de ti uma fatia de pão e comerás; assim farás força quando seguiremos em teu caminho.’ ²³ Mas ele recusou e disse: ‘Não comerei.’ – então seus criados insistiram – e a mulher também – e ele acabou dando ouvidos à voz deles, levantou-se do chão e sentou-se na cama. ²⁴ **E a mulher tinha em casa um bezerro cevado, e apressou-se e o degolou; e tomou farinha, a amassou e assou pães não fermentados,** ²⁵ **e trouxe diante de Saul e de seus criados, e eles**

comeram. E levantaram-se e partiram naquela mesma noite. (TANAH, p. 300-301, grifo nosso).

Após conhecermos o conteúdo do texto na versão da Bíblia Hebraica, poderemos fazer juízo de valor na análise deste evento, sob a luz da Doutrina Espírita. Vamos ao primeiro ponto abordado pelo pastor em negar a aparição do espírito de Samuel a Saul. Vejamos:

Argumento profético (Dt 18:22): As profecias devem ser julgadas (1 Co 14:29). E essas, do pseudo Samuel, Não resistem ao exame. São ambíguas e imprecisas, justamente como as dos oráculos sibilinos e délficos. Vejamos:

a) Saul não foi entregue nas mãos dos Filisteus (28:19): A profecia é de estilo sibilino e sugeria que Saul seria supliciado pelos Filisteus. Mas o fato é que Saul se suicidou (31:4). e veio parar nas mãos dos homens de Jabes-Gilead (31:11-13). Saul apenas passou pelas mãos dos Filisteus. Infelizmente, o pseudo-Samuel não podia prever este detalhe. (Vejam como são precisos os detalhes a cima, a respeito da pessoa de Cristo).

b) Não morreram todos os filhos de Saul (“... tu e teus filhos”, 28:19), como insinua essa outra profecia obscura: ficaram vivos pelo menos três filhos de Saul: Is-bosete (2 Sm 2:8-10), Armoni e Mefibosete (2 Sm 21:8). Apenas três morreram, como anotam clara e objetivamente as passagens seguintes: 1 Sm 31:26 e 1Cr 10:2,5.

Certamente que devemos atestar as profecias e quando retiram do Tanah uma profecia que não tem relação nenhuma com o messianismo de Jesus, também são duvidosas essas atestações, tal qual indicamos no ebook acima para exame. Outrossim, o que iremos demonstra é justamente o oposto, que as profecias do espírito de Samuel se confirmaram. Em

nosso texto ***O Espiritismo e a feiticeira de En-Dor*** em que respondemos ao Pr. Airton Evangelista da Costa, encontramos o mesmo argumento levantado pelo Pr. Joel Santana. Vejamos nossa análise:

Numa última tentativa, o Pr. Airton nos revela que nem todos os filhos de Saul morreram na batalha contra os filisteus. De acordo com a pesquisa de Paulo Neto em seu texto "[Saul não consultou feiticeira nem bruxa coisa alguma!](#)", p. 40-41, Vamos resumir o que sua pesquisa pode nos oferecer de ferramenta a analisar este posicionamento do pastor. Vejamos:

1Sm 28,19: E o Eterno entregará também a Israel contigo na mão dos filisteus, **e amanhã tu e teus filhos estarão comigo**; também o acampamento de Israel o Eterno entregará na mão dos filisteus. (TANAH, p. 300, grifo nosso).

1.ª) Neste primeiro ponto, lemos que Saul, na visão do Pr. Airton, não foi entregue nas mãos dos filisteus, tentando contrapor a profecia de Samuel a Saul (1Sm 28,19). Contudo, na guerra contra os filisteus, tanto Saul como todo o seu exército, portanto, Israel inteiro foi derrotado pelo exército inimigo, então, podemos dizer que foram entregues "*nas mãos dos filisteus*", conforme anunciado na profecia. Sobre a menção de que Saul veio parar nas mãos de homens de Iavesh-Guilad (1Sm 31,11-13) conforme a Bíblia Hebraica informa que no verso 8 anterior foram os filisteus que encontraram os corpos de Saul e seus filhos "estirados nas montanhas de Gilbôa" (1Sm 31,8). O fato de Saul ter se lançado sobre a espada de seu escudeiro

(1Sm 31,4) não desabona o fato dele, Saul ter caído nas mãos dos filisteus (1Sm 31,9), bem como seus filhos que também caíram nas mãos dos filisteus (1Sm 31,2 e 8). Voltaremos mais adiante a este assunto.

2ª) Já neste ponto, será que “o amanhã” significa o dia seguinte, ou um dia no futuro? Já vimos anteriormente que não, significa um tempo futuro. Eis o primeiro problema que surge, já que a predição da morte de Saul fora dita por Samuel. Vemos na sequência natural dos textos pode-se mesmo pensar que o fato não aconteceu no dia seguinte; inclusive, já vimos pessoas dizendo que isso aconteceu até dezoito dias depois, o Pr. Airton disse que ocorreu cinco dias depois; entretanto, há que ajustá-los à ordem dos acontecimentos: 1Sm 28.2 continua em 29.1, indo até 30.31; 1Sm 28,4-25 continua em 31.1, conforme podemos confirmar na Bíblia Sagrada - Vozes, onde explicam em notas de rodapé:

1ª) 28.2. A resposta é ambígua; o relato continua no c. 29. (p. 329).

2ª) 29.1. O c. 29 é a continuação de 28.2. (p. 330).

3ª) 30.1. O c. 30 forma a continuação do c. 29, sendo também uma espécie de relato paralelo a 27,8-12. (p. 331).

4ª) 31.1. Depois dos parênteses de 1Sm 29-30 aqui continua o texto de 28,4s. (p. 332).

O passo 1Sm 31,1 é o que relata a morte de Saul e seus filhos, que se coloca na sequência imediata à profecia de Samuel narrada no capítulo 28; portanto, cumpriu-se também esta outra parte da profecia, pois Saul e filhos morreram em consequência da batalha e foram

para o “estarão comigo”, ou seja, “na morte” (Bíblia Anotada – Mundo Cristão, p. 401) ou “no reino dos mortos” (Bíblia Sagrada – Vozes, p. 320), quer dizer, para junto de Samuel. Lembremos apenas que, para os hebreus, depois da morte todos iam para um mesmo lugar, se se quiser tomar a expressão em outro sentido. Assim, podemos aceitar que “*Esta verdadeira 'batalha de Waterloo' de Saul e seus filhos **cumpriu a profecia de Samuel** (28,19)*”. (Bíblia Anotada – Mundo Cristão, grifo nosso).

Além disso, pode-se ainda confirmar, pelo relato de Josefo, que a necromante ajudou a Saul, mesmo “**sabendo que ele morreria no dia seguinte**”. (JOSEFO, 2003, p. 284-288, grifo nosso).

Porém há dois pontos que precisam de um maior esclarecimento:

1º) foi dito que os filhos de Saul morreriam e não morreram todos eles. Teria, nesse ponto, falhado a profecia? Sim, realmente, alguns dos filhos de Saul não morreram na batalha; mas na profecia também não foi dito expressamente que “todos” os filhos de Saul morreriam; entretanto, não precisa ser nenhum gênio para entender que o autor estava falando daqueles que se envolveriam na guerra e, nesse particular, todos os que lá estavam morreram. Mesmo assim, se tomarmos da própria Bíblia, encontramos a afirmação, confirmando totalmente a profecia. Vejamos:

1Cr 10,6: Assim morreram Saul e seus três filhos, **e morreu toda a sua casa juntamente**. (TANAH, p. 821, grifo nosso)

Por que se afirmou que morreu a família inteira de Saul? Simples, porque de sua esposa Ahinôam, ele teve, segundo 1Sm 14,49, além das filhas Merav e Miḥal, os filhos Jônatas, Ishvi e Malkishúa, enquanto, que em 1Sm 31,2, são citados: Jônatas, Avinadav e Malki-Shúa. Abstraindo-se da divergência de um dos nomes, a quantidade é a mesma. Por ser ela a primeira mulher de Saul estes são os que formavam a sua família, aqueles que morreram junto com o pai.

Porém, Saul teve outros dois filhos - Armoni e Meribaal (ou Mefiboset) -, cuja mãe era uma concubina do rei que era Ritspá (2Sm 3,7), filha de Aiá; assim, por serem filhos de outra mulher que não fosse a primeira, certamente, o autor bíblico, por costume social, não os considerou como da família, fora o fato de que não há registro que eles também combateram contra os filisteus, junto com o pai.

2º) Saul não foi entregue nas mãos dos filisteus, ele suicidou-se; aqui se trata de entendimento do texto, onde se diz apenas que seria entregue nas mãos, ou seja, que seria derrotado; não que os filisteus mataram-no. Não obstante, o suicídio de Saul se deu exatamente porque, vencido pelo inimigo, não queria cair vivo nas mãos dele, preferindo suicidar-se; é o que consta em 1Sm 31,4, sobre o seu trágico fim. Por outro lado, ficamos sem poder precisar quem foi realmente o responsável pela morte de Saul, pois temos três possíveis hipóteses: a) o próprio Saul, que se atirou contra sua espada (1Sm 31,4); b) um amalekita, que o matou, a seu pedido (2Sm 1,6-10); c) O Senhor, por sua infidelidade, o matou (1Cr 10,14). Esta é uma questão imprecisa que não temos como assegurar como Saul realmente

morrera.

Tomando-se apenas dos textos bíblicos, poderíamos até incluir mais outra opção, a de que os filisteus teriam enforcado a ele e Jônatas (2Sm 21,12); no entanto, isso fica esclarecido em Josefo, que afirmou que apenas penduraram os corpos de Saul e de seus filhos na forca (JOSEFO, 2004, p. 284-288), certamente visando humilhá-los, uma vez que consideravam como um maldito de Deus quem fosse suspenso numa árvore (Dt 21,23). (FERRARI T. T. 2013, p. 14-15)

Fim da citação

Como podemos observar, o pastor ficou em apenas uma fonte ao analisar o fato da morte dos filhos de Saul em batalha e quando ampliamos para outras fontes, observamos que todos os filhos de Saul que se encontravam na guerra contra os filisteus, vieram a perecer. Passemos ao ponto seguinte do pastor.

c) Saul não morreu no dia seguinte (“... amanhã... estareis comigo”, 28:19): Esta é uma profecia do tipo délfico, ambígua. Saul morreu cerca de dezoito dias depois (ver notas de 30:1, 10, 13, 17; 2 Sm 1:3)...

Diante deste ponto levantado pelo pastor, observamos que se trata do mesmo ponto abordado pelo Pr. Airton Evangelista da Costa, onde consta nossa resposta no mesmo artigo indicado ***O Espiritismo e a feiticeira de En-Dor***. Vejamos:

Nesta primeira observação do Pr. Airton, ele recorre ao dicionário em nos remeter sobre a questão do amanhã, quando é afirmado “... **amanhã tu e teus filhos estarão comigo;...**” (1Sm 28,19). Diante deste argumento, ele está amparado sobre dicionários, mas qual dicionário? Nós iremos ao hebraico com o fito de verificarmos a questão do amanhã, onde recorreremos ao Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento para averiguar. Vejamos:

1185 מהר (*mhr*). **Aceita como raiz de:**

1185a מחר (*mãhâr*) **amanhã.**

1185b מחרת (*mohôrât*) **o dia seguinte.**

1185c מחיר (*m'hlr*) **salário, preço.**

mãhâr. Amanhã, mãhâr ocorre 52 vezes, mas raramente é usado como substantivo. Por exemplo, “amanhã é a lua nova” (1 Sm 20.5). Em outras passagens é empregada adverbialmente: “Comamos e morramos, que amanhã morreremos” (Is 22.13) ou “Amanhã fará o SENHOR isto na terra” (Êx 9.5).

De interesse teológico temos o uso de mãhâr com o sentido de tempo futuro. Por exemplo, Êxodo 13.14 e Deuteronômio 6.20, “Quando teu filho amanhã te perguntar”. Em Josué 4.6, 21 empilharam-se pedras para servir de memorial para que, em dias futuros, quando os filhos indagassem o que isso significava, fosse-lhes dada resposta. Semelhantemente, receando as tribos da Transjordânia que, com o passar do tempo, elas seriam podadas da herança

de Israel, erigiram um memorial (Js 22.24, 28). Labão e Jacó olharam para o *māhār* não apenas no sentido do dia seguinte, mas também no de tempo futuro (Gn 30.33). É bastante significativo que nenhum dos profetas empregou a palavra para designar a era escatológica.

Provérbios adverte contra vangloriar-se daquilo que se vai fazer no dia de amanhã (Pv 27.1). Nem se deve prometer dar algo ao próximo no dia seguinte quando está ao seu alcance dá-lo já agora (Pv 3.28). Deus é responsável pelo nosso amanhã, por isso não devemos planejar como se o futuro estivesse inteiramente em nossas mãos.

mohōrāt. Amanhã. O que há de mais interessante neste substantivo feminino é que *mimmohōrat* significa “no dia seguinte a”, ou seja, “depois de” (Lv 23.11, 15, 16; Nm 33.3; Js 5.11). Duas vezes a preposição *le* é empregada antes de *mohōrāt*, tendo o sentido de “no dia seguinte” (Jn 4.7; 1 Sm 30.17) (Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento, p. 827, grifo nosso)

Após a nossa análise teológica de “מחר (*māhār*) **amanhã**” entendemos que o amanhã perfaz um tempo futuro e não que deverá significar o dia seguinte, já que para este tempo, temos “מחרת (*mohōrāt*) **o dia seguinte**” que satisfaz a intenção do Pr. Airton que por um descuido se baseou em dicionários da língua portuguesa.

Outro ponto que o Pr. não salientou, mas que nos demonstra que poucos o fazem quando querem

desabonar o aparecimento do espírito de Samuel, é a profecia que ele mesmo a repete, sendo a mesma que enquanto esteve vivo. Vejamos:

Samuel em vida:

1Sm 15,27-29: E quando Samuel se virou para ir embora, ele (Saul) agarrou a borda de sua capa, que se rasgou. **E Samuel lhe disse: 'O Eterno rasgou de ti hoje o reino de Israel e o deu ao teu próximo, que é melhor do que tu!** E também (Aquele que é) a força de Israel não mente nem Se arrepende, porquanto não é um homem para que se arrependa.' (TANAH, p. 286, grifo nosso)

Samuel após a sua morte:

1Sm 28,16-18: **E Samuel disse: 'E por que me perguntas? O Eterno se desviou de ti e Se tornou teu inimigo, e o Eterno te fez conforme falou através de mim, pois o Eterno rasgou o reino da tua mão e o deu ao teu próximo, a David,** porquanto não deste à voz do Eterno e não executasse o furor de Sua ira contra Amalec; por isso o Eterno te fez assim hoje. (TANAH, p. 300, grifo nosso) (FERRARI T. T. 2013, p. 13-14)

Fim da citação

Mais uma vez observamos que o pastor está focado em apenas uma fonte e que necessita ampliar seus argumentos em mais outras fontes, tal qual trouxemos o importante

esclarecimento de que o “amanhã” no hebraico (מחר) não indica o dia seguinte. Passemos, porquanto ao item seguinte.

d) Saul não foi para o mesmo lugar que Samuel (“...estareis comigo,”28:19). Outra profecia délfica. Interpretar o “comigo” por simples “além” (sheol), é interversar. Samuel estava no “seio de Abraão”, sentia isso e sabia da diferença que existia entre um salvo e um perdido.... Logo, Samuel não podia ter dito a Saul, que estaria no mesmo lugar que ele: no “Seio de Abraão”. Se Samuel tivesse desobedecido a Deus (28:16-19), passaria para o inferno, para estar com Saul? Ou então, Saul, ainda que transgredindo a palavra de Deus e consultando a necromante (1 Cr 10:13), passou para o paraíso, para estar com Samuel? Inacreditável. Solução: - Quem respondeu a Saul?... A Bíblia fala de certos “espíritos”, sua natureza e seu poder (Ex 7:11,22; 8:7; At 16:16-18; 2 Co 11:14-15; Ef 6:12). São os anjos-maus.... o anjo-mau assume a nossa identidade e representa-nos no mundo, através dos médiuns, onde revela o nosso relatório com acerto e “autoridade”. É por isso que Paulo fala da luta que temos contra as forças espirituais do mal (Ef 6:12). E é pela mesma razão que Deus proíbe consultar os ‘mortos’ (Is 8:19,20), porque estes são falsos (Dt 18:10-14). Caso fossem espíritos humanos, provavelmente, Deus não proibiria a sua consulta, apenas regulamentaria o assunto para evitar abusos. Deus, porém, proíbe o que é dissimulação e falsidade...”.

Sobre esta questão do Sheol, o pastor está com uma informação que os Judeus não a tinham à época do reinado de Saul que é o seio de Abraão, já que para todos os judeus, havia um lugar-comum que era a mansão dos mortos. Como podemos observar, no nosso artigo **O Espiritismo e a feiticeira de En-Dor** em resposta ao Pr Airton Evangelista da Costa, também tratamos deste assunto, vejamos:

Sobre a passagem sugerida no ponto “b” e “d”, a
443

Bíblia hebraica não está desta forma como temos em muitas traduções ocidentais. Vejamos:

1Sm 28,13: - e o rei lhe disse: 'Não temas! Mas o que foi que viste? - **e a mulher disse a Saul: Vi anjos de Deus subindo da terra.**' (TANAH, p. 300, grifo nosso).

Como temos a tradução mais fiel aos originais, entendemos exatamente como o tradutor do hebraico para o português, que nos remete a figura de “anjos de Deus subindo da terra”, tal como o profeta Samuel. Algumas traduções nos trazem como deuses, mas a mais correta seria a que estamos apresentando. Mas antes percebemos que Saul queria uma necromante que fizesse subir a Samuel (1Sm 28,8). A mulher teve convicção de que era mesmo Samuel quem fizera subir (1Sm 28,11 e 13). De fato. Samuel reclama porque Saul o incomodava fazendo-o subir (1Sm 28,15). Por que então está relatado que Saul queria que fizesse Samuel subir (1Sm 28,8)? Por que a necromante o fez subir? E porque Samuel se diz incomodado ao subir? Simples a resposta, não é pelo fato de vir do inferno como sugere o pastor, mas que os judeus àquela época acreditavam que o mundo dos mortos, ou o Sheól, tal como está sendo relatada, era embaixo, nas profundezas da Terra, tal e qual os gregos supunham existir o hades - o mundo dos mortos. (FERRARI T. T. 2013, p. 18)

Fim da citação

Os argumentos do pastor são muito similares a outro que respondemos no nosso artigo “**Quem apareceu a Saul?**”

em que refutamos esta tese da obra *A Bíblia Responde*, de diversos autores e publicada pela CPAD, o que nos leva a crer que foi também desta obra retirou sua tese. Vejamos:

Entendemos que não se trata de tergiversar em citar que Saul viria a estar com Samuel no Sheól, pois era o destino comum a que todos, ou seja, no mundo dos mortos, assim como os judeus àquela época acreditavam que o mundo dos mortos, ou o Sheól, tal como está sendo relatada, era embaixo e um lugar-comum aos mortos. Basta conferirem no nosso texto "[O Inferno existe?](#)" e as citações abaixo:

Am 9,2 Ainda que cavem até o próprio **Sheól (morada dos mortos)**, Minha mão ali os alcançará; mesmo que escalem até o céu, dali hei de baixá-los.(TANAH, p. 583, grifo nossos)

Pv 27,20 Assim como o **Sheól** e a destruição, nunca se saciam os olhos do ser humano. (TANAH, p. 700, grifo nosso)

Ele sobe do Xeol, a morada subterrânea dos mortos (cf. Nm 16,33). No Xeol, **morada comum de todos os mortos, bons ou maus** (cf. Nm 16,33+). (Bíblia de Jerusalém, em relação aos vv. 12 e 19 de 1Sm 28, p. 428-429, grifo nosso).

Embora se tenham apresentado diversas derivações da palavra hebraica she'ól, parece que ela deriva do verbo hebraico [?????] (sha-ál), que significa "pedir" ou "solicitar". Isto indicaria que o Seol é o lugar (não uma condição) **que pede ou exige todos sem distinção, ao acolher**

os mortos da humanidade. (veja Gen 37:35 n e Is 7:11 n.) Encontra-se no solo da terra e sempre é associado com os mortos, e refere-se claramente à sepultura comum da humanidade, ao domínio da sepultura, ou à região terrestre (não marítima) dos mortos. [...]

[...] Hades é o equivalente do Seol, e aplica-se à **sepultura comum da humanidade** (em contraste com a palavra grega *tá-fos*, uma sepultura individual). A palavra latina correspondente a Hades é *in.fér.nus* (às vezes *ín.fe.rus*). Ela significa “o que jaz por baixo; a região inferior”, e se aplica bem ao domínio da sepultura. Ela é assim uma apta aproximação dos termos grego e hebraico.

Nas escrituras inspiradas, as palavras “Seol” e “Hades” são associadas com a morte e os mortos, não com a vida e os vivos (Re 20;13) [...] (Traduções Novo Mundo das Escrituras Sagradas, p. 1514, grifo nosso).

Sepultura. Heb., *Sheol*. Esta palavra é usada 65 vezes no A.T. Frequentemente significa a sepultura onde o corpo é colocado após a morte (cf. Nm 16;30,33, Sl. 16,10). Pode também referir-se ao **lugar dos espíritos dos mortos, tanto dos justos (como aqui) quanto dos ímpios** (cf. Pv 9;18). (Bíblia Anotada - Mundo Cristão, p. 60, grifo nosso).

Nm 16,33. *Sepulcro.* Em hebraico *sheol*. Esta palavra designa as profundezas da

terra onde **descem os mortos bons ou maus** para uma vida de letargia. A doutrina da retribuição de além-túmulo e a da ressurreição, preparada pela esperança dos salmistas (Sl 16,10s; 49,16), não aparecerão claramente senão no fim do A.T. (Bíblia Sagrada - Santuário, p. 203, grifo nosso).

Sl 6,6: *Habitação dos mortos*: expressão frequente que traduz o vocábulo hebraico *Cheol*. Os antigos hebreus não tinham, da vida futura, uma ideia tão clara como nós. Para eles, a alma separada do corpo permanecia num lugar obscuro, de tristeza e esquecimento, **em que o destino dos bons era confundido com o dos maus**. Donde a necessidade de uma retribuição terrestre para os atos humanos. (Bíblia Sagrada - Ave-Maria, p. 660, grifo nosso).

O que nós compreendemos na concepção judaica, em conformidade com o Tanah, é que o Sheól é um lugar-comum e que Samuel disse a Saul que estaria com ele como representação de sua iminente morte diante dos filisteus (1Sm 28,19). Comparar este evento ao ocorrido entre Jesus e ladrão na cruz que se arrepende de seus atos, onde sabemos que Marcos relata que dois bandidos foram condenados com Jesus (Mc 15,27-28), já Mateus diz que os dois ladrões zombavam de Jesus (Mt 27,44), embora Lucas tenha dito que havia um a sua esquerda e outro a sua direita (Lc 23,33), mas que apenas um reconhece que Jesus era Justo, apregoando ao outro que escarnecia de Jesus que eles mereciam passar pelo suplício, mas Jesus não (Lc 23,41),

diante desse fato, Jesus anuncia ao ladrão arrependido que estaria com Jesus após a sua morte no paraíso (Lc 23,43). Não comentaremos a diferença do relato entre Marcos, Mateus e o de Lucas, pois este não é nosso objetivo.

Contudo, são fatos completamente distintos, pois de um lado temos a concepção judaica do Sheól comum a todos os mortos, sendo neste caso a de Samuel e Saul, e noutra momento Jesus que anuncia o arrependimento e resgate de nossas faltas (Mt 5,26), a fim de que possamos ver a Deus, através da reencarnação (Jo 3,1-16). Certamente que o ladrão arrependido teria o resgate necessário, assim como Saul certamente o tivera. E quanto à resposta de Jesus a ele, qual das duas frases seria a verdadeira, considerando que a colocação de pontuação estava à conta do tradutor: 1ª Em verdade, te digo, hoje estarás comigo no paraíso; ou 2ª Em verdade, te digo hoje, estarás comigo no paraíso. (ver se vale a pena)

Tentou-se aplicar que a razão da morte de Saul se deu pelo fato de sua consulta com a necromante, principalmente quando citam (1Cr 10,13). Porém, sabemos, de que a razão da morte de Saul foi justamente pelo não cumprimento da ordem dada pelo Eterno através da profecia que Samuel proferiu ainda vivo (1Sm,15-37-29), tendo-a repetido depois de sua morte (1Sm 28,16-18). Ademais, no cânon judaico, o livro de Crônicas é o último livro do Tanah, como que alguém narrando os episódios contidos nos livros de Reis e Samuel, escritos por um levita por volta de 430 a.C. com adições posteriores a 200 a.C., com o propósito de resgatar os padrões de culto e adoração ao

Eterno no período do cativeiro babilônico. O que demonstra que Saul, que morreu por volta de 1010 a.C. dista da narrativa deste livro em até 580 anos [4]. Contudo, não deixaremos de uma análise dentro da bíblia hebraica, vejamos:

1Cr 10,13-14: Assim morreu Saul por causa da sua infidelidade para com o Eterno, porque não tinha guardado a palavra do Eterno, **e também porque buscou a necromante para o consultar**, e não buscou ao Eterno, pelo que o matou e transferiu o reinado a David bem Ishai. (TANAH, p. 821) (grifo nosso)

Diante do que já relatamos sobre o livro de Crônicas, nota-se que o levita ao transcrever os fatos ocorridos em 1Sm 28, percebe-se que ele faz uma complementação a morte de Saul dizendo se dar também por não ter cumprido o que o Eterno o havia incumbido de realizar, que era o extermínio dos amalekitas e o rei Amalec, fato este que não ocorreu, donde Samuel profetizou-lhe, tanto em vida (1Sm 16,28), como em espírito que seu reinado seria dado a outro, neste caso a David (1Sm 28,17).

[4] http://pt.wikipedia.org/wiki/1_Cr%C3%B4nicas, acesso em 11.10.2013, às 14:00hs. (FERRARI. T. T. 2013, p. 13-15)

Fim da citação

Analisando friamente o texto, pudemos observar que a tradição judaica aponta para outro extremo da argumentação do pastor, atestando, inclusive no Tanah que era o espírito de

Samuel a manifestar a Saul, através da necromante, bem como o Talmud e o historiador Josefo que fundamentaremos mais adiante. Vejamos mais comentários do pastor acerca deste fato.

O texto acima transcrito expõe com clareza que na sessão espírita da qual trata 1 Sm 28, quem falou foi o demônio, e não Samuel. Mas, se de fato não foi Samuel quem falou a Saul, por que diz então a Bíblia “Samuel disse a Saul ?...”

Resposta: Em Gênesis 3 consta que a serpente falou a Eva, mas o contexto bíblico não deixa dúvida que quem confabulou com ela foi o Diabo, não a cobra. Temos em 1 Sm 28 um caso similar. Em outras palavras: Trata-se do registro de um fato baseado na impressão visual, cuja explicação fica a cargo do contexto remoto.

Mediante tudo o que já apresentamos no presente capítulo, a tratar da manifestação do espírito de Samuel a Saul, contido em (1Sm 28), observamos que o pastor insiste que nesta manifestação era o demônio que ali se apresentou, ao qual apontamos outra perspectiva, trazendo outras fontes desconhecidas pelo pastor, ao qual tenta misturar dois eventos completamente distintos, sendo um a manifestação do espírito de Samuel a Saul (1Sm 28) e outra que é a lenda da serpente que apareceu a Eva (Gn 3). Não vamos refutar a esta assertiva, pois temos o artigo “[A serpente é satanás?](#)” que responderá a contento ao pastor e os demais leitores que tratam de eventos distintos, sendo que já o indicamos alhures. Vamos ao ponto seguinte da argumentação do pastor. Vejamos:

Não nos esqueçamos que os kardecistas não podem recorrer

à Bíblia, sem faltar com a honestidade, pois assumem que não a reconhecem como autoridade. Assim sendo, quando eles se “respaldam” em 1 Sm 28, não estão sendo coerentes. Aqui está, pois, então, mais uma demonstração de incoerência, bem como mais uma prova de que o Kardecismo não é Cristianismo. Ora, apresentar-se como cristão, sem sê-lo de fato, é hipocrisia.

A honestidade não vem sendo o cartão de visitas do pastor que alude a passagem de (1Sm 28) como o demônio que se manifestou a Saul, se passando por Samuel, onde ele ignora todas as fontes que trouxemos, inclusive judaicas, que apresentam uma ideia bem mais precisa do que a única fonte trazida pelo pastor que foi uma tradução protestante da Bíblia por ele utilizada. Vamos agora aos pontos finais da argumentação do pastor. Vejamos:

Sempre que um espírito se manifesta em alguém que esteja assistindo aos nossos cultos, identifiquem-se eles como quiserem, são, sem exceção, tachados de demônios e expulsos em nome de Jesus. Isto seria impraticável se alguns desses espíritos fossem, de fato, almas desencarnadas, como o querem os kardecistas. Espíritos da mais “alta ordem” se manifestam nas sessões espíritas e dão conselhos e instruções diversos. Pergunto: Por que tais espíritos não nos conferem a honra de se manifestar a nós também? Por que essa acepção de pessoas? Realmente eles nunca nos fizeram uma visitinha, visto que os que se atreveram a passar por tais espíritos, levaram fogo no chifre e foram expulsos em nome de Jesus. Ora, isto seria impossível, se alguns desses espíritos fossem, de fato, espíritos enviados por Deus para nos orientar.

Como o pastor desconhece inteiramente o objetivo das reuniões mediúnicas nas casas espíritas que tem muito mais

um socorro aos espíritos sofredores e sessões de desobsessão, já que o pastor não entende esta prática por desconhecer completamente o objetivo da mediunidade que é resgatar espíritos que se encontram em situação infeliz no plano espiritual. Como o objetivo aqui neste tópico é trazer a lume o desenvolvimento da manifestação do espírito de Samuel a Saul, através da necromante, vamos recorrer a outro artigo ***Quem apareceu a Saul?*** que respondemos a obra *A Bíblia Responde*, publicado pelo CACP. Vejamos:

Para abalizarmos a nossa conclusão, iremos citar Flávio Josefo (37/38 d.C. – 100 d.C.), a fim de que possamos criar um paralelo ao evento narrado no Tanah e deste historiador judeu. Vejamos:

252. 1 Samuel 28. Nesse mesmo tempo, os filisteus resolveram fazer guerra aos israelitas. O rei Aquis ordenou a reunião de todas as suas tropas na cidade de Suném e por isso mandou dizer a Davi que lá se encontrasse também, com os seus seiscentos homens. Ele respondeu que obedeceria com prazer, para testemunhar-lhe a sua gratidão pelos favores de que lhe era devedor. O rei, por sua vez, prometeu-lhe que se fosse vitorioso recompensaria os seus serviços com grandes honras e o faria comandante de sua guarda.

CAPÍTULO 15

Saul, vendo-se abandonado por Deus na guerra contra os Filisteus consulta por meio de uma médium a sombra de Samuel, que lhe prediz derrota na

batalha e a morte dele e de seus filhos. Aqui, um dos reis dos Filisteus, leva com ele Davi para o combate, mas os outros príncipes o obrigam a reenviá-lo a Ziclague. Davi descobre que os amalequitas saquearam e incendiaram ziclague, persegue-os e os dizima. **Saul perde a batalha. Jônatas e dois outros de seus filhos são mortos e dois outros de seus filhos são mortos, e ele Saul fica muito ferido. Obriga um escudeiro a matá-lo. Bela ação dos habitantes Dejabes de Gileade para com os corpos desses príncipes.**

253. Saul, informado de que os filisteus tinham avançado até Suném, marchou contra eles e acampou em frente ao exército inimigo, próximo do monte de Gilboa. Percebendo, porém, que eles eram incomparavelmente mais fortes, sentiu a coragem diminuir e rogou aos profetas que consultassem a Deus para saber qual seria o resultado daquela guerra. Deus não lhe respondeu, e esse silêncio duplicou-lhe o temor, pois se julgou abandonado por Ele. O seu ânimo abateu-se e ele resolveu, nessa dificuldade, recorrer à magia. No entanto Saul havia expulsado do país todos os magos e adivinhos e toda espécie de gente que costuma predizer o futuro, e assim, não sabendo onde buscá-los, mandou indagar de onde se poderia encontrar a voltar às almas dos mortos, para interrogá-las e saber coisas futuras.

Um dos seus disse-lhe que uma mulher na cidade de En-Dor poderia satisfazer esses desejos. Imediatamente e sem falar com quem quer que fosse, disfarçado e acompanhado por duas pessoas somente, foi procurar a mulher, rogando-lhe que predissesse o que estava para lhe acontecer e que para esse fim fizesse voltar **à alma de um morto que ele ia nomear**. Ela respondeu que não podia fazê-lo porque o rei proibira, por um edito, que se fizesse essa espécie de predição e rogou que, jamais tendo ela lhe feito mal, não lhe armasse cilada para fazer acontecesse o que acontecesse, ele não o faria e que ela não corria risco algum. Esse juramento tranquilizou-a, **e ele pediu que fizesse vir à alma de Samuel**.

Como ela não sabia quem era Samuel obedeceu sem dificuldade. **Quando, porém, a sua presença se fez notar, algo de divino que ela percebeu surpreendeu-a e a perturbou**. Voltou-se então para Saul e disse-lhe: “Não sois vós o rei Saul?” (Ela o soubera pela visão.) Ele respondeu-lhe que sim, e ordenou-lhe que revelasse a causa da grande perturbação que notava nela. **Ele respondeu que via aproximar-se um homem que parecia todo divino**. Saul perguntou: **“Que idade tem ele e como está vestido?”** Ela respondeu: **“Ele parece alguém dentre os que a fazem cair numa falta que custaria a ela a própria vida”**. Saul jurou-lhe que, um velho muito duvidou de que era

mesmo Samuel* e prostrou-se diante dele até o chão.

A sombra perguntou-lhe por que o havia obrigado a voltar do outro mundo. Respondeu Saul: “A necessidade me obrigou a isso, porque, tendo sido atacado por um exército muito poderoso, me encontro abandonado, sem o auxílio de Deus, que nem pelos seus profetas nem por outro modo me informa sobre o que está para acontecer. Assim, só me resta recorrer a vós, que sempre me testemunhastes tanto afeto”. **Samuel, sabedor de que o tempo da morte de Saul havia chegado, disse-lhe: “Sei que de fato Deus vos abandonou e em vão desejais que Ele diga o que vos deve suceder. Mas, visto que o quereis, sabeis que Davi reinará e terminará venturosamente esta guerra e que, pelo castigo de não terdes executado e vencido os amalequitas, o vosso exército amanhã será desbaratado e perderá a coroa, a vida e os vossos filhos nessa batalha”.**

Essas palavras gelaram o coração de Saul, e ele desmaiou, tanto pela dor excessiva quanto porque havia dois dias não se alimentava. A mulher rogou-lhe que tomasse algum alimento, para restaurar as forças e poder voltar ao exército. Ele recusou-o, mas ela insistiu, dizendo que não lhe pedia outra recompensa por ter arriscado a vida para fazer o que ele desejava. Por fim, não

podendo mais resistir àquelas súplicas insistentes, **Saul disse-lhe que comeria alguma coisa. Logo ela matou um vitelo, que era tudo o que possuía, preparou-o e o serviu a ele e aos seus. Saul voltou naquela mesma noite para o seu exército.**

Eu não poderia deixar de admirar a bondade dessa mulher, que, jamais tendo visto o rei, em vez de se ressentir por ele a ter reduzido a tão grande pobreza, proibindo-a de exercer a arte que era o seu meio de vida, teve tanta compaixão de sua infelicidade que não se contentou em consolá-lo. Sabendo que ele morreria no dia seguinte, deu-lhe tudo o que possuía sem pretender recompensa alguma e sem dele nada esperar. Nisso ela é tanto mais louvável quanto os homens são naturalmente levados a fazer o bem somente àqueles dos quais podem também recebê-lo. E assim, ela nos dá um belo exemplo de como ajudar sem interesse os que têm necessidade de nosso auxílio, pois é uma generosidade tão agradável a Deus que nada pode levá-lo a nos tratar mais favoravelmente.

Julgo oportuno acrescentar outra reflexão, que poderá ser útil a todos, particularmente aos reis, aos príncipes, aos grandes, aos magistrados, às outras pessoas constituídas em dignidade e a todos os que, sob qualquer condição, têm a alma grande e nobre, a fim de inflamá-los de tal modo à virtude que não haja

penas nem tributações que não aceitem ou perigos que não desprezem até mesmo a morte, para conquistar uma reputação imortal, chegando a dar a própria vida pelo bem da pátria. **Vimos o que fez Saul, pois, ainda que Samuel o tivesse avisado de que seria morto com os filhos na batalha, preferiu perder a vida a praticar um ato indigno de um rei, como, para conservá-la, abandonar o exército, o que seria o mesmo que entregá-lo nas mãos dos inimigos.**

Assim, Saul não hesitou em expor-se com os filhos a uma morte certa, julgando que seria melhor e muito mais satisfatório terminar com estes gloriosamente os seus dias, em pleno combate pela salvação da pátria, e merecendo assim viver perenemente na memória da posteridade do que sobreviver à própria infelicidade e, além de não ter mais uma posição, ser pouco considerado pela opinião pública. Não poderia, pois, deixar de considerar esse soberano, nesse ponto, como muito justo, sensato e generoso. E, se algum outro fez ou fizer a mesma coisa, não haverá elogios de que não seja digno. Pois, ainda que quem faça guerra na esperança de obter a vitória mereça que os historiadores elogiem os seus feitos grandiosos, parece-me que somente devem ser considerados provectoros na coragem os que, a exemplo de Saul, preferem a honra à própria vida, desprezando perigos certos e inevitáveis.

Nada é mais comum que empreender aquilo cujo desfecho é duvidoso e disso auferir grandes vantagens, se houver sorte favorável. Mas nada poder prometer senão coisas funestas, estar certo de que perderá a vida no combate e afrontar intrepidamente a morte é o que se pode chamar o cúmulo da generosidade e da coragem. Foi isso o que admiravelmente fez Saul. Ele deu exemplo a todos os que desejam eternizar a memória pela glória das ações, mas principalmente aos reis, ao qual a nobreza dessa condição não somente proíbe abandonar o cuidado dos súditos como os tornam dignos de censura se nutrir por eles apenas uma medíocre afeição. **Poderia eu falar ainda muito mais em louvor de Saul, mas, para não ser demasiado longo, necessito retomar o fio de meu discurso.**

* **“Então Saul não duvidou de que era mesmo Samuel”. É possível que Flávio Josefo, para fazer tal asserção, se tenha baseado em targuns (paráfrases do Antigo Testamento usadas pelos rabinos).** No entanto esse entendimento não pode ser aceito porque contraria o ensino da Bíblia a respeito do assunto. (N do E) (JOSEFO, p. 284-288) (grifo nosso).

Pela nota acima, sabemos que Pe. Vicente Pedroso, tradutor desta não aceita tal afirmação de Flávio Josefo (o que é natural de se esperar de

um prelado, mas ficamos com o historiador Judeu e seu esclarecimento. Recomendamos o texto do autor Paulo Neto "[Saul não consultou feiticeira nem bruxa coisa alguma!](#)", concernentes às páginas 23-41 para quem se interessar em aprofundar na pesquisa da narrativa de Flávio Josefo comentada. (FERRARI. T. T. 2013, p. 16-18)

Fim da citação

Como podemos observar, o pastor desconhecia o teor histórico da atestação judaica de Flávio Josefo (37d.C.-100d.C.) que precisamente atesta a manifestação do espírito de Samuel a Saul. Dessa forma, no período intertestamentário, ao qual Jesus esteve em missão, os judeus acreditavam que realmente, fora o espírito de Samuel que se manifestou a Saul, através da necromante (1Sm 28). Vamos agora a parte final da conclusão do pastor. Vejamos:

Já que os kardecistas querem usufruir de 1 Sm 28 quanto à consulta aos mortos, sugiro que também desfrutem de 1 Cr 10.13-14 que diz: "Assim morreu Saul... porque buscou a adivinhadora para a consultar. E não buscou ao SENHOR, que por isso o matou..." . Se você, ó leitor, quer receber a "bênção" que Saul recebeu, conforme registrado em 1 Cr 10.13-14, faça o que ele fez, dentro dos moldes de 1 Sm 28.

O que argumentamos neste capítulo não é a prática da necromancia, que nós espíritas não praticamos e nem recomendamos, mas a veracidade do fenômeno da manifestação do espírito de Samuel a Saul, via necromante (1Sm 28). Para fecharmos nosso raciocínio, vamos recorrer o

outro artigo nosso, ***O Espiritismo e a feiticeira de En-Dor***, em resposta ao Pr Airton Evangelista da Costa, que trazemos como conclusão, um trecho do Talmud Babilônico, tratado de Berachot. Vejamos:

Concluímos que com base na Bíblia Hebraica, no relato de Flávio Josefo e em diversas outras fontes, onde certificamos que Samuel realmente aparecera a Saul através da necromante de En-Dor que não se trata de uma feiticeira como o Pr. Airton tentou, de forma hercúlea, nos transmitir e sim apenas necromante com o é tratado nos textos originais do Tanah. Citaremos agora em nosso desfecho o pensamento rabínico exarado no Talmud Babilônico de 1Sm 28. Vejamo-la:

[...] Mas, aprendemos isso daqui: “Shemuel disse a Shaul: Por que me enervaste, fazendo-me subir? Então disse Shaul: Estou muito angustiado, porque os filisteus guerreiam contra mim, e Deus se tem desviado de mim, e já não me responde, nem por intermédio dos profetas nem por sonhos; por isto te chamei, para que me faças saber o que hei de fazer” (Shmuel I 28:15). Shaul não menciona ao profeta a consulta aos *Urim vetumim*, pedras utilizadas pelos sacerdotes para consultar o Altíssimo. Shaul não os mencionou, pois se envergonhava de ser abatido Nov, a cidade dos sacerdotes, quando perseguia David (vide Shmuel I 22:17-19). Portanto, temos exemplo de um indivíduo que cometeu uma transgressão e se envergonhou do que fez. **Mas, de onde**

sabemos que Shaul foi perdoado pelos céus? Pois está dito: “E disse Shemuel a Shaul: E amanhã tu e teus filhos estareis comigo” (Shmuel I 28:19), e disse Rabi Yochanan: ‘comigo’ - significa ‘em meu círculo’ isto é, entre os justos. Portanto concluímos que Shaul teve suas transgressões perdoadas. E os sábios dizem: aprendemos que Shaul teve seus pecados perdoados a partir daqui: “para que os enforcemos ao Eterno em Guivá de Shaul, o eleito do Eterno” (Shmuel II 21:6). Esta frase foi dita a David pelos *Guivonim*⁶⁷, que certamente não tinham nenhum apreço por Shaul, uma vez que sofreram diretamente com o extermínio que ocorreu na cidade de Nov, pois os *Guivonim* pedem vingança contra os descendentes de Shaul. Porque então os *Guivonim* chamaram Shaul de ‘eleito do Eterno’? Dizem os sábios: Naquele momento, saiu uma voz Celestial e disse: ‘o eleito do Eterno’. **De modo que podemos concluir que Shaul foi perdoado pelos céus.**

67 - Os Gibeontas o *Guivonim* figuram no livro de Yehoshúa (Josué). Eles habitavam na terra de Yisrael quando Yehoshúa liderou a conquista desta. Após ouvirem as proezas que Deus realizou para o povo de Yisrael, os *Guivonim*, assustados, utilizaram um método ardiloso para evitar a derrota para o exército de Yehoshúa. Eles vestiram roupas velhas e levaram consigo pães secos. Procuraram Yehoshúa e disseram ser viajantes de uma

terra distante, apenas de passagem pela terra e, portanto, não haveria necessidade de uma guerra contra eles. Josué e os líderes de Yisrael fizeram então um pacto de paz com este povo. Após saber que foi enganado, o povo de Yisrael agrediu os *Guivonim*, uma vez que o pacto já havia sido selado, rachadores de lenha e tiradores de água para os israelitas (vide Yehoshúa, capítulo 9). (TALMUD BAVLI - BERACHOT, Capítulo 1-3, p. 123-125, grifo nosso)

Com esta passagem do Talmud Babilônico, fica indubitável a crença dos rabinos judeus de que Samuel apareceu em espírito a Saul e foi até mesmo perdoado de suas transgressões diante do Eterno. Para que a profecia de Samuel após a sua morte fosse uma farsa, certamente deveria ter dado esperanças a Saul que venceria a batalha contra os filisteus e que sairia vitorioso dessa batalha, o que os fatos apontam para justamente se cumprir o que Samuel havia dito ainda com vida e após a sua morte, testificando que os fatos realmente aconteceram. Dizemos ainda que respeitamos o cânon judaico e não citamos a fonte do livro de Eclesiástico que assim assevera que até nesta condição Samuel, em espírito, profetizou (Eclo 46,20). (FERRARI. T. T. 2013, p. 25-26)

Fim da citação.

Elencamos aqui neste capítulo ao menos três artigos de estudo e refutação deste tema, a saber, [O Espiritismo e a feiticeira de En-Dor](#), [Quem apareceu a Saul?](#) e [Saul não consultou feiticeira nem bruxa coisa alguma!](#), abordado por outros fundamentalistas que tentam, de forma até simplória,

defender que fora um demônio a se manifestar a Saul, se passando por Samuel em (1Sm 28). O que defendemos aqui, é justamente o oposto, de que fora o espírito de Samuel realmente que se manifestou, fundamentados nas fontes de primazia judaica, que atestam este fenômeno e que deixamos aos leitores tirarem suas conclusões e verem quem realmente está sendo tão incoerente assim, a Doutrina Espírita, ou o Pr Joel Santana. Passemos, porquanto, ao próximo capítulo.

CAPÍTULO X - OUTROS ERROS E INCOERÊNCIAS

10.1. Renascer é o Mesmo que Reencarnar?

Esta pergunta deverá ser ampliada a dois conceitos acerca da ressurreição dos mortos, um que classifica o regresso de pessoas que experimentaram uma morte aparente e que após uma ação magnética, voltaram a viver, tal qual já bem apresentamos anteriormente as atestações bíblicas. Contudo, existia na concepção judaica que a ressurreição também era atribuída ao regresso de profetas da antiguidade a uma vida nova, tal qual ocorreu com o profeta Elias que regressou como João Batista, também tão amplamente fundamentado com as devidas referências. Entretanto, para o pastor o conceito de ressurreição é apenas um, mas o demonstramos que não era bem este o conceito dentro da concepção judaica. Vamos a abordagem do pastor para fundamentar sua tese. Vejamos:

O Kardecismo proclama que o fato de Jesus afirmar que “aquele que não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus”, constitui prova de que Jesus era reencarnacionista e que a reencarnação é a âncora da salvação e, portanto, necessária (**O Livro dos Espíritos**. Federação Espírita Brasileira, 74ª edição, capítulo V, página 153). Alega Kardec que Jesus chamou de “nascer de novo”, o que o Espiritismo chama de “reencarnação”. Mas, à luz de Lc 23: 42-43, nascer de novo não é o mesmo que reencarnar, já que Jesus disse ao bandido que suplicou Sua graça, o que se segue: “Em

verdade te digo que hoje estarás comigo no Paraíso”. Ora, indo o ladrão convertido, naquele mesmo dia, para o Paraíso, torna evidente que nascer de novo não é o mesmo que reencarnar. Nós, os evangélicos, cremos que o novo nascimento do qual Jesus falou, é a experiência do perdão ou salvação, que se dá mediante a conversão. Por que não pode ser? O contexto bíblico dá bons motivos para se chegar a esta conclusão. Os kardecistas devem pelo menos admitir esta possibilidade.

Esta referência do pastor se encontra na obra citada, a saber *O Livro dos Espíritos*, segunda parte, capítulo V que tem por tema *considerações sobre a pluralidade das existências* que é uma longa reflexão de Kardec ante o tema, mas observamos que esta frase ligada a citação do pastor *aquele que não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus* está contida no diálogo entre Jesus e Nicodemos (Jo 3,1-21), onde temos um artigo que trata deste tema, a saber, [O diálogo entre Jesus e Nicodemos](#) que recomendamos ao pastor a sua pesquisa e aos demais leitores em conhecê-lo.

Para fugir deste conceito reencarnacionista contido no diálogo entre Jesus e Nicodemos (Jo 3,1-21), em que o Mestre alude as vidas sucessivas como lei natural (Jo 3,12), o pastor tangencia para o evento do bom ladrão que se arrepende de seus crimes e vai naquele mesmo instante ao “paraíso”, perdoado pelo Mestre (Lc 23,42-43). Ocorre isso somente na narrativa de Lucas, pois na narrativa de Marcos (Mc 15,32) e Mateus (Mt 27,44) não é atestado este evento, já que segundo estas duas fontes, os ladrões ultrajavam Jesus na cruz e o Evangelho de João nada fala a respeito. Quem está descrevendo o fato como ele ocorreu? Não há como saber com

precisão, já que um dos Evangelhos omite, outro relata e duas outras fontes dizem outra coisa. Como podemos observar, o pastor não escolheu um evento muito claro para combater a reencarnação dentro das Escrituras, mas suponhamos que a história do bom ladrão ocorreu de fato. Dentro desta perspectiva, podemos acreditar que aquela vida do bom ladrão estava cessando, e a sua pena era cabal, morria crucificado pelos seus crimes. Ocorre que Jesus o promete estar no paraíso com ele e não destitui a reencarnação, pois como podemos observar, o infrator estava sendo corrigido em vida, iria ao plano espiritual das bem-aventuranças através do seu arrependimento, mas certamente teria uma futura existência de correção de seus atos. Passemos ao ponto conclusivo do pastor sobre este tema.

Já denunciei que o Kardecismo nega a Bíblia. Ora, se a Bíblia fosse o que os espíritas dela dizem (isto é, não é infalível), eles não teriam porque se apoiarem nela para justificar suas doutrinas. Logo, por que o fazem? Certamente esse desonesto gesto é uma incoerência. E bem sabemos desde o capítulo II (2.3) porque Kardec o fazia.

Uma denúncia infundada e que foi devidamente refutada alhures e dentro desta concepção, ao tratarmos do tema anterior da manifestação do espírito de Samuel a Saul, a Bíblia atesta que foi uma manifestação comprovada e como o pastor defende a inerrância das Escrituras, ele rasga a sua Bíblia nesta narrativa (1Sm 28) para combater o Espiritismo. Contudo, nossa concepção é de que a desonestidade não recai sobre a Doutrina Espírita, mas sobre aquele que a acusa de

incoerente. Para encerrar este subtópico, vamos recorrer a obra **O Evangelho Segundo o Espiritismo** que trata especificamente em seu capítulo IV, acerca do tema *ninguém poderá ver o reino de Deus se não nascer de novo*. Vejamos o que diz o codificador.

5. Ora, entre os fariseus, havia um homem chamado Nicodemos, senador dos judeus — que veio à noite ter com Jesus e lhe disse: “Mestre, sabemos que vieste da parte de Deus para nos instruir como um doutor, porquanto ninguém poderia fazer os milagres que fazes, se Deus não estivesse com ele.”

Jesus lhe respondeu: “Em verdade, em verdade, digo-te: *Ninguém pode ver o Reino de Deus se não nascer de novo.*”

Disse-lhe Nicodemos: “Como pode nascer um homem já velho? Pode tornar a entrar no ventre de sua mãe, para nascer segunda vez?”

Retorquiu-lhe Jesus: “Em verdade, em verdade, digo-te: Se um homem não renasce da água e do Espírito, não pode entrar no Reino de Deus. — O que é nascido da carne é carne e o que é nascido do Espírito é Espírito. — Não te admires de que Eu te haja dito ser preciso que nasças de novo. — O Espírito sopra onde quer e ouves a sua voz, mas não sabes donde vem ele, nem para onde vai; o mesmo se dá com todo homem que é nascido do Espírito.”

Ninguém poderá ver o Reino de Deus se não nascer de novo

Respondeu-lhe Nicodemos: “Como pode isso fazer-se?” — Jesus lhe observou:

“Pois quê! és mestre em Israel e ignoras estas coisas? Digo-te em verdade, em verdade, que não dizemos senão o que sabemos e que não damos testemunho, senão do que temos visto. Entretanto, não aceitas o nosso testemunho. Mas se não me credes quando vos falo das coisas da Terra, como me creereis quando vos fale das coisas do céu?” (João, 3:1 a 12.)

6. A ideia de que João Batista era Elias e de que os profetas

podiam reviver na Terra se nos depara em muitas passagens dos Evangelhos, notadamente nas acima reproduzidas (itens 1, 2, 3). Se fosse errônea essa crença, Jesus não houvera deixado de a combater, como combateu tantas outras. Longe disso, Ele a sanciona com toda a sua autoridade e a põe por princípio e como condição necessária quando diz: “Ninguém pode ver o Reino de Deus se não nascer de novo.” E insiste, acrescentando: “*Não te admires de que Eu te haja dito ser preciso nasças de novo.*”

7. Estas palavras: *Se um homem não renasce da água e do Espírito* foram interpretadas no sentido da regeneração pela água do batismo. O texto primitivo, porém, rezava simplesmente: *não renasce da água e do Espírito*, ao passo que nalgumas traduções as palavras — *do Espírito* — foram substituídas pelas seguintes: *do Santo Espírito*, o que já não corresponde ao mesmo pensamento. Esse ponto capital ressalta dos primeiros comentários a que os Evangelhos deram lugar, como se comprovará um dia, sem equívoco possível.⁷

8. Para se apanhar o verdadeiro sentido dessas palavras, cumpre também se atente na significação do termo *água* que ali não fora empregado na acepção que lhe é própria.

Muito imperfeitos eram os conhecimentos dos antigos sobre as ciências físicas. Eles acreditavam que a Terra saíra das águas e, por isso, consideravam a água como elemento gerador absoluto. Assim é que em *Gênesis*, capítulo 1, se lê: “O Espírito de Deus era levado sobre as águas; flutuava sobre as águas; Que o firmamento seja feito no meio das águas; Que as águas que estão debaixo do céu se reúnam em um só lugar e que apareça o elemento árido; Que as águas *produzam* animais vivos que nadem na água e pássaros que voem sobre a terra e sob o firmamento.”

Segundo essa crença, a água se tornara o símbolo da natureza material, como o Espírito era o da natureza inteligente. Estas palavras: “Se o homem não renasce da água e do Espírito, ou em água e em Espírito”, significam pois: “Se o homem não renasce com seu corpo e sua alma.” É nesse sentido que a princípio as compreenderam.

Tal interpretação se justifica, aliás, por estas outras palavras:

O que é nascido da carne é carne e o que é nascido do Espírito é Espírito. Jesus estabelece aí uma distinção positiva entre o Espírito e o corpo. *O que é nascido da carne é carne* indica claramente que só o corpo procede do corpo e que o Espírito independe deste.

9. *O Espírito sopra onde quer; ouves-lhe a voz, mas não sabes nem donde ele vem, nem para onde vai:* pode-se entender que se trata do *Espírito de Deus*, que dá vida a quem ele quer, ou *da alma do homem*. Nesta última acepção — “não sabes donde ele vem, nem para onde vai” — significa que ninguém sabe o que foi, nem o que será o Espírito. Se o Espírito, ou alma, fosse criado ao mesmo tempo que o corpo, saber-se-ia donde ele veio, pois que se lhe conheceria o começo. Como quer que seja, essa passagem consagra o princípio da preexistência da alma e, por conseguinte, o da pluralidade das existências.

7 Nota de Allan Kardec: A tradução de Osterwald está conforme o texto primitivo. Diz: “**Não renasce da agua e do Espírito**”; a de Sacy diz: **do Santo Espírito**; a de Lamennais: **do Espírito Santo**.

À nota de Allan Kardec, podemos hoje acrescentar que as modernas traduções já restituíram o texto primitivo, pois que só imprimem “Espírito”, e não Espírito Santo. Examinamos a tradução brasileira, a inglesa, a em Esperanto, a de Ferreira de Almeida, e em todas elas está somente “Espírito”.

Além dessas modernas, encontramos a confirmação numa latina de Theodoro de Beza, de 1642, que diz: “... **genitus ex aqua et Spiritu...**” “... **et quod genitum est ex Spiritu, spiritus est.**”

É fora de dúvida que a palavra “Santo” foi interpolada, como diz Kardec

(KARDEC. A. 2019d, p. 68-70)

Como bem observamos no encerramento deste subtópico do pastor e a resposta espírita dentro de seu contexto, constatamos que não abordar com profundidade o tema sobre a reencarnação, contida nas obras citadas da codificação, o pastor utilizou-se de uma tangente não muito

bem atestada nas Escrituras para combater a reencarnação, como de praxe as suas incoerências no trato com o espiritismo. Passemos ao ponto seguinte da argumentação do pastor. Vejamos:

10.2. Ressuscitar é o Mesmo que Reencarnar?

Vemos nesta pergunta, uma certa ambiguidade ao subtópico anterior, mas vamos tratar os temas que aqui o pastor vai levantar para nossa fundamentação do conceito da reencarnação nas Escrituras, atreladas à codificação de Kardec. Para tanto, vamos recorrer ao que nos fundamenta o codificador, na obra ***O Evangelho Segundo o Espiritismo*** que trata especificamente em seu capítulo IV, acerca do tema *ninguém poderá ver o reino de Deus se não nascer de novo*. Vejamos o que diz o codificador em sua integralidade do conceito. Vejamos:

Ressurreição e reencarnação

4. A reencarnação fazia parte dos dogmas dos judeus, sob o nome de *ressurreição*. Só os saduceus, cuja crença era a de que tudo acaba com a morte, não acreditavam nisso. As ideias dos judeus sobre esse ponto, como sobre muitos outros, não eram claramente definidas, porque apenas tinham vagas e incompletas noções acerca da alma e da sua ligação com o corpo. Criam eles que um homem que vivera podia reviver, sem saberem precisamente de que maneira o fato poderia dar-se. Designavam pelo termo *ressurreição* o que o Espiritismo, mais judiciosamente, chama *reencarnação*. Com efeito, a *ressurreição* dá ideia de voltar à vida o corpo que já está morto, o que a Ciência demonstra ser materialmente impossível, sobretudo quando os elementos desse corpo já se acham desde muito tempo dispersos e absorvidos. A *reencarnação* é a volta da alma ou Espírito à vida corpórea,

mas em outro corpo especialmente formado para ele e que nada tem de comum com o antigo. A palavra *ressurreição* podia assim aplicar-se a Lázaro, mas não a Elias, nem aos outros profetas. Se, portanto, segundo a crença deles, João Batista era Elias, o corpo de João não podia ser o de Elias, pois que João fora visto criança e seus pais eram conhecidos. João, pois, podia ser Elias *reencarnado*, porém, não *ressuscitado*. (KARDEC. A. 2019d, p. 68)

Como bem observamos ao reconhecer a conceituação de Kardec em reconhecer a ressurreição como dogma dos judeus, entendemos que o Pastor deveria conhecer melhor o judaísmo, antes de afirmar que o Cristianismo não há conceito da reencarnação, uma vez que seu maior propagador foi o Cristo. Vejamos as alegações do pastor:

Disse Allan Kardec: “**Não há, pois, duvidar** de que, sob o nome de ressurreição, o princípio da reencarnação era ponto de uma das crenças fundamentais dos judeus, ponto que **Jesus e os profetas confirmaram de modo formal**; donde se segue que **negar a reencarnação é negar as palavras do Cristo**. Um dia, porém, suas palavras, quando forem meditadas sem ideias preconcebidas, reconhecer-se-ão autorizadas quanto a esse ponto, bem como em relação a muitos outros” (**O Evangelho Segundo o Espiritismo**, Federação Espírita Brasileira: 109ª edição, capítulo IV, nº 16, página 89. Grifo meu).

Como bem observamos, o pastor cita uma parte da obra **O Evangelho Segundo o Espiritismo** que trata especificamente em seu capítulo IV, acerca do tema *ninguém poderá ver o reino de Deus se não nascer de novo*. Vejamos o que diz o codificador em sua integralidade do conceito, sem cortes. Vejamos:

16. Não há, pois, duvidar de que, sob o nome de ressurreição, o princípio da reencarnação era ponto de uma das crenças fundamentais dos judeus, ponto que Jesus e os profetas confirmaram de modo formal; donde se segue que negar a reencarnação é negar as palavras do Cristo. Um dia, porém, suas palavras, quando forem meditadas sem ideias preconcebidas, reconhecer-se-ão autorizadas quanto a esse ponto, bem como em relação a muitos outros.

17. A essa autoridade, do ponto de vista religioso, se adita, do ponto de vista filosófico, a das provas que resultam da observação dos fatos. Quando se trata de remontar dos efeitos às causas, a reencarnação surge como de necessidade absoluta, como condição inerente à Humanidade; numa palavra: como Lei da Natureza. Pelos seus resultados, ela se evidencia, de modo, por assim dizer, material, da mesma forma que o motor oculto se revela pelo movimento. Só ela pode dizer ao homem *donde ele vem, para onde vai, por que está na Terra*, e justificar todas as anomalias e todas as aparentes injustiças que a vida apresenta.⁸

Sem o princípio da preexistência da alma e da pluralidade das existências, são ininteligíveis, em sua maioria, as máximas do Evangelho, razão por que não dão lugar a tão contraditórias interpretações. Está nesse princípio a chave que lhes restituirá o sentido verdadeiro.

8 Nota de Allan Kardec: Veja-se, para os desenvolvimentos do dogma da reencarnação, *O livro dos espíritos*, cap. IV e V; *O que é o espiritismo*, cap. II, por Allan Kardec; *Pluralidade das existências*, por Pezzani.

(KARDEC. A. 2019d, p. 72) (grifo nosso)

Como constatamos, este item 16, destacado e citado pelo pastor, está dentro das demais referências do capítulo IV da obra ESE que estamos citando, e Kardec se dedica neste item 16 e 17 omitido pelo pastor, em citações anteriores, às

passagens de (Mt 11,12-15; Is 26,19; Jó 14,10-14) concluindo neste capítulo IV que tratam efetivamente do tema da reencarnação nas Escrituras. Observamos que a honestidade não é o lema do pastor, e pinçar citações incompletas de Kardec levam seus leitores ao erro, e ao seu objetivo em tentar refutar o espiritismo, que a partir de agora, ficará mais difícil, diante de nossas abordagens, sem cortes. Vamos dar continuidade as elucubrações do pastor. Vejamos:

A incoerência kardequiana é elevada à terceira potência, a saber, é elevada ao cubo. É incoerência cúbica pelas seguintes razões:

Primeira: Ele se revela incoerente quando, se dizendo cristão, nega a pena eterna, já que o tormento eterno, verdade ou mentira, faz parte do pacote de doutrinas do Cristianismo;

Sobre o tormento eterno, já tratamos anteriormente e como bem o fundamentamos, trata-se de uma má interpretação do Novo Testamento. Ocorre que o pastor crendo no tormento eterno, que segundo ele, sendo verdade ou **mentira**, faz parte do pacote do Cristianismo. Nos salta aos olhos, pois **o pastor admite que o tormento eterno pode ser uma mentira**, mas que mesmo assim, faz parte do pacote dogmático do Cristianismo, ao qual já o refutamos e apresentamos a reencarnação como contraponto a este dogma que está ficando mais no mito, do que em sua veracidade. Recomendamos novamente o nosso artigo [Reencarnação ou Penas Eternas?](#) que certamente fará os leitores a refletirem qual a melhor alternativa, já que o pastor abraça uma opção de

que **o tormento eterno pode ser uma mentira, mas ele ainda acredita nesta mentira**. Passemos ao segundo ponto abordado pelo pastor.

Segunda: Ele eleva essa incoerência ao quadrado ou à segunda potência, quando recorre exatamente ao pacote de doutrinas da fé cristã, isto é, ele recorre à Bíblia, cuja autoridade ele negou até a morte. Isso é como se o réu dissesse ao Juiz: Meritíssimo, tenho uma testemunha desqualificada e indigna que pode provar a minha inocência à Vossa Excelência;

No trato com a Bíblia, entendemos que é um livro histórico e de fé, pois retratam relatos narrados por diversos homens e em diversas épocas diferentes, que certamente irão se contradizer em alguns pontos, não cabendo a nós espíritas defender a inerrância, mas antes buscar o seu conteúdo moral que certamente é o mais importante, principalmente o que Jesus nos apresenta no sermão da montanha. É o que extraímos desta obra e não a rejeitamos, mas não a idolatramos e tentamos defender o indefensável, como já bem o tratamos alhures. Passemos a terceira e última reclamação do pastor. Vejamos:

Terceira: A partir daí, essa incoerência é elevada ao cubo, visto que a testemunha para a qual ele apela, embora depondo contra ele, o infeliz procede como se a dita testemunha estivesse a seu favor. Entenda-o quem puder. Bem, vimos que Kardec concluiu que uma das provas bíblicas de que Jesus era reencarnacionista é o fato dEle ter pregado a ressurreição. A ressurreição pregada por Jesus, segundo Kardec, difere da reencarnação espírita apenas no nome, ou seja, quando Jesus falava da ressurreição, tinha em mente a

reencarnação espírita. Mas, à luz de Mt 22. 30, Jesus afirmou que os ressuscitados não se casarão, o que prova que ressuscitar não é o mesmo que reencarnar. Realmente este versículo prova que quando Jesus falava da ressurreição, Ele não tinha em mente a tão propalada reencarnação. Sim, pois como sabemos, um reencarnado pode, segundo os reencarnacionistas, plantar, colher, comer, beber, casar, gerar filhos, etc.

Nos deparamos mais uma vez com uma citação isolada do pastor (Mt 22,30) em que Jesus trata com os saduceus sobre o tema **a ressurreição dos mortos** (Mt 22,23-30). Ao examinarmos este contexto, temos que observar a quem Jesus estava se referindo, e neste caso, eram aos saduceus que não acreditavam na ressurreição dos mortos, no que diz respeito ao sentido da vida após a morte, pois como bem frisou o Mestre, que **na ressurreição do corpo espiritual, eles seriam como os anjos** (v. 30) não havendo casamento, nem outras formalidades de uma vida encarnada. Em nada este texto é contrário à reencarnação, mas alude à vida espiritual que os saduceus não acreditavam e que Jesus os esclareceu, dentro do contexto, ao qual o pastor não é muito de respeitar. Em contraponto a esta tese dos saduceus, os fariseus já acreditavam na vida após a morte e na reencarnação como ressurgimento de antigos profetas, como já bem o enfatizamos.

Em nosso ebook ***A Torá e a reencarnação***, temos uma longa introdução que esclarecerá ao pastor e demais leitores o conceito da reencarnação no Judaísmo intertestamentário e que traremos apenas um resumo, diante de tudo o que já temos dito:

Diante de nossa definição da ressurreição dos mortos que o judaísmo tinha como conceito, tal como estamos pesquisando sobre o pensamento do primeiro século da era cristã, definimos da seguinte forma os diversos conceitos judaicos para a ressurreição dos mortos.

- a) Ressurreição dos mortos de um ser que viveu e ressurgiu ainda em sua atual existência, tal como ocorreu com Lázaro, à filha de Jairo e o filho da viúva de Naim. (Jo 11,1-45; Mc 5-22-43; Lc 8,41-56);
- b) Ressurreição como algum profeta pudesse voltar à vida, porém num outro corpo formado, tal como ocorreu nas narrativas comentadas. (Mt 16,13-17; Mc 6,14-15);
- c) Ressurreição no fim dos dias, para o Mundo Vindouro (*Haolam Habá*), tal como defendido por Paulo, que acreditava que viveria em sua época (1Co 15,1-58).

Partindo dessas definições, iremos agora adentrar na análise de onde a ideia da *Gilgul Neshmot* (Rodas das almas) ou *Gilgul Neshmá* (Rodas da personalidade) se iniciou no livro do Êxodo. (FERRARI. T. T. 2021, p. 24)

Fim da citação

Dessa forma convidamos o pastor e demais leitores a conhecerem esta nossa obra que este ano sofreu uma importante revisão. Passemos ao ponto seguinte, propalado pelo pastor. Vejamos:

São muitos os textos bíblicos que negam a reencarnação, sendo Zc. 12:1, uma destas referências. Segundo este texto,

o espírito do homem é formado dentro dele. Isto é mais que suficiente para provar que cada corpo tem seu próprio espírito e que este veio à existência, quando o corpo estava em formação, no ventre. Logo, nós não somos seres de outros mundos, que viemos para o planeta Terra num processo evolutivo (expiar imperfeições, reparar erros, angariar novos conhecimentos, etc.), como o ensina o kardecismo.

Essa novidade nós não sabíamos que existem muitos textos que negam a reencarnação nas Escrituras. O mais conhecido é o trecho de (Hb 9,27) e que o já refutamos. Vamos agora ao texto de (Zc 12,1-14) e examinar seu contexto que tem como tema a **libertação e renovação de Jerusalém**. Será preciso comparar duas traduções diferentes e atestarmos qual o conceito que este texto nos quer passar. Vejamos a **Bíblia de Jerusalém** que é uma das melhores traduções ocidentais e a **Bíblia Hebraica**, que é mais fiel ao texto hebraico. Vejamos:

Zc 12,1: Proclamação. Palavra de Iahweh sobre Israel. Oráculo de Iahweh, que estendeu o céu e fundou a terra, **que formou o espírito do homem dentro dele**. (Bíblia de Jerusalém. 2002, p. 1679) (grifo nosso)

Zc 12,1: Profecia da palavra do Eterno acerca de Israel: Diz o Eterno, que estendeu os céus, estabeleceu os fundamentos da terra e **forjou no homem seu espírito**: (Bíblia Hebraica, 2012, p. 753) (grifo nosso)

Como podemos observar de uma tradução para outra, a *Bíblia de Jerusalém* dá uma interpretação favorável ao pastor, em dizer que Deus **formou o espírito do homem dentro dele**. Quando comparamos com a *Bíblia Hebraica*, temos outro sentido, de que Deus **forjou no homem seu espírito**,

trazendo concepções completamente distintas. Entretanto, será preciso a exegese para a hermenêutica perfeita, pois este texto está se referindo a (Gn 2,7) que diz **que Deus soprou nas narinas de Adão o hálito de vida e que este se tornou alma vivente**. Como podemos observar, diante de traduções tendenciosas, observamos que o Espírito é anterior ao corpo e dessa forma, não foi gerado junto ao seu corpo físico, senão encontraremos conflito em (Jr 1,5) que diz que antes de ser gerado o profeta Jeremias, Deus o conhecia e já o havia consagrado profeta das nações. Apenas esta análise é suficiente para mostrar ao pastor a sua incoerência no trato a reencarnação no Judaísmo.

À luz dos dados acima, Kardec errou quando disse que a ressurreição pregada por Jesus, os profetas e os apóstolos nada mais é que a reencarnação por ele defendida e difundida. Até porque, como já observamos, Kardec se mostra incoerente sempre que apela para a Bíblia, considerando que ele disse repetidas vezes que nela ele não confiava.

Concluimos que Kardec tratou de forma bem respeitosa as suas citações Bíblicas, atreladas as suas reflexões, concomitante às mensagens dos Espíritos na codificação. Observamos que o pastor que se enrolou em suas citações bíblicas, completamente fora do contexto, sem examinar a fundo a codificação, desconhecendo outras fontes de pesquisa e até mesmo o Judaísmo, atropelando a exegese e derrubado a hermenêutica, taxando o Espiritismo de incoerente, onde recai sobre seus próprios argumentos a insígnia que acusa. Passemos ao subtópico seguinte.

10.3. Sangue de Jesus ou Reencarnação?

Esta pergunta é deveras interessante e o pastor passará por duas obras de Kardec para sustentar de que somente o sangue de Jesus é capaz de purificar os pecados, não necessitando das vidas sucessivas como meio de progresso moral e intelectual, onde ele traçará um paralelo de passagens bíblicas que atestam suas alegações. Vejamos seus argumentos:

Veja abaixo as perguntas 167-170, que Kardec formulou a um “Espírito Superior”, bem como as respostas que o demônio deu:

“167. Qual o fim objetivado com a reencarnação?” “Expição, melhoramento progressivo da Humanidade. Sem isto, onde a justiça?”.

“168. É limitado o número das existências corporais, ou o Espírito reencarna perpetuamente?”! “A cada nova existência, o Espírito dá um passo para diante na senda do progresso. Desde que se ache limpo de todas as impurezas, não tem mais necessidade das provas da vida corporal”.

“169. É invariável o número das encarnações para todos os Espíritos?”. “Não; aquele que caminha depressa, a muitas provas se forra. Todavia, as encarnações sucessivas são sempre muito numerosas, porquanto o progresso é quase infinito”.

“170. O que fica sendo o Espírito depois da sua última encarnação?”. “Espírito bem-aventurado; puro Espírito” (**O Livro dos Espíritos**, Federação Espírita Brasileira: 74ª edição, página 121, nº 167-170).

Esta citação do pastor precisa ser complementada, anteriormente a questão 166 que abre o capítulo IV da obra **O Livro dos Espíritos** que trata da pluralidade das existências.

Vejamos a parte omitida pelo pastor e depois nossos comentários:

A reencarnação

166. *Como pode a alma, que não alcançou a perfeição durante a vida corpórea, acabar de depurar-se?*

“Sofrendo a prova de uma nova existência.”

a) *Como realiza essa nova existência? Será pela sua transformação como Espírito?*

“Depurando-se, a alma indubitavelmente experimenta uma transformação, mas para isso necessária lhe e a prova da vida corporal.”

b) *A alma passa então por muitas existências corporais?*

“Sim, todos contamos muitas existências. Os que dizem o contrário pretendem manter-vos na ignorância em que eles próprios se encontram. Esse o desejo deles.”

c) *Parece resultar desse princípio que a alma, depois de haver deixado um corpo, toma outro, ou, então, que reencarna em novo corpo. É assim que se deve entender?*

“Evidentemente.” (KARDEC. A. 2019, p. 123)

Como podemos observar, é preciso introduzi o tema e depois argumentar que a necessidade da reencarnação é inerente a cada um de nós e trata-se de uma lei natural, tal qual Jesus asseverou (Jo 3,12). Percebemos que aderir ao sangue de Jesus como condição necessária para purificação dos pecados e assim assegurar vermos o reino de Deus, colocaria apenas uma população circunscrita do orbe terrestre a ter essa condição, mediante a infinidade de povos que na concepção do pastor, não tiveram a condição de sequer ouvir falar de Jesus.

A reencarnação é universal e inerente a toda a humanidade, colocando-a em pé de igualdade a obtenção das virtudes. Este trecho destacado pelo pastor apenas fundamenta esta nossa tese e particulariza o sangue de Jesus a uma pequena fração da humanidade, onde até mesmo se torna ineficaz, pois ainda esta humanidade crente em Jesus continua com as mesmas limitações morais e intelectuais, fadados a ganharem de graça um progresso que não se esforçaram por merecer, pois não terão tempo de conquistar em apenas uma existência a plenitude do ser, colocando assim, a reencarnação como lei fundamental para se chegar à perfeição, mesmo que a contragosto do pastor, mas que uma lei natural existe, independente de acreditarmos nela, ou não. Vamos as próximas alegações do pastor na sequência.

Kardec continua pronunciando sobre reencarnação:

“Reconheçamos, portanto, em resumo, que só a doutrina da pluralidade das existências explica o que, sem ela, se mantém inexplicável; que é altamente consoladora e conforme à mais rigorosa justiça; que constitui para o homem a âncora de salvação que Deus, por misericórdia, lhe concedeu. **As próprias palavras de Jesus não permitem dúvida a tal respeito.** Eis o que se lê no Evangelho de São João, capítulo III:3. Respondendo a Nicodemos, disse Jesus: Em verdade, em verdade te digo que, se um homem não nascer de novo, não poderá ver o reino de Deus...” (O Livro dos Espíritos, Federação Espírita Brasileira, 74ª edição, capítulo V, página 153. Grifo meu).

Neste instante, o pastor dá um salto na obra *O Livro dos Espíritos*, chegando à primeira parte, ao capítulo V, item 222 em que Kardec faz uma longa reflexão sobre o tema *das vidas*

sucessivas e o pastor de forma hábil, só retira do texto que lhe interessa, para detratar o Espiritismo. Entretanto, recomendamos os leitores a pesquisa deste item que por limitação de espaço, nos impede de aqui o reproduzir. Contudo, já analisamos anteriormente o diálogo entre Jesus e Nicodemos (Jo 3,1-21), onde até recomendamos o nosso artigo [O Diálogo entre Jesus e Nicodemos](#) como complementar a nossa análise sobre este tema.

Mediante tudo o que expusemos, realmente Jesus evidenciou as vidas sucessivas como condição *sine qua non* a angariar as virtudes, representadas pela porta estreita a que todos nós estamos fadados a chegar, através de nosso esforço próprio em conquistar as virtudes através do merecimento, mas não algo sem esforço e gratuitamente que não foi pregado pelo Mestre. Vamos, porquanto, dar continuidade às alegações do pastor. Vejamos:

Das transcrições supra se pode ver que o Kardecismo prega que a âncora da salvação não é o sangue de Jesus, e sim, a reencarnação. Através desta, o espírito vai progredindo intelectual e moralmente até atingir a perfeição. Logo, os kardecistas prescindem do sangue de Cristo. A Bíblia, porém, assevera que só à base do sangue de Jesus dá-se a purificação dos pecados (Mt. 26:28; At.4:12; Rm. 3:25-26; 11:6; Ef. 2: 8-9; 1Jo. 1:7 etc.). Os kardecistas diriam que este meu argumento não os demove, visto que não reconhecem a Bíblia como autoridade. Porém, aí perguntamos: Mas vocês não se consideram cristãos? Se não aceitam a Bíblia, rejeitam o Cristianismo e, portanto, vocês não podem se considerar cristãos. Vocês fizeram um “cristianismo” só para vocês? Vocês possuem um “cristianismo” de propriedade particular? Além disso, se a Bíblia não é confiável, porque Kardec, citando Cristo falando do novo nascimento, e associando isso

à reencarnação, afirma que “As próprias palavras de Jesus não permitem dúvida a tal respeito”, como fizemos constar acima? Veja, se a Bíblia não é confiável, não sabemos sequer se Jesus realmente tenha falado a respeito do Novo Nascimento.

Por questão lógica, o sangue de Jesus não é condição de salvação, uma vez que sempre que houve curas dos enfermos no Novo Testamento, efetuadas pelo Cristo, o Mestre sempre atribuiu aos que foram salvos, mas salvos de que? Do inferno, como pensa o pastor? Não, de suas enfermidades e limitações físicas que não corroboram com a tese do pastor que é necessário o sangue do Cristo para esta salvação que observamos. Esta mesma salvação era conquistada através do poder da fé dos enfermos curados pelo Mestre. Lembramos que este processo de cura e cessação das limitações físicas, suspendiam a lei de causa e efeito, bem como outorgava um novo patamar aos enfermos em prosseguir sem as suas chagas.

Outrossim, houve curas morais, como no caso de Zaqueu que por um processo de mudança de conduta, estaria salvo da lei de causa e efeito, uma vez que ele restituiria até quatro vezes a quem houvera prejudicado. Outro fato foi o que ocorreu com a mulher adúltera que pela lei de Moisés, previa apedrejamento até a morte, onde o Mestre interviu no fato e deu sua célebre frase de que *“aquele que estiver sem pecado que atire a primeira pedra”*, ocorrendo em seguida a dissipação da multidão de Judeus, ante a este fato, o não julgamento do Cristo e a recomendação, *“ide e não peques mais”*, a fim de não recair sobre julgamento da lei novamente.

São inúmeras as referências dadas pelo Mestre, acerca do processo de salvação da humanidade e um deles é a mudança de atitude ante nossas imperfeições físicas e morais e não a crença em seu sangue derramado, como condição de mudança de atitude, pois eu posso crer neste sacrifício vicário, mas se não mudar meu comportamento, ante a lei do amor, de nada valerá, já que estarei me comportando ainda de forma equivocada.

Vamos agora comentar os trechos bíblicos, isolados pelo pastor, que continua sua cartilha de pinçar textos para confirmar sua ortodoxia. A começar por (Mt 26,28) que está contido no evento da **santa ceia** (Mt 26,17-30) que existe o fato da transubstanciação, onde o Cristo representa o pão ázimo, o seu corpo e o cálice do vinho, seu próprio sangue que representaria de forma figurada que o seu Evangelho será a condição de salvação para aqueles que praticarem e seguirem seu exemplo, sem a crença literal de simplesmente dar maior credibilidade ao sacrifício do Cristo, mas não seguir seu exemplo. Sobre este tema, desenvolvemos um artigo [Seremos salvos ou teremos que nos salvar?](#) que contém este episódio da transubstanciação ao qual recomendamos o estudo do capítulo 13 deste artigo, da página 45 a 53 que por limitação de espaço não o citaremos aqui nesta obra.

Acerca da pinçada do pastor em (At 4,12) que lhe dá fundamento no quesito de que somente o sangue de Jesus salva, ao observamos todo o contexto de (At 4,1-37) constatamos que há neste contexto é a prisão de Pedro e João pelos sacerdotes do Templo (v. 3), devido a pregação de Jesus

e a ressurreição dos mortos (v. 2) O que motivou a Pedro tomar a palavra e dizer que somente sobre o nome de Jesus que há a salvação (v. 12), é pelo simples fato de haverem curado um enfermo de suas limitações de saúde (v. 9) em verso anterior que foi suprimido pelo pastor, mas que estamos argumentando e que entendemos que este enfermo foi curado e salvo da lei de causa e efeito por Pedro, onde afirmou que somente em nome do Cristo que havia tal salvação (v. 12) que tanto indignava os sacerdotes do Templo (v. 17), mas como viram que o homem estava curado, nada podiam fazer (v. 14). Como pudemos observar, em nada há menção ao sangue de Jesus para salvação, mas apenas corroborando ao que temos dito, de que pelo Evangelho de Jesus o seu apóstolo operou a cura e conseqüentemente a salvação do enfermo de suas limitações físicas.

O pastor se vale de outra passagem isolada (Rm 3,26-27) para lhe dar fundamento que somente o sangue de Jesus salva para compor sua cartilha, mas observamos que neste contexto (Rm 3,1-31), Paulo está exortando os cristãos de Roma, que os judeus buscam na lei de Moisés a sua justificação (v. 19), mas Paulo os alude que somente em Cristo é que deve haver a crença no sacrifício verdadeiro e capaz de mudar o conceito de remissão de pecados (vv. 26-27), através da mudança de conduta conduzida pelo Evangelho, do que pelas obras da lei (v. 28) que sabiamente o pastor omitiu este verso seguinte de seus leitores, a levarem ao erro. Somente este é o objetivo de Paulo, exortar aos judeus que as obras da lei não têm mais nenhuma eficácia na remissão de pecados, e

que judeus e gentios são justificados pela fé em Cristo (v. 29). Outro isolamento do pastor se encontra também em (Rm 11,6) e que o exame do contexto (Rm 11,1-36) novamente o entendimento de Paulo é sobre as obras da lei de Moisés que o pastor ignorou todo o entendimento do contexto. Parece-nos que os cristãos em Roma davam muita importância à prática da lei de Moisés e pelo que vemos e constatamos, Paulo os demoveu dessa crença.

Já sobre o texto áureo de Paulo em (Ef 2,8-9) sobre a justificação pela fé, já o esclarecemos no conceito de fé e obras anteriormente e não seremos repetitivos, tática esta utilizada pelo pastor em repetir conceitos para massificar dogmas. Acerca de (1Jo 1,7) também já o comentamos e não julgamos necessário retornar a este tema. Passemos, porquanto a parte final e conclusiva do pastor neste subtópico. Vejamos:

Ora, como ousam fundar uma religião sobre algo tão incerto? E, pior ainda: se é incerto, por que diz então que as “próprias palavras de Jesus não permitem dúvida a tal respeito”? Entenda-o quem puder. Como se toda essa incoerência não bastasse, Kardec registrou que Jesus derramou Seu sangue para nos salvar. Veja a cópia abaixo:

“Paz e Amor! Diante da grande responsabilidade que assumimos para com o nosso Criador, quando nos comprometemos a defender a Doutrina do seu amado Filho, **selada com o seu próprio sangue no cimo do Calvário, para redimir as culpas dos homens**; diante dos compromissos tomados pelo nosso próprio Espírito, certo então de triunfar da carne e suas paixões; de estabelecer na Terra o reino do amor e da fraternidade das criaturas; em face das lutas que crescem dia a dia, mais escabroso tornando o caminho da vossa existência em via de regeneração, elevo o

meu pensamento ao Ser dos seres, ao nosso Criador e Pai, e suplico, em nome da caridade divina, que se estendam as asas do seu amado Filho sobre a Terra, colocando-vos à sombra do seu Evangelho — **garantia única** da vossa crença — segura estabilidade da vossa fé!” (**A Prece Segundo o Evangelho**. Federação Espírita Brasileira: 44ª edição, página 24. Grifo meu.).

Como pode alguém afirmar que o sangue de Cristo “redime as culpas dos homens” e, simultaneamente, pregar a reencarnação? É fácil; basta ser kardecista. Isso é facilímo aos kardecistas. Parece difícil, mas os kardecistas conseguem.

Em se tratando de incoerências, temos demonstrado que não é da Doutrina Espírita, mas as próprias citações mutiladas do pastor da codificação espírita, de obras complementares e isolamento de versículos bíblicos para atestar seus dogmas e detratar o Espiritismo, mas o estamos desatando este nó, a fim de esclarecer aos seus leitores, já que nosso objetivo não é o de demover o pastor de suas crenças, mas de ampliarmos o conceito das Escrituras, à luz da Doutrina Espírita, instruindo aos espíritas, ante ataques gratuitos como este. Vamos agora a uma obra de Kardec que não compõe o corpo da codificação, mas que a julgamos de igual importância, a saber, **A prece segundo o Evangelho**. Que trata em seu segundo capítulo sobre o *estudo sobre obsessões*, completamente desfigurado pelo pastor, uma vez que isolou completamente um trecho de tal estudo que se estende por vinte páginas, onde não nos permite citar por completo por falta de espaço, mas citaremos apenas uma parte, recomendando, em seguida, aos leitores a meditação deste capítulo da obra citada.

II — ESTUDOS SOBRE OBSESSÕES

Paz e Amor! Diante da grande responsabilidade que assumimos para com o nosso Criador, quando nos comprometemos a defender a Doutrina do seu amado Filho, selada com o seu próprio sangue no cimo do Calvário, para redimir as culpas dos homens; diante dos compromissos tomados pelo nosso próprio Espírito, certo então de triunfar da carne e suas paixões; de estabelecer na Terra o reino do amor e da fraternidade das criaturas; em face das lutas que crescem dia a dia, mais escabroso tornando o caminho da vossa existência em via de regeneração, elevo o meu pensamento ao Ser dos Seres, ao nosso Criador e Pai, e suplico, em nome da caridade divina, que se estendam as asas do seu amado Filho sobre a Terra, colocando-vos à sombra do seu Evangelho — garantia única da vossa crença — segura estabilidade da vossa fé!

Amigos! Ainda há pouco, atravessando com os olhos do Espírito o reinado das trevas, raciocinando sobre os fatos que atormentam a Humanidade constantemente, reconhecíeis a necessidade do perdão das ofensas, de pagar com benefícios os malefícios, de responder ao ódio com o amor, reconhecíeis a necessidade que o homem, revestido de um *Mandatum* tão santo sobre a Terra, tem da virtude e dos altos sentimentos que o nobilitem aos olhos do seu Criador para, desassombrado, empenhar-se na tremenda luta da Luz contra as trevas, em nome do Cristo — o Mestre, o Modelo, o Redentor.

Com efeito, louco seria aquele que, reconhecendo nos sofrimentos alheios a plena execução da justiça de um Deus clemente e misericordioso, tentasse apaziguá-los apenas com palavras — senão vazias de sentido — baldas completamente do sentimento cristão.

Louco seria quem, sem as armas que lhe dão as palavras de Jesus, se entregasse a essa luta inglória, agravando — quem sabe! Os sofrimentos e as dores daqueles por quem se dispõe a lutar.

Compreendeis que vos falo dos obsessos, desses infelizes irmãos que encontrais a todo momento e que despertam a

vossa curiosidade ou os vossos sentimentos.

Falo dessas vítimas de erros e faltas que escapam à vossa percepção e aos quais, olhando-os com olhos piedosos, procurais ministrar a palavra consoladora — o bálsamo santo da caridade divina. [...] (KARDEC. A. 1944, p. 24-25) (grifo nosso)

Como podemos observar, a parte destacada pertence a citação do pastor que tenta abonar o sacrifício vicário, em contraste à reencarnação por ele combatida. Contudo, trata-se justamente em orientações de Kardec no tratamento das obsessões que não tem nada a ver com o teor da citação do pastor, e que nos levou a citar o texto em complemento. Sendo assim, este longo discurso de Kardec trata das obsessões, suas causas, patologias e evangelho terapia para cura desta enfermidade. Em nada depõe contra a codificação a prática do Evangelho, assegurando a reforma íntima e suprimindo efeitos nocivos das más influências espirituais, que através das vidas sucessivas, outorgarão a nossa perfeição! Passemos, ao subtópico seguinte abordado pelo pastor.

10.4. Sobre o Diabo e os Demônios

Já argumentamos anteriormente sobre este tema, onde expusemos a exegese de (Ez 28; Is 14) que são os textos basilares para a crença inicial deste dogma da existência de satanás, como um promotor de acusação da humanidade, eternamente voltado ao mal e que agora se encontra próximo seu julgamento que levará consigo uma boa parcela dos ímpios, sem nunca mais serem perdoados. Este conceito pertence a interpretação literal que o pastor faz destes textos

e num exame mais apurado, vamos verificar seu embasamento e dar nossa resposta. Vejamos:

Como os Kardecistas conceituam o Diabo e os demônios? Vejamos:

“Satã, segundo o Espiritismo e a opinião de muitos filósofos cristãos, não é um ser real; é a personificação do Mal, como Saturno era outrora a do Tempo...” (**O Que é o Espiritismo**. Federação Espírita Brasileira: 37ª edição, página 138. Grifo meu).

Esta citação do pastor da obra **O que é o Espiritismo** se encontra no capítulo I que trata da *pequena conferência espírita* em seu terceiro diálogo de Kardec com *o padre* e a reproduziremos na íntegra, por achar conveniente examinar todo o contexto, uma vez que o pastor não é muito fã desse nosso zelo, mas sempre o fazemos para sermos honestos com a codificação e com nossas análises. Vejamos:

Padre. — O Evangelho ensina que o anjo das trevas, ou Satã, se transforma em anjo de luz para seduzir os homens.

A. K. — **Satã, segundo o Espiritismo e a opinião de muitos filósofos cristãos, não é um ser real; é a personificação do mal, como Saturno era outrora a do tempo.** A Igreja apegase à letra dessa figura alegórica; é uma questão de opinião que eu não discutirei.

Admitamos, por um instante, que Satã seja um ser real; a Igreja, à força de exagerar seu poder, tendo em vista intimidar, chega a um resultado totalmente contrário, isto é, à destruição, não somente do medo, mas também da crença em tal personagem, segundo o provérbio: “Quem muito quer provar, nada prova.” Ela o representa como eminentemente fino, sagaz e ardiloso, mas, na questão do Espiritismo, fá-lo desempenhar o papel de louco ou de tolo.

Uma vez que seu fim é alimentar de vítimas o inferno e arrebatam almas do poder de Deus, compreende-se que se dirija àqueles que estão no bem para induzi-los ao mal, e, para tal fim, se veja obrigado a transformar-se, segundo belíssima alegoria, em anjo de luz, isto é, que ele hipocritamente simule a virtude, mas que deixe escapar aqueles que já estavam em suas redes, é o que não se pode compreender.

Os que não admitem Deus nem a alma, que desprezam a prece e vivem mergulhados no vício, são dele, quanto é possível ser-se; nada mais lhe resta fazer para sepultá-los no lamaçal; ora, excitá-los a voltar a Deus, a orar, a submeter-se à vontade do Criador, animá-los a renunciar ao mal, mostrando-lhes a felicidade dos escolhidos e a triste sorte que aguarda os maus, seria ato de um simplório, mais estúpido que o de dar liberdade a aves que estejam numa gaiola, com o pensamento de apanhá-las de novo.

Há, pois, na doutrina da comunicação exclusiva dos demônios uma contradição que fere todo homem sensato; nunca se persuadirá alguém que os Espíritos que reconduzem a Deus aqueles que o renegavam, ao bem os que praticavam o mal; que consolam os aflitos, dão força e coragem aos fracos; que, pela sublimidade de seus ensinamentos, elevam a alma acima da vida material, sejam auxiliares de Satã, e que, por este motivo, se deva interdizer-nos qualquer relação com o Mundo Invisível. (KARDEC. A. 2019g, p. 112-113) (grifo nosso)

Pela força do argumento de Kardec inibiu o pastor em citar todo o seu contexto, resolvendo apenas citar uma frase, a fim de que corroborasse sua crença em um ser designado ao mal eternamente, medindo forças com o Criador e arrebanhando almas para o inferno. Esta crença a cada dia que passa está entrando em desuso e alimentá-las só cria ainda mais incredulidade no meio cristão. Dessa forma, fazemos coro com Kardec que diz: *segundo o provérbio: “Quem muito quer provar, nada prova.”*. Passemos ao ponto seguinte:

“Há demônios, no sentido que se dá a esta palavra?”

“Se houvesse demônios, seriam obra de Deus. Mas, porventura, Deus seria justo e bom se houvera criado seres destinados eternamente ao mal e a permanecerem eternamente desgraçados? Se há demônios, eles se encontram no mundo inferior em que habitais e em outros semelhantes. **São esses homens hipócritas que fazem de um Deus justo um Deus mau e vingativo** e que julgam agradá-lo por meio das abominações que praticam em seu nome” (**O Livro dos Espíritos**. Federação Espírita Brasileira: primeira parte, capítulo I, 76ª edição, nº 131, página 100. Grifo meu).

Esta é a pergunta 131 da obra **O Livro dos Espíritos** e está contida no capítulo da primeira parte que trata do tema Deus que não vimos o pastor tentar refutar este conceito que para nós é a melhor representação da definição de Deus e seus atributos, dentro da nossa atual capacidade em compreender o grande arquiteto do universo. O que o pastor esqueceu de citar, se é que esqueceu, é justamente o comentário de Kardec a esta resposta dos espíritos, ao qual iremos reproduzi-la para os leitores conhecerem o pensamento do codificador. Vejamos:

A palavra *demônio* não implica a ideia de Espírito mau, senão na sua acepção moderna, porquanto o termo grego *daïmon*, donde ela derivou, significa *gênio*, *inteligência* e se aplicava aos seres incorpóreos, bons ou maus, indistintamente.

Por demônios, segundo a acepção vulgar da palavra, se entendem seres essencialmente malfazejos. Como todas as coisas, eles teriam sido criados por Deus. Ora, Deus, que é soberanamente justo e bom, não pode ter criado seres prepostos, por sua natureza, ao mal e condenados por toda a eternidade. Se não fossem obra de Deus, existiriam, como Ele, desde toda a eternidade, ou então haveria muitas potências soberanas.

A primeira condição de toda doutrina é ser lógica. Ora, a dos demônios, no sentido absoluto, falta esta base essencial. Concebe-se que povos atrasados, os quais, por desconhecerem os atributos de Deus, admitem em suas crenças divindades maléficas, também admitam demônios; mas é ilógico e contraditório que quem faz da bondade um dos atributos essenciais de Deus suponha haver Ele criado seres destinados ao mal e a praticá-lo perpetuamente, porque isso equivale a lhe negar a bondade. Os partidários dos demônios se apoiam nas palavras do Cristo. Não seremos nós quem conteste a autoridade de seus ensinamentos, que desejáramos ver mais no coração do que na boca dos homens; porém estarão aqueles partidários certos do sentido que Ele dava a esse vocábulo? Não é sabido que a forma alegórica constitui um dos caracteres distintivos da sua linguagem?

Dever-se-á tomar ao pé da letra tudo o que o Evangelho contém?

Não precisamos de outra prova além da que nos fornece esta passagem: “Logo após esses dias de aflição, o Sol escurecera e a Lua não mais dará sua luz, as estrelas cairão do céu e as potências do céu se abalarão. Em verdade vos digo que esta geração não passará, sem que todas estas coisas se tenham cumprido” (Mateus, 24:29 e 34).

Não temos visto a Ciência contraditar a *forma* do texto bíblico, no tocante a Criação e ao movimento da Terra? Não se dará o mesmo com algumas figuras de que se serviu o Cristo, que tinha de falar de acordo com os tempos e os lugares? Não é possível que Ele haja dito conscientemente uma falsidade. Assim, pois, se nas suas palavras há coisas que parecem chocar a razão, é que não as compreendemos bem, ou as interpretamos mal.

Os homens fizeram com os demônios o que fizeram com os anjos. Como acreditaram na existência de seres perfeitos desde toda a eternidade, tomaram os Espíritos inferiores por seres perpetuamente maus. **Por demônios se devem entender os Espíritos impuros, que muitas vezes não valem mais do que as entidades designadas por esse nome, mas com a diferença de ser transitório o estado deles. São Espíritos imperfeitos, que se rebelam contra**

as provas que lhes tocam e que, por isso, as sofrem mais longamente, porém, que, a seu turno, chegarão a sair daquele estado, quando o quiserem. Poder-se-ia, pois, aceitar o termo *demônio* com esta restrição. Como o entendem atualmente, dando-se lhe um sentido exclusivo, ele induziria em erro, com o fazer crer na existência de seres especiais criados para o mal.

Satanás é evidentemente a personificação do mal sob forma alegórica, visto não se pode admitir que exista um ser mau a lutar, como de potência a potência, com a Divindade e cuja única preocupação consistisse em lhe contrariar os desígnios. Como precisa de figuras e imagens que lhe impressionem a imaginação, o homem pintou os seres incorpóreos sob uma forma material, com atributos que lembram as qualidades ou os defeitos humanos. E assim que os antigos, querendo personificar o Tempo, o pintaram com a figura de um velho munido de uma foice e uma ampulheta. Representá-lo pela figura de um mancebo fora contrassenso.

O mesmo se verifica com as alegorias da fortuna, da verdade etc.

Os modernos representaram os anjos, os puros Espíritos, por uma figura radiosa, de asas brancas, emblema da pureza; e Satanás com chifres, garras e os atributos da animalidade, emblema das paixões vis. O vulgo, que toma as coisas ao pé da letra, viu nesses emblemas individualidades reais, como vira outrora Saturno na alegoria do Tempo. (KARDEC. A. 2019e, p. 103-104) (grifo nosso)

Como podemos observar a parte destacada do pastor, ante a resposta dos espíritos a questão 131 da obra citada, deu a entender que todos os encarnados que acreditam nos demônios se tornasse um de vias de fato. Contudo, após exame do que Kardec desenvolve em seu raciocínio a esta resposta, entendemos que todos os encarnados e desencarnados que desempenham um papel de irem contra a lei de amor do Pai, se caracterizam por serem tais demônios,

na acepção da palavra dentro do contexto. Outrossim, é preciso conceituar o grego para compreender que a palavra *daïmon* poderia significar, em sua etimologia, ao gênio do bem e do mal, onde somente com o Cristianismo que esta conotação passou a ser exclusivamente do mal, como bem pontuou Kardec, e o pastor de forma inábil, omitiu de seus leitores que deverão fazer juízo de valor, diante do contexto apresentado. Com isso, vamos ao ponto seguinte abordado pelo pastor.

“... os demônios... são... as almas dos homens perversos, que ainda se não despojaram dos instintos materiais...” (**O Evangelho Segundo o Espiritismo**. Federação Espírita Brasileira: 112ª edição, capítulo XII, nº 6, página 201. Grifo meu).

Esta terceira e última citação do pastor se encontra na obra **O Evangelho Segundo o Espiritismo**, no capítulo XII que trata do interessante tema *amai os vossos inimigos*, contido dentro do item 6 que reproduziremos na íntegra, a fim de desatar o último nó interpretativo do pastor. Vejamos:

Os inimigos desencarnados

[...]

6. Pode-se, portanto, contar inimigos assim entre os encarnados, como entre os desencarnados. Os inimigos do mundo invisível manifestam sua malevolência pelas obsessões e subjugações com que tanta gente se vê a braços e que representam um gênero de provações, as quais, como as outras, concorrem para o adiantamento do ser, que, por isso, as deve receber com resignação e como consequência da natureza inferior do globo terrestre. Se não houvesse

homens maus na Terra, não haveria Espíritos maus ao seu redor. Se, conseguintemente, se deve usar de benevolência com os inimigos encarnados, do mesmo modo se deve proceder com relação aos que se acham desencarnados.

Outrora, sacrificavam-se vítimas sangrentas para aplacar os deuses infernais, que não eram senão os maus Espíritos. Aos deuses infernais sucederam os demônios, que são a mesma coisa. O Espiritismo demonstra que esses **demônios mais não são do que as almas dos homens perversos, que ainda se não despojaram dos instintos materiais; que ninguém logra aplacá-los, senão mediante o sacrifício do ódio existente, isto é, pela caridade**; que esta não tem por efeito, unicamente, impedi-los de praticar o mal, e sim também o de os reconduzir ao caminho do bem e de contribuir para a salvação deles. É assim que o mandamento: *Amai os vossos inimigos* não se circunscreve ao âmbito acanhado da Terra e da vida presente; antes, faz parte da grande lei da solidariedade e da fraternidade universais. (KARDEC. A. 2019d, p. 168-169) (grifo nosso)

A parte ao qual destacamos nesse item 6 da obra citada, remete a frase inicialmente destacada do pastor. Como podemos observar, ela está contida dentro de um contexto de uma máxima do Cristo de *amar os vossos inimigos*. Se o Mestre nos recomenda a amar nossos inimigos, estes não se circunscrevem apenas a um mandamento de encarnado para encarnado, mas sobretudo de encarnado para desencarnado que é o objetivo da reflexão de Kardec, que o pastor cita apenas uma frase. Como podemos observar, o pastor certamente deve pregar este conceito e uma vez que em sua concepção satanáas é o inimigo do homem, como regra, deveríamos perdoá-lo, afinal Jesus nos recomenda a retribuir o mal com o bem. Contudo, na cabeça do pastor, deverá dar um

nó, pois satanás será sempre o inimigo de Deus perpetrado ao mal para toda eternidade e por isso, sem perdão. Entretanto, a máxima do Cristo evidencia que a única maneira de extirpar o mal é retribuí-lo com o bem, como bem pontuou Kardec e o pastor não o cita completamente para não o colocar numa situação sem resposta. Vamos as considerações finais do pastor:

Das transcrições supra se pode ver nitidamente que o Kardecismo sustenta que o Diabo e os demônios não existem. O Diabo seria “a personificação do Mal”; e os demônios, “as almas dos homens perversos”, ou seja, espíritos ainda maus, quer encarnados, quer desencarnados. Kardec acreditava, pois, que os demônios nada mais são que “esses homens hipócritas que fazem de um Deus justo um Deus mau e vingativo...”. Isso significa que após negar a existência do Diabo e dos demônios, Kardec ironiza os que creem na existência dos demônios, dizendo que são estes os verdadeiros demônios.

Precisamos destacar a frase do pastor “*Kardec acreditava, pois, que os demônios nada mais são que “esses homens hipócritas que fazem de um Deus justo um Deus mau e vingativo...”*” que por desconhecer a fonte com precisão, coloca como fala de Kardec, mas se esquece que é a resposta de um espírito a questão 131 da obra *O Livro dos Espíritos*. Este descuido prova que o pastor não estudou a contento a codificação e saiu pinçando frases isoladas, atribuindo todas elas a Kardec. Como observamos, Kardec faz uma reflexão após esta resposta dada pelos espíritos, corroborando nossa tese, em destaque que “**Por demônios se devem entender os Espíritos impuros, que muitas vezes não valem mais**

do que as entidades designadas por esse nome, mas com a diferença de ser transitório o estado deles. São Espíritos imperfeitos, que se rebelam contra as provas que lhes tocam e que, por isso, as sofrem mais longamente, porém, que, a seu turno, chegarão a sair daquele estado, quando o quiserem”, como bem pontuamos na segunda citação do pastor completamente desconexa. Como podemos observar, falta bom senso ao pastor e sobra muita incoerência no trato com a Doutrina Espírita. Passemos a sua conclusão. Vejamos:

Esta minha interpretação não está errada não. Veja que Kardec afirmou com todas as letras que se os demônios existissem e estivessem fadados a serem desgraçados eternamente, então Deus não seria bom. Kardec pergunta: “Deus seria justo e bom se houvera criado seres destinados eternamente ao mal e a permanecerem eternamente desgraçados?”. Ato contínuo ele diz que os que fazem de um Deus justo um Deus mau e vingativo são os reais demônios. Em outras palavras: O Diabo e demônios são aqueles que pregam que eles existem.

Como podemos observar mais uma vez, o pastor diz: *Kardec pergunta: “Deus seria justo e bom se houvera criado seres destinados eternamente ao mal e a permanecerem eternamente desgraçados?* Entretanto, esta é uma pergunta do espírito em resposta a Kardec na questão 131 da obra *O Livro dos Espíritos*. Observamos mais uma vez o pastor desconhecendo a fonte que cita e evidenciamos o completo desleixo no trato com o Espiritismo. Resumindo, pregar que os demônios existem nada mais é o grau que se encontram tais

mentes, incapazes de um senso crítico capaz de discernir o fato do mito. Enfim, diante de tudo o que dissemos e já fundamentamos com uma boa exegese bíblica, hermenêutica precisa, uma citação honesta da codificação e reflexões balizadas na lógica, entendemos que o pastor atropelou todo nosso método e citou frases de Kardec, enquanto eram dos espíritos, comprovando assim, o completo desconhecimento da codificação. Diante disso, recomendamos como complemento a esta obra o nosso artigo: [Quem realmente é Satanás, e quem são os demônios?](#) E a outra obra de nosso confrade Paulo Neto: [Satanás, ser ou não ser, eis a questão!](#) Passemos ao subtópico seguinte.

10.5. Como Identificar os Espíritos

Neste subtópico, encontramos três citações do pastor de uma mesma obra, a saber *O Livro dos Espíritos*, onde ele citará pequenas frases, a fim de identificar contradições aparentes que levarão os leitores ao erro, se não examinarem o contexto, ao qual nós o faremos para esclarecer o erro e apontar a verdade das mensagens citadas fora de seu contexto. Vamos as citações do pastor. Vejamos:

“Distinguir os bons dos maus Espíritos é **extremamente fácil**. Os Espíritos superiores usam constantemente de linguagem digna, nobre, repassada da mais alta moralidade, escoimada de qualquer paixão inferior; a mais pura sabedoria lhes transparece dos conselhos, que objetivam sempre o nosso melhoramento e o bem da Humanidade. A dos Espíritos inferiores, ao contrário, é incosequente, amiúde trivial e até grosseira. Se, por vezes, dizem alguma coisa boa e verdadeira, muito mais vezes dizem falsidades e absurdos,

por malícia ou ignorância. Zombam da credulidade dos homens e se divertem à custa dos que os interrogam, lisonjeando-lhes” (**O Livro dos Espíritos**, 74ª edição, página 26. Grifo meu)

Este primeiro recorte do raciocínio de Kardec se encontra no item VI da introdução da obra **O Livro dos Espíritos** e vamos checar o seu contexto. Vejamos:

— **distinguir os bons dos maus Espíritos e extremamente fácil. Os Espíritos superiores usam constantemente de linguagem digna, nobre, repassada da mais alta moralidade, escoimada de qualquer paixão inferior; a mais pura sabedoria lhes transparece dos conselhos, que objetivam sempre o nosso melhoramento e o bem da Humanidade. A dos Espíritos inferiores, ao contrário, e inconsequente, amiúde trivial e até grosseira. Se, por vezes, dizem alguma coisa boa e verdadeira, muito mais vezes dizem falsidades e absurdos, por malícia ou ignorância. Zombam da credulidade dos homens e se divertem à custa dos que os interrogam, lisonjeando-lhes a vaidade, alimentando-lhes os desejos com falazes esperanças. Em resumo, as comunicações serias, na mais ampla acepção do termo, só são dadas nos centros sérios, onde reine íntima comunhão de pensamentos, tendo em vista o bem;**

— a moral dos Espíritos superiores se resume, como a do Cristo, nesta máxima evangélica: Fazer aos outros o que quereríamos que os outros nos fizessem, isto é, fazer o bem e não o mal. Neste princípio encontra o homem uma regra universal de proceder, mesmo para as suas menores ações;

— ensinam-nos que o egoísmo, o orgulho, a sensualidade são paixões que nos aproximam da natureza animal, prendendo-nos a matéria; que o homem que, já neste mundo, se desliga da matéria, desprezando as futilidades mundanas e amando o próximo, se avizinha da natureza espiritual; que cada um deve tornar-se útil, de acordo com as faculdades e os meios que Deus lhe pôs nas mãos para experimentá-lo;

que o *forte* e o *poderoso* devem amparo e proteção ao *fraco*, porquanto transgride a Lei de Deus aquele que abusa da força e do poder para oprimir o seu semelhante. Ensinam, finalmente, que, no mundo dos Espíritos, nada podendo estar oculto, o hipócrita será desmascarado e patenteadas todas as suas torpezas; que a presença inevitável, e de todos os instantes, daqueles para com quem houvermos procedido mal constitui um dos castigos que nos estão reservados; que ao estado de inferioridade e superioridade dos Espíritos correspondem penas e gozos desconhecidos na Terra;

— mas ensinam também não haver faltas irremissíveis que a expiação não possa apagar. Meio de consegui-lo encontra o homem nas diferentes existências que lhe permitem avançar, conforme os seus desejos e esforços, na senda do progresso, para a perfeição, que é o seu destino final. Este o resumo da Doutrina Espírita, como resulta dos ensinamentos dados pelos Espíritos superiores. Vejamos agora as objeções que se lhe contrapõem. (KARDEC. A. 2019e, p. 26-27) (grifo nosso)

Como pudemos observar, foi omitido todo o contexto conclusivo de Kardec, ante a parte que grifamos e que foi o recorte do pastor, levando os seus leitores ao erro, como se Kardec mais adiante desse um parecer distinto deste de sua introdução à obra *O Livro dos Espíritos*, ao qual vamos a segunda citação do pastor, dentro do contexto que resgataremos para corrigir a argumentação do pastor e demonstrar onde se encontra as suas incoerências. Vejamos:

“Inegavelmente a substituição dos Espíritos pode dar lugar a uma porção de equívocos, ocasionar erros e, amiúde, mistificações. Essa é uma das **dificuldades do Espiritismo prático**” (**O Livro dos Espíritos**, Federação Espírita Brasileira: 74ª edição, página 38. Grifo meu).

Este segundo recorte do raciocínio de Kardec se

encontra no item XII da introdução da obra **O Livro dos Espíritos** e vamos checar o seu contexto. Vejamos:

Inegavelmente a substituição dos Espíritos pode dar lugar a uma porção de equívocos, ocasionar erros e, amiúde, mistificações. Essa é uma das dificuldades do *Espiritismo prático*. Nunca, porém, dissemos que esta ciência fosse fácil, nem que se pudesse aprendê-la brincando, o que, aliás, não é possível, qualquer que seja a ciência. Jamais teremos repetido bastante que ela demanda estudo assíduo e por vezes muito prolongado. Não sendo lícito provocarem-se os fatos, tem-se que esperar que eles se apresentem por si mesmos. Frequentemente ocorrem por efeito de circunstâncias em que se não pensa. Para o observador atento e paciente os fatos abundam, por isso que ele descobre milhares de matizes característicos, que são verdadeiros raios de luz. O mesmo se dá com as ciências comuns. Ao passo que o homem superficial não vê numa flor mais do que uma forma elegante, o sábio descobre nela tesouros para o pensamento. (KARDEC. A. 2019e, p. 37-38) (grifo nosso)

A parte que destacamos desta conclusão de Kardec ao item XII da introdução da obra citada, parece que abona o pastor em sua primeira citação, trazendo uma aparente contradição do próprio Kardec, mas ao omitir a parte conclusiva do parágrafo, percebemos que a primeira citação de Kardec no item VI é distinta desta segunda citação do item XII, pois a primeira trata da identificação dos espíritos por meio do conteúdo de suas mensagens, já a segunda trata da substituição dos respectivos espíritos em suas comunicações que podem levar ao erro e mistificações, ao estudante iniciante da ciência espírita. Entretanto, podemos perceber este comportamento do pastor que se enquadra apenas no leitor e

não estudante do espiritismo ao longo dos anos, levando seus leitores ao erro. Passemos a terceira citação do pastor, vejamos:

“Dir-se-á, sem dúvida, que, se um Espírito pode imitar uma assinatura, também pode perfeitamente imitar a linguagem. É exato; alguns temos visto tomar atrevidamente o nome do Cristo e, para impingirem a mistificação, simulavam o estilo evangélico e pronunciavam a torto e a direito estas bem conhecidas palavras: Em verdade, em verdade vos digo” (**O Livro dos Espíritos**, nº 261, 58ª edição, página 320).

Nesta terceira e última citação do pastor, identificamos que ela não se encontra na obra *O Livro dos Espíritos*, mas sim na obra **O Livro dos Médiuns**, segunda parte, capítulo XXIV que trata do tema *da identidade dos espíritos*, e em específico *das provas possíveis de identidade*, ao qual o pastor citou apenas uma parte do item 261 que reproduziremos na íntegra, a fim de corrigir mais uma incoerência do pastor, demonstrar-lhe o completo desconhecimento da obra que diz ser a citação, mas que num exame apurado, encontramos mais uma incoerência da parte dele, levando seus leitores ao erro mais uma vez, com seu completo desconhecimento doutrinário, levando-nos a crer que ele não estudou a codificação, mas a copiou de algum lugar que está completamente equivocado. Vejamos a citação de Kardec corretamente:

261. **Dir-se-á, sem dúvida, que, se um Espírito pode imitar uma assinatura, também pode perfeitamente imitar a linguagem. É exato; alguns temos visto tomar atrevidamente o nome do Cristo e, para impingirem a mistificação, simulavam o estilo evangélico e**

pronunciavam a torto e a direito estas bem conhecidas palavras: *Em verdade, em verdade vos digo*. Estudando, porém, *sem prevenção*, o ditado, em seu conjunto, perscrutado o fundo das ideias, o alcance das expressões, quando, a par de belas máximas de caridade, se veem recomendações pueris e ridículas, fora preciso estar *fascinado* para que alguém se equivocasse. Sim, certas partes da forma material da linguagem podem ser imitadas, mas não o pensamento. Jamais a ignorância imitará o verdadeiro saber e jamais o vício imitará a verdadeira virtude. Em qualquer ponto, sempre aparecerá a pontinha da orelha. É então que o médium, assim como o evocador, precisa de toda a perspicácia e de toda a ponderação para destrinçar a verdade da impostura. Devem persuadir-se de que os Espíritos perversos são capazes de todos os ardis e de que, quanto mais venerável for o nome com que um Espírito se apresente, tanto maior desconfiança deve inspirar. Quantos médiuns têm tido comunicações apócrifas assinadas por Jesus, Maria ou um santo venerado! (KARDEC. A. 2019, p. 277) (grifo nosso)

Como podemos observar nesta terceira citação, mesmo que de uma fonte por ele informada equivocadamente, percebemos que ao omitir a conclusão de Kardec a este item 261, entendemos que os incautos só acreditam em comunicações mistificadas através da fascinação pelo nome que a assina. Kardec pondera que quanto mais elevado o nome que leva a mensagem, maior cautela deve-se ter ante essas mensagens e redobrada atenção ao lhe examinar o conteúdo. Dessa maneira, onde o pastor encontrou uma contradição aparente nestas citações, sendo que a última estava equivocada, apresentamos os seus devidos contextos que nos levou a outra conclusão, apontando a mais uma incoerência do pastor. Vejamos suas assertivas quanto ao pensamento de Kardec.

As cópias acima demonstram o quanto o Kardecismo é incoerente. Primeiramente Kardec diz que é fácil identificar os espíritos. Depois ele admite a dificuldade. A seguir ratifica que deveras um espírito pode cometer uma falsidade ideológica, imitando voz e assinatura. Daqui emergem três questões comprometedoras:

1ª) Há incoerência, e isso é indício de fraude, pois onde há contradição não há verdade. Identificar os espíritos é, segundo Kardec, uma coisa fácil, difícil, e impossível. Ora, certificar-se da real identidade dos espíritos é algo fácil de se fazer, ou é uma coisa difícil? Veja, o fácil e o difícil, são possíveis. Logo, pergunto: Afinal, identificar os espíritos é uma coisa possível, ou é algo impossível? Decidam-se os kardecistas como quiserem, mas decidam-se, para que possamos saber, afinal, em que creem.

Ao leitor atento, observamos citações do pastor sem o devido contexto, sendo que a última citação dele estava completamente equivocada e percebemos que a incoerência não partiu da codificação, mas do próprio pastor que não estudou todo o seu contexto que se harmoniza em nos assegurar que é através do exame do conteúdo das mensagens que devemos julgar os nomes que as assinam e somente sobre efeito da fascinação é que se aceita quaisquer ensinamentos que provem dos espíritos, enquanto Kardec recomenda prudência e perspicácia no exame do conteúdo que deve ser ainda maior com nomes vultosos que as assinam. Contudo, o pastor ao citar apenas frases, sem lhes examinar o conteúdo em seu contexto, novamente leva seus leitores ao erro e corrobora nossa tese de que ele é um completo desconhecedor da codificação, levando-o, inclusive, a copiar fontes equivocadas deste o princípio de sua abordagem que estamos corrigindo passo a passo. Acerca das contradições

que o pastor enxergou na codificação e seu completo desprezo, observamos a ele que a Bíblia é repleta delas e que nós mesmos não temos o mesmo trato de descartá-la como inverdade, mas antes aplicamos a ela a recomendação que ela mesma nos dá de **examinai tudo, retende o bem** (1Ts 5,21). Passemos agora ao seu segundo ponto de destaque. Vejamos:

2ª) O Kardecismo adverte: “Você pode estar sendo enganado. E o pior é que não há como saber se sim, ou se não”;

Há como saber sim e este conceito está exarado em todo o contexto que expusemos das obras citadas *O Livro dos Espíritos* e *O Livro dos Médiuns* e o único aqui que se enganou foi o pastor em sua terceira citação, ao reportar-se a obra *O Livro dos Espíritos*, enquanto se tratava da obra *O Livro dos Médiuns*. Este é o tipo de crítico que a doutrina possui em seus dias atuais, o de pouco estudar a codificação e de copiá-la de terceiros que o levam ao erro e multiplicam suas incoerências, em citações fora do contexto. Vamos ao seu terceiro e último ponto a abordar sobre suas citações desconexas. Vejamos:

3) Certo kardecista, tentando convencer-me que o Kardecismo é, de veras, o Consolador prometido por Jesus, disse-me: certa senhora, emocionada, derramou copiosas lágrimas ao contatar numa sessão espírita, o espírito de seu filhinho que morrera há pouco tempo. Este falou à referida senhora, palavras verdadeiramente emocionantes. Pode haver consolo maior do que este? Ora, como chorar de emoção, ao se contatar um espírito que se identifica como sendo o de um ente querido que tenha falecido, se o próprio Kardecismo nos previne, como vimos acima, que pode estar ocorrendo uma falsidade ideológica? E, para acabar de

desmoralizar o Kardecismo, a Bíblia diz bem claro que os espíritos que se manifestam nas sessões espíritas, não são os espíritos de nossos parentes, amigos e conhecidos que já se foram desta vida (Lc. 16:26; Ap. 20:13).

Esta última citação e exemplificação do pastor lhe dá um carimbo de completo desconhecimento do funcionamento de uma reunião mediúnica em uma casa espírita federada que prevê pelo menos dois anos de ESDE (Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita) mais um ano e meio de ESMED (Estudo da Mediunidade), a fim de que o espírita estudante, após três anos e meio, possa se voluntariar a trabalhar na casa através do exercício da mediunidade, se a tiver em grau ostensivo, ou apenas como assistente, ou dialogador se sua mediunidade for abrangente a apenas intuição. O pastor, nesta infeliz citação, desconhece completamente uma sessão mediúnica que tem por principal objetivo o atendimento de espíritos sofredores e desobsessão, onde nunca é permitido uma consulta com espíritos familiares para saber o seu estado no mundo espiritual. Não se chega a uma casa espírita e se pede para consultar um médium para poder falar com algum ente querido que tenha desencarnado e esta citação do pastor ou é inventada, ou de algum espiritualista que julga ser espírita, mas não pratica os pré-requisitos de uma casa espírita séria e federada que tem por principal objetivo o estudo da doutrina para melhoramento individual e coletivo ao qual estamos inseridos na sociedade.

Por fim o pastor cita o evento do rico e Lázaro (Lc 16,19-31) que já o comentamos a contento que a

impossibilidade não é de manifestação do mundo espiritual no mundo físico, mas a transição entre as zonas umbralinas e colônias espirituais, representados por lugares de tormento e seio de Abraão nesta parábola tão incompreendida. Já acerca do julgamento das nações (Ap 20,11-15) em nada está determinado que é impossível de haver uma manifestação espiritual no plano físico, pois como já demos inúmeras referências, este é um entendimento comum no início da era cristã e nos registros que demonstramos anteriormente provam isso em seus respectivos capítulos. Como percebemos, o pastor gosta de citações fora de contexto, sem ao menos lhe compreender o real ensinamento bíblico e doutrinário. Passemos ao subtópico seguinte.

10.6. Reencarnação - Uma Questão de Justiça?

Neste subtópico o pastor tentará desabonar a lei natural da reencarnação (Jo 3,12) como um mecanismo de justiça divina aplicada aos seres humanos, como meio de cumprimento da lei de causa e efeito, onde ele tenta, de forma hercúlea, testificar que a reencarnação não é justa e nem mesmo existe a aplicação da lei do retorno. É o que vamos examinar e argumentar que somente através da reencarnação é que é possível haver justiça e, por conseguinte, explicar diversos casos de injustiça aparente. Vejamos as considerações iniciais do pastor.

Os Kardecistas e outros reencarnacionistas geralmente argumentam que por ser Deus imparcial, a reencarnação explica e justifica diversas situações que, doutro modo,

seriam inexplicáveis ou provariam que Deus é parcial, pelas seguintes razões (falo com minhas palavras):

1ª) “Se um neném nasce sadio, e outro mongoloide, das duas uma: Ou Deus faz acepção de pessoas, ou esses dois nenéns tiveram uma existência anterior, na qual um fez o bem e o outro fez o mal, sendo agora um recompensado, e o outro castigado”;

Este exemplo do pastor só corrobora o que temos observado à sociedade nos dias atuais, pois bem o sabemos que as limitações físicas estão condicionadas a dois mecanismos, ou por prova, ou por expiação que o espírito está ingressando na vida material vai atravessar. Dessa maneira, Jesus até nos deu o tema sobre as aflições em uma de suas bem-aventuranças, ao qual nos valemos de citar o capítulo V da obra ***O Evangelho Segundo o Espiritismo***, onde Kardec nos instrui. Vejamos:

CAPÍTULO V

Bem-aventurados os aflitos

1. Bem-aventurados os que choram, pois que serão consolados. Bem-aventurados os famintos e os sequiosos de justiça, pois que serão saciados. Bem-aventurados os que sofrem perseguição pela justiça, pois que é deles o Reino dos Céus. (Mateus, 5:4, 6 e 10.)

2. Bem-aventurados vós, que sois pobres, porque vosso é o Reino dos Céus. Bem-aventurados vós, que agora tendes fome, porque sereis saciados. Ditosos sois, vós que agora chorais, porque rireis. (Lucas, 6:20 e 21.)

Mas ai de vós, ricos! que tendes no mundo a vossa consolação. Ai de vós que estais saciados, porque tereis fome. Ai de vós que agora rides, porque sereis constrangidos a gemer e a chorar. (Lucas, 6:24 e 25.)

Justiça das aflições

3. Somente na vida futura podem efetivar-se as compensações que Jesus promete aos aflitos da Terra. Sem a certeza do futuro, estas máximas seriam um contrassenso; mais ainda: seriam um engodo. Mesmo com essa certeza, dificilmente se compreende a conveniência de sofrer para ser feliz. É, dizem, para se ter maior mérito. Mas, então, pergunta-se: por que sofrem uns mais do que outros? Por que nascem uns na miséria e outros na opulência, sem coisa alguma haverem feito que justifique essas posições? Por que uns nada conseguem, ao passo que a outros tudo parece sorrir? Todavia, o que ainda menos se compreende é que os bens e os males sejam tão desigualmente repartidos entre o vício e a virtude; e que os homens virtuosos sofram, ao lado dos maus que prosperam. A fé no futuro pode consolar e infundir paciência, mas não explica essas anomalias, que parecem desmentir a Justiça de Deus. Entretanto, desde que admita a existência de Deus, ninguém o pode conceber sem o infinito das perfeições. Ele necessariamente tem todo o poder, toda a justiça, toda a bondade, sem o que não seria Deus. Se é soberanamente bom e justo, não pode agir caprichosamente, nem com parcialidade. *Logo, as vicissitudes da vida derivam de uma causa e, pois que Deus é justo, justa há de ser essa causa.* Isso o de que cada um deve bem compenetrar-se. Por meio dos ensinamentos de Jesus, Deus pôs os homens na direção dessa causa, e hoje, julgando-os suficientemente maduros para compreendê-la, lhes revela completamente a aludida causa, por meio do *Espiritismo*, isto é, pela *palavra dos Espíritos*. (KARDEC. A. 2019d, p. 79-80)

Como podemos observar a reflexão do codificador, constatamos que são inúmeros os questionamentos, acerca da justiça divina, ante as vicissitudes da vida ao qual estamos todos nós sujeitos a elas, diante de nossos atos progressos no trato do cumprimento desta mesma lei divina do amor e quando nos afastamos dela, somos corrigidos pela lei de causa e efeito, com a finalidade de voltarmos ao caminho reto. Este é

o objetivo da lei divina da reencarnação, expiar erros, provar atitudes e outorgar-nos virtudes por meio do esforço. Parece-nos que o pastor não teve nenhuma menção a esta bem-aventurança e sabemos o quão dificultoso seria citá-la. Não satisfeito, prossegue o pastor. Vejamos:

2ª) “Deus, por ser justo, estaria, se não houvesse reencarnação, impossibilitado de condenar ou salvar o referido mongoloide, pois este não pode responder pelos seus atos. Como condená-lo por ele não ser um cristão? Ele tem culpa por não ter conseguido assimilar o Cristianismo devido às suas debilidades mentais? Salvá-lo seria também injusto, pois como recompensá-lo pelo bem que ele não fez? Como exigir dos sadios uma carga enorme de boas obras, para que mereçam a salvação, e do mongoloide não exigir nada? Está claro: Seria uma injustiça salvá-lo, bem como condená-lo. A doutrina da reencarnação, porém, explica e resolve esta questão assim: O mongoloide em questão é um espírito imperfeito. Através dessa deficiência ele está expurgando o seu passado e avançando rumo à perfeição, à qual chegará mais cedo ou mais tarde, inevitavelmente”;

Apresentamos três vias de fato que poderão ser a ocorrência desta limitação física, por meio da expiação, prova ou ainda uma missão, ao qual o pastor se prendeu somente à visão tacanha da expiação e que aprofundaremos. Recorreremos mais uma vez em citar o capítulo V da obra **Evangelho Segundo o Espiritismo**, onde Kardec continua a nos instruir. Vejamos:

Causas anteriores das aflições

6. Mas se há males nesta vida cuja causa primária é o homem, outros há também aos quais, pelo menos na aparência, ele é completamente estranho e que parecem

atingi-lo como por fatalidade. Tal, por exemplo, a perda de entes queridos e a dos que são o amparo da família. Tais, ainda, os acidentes que nenhuma previsão poderia impedir; os reveses da fortuna, que frustram todas as precauções aconselhadas pela prudência; os flagelos naturais, **as enfermidades de nascença, sobretudo as que tiram a tantos infelizes os meios de ganhar a vida pelo trabalho: as deformidades, a idiotia, o cretinismo etc.**

Os que nascem nessas condições, certamente nada têm feito na existência atual para merecer, sem compensação, tão triste sorte, que não podiam evitar, que são impotentes para mudar por si mesmos e que os põe à mercê da comiseração pública. Por que, pois, seres tão desgraçados, enquanto, ao lado deles, sob o mesmo teto, na mesma família, outros são favorecidos de todos os modos?

Que dizer, enfim, dessas crianças que morrem em tenra idade e da vida só conheceram sofrimentos? Problemas são esses que ainda nenhuma filosofia pôde resolver, anomalias que nenhuma religião pôde justificar e que seriam a negação da bondade, da justiça e da providência de Deus, se se verificasse a hipótese de ser criada a alma ao mesmo tempo que o corpo e de estar a sua sorte irrevogavelmente determinada após a permanência de alguns instantes na Terra. Que fizeram essas almas, que acabam de sair das mãos do Criador, para que se vissem, neste mundo, a braços com tantas misérias e para merecerem no futuro uma recompensa ou uma punição qualquer, visto que não têm podido praticar nem o bem, nem o mal?

Todavia, por virtude do axioma segundo o qual *todo efeito tem uma causa*, tais misérias são efeitos que não de ter uma causa e, desde que se admita um Deus justo, essa causa também há de ser justa. Ora, ao efeito precedendo sempre a causa, se esta não se encontra na vida atual, há de ser anterior a essa vida, isto é, há de estar numa existência precedente.

Por outro lado, não podendo Deus punir alguém pelo bem que fez, nem pelo mal que não fez, se somos punidos, é que fizemos o mal; se esse mal não o fizemos na presente vida, tê-lo-emos feito noutra. É uma alternativa a que ninguém pode fugir e em que a lógica decide de que parte se acha a

Justiça de Deus.

O homem, pois, nem sempre é punido, ou punido completamente, na sua existência atual; mas não escapa nunca às consequências de suas faltas.

A prosperidade do mau é apenas momentânea; se ele não expiar hoje, expiará amanhã, ao passo que aquele que sofre está expiando o seu passado. O infortúnio que, à primeira vista, parece imerecido tem sua razão de ser, e aquele que se encontra em sofrimento pode sempre dizer: “Perdoa-me, Senhor, porque pequei.” (KARDEC. A. 2019d, p. 82-83) (grifo nosso)

Com base nesta reflexão do codificador, somente através das vidas sucessivas é que conseguimos abranger a nossa capacidade de enxergar numa existência anterior a causa da aflição que muitos encarnados passam em sua vida presente. Dessa forma, é que entendemos e raciocinamos, que **todo efeito tem uma causa** e neste sentido, a causa da limitação física se relacionando a um ato de uma existência pretérita, é que regula a condição de retorno à lei do amor, através da expiação. Se não for por esta razão é que atribuímos a divindade a injustiça de alguns que nascerem são e outros imperfeitos, não tendo justificativa do pastor que satisfação ao questionamento profícuo que porventura virá a ter, já que ele acredita que a alma é criada juntamente com o corpo material, onde não explica a diversidade de pessoas que nascem perfeitas, e outras não, dando a divindade a acepção de pessoas, inevitavelmente. Passemos ao ponto seguinte abordado pelo pastor. Vejamos:

3ª) “Muitos se arrependem de seus pecados na última hora de

sua vida, enquanto outros levam toda uma vida de abnegação, resignação e boas obras. Ora, como dar aos que se convertem no fim da vida, o mesmo Céu a que têm direito os que possuem longas décadas de bons serviços prestados ao próximo?”.

A questão do arrependimento não desabona o tempo em que a pessoa esteve agindo em desacordo com a lei divina do amor, praticando atos para com seus semelhantes de ciúme, inveja, ódio e vingança. O tempo que estas pessoas permanecem nestes comportamentos acabam por contabilizar a intensidade da lei do retorno ao qual estarão colhendo em vida, ou ainda numa vida posterior, resgatando, através da expiação, o significado oportuno da prática da lei de amor e caridade que atenuará suas mazelas morais. Dessa forma, recorreremos mais uma vez em citar o capítulo V da obra ***Evangelho Segundo o Espiritismo***, onde Kardec continua a nos instruir. Vejamos:

7. Os sofrimentos devidos a causas anteriores à existência presente, como os que se originam de culpas atuais, são muitas vezes a consequência da falta cometida, isto é, **o homem, pela ação de uma rigorosa justiça distributiva, sofre o que fez sofrer aos outros. Se foi duro e desumano, poderá ser a seu turno tratado duramente e com desumanidade; se foi orgulhoso, poderá nascer em humilhante condição; se foi avaro, egoísta, ou se fez mau uso de suas riquezas, poderá ver-se privado do necessário; se foi mau filho, poderá sofrer pelo procedimento de seus filhos etc.**

Assim se explicam pela pluralidade das existências e pela destinação da Terra, como mundo expiatório, as anomalias que apresenta a distribuição da ventura e da desventura entre os bons e os maus neste planeta. Semelhante anomalia,

contudo, só existe na aparência, porque considerada tão só do ponto de vista da vida presente. Aquele que se elevar, pelo pensamento, de maneira a apreender toda uma série de existências, verá que a cada um é atribuída a parte que lhe compete, sem prejuízo da que lhe tocará no mundo dos Espíritos, e verá que a Justiça de Deus nunca se interrompe.

Jamais deve o homem olvidar que se acha num mundo inferior, ao qual somente as suas imperfeições o conservam preso. A cada vicissitude, cumpre-lhe lembrar-se de que, se pertencesse a um mundo mais adiantado, isso não se daria e que só de si depende não voltar a este, trabalhando por se melhorar. (KARDEC. A. 2019d, p. 83-84) (grifo nosso) (grifo nosso)

Como salientamos e destacamos a instrução de Kardec, observamos que somos infligidos em nossas próprias mazelas, a despertar em nós a mudança de atitude, e neste caso as limitações físicas combatem nossas más inclinações e nos recolocam no caminho do bem, que somente através das vidas sucessivas é que compreendemos com abrangência a lei divina do amor de Deus para com seus filhos desviados. Caso não tenhamos esta visão, cairemos no conceito proposto pelo pastor da condenação dos culpados a estarem eternamente em punição no inferno, não cabendo arrependimento, nem mesmo a reconstrução de equívocos limitados às penas eternas. Esta é a solução por ele sugerida e que a cada dia se encontra em desuso e dissemina cada vez mais o número de incrédulos, que a Doutrina Espírita os traz novamente ao rebanho do Pai. Vamos agora as propostas do pastor em refutar todo nosso conceito de justiça das aflições. Vejamos:

Refutando os argumentos acima, faço constar o que se

segue:

A) Em Jo. 9:1-3 está escrito o seguinte: “Passando Jesus, viu um homem que era cego de nascença; e seus discípulos lhe perguntaram: Mestre, que pecado fez este, ou fizeram seus pais para este nascer cego? Respondeu Jesus: Nem foi por pecado que ele fizesse, nem seus pais, mas foi para se manifestarem nele as obras de Deus”. Esta passagem bíblica prova que além do “das duas uma”, hipótese esta sugerida pelos reencarnacionistas, existe a razão que Cristo apresentou;

O pastor se utilizou de um exemplo bíblico que não é muito favorável a unicidade da vida encarnada e recorreremos ao nosso ebook que trata deste tema, a saber A **Torá e a Reencarnação**. Vejamos:

O Cego de Nascença

Diante da análise de passagens dos evangelhos e da Tanah em que foram abordados os fatos de reencarnação, ou como a essência (ruach), volta novamente em um novo corpo segundo o entendimento dos Judeus. Assim compreendemos que sem a reencarnação, não há como entendermos os fatos e parábolas que exigem um conhecimento profundo e mais amplo. Desta maneira, veremos se realmente não há nenhuma menção à reencarnação na Bíblia como muitos alegam. Estudaremos com alguns exemplos no Evangelho, para assim verificarmos que neste caso do Cego de Nascença, nos aproximamos mais da realidade dos fatos, a fim de que os leitores tirem as suas conclusões. Mediante o que temos apresentado, e assim faremos a análise do Cego de Nascença. Enfim, iniciaremos o aprofundamento no assunto

nas linhas abaixo e nossa conclusão deste episódio.

Se levarmos em consideração as únicas possibilidades existentes, em vista das Escrituras, é a de que aquelas pessoas atrelaram o sofrimento do cego à sua conduta ou à conduta de seus pais, em vista da passagem de Ex 20,5-6 já analisada em seus pormenores. Abriremos um parêntese para citar a passagem em análise:

Jo. 9,1-3: Quando ele ia passando, viu um homem que era cego de nascença. Os discípulos perguntaram: **Mestre, quem pecou, para este homem nascer cego, foi ele ou seus pais?** Jesus respondeu: Nem ele nem seus pais, mas isso aconteceu para que as obras de Deus se manifestem nele.

Os Judeus temiam que as consequências dos pecados de seus pais viessem a trazer maldições para suas vidas. Mas como um cego de nascença poderia ter pecado? Se a cegueira fosse “castigo de Deus” pelos pecados daquele homem, onde estaria seu pecado, pois era cego desde quando veio ao mundo? Para ter lógica, somente poderia ter cometido suas faltas em uma existência anterior. Fato este que os discípulos acreditavam, pois só assim justificaríamos a pergunta deles para Jesus: Quem pecou para este homem ter nascido cego, foi ele ou seus pais?

Diante do princípio inquestionável da justiça divina de que *“a cada um segundo suas obras”* (Mt 16:27), mencionada pelo Mestre Jesus, pela qual ressalta que ninguém pagará pelo erro do outro, ficando a responsabilidade dos atos

atribuída às próprias pessoas que os praticam, e no caso do cego de nascença, não há como atribuir a hereditariedade do pecado, já que ele havia nascido cego e não seguiu os passos dos pais, para como isso se justificar essa suposta tese. Já que para os Judeus a reencarnação fazia parte de suas concepções.

Entendemos que se o Cego de Nascimento era responsável por seus atos diante do Senhor (Dt 24:16). Este ato, diante da concepção dos apóstolos ao questionarem Jesus, é de que ele houvera praticado em desacordo com a providência em uma existência anterior.

A resposta de Jesus: *“Nem ele nem seus pais, mas isso aconteceu para que as obras de Deus se manifestem nele”*, poderá ser explicada da seguinte forma: diante de tanta ignorância e atraso espiritual daquele povo havia a necessidade de Jesus fazer alguns “milagres” para executar a sua missão, como o fez, no sentido de despertar as criaturas para as verdades do Pai, bem como:

Jo 9,4-5: É necessário que façamos as obras daquele que me enviou, enquanto é dia; a noite vem, quando ninguém pode trabalhar. **Enquanto estou no mundo, sou a luz do mundo.**

Assim, com Jesus encarnaram vários espíritos que vieram com a tarefa de auxiliá-lo em sua missão e este homem cego era um deles. Aqueles que Ele escolheu como apóstolos largaram tudo para segui-lo, atendendo ao seu chamado, que funcionou como lembrete do compromisso que assumiram, quando estavam

no plano espiritual.

O fato de Cristo não ter negado a reencarnação é lógico, uma vez que entre os discípulos havia a intuição sobre este assunto (Ex 20,5-6), assim como estamos vendo nesta análise. Por que Jesus não negou a reencarnação neste momento? A resposta é lógica mesmo, já que eles acreditavam que a essência (ruach), voltava novamente, mesmo com uma noção inata e de uma forma ainda não muito clara para eles naquele momento. Destarte, se fosse um erro os Judeus acreditarem na reencarnação, certamente Jesus os repreenderia; mas Jesus não os repreendeu, antes os esclareceu, derrubando, assim, a tese da unicidade da vida terrena, que muitos pregam erroneamente, porque não encontram subsídios nem mesmo na Bíblia para contrariar a crença dos Judeus na reencarnação e as análises que já fizemos.

É lógico admitir que os discípulos considerassem as vidas anteriores, como sofrimento do cego e dá ao texto aquilo que ele afirma categoricamente. É justamente o que o texto diz: *'Os discípulos perguntaram: Mestre, quem pecou, para este homem nascer cego, foi ele ou seus pais?'* Diante deste questionamento dos Apóstolos, foram sugeridas pelos discípulos duas hipóteses para explicar a cegueira daquele que foi curado: a de que o próprio cego tivesse pecado.

Ou seja, se os apóstolos sugeriram que foi o cego que houvera pecado segundo o entendimento da época, eles acreditavam em reencarnação, pois não poderia o Cego de Nascimento ter pecado sem ter sido numa encarnação anterior. Outra sugestão é a de que seus pais o tivessem feito,

mas seus pais eram conhecidos e pelos relatos, estes não eram cegos e nem muito menos pagavam pelos próprios erros, já que estes ainda eram vivos, pelo entendimento dos antirrencarnacionistas não pagaria “até a terceira e quarta geração”? Ademais, por que o cego viria a pagar pelos erros que seus pais haviam cometido, sem ao menos ter a oportunidade de praticá-los, já que houvera nascido cego? O que fica claro é o pensamento de Kardec. Vejamos:

CAPÍTULO XV

Chamaram segunda vez o homem que estivera cego e lhe disseram: Glorifica a Deus; sabemos que esse homem é um pecador. Ele lhes respondeu: Se é um pecador, não sei, tudo o que sei é que estava cego e agora vejo. - Tornaram a perguntar-lhe: Que te fez ele e como te abriu os olhos? - Respondeu o homem: Já vo-lo disse e bem o ouvistes; por que quereis ouvi-lo segunda vez? Será que queirais tornar-vos seus discípulos? - Ao que eles o carregaram de injúrias e lhe disseram: Sê tu seu discípulo; quanto a nós, somos discípulos de Moisés. - Sabemos que Deus falou a Moisés, ao passo que este não sabemos donde saiu.

O homem lhes respondeu: É de espantar que não saibais donde ele é e que ele me tenha aberto os olhos. - Ora, sabemos que Deus não exalça os pecadores; mas, àquele que o honre e faça a sua vontade, a esse Deus exalça. - Desde que o mundo existe,

jamais se ouviu dizer que alguém tenha aberto os olhos a um cego de nascença. - Se esse homem não fosse um enviado de Deus, nada poderia fazer de tudo o que tem feito.

Disseram-lhe os fariseus: Tu és todo pecado, desde o ventre de tua mãe, e queres ensinar-nos a nós? E o expulsaram. (S. João, cap. IX, vv. 1 a 34.)

25. - Esta narrativa, tão simples e singela, traz em si evidente o cunho da veracidade. Nada aí há de fantasista, nem de maravilhoso. É uma cena da vida real apanhada em flagrante. A linguagem do cego é exatamente a desses homens simples, nos quais o bom-senso supre a falta de saber e que retrucam com bonomia aos argumentos de seus adversários, expendendo razões a que não faltam justeza, nem oportunidade. O tom dos fariseus, por outro lado, é o dos orgulhosos que nada admitem acima de suas inteligências e que se enchem de indignação à só ideia de que um homem do povo lhes possa fazer observações. Afora a cor local dos nomes, dir-se-ia ser do nosso tempo o fato.

Ser expulso da sinagoga equivalia a ser posto fora da Igreja. Era uma espécie de excomunhão. Os espíritas, cuja doutrina é a do Cristo de acordo com o progresso das luzes atuais, são tratados como os judeus que

reconheciam em Jesus o Messias. Excomungando-os, a Igreja os põe fora de seu seio, como fizeram os escribas e os fariseus com os seguidores do Cristo. Assim, aí está um homem que é expulso porque não pode admitir seja um possesso do demônio aquele que o curara e porque rende graças a Deus pela sua cura!

Não é o que fazem com os espíritas? Obter dos Espíritos salutares conselhos, a reconciliação com Deus e com o bem, curas, tudo isso é obra do diabo e sobre os que isso conseguem lança-se anátema. Não se têm visto padres declararem, do alto do púlpito, que é melhor uma pessoa conservar-se incrédula do que recobrar a fé por meio do Espiritismo? Não há os que dizem a doentes que estes não deviam ter procurado curar-se com os espíritas que possuem esse dom, porque esse dom é satânico? Não há os que pregam que os necessitados não devem aceitar o pão que os espíritas distribuem, por ser do diabo esse pão? Que outra coisa diziam ou faziam os padres judeus e os fariseus? Aliás, fomos avisados de que tudo hoje tem que se passar como ao tempo do Cristo.

A pergunta dos discípulos: Foi algum pecado deste homem que deu causa a que ele nascesse cego? Revela que eles tinham a intuição de uma existência anterior, pois, do contrário, ela careceria de sentido, visto que um

pecado somente pode ser causa de uma enfermidade de nascença, se cometido antes do nascimento, portanto, numa existência anterior. Se Jesus considerasse falsa semelhante ideia, ter-lhes-ia dito: “Como houvera este homem podido pecar antes de ter nascido?” **Em vez disso, porém, diz que aquele homem estava cego, não por ter pecado, mas para que nele se patenteasse o poder de Deus, isto é, para que servisse de instrumento a uma manifestação do poder de Deus. Se não era uma expiação do passado, era uma provação apropriada ao progresso daquele Espírito, porquanto Deus, que é justo, não lhe imporá um sofrimento sem utilidade.**

Quanto ao meio empregado para a sua cura, evidentemente aquela espécie de lama feita de saliva e terra nenhuma virtude podia encerrar, a não ser pela ação do fluido curativo de que fora impregnada. É assim que as mais insignificantes substâncias, como a água, por exemplo, podem adquirir qualidades poderosas e efetivas, sob a ação do fluido espiritual ou magnético, ao qual elas servem de veículo, ou, se quiserem, de reservatório. (KARDEC, A. p. 324-326, grifo nosso)

Assim, é uma constatação de Kardec, com pleno amparo nas Escrituras. Jesus entendia a mentalidade da época, de que os judeus ligavam o sofrimento de uma pessoa aos da própria

pessoa em vida ou dos atos de seus ascendentes, sendo esta, uma consequência que foi negada por Ezequiel (Ez 18,20), ou seja, todos pagam pelos seus próprios pecados.

Contudo, há a inferência ao questionamento dos discípulos com relação à expiação dos pecados também pelo cego. Com isso, leva-nos a crer que a possibilidade de um cego de nascença vir a pecar é inteiramente lógica ao que reza o texto:

Jo 9,2: Os discípulos perguntaram:
Mestre, quem pecou, para este homem nascer cego, foi ele ou seus pais?

Diante esta passagem do Cego de Nascença, é certo de que seus pais não confessaram que fora Jesus que houve curado o próprio filho, com medo de serem expulsos da sinagoga (Jo 9:22). Antes fica evidenciada a intrepidez do Cego de Nascença que pela sua prova enfrenta os Sacerdotes do Templo, bem como podemos ver:

Jo 9,27: Ele lhes respondeu: Já vô-lo disse, e não atendestes; por que quereis ouvir outra vez? Porventura, quereis vós também tornar-vos seus discípulos?

Sendo ele até mesmo expulso da Sinagoga. A análise deste exemplo do Cego de Nascença, com a ênfase dos Apóstolos, acerca da crença na reencarnação, bem como de que os Judeus também acreditavam. O que nos leva a crer que nesta passagem, o Cego de Nascença veio a contrair a sua deficiência por prova e não por expiação, como alegavam os discípulos. Este era o equívoco que Jesus os esclareceu. (FERRARI. T. T. 2021, p. 138-147)

Fim da citação

Como bem fundamentamos nossa tese, acerca da justiça da reencarnação, a citação do pastor sobre o cego de nascença acaba por conceituar a reencarnação como entendimento dos judeus no período intertestamentário e que parece ser desconhecido pelo pastor este fundamento, ao qual os judeus acreditavam que na época de Jesus, que as limitações físicas estavam atreladas a lei de causa e efeito de vidas pregressas, ou por uma má interpretação, estes pecados serem passados pelos pais aos seus filhos (Ex 20,5-6) e que sugerimos o nosso e-book *A Torá e a Reencarnação* como maior aprofundamento deste tema. Passemos ao ponto seguinte abordado pelo pastor. Vejamos:

B) Quanto à alegação de que é injusto salvar ou condenar os dementes, respondo que este argumento é um contrassenso, porquanto estas duas coisas não podem existir ao mesmo tempo, pois sempre que é justo condenar a uma pessoa, é injusto absolvê-la; e sempre que é injusto absolvê-la, é justo condená-la. Logo, a salvação ou a condenação de qualquer débil mental pode ser um problema para o homem, não para Deus, que sabe o que é justo, e o que não o é;

Dentro do senso de justiça do pastor, é lícito condenar, ou não, uma pessoa que possui uma deficiência física. Dessa maneira, ele descarta toda a nossa fundamentação e cria seu próprio juízo de valor para absolver, ou condenar uma pessoa com limitação. Vamos hipoteticamente colocar uma pessoa com limitação psicológica condenada pelo criador, pois segundo o pastor, isso é possível. Chegando esta pessoa que

possui restrições no plano espiritual, tiveram pais que o amou incondicionalmente, mas por alguma razão Deus o condenou ao inferno. Diante da divindade, estes pais que amaram aquele rebento, questionam este mesmo Deus que condenou seu filho que seria algo injusto, mas Deus assevera que diante do seu juízo, ele estaria condenado.

Dentro deste axioma, os pais daquele filho foram mais amorosos que o próprio Deus, onde assim, diante deste raciocínio, o pastor coloca o amor de Deus inferior ao amor dos pais deste filho limitado fisicamente. Olhando por este prisma, fica pulverizado o argumento do pastor e mais uma vez enaltecida a lei natural da reencarnação que deu a um ser com limitações físicas, a capacidade de conhecer o amor que desprezara na vida anterior, através da exemplificação de seus pais terrenos, elevando assim, o amor divino ao patamar superior que o Espiritismo o coloca, onde nos faz entender o objetivo da expiação e do conceito das vidas sucessivas. Dessa forma, mais uma incoerência do pastor fica evidenciada! Passemos ao ponto seguinte abordado por ele. Vejamos:

C) Certamente, dependendo do grau de deficiência, os dementes não serão condenados, mas não me atazano com isso, pois a causa está nas mãos dAquele que sabe o que faz: Jesus. Não nos preocupemos com isso, pois essa tarefa não nos será confiada no Dia do Juízo Final; fiquem calmos, ó kardecistas, pois já está tudo sob controle: Jesus será o Juiz;

Mais uma divagação vazia do pastor que fala muito e diz muito pouco. Diante do exemplo que demos acima, de deficientes que serão condenados na visão do pastor, este seu

novo desprezo à reencarnação coloca seu juízo de valor bem abaixo do que ele deveria ser ao se tratar do julgamento de uma pessoa que requer o maior cuidado possível, despertando o amor que antes negligenciara em vidas passadas. Este conceito pode ser ignorado pelo pastor, mas nós o fizemos evidente para que os leitores possam ver onde se encontra a justiça, e onde está enraizada a incoerência, que para condenar a reencarnação, é capaz de tudo, inclusive condenar que não pode ter completa ciência de seus atos, devido às limitações que a própria natureza lhe impôs. Dessa forma, recorreremos mais uma vez em citar o capítulo V da obra ***Evangelho Segundo o Espiritismo***, onde Kardec continua a nos instruir. Vejamos:

8. As tribulações podem ser impostas a Espíritos endurecidos, ou extremamente ignorantes, para levá-los a fazer uma escolha com conhecimento de causa. Os Espíritos *penitentes*, porém, desejosos de reparar o mal que hajam feito e de proceder melhor, esses as escolhem livremente. Tal o caso de um que, havendo desempenhado mal sua tarefa, pede lha deixem recomeçar, para não perder o fruto de seu trabalho. As tribulações, portanto, são, ao mesmo tempo, expiações do passado, que recebe nelas o merecido castigo, e provas com relação ao futuro, que elas preparam. Rendamos graças a Deus, que, em sua bondade, faculta ao homem reparar seus erros e não o condena irrevogavelmente por uma primeira falta. (KARDEC. A. 2019d, p. 84)

Está ficando cada vez mais complexo ao pastor defender a unicidade da vida, pois não está oferecendo um embasamento de sua tese que a reencarnação é injusta aos seus olhos, mas ele não para por aí, vai além. Vejamos:

D) Deus não precisa submeter os dementes a um processo de reencarnação para salvá-los, pois dispõe de um recurso melhor, a saber, o sangue de Jesus. Se um demente teve razões justas para não se converter à fé cristã, Cristo tomará a dianteira e o defenderá, usando como argumento em seu favor, o Seu sacrifício expiatório, efetuado em prol de toda a humanidade, inclusive dos débeis mentais (2 Co 5:14,15);

Agora o pastor já vai mudando de opinião quanto a absolvição dos que possuem uma limitação psicológica e neste caso ele até pinça o texto de (2Co 5,14-15) como se corroborasse a tese de que os deficientes estão salvos. Já desenvolvemos a questão da salvação e das obras. Colocamos que cada um será julgado pelas suas obras e diante disso, não há brecha que seremos julgados segundo a nossa fé. Voltando a questão citada pelo pastor, o contexto de Paulo é diverso, e trata em seu contexto, **do exercício do ministério apostólico** (2Co 5,11-21). O verso áureo “**Se alguém está em Cristo, é nova criatura.** (v..17)” acaba por dinamitar o conceito trazido pelo pastor, pois como poderá uma pessoa que é limitada psicologicamente ser nova criatura, se não possui juízo de valor ante suas ações? Cremos que o pastor não examinou o contexto e acabou lançando mão de uma argumentação que demoveu suas convicções e pulverizou seus argumentos, sem que fizéssemos muito esforço exegético. Mas o pastor não para por aí, e continua com sua ortodoxia. Vejamos:

E) Realmente, o fato de uma pessoa nascer com deficiências físicas, não constitui prova cabal de que ela está sofrendo as consequências dos supostos males praticados na encarnação

anterior, pois há outras razões para isso. O autor destas linhas já viu bois, cavalos, cabritos etc., aleijados de nascença.

Será que estes também estão expiando os pecados praticados nas encarnações anteriores? Lembremo-nos que a natureza está amaldiçoada (Gn 3:17; Rm 8:19-23); e agora, só nos resta aguentarmos o rojão até que a redenção do nosso corpo, bem como a de todo o Universo, se concretize (Rm 8:23). Esta redenção é possível, mediante o sangue de Jesus (Ef 1:7).

Argumentamos acima do fato do cego de nascença e corroboramos nossa tese de que os judeus acreditavam da punição das iniquidades dos pais sobre os filhos, sobre terceiras e quartas gerações, como ato equitativo à justiça divina exarada no decálogo (Ex 20,5-6). Basta os leitores e o pastor recorrerem ao nosso ebook *A Torá e a Reencarnação* que testificarão este nosso conceito, perceber traduções tendenciosas e concluir que a reencarnação é um dogma judeu, de acordo com a própria literatura judaica. Neste interim, o pastor lança mão novamente de textos pinçados, tal qual a natureza amaldiçoada (Gn 3,17; Rm 8,19-23). Diante do contexto de (Gn 3,1-24) trata de forma simbólica **o relato do paraíso** que recorreremos novamente ao codificador para nos abrilhantar este conceito na obra **A Gênese**, capítulo XII, sobre o tema, *Gênese mosaica - A perda do paraíso*. Vejamos:

23. Entretanto, o que constitui para a Teologia um beco sem saída, o Espiritismo o explica sem dificuldade e de maneira racional, pela anterioridade da alma e pela pluralidade das existências, lei sem a qual tudo é mistério e anomalia na vida do homem. Com efeito, admitamos que Adão e Eva já tivessem vivido e tudo logo se justifica: Deus não lhes fala

como as crianças, mas como a seres em estado de o compreenderem e que o compreendem, prova evidente de que ambos trazem aquisições anteriormente realizadas. Admitamos, ademais, que hajam vivido em um mundo mais adiantado e menos material do que o nosso, onde o trabalho do Espírito substituía o do corpo; que, por se haverem rebelado contra a Lei de Deus, figurada na desobediência, tenham sido afastados de lá e exilados, por punição, para a Terra, onde o homem, pela natureza do globo, é constrangido a um trabalho corporal e reconheceremos que a Deus assistia razão para lhes dizer: “No mundo onde, daqui em diante, ides viver, cultivareis a terra e dela tirareis o alimento, com o suor da vossa frente”; e, à mulher: “Parirás com dor”, porque tal é a condição desse mundo. (Cap. XI, item 31 e seguintes.)

O paraíso terrestre, cujos vestígios têm sido inutilmente procurados na Terra, era, por conseguinte, a figura do mundo ditoso, onde vivera Adão, ou, antes, a raça dos Espíritos que ele personifica. **A expulsão do paraíso marca o momento em que esses Espíritos vieram encarnar entre os habitantes do mundo terráqueo e a mudança de situação foi a consequência da expulsão.** O anjo que, empunhando uma espada flamejante, veda a entrada do paraíso simboliza a impossibilidade em que se acham os Espíritos dos mundos inferiores, de penetrar nos mundos superiores, antes que o mereçam pela sua depuração. (Veja-se, adiante, o cap. XIV, itens 8 e seguintes.) (KARDEC. A. 2019a, p.225-226) (grifo nosso)

A interpretação dada por Kardec acerca da perda do paraíso é deveras longa e não temos espaço suficiente para reproduzi-la, cabendo-nos apenas um trecho que vai direto ao ponto abordado pelo pastor e que destacamos. Outra referência do pastor está no texto de (Rm 8,19-23) que em seu contexto (Rm 8,18-27) trata do tema **destinados a glória** que Paulo relata a revelação espiritual que ainda desconhecem. Ainda sobre as pinçadas do pastor de textos isolados, percebemos que ele volta novamente ao tema

transubstanciação que já tratamos anteriormente, quando cita (Ef 1,7), dentro do contexto (Ef 1,3-14) que trata do tema **o plano divino da salvação e da Igreja**, onde tratamos à saciedade sobre a teologia do sangue de Cristo que em nada desabona a crença no período intertestamentário na reencarnação. Passemos adiante na argumentação seguinte do pastor. Vejamos:

Muitos dos que hoje seriam paralíticos, são pessoas normais, graças à vacina poliomielite que erradicou a paralisia infantil do Brasil e em outros países. Logo, se a vida presente fosse o carma da anterior, poderíamos dizer que os cientistas foram mais fortes do que Deus, visto que os que Ele pretendia submeter às deficiências físicas para expiarem seus pecados, se livraram de tais punições com a ajuda da Ciência. Será que o homem pode mais do que Deus?

O progresso da ciência é capaz de trazer menos sofrimento ao ser humano e certamente Deus habilitou o intelecto da humanidade justamente para lhe facultar a possibilidade de diminuir suas dores. Concomitante a este progresso inevitável da humanidade, percebemos que o Criador sempre terá meios pedagógicos de ensinar almas renitentes no erro, mesmo que seja por outros meios. Vimos, entretanto, que não era necessário a ciência progredir nos tempos de Jesus e prover a cura, o próprio Mestre o fazia gratuitamente quando visse que o tempo de expiação do homem paralítico chegara ao fim. Dessa forma, citaremos outro exemplo em nosso ebook **[A Torá e a Reencarnação](#)** que trata da expiação de faltas em vidas anteriores. Vejamos o exemplo do homem coxo.

O Homem coxo

Diante do que demonstramos anteriormente. Adentraremos na análise do Homem Coxo que denota uma expiação, diferentemente do cego de nascença que era por motivo de prova. Segue a narrativa de que:

Jo 5,5: Estava ali um homem enfermo havia uns 38 anos.

Não sabemos se o homem havia nascido coxo, ou adquirido a paralisia de suas pernas na infância, para determinar se este estaria numa expiação, ou numa prova pela sua própria escolha antes de reencarnar, o mais provável é a segunda hipótese. Veremos que quando Jesus curou este homem, assim se sucedeu que:

Jo 5,14: Depois Jesus encontrou-o no templo, e disse-lhe: **Eis que já estás são; não peques mais, para que não te suceda alguma coisa pior.**

Se o homem adquiriu a sua enfermidade, esta poderia ser certamente o fruto de suas atitudes em desacordo com a providência divina numa encarnação anterior, conforme a advertência de Jesus para que não peques mais, a fim de que não te suceda alguma coisa pior, uma vez que, quando da sua infância, não teve nenhuma possibilidade de fazer algo contras à justiça divina. Uma coisa é certa, a enfermidade do Cego de Nascimento foi por prova, enquanto por este relato do Homem Coxo, certamente foi por expiação de um ato praticado numa encarnação anterior, podendo ocorrer algo ainda mais grave numa encarnação posterior, conforme o alertara Jesus dizendo que não pecasse mais '*para que lhe sucedessem coisa pior*'.

Se Jesus advertiu o paralítico para que não pecasse mais, é porque ele estava ali purgando seus pecados anteriores. Caso voltasse a pecar teria que voltar, e em situação pior. O espírito pode reencarnar várias vezes, depende do que ele fez em cada encarnação de bom ou ruim gozará ou sofrerá as consequências de suas próprias ações. O maior exemplo disso está na citação de Jesus:

Mt 5,26: Em verdade te digo que de maneira nenhuma sairás dali enquanto não pagares o último ceutil.

Esta passagem se encontra também em Lc 12,59. Enquanto continuar pecando continuaré voltando para resgatar as faltas e com isso progredir. Para os que não acreditam na visão da Cabala, o Tanah apresenta várias referências sobre a Reencarnação, como, por exemplo, no Gênesis, numa tradução fiel ao hebraico no capítulo 15,15-16 que já apresentamos.

É importante ressaltar aos estimados leitores que a doutrina da reencarnação, também conhecida como *transmigração das almas* ou *Gilgul Neshamot*, é uma parte integrante e bastante bem documentada do Judaísmo. A doutrina é amplamente explicada no Zohar e posteriormente pelo rabino Isaac Luria no livro Shaar Ha'Gilgulim (*Os Portais das Reencarnações*), escrito em meados do século XVI.

Com base nos exemplos citados, achamos interessante compartilhar com o tema expiação e provas dentro da visão dos rabinos judeus conforme o que encontramos no Talmud Babilônico. Vejamos:

Haolam habá? Dichtiv “Ki ner mitsvá veTorá or vederech chaim tochechot mussar”. [E o Mundo Vindouro? Com que base afirmamos que, através de sofrimentos, é dado ao povo de Yisrael? Pois está escrito: “Porque o mandamento é uma vela, e a Torá uma luz; e as repreensões da disciplina são o caminho da vida” (Mishlei 6:23). Ou seja, as representações deste mundo são o caminho da vida eterna, no Mundo Vindouro.]

Tanei Taná camei deRabi Yochanan: Cól haossec baTorá uvigumilut chassadim [Ensinou esta beraitá um *Taná*, cujo nome não é lembrado diante de Rabi Yochanan: Todo aquele que se ocupa do estudo da *Torá* e de atos de *guemilut chassadim* (generosidade e caridade).]

Vecover et banav - mochalim ló al cól avonotav. [e enterra seus filhos, quer dizer, em vida os vê partir - tem todos os seus pecados perdoados]
Amar lei Rabi Yochanan: bishlama Torá uguemilut chassadim, dichtiv “bechessed veemet yechupar avon”; ‘chessed’ zó guemilut chassadim sheneemar: “rodef tshedacá vachessed imtsá chayim tshedacá vechavod”. ‘emet’ zó **Torá, sheneemar “Emet kené veal timcór”.** [Disse-lhe Rabi Yochanan: Digamos que *Torá* e atos de *guemilut chassadim* sirvam para perdoar os

pecados do homem, pois isto podemos concluir a partir do que está escrito: “Pela caridade (*chessed*) e pela verdade (*emet*) expia-se a iniquidade” (Mishlei 16:6). ‘*Chessed*’ se refere a *guemilut chassadim* (atos de bondade e caridade), pois está dito²⁸: “Aquele que persegue a caridade e a bondade (*chessed*) achará vida, a justiça e a honra” (Mishlei 21:21). E ‘*emet*’ (verdade) se refere a Torá, pois está dito: “Compre a verdade, e não a vendas” (Mishlei 23:23).] ***Ela cover et banav, mináin? Taná lei hahu sava mishnum Rabi Shimon ben Yochai: Atia ‘avon’ ketiv hacha: “bechessed’ veemet yechupar avon” uchtiv hatam: “umeshalem avon avot al cheic beneihem”.*** [Mas, que aquele que enterra seus filhos tem seus pecados perdoados, de onde aprendemos? Ensinou-lhe (a Rabi Yochanan) o *Taná*, um idoso, cujo nome não é lembrado, em nome de Rabi Shimon ben Yochai: este aprendizado vem de uma guezera shavá (que aprendemos de comparação de palavras iguais) ‘iniquidade’ e ‘iniquidade’, pois está escrito aqui: “ Pela caridade (*chessed*) e pela verdade (*emet*) expia-se a iniquidade (*avon*)” (Mishlei 16:6), e lá, em outro lugar, está escrito: “E paga a iniquidade dos pais ao seio dos filhos” (Yirmiyahu 32:18). Pois o versículo utilizado por Rabi Yochanan para demonstrar que *Torá* e *Guemilut*

Chassadim perdoaram os pecados do homem nos remete, através do termo 'iniquidade' (*avon*), a este outro versículo que faz referência aos pecados dos pais serem pagos pelos filhos.]

Amar Rabi Yochanan: neg'im uvanim einan yissurin shel ohavá.

[Disse Rabi Yochanan: manchas de lepra (*Nega'im*) e filhos (enterrados pelos pais) não são sofrimentos que resultam do amor Divino.] ***unegaím***

ló? Vehatania: cól mi sheiesh bó echad mearbá marot negaim halabu - einan ela mizbach capará!

[A *Guemará* questiona: A lepra não é enviada por amor? Mas nos é ensinado em uma *beraitá*: todo aquele que é marcado por um desses quatro tipos de mancha leprosa (que aprendemos a partir do que está descrito em Levítico 13) - não é senão um altar de expiação!] Mizbach capará havu, issurin shel ahavá lá havu. [Para resolver essa contradição, podemos dizer que as manchas de lepra são um altar de expiação, pois perdoam os pecados do homem, mas não são sofrimentos enviados por amor.] ***Vei baeit eima: Há lan veba lehu.*** [E se quiser, podemos dizer: este ('altar de expiação) vale para nós, na Babilônia e este ('sofrimentos de amor') vale para eles, na Terra de Yisrael. Pois, fora da Terra de Yisrael, as pessoas não se preocupam com as leis de pureza e impureza. Portanto, aquele que é

afligido pela lepra na Babilônia segue vivendo entre os seus, mas, em Ysrael, o leproso é obrigado a isolar-se, o que faz com que sua agonia desperte o amor de Deus.] **Vei baeit eima: há betsiná, há befarhessia.** [E se quiser, podemos também dizer: este ('altar de expiação') vale para pessoas afligidas por manchas em lugares escondidos do corpo, que ficam cobertos pela roupa, e este ('sofrimentos de amor') vale para pessoas que recebem manchas em lugares expostos, onde todos podem ver, aumentando sua amargura e fazendo com que seu sofrimento desperte o amor Divino.] **Uvanin lo? Heich damê? Ileima dehavu lehu umetu - vena amar Rabi Yochanan: dein garmá dassiraá bir.** [A *Guemará* segue questionando as palavras de Rabi Yochanan: E os filhos (quando são enterrados por seus pais) não são um sofrimento de amor? Como assim? Se dissermos que se trata de alguém que tinha filhos e faleceram - o próprio Rabi Yochanan nos traz uma evidência de que este é um sofrimento de amor! Pois Rabi Yochanan costumava levar consigo um pedaço de osso²⁹ e dizia: este osso é um osso de meu décimo filho. Rabi Yochanan tinha 10 filhos que morreram ainda durante sua vida. O Rash-bam (sobre Bava-Batra 116^a) explica que Rabi Yochanan, quando ia consolar algum enlutado, mostrava-lhe este osso e, ao ver o

sofrimento que Rabi Yochanan superou, o enlutado se sentia mais confortado. Se Rabi Yochanan, que é um homem tão grande e elevado, recebeu este sofrimento, devemos concluir que é um sofrimento resultado de amor divino (Rashi).] ***Ela, há delo havu lei kelal, vaha dehavu lei umetu.*** [Então porque Rabi Yochanan disse que a perda de um filho não um sofrimento proveniente do amor Divino? Mas, somos obrigados a concluir que este (que não é sofrimento resultado de amor) se refere à dor de quem é desprovido de filhos, e este (que é um sofrimento derivado de amor) se refere à aflição daquele que teve um filho e o perdeu.]

28 - É interessante notar que, em princípio, não precisamos do segundo versículo (Mishlei 21:21) para provar que '*chessed*' se refere a *Guemilut Chassadim*, pois esta conexão parece óbvia e implícita. Porque então a *Guemará* precisou mencionar este segundo trecho? O Rabino Ioshyahu Pinto, conhecido como Ríaf (Síria 1565-1648), entende que a *Guemará* aqui se refere a atos de bondade que o homem pratica e não à caridade (*tsedacá*) realizada com dinheiro. Pois o texto da *Guemará* se refere àquele que se ocupa (*ossec*) de '*Guemilut chassadim*', se o texto aludisse à caridade, utilizaria o termo "faz *Guemilut Chassadim*" e não "se ocupa de". Portanto, o segundo versículo, que menciona explicitamente '*tsedacá*' e '*chessed*', vem provar que são duas virtudes diferentes, e '*chessed*' na

Guemará se refere à *Guemilut Chassadim* e não a *tsedacá*. O *Éts Yossef* entende o contrário. Em sua opinião, a palavra '*chessed*' é precedida pelo termo '*tsedacá*' (caridade) indicando uma relação entre as duas virtudes e, portanto, quando a *Guemará* menciona *Guemilut Chassadim* se refere, principalmente, à caridade que um homem faz com seu dinheiro.

29 - É curioso que Rabi Yochanan leve consigo um osso, pois partes de um cadáver são uma fonte de impureza. Portanto, o Rivotá explica que não se trata de um osso, mas de um dente. Rashi explica que o osso que ele carregava era muito pequeno e, portanto, não pode ser considerado como fonte de *tumá* (impureza) (TALMUD BAVLI - BERACHOT, Capítulo 1-3, p. 34-37, grifo no original)

O que depreendemos com o relato do homem coxo em paralelo ao que foi exposto no Talmud Babilônico é que as doenças, tal como a paralisia e a lepra, são formas de expiação que visam à purificação do ser que sofre tais enfermidades, e ainda tem os seus pecados perdoados. Se estas consequências provêm de expiações, certamente que são de vidas pretéritas.

Este pensamento nos leva à velha história de que muitos estão pregando um Deus que castiga, e infinitamente; mas Este nos dá segundo as nossas obras; com isso, "a cada um segundo as suas obras" e se plantarmos ventos, colheremos tempestades, se plantarmos amor, colheremos misericórdia.

Vale ressaltar que não pagamos, apenas colhemos o que plantamos; se, destruimos,

teremos que construir, se amamos, seremos amados e esta é a reta justiça de Deus: **Reencarnação**, nova oportunidade de trabalhar e reconstruir, já que:

Dt 24,16: Não se fará morrer os pais pelo testemunho dos filhos, nem os filhos pelo testemunho dos pais. Cada homem morrerá pelo seu pecado. (TANAH, p. 204)

Cabe ainda lembrar que as passagens amplamente discutidas na Torá, no Tanah e nos Evangelhos confirmam que um ser infinito não pode atingir a prática de um erro infinitamente, sendo este um golpe de morte à ideia das penas eternas. (FERRARI. T. T. 2021, p. 148-156)

Fim da citação

Como podemos observar, este exemplo do homem coxo, ao qual Jesus curou, está em consonância com a Torá e a tradição oral descrita no *Talmud Babilônico, tratado de Berachot* ao qual parece-nos que o pastor desconhece e ignora seu conceito. Passemos aos argumentos finais do pastor deste item.

O recurso da Medicina chamado teste do pezinho permite que se detecte precocemente certa anomalia congênita e, por conseguinte, pessoas que seriam débeis mentais estão estudando, trabalhando, etc. Estaria a Ciência contra Deus, bem como contra nós, impedindo-nos de nos quitarmos logo para com a justiça Divina e alcançarmos sem delonga, os mundos melhores dos quais falou Kardec? Logo, o slogan dos Kardecistas, constantes dos adesivos que frequentemente afixam nos seus carros, segundo o qual "O acaso não existe: leia Kardec", embora não esteja errado, visto que realmente

não há efeito sem causa, salta aos olhos que nem tudo pode ser espiritualizado, já que há o lado natural das coisas. A natureza está amaldiçoada, como já fiz constar acima. Além disso, de certo modo o acaso existe sim. Segundo Jesus, foi ocasional (ou por acaso) que um sacerdote descia de Jerusalém para Jericó: “E, ocasionalmente, descia pelo mesmo caminho certo sacerdote...” ((Lc 10.31). Sim, as coisas não são como Kardec cogitava. Doutro modo até os cães terão lá seus carmas.

Agora o pastor apega-se a tese de que a natureza está amaldiçoada e corroborando nosso exemplo mais acima que destacamos o fato dos nascidos com deficiência mental e que estariam condenados ao inferno, segundo o pastor, diante do que o ele mesmo apregoou desde o início deste item. Nós argumentamos que estas limitações ocorrem por três razões, expiação, prova e até mesmo missão. Entretanto, o pastor argumentou que era unicamente uma casualidade natural que decorreria de uma preleção Divina dos que seriam sãos, ou não. Agora muda de postura, dizendo que a ciência avançou e atenua este erro congênito e contradiz a lei de causa e efeito.

Como bem argumentamos anteriormente, a evolução científica está atrelada ao progresso intelectual da humanidade e conforme formos avançando na senda do progresso, iremos nos despir de falhas morais, já que este progresso anda de mãos dadas a evolução científica, onde a humanidade virá no passado suas mazelas, curada de suas enfermidades morais, a menos que o pastor queira continuar a pregar que tais pessoas com limitação mental possam ser condenadas ao inferno, já que não podem “aceitar Jesus” por não terem condições de realizarem juízo de valor de suas

atitudes. Este exemplo está mais contra os conceitos do pastor, do que da lei de causa e efeito que mudará a sorte da humanidade que urge o progresso. Acerca das limitações físicas dos animais, ignoraremos esta comparação do pastor, pois a lei que rege estes animais estão atreladas ao instinto e nenhuma lei de causa e efeito os conduz. Comparar humanos aos animais é mais uma tentativa desesperada de contradizer a reencarnação.

Para dar um embasamento a sua tese da casualidade, ele pinça novamente um texto bíblico para lhe dar suporte (Lc 10,31) que está dentro do contexto da **parábola do bom samaritano** (Lc 10,1-44) que é justamente exaltado pelo mestre às boas obras realizadas por pessoas desprezadas que terão condições de merecer o reino de Deus. Mais uma vez, uma citação infeliz e incoerente do pastor, pois ele ignora a Doutrina Espírita, desdenha das atitudes de amor ao próximo praticadas por nós espíritas. Diante deste exemplo que ele lança mão, ele se encontra no rol dos samaritanos, ou sacerdotes e levitas? Que os leitores julguem o valor das atitudes do pastor e obtenham a resposta. Passemos ao item seguinte explanado pelo pastor.

F) Quanto à afirmação de que é injusto salvar os dementes, visto que eles não fazem as obras necessárias à salvação, respondo que esse “argumento” teria lógica, se a salvação fosse pelas obras. Mas como já vimos, a salvação é um presente, e não um galardão. Logo, alicerçado no sangue de Jesus, Deus está livre para estender a Sua mão e salvar (Is 59:1): as criancinhas (Lc 18:16); os dementes (Is 35:8); àqueles que não ouviram o Evangelho, mas agiram em harmonia com as suas consciências (Rm 2:12-16); e os

normais, portadores de discricção que não desfeitearem ao Senhor, rejeitando o seu presente, por julgarem que podem comprá-lo e pagá-lo com seus próprios esforços em sucessivas reencarnações (confere: Jo.3:16; Mc. 16:15,16; E. 2:8,9; Rm. 11:6; etc.);

Observamos que como o pastor não tem saída em resposta às pessoas que nasçam com limitações físicas e mentais, agora ele realiza uma predestinação de que estas pessoas serão salvas, juntamente com as crianças e aqueles que não ouviram o Evangelho. Para isso, ele lança mão de (Is 59,1) abrangendo a mão do Criador a eles salvarem, mediante o sangue de Jesus, assim também as crianças (Lc 18,16), pessoas com distúrbios mentais (Is 35,8) e pasmem, àqueles que não ouviram o Evangelho, mas agiram em harmonia com suas consciências (Rm 2,12-16). Com isso, trataremos ponto a ponto seus argumentos e suas incoerências.

Primeiramente sobre o contexto de (Is 59,1-21) que é o tema **salmo da penitência** que o profeta lança mão aos israelitas e ao fim, se o pastor realmente conhece o contexto, é lançado aos que praticaram a iniquidade (v. 2), a salvação ficou distante (v.11) e, enfim, é lançado o oráculo que estabelecerá a aliança (v. 21). Será que o pastor percebeu que comparou a limitação física a quem pratica a iniquidade, conforme contexto de Isaías (Is 59,1-21)? Certamente que não, pois este texto reforça ainda mais as vidas sucessivas. Continua o pastor que as criancinhas (Lc 18,16) estão salvas. Ocorre que este contexto (Lc 18,15-17) trata em seu tema de **Jesus e as criancinhas**, como que é necessário a inocência delas para receber o reino de Deus (v. 17) em um verso

posterior a sua citação. O pastor continua a se enrolar, pois segundo ele em (Is 35,8) as pessoas com limitações físicas estão salvas. Este contexto de Isaías (Is 35,1-10) trata do **triumfo de Jerusalém** que relatam o julgamento pronunciado contra Edom que se opõe às bênçãos de Jerusalém e em nada reforçam a tese do pastor de que os deficientes serão salvos, antes, porém, relatam que os impuros não passarão pelo caminho sagrado (v. 8) se referindo ao povo de Edom, no próprio verso que o pastor citou, mas não refletiu nele e em todo o contexto que a dor e os gemidos de Jerusalém cessarão (v. 10) pelo segundo Isaías.

Por fim, cita o pastor de que os que não ouviram o Evangelho estão salvos (Rm 2:12-16), mas ele estabelece que haverá um parâmetro para esta salvação que é estarem condizentes com suas atitudes. Como, se eles desconhecem o padrão de justiça do Evangelho? Entretanto, o contexto de Paulo (Rm 2,1-16) trata do tema **a ira futura, para todos** que trata os judeus e pagãos como iguais perante a lei, que serão julgados igualmente diante do Evangelho (v.16), segundo as suas obras (v. 6) omitido pelo pastor, já que segundo Paulo, **Deus não faz acepção de pessoas** (v. 11) também ignorado pelo pastor. Cabe-nos uma reflexão! E aqueles que não souberam do Evangelho? Como serão julgados? Pela fé, ou pelas obras, atitudes? A resposta é sintomática, pelos seus atos e certamente se não possuem um padrão de justiça a seguir, certamente deverá ser considerada as vidas sucessivas para total conhecimento das leis divinas e um julgamento equitativo, senão cairá no conceito do pastor de que serão

absolvidos, com dois pesos e duas medidas.

Como bem relatamos, o pastor lança mão de textos que mais reforçam as vidas sucessivas, o conceito de limitações físicas como algo impuro dentro do judaísmo e que não reforçam a narrativa do pastor de que é necessário apenas crer em Jesus que será salvo, destoando de todo o caráter de julgamento ser através das obras, afinal, **será dado a cada um segundo as suas obras** e fomos bem enfáticos a este respeito, que julgamos ser desnecessário voltar a este tema, mas salientamos que a salvação é dom gratuito, segundo Paulo (Ef 2,8-9; Rm 11,16), mas num exame apurado dos Evangelhos, Jesus aponta para outra direção que são a importância das atitudes e obras de amor ao próximo como condição de libertação do orgulho e do egoísmo. Basta conferir o contexto do diálogo entre Jesus e Nicodemos (Jo 3,1-21) que trata exclusivamente da reencarnação como já fundamentamos e o pastor só pinça (v. 16). Passemos ao ponto seguinte.

G) E, acerca da alegação de que é injusto dar aos que se arrendem na última hora da vida o mesmo Céu a que têm direito os que viveram longas décadas dedicados ao bem, respondo que os que assim se expressam das duas uma: ou ignoram os ensinamentos bíblicos ou não os têm como confiáveis. Sim, pois estas questões já foram tratadas por Aquele que Kardec chamava de Mestre: Jesus. Basta-nos, portanto, ler o capítulo 15 do Evangelho Segundo Lucas e aprendermos com o Mestre. Neste texto o Grande Mestre nos propõe três parábolas: A da dracma perdida, a da ovelha desgarrada e a do filho pródigo. Nestas três parábolas o Grande Mestre nos dá uma lição diametralmente oposta à que nos querem inculcar os reencarnacionistas. Ao invés de a dracma perdida,

a ovelha desgarrada e o filho pródigo serem desdenhados, foram alvos de especial atenção, bem como patrocinadores de festas.

Oh! Como os reencarnacionistas precisam aprender com o Grande Mestre! Eles necessitam aprender com o Grande Mestre que Ele é o Grande Salvador, capaz de salvar instantaneamente! Eles precisam aprender que Jesus não perdoa progressivamente!

Esta abordagem é como “um tiro que sai pela culatra”, já que essas referências depõem contra a própria tese do pastor do inferno eterno e das penas irremissíveis. Segundo ele, após o desencarne, não haverá mais perdão, sendo relegados ao inferno todos infratores da lei do amor. Outrossim, essas parábolas representam justamente o oposto, já que os arrependidos, representados na parábola da dracma perdida (Lc 15,8-10), da ovelha desgarrada (Mt 18,10-14; Lc 15,1-7) e do filho pródigo (Lc 15,11-31). Com isso, observamos que ao Pai é de imenso júbilo quando um de seus filhos se arrepende de seus caminhos e nos parece que o pastor não prestou muita atenção no significado do amor de Deus que não condena, mas está sempre de braços abertos a receber seus filhos transviados pela via do arrependimento.

Remetemos ao pastor a mesma recomendação que nos dirige a se aprofundar nos textos bíblicos com mais afinco, com a finalidade de recomendar aquilo que ignora, cabendo a ele mesmo a régua de julgamento que desconstrói sua linha de raciocínio e justifica nós espíritas que estamos atentos a hermenêutica do texto, sua exegese e principalmente ao seu contexto, que damos sempre muita importância. Para

abrilhantarmos nossa argumentação, vamos citar a obra ***Parábolas e Ensinos de Jesus*** do escritor e expoente espírita Cairbar Schutel (1868-1938) visando dar um maior entendimento ao pastor e demais leitores, orientando que não serão necessárias as citações bíblicas, por já tê-las evidenciado.

PARÁBOLA DA DRACMA PERDIDA

O principal escopo de Jesus, durante toda a sua existência na Terra, foi demonstrar aos homens a Imortalidade da Alma, a Vida Eterna, a bondade, a misericórdia, a solicitude desse Deus, que Ele anunciava, para com todas as suas criaturas.

Nunca o Mestre exigiu de seus discípulos holocaustos e sacrifícios. O que Ele queria é que o amassem, que cressem na sua Palavra e confiassem no Pai, que ele tinha vindo anunciar, Pai criador e zelador de toda a sua criação, de todas as suas obras; que veste os lírios e as açucenas, e alimenta os passarinhos; que procura a ovelha perdida; que recebe o filho pródigo, e que sente grande contentamento quando um de seus filhos para Ele se volta e lhe solicita os benefícios de que necessita para sua ascensão espiritual!

Para bem gravar os Seus ensinos na imaginação de seus ouvintes, o Mestre amoroso, sempre que se lhe oferecia ocasião, fazia comparações servindo-se de ocorrências que se verificavam todos os dias, exaltando assim os impecáveis atributos de Deus.

A Parábola da Dracma Perdida, que não passa de um simples episódio, em que Jesus reuniu às exortações que fez certa vez aos publicanos e pecadores, compara Ele a alegria que há no Mundo Espiritual, na presença dos Mentores, quando um pecador se arrepende, com a alegria que tem uma mulher ao achar 315 réis (uma dracma) (*), que havia perdido!

E faz ver que, pela mesma forma que a mulher, ao perder a dracma, acende a candeia, varre a casa e procura-a diligentemente até achá-la, também Deus emprega todos os meios que sabiamente sugere aos Espíritos seus

Mensageiros para encontrar a sua dracma, ou seja o pecador que se perdeu, a fim de ser ele restituído à casa paterna.

O Deus de Jesus, como se vê, é o Deus sábio e benevolente, o Deus amoroso e caritativo, e não o “Deus” pródigo, cioso, vingativo e mau, ensinado pelas religiões humanas, pelos sacerdotes.

É isto que quer a parábola: exaltar a bondade e o amor de Deus, que em nós desperta princípios de sabedoria, para nos aproximarmos do Supremo Senhor.

(*) *Modernamente, a dracma é a unidade monetária da Grécia, dividida em 100 Kepta e cotada a 30 por dólar (1968)* (SCHUTEL. C. 2012, p. 142-143)

Vamos agora a outra parábola, a da ovelha perdida (Mt 18,10-14; Lc 15,1-7) comentada pelo autor Cairbar Schutel (1868-1938) em sua obra ***Parábolas e Ensinos de Jesus***, salientando que não citaremos a passagem bíblica por já tê-la referenciado. Vejamos:

PARÁBOLA DA OVELHA PERDIDA

Esta imaginosa parábola parece ser o solene protesto da má interpretação que os sacerdotes têm dado à palavra do Cristo. Não há muito, escreveu-nos um padre romano ser estultícia negar as penas eternas do Inferno, quando nos Evangelhos encontramos, no mínimo, quinze vezes a confirmação dessa eternidade; e conclui que ela não é ensino da Igreja, mas ensino do próprio Evangelho.

Jesus previa certamente que seus ensinos e pensamento íntimo seriam desnaturados pelos homens constituídos em agremiações religiosas, e quis, de certa forma, deixar bem patente aos olhos de todos que Ele não poderia ser Representante de um Deus que, proclamando o amor e a necessidade indispensável do perdão cara remissão dos pecados, impusesse, aos filhos por Ele criados, castigos infundáveis, eternos.

A parábola mostra bem claramente que as almas transviadas não ficarão perdidas no labirinto das paixões, nem nas furnas onde medram os abrolhos. Como a ovelha desgarrada, elas serão procuradas, ainda mesmo que seja preciso deixar de cuidar daquelas que atingiram já uma altura considerável, ainda mesmo que as noventa e nove ovelhas fiquem estacionadas num local do monte, os encarregados do rebanho sairão ao campo em procura da que se perdeu.

O Pai não quer a morte do ímpio; não quer a condenação do mau, do ingrato, do injusto, mas sim a sua regeneração, a sua salvação, a sua vida, a sua felicidade.

Ainda que seja preciso, para a regeneração do Espírito, nascer ele na Terra sem mão ou sem pé entrar na vida manco ou aleijado; ainda que lhe seja preciso renascer no mundo sem os olhos, por causa dos “tropeços”, por causa dos “escândalos”, a sua salvação é tão certa como a da ovelha que se havia perdido e lembrada na parábola, porque todos esses pobres que arrastam o peso da dor, os seus guias e protetores os assistem para conduzi-los ao porto seguro da eterna bonança.

Leitor amigo: quando vos falarem os sacerdotes, de Inferno eterno, perguntai-lhes que relação tem a Parábola da Ovelha Perdida com esse dogma monstruoso, que desnatura e inutiliza todos os atributos divinos. (SCHUTEL. C. 2012, p. 51-52)

Vamos agora a outra parábola, a do filho pródigo (Lc 15,11-31) comentada pelo autor Cairbar Schutel (1868-1938) em sua obra ***Parábolas e Ensinos de Jesus***, salientando que não citaremos a passagem bíblicas por já tê-la referenciado. Vejamos:

PARÁBOLA DO FILHO PRÓDIGO

Esta Parábola imaginosa relatada pelo Evangelista Lucas é a doce e melodiosa Palavra de Jesus, dizendo aos homens da bondade sem limites, da caridade infinita de Deus!

Ambas as individualidades que representam o Filho Obediente e o Filho Desobediente simbolizam a Humanidade Terrestre.

O Pai de ambos aqueles filhos, simboliza Deus. Uma pequena, pequeníssima parte da Humanidade personificada no Filho Obediente, se esforça por guardar a Lei Divina e permanece, portanto, na Casa do Pai. A outra parte personifica o Filho Desobediente, que, de posse dos haveres celestiais, dissipa todos esses bens e vive dissolutamente, até chegar ao extremo de ter de comer das alfarrobas que os porcos comem. Esse extremo é que o força a voltar à casa paterna, onde, acolhido com benemerência e conforto, volta a participar das regalias concedidas aos outros filhos.

Em resumo: esta simples alegoria, capaz de ser compreendida por uma criança, demonstra o amparo e a proteção que Deus sempre reserva a todos os seus filhos. Nenhum deles é abandonado pelo Pai Celestial, tenha os pecados que tiver, pratique as faltas que praticar, porque se é verdade que o filho chega a perder a condição de filho, o Pai nunca perde a condição de Pai para com todos, porque todos somos criaturas suas.

Estejam eles onde estiverem, quer no Mundo, quer no Espaço; quer neste planeta, quer em país longínquo, ou seja, noutra planeta, com um corpo de carne ou com um corpo espiritual, o Pai a nenhum despreza, a nenhum abandona, porque nos criou para gozarmos da sua Luz, da sua Glória, do seu Amor!

O Pai Celestial não é o pai da carne e do sangue, pois como disse o Apóstolo: “a carne e o sangue não podem herdar o Reino de Deus”; a carne e o sangue são corruptíveis, só o Espírito é incorruptível, só o Espírito permanece eternamente. O Pai Celestial é Espírito, é Deus de Verdade, Deus Vivo, por isso seus filhos também são Espíritos que permanecem na Imortalidade.

A Luz, a Verdade, o Amor não foram criados para os corpos, mas sim para as almas.

Como poderia Deus criar um “filho pródigo”, a não ser para que ele, depois de passar pela experiência dura do mal que praticou, voltar para o seu Criador, e, arrependido, propor o

não mais ser perdulário, mas adaptar-se à Vontade Divina, e caminhar para os destinos felizes que lhe estão reservados!

Como poderia Deus criar uma alma ao lado de um Inferno Eterno!

Que pai é esse que produz filhos para mandá-los atormentar para sempre?

A Parábola do Filho Pródigo é a magnificência de Deus e ao mesmo tempo o solene e categórico protesto de Jesus contra a doutrina blasfema, caduca, irracional das penas eternas do Inferno, inventada pelos homens.

Não há sofrimentos eternos, não há dores infundáveis, não há castigos sem fim, porque se os mesmos fossem eternos, Deus não seria justo, sábio e misericordioso.

Há gozos eternos, há prazeres inextinguíveis, há felicidades indestrutíveis por todo o infinito, esplendores por toda a Criação, Amor por toda a Eternidade!

Erguei as vossas vistas para os céus. O que vedes? Um manto estrelado sobre vossas cabeças, chispas luminosas vos cercam de carícias; fulgurações multicores vos atraem para as regiões da felicidade e da luz!

Olhai para baixo, para a terra, para as águas: o que vedes? Essas chispas, essas luzes, essas estrelas, essas cintilações retratadas no espelho das águas, nas carolas das flores, nos tapetes verdejantes dos campos; porque das luzes nascem as cores, são elas que dão colorido às flores, que iluminam os campos, que agitam as águas!

Ó! Homem, onde quer que estejas, se quiseres ver com os olhos do Espírito, verás a bondade e o amor de Deus animando e vivificando o Universo inteiro! Tanto em baixo como em cima, à esquerda como à direita, se abrires os olhos da razão, verás a mesma lei sábia, justa, equitativa, regendo o grão de areia e o gigantesco Sol que se baloiça no Espaço; o infusório que emerge, a gota d'água e o Espírito de Luz, que se eleva sereno às regiões bem-aventuradas da Paz!

A Lei de Deus é igual para todos: não poderia ser boa para o bom e má para o mau; porque tanto o que é bom quanto o que é mau estão sob as vistas do Supremo Criador, que faz

do mau bom, e do bom melhor: pois tudo é criado para glorificar o seu Imaculado Nome!

Não há privilégios nem exclusões para Deus; para todos Ele faz nascer o seu Sol, para todos faz brilhar suas estrelas, para todos deu o dia e a noite; para todos faz descer a chuva!

Quando a criatura humana, num momento de irreflexão se afasta de Deus, e, dissipando os bens que o Criador a todos doou, se entrega a toda sorte de dissoluções, a dor e a miséria, esses terríveis agulhões do Progresso Espiritual ferem rijo a sua alma orgulhosa até que, num momento supremo de angústia, ela possa elevar-se para Deus e deliberar reentrar no caminho da perfectibilidade. É então que, como o Filho Pródigo, o homem transviado, tocado pelo arrependimento, volta-se para o Pai carinhoso e diz: "Pai, pequei contra o Céu e contra ti; já não sou digno de ser chamado teu filho..." E Deus, nosso amoroso Criador, que já o havia visto em caminho para dEle se aproximar e rogar, abre àquele filho as portas da regeneração e lhe faculta todas as dádivas, todos os dons necessários para esse grandioso trabalho da perfeição espiritual.

Está escrito no Evangelho que houve um banquete com música e festa à chegada do Filho Pródigo à Casa Paterna. Está escrito mais, que o Pai mandou ver a melhor roupa para vestir o filho que voltou, as melhores sandálias para lhes resguardar os pés e, ainda lhe colocou no dedo um belo anel, tal foi a alegria que teve, e tal é a alegria nos Céus, quando uma alma transviada, para os Céus se volta.

O Pai está sempre pronto a receber o Filho Pródigo, e os Céus estão sempre abertos à sua chegada. Não há falta, por maior que seja, que não se possa reparar; assim como não há nódoa, por mais fixa que pareça, que não se possa apagar.

Tudo se retempera, tudo se corrige, tudo se transforma, do pequeno para o grande, do mau para o bom, das trevas para a luz, do erro para a verdade! Tudo limpa, tudo alveja, tudo reluz ao atrito do fogo sagrado do Progresso, tudo se aperfeiçoa, tudo evolui, todas as almas caminham para Deus!

Eis o que diz o Evangelho, mas o Evangelho de Jesus Cristo, o Evangelho do Amor a Deus e ao próximo.

Completando a Parábola, vemos que o Filho Pródigo recebeu os bens, saiu de casa, esbanjou-os dissolutamente numa vida desregrada. E o que não foi pródigo, o Filho Obediente, por seu turno, enterrou seus bens, como aquele que enterrou o talento da Parábola.

O que diz o Evangelho que o Filho Obediente fez dos bens que possuía?

Ele vivia à custa do Pai, participava de todos os bens que havia em casa, e, com a chegada do irmão, ao ver a festa com que aquele foi recebido, entristeceu-se: cheio de egoísmo, de avareza, revoltou-se contra o Pai!

Infelizmente, é assim está atrasada Humanidade! Ela se compõe de Filhos Pródigos e de Filhos Obedientes, mas estes parecem ser ainda piores que aqueles!

E tanto é verdade o que nos passa pela mente, que, ao concluir a Parábola, o Mestre exalta os pródigos que voltam e censura os obedientes que ficam, não só com os bens que receberam, como, também, com as paixões más de que não se querem despojar!

Mas a Humanidade progride, e este mundo passará a hierarquia mais elevada com a vinda de Espíritos melhores, que nos orientarão para o Bem e o Belo, para a realização total dos nossos destinos! (SCHUTEL. C. 2012, p. 144-150)

Como podemos observar o pastor não buscou autores espíritas que tratam das parábolas por ele citadas e que a interpretaram à luz da Doutrina Espírita e nos repassam o real sentido desses ensinamentos do Cristo que o pastor parece continuar ignorando, mas que, pelo menos, o fazemos conhecer aquilo que ignora. Passemos ao ponto seguinte exarado pelo pastor. Vejamos:

Para enxergarmos a fraude desse argumento, basta considerarmos as seguintes questões acerca do perdão que Jesus nos oferece:

- a) Ele perdoa, ou não perdoa?
- b) O Seu perdão é perfeito ou não é?
- c) O Seu perdão é total ou é parcial?
- d) O Seu perdão é instantâneo ou é progressivo?

Esses questionamentos são até infantis, a se perguntar para nós espíritas, pois quem condena irremissivelmente ao inferno, sem a capacidade de ser perdoado, são os líderes dogmáticos em que o pastor se enquadra. Como pudemos observar anteriormente, é através da reencarnação que é validado uma nova oportunidade dos infratores se reajustarem à lei de amor do Criador, fato este que o pastor não concorda. Agora temos a reencarnação de um lado que é a plena justiça aplicada ao infrator, e do outro lado temos o inferno eterno aos pecadores que o pastor apresenta. Parece-nos que ele mesmo não conseguirá responder as próprias perguntas que nos faz, mas ele vai desenvolver seu raciocínio. Vejamos em seguida:

Se como respostas às perguntas acima, dissermos que o perdão que Jesus nos dá é perfeito, total e instantâneo, não podemos imaginar que Cristo dispense tratamento diferenciado aos Seus perdoados, permitindo a uns livre acesso à Sua Casa (o Céu), e ordenando a outros que aguardem à porta até que os últimos rancores se esvaíam. Logo, os argumentos dos reencarnacionistas só teriam lógica se a salvação fosse como eles pensam: pelas obras. Mas, como veremos a partir do capítulo XII, a salvação não é pelas obras, e sim, pela graça por meio da fé no sangue de Jesus.

Novamente o pastor entra em conceitos da salvação que é de sua ortodoxia e cartilha de pregação, mas como ele isola apenas uma passagem mal compreendida de Paulo (Ef 2,8-9) e ignora todo o contexto que o próprio apóstolo Paulo pregou e Jesus o havia sancionado nos Evangelhos, de que será dado **a cada um segundo as suas obras**, estamos de mãos dadas com o Mestre e observando aos leitores que tenham nos acompanhado até aqui que a parte que o pastor ignora, é muito maior do que a que ele se agarra como um náufrago, desesperadamente buscando em sua tábua de salvação textos isolados a lhe fundamentar. Sugiro a ele retroceder nos capítulos anteriores que tratamos da questão das expiações do homem coxo, da missão do cego de nascença e da parábola dos bodes e das ovelhas que nos traz o conceito de julgamento através das obras. Voltar a este assunto, seríamos cansativos e prolixos. Vamos ao ponto seguinte.

Diferente de tudo que os kardecistas dizem sobre o perdão, o Grande Mestre nos ensinou no capítulo 15 do Evangelho Segundo Lucas que foram exatamente a dracma recuperada, a ovelha arrebanhada, e o filho que regressou ao lar que motivaram grandes alegrias e até festas. As nove dracmas que nunca se perderam, as noventa e nove ovelhas que sempre se mantiveram sob o cajado do Pastor, e o filho que jamais abandonou o Pai, não causaram tantas emoções. Estas parábolas, sem dúvida não foram contadas para incentivar à prática do mal, mas para encorajar os pecadores ao arrependimento, assegurando-lhes que são bem-vindos ao Reino de Deus, e que quanto à entrada no Céu, o nosso caso é até mais emocionante que o caso dos anjos fiéis que sempre se mantiveram na presença de Deus. Ora, quando (por um exemplo hipotético), um casal constata a morte de

um dos seus dez filhos, este traz, obviamente, tristezas que os nove jamais trouxeram; mas, se na hora de sair com o defunto rumo ao cemitério, ele for ressuscitado, seguramente produzirão alegrias que os referidos nove filhos jamais conseguirão produzir, a menos que também morram e sejam ressuscitados.

Como bem destacamos anteriormente, tratando-se das parábolas mencionadas pelo pastor da dracma perdida (Lc 15,8-10), da ovelha desgarrada (Mt 18,10-14; Lc 15,1-7) e do filho pródigo (Lc 15,11-31) tratam todas elas do regresso de pessoas que estiveram distantes da lei de amor do Pai e que através do arrependimento, voltaram ao regaço do Pai, o que nos parece que o pastor não pensa dessa forma, já que para ele que combate a reencarnação, uma vez morrendo em erro, jamais voltariam a regeneração, uma vez que estariam condenados ao inferno e nem mesmo o seu arrependimento os absolveria. Quando Jesus explanou sobre este conceito, não disse que somente os vivos é que seriam perdoados, mas os líderes religiosos atuais os condenam às penas eternas, já que conceitualmente para eles é preferível condenar os pecadores às penas eternas, do que acreditarem na lei natural da reencarnação, como ferramenta pedagógica de regeneração, através das provas e expiações.

Soa até estranho o pastor exemplificar estas parábolas, como se nós espíritas acreditássemos na impossibilidade de haver mais prazer, por parte do Criador, por aqueles que já se encontram na prática da lei de justiça e caridade do que aqueles que se convertem ao caminho do bem. Causou-nos certo espanto esta colocação do pastor e abriu esta nossa linha

de raciocínio que ele condena os pecadores que morrem no pecado, não havendo oportunidade de regeneração destes após a sua morte, mesmo que se arrependam, prefigurando um Deus insensível e tirado a condenar àqueles que mesmo arrependidos, estariam condenados ao inferno. Passemos agora ao ponto seguinte abordado pelo pastor, a continuar sua cartilha condenatória, em combate a justiça da reencarnação, destilando cada vez mais suas incoerências. Vejamos:

Suponhamos que há 20 anos o senhor “A” e o senhor “B” me fizeram uma grave ofensa. Cinco anos após, portanto há 15 anos atrás, o senhor “A” se arrependeu, me pediu perdão e eu o perdoei de todo o meu coração. Suponhamos ainda que há um minuto o senhor “B” também se arrependeu, me pediu perdão e que eu o perdoei da mesma maneira que há 15 anos eu perdoara ao senhor “A”.

Pergunto: Será que eu não estarei sendo incoerente se eu dispensar ao senhor “B” um tratamento diferente do conferido ao senhor “A”? Afinal, eu perdoei a ambos de igual modo ou não perdoei? E podemos, porventura, detectar tamanha discrepância no Grande Mestre? Pensem nisso os kardecistas sinceros!

Para fechar este item, o pastor nos colocou esta exemplificação acima de dois cidadãos, contendo uma temporalidade de infrações que receberam o perdão da parte do Mestre, sendo um de um período mais longínquo e outro mais recente. O que devemos salientar, é que nem um e nem o outro deveria se preocupar, pois o Cristo não estaria ofendido por um e nem por outro, em diferentes tempos, uma vez que o próprio Cristo já os perdoou ambos no ato de desacordo que estiveram para com o Mestre, independentemente do tempo

que houvessem pecado. Para o mestre, que em seu íntimo, não há rancor diante do pecado, pois ele não guarda este sentimento e se felicita de igual maneira, ante o arrependimento de ambos, mesmo que sejam em épocas distintas.

Outo ponto que raciocinamos, além deste que Jesus não levaria esta ofensa consigo, uma vez que não guarda rancor da parte de nenhum dos dois infratores, mas que precisamos refletir que o tempo em que continuam no mal caminho, refletem em atitudes em desacordo com a providência e prejudicam mais pessoas num período de tempo que pode ser maior para um, do que para outro e acabam contraindo mais desafetos do que um simples ofendido, que hipoteticamente, pode não ter o mesmo comportamento do Cristo, de não levar em seu coração, o rancor por parte destes infratores. Com isso, se um se arrepende de seus crimes ante a lei de justiça e caridade, antes de outro que perdura mais tempo em praticar tais atitudes, certamente prejudicarão a mais pessoas, do que aquele que se arrependeu anteriormente e se converteu do mal caminho. Parece-nos que o pastor não conseguiu observar seu próprio exemplo por este prisma, colocando-o no rol de mais uma incoerência, ante a interpretação dos atos humanos para com seu semelhante, e os praticados contra o Mestre e o próprio Criador que não levam rancor, por não se sentirem ofendidos, mas que um outro ser humano pode não ter o mesmo comportamento destes. Passemos ao ponto seguinte abordado pelo pastor.

H) Relembro aos reencarnacionistas que não há ninguém melhor do que Deus para saber o que é justo e o que não o é. Logo, deixemos de lorota e aceitemos o dom gratuito que Ele nos está oferecendo através do sangue de Jesus, totalmente à parte de nossos méritos, até porque não os possuímos (Rm 3: 23,24; 6:23; Ef 2: 8,9). A salvação é assim: Ou o pecador a aceita de graça, ou morre sem ela, pois Deus não a vende, mas a dá de graça a quem quiser (Ap 22:17);

O pastor volta novamente com a sua *lorota*, vou usar o mesmo termo que ele nos julgou, pois prega uma salvação gratuita, sem nenhum esforço por parte dos que se convertem ao bom caminho, em domar suas más inclinações que podem perdurar por inúmeras vidas, ao longo de suas encarnações futuras. Entretanto, o pastor nos remete novamente textos bíblicos pinçados de Paulo (Rm 3,23-24; 6,23; Ef 2,8-9) e o livro do Apocalipse (Ap 22,17) que já comentamos anteriormente e não voltaremos neles, por entender que desenvolveremos apenas novas citações e novos argumentos, mas salientamos que Jesus nos disse que será dado **a cada um segundo as suas obras** e se pregamos este conceito, estamos em de acordo com o Evangelho, mas se o pastor continua com sua *lorota* da gratuidade da salvação através da fé, este isola uma passagem de Paulo e sobrepõe ao conceito do Mestre, onde já o esclarecemos anteriormente que o caráter de julgamento é através das obras e não da fé. Passemos ao ponto seguinte, que parece ser o último deste tópico. Vejamos:

I) Nada mais injusto do que infligir uma pena por um erro do qual o condenado nem se lembra. Portanto, teríamos que lembrarmos de nossas encarnações anteriores, bem como de nossos erros então cometidos. Logo, nada mais injusto do

Desenvolvemos o conceito da expiação dentro do Judaísmo, através do Talmud Babilônico, tratado de Berachot, em consonância com o exemplo do Homem Coxo e o Cego de Nascimento nos Evangelhos, demonstrando que este conceito das provas e expiações são anteriores à codificação de Kardec, e que o pastor não os estudou a contento. Melhor é termos o esquecimento do passado, que nos permite reatar laços de desfetos das vidas passadas, do que recebermos a chancela de pecado original que outro praticou e nós seremos responsabilizados por um erro que não comentemos, tal qual o conceito do Pecado Original que o pastor concorda, mas torce o nariz, ante erros que cometemos em vidas passadas e suas conseqüências na vida presente. Seu senso de justiça fala mais alto quando somos condenados por um erro que não praticamos, do que por aqueles que temos a misericórdia de não saber na vida presente. Com isso, traremos a obra **O Evangelho Segundo o Espiritismo**, constante no capítulo V que trata do tema *Bem-aventurados os aflitos*. Vejamos:

Esquecimento do passado

11. Em vão se objeta que o esquecimento constitui obstáculo a que se possa aproveitar da experiência de vidas anteriores. Havendo Deus entendido de lançar um véu sobre o passado, é que há nisso vantagem. Com efeito, a lembrança traria gravíssimos inconvenientes. Poderia, em certos casos, humilhar-nos singularmente, ou, então, exaltar-nos o orgulho e, assim, entrar o nosso livre-arbítrio. Em todas as circunstâncias, acarretaria inevitável perturbação nas relações sociais.

Frequentemente, o Espírito renasce no mesmo meio em que já viveu, estabelecendo de novo relações com as mesmas pessoas, a fim de reparar o mal que lhes haja feito. Se reconhecesse nelas as a quem odiara, quiçá o ódio se lhe despertaria outra vez no íntimo. De todo modo, ele se sentiria humilhado em presença daquelas a quem houvesse ofendido.

Para nos melhorarmos, outorgou-nos Deus, precisamente, o de que necessitamos e nos basta: a voz da consciência e as tendências instintivas. Priva-nos do que nos seria prejudicial.

Ao nascer, traz o homem consigo o que adquiriu, nasce qual se fez; em cada existência, tem um novo ponto de partida. Pouco lhe importa saber o que foi antes: se se vê punido, é que praticou o mal. Suas atuais tendências más indicam o que lhe resta a corrigir em si próprio e é nisso que deve concentrar-se toda a sua atenção, porquanto, daquilo de que se haja corrigido completamente, nenhum traço mais conservará. As boas resoluções que tomou são a voz da consciência, advertindo-o do que é bem e do que é mal e dando-lhe forças para resistir às tentações.

Aliás, o esquecimento ocorre apenas durante a vida corpórea. Voltando à vida espiritual, readquire o Espírito a lembrança do passado; nada mais há, portanto, do que uma interrupção temporária, semelhante à que se dá na vida terrestre durante o sono, a qual não obsta a que, no dia seguinte, nos recordemos do que tenhamos feito na véspera e nos dias precedentes.

E não é somente após a morte que o Espírito recobra a lembrança do passado. Pode dizer-se que jamais a perde, pois que, como a experiência o demonstra, mesmo encarnado, adormecido o corpo, ocasião em que goza de certa liberdade, o Espírito tem consciência de seus atos anteriores; sabe por que sofre e que sofre com justiça. A lembrança unicamente se apaga no curso da vida exterior, da vida de relação, mas na falta de uma recordação exata, que lhe poderia ser penosa e prejudicá-lo nas suas relações sociais, forças novas haure ele nesses instantes de emancipação da alma, se os sabe aproveitar. (KARDEC. A, 2019d, p. 85-86)

Como pudemos observar nesse subtópico, a justiça da reencarnação está bem acima do parâmetro de justiça estabelecido pelo pastor que fez, mais uma vez, saltar aos olhos suas incoerências, que no seu senso de justiça é mais equitativo pagarmos por erro que não cometemos, a saber o Pecado Original de Adão, do que sofreremos a lei de causa e efeito de erros que comentemos em vidas pregressas, vindo a ser reparadas na vida presente, ocultando-nos a sabedoria divina, a fim de que possamos reatar os laços de desafeto do passado. Que os leitores façam juízo de valor, ante nossas abordagens, em resposta às incoerências do pastor. Sigamos adiante no próximo subtópico.

10.7. Acerca da Criação

Neste subtópico, nos surpreendemos com o pequeno recorte que o pastor faz de umas das obras da codificação, mais uma vez, sendo que agora ele vai nos abrilhantar com mais uma pérola, igualando a criação com o criador, se autointitulando de mais sábio que os Espíritos de escol que responderam as questões elaboradas por Kardec. Vejamos a sua argumentação.

Kardec perguntou a um Espírito “Superior”: “A matéria existe desde toda a eternidade, como Deus, ou foi criada por Ele num certo momento?”. Eis a resposta: “Só Deus o sabe...” (**O Livro dos Espíritos**. Federação Espírita Brasileira: Parte 1ª, capítulo II, pergunta 21, página 58).

Os kardecistas por certo creem que o autor destas linhas é um espírito atrasado e que um dia terá que expiar e reparar as críticas que ora faz ao kardecismo. Acontece, porém, que não obstante todo o atraso inerente ao meu espírito, estou

certo de que sou incomparavelmente mais evoluído (desculpem-me pela minha “jactância”) do que o dito espírito consultor que, ao ser consultado, deu, ao seu ilustre consulente, a resposta acima registrada. É que apesar das minhas ignorâncias, já sei que tudo quanto existe além de Deus, foi por este criado, e que, portanto, teve um princípio. Sim, é irracional crer que uma criatura exista desde toda a eternidade, como Deus. O demônio disse que “Só Deus o sabe”, porque não quis dar a Deus a glória que Lhe é devida;

Esta pergunta 21 está na obra **O Livro dos Espíritos**, na parte primeira, capítulo II que trata do tema *Dos elementos gerais do universo*, De forma até infantil, o pastor, diante de sua prepotência, se eleva acima dos espíritos de escol da codificação, chamando-os de demônios, comparando a criação, a saber, o universo material ao criador, que é Deus. Lemos e até releemos este seu comentário prolixo para nos certificar de tamanha incoerência. Kardec trata da pergunta 21 a 28 do subtema *Espírito e matéria* ao qual o pastor não se deu o trabalho de ir a fundo nas ponderações do codificador e as respostas dos espíritos de escol completa a esta pergunta 21, que ao fim, Kardec traz o seguinte comentário a estas questões, fechando um conceito filosófico importante. Vejamos a resposta sem cortes e o comentário de Kardec ao final da questão 28:

Espírito e matéria

21. A matéria existe desde toda a eternidade, como Deus, ou foi criada por Ele em dado momento?

“Só Deus o sabe. Há uma coisa, todavia, que a razão vos deve indicar: é que Deus, modelo de amor e caridade, nunca esteve inativo. Por mais distante que logreis figurar o início de

sua ação, podereis concebê-lo ocioso, um momento que seja?" (KARDEC. A, 2019e, p. 62) (grifo nosso)

[...]

Um fato patente domina todas as hipóteses: vemos matéria destituída de inteligência e vemos um princípio inteligente que independe da matéria. A origem e a conexão destas duas coisas nos são desconhecidas. Se promanam ou não de uma só fonte; se há pontos de contato entre ambas; se a inteligência tem existência própria, ou se é uma propriedade, um efeito; se é mesmo, conforme a opinião de alguns, uma emanção da Divindade, ignoramos. Elas se nos mostram distintas; daí o considerarmo-las formando os dois princípios constitutivos do Universo. **Vemos acima de tudo isso uma inteligência que domina todas as outras, que as governa, que se distingue delas por atributos essenciais. A essa inteligência suprema e que chamamos Deus.** (KARDEC. A, 2019e, p. 64) (grifo nosso)

Como podemos constatar, a parte que destacamos da pergunta 21 de Kardec e a resposta dos espíritos em apenas uma frase, foi a que o pastor dedicou de citar, não levando aos seus leitores conhecerem a conclusão dos espíritos, não recomendou aos leitores a leitura até a pergunta 28 e muito menos mencionou a conclusão de Kardec que filosoficamente entabula um conceito de **Deus, Espírito e Matéria**, existentes no Universo, onde os dois últimos conceitos de *Espírito e Matéria*, promanam do primeiro que é *Deus, causa primária de todas as coisas, inteligência suprema*, reportando-nos à primeira questão desta mesma obra, Dessa forma, que fique registrado a desonestidade intelectual do pastor, sua jactância no trato com as obras da codificação e mais uma incoerência, ante a revelação Espírita. Passemos, porquanto ao subtópico seguinte.

10.8. O Silêncio do Cristo?!

No que diz respeito ao trato com a mediunidade, o pastor alegrará que por Jesus não a ter combatido, assim como assevera Kardec, não provaria que ela exista! Sabemos que a maior objeção do pastor é quanto a comunicação com os mortos, que segundo ele, não passam de demônios, onde ainda complementa que se Jesus não a combateu, não significa que era passível de ser praticada e muito menos se retrataria, realmente a espíritos de pessoas mortas que se comunicavam com os vivos na carne. É o que demonstraremos que o silêncio do Cristo e a sua própria prática, diferenciou o que era necromancia, do que se tratava de comunicações sérias. Dessa forma, delineado o terreno em que nos adentraremos, acerca deste tema, vejamos o que o pastor nos apresenta:

Allan Kardec alegou que o Cristo nunca disse: “Não consulteis os mortos”. Na sua opinião, o Cristo que condenou o roubo, o adultério, o homicídio, a inveja, e assim por diante, não esqueceria de condenar a mediunidade, se os espíritos que se manifestam fossem realmente demônios. Segundo ele, o Cristo não esqueceria de combater tão grave pecado. Senão, vejamos: “Não veio Jesus modificar a lei mosaica, fazendo da sua lei o código dos cristãos? Não disse ele: — “Vós sabeis o que foi dito aos antigos, tal e tal coisa, e eu vos digo tal outra coisa?” Entretanto Jesus não proscreeu, antes sancionou a lei do Sinai, da qual toda a sua doutrina moral é um desdobramento. Ora, Jesus nunca aludiu em parte alguma à proibição de evocar os mortos, quando este era um assunto bastante grave para ser omitido nas suas prédicas, mormente tendo ele tratado de outros assuntos secundários” (**O Céu e o Inferno**. Federação Espírita Brasileira: primeira parte, capítulo XI, nº 6, parágrafo 3).

Primeiramente vamos recorrer à obra citada **O Céu e o Inferno**, primeira parte, capítulo XI que trata do tema *Da proibição de se evocar os mortos*, constante ao item 6, onde o pastor destacou a parte que lhe interessa, omitindo o raciocínio deste item, em sua introdução, visando prevalecer suas crenças fundamentalistas. Vejamos na íntegra.

6. A esta objeção opõem a afirmativa de que todas as leis de Moisés foram ditadas em nome de Deus, assim como as do Sinai, mas, julgando-as todas de fonte divina, por que ao decálogo limitam os mandamentos? Qual a razão de ser da diferença? Pois não é certo que se todas essas leis emanam de Deus devem todas ser igualmente obrigatórias? E por que não conservaram a circuncisão, à qual Jesus se submeteu e não aboliu? Ah! Esquecem que, para dar autoridade às suas leis, todos os legisladores antigos lhes atribuíam uma origem divina. Pois bem: Moisés, mais que nenhum outro, tinha necessidade desse recurso, atento o caráter do seu povo; e se, a despeito disso, ele teve dificuldade em se fazer obedecer, que não sucederia se as leis fossem promulgadas em seu próprio nome!

Não veio Jesus modificar a lei mosaica, fazendo da sua lei o código dos cristãos?

Não disse Ele: “Vós sabeis o que foi dito aos antigos, tal e tal coisa, e Eu vos digo tal outra coisa?” Entretanto Jesus não proscreeu, antes sancionou a lei do Sinai, da qual toda a sua doutrina moral é um desdobramento. Ora, Jesus nunca aludiu em parte alguma à proibição de evocar os mortos, quando este era um assunto bastante grave para ser omitido nas suas prédicas, mormente tendo Ele tratado de outros assuntos secundários. (KARDEC, A, 2019c, p. 143-144) (grifo nosso)

Como destacamos o segundo e terceiro parágrafos citados pelo pastor e omitido a introdução de Kardec, observamos que o pastor não citou a parte inicial, confundindo

seus leitores quanto ao raciocínio do codificador, suprimido em sua introdução, que nos leva a compreensão de que Kardec deu um caráter primordial, de que as leis contidas no Decálogo diferiam das demais ordenanças de Moisés, mas que não inibiu Moisés de declarar ao seu povo que toda a lei na Torá era provinda de Deus, com a finalidade de frear as suas más inclinações. Com isso, conclui o codificador que houve um desenvolvimento da parte de Jesus, das demais leis disciplinares de Moisés, quando observa no desfecho deste item 6 em sua reflexão, citada pelo pastor. A partir desta importante conceituação, vamos agora conhecer as alegações do pastor. Vejamos:

Se o fato de Cristo não haver dito: “Não consulteis os ‘mortos’”, justificasse a “mediunidade”, os kardecistas deveriam praticar a astrologia, pois Ele nunca disse: “Não consulteis os astros”. Mas, contraditoriamente, basta ler o que Kardec registrou em **A Gênese**, 37ª edição, capítulo V, número 12, para notar que ele e seus discípulos rechaçam a Astrologia, tachando-a de superstição. À página 100 dessa edição, a Federação Espírita Brasileira diz, como nota de rodapé, o seguinte: “Cai assim a idéia supersticiosa da influência dos signos”. Relembro aos kardecistas que o Consolador veio no ano 29 do século I, para guiar a Igreja a toda a verdade (Jo 16: 12,13) e que foi sendo guiado por este Consolador que o apóstolo Paulo exortou os coríntios a não receberem “outro espírito”(2 Co 11:4).

Não bastasse a citação anterior, sem a sua introdução, o pastor agora se valerá de uma nota de rodapé da obra **A Gênese**, julgando ele que se trata de uma nota da editora FEB, constante no item 7, capítulo IX, primeira parte, tratando do tema *Revoluções do globo*, como se houvesse uma

contradição, onde Kardec afirma que os discípulos do Cristo e Ele mesmo condenaram a astrologia no capítulo V, item 12 desta mesma obra, perfazendo um paralelo a consulta aos mortos, que no entendimento do pastor, por não ter sido condenada pelo Cristo e seus discípulos, não poderia ser praticada, assim como a astrologia foi combatida. Vamos citar aonde se refere esta nota de rodapé e ver de quem é sua autoria, a qual conteúdo se refere e constatar mais uma incoerência do pastor. Vejamos:

7. O equinócio é o instante em que o Sol, passando de um hemisfério a outro, se encontra perpendicular ao Equador, o que acontece duas vezes por ano, a 21 de março, quando o Sol passa para o hemisfério boreal, e a 22 de setembro, quando volta ao hemisfério austral.

Mas em consequência da gradual mudança na obliquidade do eixo, o que acarreta outra mudança na obliquidade do Equador sobre a eclíptica, o momento do equinócio avança cada ano de alguns minutos (25 minutos e 7 segundos). A esse avanço é que se deu o nome de *precessão dos equinócios* (do latim *praecessio*, ação de preceder).

Com o tempo, esses poucos minutos fazem horas, dias, meses e anos, resultando daí que o equinócio da primavera, que agora se verifica no mês de março, em dado tempo se verificará em fevereiro, depois em janeiro, depois em dezembro. Então o mês de dezembro terá a temperatura de março e março a de junho e assim por diante, até que, voltando ao mês de março, as coisas se encontrarão de novo no estado atual, o que se dará ao cabo de 25.868 anos, para recommençar indefinidamente a mesma revolução.⁹⁴

⁹⁴ Nota de Allan Kardec: A precessão dos equinócios ocasiona outra mudança: a que se opera na posição dos signos do zodíaco. Girando a Terra ao redor do Sol em um ano, à medida que ela avança, o Sol, cada mês, se encontra diante de uma constelação. Estas são em

número de doze, a saber: o *Carneiro*, o *Touro*, os *Gêmeos*, o *Câncer*, o *Leão*, a *Virgem*, a *Balança*, o *Escorpião*, o *Sagitário*, o *Capricornio*, o *Aquário* e os *Peixes*. São chamadas constelações zodiacais, ou signos do zodíaco, e formam um círculo no plano do equador terrestre. Conforme o mês do nascimento de um indivíduo dizia-se que ele nascera sob tal ou tal signo; daí os prognósticos da Astrologia. Mas, em virtude da precessão dos equinócios, acontece que os meses já não correspondem às mesmas constelações. Um que nasça no mês de julho já não está no signo do Leão, porém, no do Câncer. **Cai assim a ideia supersticiosa da influência dos signos.** (Cap. V, item 12.)

(KARDEC. A. 2019a, p. 159) (grifo nosso)

Como pudemos observar, a primeira incoerência do pastor é que a nota de rodapé não é da editora FEB, mas do próprio Kardec, a segunda incoerência é que ela se refere ao capítulo IX, item 7 e não ao capítulo V, item 12 que é uma outra referência do codificador para observar como complemento a esta nota, o assunto *Antigos e modernos sistemas do mundo*, de acordo com nosso destaque, em que Kardec discorre sobre a precessão dos equinócios, derruba a crença nos signos do zodíaco e não o testifica como ciência. Realmente o consolador veio a nos trazer o conhecimento da verdade (Jo 16: 12,13) e desmistificar citações de líderes religiosos, como este que tenta atribuir a credence popular à codificação, tentando encontrar nela contradições, levando seus leitores ao erro em atribuir a uma revelação falsa, quando cita Paulo (2Co 11:4), mas somos orientados pelo mesmo apóstolo em **examinai tudo, retende o bem.** (1Ts 5,21), fato este que o pastor não foi capaz de realizar no trato com a codificação. Vamos a conclusão dele nesse subtópico. Vejamos:

Relembro ainda que o Cristo e os apóstolos nunca tentaram recuperar um “espírito atrasado”, (Mc 5:1-13; At 16:16-18; 8:7; 19:12; Tg 4:7), como os kardecistas o fazem. Isso prova que não obstante os kardecistas julgarem irracional a crença na existência do Diabo, este existe mesmo e é irrecuperável (Ap 20: 2, 7, 8, 10). Concordo que a existência do Diabo como uma pessoa real, é um mistério que transcende as fronteiras do raciocínio humano; mas paralelamente, não ousemos negá-la, porquanto é uma verdade bíblica. É justo negarmos uma doutrina bíblica só porque Allan Kardec e seus demônios dela discordavam? Se Kardec podia recorrer à Bíblia para “provar” que Jesus era reencarnacionista, por que não podemos fazer o mesmo para provar que o Diabo e os demônios existem?

Em sua conclusão deste subitem, o pastor não identifica o atendimento dos espíritos sofredores, diante dos processos de desobsessão que o Cristo submeteu em suas curas de possessos (Mc 5,1-13; At 16,16-18; 8,7; 19,12; Tg 4,7) e em diversas outras referências. Em nosso entendimento, a vinda do Consolador trouxe mais este novo conhecimento, acerca dos processos obsessivos e a sua profilaxia, onde certamente Jesus não poderia ter desenvolvido em sua época, uma vez que os apóstolos e os judeus do primeiro século não estavam preparados para receber este conceito, dentre muitos outros fundamentados na codificação de Kardec.

Por fim, o pastor tenta afirmar na existência do diabo, fato este que já o refutamos no capítulo propício e não voltaremos a este tema, uma vez que julgamos desnecessário argumentar que as referências de (Is 14,12; Ez 28) se referem a queda do rei da Babilônia e da queda do rei de Tiro. Tentar buscar nestes textos a referência dos anjos caídos e atribuir

um conceito que não lhe pertence, atropelar a hermenêutica e rasgar a boa exegese é uma enorme incoerência. Dessa forma, se ele acredita na existência dos demônios, é uma crença livre, sem embasamento nas Escrituras. Outrossim, como o subtópico trata da mediunidade que abona a comunicação com os mortos, testificamos o que Kardec asseverou do silêncio do Cristo e o próprio Mestre diferenciou as comunicações sérias, quando entabulou contato com os espíritos de Elias e Moisés no monte Tabor (Mt 17,1-13; Lc 9,28-36), completamente diferentes da necromancia. Passemos, porquanto, ao próximo subitem.

10.9. Uma Profecia Kardequiana

Neste subtópico o pastor tentará estabelecer o não cumprimento de uma predição espírita, quanto à geração nova e o período de regeneração da humanidade terrestre. Neste intento, citará duas obras da codificação, ao qual examinaremos no detalhe. Vejamos o que diz o pastor:

Segundo Allan Kardec, uma pessoa boa é aquela cujo espírito é bom; e uma pessoa ruim, é aquela cujo espírito é maldoso. Quando um espírito bom reencarna, dá-se no seio da Humanidade a aparição de uma pessoa boa e, quando um espírito mau reencarna, não é surpresa se aparece entre os homens mais um perverso. Pois bem, um espírito revelou a Kardec que estava chegando a hora da Terra ser transformada em um lindo paraíso, pois que os espíritos maus não mais iriam encarnar no planeta Terra, e sim, noutros mundos. Daquele dia em diante, cada criança que nascesse neste planeta, seria a encarnação de um espírito adiantado e propenso ao bem. Conseqüentemente, ao passar a geração da qual ele era contemporâneo, surgiria na Terra uma geração justa. Veja a prova, consultando as seguintes obras

de Kardec: **A GÊNESE**, capítulo XVIII, números 6, 20 e 27; e **Obras Póstumas**, sob o tópico “Regeneração da Humanidade”, páginas 244-249). Acontece, porém, que a referida geração já passou há muito, e os espíritos adiantados propensos ao bem ainda não chegaram.

Ao definir o grau de bondade e maldade, inseridos nos indivíduos que compõe a humanidade encarnada, o pastor nos apresenta uma revelação que a partir daquele momento só nasceria espíritos bons e que na geração de Kardec já operaria uma mudança da sociedade e se transformar em um lindo paraíso. Confessamos que buscamos na codificação acerca deste lindo paraíso e não a encontramos, onde percebemos é mais um fruto da imaginação do pastor e levar seus leitores ao erro e destilar mais uma de suas incoerências. Entretanto, ele deu pistas de onde retirou este conceito na obra **A Gênese**, capítulo XVIII que trata do tema *São chegados os tempos*, mais especificamente nos itens 6, 20 e 27 ao qual vamos conferir para saber se o que pastor está dizendo, está de acordo com a Codificação. Vejamos:

6. Nestes tempos, porém, não se trata de uma mudança parcial, de uma renovação limitada a certa região, ou a um povo, a uma raça. Trata-se de um movimento universal, a operar-se no sentido do *progresso moral*. Uma nova ordem de coisas tende a estabelecer-se, e os homens, que mais opostos lhe são, para ela trabalham a seu mau grado. **A geração futura, desembaraçada das escórias do velho mundo e formada de elementos mais depurados, se achará possuída de ideias e de sentimentos muito diversos dos da geração presente, que se vai a passo de gigante.** O velho mundo estará morto e apenas viverá na História, como o estão hoje os tempos da Idade Média, com seus costumes bárbaros e suas crenças supersticiosas.

Aliás, todos sabem quanto ainda deixa a desejar a atual ordem de coisas. Depois de se haver, de certo modo, considerado todo o bem-estar material, produto da inteligência, logra-se compreender que o complemento desse bem-estar somente pode achar-se no desenvolvimento moral.

Quanto mais se avança, tanto mais se sente o que falta, sem que, entretanto, se possa ainda definir claramente o que seja: é isso efeito do trabalho íntimo que se opera em prol da regeneração. Surgem desejos, aspirações, que são como que o pressentimento de um estado melhor. (KARDEC. A. 2019a, p. 357-358) (grifo nosso)

A primeira reflexão neste item 6, já não encontramos a referência de que a geração presente de Kardec já experimentaria uma mudança, acerca do nascimento de espíritos mais adiantados a dar andamento no processo de regeneração da humanidade, ao passo que o que Kardec coloca, é justamente que a geração futura daria início a este processo de transição planetária, não delimitando um período de tempo, a substituir a geração presente, a que Kardec estava inserido. Primeira incoerência do pastor registrada. Vamos ao próximo item 20. Vejamos:

20. Semelhante estado de coisas pressupõe uma mudança radical no sentimento das massas, um progresso geral que não se podia realizar senão fora do círculo das ideias acanhadas e corriqueiras que fomentam o egoísmo. Em diversas épocas, homens de escol procuraram impelir a humanidade por esse caminho; mas, ainda muito jovem, ela se conservou surda e os ensinamentos que eles ministraram foram como a boa semente caída no pedregulho.

Hoje, a humanidade está madura para lançar o olhar a alturas que nunca tentou divisar, a fim de nutrir-se de ideias mais amplas e compreender o que antes não compreendia.

A geração que desaparece levará consigo seus erros e prejuízos; a geração que surge, retemperada em fonte mais pura, imbuída de ideias mais sãs, imprimirá ao mundo ascensional movimento, no sentido do progresso moral que assinalará a nova fase da evolução humana. (KARDEC. A. 2019a, p. 366-367) (grifo nosso)

Mais uma citação por nós destacada, evidenciando que na mesma temática do item 6, citado anteriormente, prefigurava a geração de Kardec que desaparecia, ante a nova geração do porvir, que viria a trazer novos espíritos mais adiantados, a mover o progresso moral da humanidade, no porvir de transformação do orbe terrestre em um planeta de regeneração, tal qual previu o Mestre (Mt 19,28). Segunda incoerência do pastor evidenciada. Vamos agora ao item 27 por ele citado. Vejamos:

A geração nova

27. Para que na Terra sejam felizes os homens, preciso é que somente a povoem Espíritos bons, encarnados e desencarnados, que somente ao bem se dediquem. Havendo chegado o tempo, grande emigração se verifica dos que a habitam: a dos que praticam o mal pelo mal, *ainda não tocados pelo sentimento do bem*, os quais, já não sendo dignos do planeta transformado, serão excluídos, porque, senão, lhe ocasionariam de novo perturbação e confusão e constituiriam obstáculo ao progresso. Irão expiar o endurecimento de seus corações, uns em mundos inferiores, outros em raças terrestres ainda atrasadas, equivalentes a mundos daquela ordem, aos quais levarão os conhecimentos que hajam adquirido, tendo por missão fazê-las avançar. Substituí-los-ão Espíritos melhores, que farão reinem em seu seio a justiça, a paz e a fraternidade.

A Terra, no dizer dos Espíritos, não terá de transformar-se por meio de um cataclismo que aniquile de súbito uma geração. **A**

atual desaparecerá gradualmente e a nova lhe sucederá do mesmo modo, sem que haja mudança alguma na ordem natural das coisas.

Tudo, pois, se processará exteriormente, como sói acontecer, com a única, mas capital diferença de que uma parte dos Espíritos que encarnavam na Terra aí não mais tornarão a encarnar. Em cada criança que nascer, em vez de um Espírito atrasado e inclinado ao mal, que antes nela encarnaria, virá um Espírito mais adiantado e *propenso ao bem*.

Muito menos, pois, se trata de uma nova geração corpórea, do que de uma nova geração de Espíritos. Sem dúvida, neste sentido é que Jesus entendia as coisas, quando declarava: “Digo-vos, em verdade, que esta geração não passará sem que estes fatos tenham ocorrido.” Assim, decepcionados ficarão os que contem ver a transformação operar-se por efeitos sobrenaturais e maravilhosos.¹⁹²

¹⁹² N.E.: Ver *Nota Explicativa*, p. 375.

(KARDEC. A. 2019a, p. 369) (grifo nosso)

Como podemos observar, na última citação desta obra, a geração de Kardec desapareceria, sendo gradualmente substituídos pela geração nova de espíritos responsáveis a propiciarem o progresso moral da humanidade e em nenhuma das citações desta obra, mencionadas pelo pastor, dizem respeito à geração de Kardec, senão a uma geração futura. Terceira incoerência do pastor registrada. Vamos agora para **Obras Póstumas** e verificar a última referência do pastor de uma mensagem recebida a 25/04/1866, com o título de *Regeneração da Humanidade*. Vejamos apenas um trecho que explana a geração futura, cabendo-nos suprimir o restante da comunicação por ser muito extensa, já que não temos como reproduzir na íntegra.

O que se prepara não é, pois, o fim do mundo material, mas o fim do mundo moral. É o velho mundo, o mundo dos preconceitos, do orgulho, do egoísmo e do fanatismo que se esboroa. Cada dia leva consigo alguns destroços. **Tudo dele acabará com a geração que se vai e a geração nova erguerá o novo edifício, que as gerações seguintes consolidarão e completarão.**

De mundo de expiação, a Terra se mudará um dia em mundo ditoso e habitá-lo será uma recompensa, em vez de ser uma punição. O reinado do bem sucederá ao reinado do mal.

Para que na Terra sejam felizes os homens, preciso se faz que somente a povoem Espíritos bons, encarnados e desencarnados, que unicamente ao bem aspirem. Como já chegou esse tempo, uma grande emigração neste momento se opera entre os que a habitam. Os que praticam o mal pelo mal, *alheios* ao sentimento do bem, dela se verão excluídos, porque lhe acarretariam novamente perturbações e confusões que constituiriam obstáculo ao progresso. Irão expiar o seu endurecimento em mundos inferiores, aos quais levarão os conhecimentos que adquiriram, tendo por missão fazê-los adiantar-se. Substituí-los-ão na Terra Espíritos melhores que farão reinem entre si a justiça, a paz, a fraternidade.

A Terra, dissemo-lo, não será transformada por um cataclismo que aniquile de súbito uma geração. **A atual desaparecerá gradualmente e a nova lhe sucederá do mesmo modo, sem que haja mudança na ordem natural das coisas.** Tudo, pois, exteriormente, se passará como de costume, com uma única diferença, embora capital: a de que uma parte dos Espíritos que nela encarnam não mais encarnarão. Em cada criança que nasça, em lugar de um Espírito atrasado e propenso ao mal, encarnará um Espírito mais adiantado e propenso ao bem. Trata-se, portanto, muito menos de uma nova geração corporal do que de uma nova geração de Espíritos.

Assim, desapontados ficarão os que contem que a transformação resulte de efeitos sobrenaturais e maravilhosos.

A época atual é a da transição; os elementos das duas gerações se confundem. Colocados no ponto intermédio,

assistis à partida de uma e à chegada da outra, e cada uma já se assinala no mundo pelos caracteres que lhe são próprios. (KARDEC. A. 2019b, p. 273) (grifo nosso)

Recomendamos aos leitores lerem na íntegra esta mensagem e testificarem se estamos sendo condizentes com seu teor, uma vez que destacamos que a geração de Kardec desapareceria como o mundo velho, dando lugar a uma nova geração de espíritos que ditaria a marcha do progresso da humanidade, prefigurando o cumprimento do Evangelho (Mt 19,28), onde mais uma vez é destacado que a geração de Kardec é uma geração de transição, assim como a nossa ainda se lhe atribui este conceito. Como podemos registrar, esta é a última incoerência do pastor, ao qual fizemos questão de comparar o que ele disse, com o que realmente estava escrito por Kardec na obra *A Gênese*, bem como abalizar a mensagem recebida em *Obras Póstumas* de um espírito. Que os leitores façam juízo de valor e possam concluir que o esforço do pastor em dizer que houve uma profecia de Kardec, em seu tempo, que não se cumpriu e o que constatamos, é que em geração futura seria dado o processo de transição planetária, corroborando uma inverdade dita pelo pastor. Vamos agora conhecer o parecer do pastor, ante esta análise. Vejamos:

Isto, à luz de Dt 18:20-22 é mais que suficiente para provar que Allan Kardec e os espíritos que consigo se comunicavam, não falavam da parte de Deus (Jr 1:12; Nm 23:19; 1Pe 1:25; Ap 21:5, etc.). Os Kardecistas certamente se defendem dizendo que os espíritos não são Deus, mas criaturas finitas e falíveis. Todo mundo erra. Mas aí pergunto: Por que não encontramos na Bíblia nenhuma profecia falível? A resposta a

esta pergunta é que a Bíblia é a Palavra de Deus, e os escritos de Allan Kardec, a palavra do Diabo, dos demônios, do próprio Kardec e de outros necromantes.

Falível é o argumento do pastor que esboroou mais uma vez no muro da Codificação e caiu por terra uma inverdade que ele disse e não se comprovou nas referências por ele mesmo dadas das obras de Kardec, já que seu objetivo é ridicularizar os espíritos de escol que ditaram o ritmo de organização do corpo doutrinário de Kardec e ainda nos condenar como servos do diabo, sendo esta a sua cartilha fundamentalista. Portanto, sua recomendação de que todo mundo erra, esperamos uma retratação dele ante nossa análise e que seu mal exemplo não gere frutos, tal qual seu livro publicado no CACP tem um único objetivo, que é detratar o Espiritismo. A missão do GAE é apontar estas inverdades e trazer a lume a verdade que está cada vez mais distante dos argumentos do pastor. Vamos a sua conclusão. Vejamos:

Da Bíblia disse Jesus: "... em verdade vos digo que até que o céu e a terra passem, nem um jota nem um til se omitirá da lei, sem que tudo seja cumprido" (Mt 5:18). Podemos dizer o mesmo dos escritos de Allan Kardec? É oportuno lembrar o que eu disse no capítulo II, isto é, que Allan Kardec alegou que o Antigo Testamento é a primeira revelação de Deus; o Novo Testamento, a segunda; e o Espiritismo codificado por ele, a terceira. Esta teria sido prevista por Jesus em Jo. 16:12-13; bem como pelo autor dos Atos dos Apóstolos. Relembro ainda que eu afirmei no capítulo II que o Kardecismo prega a hipótese de que conforme a humanidade evolui moral e intelectualmente, vai, por conseguinte, se habilitando a maiores revelações da parte de Deus. Logo, a segunda revelação é mais panorâmica do que a primeira, assim como a terceira é mais ampla e perfeita do que a

segunda. Ora, se das profecias constantes da alegada “primeira revelação” (o Antigo Testamento), Jesus diz que se cumprirão à risca (Mt.5:18), o que não deveríamos esperar das predições da terceira revelação, já que esta está dois degraus acima daquela? Mas não é o que estamos vendo. Por que isso? pergunto aos kardecistas.

Como é sabido, esta predição dada pelos espíritos à Kardec, quanto a geração nova que está ditando os rumos do planeta de regeneração, ao qual nos encontramos no processo de transição, corroboramos a tese que levantamos de Kardec e confirmamos o que fora dito pelos espíritos, que previram a ruína do mundo velho, fazendo nascer um novo mundo, ao qual vamos apresentar ao pastor e demais leitores outra predição dos espíritos na fonte completamente desconhecida do pastor que é a **Revista Espírita 1868** que traz a mensagem *Os Messias do Espiritismo*. Vejamos:

Instruções dos Espíritos

Os messias do Espiritismo

[...]

2) Está incontestavelmente constatado que a vossa é uma época de transição e de fermentação geral; mas ainda não chegou àquele grau de maturidade que marca a vida das nações. **É ao século vinte que está reservado o remanejamento da Humanidade**; todas as coisas que vão realizar-se daqui até lá não passam de preliminares da grande renovação. O homem chamado a consumá-la ainda não está maduro para realizar sua missão; mas já nasceu: sua estrela apareceu na França marcada por uma auréola, e vos foi mostrada há pouco tempo na África. Sua rota está previamente marcada.

A corrupção dos costumes, as desgraças que serão a consequência do desencadeamento das paixões, o declínio

da fé religiosa serão os sinais precursores de seu advento. A corrupção no seio das religiões é o sintoma de sua decadência, como é o da decadência dos povos e dos regimes políticos, porque ela é o indício de uma falta de fé verdadeira; os homens corrompidos arrastam a Humanidade para um despenhadeiro funesto, de onde ela não pode sair senão por uma crise violenta. **Dá-se o mesmo com as religiões que substituem o culto da Divindade pelo culto do dinheiro e das honras, e que se mostram mais ávidas dos bens materiais da Terra do que dos bens espirituais do Céu.**

Fénelon

Constantina, dezembro de 1861

(KARDEC. A, 2004k. p. 71-72) (grifo nosso)

Esta é a segunda mensagem deste gênero que se encontra num grupo de quatro mensagens deste teor na obra *Revista Espírita 1868* que nos parece é de completo desconhecimento desta obra por parte do pastor. Fizemos questão de citá-la, devido ao fato de vermos verdadeiros expoentes do Espiritismo no século XX a saber: Léon Denis, Francisco Cândido Xavier, Divaldo Pereira Franco, dentre outros que foram e ainda são verdadeiros líderes do Espiritismo no século passado e que os espíritos acertaram em cheio esta previsão, bem como a da geração nova que estamos presenciando nesta transição planetária com crianças realmente acima da média. Parece-nos que a verdade não está nos argumentos do pastor. Portanto, passemos ao subtópico seguinte. Vejamos:

10.10. Por que Moisés Proibiu a Mediunidade?

Como podemos observar, pelo título sugestivo do

pastor: *Por que Moisés proibiu a Mediunidade?*
Compreendemos que ele não entendeu direito o conceito de mediunidade, pois esta faculdade é inerente ao ser humano, ou seja, é uma disposição orgânica que se manifesta de diversas formas, tal como a psicofonia, psicografia, audiência, vidência, pneumatofonia, pneumatografia, etc entre os dois planos, entre o material e espiritual. Parece-nos que o pastor não estudou a codificação a contento e não percebeu que não há como Deus proibir, através de Moisés, uma disposição orgânica. Entretanto, vamos conhecer os argumentos do pastor e suas referências. Vejamos:

Quem lê a Bíblia sabe que Moisés tachou a mediunidade de abominação (isto é, nojeira). Disse ele: “Entre ti se **não achará quem... consulte os mortos...**, pois todo aquele que faz tal coisa é **abominação** ao Senhor... O Senhor, teu Deus, te despertará **um profeta** do meio de ti, de teus irmãos, como eu; **a ele ouvireis**” (Dt. 18: 10-12,15. Grifo meu). Neste texto, Moisés não só proíbe a consulta aos mortos, mas também notifica que ao invés da prática mediúnica, os seus patrícios deviam se limitar a ouvir o profeta que estava por vir, isto é, Jesus (At.3:22-23; 7:37). Então Moisés (o instrumento que Deus usou para o estabelecimento do Antigo Testamento), além de predizer o nascimento de Jesus e, conseqüentemente, o advento do Novo Testamento, deixa subentendido que a proibição à mediunidade não era um só um **cerimonial**, fadado a expirar na cruz, como os sacrifícios de animais e outros preceitos veterotestamentários; antes tratava-se de um mandamento **moral** que, por isto mesmo, seria também observado pelo povo de Deus do Novo Testamento. Mas, segundo Kardec, o porquê das proibições mosaicas à prática da mediunidade, reside no fato de que a consulta aos mortos não estava sendo efetuada com o devido respeito aos mortos; antes era objeto de charlatanismo. Ora, se fosse este o motivo, certamente Deus tão-somente “regulamentaria o assunto para evitar abusos”, como bem

Como já desconfiávamos, o pastor traria novamente o texto de Dt 18,10-12. 15), mas ele esquece de ir até o verso 18 que esclarece que tipo de profeta viria a substituir Moisés e que recorreremos ao ebook ***Será que os Profetas previram a vinda de Jesus?*** Do confrade Paulo Neto que nos esclarece.

13) Será um profeta

Deuterônimo: 18,15-18: *“Javé seu Deus fará surgir, dentre seus irmãos, um profeta como eu em seu meio, e vocês o ouvirão. Foi o que você pediu a Javé seu Deus, no Horeb, no dia da assembleia: 'Não quero continuar ouvindo a voz de Javé meu Deus, nem quero ver mais este fogo terrível, para não morrer'. Javé medisse: 'Eles têm razão. Do meio dos irmãos deles, eu farei surgir para eles um profeta como você. Vou colocar minhas palavras em sua boca, e ele dirá para eles tudo o que eu lhe mandar.’”*

Apesar de só mencionar o versículo 18, achamos por bem transcrever a partir do versículo 15, para que se possa entender melhor esse passo. Considerando que Deus já havia previsto a morte de Moisés, Ele já deixa o povo alertado que fará surgir“ dentre seus irmãos” um profeta como Moisés para o substituir; portanto, não se trata de profecia alguma.

As referências são Mateus 21,11, Lucas 7,16, João 4,19; 6,47 e 7,40, onde se observa que o povo tinha Jesus como um profeta. Ora, se o viam assim, como então o consideram como o próprio Deus em encarnado? (SOBRINHO. P. S. N. 2018, p. 231)

Como podemos observar no contexto (Dt 18,15-18) ignorado pelo pastor, um profeta semelhante a Moisés, que o substituirá, é um dos irmãos deles, presentes àquela geração

posterior e não um hiato histórico de séculos para se cumprir em Jesus. Constatamos que o pastor ignora o contexto e atropela mais uma vez a hermenêutica, o contexto e a boa exegese. Entretanto, o objetivo dele é apenas ridicularizar a mediunidade que ele desconhece por completo seu mecanismo de manifestação, sua origem completamente orgânica e natural que não teria lógica alguma se proibir uma disposição orgânica. A proibição de Moisés é justamente acerca da leviandade que outros povos faziam na consulta aos mortos e recomendava que os hebreus não a praticassem, tal qual a necromancia que já esclarecemos como se dava este processo em capítulos anteriores. Vamos adiante na conclusão do pastor a este subtópico. Vejamos:

O prezado leitor já sabe que este autor procura documentar todas as denúncias aqui efetuadas. E, desta vez não será diferente. Veja, pois, a transcrição abaixo.

“Foi esse tráfico, degenerado em abuso, explorado pelo **charlatanismo**, pela ignorância, pela credulidade e pela superstição **que motivou a proibição** de Moisés. O moderno Espiritismo, compreendendo o lado sério da questão, pelo descrédito a que lançou essa exploração, elevou a mediunidade à categoria de missão. A mediunidade é coisa santa, que deve ser praticada santamente, religiosamente”... **(O Evangelho Segundo o Espiritismo**, capítulo 26, números 9 e 10, página 367, 112ª edição Federação Espírita Brasileira. Grifo meu).

Como já bem argumentamos, o codificador já recebendo críticas a seu tempo no que diz respeito às comunicações dos espíritos, realizada pela Igreja, defendia as comunicações sérias, diferindo-as das comunicações frívolas

que acertadamente Moisés as proibiu ao povo hebreu na conquista da terra prometida. Ainda recomendamos o não uso das faculdades mediúnicas para consultas frívolas aos espíritos. Dessa forma, vamos ao contexto de Kardec na obra ***O Evangelho Segundo o Espiritismo***, citado pelo pastor no capítulo XXVI que trata do tema: *Dai gratuitamente o que gratuitamente recebestes*, item 9 e 10 a tratarem da *Mediunidade gratuita*. Vejamos:

9. A par da questão moral, apresenta-se uma consideração efetiva não menos importante, que entende com a natureza mesma da faculdade. A mediunidade séria não pode ser e não o será nunca uma profissão, não só porque se desacreditaria moralmente, identificada para logo com a dos ledores da boa sorte, como também porque um obstáculo a isso se opõe. É que se trata de uma faculdade essencialmente móvel, fugidia e mutável, com cuja perenidade, pois, ninguém pode contar. Constituiria, portanto, para o explorador, uma fonte absolutamente incerta de receitas, de natureza a poder faltar-lhe no momento exato em que mais necessária lhe fosse. Coisa diversa é o talento adquirido pelo estudo, pelo trabalho e que, por essa razão mesma, representa uma propriedade da qual naturalmente lícito é, ao seu possuidor, tirar partido. A mediunidade, porém, não é uma arte, nem um talento, pelo que não pode tornar-se uma profissão. Ela não existe sem o concurso dos Espíritos; faltando estes, já não há mediunidade. Pode subsistir a aptidão, mas o seu exercício se anula. Daí vem não haver no mundo um único médium capaz de garantir a obtenção de qualquer fenômeno espírita em dado instante. Explorar alguém a mediunidade é, conseqüentemente, dispor de uma coisa da qual não é realmente dono. Afirmar o contrário é enganar a quem paga. Há mais: não é de *si próprio* que o explorador dispõe; é do concurso dos Espíritos, das almas dos mortos, que ele põe a preço de moeda. Essa ideia causa instintiva repugnância. **Foi esse tráfico, degenerado em abuso, explorado pelo charlatanismo, pela ignorância,**

pela credulidade e pela superstição que motivou a proibição de Moisés. O moderno Espiritismo, compreendendo o lado sério da questão, pelo descrédito a que lançou essa exploração, elevou a mediunidade à categoria de missão. (Veja-se: *O livro dos médiuns*, 2ª Parte, cap. XXVIII. *O céu e o inferno*, 1a Parte, cap. XI.)

10. A mediunidade é coisa santa, que deve ser praticada santamente, religiosamente. Se há um gênero de mediunidade que requeira essa condição de modo ainda mais absoluto é a mediunidade curadora. O médico dá o fruto de seus estudos, feitos, muita vez, à custa de sacrifícios penosos. O magnetizador dá o seu próprio fluido, por vezes até a sua saúde. Podem pôr-lhes preço. O médium curador transmite o fluido salutar dos bons Espíritos; não tem o direito de vendê-lo. Jesus e os apóstolos, ainda que pobres, nada cobravam pelas curas que operavam.

Procure, pois, aquele que carece do que viver, recursos em qualquer parte, menos na mediunidade; não lhe consagre, se assim for preciso, senão o tempo de que materialmente possa dispor. Os Espíritos lhe levarão em conta o devotamento e os sacrifícios, ao passo que se afastam dos que esperam fazer deles uma escada por onde subam. (KARDEC. A. 2019d, p. 308-309) (grifo nosso)

Citando o contexto ao fragmento evidenciado pelo pastor, que destacamos, percebemos que o teor deste capítulo do *Evangelho Segundo o Espiritismo* é justamente a oposição de Kardec quando ao uso inescrupuloso da mediunidade como mercadoria, diante de muitos que assim o praticam. O codificador recomenda o uso sério no concurso das curas aos enfermos, de seus males morais e físicos, assim como Jesus e seus apóstolos operavam no período testamentário. Como exemplo, tomaremos a vida de Francisco Cândido Xavier (1910-2002) que utilizou sua mediunidade em prol dos mais necessitados, onde não usufruiu dos direitos autorais das mais

de 400 obras que publicou, relegando as mais de 25 milhões de cópias vendidas às instituições de caridade. Este é o conceito de Kardec do uso correto da mediunidade, levando a exemplo do Chico Xavier a ser seguido. Portanto, mais uma “denúncia” do pastor que cai por terra. Passemos agora ao subtópico seguinte.

10.11. Sofre ou Não Sofre?

Neste sugestivo subtópico, mas uma vez o pastor faz um recorte de duas frases em duas obras da codificação, a fim de extrair delas uma contradição, ao qual recorreremos ao contexto, em que elas foram ditas, para averiguarmos se mais uma vez se trata de uma contradição aparente, ou se o pastor se valeu da leviandade para levar seus leitores ao erro mais uma vez, mediante suas incoerências, credences fundamentalistas e má-fé. Vejamos o que ele diz:

Fiz constar do capítulo V deste livro que o kardecismo nega a existência do tormento eterno para os perdidos. Naquele mesmo capítulo observei que isso é discrepante, considerando que, uma vez que o Cristianismo prega o tormento eterno, não podemos (coerentemente) reconhecer como cristão quem rejeita esta doutrina. Porém, como se essa barafunda não bastasse, o Kardecismo se revela dúbio quanto a se existe ou não sofrimento após a morte. Em o livro **A Gênese**, 37ª edição, capítulo XV, número 65, página 353, podemos ler: ...“o Espírito, sem corpo material, não pode experimentar os sofrimentos”... Mas, em **O Céu e o Inferno**, 44ª edição, 2ª parte, capítulo IV, número 3, página 286, consta que um espírito se manifestou e disse: ... “Eu urro de dor”... Afinal de contas, há ou não há sofrimentos para os espíritos que se encontram no estado que os espíritas chamam de erraticidade, ou seja, entre a morte e a reencarnação?

O primeiro recorte do pastor se encontra na obra **A Gênese**, capítulo XV que trata do tema *Os milagres do Evangelho* em que no item 65 Kardec combate a ideia de que Jesus tivera sido um agêner. Vamos ao contexto:

65. A estada de Jesus na Terra apresenta dois períodos: o que precedeu e o que se seguiu à sua morte. No primeiro, desde o momento da concepção até o nascimento, tudo se passa, pelo que respeita à sua mãe, como nas condições ordinárias da vida.^{180, 181} Desde o seu nascimento até a sua morte, tudo, em seus atos, na sua linguagem e nas diversas circunstâncias da sua vida, revela os caracteres inequívocos da corporeidade. São acidentais os fenômenos de ordem psíquica que nele se produzem e nada têm de anômalos, pois que se explicam pelas propriedades do perispírito e se dão, em graus diferentes, noutros indivíduos. Depois de sua morte, ao contrário, tudo nele revela o ser fluídico. É tão marcada a diferença entre os dois estados, que não podem ser assimilados.

O corpo carnal tem as propriedades inerentes à matéria propriamente dita, propriedades que diferem essencialmente das dos fluidos etéreos; naquela, a desorganização se opera pela ruptura da coesão molecular. Ao penetrar no corpo material, um instrumento cortante lhe divide os tecidos; se os órgãos essenciais à vida são atacados, cessa-lhes o funcionamento e sobrevém a morte, isto é, a do corpo. Não existindo nos corpos fluídicos essa coesão, a vida aí já não repousa no jogo de órgãos especiais e não se podem produzir desordens análogas àquelas. Um instrumento cortante ou outro qualquer penetra num corpo fluídico como se penetrasse numa massa de vapor, sem lhe ocasionar qualquer lesão. Tal a razão por que *não podem morrer* os corpos dessa espécie e por que os seres fluídicos, designados pelo nome de *agêneres*, não podem ser mortos.

Após o suplício de Jesus, seu corpo se conservou inerte e sem vida; foi sepultado como o são de ordinário os corpos e todos o puderam ver e tocar. Após a sua ressurreição, quando quis deixar a Terra, não morreu de novo; seu corpo

se elevou, desvaneceu e desapareceu, sem deixar qualquer vestígio, prova evidente de que aquele corpo era de natureza diversa da do que pereceu na cruz; donde forçoso é concluir que, se foi possível que Jesus morresse, é que carnal era o seu corpo.

Por virtude das suas propriedades materiais, o corpo carnal é a sede das sensações e das dores físicas, que repercutem no centro sensitivo ou Espírito. Quem sofre não é o corpo, é o Espírito recebendo o contragolpe das lesões ou alterações dos tecidos orgânicos. Num corpo sem Espírito, absolutamente nula é a sensação. Pela mesma razão, **o Espírito, sem corpo material, não pode experimentar os sofrimentos**, visto que estes resultam da alteração da matéria, donde também forçoso é se conclua que, se Jesus sofreu materialmente, do que não se pode duvidar, é que Ele tinha um corpo material de natureza semelhante ao de toda gente.

¹⁸⁰ Nota de Allan Kardec: Não falamos do mistério da encarnação, com o qual não temos que nos ocupar aqui e que será examinado ulteriormente.

¹⁸¹ N.E.: Kardec, em vida, não pôde cumprir esta promessa, visto que, no ano seguinte, ao dar publicação a esta obra, foi chamado à pátria espiritual.

(KARDEC. A. 2019a, p. 311-312) (grifo nosso)

Como podemos constatar a má-fé do pastor, em recortar apenas o trecho **“o Espírito, sem corpo material, não pode experimentar os sofrimentos”** é justamente a justificativa de Kardec, após citarmos o contexto ao qual ele disse que Jesus sem o corpo material, não poderia ter sentido qualquer sofrimento físico imputado a ele em seu martírio, sem que tivesse um corpo material, pois o seu padecimento teria sido completamente teatral e o que o codificador pontua, é que se Jesus realmente sofreu fisicamente e que ele realmente

tivera um corpo material.

Contudo, após desmistificar essa leviandade do pastor, vamos agora o outro contexto citado por ele na obra **O Céu e o Inferno**, segunda parte, capítulo IV que trata do tema *Espíritos Sofredores*, onde relatam mensagens do estado dos espíritos na erraticidade, sendo a citação do pastor, tratar-se um relato do espírito Claire, recebido na Sociedade de Paris de 1861, mais especificamente ao item 3 que é onde se encontra o recorte do pastor, mas citaremos o item 4, posterior que trata uma mensagem do espírito de São Luís que irá nos esclarecer quanto ao relato do espírito de Claire. Vejamos:

3. Por que me esqueces, até aqui venho procurar-te. Acreditas que preces isoladas e a simples pronúncia do meu nome bastarão ao apaziguamento das minhas penas? Não, cem vezes não. **Eu urro de dor**, errante, sem repouso, sem asilo, sem esperança, sentindo o aguilhão eterno do castigo a enterrar-se-me na alma revoltada. Quando ouço os vossos lamentos, rio-me, assim como quando vos vejo abatido. As vossas efêmeras misérias, as lágrimas, tormentos que o sono susta, que são? Durmo eu aqui? Quero (ouviste?) Quero que, deixando as tuas lucubrações filosóficas, te ocupes de mim, além de fazeres com que outros mais também se ocupem. Não tenho expressões para definir esse tempo que se escoia, sem que as horas lhe assinalem períodos. Vejo apenas um tênue raio de esperança, foste tu que má deste: não me abandones, pois.

4. (O Espírito São Luís.) — Este quadro é de todo verdadeiro e em nada exagerado. Perguntar-se-á talvez o que fez essa mulher para ser assim tão miserável. Cometeu ela algum crime horrível? Roubou? Assassinou? Não; ela nada fez que afrontasse a justiça dos homens. Ao contrário, divertia-se com o que chamais felicidade terrena; beleza, fortuna, gozos, adulações, tudo lhe sorria, nada lhe faltava, a ponto de dizerem os que a viam: — Que mulher feliz! E invejavam-lhe a

sorte. Mas quereis saber?

Foi egoísta; possuía tudo, exceto um bom coração. Não violou a lei dos homens, mas a de Deus, visto como esqueceu a primeira das virtudes — a caridade. Não tendo amado senão a si mesma, agora não encontra ninguém que a ame e vê-se insulada, abandonada, ao desamparo no Espaço, onde ninguém pensa nela nem dela se ocupa.

Eis o que constitui o seu tormento. Tendo apenas procurado os gozos mundanos que hoje não mais existem, o vácuo se lhe fez em torno, e como vê apenas o nada, este lhe parece eterno. Ela não sofre torturas físicas; não vêm atormentá-la os demônios, o que é aliás desnecessário, uma vez que se atormenta a si mesma, e isso lhe é mais doloroso, porquanto, se tal acontecesse, os demônios seriam seres a ocuparem-se dela. O egoísmo foi a sua alegria na Terra; pois bem, é ainda ele que a persegue — verme a corroer-lhe o coração, seu verdadeiro demônio.

São Luís

(KARDEC. A. 2019c, p. 254-255) (grifo e sublinhado nosso)

Após a citação do contexto da obra *O Céu e o Inferno*, do recorte do pastor **“Eu urro de dor”** e da mensagem do espírito de São Luís, no item posterior em que diz que ***Ela não sofre torturas físicas*** e complementa ***uma vez que se atormenta a si mesma***, enfim, encerra sua mensagem ***verme a corroer-lhe o coração***, percebemos a má-fé do pastor e sua completa incoerência no trato com a codificação. Está aí caro leitor, para que você constate a falta de bom senso do pastor em omitir de você a verdade que ambas as obras tratam de assuntos diferentes e não se contradizem, pois no primeiro caso evidencia o fato de que se Jesus tivesse sido o agênera, não teria sentido os males físicos, já que seu espírito não receberiam as impressões do martírio. No segundo caso, o

espírito sofredor Claire sente males morais na sede de seus sentimentos que é o coração, punindo-se a si mesmo, sem torturas físicas. Após destacarmos mais esta incoerência do pastor, passemos ao subtópico seguinte.

10.12. Acerca do Nascimento Virginal de Jesus

Neste subtópico, o pastor apresentará um mito que é o nascimento virginal de Jesus, através de Maria, devido uma má exegese de uma profecia no Tanah, que refletiu uma má tradução para a Septuaginta e gerou todo esta construção deste dogma, hoje defendido pelo pastor e boa parte dos cristãos mais dogmáticos. Com isso, o pastor buscará uma citação de Kardec na obra *A Gênese*, tal qual que como o codificador estivesse corroborando à tese apolinarista do quarto século. É o que vamos conferir nas linhas abaixo e constatar onde se encontra a verdade. Vejamos sua introdução:

Jesus nasceu ou não nasceu de uma virgem, como o ensina a Bíblia? Um kardecista disse-me que “não, visto ser óbvio que Deus não iria sustar uma lei por Ele mesmo estabelecida. Deus determinou que a reprodução da espécie humana se dê pelo concurso natural de um homem e uma mulher e, portanto, com Jesus não foi diferente; sendo, pois, lenda o que se diz de seu nascimento virginal”.

Outro Kardecista me falou que Kardec não se posicionou sobre esta questão e, portanto, eu não sei. Não tenho opinião formada sobre este assunto, que eu considero irrelevante. O importante é a prática da caridade que o Cristo recomendou”.

Dizer que “biblicamente” Jesus nasceu de uma virgem,

destoa de todo o conceito do Tanah que não previu nenhum nascimento miraculoso do messias e nem mesmo a profecia se refere ao Messias Jesus, mas ao filho de Acáz, segundo a tradição judaica (Is 7,14; 8,8-10). Senão vejamos que a referência (Mt 1,23; 25,1) está no grego o verbete **παρθένος (parthenos)** que significa **virgem**, e que sua referência na Septuaginta, também no grego, está o mesmo termo que traz um significado de **virgem**. Entretanto, quando vamos ao hebraico, encontramos no Tanah עלמה (**almah**) que significa **jovem**. Como podemos observar, o evangelista se baseou no texto da Septuaginta, em grego, que era corrente ao período testamentário em que os Cristãos utilizavam mais este texto grego do que o hebraico, em que não se baseando no texto hebraico, acabou originando toda a celeuma do nascimento virginal de Jesus e que o pastor se agarra a este sentido como sua tábua de salvação, mas que o texto original hebraico não lhe dá o devido suporte. Após apontar esta falha de tradução e hermenêutica do texto, baseando numa boa exegese, vamos agora ao escorregão do pastor, ante suas análises prematuras da codificação. Vejamos:

Realmente, quem já teve a desdita de ler todos os livros espíritas procedentes da maldita pena do senhor Kardec, como é o caso deste autor, sabe que deveras ele não foi categórico sobre este tema, revelando-se ambíguo acerca do mesmo. Contudo, como o diz certo poeta, ele ficou “mais p’ra lá do que p’ra cá”. Falando do corpo de Jesus, ele parece ombrear parcialmente às ideias de Apolinário, herege do 4º século d.C., já que após longo comentário sobre o corpo de Cristo, ele disse: “Jesus, pois, teve, como todo homem, um corpo carnal e um corpo fluídico, o que é atestado pelos fenômenos materiais e pelos fenômenos psíquicos que lhe

assinalaram a existência.” ... “Não é nova essa ideia sobre a natureza do corpo de Jesus. No quarto século, Apolinário, de Laodiceia, chefe da seita dos apolinaristas, pretendia que **Jesus não tomara um corpo como o nosso, mas um corpo impassível, que descera do céu ao seio da santa Virgem e que não nascera dela;** que, assim, Jesus não nascera, não sofrera e não morrera, **senão em aparência**” (A Gênese, 37ª edição, capítulo XV, números 66-67. Grifo meu). É a famosa “ilusão de parto” que, segundo a LBV – Legião da Boa Vontade, teria ocorrido a Maria, mãe de Jesus.

O certo desdém do pastor diante de uma parcela das obras de Kardec que disse que leu, que somam 24 no total, e ele só se valeu de apenas 7 obras, ou seja, apenas 29%. Entendemos que é apenas um principiante nos estudos espíritas, já que citou apenas a conclusão do item 67 do capítulo XV que trata *dos milagres do Evangelho* da obra **A Gênese** e que teremos que citar o item anterior, a saber, o 66 e desatar este nó em que ele julga Kardec estar em consonância com Apolinário e sua tese de que Jesus teve apenas um corpo fluídico. Vejamos a referência, sem cortes.

66. Aos fatos materiais juntam-se fortíssimas considerações morais.

Se as condições de Jesus, durante a sua vida, fossem as dos seres fluídicos, Ele não teria experimentado nem a dor, nem as necessidades do corpo. Supor que assim haja sido é tirar-lhe o mérito da vida de privações e de sofrimentos que escolhera, como exemplo de resignação. Se tudo nele fosse aparente, todos os atos de sua vida, a reiterada predição de sua morte, a cena dolorosa do Jardim das Oliveiras, sua prece a Deus para que lhe afastasse dos lábios o cálice de amarguras, sua paixão, sua agonia, tudo, até o último brado, no momento de entregar o Espírito, não teria passado de vão simulacro, para enganar com relação à sua natureza e fazer

crer num sacrifício ilusório de sua vida, numa comédia indigna de um homem simplesmente honesto, indigna, portanto, e com mais forte razão de um ser tão superior. Numa palavra:

Ele teria abusado da boa-fé dos seus contemporâneos e da posteridade.

Tais as consequências lógicas desse sistema, consequências inadmissíveis, porque o rebaixariam moralmente, em vez de o elevarem.¹⁸²

Jesus, pois, teve, como todo homem, um corpo carnal e um corpo fluídico, o que é atestado pelos fenômenos materiais e pelos fenômenos psíquicos que lhe assinalaram a existência.

67. Não é nova essa ideia sobre a natureza do corpo de Jesus. No quarto século, Apolinário, de Laodiceia, chefe da seita dos *apolinaristas*, pretendia que **Jesus não tomara um corpo como o nosso, mas um corpo *impassível*, que descera do céu ao seio da santa virgem e que não nascera dela; que, assim, Jesus não nascera, não sofrera e não morrerá, senão em *aparência***. Os apolinaristas foram anatematizados no concílio de Alexandria, em 360; no de Roma, em 374; e no de Constantinopla, em 381.

Tinham a mesma crença os *docetas* (do grego *dokéō*, aparecer), seita numerosa dos *Gnósticos*, que subsistiu durante os três primeiros séculos.¹⁸³

¹⁸² N.E.: Diante das comunicações e dos fenômenos surgidos após a partida de Kardec, concluiu-se que não houve realmente vão simulacro, como igualmente não houve simulacro de Jesus, após a sua morte, ao pronunciar as palavras que foram registradas por Lucas, 24:39: — “Sou eu mesmo, apalpai-me e vede, porque um Espírito não tem carne nem osso, como vedes que eu tenho.”

¹⁸³ N.E.: Não somente foram anatematizados os apolinaristas, mas também os reencarnacionistas e os que se põem em comunicação com os mortos.

(KARDEC. A. 2019a, p. 312-313) (grifo e sublinhado nosso)

A parte grafada foi citada pelo pastor e a que sublinhamos é a que ele omite de você caro leitor, levando-o

ao erro em imaginar que Kardec concorda com Apolinário em afirmar que Jesus tivera apenas um corpo fluídico, a explicar os fatos extraordinários que se passaram em sua vida, tal qual como a lenda do nascimento virginal que mais se trata de um erro de tradução do que um fato, tornando-se assim, um mito que com o passar dos séculos, vem perdendo sua credibilidade, tal qual os argumentos do pastor que à medida que avançamos, constatamos que é mais por má-fé que ele cita a codificação do que por conhecimento de causa. Passemos, porquanto ao subitem seguinte.

10.13. Sobre as Ordenanças

Vemos que se repetem as legalidades judaicas dos sacrifícios que estavam se sobrepondo à prática de amor ao próximo na Lei de Moisés que Jesus combateu a seu tempo nos dizendo que **misericórdia quero, não sacrifícios** (Mt 9,13). Entretanto, agora o Cristianismo repete aquilo que ele renovou, pois advogam seus líderes que os espíritas não praticam mais o Batismo e a Santa Ceia. Vamos observar as alegações do pastor.

O Kardecismo é um “cristianismo” tão diferente daquele ensinado por Jesus, que nem mesmo o Batismo e a Santa Ceia do Senhor são observados por essa “religião”. Os kardecistas estão noutra!

Eles estão na Terceira Revelação! Eles entendem o que os apóstolos não entendiam! Logo, nada de Batismo e Ceia do Senhor. Estes cerimoniais são obsoletos!

Como bem salientamos, nós espíritas damos muito mais

importância o estudo, a meditação e prática do sermão da montanha e demais desdobramentos morais do Evangelho a transformar nossa conduta para com o nosso próximo, já que seremos julgados pelos nossos atos e não se ceiamos, ou se fomos batizados, dando mais importância às ordenanças do Cristianismo que revive o farisaísmo. Vejamos a interpretação de Emmanuel quanto ao Batismo, na obra **Fonte Viva**, psicografia de Francisco Cândido Xavier (1910-2002). Vejamos:

Recebeste a luz?

“Recebestes o Espírito Santo quando crestes?” – (Atos, 19:2.)

O católico recolhe o sacramento do batismo e ganha um selo para identificação pessoal na estatística da Igreja a que pertence.

O reformista das letras evangélicas entra no mesmo cerimonial e conquista um número no cadastro religioso do templo a que se filia.

O espiritista incorpora-se a essa ou àquela entidade consagrada à nossa Doutrina Consoladora e participa verbalmente do trabalho renovador.

Todos esses aprendizes da escola cristã se reconfortam e se rejubilam.

Uns partilham o contentamento da mesa eucarística que lhes aviva a esperança no Céu; outros cantam, em conjunto, exaltando a Divina Bondade, aliciando largo material de estímulo na jornada santificante; outros, ainda, se reúnem, ao redor da prece ardente, e recebem mensagens luminosas e reveladoras de emissários celestiais, que lhes consolidam a convicção na imortalidade, além...

Todas essas posições, contudo, são de proveito, consolação e vantagem.

É imperioso reconhecer, porém, que se a semente é auxiliada

pela adubação, pela água e pelo sol, é obrigada a trabalhar, dentro de si mesma, a fim de produzir.

Medita, pois, na sublimidade da indagação apostólica: “Recebeste o Espírito Santo quando creste?”

Vale-te da revelação com que a fé te beneficia e santifica o teu caminho, espalhando o bem.

Tua vida pode converter-se num manancial de bênçãos para os outros e para tua alma, se te aplicares, em verdade, ao Mestre do Amor. Lembra-te de que não és tu quem espera pela Divina Luz. É a Divina Luz, força do Céu ao teu lado, que permanece esperando por ti. (XAVIER. F. C. 2005, p. 182-183)

Após este esclarecimento do orientador espiritual, que não possamos ser apenas estatística entre os cristãos batizados, mas que possamos fazer a diferença em levar alento aos mais necessitados e promovermos a nossa reforma íntima, resgatando em nós o cristianismo além das legalidades. Entretanto, no trato com a Santa Ceia, recorreremos novamente ao orientador espiritual Emmanuel, na obra ***Caminho, Verdade e Vida***, a nos abrilhantar com outra reflexão, novamente psicografado por Francisco Cândido Xavier (1910-2002). Vejamos:

JESUS E OS AMIGOS

“Ninguém tem maior amor do que este: de dar alguém a vida pelos seus amigos.” — Jesus. (JOÃO, capítulo 15, versículo 13.)

Na localização histórica do Cristo, impressiona-nos a realidade de sua imensa afeição pela Humanidade.

Pelos homens, fez tudo o que era possível em renúncia e dedicação.

Seus atos foram celebrados em assembleias de confraternização e de amor. A primeira manifestação de seu apostolado verificou-se na festa jubilosa de um lar. Fez companhia aos publicanos, sentiu sede da perfeita compreensão de seus discípulos. Era amigo fiel dos necessitados que se socorriam de suas virtudes imortais. Através das lições evangélicas, nota-se-lhe o esforço para ser entendido em sua infinita capacidade de amar. A última ceia representa uma paisagem completa de afetividade integral. Lava os pés aos discípulos, ora pela felicidade de cada um...

Entretanto, ao primeiro embate com as forças destruidoras, experimenta o Mestre o supremo abandono. Em vão, seus olhos procuram a multidão dos afeiçoados, beneficiados e seguidores.

Os leprosos e cegos, curados por suas mãos, haviam desaparecido.

Judas entregou-o com um beijo.

Simão, que lhe gozara a convivência doméstica, negou-o três vezes.

João e Tiago dormiram no Horto.

Os demais preferiram estacionar em acordos apressados com as acusações injustas. Mesmo depois da Ressurreição, Tomé exigiu-lhe sinais.

Quando estiveres na "porta estreita", dilatando as conquistas da vida eterna, irás também só. Não aguardes teus amigos. Não te compreenderiam; no entanto, não deixes de amá-los. São crianças. E toda criança teme e exige muito.(XAVIER. F. C. 2002, p. 93)

Muitos líderes dão muito mais importância ao fato de celebrar o ritual da Santa Ceia, do que realmente praticar diariamente o exercício da humildade, da amizade e do verdadeiro amor ao próximo que foram muito mais significativas nesta ocasião, mediante a exemplificação do Mestre, do que o ritual em si, onde bem pontuou o orientador

espiritual. Passemos, porquanto, ao item seguinte.

10.14. Acerca da Criação dos Espíritos

Neste subtópico encontramos uma visão que se repete no seio dogmático é que a respeito da densidade demográfica e a projeção populacional refletir uma progressão geométrica, recorrendo a matemática. Com isso, o pastor vai buscar a obra *O Livro dos Espíritos* e argumentar à favor da unicidade da vida terrena, onde iremos respondê-lo, a fim de que possamos esclarecer aos prezados leitores. Vejamos:

O Kardecismo ensina que Deus cria espíritos permanentemente. Perguntou Kardec: “A criação dos Espíritos é permanente, ou só se deu na origem dos tempos?” Eis a resposta: “É permanente. Quer dizer: Deus jamais deixou de criar” (**O Livro dos Espíritos**, 76ª edição, 2ª parte, capítulo I, número 80, página 81). Muitos de meus consulentes sobre Heresiologia já me perguntaram sobre que dizem os reencarnacionistas quanto à provisão de espíritos para atender à demanda da explosão demográfica, ou seja, o aumento mundial da população do mundo. Isto me prova que há muitos curiosos querendo saber o que os espíritas têm a dizer sobre isto. Daí a importância deste tópico.

Esta pergunta 80 se encontra na segunda parte, no capítulo I que trata do tema *Dos Espíritos*, contida na obra **O Livro dos Espíritos**. Em específico sobre este tema, recomendamos ler e meditar nas perguntas 76 a 83 que tratam do subtema *Origem e Natureza dos Espíritos* que certamente dirimirá as dúvidas apontadas pelo pastor aos seus consulentes. Para complementar nossa resposta, teremos que retroceder à pergunta 55 e 56, na mesma obra, contida na

primeira parte, no capítulo III a tratar do tema *Da Criação*.
Vejam os:

Pluralidade dos mundos

55. *São habitados todos os globos que se movem no Espaço?*

“Sim e o homem terreno está longe de ser, como supõe, o primeiro em inteligência, em bondade e em perfeição. Entretanto, há homens que se tem por espíritos muito fortes e que imaginam pertencer a este pequenino globo o privilégio de conter seres racionais. Orgulho e vaidade! Julgam que so para eles criou Deus o Universo.”

Deus povoou de seres vivos os mundos, concorrendo todos esses seres para o objetivo final da Providência. Acreditar que só os haja no Planeta que habitamos fora duvidar da sabedoria de Deus, que não fez coisa alguma inútil. Certo, a esses mundos ha de ele ter dado uma destinação mais séria do que a de nos recrearem a vista. Aliás, nada há, nem na posição, nem no volume, nem na constituição física da Terra, que possa induzir a suposição de que ela goze do privilégio de ser habitada, com exclusão de tantos milhares de milhões de mundos semelhantes.

56. *É a mesma a constituição física dos diferentes globos?*

“Não; de modo algum se assemelham.” (KARDEC. A. 2019e. p. 71-72)

Como pudemos constatar, é preciso dilatar o nível de compreensão da criação dos espíritos ser constante no universo, bem como na pluralidade de mundos habitados que têm a capacidade de abrigar grande número de criaturas encarnadas e desencarnadas que ocupam estes orbes. A nosso ver, não seria preciso um esforço de raciocínio acima da média para perceber este conceito que serve de base da compreensão da progressão dos espíritos, habitantes na Terra,

através de migrações e emigrações a este nosso planeta. Afinal, Jesus disse que **na casa do Pai meu há muitas moradas** (Jo 14,2-4) e neste viés, é que acreditamos ter respondido o porquê de a progressão geométrica da população mundial ser devido à pluralidade dos mundos habitados. Passemos, porquanto ao ponto seguinte.

10.15. A Proibição à Consulta aos Mortos Prova Sua Possibilidade?

A resposta a esta questão é deveras interessante, pois como poderia Moisés proibir algo que não acontece? Como entender o fato de Saul buscar uma necromante para consultar o espírito do profeta Samuel (1Sm 28), se ele soubesse que era impossível de se ocorrer? A resposta é sintomática e lógica, ao ponto de derrubar a tese do pastor, acerca da impossibilidade dos espíritos, que viveram na Terra, se manifestarem através de qualquer meio. Contudo, ele nos apresenta um argumento novo. Vejamos:

Certo kardecista me disse que o fato de a Lei mosaica proibir a necromancia, constitui evidência de que contatar os mortos é possível, considerando que é ilógico proibir que se faça algo impraticável.

Moisés jamais diria “não consulteis os mortos” se isso não fosse pelo menos possível. Porém esse “raciocínio” nos levaria a admitir que de fato existem muitos deuses, visto que o politeísmo é repudiado em toda a Bíblia (Êx 20:3; 1Co 8:6; 1 Tm 2:5). Mas, como sabemos, tais deuses não existem, senão na cabeça de seus adoradores. Não seria a proibição à necromancia um caso similar?

Nós já segregamos a necromancia da comunicação

séria entre os planos físico e material, sem a necessidade de voltar a este tema. Contudo, nos apresenta o pastor de que adorar outros deuses no Tanah, validaria a assertiva de que se tais deuses não existem, não se deveria consultar os mortos, pelo mesmo motivo, que eles não se comunicam. Ocorre que o que é proibido no Decálogo e reforçado por Moisés, é render culto e adoração aos deuses, e não que é orientado que eles não existem. De fato, não existem, mas nem por isso deixaria de se render culto a eles pelos antigos, uma vez que as manifestações dos espíritos certamente eram confundidas como divindades em tempos remotos. Todas as referências usadas pelo pastor (Êx 20,3; 1Co 8,6; 1Tm 2,5) nos dizem que há apenas um só Deus e não há outro, onde nos perguntamos, como poderia este mesmo Deus ser três, se há um somente? Seria o novo politeísmo com a sanção da trindade completamente pagã no seio da Igreja e defendida pelo pastor, ao qual já o respondemos no capítulo propício.

10.16. Sobre a Suposta Facilidade da Salvação Bíblica

Entramos novamente sobre o assunto predileto do pastor que é a salvação gratuita, tal qual volta novamente a isolar os textos de Paulo (Ef 2,8-9; Rm 11,6) como justificativa de salvação, sendo que já o refutamos no capítulo propício, onde o pastor desconsidera todo o conteúdo dos Evangelhos, em que Jesus apresenta o critério de julgamento ser através das obras, concomitantemente a salvação vem através de nossas ações. Diante deste panorama, vamos ver o que o pastor nos apresenta. Vejamos:

Os kardecistas creem que a salvação não se consegue sem muito suar a camisa. Da criação de um espírito até o momento em que lhe é permitido o ingresso no Mundo dos Espíritos perfeitos, muitas águas passam sob a ponte. Um número quase infinito de reencarnações e muitas obras de caridade, fazem parte do programa. Daí ficarem boquiabertos diante de nossos sermões, segundo os quais, a salvação pode ser obtida num abrir e fechar de olhos, sem o auxílio das obras (Ef.2:8-9; Rm.11:6). Já me disseram diversas vezes: “Se fosse como o senhor diz, seria muito fácil”. Porém, a verdade solene e que nós, cristãos bíblicos, cremos que a salvação, no que depender de nós, não é algo fácil, nem tampouco difícil, mas impossível (Mt.19:26). Porém, nem tudo está perdido: Cristo comprou a nossa briga! A salvação é instantânea, e relativamente fácil para nós, porque algo infinitamente difícil, maravilhoso e estupendo foi feito, a saber, Deus se fez homem e cumpriu a pena em nosso lugar! E este é o Evangelho que Jesus mandou pregar; no qual, segundo a Bíblia, quem crer será salvo, e quem não crer será condenado (Mc. 16:15-16; Jo. 3:16). Neste Evangelho os kardecistas não crêem, mas tudo farei para que troquem Kardec por Cristo! Está, portanto, claro, que cremos numa salvação tão difícil que só Cristo pôde consegui-la para nós. E não foi nada fácil. É fácil ser crucificado?!

É a vaidade humana que leva o homem a rejeitar a gratuidade da salvação. O homem quer se gloriar de salvar-se a si mesmo (Ef.2:9) e, por isso, rejeita o dom gratuito de Deus (Rm. 6:23).

Como sempre realiza o pastor, em se isolar certas citações bíblicas, a fim de nos convencer o contrário do que temos apresentado, agora ele se apega também a (Mt 19,26) como se fora impossível aos homens em se esforçarem para buscar o progresso moral e intelectual. Contudo, é preciso abranger este conceito e apresentaremos um capítulo que tratamos deste assunto em nosso artigo ***Seremos Salvos ou teremos que nos salvar?*** Vejamos:

A parábola do Jovem Rico e o seu real sentido

Neste tópico e em parábolas subsequentes, iremos dar andamento aos aprofundamentos e explicações. Diante disso, pretendemos também apresentar uma resposta à parábola do “mordomo, ou administrador infiel”.

Sabendo que o assunto é correlato à passagem em análise, que iremos realiza da parábola do Jovem Rico, estaremos dando andamento ao assunto aventado pelos salvacionistas, principalmente quando dizem que o texto de Mt 19:26, onde buscam sempre obter dos espíritas explicações plausíveis para o fato de Jesus ter dito que a salvação é impossível aos homens, claramente indicando que por nossos próprios esforços, somente, jamais alcançaremos a Salvação. Bom, para iniciarmos, não fomos nós que ignoramos a análise de Pastorino que mais adiante iremos comentar e nem argumentações anteriores que já registramos, bem como outras mais que abordamos neste e em outro texto. Se ainda houver dúvidas referentes à alguma parábola de Jesus e se estiver ao nosso alcance em esclarecê-la, iremos receber com boa vontade as dúvidas e tentar responder a qualquer um que nos solicite.

Comentando ainda a abordagem do urdidor em nos dizer que o texto de Mt 19:26, onde buscam sempre obter dos espíritas explicações plausíveis para o fato de Jesus ter dito que a salvação é impossível aos homens, **claramente indicando que por nossos próprios esforços**, somente, jamais alcançaremos a Salvação. Aqui, na frase grifada, os salvacionistas misturam a parábola da Porta Estreita com a parábola do Jovem Rico,

esta em que estamos nos propondo a comentar. Todavia, como esclarecemos aos leitores acima, nos primeiros itens sobre a passagem da Porta Estreita, há duas atitudes a tomar: ou nos esforçamos, ou não nos esforçamos. Jamais alcançaremos a salvação sem esforço, o que para mim é a conscientização de nossos atos em acordo, ou em desacordo com a providência divina diariamente, e não algo que precisamos apenas aceitar e aguardar de braços cruzados para que caia do céu.

Temos um caminho e este caminho pressupõe que temos que tomar a atitude, a iniciativa de andar por ele. Em nenhuma ocasião, Jesus mencionou que iríamos ser carregados por este caminho. A questão que iremos esclarecer mais ao final de nossa abordagem, esta virá a ser mais um exemplo do que seja a salvação pregada por Jesus, à luz de seu Evangelho.

Prosseguem os salvacionistas em alegar: nós, os espíritas, **analisam até onde querem, fazem analogias até onde convém**, e não entram no cerne da questão do que o Mestre afirma. Sim, pois a inferência à salvação, tema da pergunta feita pelos discípulos, ao contrário do que afirmam, já não contemplaram os ricos e, sim, a todas as pessoas, toda a humanidade. Dizem que fazemos analogias até onde quisemos, onde convinham e etc. Iremos repetir o que foi dito desta parábola e veremos onde está a conveniência ou falta dela, sendo que nem mesmo os salvacionistas as comentam. Por outro lado, compete ao acusador o ônus da prova de que analisamos e fizemos analogias até onde nos convinha. **Vejamos se as provas são apresentadas** e ver quem realmente deixou os

argumentos literalmente ignorados.

Sobre a parábola do Jovem Rico, começamos a explanação da seguinte forma: Por isso, citam os salvacionistas (Mt 19:26), enfatizando conclusões insustentáveis e se contradizendo novamente, por concluir à luz do texto que, **corroborando o que o próprio Mestre já tinha ensinado quando afirmou que por nossos próprios esforços jamais alcançaremos a Salvação**. Observem que o contexto imediato é sobre o Jovem Rico e ele nos elucida algo a mais do que pretende nos passar, texto fora de contexto é pretexto. Vamos ao contexto:

*E eis que alguém, aproximando-se, lhe perguntou: Mestre, que farei eu de bom, para **alcançar a vida eterna?** (Mt 19:16)*

Vemos que o jovem já houvera ouvido falar de Jesus e sabia de sua autoridade, com isso ele inquiria ao Mestre como poderia fazer para herdar a vida eterna, ou como poderíamos depreender nos dias de hoje ser salvo ou ter a salvação por alcançar e que esforços seriam necessários para tal.

Respondeu-lhe Jesus: Por que me perguntas acerca do que é bom? Bom só existe um. Se queres, porém, entrar na vida, guarda os mandamentos. (Mt 19:17).

Sem titubear, Jesus enfatiza ao Jovem a importância do esforço próprio, em guardar os mandamentos da Lei como premissa para entrar no reino das bem-aventuranças, com isso:

E ele lhe perguntou: Quais? Respondeu Jesus: Não matarás, não adulterarás, não

furtarás, não dirás falso testemunho; honra a teu pai e a tua mãe e amarás o teu próximo como a ti mesmo. (Mt 19:18-19)

Diante da explanação do Mestre de todas as prerrogativas, em se seguir os Dez Mandamentos e amar o nosso próximo como a nós mesmos, eis que:

*Replicou-lhe o jovem: **Tudo isso tenho observado; que me falta ainda?** (Mt 19:20)*

Como se não bastasse, faltava-lhe algo e este algo era o que:

*Disse-lhe Jesus: **Se queres ser perfeito, vai, vende os teus bens, dá aos pobres e terás um tesouro no céu; depois, vem e segue-me.** (Mt 19:21)*

A caridade desinteressada e o desapego com os bens terrenos eram o que faltava àquele jovem, pois este seguia todos os preceitos judaicos de sua época, mas faltava-lhe o principal que era o amor em prática e quando Jesus disse ao moço que o inquiria sobre os meios de ganhar a vida eterna: "**Desfaze-te de todos os teus bens e segue-me**", não pretendeu, decerto, estabelecer como princípio absoluto que cada um deva despojar-se do que possui e que a salvação só a esse preço se obtém; mas, apenas mostrar que o apego aos bens terrenos é um obstáculo à salvação. Aquele moço, com efeito, se julgava quite porque observara certos mandamentos e, no entanto, recusava-se à idéia de abandonar os bens de que era dono. Seu desejo de obter a vida eterna não ia até ao extremo de adquiri-la com sacrifício e se esforçando para seguir Jesus,

o que em seguida se nota por sua reação.

*Tendo, porém, o jovem ouvido esta palavra, retirou-se triste, **por ser dono de muitas propriedades.** (Mt 19:22)*

Entretanto, o Mestre arrematou que:

*Então, disse Jesus a seus discípulos: Em verdade vos digo que um rico **difícilmente** entrará no reino dos céus. (Mt 19:23)*

Porém o Mestre enfatiza que dificilmente entraria um rico no reino, por se tratar de uma dura prova que aguça a avareza e o egoísmo o que Jesus lhe propunha era uma prova decisiva, destinada a pôr a nu o fundo do seu pensamento. Ele podia, sem dúvida, ser um homem perfeitamente honesto na opinião do mundo, não causar dano a ninguém, não maldizer do próximo, não ser vão, nem orgulhoso, honrar a seu pai e a sua mãe. Mas, não tinha a verdadeira caridade; sua virtude não chegava até à abnegação. Isso o que Jesus quis demonstrar. Fazia uma aplicação do princípio: **“Fora da caridade não há salvação”**, enquanto que:

*E ainda vos digo que é mais fácil passar um **camelo** pelo fundo de uma agulha do que entrar um rico no reino de Deus. (Mt 19:24).*

A palavra **Camelo** ao tempo de Jesus, as cordas de amarrar navios eram feitas de pêlos de camelo e eram conhecidas como camelo e assim como no verso anterior Jesus disse que dificilmente um rico entraria no reino dos céus. Subentende-se que não é impossível que este entre, e:

Ouvindo isto, os discípulos ficaram grandemente maravilhados e disseram: Sendo assim, quem pode ser salvo? Jesus, fitando neles o olhar, disse-lhes: Isto é impossível aos homens, mas para Deus tudo é possível. (Mt 19:25-27)

O Reino de Deus, ou o próprio Pai estando em nós **...o reino de Deus está dentro de vós.** (Lc 17:21), através do Mestre que é a busca íntima de nós mesmos na elevação de nosso ser através de nossos esforços de adentrar pela porta estreita das virtudes celestes, seremos salvos pelo Pai, somente se nos salvarmos, descobrindo-O dentro de nós mesmos e não em busca das formas exteriores para encontrá-lo, devemos vasculhar o íntimo, nos descobrir quem somos, como cita um sábio **“Conheça-te a ti mesmo”** (Platão). Desta maneira, proporcionaríamos a fazer uma introspecção em nosso ser a evidenciar o que deve ser mudado e aprimorado, descobrindo assim o Pai dentro de nós, bem como o Pai e o Cristo são um e representam esta elevação do espírito de Jesus ao seio das virtudes do Pai.

As riquezas materiais oferecem uma maior prova do que a pobreza e ainda um maior esforço para superar as facilidades que estas mesmas riquezas oferecem, conquanto, resta somente buscar as riquezas das virtudes por nos esforçar em praticarmos o Evangelho e promovermos a reforma íntima, com isso recorro à Codificação, no **Livro dos Espíritos**, para melhor ilustração:

814 Por que Deus deu a uns riquezas e poder e a outros a miséria? - Para experimentar cada um de maneiras diferentes. Aliás, vós já o sabeis, essas

provas foram os próprios Espíritos que escolheram e, muitas vezes, nelas fracassam.

815 Qual das duas provas é a mais terrível para o homem, a miséria ou a riqueza? - Tanto uma como outra; a miséria provoca a lamentação contra a Providência; a riqueza estimula todos os excessos.

816 Se o rico tem mais tentações, não tem também mais meios de fazer o bem? - É justamente o que nem sempre faz; torna-se egoísta, orgulhoso e insaciável. Suas necessidades aumentam com a riqueza e ele acredita nunca ter o suficiente.

Allan Kadec - Neste mundo tanto as posições de destaque quanto a autoridade sobre seus semelhantes são provas tão arriscadas e difíceis para o Espírito quanto a miséria. Quanto mais se é rico e poderoso, mais se tem obrigações a cumprir e maiores são as possibilidades de fazer o bem e o mal. Deus experimenta o pobre pela resignação e o rico pelo uso que faz de seus bens e de seu poder.

A riqueza e o poder despertam todas as paixões que nos ligam à matéria e nos afastam da perfeição espiritual; é por isso que Jesus ensinou: “Em verdade vos digo que é mais fácil um camelo1 passar pelo buraco de uma agulha do que um rico entrar no reino dos céus”. (Veja a questão 266) (KARDEC, A. O Livro dos

Caro leitor, como está demonstrado acima abordamos todo o contexto e analisamos toda a passagem, o que fica evidenciado e muito claro que não fomos nós que viemos a ignorar as explicações dadas! Mas mediante tal fato, dizem os salvacionistas que **analise o contexto**: O jovem rico primeiramente perguntou a Jesus qual bem deveria fazer para conseguir a vida eterna. Jesus, em seu ministério, sabia o que se passava nos corações dos homens (Jo 2:25), e a sua dura introdução à resposta (Mt 19:17) apenas evidencia isto, sabia também o que se passava no coração daquele rapaz. A resposta foi apenas, **guarde os mandamentos**, coisa que ele já observava, porém sabia que ainda faltava alguma coisa. O contexto foi analisado e solenemente ignorado pelo opugnador que nos sugere analisar o contexto!? Em conformidade com o que foi dito pelos salvacionistas, cremos que sabemos que Jesus tinha o poder de ler o pensamento e entrever a intenção nos corações das pessoas, disso não há dúvidas! Que mandamentos eram estes que Jesus o perguntava se este jovem os guardava, certamente os mandamentos contidos na Torá, em específico, os 10 mandamentos que até foram citados acima.

Na sequência desta análise dos salvacionistas, eles prosseguem dizendo que diante de tantas qualidades, faltava ao jovem negar a si mesmo, reconhecido sua condição de pecador; se o desejo daquele jovem fosse realmente seguir a Cristo, imediatamente obedeceria a sua voz, porém Jesus não pediu o que pediu a toa, ele tocou naquilo que ainda o impedia de negar a si

mesmo, não foi uma ordem para que ele comprasse a Salvação com seus bens, como parte de nossa abordagem em que acertadamente dizemos que Jesus complementa que o Jovem *não pretendeu, decerto, estabelecer como princípio absoluto que cada um deva despojar-se do que possui e que a salvação só a esse preço se obtém; mas, apenas mostrar que o apego aos bens terrenos é um obstáculo à salvação*. Ora bolas, dissemos tudo aquilo que afirmamos acima, porém, com uma retificação, como o Jovem Rico poderia reconhecer a sua condição de pecador e que não foi uma ordem para que ele comprasse a Salvação com seus bens, nós não dissemos isso, de que o Jovem Rico viria comprar a sua Salvação com seus bens! Mas se ele vendesse seus bens e desse aos pobres, seria salvo?

Ademais, o que os salvacionistas realmente entendem sobre esta citação de Jesus [*Se queres ser perfeito, vai, vende os teus bens, dá aos pobres e terás um tesouro no céu; depois, vem e segue-me. (Mt 19:21)*]? O nosso entendimento está no parágrafo abaixo.

Se ele seguia todos os mandamentos da Torá, o que Jesus evidenciou e deixou claro como a alva é que aquele jovem se despojasse de seu materialismo, eis que:

*Replicou-lhe o jovem: **Tudo isso tenho observado; que me falta ainda? (Mt 19:20)***

Como se não bastasse, faltava-lhe algo e este algo era o que lhe disse Jesus:

Se queres ser perfeito, vai, vende os teus bens, dá aos pobres e terás um

tesouro no céu; depois, vem e segue-me. (Mt 19:21).

Jesus disse: **Se queres ser perfeito.** Ou seja, ainda precisava de se desapegar dos seus bens, vendendo-os e dando aos pobres, porém com amor e resignação, desapegando-se do materialismo e construindo um tesouro no “céu” que nem as traças roem e nem os ladrões roubam, pois que este tesouro estaria gravado no coração daquele jovem, para assim estar desapegado e em condições de seguir ao Mestre. Pergunta o Jovem: **que me falta ainda?** Faltava-lhe amar o próximo como a si mesmo (Mt 19:21) e esta é a condição para seguir o Mestre.

Diante das abordagens dos proponentes, estes nos fazem uma boa observação, dizendo que antes de prosseguir, cabe uma retificação quando afirma que, conforme dissemos anteriormente *aquele moço, com efeito, se julgava quite porque observava certos mandamentos e, no entanto, recusava-se à ideia de abandonar os bens de que era dono.* Concluem os salvacionistas que ele, o jovem rico, não observava “certos mandamentos”, observava todos os mandamentos (v. 20). Ao qual somos gratos pela correção de que o jovem rico observava todos os mandamentos do Decálogo, obrigado!

Concluem os proponentes dizendo que Jesus listou apenas um dos grandes problemas de quem tem riquezas, o apego aos bens materiais. Se aos ricos, conforme vocês mesmos inferiram que os discípulos entenderam, **seria impossível a Salvação, por isso ficaram maravilhados, quem então pode ser salvo?** Claro está que a pergunta dos discípulos aqui não contemplavam

apenas os ricos, pois destes Jesus tinha acabado de comentar a respeito. Não ficaram maravilhados por que era aos homens impossível a salvação e sim após esta passagem:

*E ainda vos digo que é mais fácil passar um **camelo** pelo fundo de uma agulha **do que entrar um rico no reino de Deus.** (Mt 19:24).*

A ordem dos fatores altera produto, ou seja, a inversão do sentido do ensinamento desta parábola, quando é complementada: **Ouvindo isto, os discípulos ficaram grandemente maravilhados.** Isto é, os discípulos ouviram o ensinamento e ficaram grandemente maravilhados e não que **seria impossível a Salvação, por isso ficaram maravilhados.** O que afirmam é o inverso do que o texto diz, pois os apóstolos se maravilharam com o ensinamento da parábola do Jovem Rico e que explanamos anteriormente.

Encerram os articulistas: em sua resposta, Jesus teria uma bela oportunidade de responder “os pobres”, ou então, quem sabe, “quem se esforça”, mas a palavra foi dura e direta: **aos homens é impossível!** Não há como querer dizer que ele se referia aos ricos pois, dos ricos ele tinha acabado de comentar a respeito. Onde? Em qual passagem? Eis a resposta **aos Ricos:**

*E ainda vos digo que é mais fácil passar um **camelo** pelo fundo de uma agulha **do que entrar um rico no reino de Deus.** (Mt 19:24).*

A palavra **Camelo** ao tempo de Jesus, as cordas de amarrar navios eram feitas de pêlos de camelo e eram conhecidas como camelo e assim

como no verso anterior Jesus disse que dificilmente um rico entraria no reino dos céus. Subentende-se que não é impossível que este entre, e **Ouvindo isto**, os discípulos ficaram grandemente maravilhados e disseram: **Sendo assim, quem pode ser salvo?** Jesus, fitando neles o olhar, disse-lhes: **Isto é impossível aos homens, mas para Deus tudo é possível. (Mt 19:25-27)**. Existem evidências demais para implicar outro sentido. A parábola se refere ao Jovem Rico e como desfecho, dizem os salvacionistas que a Salvação é uma só: Seguir a Cristo! Foi a condição sine qua non colocada por Jesus na continuidade deste capítulo (vs. 27 a 30). Ora, e dissemos que não era para segui-lo? Seguir a Jesus é desapegar-se dos bens materiais e procurar amar ao próximo como a nós mesmos. Observar os mandamentos no Decálogo não era suficiente, era e ainda é preciso desapegar-se do materialismo que irriga o egoísmo e sufoca a fraternidade e a receita é amar o próximo, esta é a condição sine qua non colocada por Jesus. Negar tal evidência seria como negar os ensinamentos do próprio Mestre. Há um ditado que diz: Deus ajuda a quem cedo madruga. Os que se esforçam serão fortalecidos, mas terão que se esforçar. Não podem jogar a responsabilidade nas costas de outro.

Pois bem, este tópico retrata o que entendemos sobre o verso tão polêmico das partes conclusivas da parábola do Jovem rico, já analisada anteriormente e citando-a: **Ouvindo isto**, os discípulos ficaram grandemente maravilhados e disseram: **Sendo assim, quem pode ser salvo?** Jesus, fitando neles o olhar, disse-lhes: **Isto é impossível aos homens, mas para Deus tudo é possível. (Mt 19:25-27)**.

Acreditamos que à partir do verso 25 em diante, os apóstolos entenderam que eles depreenderam literalmente que é mais fácil um **camelo** passar pelo fundo de uma agulha do que um rico entrar no reino dos céus. Após este entendimento já esclarecido, fica claro que o questionamento posterior referia-se a este posicionamento de Jesus.

Ademais, o que Jesus havia dito naquele instante e diante do contexto é que não haveria possibilidade daquele jovem, mesmo seguindo a Torá, se elevar ao céu à condição de moral necessária para angariar as bem-aventuranças, era necessário dedicar-se ao próximo, auxiliá-lo em sua vida, diminuir-lhe as suas dores, exercitar o amor fraterno. Se não optarmos por realizar este ato, por nós mesmos, não poderíamos alcançar a salvação, já que dependeríamos desta conscientização interior, voltar ao caminho reto e seguir pelo amor ao próximo. Jesus, nesta ocasião colocou o materialismo e o egoísmo com empecilho para alcançarmos esta salvação e conscientização, pois é preciso de nos amar uns aos outros, a fim de conseguirmos esta salvação junto ao próximo. Este é o princípio de que “***Fora da Caridade não há salvação***”, pois sem o amor praticado para com o nosso próximo é impossível nos salvar por si só.

Este princípio de “***Fora da Caridade não há salvação***” está ligado às palavras do Mestre, tendo em vista de que Ele nos orientava de quem quisesse vir após ele, a si mesmo devia se negar e tome a sua própria cruz dia-a-dia e siga-O (**Lc 9:23**). Seguir o Mestre é realizar toda a moral contida nos Evangelhos e *quem quiser*

salvar a sua vida perdê-la-á; quem perder a vida por minha causa, esse a salvará. (Lc 9:24). O que o Mestre quis nos passar com este ensinamento? O de que era necessário darmos a nossa dedicação ao Mestre e o que adiantaria ganharmos o mundo inteiro se porventura perdêssemos a nós mesmos? De nada valeria, pois deveríamos buscar o Mestre nos mais pequeninos, pois é a eles a quem Jesus assiste e se encontra,

...porque tive fome, e me destes de comer; tive sede, e me destes de beber; era forasteiro, e me acolhestes; estava nu, e me vestistes; adoeci, e me visitastes; estava na prisão e fostes ver-me. Então os justos lhe perguntarão: Senhor, quando te vimos com fome, e te demos de comer? ou com sede, e te demos de beber? Quando te vimos forasteiro, e te acolhemos? ou nu, e te vestimos? Quando te vimos enfermo, ou na prisão, e fomos visitar-te? E responder-lhes-á o Rei: Em verdade vos digo que, sempre que o fizestes a um destes meus irmãos, mesmo dos mais pequeninos, a mim o fizestes... (Mt 25:31-46).

Por este motivo que é impossível ao homem fazer um outro entrar no reino dos céus, já que se mantivermos o egoísmo em nosso coração, jamais iremos alcançar esta conscientização, e isto homem nenhum desse mundo pode fazer pelos outros. Precisamos mudar o nosso mundo interior e, por conseguinte o mundo em que vivemos. **A fraternidade é o único meio de sermos salvos e Jesus a fez como base de**

juízo e de que a Verdade é que “Fora da Caridade não há salvação”, pois foi o que Ele vivenciou. É nisto que acreditamos e este é o Jesus que cremos – Atitude para com o próximo, pois por nós mesmos, ir-á nos restar apenas o egoísmo e a fraternidade, juntamente com a humildade serão um dos seus únicos meios de combater este mal que nos assola!

Após a bela parábola do Jovem Rico, Jesus nos apresenta a consciência de nos desapegarmos do pesado fardo do materialismo, do apego aos bens materiais e aos vícios que nos distancia das virtudes. Por este motivo que aos homens é impossível de se conscientizarem, pelo simples fato de precisarmos de que Deus, através de Jesus, nos coloque este despertar no coração, dizendo-nos no âmago o que precisa ser retirado de nossos ombros, nos dando um jugo leve e suave, apresentado pelo Mestre, amando o próximo como a nós mesmos, assistindo-nos uns aos outros, a fim de que possamos vivenciar o Evangelho, mudando o nosso mundo interior e o mundo em que vivemos.

Neste intento, entendemos que após o estado de perplexidade e admiração dos apóstolos pelo ensino da parábola do Jovem Rico, veio à pergunta, posteriormente trazendo a dúvida de quem poderia ser salvo. Jesus, de forma enfática, diz ser impossível aos homens, sendo tudo possível para Deus, todavia, a impossibilidade é pelo fato do homem não ter como conseguir esta conscientização das virtudes a serem seguidas, por este motivo que aos homens é impossível, pois é preciso uma direção, um caminho de perfeição Moral, seguido pelo sentimento e conhecimento de si mesmo.

O Pai na sua misericórdia nos enviou este modelo de perfeição e guia para os nossos pés que é o Mestre Jesus. Com o relato da pequena história que pudemos apresentar, cremos que somente nos elevando ao seio das virtudes celestes, pela prática diária do Evangelho é que poderemos nos libertar, despojar, salvar-nos, conscientizar-nos das iniquidades e delitos, retomando o reto caminho e buscando no Pai, através de seu filho, a salvação que só a Ele compete nos apresentar as virtudes que devemos praticar. A prática leva ao Mestre e por Ele veremos ao Pai e seremos um como eles o são, bem como:

*Não rogo somente por estes, mas também por aqueles que vierem a crer em mim, por intermédio da sua palavra; **a fim de que todos sejam um; e como és tu, ó Pai, em mim e eu em ti, também sejam eles em nós; para que o mundo creia que tu me enviaste. Eu lhes tenho transmitido a glória que me tens dado, para que sejam um, como nós o somos; eu neles, e tu em mim, a fim de que sejam aperfeiçoados na unidade, para que o mundo conheça que tu me enviaste e os amaste, como também amaste a mim (Jo 17:20-23).***(FERRARI. T. T. 2013. p. 19-26)

Fim da citação

Como bem observamos, isolar os textos, ignorando a boa exegese e dispensando os Evangelhos em seu conteúdo completamente abrangente, é atropelar a boa hermenêutica, não meditar na boa interpretação profunda dos textos sagrados e dispensar o bom senso. Passemos agora ao

subtópico seguinte.

10.17. O Espírito Santo e o Consolador

Temos observado que o pastor está apresentando neste capítulo, uma reedição de capítulos anteriores, onde de forma resumida, apresenta uma abordagem concisa de suas crenças dogmáticas e de vez em quando, traz citações bíblicas isoladas, repetidas vezes e outras citações mutiladas da codificação espírita, a fim de lhe embasar sua cartilha de combate ao Espiritismo. Contudo, ele tem se mostrado de forma até desonesta e de má-fé, no uso das obras de Kardec, quando examinamos o contexto de suas citações. Vamos agora ao tema Espírito Santo e o Consolador. Vejamos seus argumentos:

Vimos repetidas vezes (em 2.3; 3.2.; 3.2.2; 5.1) que Kardec proclamava aos quatro ventos que o Espiritismo é o Consolador que Jesus nos prometeu (Jo 16: 12-13). Vimos ainda que, segundo Jo.14:26 o Consolador é o Espírito Santo. Isto faz com que muitos pensem que os kardecistas creem que o Espírito Santo é o Espiritismo. Mas não é bem assim. E o porquê disso é que, segundo os kardecistas com os quais tenho dialogado, o Espírito Santo não é o Consolador. Eles me disseram que o Kardecismo é o Consolador, mas o Espírito Santo não é o Consolador, e sim, o conjunto dos espíritos perfeitos. Uma prova de que realmente os kardecistas creem que o Espírito Santo é o conjunto dos espíritos dos que morreram, é a transcrição constante do capítulo 3 (3.2.2.), a qual prova que o senhor Durval Ciampone, espírita de renome, o qual disse no “jornal espírita” de junho de 1.991 que “o Espírito Santo nada mais é que a alma dos homens que se foram”...

Também desenvolvemos um tema em que os demais

leitores não conheceram ainda que é o *objetivo do Espírito da Verdade*, constante em nosso artigo ***Seremos salvos ou teremos que nos salvar?*** Vejamos:

O objetivo do Espírito da Verdade

Neste curto tópico, abordaremos assuntos sendo tratados de forma primária (importante) e secundários do papel do Espírito da Verdade, segundo a visão dos salvacionistas. Neste intento, dizem que **pulando as quilométricas explicações sobre “riquezas materiais” encontradas na codificação espírita**, se admiram de haver tantos entendimentos divergentes entre os evangélicos. Ou seja, em outras palavras, pulando todo o contexto analisado acima, acerca da parábola do Jovem Rico, os salvacionistas nos trazem este jargão: **“pulando as quilométricas explicações”**, como justificativa de não querer dar o braço a torcer diante de nossa análise, mas não vamos obrigá-lo a nada, pois cada um comenta o que quiser comentar.

Todavia, os salvacionistas dizem que: realmente reconheço que há, porém a esmagadora maioria apenas nas questões secundárias. Entender que Matias ou Paulo seja o 12º apóstolo em nada vai danificar a Salvação que temos em Cristo. Reconhece que há muitas divergências entre os evangélicos. Entretanto, ***quando vier, porém, o Espírito da verdade, ele vos guiará a toda a verdade; porque não falará por si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido e vos anunciará as coisas que hão de vir.*** (Jo 16:13). O Espírito da Verdade irá guiar os demais por **toda a verdade** e não por assuntos

essenciais. Mas ainda encerra os articulistas que para estas questões secundárias temos uma certa liberdade, uma vez que a **“função” do Espírito Santo é convencer do pecado, da justiça e do juízo**. Mesmo que muitos protestantes e católicos divergem sobre quem é o 12º apóstolo, com certeza não divergiremos no essencial. Segundo a função do Espírito da Verdade **é convencer do pecado, da justiça e do juízo**, entretanto, como disse Jesus, esta não era a única missão do Consolador e o que os salvacionistas já disseram, mas algo mais: **o Espírito da verdade, ele vos guiará a “TODA” a verdade**. Toda a verdade não implica em que haja assuntos principais ou secundários, já que toda a verdade não exclui um ou outro, antes os coloca no mesmo patamar, já que não pode haver verdades que divergem.

Encerram os salvacionistas dizendo que: pergunte a ele ou qualquer evangélico, por exemplo, como fazer para nos salvarmos. Um assunto interessante é o fato da Trindade e do fato de Jesus ser Deus na concepção evangélica, um tema que tenho a certeza de que para os mesmos salvacionistas e o seu conceito, por assuntos secundários e principais, estes são assuntos primordiais para sustentar a sua tese da **“função” do Espírito Santo**. Ao contrário, vemos diversos Evangélicos divergirem neste quesito de assuntos essenciais. (FERRARI. T. T 2013. P. 26-27)

Fim da citação

Como pudemos constatar, citamos apenas algumas

divergências quanto a inspiração do Espírito Santo, ser diversa e em alguns momentos até contraditória que coloca a sua unidade de pensamento em xeque nas igrejas. Observamos, nesta lista de discussão, estas disparidades e percebemos que não há consenso em afirmar que o Espírito Santo é o mesmo, mas bastante diverso nas igrejas. Passemos ao subtópico seguinte.

10.18. O Homem Morre Várias Vezes?

Essa é uma pergunta delicada para o pastor respondê-la, já que colocará as ressurreições operadas por Jesus, seus apóstolos e os profetas Elias e Elizeu no Tanah em xeque, uma vez que os respectivos ressuscitados vieram a morrer segunda vez. O texto usado pelo pastor voltará contra ele em nossas reflexões. Vejamos os seus argumentos e em seguida nossos comentários:

A Bíblia nos diz em Hb. 9:27 que “aos homens está ordenado morrerem **uma só vez, vindo, depois disso, o juízo**”. (Grifo meu) Ora, se existisse reencarnação, o homem morreria várias vezes, pois tantas quantas vezes reencarnasse, uma vez mais morreria. Porém, certo kardecista disse que “este versículo não opõe à doutrina da reencarnação, porquanto não se refere à morte do espírito (que não morre nenhuma vez), e sim, à morte do corpo (que deveras morre uma só vez), visto que uma vez morto um corpo, jamais será animado por algum espírito (nem mesmo pelo espírito que dele saiu), tampouco será ressuscitado, mas será extinto uma vez por todas”. Porém, embora este texto realmente não fale da morte do espírito (já que o espírito não morre), convém que se note que também não se refere à morte do corpo, considerando que o corpo morto fica inconsciente e, portanto, não pode entrar em juízo. O versículo em lide diz textualmente: vindo, depois disso, o **juízo**”. Mas, já que o texto não está falando da

morte do espírito, nem da morte do corpo, de que morte nos fala então? Resposta: O texto em apreço nos fala da morte do homem em sua totalidade, isto é, esta passagem está dizendo que o ser humano experimenta o que se convencionou chamar de “morte” uma só vez. Logo, a passagem bíblica em questão prova sim que não há reencarnação.

A morte da qual trata o texto aqui analisado, é aquela que o Espiritismo chama de “desencarnar”, enquanto a Teologia a rotula de “morte física”, a saber, refere-se à **separação** entre a alma e o corpo. Sim, refere-se à **separação** em si, entre os dois elementos, e não aos elementos de per si, nem ao conjunto desses componentes.

Abordamos este assunto em nosso artigo ***Analizando Norman Geisler, João Batista é ou não Elias?***, onde trataremos à baila para conceituar nossa resposta e reflexão ante o tema já gasto da citação de (Hb 9,27). Vejamos:

Hb 9:27 seria a negação da reencarnação?

Assim, o autor Norman Geisler nos coloca a seguinte defesa da unicidade da vida encarnada.

Em quarto lugar, essa passagem deve ser compreendida à luz dos ensinamentos claros das Escrituras, que são contrários à reencarnação. Hebreus 9.27, por exemplo, declara: “E, como aos homens está ordenado morrerem uma vez, vindo, depois disso, o juízo” (confira João 9.2).

Nesta abordagem que foi feita, tentou-se passar a ideia de que não época de Jesus, havia a negação da reencarnação em Hb 9,27. Iremos esclarecer que o objetivo deste nono capítulo da Epístola aos Hebreus, do qual o verso 27 é

largamente utilizado para combater a reencarnação. Por outro lado, será demonstrado que era para simbolizar a volta de Jesus, em seu desfecho no verso 28. Todavia, os opositores das vidas sucessivas nos dizem que simboliza a negação da reencarnação. O mais interessante disso tudo é que na Bíblia, segundo os dogmáticos não há nada que sustente a reencarnação, já que não fazia parte dos dogmas e preceitos judaicos. Entretanto, ao se tratar de sua condenação, não ocorre à mesma coerência. Ou seja, aí ela ocorre, e essa passagem é prova disso.

O que mais nos admira nos contraditores da Doutrina Espírita é a coragem em afirmar que não havia nenhuma credibilidade na crença da reencarnação, no período dos Cristãos primitivos. O mais curioso, é que esse verso proíbe algo que nem mesmo eles não acreditavam segundo os dogmáticos? **Ou seja, muito estranho em se proibir algo em que nem se cogitava acreditar.**

Embora vemos o esforço dos dogmáticos, em condenar algo em que não se acreditava nos primeiros séculos da era Cristã. Segundo eles, é sugerido à meditação, a fim de que percebamos que após o versículo 12, a ligação da expressão “uma única vez”, ironicamente nega que podemos voltar a reencarnar.

O Problema aqui reside em se deixar passar uma única palavra que não dá tanta credibilidade para quem argumenta em desfavor e condenação da reencarnação. Ou seja, está escrito que é “**morrer** uma única vez” e se o texto fosse “**VIVER** uma única vez”, aí sim daríamos razão aos que acreditam na unidade da

vida terrena, mas não é assim que está construído o verso 27 tão polêmico e explorado por eles.

No desfecho da análise que muitos contraditores fazem, estes nos dizem que é o mesmo que anular o sacrifício de Cristo por um sacrifício nosso. Primeiro ponto, apenas um esclarecimento, não desacreditamos no fato de Jesus ter se oferecido uma única vez. O que é contestado é de que a reencarnação não anula o esforço que nos apresentou Jesus em nos trazer o Evangelho, sendo que Ele nos recomenda em nos esforçarmos à Porta Estreita das virtudes. Sabemos que ninguém chegaria à prática de todas as virtudes celestes, em uma única vida somente, e que muito menos nos seria dado algo em que não teríamos merecimento para receber.

Certamente o escritor da Epístola aos Hebreus, que é discutida a sua autoria, onde dizem ser de Paulo, de Lucas, ou até de alguns dos Apóstolos e diversos deles, também como autores simultâneos, fica a elucidação da seguinte questão do capítulo 9 que tem por único objetivo, a mensagem final sobre a volta de Cristo e não a condenação à reencarnação que não é assunto do mesmo referido capítulo.

Outrossim, se o texto infere em “**morrer uma única vez**”, então os opositores das vidas sucessivas se encontram em outro dilema, pois as ressurreições que ocorreram no AT e NT, tais como Lázaro, o filho da viúva de Naim e a filha de Jairo **morreram uma segunda vez?** Aí sim, a tão aventada e aludida passagem de Hb 9,27 é como um tiro que sai pela culatra.

Destarte, deixamos em nossa conclusão deste

subtópico, a seguinte reflexão para os leitores e também a todos contraditores: *“Hb 9,27 seria a negação da crença na reencarnação, se, segundo os dogmáticos não se acreditava nela na época de Jesus? Como poderia condenar algo em que não se acreditava?”* Por dedução, sabemos que é uma postura um tanto que incoerente, exercida por boa parte dos que acreditam na unidade da vida terrena e infelizmente abordada pelo Norman Geisler. (FERRARI. T. T. 2013. p. 22-24)

Fim da citação

Como temos constatado, o objetivo da citação do pastor de (Hb 9,27) para negar a reencarnação, ele acaba ignorando o contexto e o verso posterior (v. 28) que atesta a vinda de Jesus que é o objetivo do contexto. Pregando este texto, o pastor não contesta a reencarnação, mas, de antemão, coloca em xeque as ressurreições contidas no Tanah e no Novo Testamento, fazendo-nos perguntar. Estes personagens ressuscitados, morreram segunda vez? Esta é uma pergunta que os leitores deverão se fazer e o pastor não deve se furtar em refletir.

10.19. Acerca da Segunda Vinda de Jesus

Neste subtópico o pastor voltará a apresentar diálogos que teve com espíritas ao longo deste capítulo, mas não irá na codificação atestar se essa opinião está doutrinariamente embasada. Partindo deste pressuposto, ele começará a apontar textos bíblicos fragmentados, com a finalidade de corroborar a sua tese do retorno físico do Mestre a julgar as

nações. Vejamos suas reivindicações.

Certo Kardecista disse-me que a vinda de Jesus é a morte. “Quando morre uma pessoa, pode-se dizer que para essa, Jesus já veio”, disse ele. Mas a Bíblia diz que a vinda de Jesus não é a morte.

Tanto é assim, que o apóstolo Paulo registrou que nem todos morreremos (1Co:15: 51). Isto significa que quando Jesus voltar, os dEle que estiverem mortos, serão ressuscitados; e que os dEle que estiverem vivos serão transformados e, (juntamente com os mortos previamente ressuscitados), elevados ao Céu, para nunca morrerem. Ora, se a vinda de Cristo fosse a morte, poder-se-ia dizer que para os salvos que estiverem vivos no dia do arrebatamento da Igreja (os quais, segundo a Bíblia, subirão vivos ao encontro de Jesus nos ares), Jesus nunca virá. No entanto, a Bíblia diz que Jesus virá para todos: vivos e mortos (Mt.25:31-32; Ap.1:7;1Ts.4: 13-18; 1Co:15: 51)

Ora, pregar a vinda de Jesus é pregar uma doutrina bíblica. Logo, as pessoas devem, ou fazê-lo com fidelidade ao texto Sagrado, ou negar abertamente esta doutrina. Portar-se de outra maneira é agir incorretamente. O referido kardecista foi, pois, incoerente; mas, como sabemos, isso é normal entre os kardecistas.

Em nenhuma obra da codificação diz que Jesus volta após a morte individual de cada ser humano. Portanto, esta opinião sendo uma invenção do pastor, ou até mesmo partido de um espírita, não encontra embasamento doutrinário para ser validada. Partindo deste princípio, o pastor lançará mão do texto de (1Co 15,51) advogando o retorno de Cristo, arrebatando os salvos e transformando os vivos, tal qual conclui que Jesus virá a todos, vivos e mortos (Mt 25,31-32; Ap.1,7; 1Ts 4,13-18; 1Co 15,51).

Após o esclarecimento de que não há base doutrinária para atestar que Jesus viria após a morte individual de cada ser, a incoerência recaiu sobre o pastor e não sobre a Doutrina Espírita que não prega isso. Diante disso, vamos examinar primeiramente o texto de Paulo (1Co 15,1-58) que trata da **ressurreição dos mortos**, onde o pastor só pinçou o verso 51 que lhe interessa. Todo o discurso de Paulo deste contexto é apocalíptico. Inclusive, o pastor ignorou o verso seguinte (v. 52) em que Paulo se inclui no rol de que **“nós seremos transformados”**, nos levando a crer que Paulo esperava a vinda de Cristo enquanto ele ainda estivesse vivo, crendo ele que veria o grande mistério de ser transformado. Em se tratando de um período completamente apocalíptico, o próprio Cristo deu indícios do fim daquela era, mas assegurou que voltaria ainda naquela oportunidade. Para isso, basta conferir no sermão escatológico do Mestre (Mt 24) que disse que **não passará esta geração, sem que todas essas coisas se cumpram**. (Mt 24,34). Diante disso é que tanto Jesus, quanto Paulo são apocalípticos, tendo em vista que Paulo esperava sofrer tal transformação. Não vamos aprofundar este tema, pois é assunto que ainda estamos desenvolvendo um ebook a tratar posteriormente.

Já sobre a pincelada do pastor sobre a parábola dos bodes e das ovelhas que reflete **o último julgamento**. O pastor cita apenas (Mt 25,31-32) dentro do contexto (Mt 25,31-56) que denota um juízo de todas as nações mediante as obras. Como observamos, a citação desta parábola é muito desconfortável para o pastor, uma vez que Jesus não apresenta

uma salvação através da fé, mas um julgamento pelas obras.

Acerca da outra pincelada do pastor (Ap 1,7), salientamos que está contido no contexto de (Ap 1,4-8) que prefigura um **endereço** ao qual este livro do Apocalipse deveria se dirigir que são os que estão na Ásia. Vir sobre as nuvens (v. 7) é vir em juízo, não que literalmente Jesus viria fisicamente sobre as nuvens, como podemos constatar pelo contexto paralelo (Dn 7,13; Zc 12,10-14).

Já sobre (1Ts 4,13-18) comentaremos e desenvolver no subtópico seguinte, já que o pastor tratará de outro tema correlato. Preferimos não aprofundar na escatologia, deixando para um tempo futuro e outras duas obras que estamos desenvolvendo sobre este tema e que logo virá a público.

10.20. Sobre o Arrebatamento da Igreja

O pastor desenvolverá agora o arrebatamento da Igreja e que já se passaram dois mil anos e os Cristãos aguardam a pregação paulina que vamos conhecer a referência do pastor e desenvolver nossa argumentação. Vejamos:

Quem crê que está em evolução e que, portanto, ainda tem muito que reencarnar para se tornar digno de habitar no mundo dos espíritos perfeitos, não está, obviamente, aguardando Cristo para arrebatá-lo ao Céu, conforme previsto na Bíblia (1Ts. 4: 13-18; 1Co:15: 51).

Como crítica, o pastor desdenha novamente da lei natural das vidas sucessivas, pois para ele o esforço próprio no progresso moral e espiritual é instantâneo. Com isso,

apresenta uma fórmula mais breve que é o arrebatamento da Igreja contida em (1Ts 4,13-18), concomitante a (1Co 15,1-58). Em se tratando da ideia de Paulo ante o tema **dos mortos e os vivos na vinda do Senhor** (1Ts 4,13-18), o pastor se esquece que mais uma vez o apóstolo Paulo se inclui no rol dos vivos que aguardam a vinda do Senhor, quando diz **“em seguida nós, os vivos que estivermos lá”** (1Ts 4,17), igualmente desenvolvido no subtópico anterior em que Paulo diz **“nós seremos transformados”** (1Co 15,52). Como podemos observar diante de todo o contexto, Paulo se incluía como partícipe do arrebatamento da Igreja e acreditava que seria transformado com os demais cristãos de sua época, o que não ocorreu, passando a mais de dois mil anos sem se cumprir esta promessa de Paulo, que como já o dissemos, não vamos aprofundar neste tema escatológico, por entendermos que é preciso outra obra para tratar deste assunto, antes demos apenas um panorama geral. Passemos ao ponto seguinte.

10.21. Sobre a Ressurreição

Neste subtópico, o pastor apresentará a linha de argumentação da validade da ressurreição como conceito do Cristianismo. Lembraremos a ele que este conceito é bem anterior ao Cristianismo e perpassava na cultura pagã, haja vista os registros históricos dos antigos egípcios que já acreditavam nesta ressurreição dos mortos, tal como a evidência das múmias que foram preservadas na antiguidade, antes mesmo do surgimento do Judaísmo que acabou lhe agregando este conceito para dentro de sua ortodoxia e que o

Cristianismo pegou carona, tendo o seu ápice na ressurreição de Jesus. Diante deste panorama histórico, vamos adentrar no conceito exarado pelo pastor, suas citações bíblicas e sua linha de raciocínio. Vejamos:

Inquestionavelmente, a ressurreição de todos os mortos é uma doutrina cristã. Jesus Cristo disse que "...vem a hora em que todos os que estão nos sepulcros ouvirão a Sua voz. E os que fizeram o bem sairão para a ressurreição da vida; e os que fizeram o mal, para a ressurreição da condenação" (Jo. 5:28-29). Ora, se houvesse reencarnação não haveria ressurreição, pois que então faltariam espíritos para ocupar os corpos ressurretos. Raciocine: Como ressuscitar os diversos corpos que, em épocas diferentes foram, respectivamente, animados por um único espírito? Lembre-se ainda que (admitindo-se as crenças espíritas só para fins de argumento) o dito espírito poderá não se encontrar na tal de erraticidade, da qual fala o kardecismo, mas sim, reencarnado entre nós.

O pastor apresenta um raciocínio falho, por não compreender a passagem (Jo 5,28-29), pois segundo ele, somente os que estão na sepultura é que serão ressuscitados, dentro de sua citação. Embora o texto trate de outro tema, completamente oposto ao que o pastor sugere. Entretanto, dentro da linha de raciocínio dele, os corpos que estão no sepulcro serão reconstituídos e apresentados na ressurreição com o regresso dos espíritos que os habitaram enquanto estiveram vivos, impossibilitando os espíritos que estiverem reencarnados de atravessarem este processo. Bem o sabemos que o júízo final é para os vivos e os que estiverem mortos, segundo a carne e este argumento cai por terra, devido ao fato que esta passagem não fala a respeito de um júízo, mas da

reencarnação. Para isso, precisaremos retroceder ao episódio da cura do parálítico de Betesda (Jo 5,1-18), que já o comentamos anteriormente e que salientamos que este parálítico curado estava a 38 anos nesta enfermidade e que após a sua cura, foi advertido pelo Mestre que não voltasse a pecar, a fim de que não lhe sucedesse algo pior (v. 14).

Partindo deste princípio, Jesus começa a discursar a seu respeito no contexto posterior (Jo 5,19-47) em que o pastor se utilizou de apenas os versos (v. 28-29), sem examinar o contexto anterior e nem mesmo aprofundar no contexto ao qual levou Jesus a afirmar que os mortos ouviriam sua voz e sairiam do sepulcro, uns para a ressurreição da vida, outros para a ressurreição da condenação. Pois bem, em verso anterior a citação do pastor, Jesus diz que vem a hora, **e a hora é agora** (v. 25) atestando que não seria algo que ocorreria no futuro longínquo, em que todos seriam ressuscitados e julgados. Portanto, concluímos que este texto, dentro de seu contexto, e no contexto anterior, tratam exclusivamente da reencarnação e não estamos sozinhos nesta reflexão. Vejamos o professor Severino Celestino da Silva em sua obra ***Analisando as Traduções Bíblicas***. Vamos conferir.

Em João 5:28, Jesus se refere ao texto de Daniel 12:2: **“Não vos admireis com isto: vem a hora em que todos os que repousam nos sepulcros ouvirão a minha voz e sairão; os que tiverem praticado o bem, para uma ressurreição de vida; os que tiverem praticado o mal, para uma ressurreição de julgamento”**.

Jesus afirmou ainda: **“Eu sou a ressurreição e a vida”**.

(João 11:23) e segundo o texto original de Daniel 12:2, muitos despertarão para o mundo de “**vida**”, ou seja, muitos se encontrarão num estágio tão evoluído, que já estarão no mesmo nível do Cristo. Poderíamos dizer que muitos despertarão para o mundo do Cristo. Lembremos que Ele nos afirmou: “**Vós sois deuses**”, João 10:34. Veja também o Salmo 82:6.

Assim, os outros despertarão para o mundo da vergonha e da ignomínia. Aqueles que ainda permanecerem no erro “**despertarão**” suas consciências e perceberão todo o mal praticado e com isto sofrerão muito, viverão, na verdade, um mundo de vergonha e ignomínia. Com suas consciências despertas, partirão para a reparação dos seus erros, numa verdadeira caminhada em busca de nova vida através de Reencarnações sucessivas. Nada faz sofrer mais do que a consciência de ter prejudicado o semelhante. (SILVA, S. C. 2012. p. 231-232) (grifo no original)

Como bem observamos, o contexto anterior da cura do paraplético do lago de Betesda (Jo 5,1-18) que Jesus cura-o e assevera a lei de causa e efeito em uma vida anterior, assegurando que poderia ocorrer algo pior, se o paraplético curado voltasse a pecar (v. 14). Logo em seguida, Jesus estabelece um conceito das vidas sucessivas em seu discurso sobre o Pai e o Filho, juntamente com os judeus, acerca das obras que o filho do homem realiza (Jo 5,19-47). Por isso o pastor chegou a conclusões precipitadas, não compreendeu o contexto, atropelou novamente a hermenêutica, não realizou a boa exegese, nem muito menos conseguiu combater a reencarnação, apresentando a ressurreição dos mortos, de um texto que fundamenta as vidas sucessivas e a lei de causa e efeito.

Como vimos neste capítulo (10.2.), Kardec ousou dizer que Jesus era reencarnacionista e que Ele (Jesus) chamava de “ressurreição” o que o Espiritismo chama de “reencarnação”, ou seja, os nomes são diferentes, mas o conceito é o mesmo. Exibi então três razões pelas quais me parece que esse incoerente argumento não resiste a um confronto com o contexto bíblico e com o bom senso. Vimos assim que o Kardecismo é irracional, duas vezes incoerente, hipócrita e anticristão. Irracional porque basta bom senso para se perceber que quando Jesus falava da ressurreição, Ele não tinha em mente a tal de reencarnação; duas vezes incoerente porque: Primeira incoerência: Recorre à Bíblia sem reconhecê-la como autoridade; segunda incoerência: Nega a Bíblia dizendo-se cristão. E é irracional porque agir dessa maneira é uma estultice inqualificável.

Após os improperios do pastor, que não economiza sua cartilha de ofensas à Doutrina Espírita, detratando-a de forma descabida, nos julga sendo irracionais, onde foi completamente principiante em sua citação anterior, baseando-se em credences fundamentalistas, sendo que a irracionalidade não recaiu sobre o conceito da reencarnação, da lei de causa e efeito, mas pendei para o lado dele, quanto omitiu todo o contexto de suas pinçadas sobre o texto, levando aos seus leitores ao erro, julgando-se superior a nós espíritas, que respeitamos o contexto. Observamos que neste caso, quando Jesus se refere a ressurreição dos mortos (Jo 5,19-47), citando (Dn 12,2), o Mestre alude a reencarnação, mesmo que a contragosto do pastor, que deverá provar sua superioridade de raciocínio, ante nossa reflexão, ou recairá sobre ele, o seu próprio julgamento de que é apenas *uma estultice inqualificável*. Passemos ao ponto seguinte.

10.22. Sobre o Tribunal de Cristo

Após nossos esclarecimentos no subtópico anterior, o pastor será bastante econômico neste assunto sobre o tribunal de Cristo, citando novamente Paulo e misturando conceitos de corpos físicos, e espíritos. Vejamos sua linha de raciocínio.

Além do que vimos acima, a Bíblia nos diz que Cristo galardoará os Seus naquele grande Dia, segundo o que tivermos feito por meio **do corpo** (no singular [1Co.5:10]). Ora, se existisse reencarnação, o homem teria vários corpos e, naturalmente, a recompensa seria segundo o que o espírito fizesse por meio **dos corpos**.

Diante dessas incoerências, pode-se ver que o Kardecismo não é cristão, já que cristão não é quem “segue” a Cristo à sua maneira, e sim, quem se pauta pela Bíblia (Jo. 7.38).

Agora nos deparamos com mais um erro do pastor que citou a primeira epístola aos Coríntios, enquanto a citação ao qual ele se refere, encontra-se na segunda epístola aos Coríntios (2Co 5,10). O contexto ao qual Paulo se refere está contido em (2Co 4,7-18; 5,1-10) que trata do tema **tribulações e esperanças do ministério**. Nos impressionado que o pastor que não tenha percebido, mas Paulo alude sobre a imortalidade da alma e do corpo se apenas uma veste que se serve o espírito a se manifestar. É importante entendermos o contexto, a fim de que possamos compreender o que Paulo quis dizer ao final que **seremos julgados pelo corpo, se fizemos o bem, ou se fizemos o mal**, que acaba corroborando o que refletimos anteriormente na passagem de Jesus, que cura o parálítico de Betesta, (Jo 5,1-

18), apresentando a lei de causa e efeito (v. 14), demonstrando as vidas sucessivas (Jo 5,19-47) e agora Paulo arremata que tudo o que fizermos em vida, seja o mal, ou o bem, serremos julgados (2Co 4,7-18; 5,1-10), salientando as nossas elucubrações, pois a cada encarnação, somos julgados pelos nossos atos, que refletem positivamente, ou não nas vidas futuras. Nossos atos, enquanto encarnados, não são cumulativos, pois sofreremos as consequências de nossos atos já na vida futura, atribuindo nossas aflições a vidas pregressas, onde colhemos aquilo que plantamos. O pastor não compreendeu ainda a lei de causa e efeito e fez uma tremenda confusão no conceito da reencarnação. Vamos ao ponto seguinte.

10.23. Sobre o Juízo Final

O pastor vai encerrar este seu capítulo neste seu último subitem, não entendendo ainda o processo da reencarnação, da lei de causa e efeito e muito menos o processo de transição planetária ao qual estamos atravessando (Mt 19,28) em que o planeta Terra está passando do estágio de planeta de provas e expiações, para o estágio de mundo de regeneração. Com isso, ele conclui:

Segundo o Kardecismo, ninguém será condenado eternamente. As punições divinas duram apenas até que o espírito faltoso se arrependa, **expie** seus pecados (sofra as consequências de suas más ações) e **repare** suas faltas (faça boas obras para compensar os erros cometidos). Isso não coaduna com o que a Bíblia nos fala acerca do Juízo Final, quando, de acordo com a Bíblia, os perdidos serão lançados no lago de fogo eterno, onde sofrerão eternamente, como já

Conforme observamos, o que o pastor apresenta neste desfecho, creio que os prezados leitores puderam ver nosso contra-argumentação, no mesmo capítulo V indicado pelo pastor, onde apresentamos bibliografias que apresentam o caráter de juízo final dentro da Doutrina Espírita, que em seus postulados, não condena os infratores de erros completamente finitos a penas irremissíveis, o que demonstramos que o degredo espiritual ao qual a Terra se aproxima, é completamente sustentando na Codificação e em obras complementares à Doutrina e que já o recomendamos para estudo. Passemos ao capítulo seguinte.

CAPÍTULO XI - NÃO TROQUE O CERTO PELO DUVIDOSO

Neste capítulo o pastor vai desenvolver não trocar o fundamentalismo que ele professa e defende, pela Doutrina Espírita que ele combate e repudia. Entretanto, o que é certo e o que é duvidoso? Nossa percepção da plenitude da verdade ainda não está completa, já que não atingimos a perfeição moral e intelectual, mas temos um caminho a seguir, e este é o que Jesus nos legou em sua missão entre nós a quase dois mil anos, imitando seus atos, certamente chegaremos ao objetivo comum, independente da crença individual. Com este parâmetro, vamos conferir o que o pastor nos apresenta.

Bem, depois de tantas incoerências encontradas no Kardecismo, certamente está claro que você não pode ser cristão e kardecista simultaneamente. Não é possível crer na Bíblia e nos escritos de Kardec a um só tempo. Ademais, creio que provei que o Kardecismo é sofismático. Mas talvez você ainda tenha algumas dúvidas. Neste caso, não troque o certo pelo duvidoso.

Aos kardecistas e simpatizantes desse sistema infernal que, porventura, esbocem alguma dúvida, creio que posso ajudar, sugerindo as seguintes medidas:

O pastor encontrou as tais incoerências que supostamente encontrou na Codificação Espírita e nós revelamos aos leitores a sua falta de bom senso, mediante

crendices fundamentalistas, quando não descia mais o nível ainda a testificarmos sua má-fé. Enquanto desmistificamos suas citações desconexas, equivocadas e levianas, como probante as Escrituras que ele confrontava, fizemos a boa exegese do contexto, com a aplicação de uma hermenêutica imparcial, procurando extrair do texto o que ele poderia oferecer. Diante deste cenário, enxergamos que a mistificação do pastor é que orientamos aos prezados leitores não trocarem estes diversos pontos duvidosos pela revelação pura e cristalina da Codificação, que nos responde a diversas questões intrínsecas da humanidade. Com isso, ele recomenda seis passos abaixo a nos recomendar não seguir o Espiritismo, mas sim, o que ele diz. Vamos ao exame mais uma vez.

A) É Preferível confiar no sangue de Jesus, a crer em reencarnação; já que, se de fato existe reencarnação, por ela passarei inevitavelmente, visto que eu não preciso crer em coisa alguma para me reencarnar. O mesmo, porém, não se dá, segundo a Bíblia, com a salvação em Cristo. De acordo com o Cristianismo bíblico, se eu não me “esconder” sob o sangue de Jesus nesta vida, serei um eterno desgraçado no além. Logo, optar pelo sangue de Cristo é uma questão de inteligência;

Nesta primeira recomendação do pastor, ele se vale da teologia do sangue de Jesus para abalizar sua salvação, mas se esquece que o caráter de julgamento não é através daqueles que acreditaram no sangue de Jesus, mas se fizeram boas obras diante de seu próximo, como bem já o demonstramos (Mt 25,31-46), utilizando a mesma Bíblia que ele se vale para combater o Espiritismo. Outrossim, entendemos que a

Reencarnação é uma lei natural, ao qual Jesus alude diante de Nicodemos (Jo 3,12). Crer nela não diminui, ou aumenta as chances de uma encarnação provinda de expiações, provas ou missão, mas os nossos atos determinam o que iremos colher em vidas futuras, sabendo que poderemos colher nossas iniquidades em terceira e quartas gerações (Ex 20,5-6). A lei de causa e efeito está presente no Decálogo e desenvolveremos mais adiante este conceito resumido e nossa validação da reencarnação. Portanto, a reencarnação é um fato e nossos atos determinam o que atravessaremos nas vidas futuras, explicam as aflições e somente acreditar no sangue de Jesus sem a devida responsabilidade de nossos atos, determinará nosso destino de resgate. Vamos ao ponto seguinte.

B) Quando cremos em Cristo dentro dos moldes bíblicos (isto é, que ele é Deus; que Seu sangue purifica de todo pecado; e que Seus mandamentos estão contidos na infalível Bíblia), recebemos um gozo inexplicável (1Pe. 1:8). Não seria isto o cumprimento da promessa que Jesus nos fez, de nos dar outro Consolador (isto é, o Espírito Santo), se nEle crêssemos **segundo** as Escrituras? (Confere: Jo.7:38-39; 14: 16). João Batista recebeu o Espírito Santo antes de nascer; e por isto saltou de **alegria** no ventre de sua mãe (Lc.1:15,44). Já que nós, os cristãos bíblicos, sentimos este gozo inexplicável, não seria isto uma prova tangível de que o Cristianismo é real e verdadeiro e que nós, cristãos bíblicos, estamos no Caminho certo?

Acerca do conceito da transubstanciação e a deidade de Jesus, já o comentamos anteriormente e biblicamente não há prova conclusiva para estes dogmas que perduram mais na

imaginação do pastor, do que nos fatos. Como podemos observar, o outro Consolador prometido por Jesus (Jo 14,16) certamente viria após a sua partida, pois como o próprio Mestre aludiu, só viria o Consolador, se ele partisse e enviasse (Jo 16,7). O pastor se encontra numa sinuca de bico agora, pois a questão que ele certamente não terá resposta é que: Se Jesus prometeu o outro Consolador que era o Espírito Santo e que este paraclito só poderia vir, se Jesus partisse e o enviasse, como explicar que João Batista o recebeu (Lc 1,15-44), antes de Jesus efetivar sua missão e prometer sua vinda futura, após seu sacrifício e ressurreição? Certamente esta é uma dúvida que é perene no raciocínio do pastor e sem resposta que não existe. Quando as Escrituras se referem a um espírito santo, e não o espírito santo da trindade que animou João Batista e Daniel, entendemos que era um espírito de grande envergadura moral e não que o espírito santo da trindade que os animavam, já que no grego, quanto é citado "*pneuma hagion*", estes vêm sem o artigo definido "*ho*" e, portanto, com um pronome indefinido que não os define como o espírito santo, mas **um espírito santo**.

Convidamos aos leitores a pensarem que este Espírito de Verdade se revelou a Kardec, apresentou o desenvolvimento das coisas vindouras que o Cristo não revelou aos apóstolos, explicou passagens ininteligíveis do Evangelhos e nos anunciou o porvir de um mundo de regeneração (Mt 19,28). Esta é a certeza que defendemos e a dúvida recai novamente nos argumentos do pastor que utiliza as Escrituras sem o devido exame de seu contexto, e o bom uso da boa

lógica. Vamos ao ponto seguinte.

C) Para cedermos nosso corpo a um espírito que se diz, por exemplo, o da mãe de um consulente, teríamos que estar seguros de não estarmos sendo enganados. E, como vimos em 9.5, Kardec reconheceu que não é possível se certificar com precisão da identidade dos espíritos. Ora, se somarmos as proibições bíblicas à prática da mediunidade, às incertezas espíritas, porventura não chegamos ao resultado de que é preferível não nos envolvermos com isso? Alguns ex-católicos e ex-“evangélicos” respondem que nada puderam fazer, pois se tornaram médiuns antes de crerem na mediunidade. Os espíritos simplesmente se incorporaram neles sem mais nem menos. Porém, nenhum cristão verdadeiro passa por essa amarga experiência. Seja um cristão de fato e você jamais receberá espírito de “defunto”.

Como bem observamos ao pastor, da desmistificação da identidade dos espíritos em que Kardec, em resumo, alude aos fatos materiais de sua particularidade, bem como sua linguagem e atos como comprobatórios de sua real personalidade. Neste ínterim, sabemos que o sofisma do pastor não foi capaz de resistir ao nosso exame. Na cabeça do pastor, os médiuns ficam expostos nos centros espíritos, passíveis de serem consultados por aqueles que assim desejam, o que já também o demonstramos que não é bem assim que se configuram as reuniões mediúnicas sérias que requerem discricção, estudo prévio e preparo do médium, dos dialogadores e assistentes na reunião, que no mínimo requerem três anos e meio de estudo anterior à prática mediúnica no ESDE (Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita) e ESMED (Estudo da Mediunidade). Certamente esta dúvida repassada pelo pastor, levam seus leitores a desacreditarem

nas informações por ele retransmitidas.

Como bem salientou na exemplificação adiante, a mediunidade não é passível de proibição bíblica, uma vez que ela é inerente a uma disposição orgânica que se manifesta de diversas maneiras. Salientamos ainda, que as consultas frívolas, proibidas por Moisés, ainda vigoram, e que em nossa conclusão, o pastor delas se utiliza como prática que não existem nas casas espíritas federadas, cabendo a outras instituições o seu uso inadequado aos parâmetros da Codificação de Kardec. Concluímos que mais uma dúvida recaiu sobre os conceitos explorados pelo pastor e a certeza da prática mediúnica com estudo e responsabilidade que fundamentos na Codificação Espírita no amparo de espíritos sofredores e processos de desobsessão, na profilaxia do tratamento de distúrbios mentais e físicos. Passemos ao ponto seguinte, visando a esclarecer mais dúvidas a este respeito.

D) Ora, como posso me emocionar diante de um espírito que se diz o de minha falecida mãe, se o próprio kardecismo adverte que eu posso estar sendo enganado? Com a Bíblia garantindo que **“não é mamãe”**, e Kardec dizendo que não sabe se é ou não, será que não é mais prudente corrermos disso?

O pastor volta novamente às consultas frívolas, proibidas por Moisés, desconhece os mecanismos das reuniões mediúnicas nas casas espíritas federadas, onde o objetivo e preparo para delas fazerem parte seus participantes, levando novamente seus leitores ao erro, concomitante a um sofisma que ele mesmo criou, disseminando mais ainda a dúvida do

que a certeza de que é conhecedor da Doutrina Espírita. Nem nós daremos o trabalho de argumentar novamente, o que dissemos no item anterior. Que os leitores possam ver tamanha desinformação do pastor, ante uma análise acurada dos fatos, por ele ignorados. Vamos novamente ao ponto seguinte da disseminação das dúvidas do pastor e nossas correções oportunas.

E) Não encontramos em toda a Bíblia nenhum servo de Deus incorporando as almas dos mortos. Não é isto digno de nota? (Embora saibamos, como já fiz constar em 2.2.2., § 5, que os kardecistas atribuem a mediunidade, às manifestações do Espírito Santo e dos anjos. Vimos lá que o “jornal espírita”, de junho de 1991 asseverou que “No dia de Pentecostes todos os apóstolos foram envolvidos pelos espíritos, ocorrendo a maior sessão coletiva de manifestação mediúnica na história religiosa do mundo...” [e que] “os... estudiosos irão descobrir que o Espírito Santo nada mais é que a alma dos homens que se foram...”).

Não é bem esta a história do Cristianismo primitivo, pois as manifestações mediúnicas ocorriam como profecia, dons de línguas, curas, exortações e diversas outras formas de ocorrerem, tal qual asseverou o apóstolo Paulo (1Co 14,1-39), tanto que o apóstolo João nos recomenda: **Amados, não creiam em qualquer espírito, mas examinem os espíritos para ver se eles procedem de Deus, porque muitos falsos profetas têm saído pelo mundo.** (1Jo 4,1). A igreja primitiva era permeada dos fenômenos mediúnicos que nada se referem às consultas frívolas que o pastor atribui erroneamente à prática nas casas espíritas federadas e sérias, ante uma prática completamente demonstrada na codificação,

norteando o rumo certo de termos o objetivo do intercâmbio entre os planos físico e espiritual que é alcançar o atendimento a espíritos sofredores, processos de desobsessão e orientações doutrinárias, sendo todos estes fins desconhecidos pelo pastor, que distribui mais dúvidas, do que certezas que ele mesmo desconhece nas Escrituras. Vamos ao último item do pastor que irá nos apresentar uma pérola para encerramento.

F) O espírito de Moisés se comunicou com Jesus (Mt. 17:3). Os kardecistas se separam disso para engrossar seus argumentos em defesa da mediunidade. Todavia, como Jesus é Senhor não só dos vivos, mas também dos mortos (Rm 14:9), esse argumento é pobre. Os mortos, especialmente os salvos, podem ter livre acesso a Cristo, já que são seus servos. Além disso, nem tudo que Cristo fez e faz, nós podemos fazer também. Por exemplo, Ele aceita adoração (Mt. 8:2; 28:9,17; Hb. 1:6). Somos nós também dignos de sermos adorados? Pensem nisso os sinceros!

No encerramento deste capítulo, o pastor entende que a transfiguração de Jesus no Tabor (Mt 17,1-9; Mc 9,2-8; Lc 9,28-36), na presença dos apóstolos Pedro, João e Tiago não abona as comunicações entre os planos físico e espiritual de forma séria, tal qual ocorre nas casas espíritas. O que entendemos que os judeus, ante ao rigor de sua lei na Torah, encontrariam neste evento, algo a recriminar no Mestre, tanto que o próprio Jesus pede sigilo aos seus escolhidos que presenciaram o evento, uma vez que poderia ter sido utilizado pelos fariseus e escribas na condenação do dele (Mt 17,9). Logo, se Jesus é senhor de vivos e mortos (Rm 14,9), nada mais justo de que ele mesmo desse o exemplo de como

proceder na comunicação entre vivos e mortos, mas mortos segundo a carne, pois como espíritos somos imortais.

O pastor agora nos dará uma pérola, que é a de que ele diz que **“nem tudo que Cristo fez e faz, nós podemos fazer também”**, mas a Bíblia nos diz o oposto que, segundo Jesus, **“Na verdade, na verdade vos digo que aquele que crê em mim também fará as obras que eu faço, e as fará maiores do que estas, porque eu vou para meu Pai.”** (Jo 14,12). Como podemos observar caro leitor, o pastor não foi muito feliz em sua citação que nem tudo o que Jesus fez, podemos fazer, uma vez que o próprio Jesus diz diametralmente o oposto! Recomendamos, não troque o duvidoso argumento do pastor pela certeza da Codificação Espírita. Vamos adiante no raciocínio, pois o pastor vai se justificar que Jesus aceita adoração (Mt. 8,2; 28,9, Mt, 28,17; Hb 1,6) e que nós não poderíamos ser adorados?

A nossa resposta será em desmistificar de que Jesus aderiu ao critério de ser adorado que no primeiro contexto (Mt 8,1-4) alude ao contexto da **cura de um leproso**. Diante do que já expomos, o contexto determina que os seguidores de Jesus poderiam curar e o fizeram, tal qual exemplificamos (Jo 14,12). Acerca do contexto de (Mt 28,9-10) diz, em seu contexto **da aparição às santas mulheres** que certamente existem evidências à saciedade de aparição de espíritos a amigos e familiares a contento. Já sobre o contexto de (Mt 28,16-20) que trata do tema da **aparição de Jesus na Galileia e a missão universal**, onde entendemos que se trata do mesmo episódio anterior que é a tangibilidade

espiritual de Jesus, ante seus seguidores, completamente comum aos dias de hoje. Por fim, cita o pastor do contexto de (Hb 1,5-14) que trata do tema específico do **Filho**, abordando a consumação da missão do Cristo e sua entronização no reino celeste a presidir o orbe terrestre, diante de sua primogenitura. Contudo, neste contexto observamos que a assertiva de adoração é restrita aos anjos e não aos homens como sugeriu o pastor em passagens anteriores? Temos aí um contrassenso em suas citações, o que o coloca novamente em contradição com (Jo 14,12) em que Jesus é enfático em afirmar que podemos fazer o que ele fez e muito mais. Ademais, esta é uma posição do autor da epístola aos Hebreus e não uma citação direta do Mestre que ele deveria ser adorado pelos anjos e homens, sendo que neste último caso, não obtemos nenhuma referência direta de Jesus.

No encerramento deste capítulo, foram apontadas diversas incoerências do pastor no trato com a Codificação de Kardec e citações isoladas das Escrituras, onde o ele tentou desqualificar a Doutrina Espírita, diante de raciocínios falhos e conceitos puramente pessoais, sem o amparo do contexto bíblico, da exegese e da boa hermenêutica. Fica assim, reduzido a cinzas os ataques do pastor para com o Espiritismo. Com isso, passemos ao capítulo seguinte e conhecer mais um de seus sofismas.

CAPÍTULO XII - DEUS NÃO PERDOA PECADO

Pelo título sugestivo do pastor, de que *Deus não perdoa pecado*, mas sugerimos uma complementação que *inocenta o culpado em arrependimento, corrige suas atitudes em novas experiências e recupera o infrator, transformando-o em verdadeiro servo ante a lei natural das vidas sucessivas* que depõe contra os argumentos do pastor, uma vez que o objetivo da criação é o amor e a felicidade, mas para isso, ele tem uma fórmula que vamos conhecer ao longo deste capítulo e submetê-la ao bom senso que nos parece que o pastor está destituído desde o início deste seu objetivo, que é detratar o Espiritismo. Vejamos a sua abertura:

O presente capítulo, bem como o próximo, têm por objetivo ajudar os kardecistas a entenderem o porquê da morte de Jesus. Nos capítulos anteriores, eu priorizava o questionamento às doutrinas Kardequianas; doravante, porém, enfatizarei a exposição do Plano de Salvação. Tal se dá porque não basta dizer que os kardecistas estão na mentira, é necessário lhes apresentar a verdade.

Sugere o pastor que nós espíritas estamos na mentira e ele na verdade, mas como estamos evidenciando ao longo de nossa resposta, ele está sendo confrontado com as suas citações isoladas da Codificação Espírita, submetidas ao exame do contexto e percebemos que ele se tem utilizado da incompreensão e em alguns casos da má-fé no trato das obras

de Kardec. Ele erra em citações, isola frases, ignora o contexto e leva os seus leitores ao erro. Quando ele parte para as citações bíblicas, apresenta citações fora de contexto, isola igualmente os textos e parte para argumentos falhos, fazendo sobressair sua incoerência no trato da sua própria regra de fé, em detrimento do Espiritismo que é seu principal objetivo.

Percebemos que a verdade não se encontra em seu discurso e até sugerimos o nosso artigo **Verdade ou Mentira**, disponível em nosso site, clicando ([AQUI](#)) e que poderá esclarecer a ele e aos demais leitores, delimitando àqueles que se arvoram em detratar a Doutrina Espírita, quando são desprovidos do compromisso com a idoneidade dos fatos e querem empurrar goela a baixo sua ortodoxia, mesmo sendo falha em diversos aspectos práticos. Vamos conhecer agora o plano de salvação do pastor.

Geralmente pensa-se que a Bíblia ensina que Deus é tão bom que por maior que seja o pecado, se o pecador se arrepende e pede perdão, Deus o perdoa. Mas a verdade solene é que Deus é tão justo que, segundo a Bíblia, por menor que seja o pecado, e por mais que o pecador se arrependa e peça perdão desse “pecadilho”, Deus não perdoa. O pecado é, na opinião de Deus, uma dívida que tem que ser paga inevitavelmente. Segundo o infalível parecer de Deus, perdoar a culpa, mesmo estando o pecador arrependido, é tão errado quanto punir o inocente. E o porquê disso é que Ele é justiça. Mas nem por isso temos que ser punidos por causa dos nossos pecados, visto que Deus concebeu um plano para mudar a nossa sorte. Este plano não consiste em fazer vista grossa aos pecados do pecador arrependido, e sim, em dar-nos um substituto que é Cristo. Jesus é o substituto de todo aquele que nisto crê e para isto apela. Todos os que apelam para o sangue de Jesus, isto é, para o Seu sacrifício

substitutivo (expiatório), ficam, na hora, quitados para com Deus. E isso porque, para Deus, suas dívidas foram pagas por Jesus. Sim, os pecados dos verdadeiros cristãos não foram perdoados, mas rigorosamente punidos na Pessoa de Jesus. Deus não perdoou a nossa dívida, mas Jesus pagou-a por nós e para nós. Creia nisso, e saia da condenação hoje mesmo (Rm. 8.1; Jo. 3.16; Lc. 23.43).

Iniciando a análise deste primeiro parágrafo da argumentação do pastor, nos deparamos em sua tese de que Deus não perdoa o pecador arrependido, independente da intensidade de seu erro. O pastor nos oferece uma fórmula de perdão divino, atrelado ao sacrifício de Jesus na cruz, como meio preponderante ao infrator, crendo no sangue expiatório do Cristo, Deus lhe concederia o perdão. Para tanto, é preciso recorrer ao ponto em que o pecado que Jesus morreu na cruz, segundo Paulo, é em pagamento ao pecado original, cometido por Adão, uma vez que por meio dele, o pecado entrou no mundo, e por meio do Cristo, o pecado foi anulado e a morte foi vencida. Este é um conceito paulino e o que o pastor se esqueceu, onde argumenta aqui a abrangência que ele colocou nos diversos pecados praticados por nós seres humanos completamente falhos que somos, todos estes na responsabilidade das consequências nos ombros do Mestre. Já evidenciamos aí a primeira incoerência do argumento do pastor, em misturar qualquer tipo de erro ao sacrifício de Cristo, enquanto na ótica de Paulo, o sacrifício de Cristo é em quitação ao erro de Adão que praticou o famoso pecado original.

A segunda argumentação duvidosa do pastor é que

todo aquele que apela para o sangue de Jesus, automaticamente é perdoado de seus erros. Outro argumento falho, pois daremos apenas dois exemplos, quando Jesus aborda a Zaqueu a salvação, ante a mudança de atitude do publicano, em ressarcir aos que prejudicou em até quatro vezes mais (Lc 19,1-10). Jesus perdeu a chance em dizer que ele seria perdoado após seu sangue derramado? Claro que não, e esta fórmula é posterior, sendo destoante do Evangelho e o Mestre apresenta a Zaqueu a salvação, mediante a sua mudança de atitude e não uma fórmula da transubstanciação. Outro exemplo, é pelo fato de Jesus ser interpelado por Pedro quantas vezes ele deveria perdoar seu próximo, em até sete vezes? Não, afirmou Jesus, mas até setenta vezes sete (Mt 18,21-22). Diante destas duas exemplificações, já cai por terra o argumento do pastor, em dizer que Deus não perdoa ao pecado, mesmo tendo o pecador se arrependido, uma vez que o Mestre orientou ao seu discípulo perdoar infinitamente. Estaria a criatura acima do Criador? Mais uma incoerência do pastor no seu plano de salvação proposto. Outrossim, quanto Jesus apresenta a salvação a Zaqueu, ele não diz que seria preciso Zaqueu crer em seu sangue que seria derramado, bastou a mudança de comportamento dele, para que lhe fora outorgada a salvação.

O pastor não se sentirá satisfeito se não se utilizar de textos bíblicos isolados para assegurar que sua visão do perdão das ofensas, será dada aos infratores, somente em acreditarem no sangue de Jesus. Sua primeira citação está no contexto de (Rm 8,1-13) que assevera o seu tema **a vida no**

Espírito que é justamente ofertado aos que estão em Cristo a viverem pela lei do espírito e não pela Lei da carne que é regulada pelo Torah, a Lei de Moisés (v. 2-3). Portanto, não há condenação àqueles que vivem o Evangelho e não os que acreditam apenas no sangue de Jesus, é preciso examinar o contexto desta citação isolada do pastor (v. 1) e enxergar o óbvio que ele não quer ver e nos oferece como seu plano de salvação. É o que temos insistido em dizer e parece que o pastor ainda não entendeu nem mesmo a sua regra de fé.

Já acerca do colóquio de Jesus com Nicodemos (Jo 3,1-21), nos apresenta o pastor a sua fórmula de salvação, em apenas acreditar no sacrifício de Jesus para ser perdoado (v. 16), esquecendo-se o pastor, que Jesus responde a Nicodemos que para ver o reino de Deus, era preciso nascer de novo (v. 3) e diante de todo o contexto, que já analisamos anteriormente, Jesus alude as vidas sucessivas como uma lei natural (v. 12) que daria, não somente a Nicodemos, mas a todos nós, a possibilidade de ver o reino de Deus, elevando-se moral e intelectualmente, através do esforço próprio em domar suas más inclinações, ante o processo de pedagogia divina da expiação, prova e reparação de suas falhas, a fim de voltar ao caminho do Pai. No esforço do pastor, em comprovar sua cartilha salvífica, ignora o contexto e atropela a boa exegese mais uma vez.

E por fim, o pastor cita o (v. 43) do contexto de (Lc 23,39-43) que nos traz o tema o **“bom ladrão”** que na Bíblia de Jerusalém (p. 1831) o traz entre aspas, uma vez que não há bom ladrão, bom mesmo é não roubar. Esta atestação do

arrependimento do ladrão na cruz, é encontrada somente neste Evangelho de Lucas, onde nos sinóticos de Mateus e Marcos, dizem que os ladrões insultavam o Mestre na cruz (Mt 27,44; Mc 15,32b). Não encontramos um relato que tem segurança para uma boa exegese, pois é conflitante o Evangelho de Lucas com os de Mateus e Marcos, que são anteriores. Contudo, partindo da premissa de que houve este evento, Jesus não poderia desabonar o arrependimento do bom ladrão, mas certamente não seria isento da expiação, prova e correção numa vida posterior, a atravessar este bom ladrão. As vidas sucessivas têm este processo pedagógico e estamos todos submetidos a ele. Vamos ao ponto seguinte abordado pelo pastor no seu plano de salvação.

Muitos vão para o Inferno porque ignoram o Plano de Salvação. Alguns exemplos: Muitos, por reconhecerem a justiça divina, se julgam irremediavelmente perdidos. Estes morrem de sede dentro de um caudaloso rio, o rio da salvação pelo sangue de Jesus! Outros criaram os seus próprios “planos”. Sim, há aqueles que creem que pagarão suas dívidas no imaginário fogo do suposto purgatório. Outros creem que no final Deus dará um jeitinho, por ser Ele um Pai bondoso. E ainda outros creem que podem salvar-se a si mesmos através das boas obras e das vicissitudes da vida nesta e noutras ilusórias encarnações. Todos esses, porém, estão se perdendo por não se valerem do único Salva-vidas que veio do Céu: Jesus!

Se na mensalidade do plano de salvação do pastor, muitos vão para o inferno, logo este plano é ineficaz, já que muitos se perdem. Entendemos que ele não cumpre seu papel de que nenhuma ovelha se perderá, já que o Pai se alegra mais

com a ovelha desgarrada que retoma o caminho de volta, do que com as noventa e nove ovelhas de seu aprisco (Lc 15,4-7). Como bem observamos, o plano particular de salvação do pastor, colide com a própria regra de fé que ele segue, até mesmo por que nenhuma ovelha confiada ao Mestre se perderá (Mt 18,12-14). Os argumentos do pastor, ao confrontarmos com as Escrituras, não resistem ao fato dele eleger um plano de salvação exclusivo aos seus fiéis e não inclusivo, ao que a Doutrina Espírita propõe àqueles que se propuserem a viver em consonância com a lei de amor e caridade, para com seu próximo, pondo em prática os ensinamentos que o Mestre nos legou, como meio de estarmos numa faixa de vibração similar à do Pai, que rege nossa vida e nossos atos, independente da filosofia religiosa que seguimos, uma vez que seus discípulos serão reconhecidos por muito se amarem (Jo 13,35).

Portanto, o “salva-vidas” proposto pelo pastor será legado apenas um grupo restrito que acredita mais no sangue do Cristo, do que a prática do seu Evangelho. Este é o plano de salvação proposto pelo pastor, que lança mão de toda a missão de Jesus que é muito mais significativa, diante do seu exemplo a seguir, em que acreditar apenas na transubstanciação como meio de angariar uma plenitude, que a simples crença não dá base de sustentação, enquanto é preciso viver o Evangelho em nossas atitudes. Asseveramos que o pastor e os seus seguidores se assemelham a uma recomendação do Mestre em exortação que diz: **Muitos me dirão naquele Dia: Senhor, Senhor, não profetizamos nós em teu nome? E, em teu**

nome, não expulsamos demônios? E, em teu nome, não fizemos muitas maravilhas? E, então, lhes direi abertamente: Nunca vos conheci; apartai-vos de mim, vós que praticais a iniquidade. (Mt 7,22-23)

Nós, os evangélicos, realmente cremos que Deus perdoa pecado, pois a Bíblia o diz claramente (Is. 55.7; Mt. 6.12; Mc. 2.5; Sl. 103.3 etc.). Mas entendemos que neste caso, “perdão” é um termo simples que designa a mudança de relacionamento que se dá entre Deus e o pecador, quando este se vale do sacrifício de Jesus. Por exemplo, está escrito na Bíblia que Deus se esqueceu dos pecados dos cristãos (Hb. 10.17). Naturalmente, neste caso, temos que entender que esse “esquecimento” é conotativo. Trata-se de uma força de expressão, cujo objetivo é salientar a perfeição do perdão. Este, por sua vez também é uma força de expressão. Imagine se esse esquecimento fosse literal?

Equivaleria a dizer que Deus é portador de amnésia. Sim, em Cristo Deus nos dá um “**perdão**” tão perfeito que até se “**esquece**” dos nossos pecados! É verdade que Deus nos perdoa perfeitamente em Cristo, mas isto só é possível porque Jesus pagou o preço. A fé, o arrependimento e a obediência são condições impostas e indispensáveis, mas não são a causa meritória. E isto é coerente, porque se Deus, para perdoar o pecador, exigisse tão somente o arrependimento, o pedido de perdão e a regeneração, Jesus Cristo teria morrido em vão.

O pastor cita o perdão das ofensas por parte do Pai aos infratores, de acordo com o Tanah (Is 55,7; Sl 103,3), condicionado ao sacrifício de Jesus. Lembramos a ele que essas recomendações do Tanah, Jesus ainda não havia sido imolado no madeiro e, portanto, não poderia servir de parâmetros para o Deus outorgar o perdão aos pecadores, diante dos contextos, descrito em (Is 55,1-13) que trata do **convite final** e

conclusão do cativeiro Babilônico (Bíblia de Jerusalém, 2002, p. 1342-1343) e de (Sl 103,1-22) que denota **Deus é amor**, prefigurando que *“já que Deus não repreende perpetuamente e seu rancor não dura para sempre”* (v. 9). Em nenhuma dessas referências do Tanah, é condicionado o perdão do pecador ao sacrifício de Jesus. Com isso, entendemos que no Tanah, vigorava a lei de causa e efeito (Ex 20,5-6) que perdurava no trato dos infratores que colhiam o que plantavam no coração de sua geração posterior, como netos e bisnetos que detalhamos anteriormente. Acerca do Evangelho, citado pelo pastor apenas um trecho de (Mt 6,7-14) que trata, em seu contexto, do tema **a verdadeira oração - O Pai nosso** que é enfático a condição de perdão do Pai, em consonância ao perdão ao nosso próximo e não é inculcado aqui na oração dominical, a observância do sacrifício vicário, mas a prática da indulgência para com a falta alheia (v. 12) que esboroa nos argumentos do pastor e solapa sua veneração pelo sangue de Jesus.

A outra citação do pastor ocorre em (Mc 2,1-12) que trata do tema da **cura de um paralítico**, o pastor enfatiza o perdão de Deus, outorgado ao paralítico, através de Jesus, que vendo a fé daquele homem, o curou (v. 5). Em nenhum momento Jesus condiciona que seria necessário o seu sangue que seria derramado para perdoar o pecado deste enfermo, dando a ele o resultado de sua fé que o curou, como descrito no verso seguinte (v. 6), ignorado pelo pastor. Mais uma vez observamos tais fatos, crendo que o perdão dos pecados era algo praticado pelo Mestre que tinha essa autoridade dada por

Deus (v. 10). Há de se convir que as enfermidades, como já abordamos anteriormente, eram causadas pelo pecado. Neste caso, a paralisia era decorrente da infância, por não haver tratamento da poliomielite ao tempo do Cristo, usada como recurso pedagógico do Pai, na expiação de faltas pretéritas, correção de atos delituosos e regresso ao caminho justo, pois uma criança não teria juízo de valor para praticar quaisquer tipos de delito que ocasionassem sua limitação física. Para os judeus, essas limitações eram aplacadas pela lei de causa e efeito (Ex 20,5-6) que a Doutrina Espírita a destrincha de forma brilhante na Codificação de Kardec.

Concomitante a este conceito, entendemos que Jesus não poderia servir de parâmetro de ser responsabilizado pelos atos de outrem, sendo estes combatidos pelos profetas, como que cada um é responsável pelos seus atos e é punido pelos seus delitos (Ez 18). Como já salientamos este tema, o perdão é individual, e sua punição da lei de causa e efeito não poderia soar coletiva, como que um peca, outro resgata. Neste exemplo, o que os evangélicos têm pregado que todas as sortes de erros estão recaindo sobre o Cristo, a responsabilidade de seus atos apagada e a correção não praticada. Dessa forma, o plano de salvação do pastor recai novamente de falta de lógica, pois o infrator peca, Jesus paga e as consequências são anuladas e dessa forma o pecador volta a cair no erro, pois não é corrigido naquilo que pecou. Salientamos que esta ideia do sacrifício vicário, é referente ao pecado original, conforme estabeleceu Paulo e os seguidores evangélicos dilataram este conceito a toda a razão que

envolva o pecado de qualquer sorte. Trocando em miúdos, estão praticando um conceito sem amparo das Escrituras.

Este argumento pode parecer ilógico a quem não vê na morte de Jesus um ato substitutivo, mas apenas uma aula com exemplos práticos sobre o amor. Porém, a Bíblia deixa claro que a razão pela qual Jesus morreu é: O homem é pecador e Deus é justo, por cujo motivo ficamos irremediavelmente perdidos. Então Jesus desceu do Céu para cumprir a pena em nosso lugar. É por isso que Jesus é o Salvador. Ele não salva com Sua Palavra e/ou com Seus exemplos, mas com Seu sangue, isto é, com Seu sacrifício expiatório. Se Ele fosse apenas o Grande Mestre que é, não poderia nos salvar, visto que a justiça Divina exige que a dívida que contraímos seja paga. Mas graças a Deus, Jesus, além de grande educador, é, também e principalmente, o nosso Cordeiro Pascoal ou “bode” expiatório. Sim, o perdão de nossos pecados não foi dado de mão beijada, nem tampouco servido de bandeja, mas vendido por Deus Pai, comprado e pago por Deus Filho, transportado por Deus Espírito Santo e apresentado aos que apelam para o sangue de Jesus!

O pastor começa a encerrar seu capítulo, concordando que o sacrifício vicário **parece ilógico**, o que já o demonstramos anteriormente, evidenciamos dentro mesmo de seus próprios exemplos, amparados nas Escrituras e o confrontamos para provar que este conceito não tem amparo prático e nem mesmo bíblico. O pastor vai além em suas explanações e coloca o sangue de Jesus acima da prática do seu Evangelho em nossa vida, o que nos leva novamente a colocá-lo de frente com o próprio Mestre que diz o oposto, quando afirma:

“Assim, todo aquele que ouve estas minhas palavras e as

prática será comparado a um homem sábio, que construiu a sua casa sobre a rocha. E caiu a chuva, vieram as enchentes, sopraram os ventos e bateram com violência contra aquela casa, mas ela não caiu, pois tinha seus alicerces na rocha. **Pois, todo aquele que ouve estas minhas palavras e não as pratica é como um insensato que construiu a sua casa sobre a areia. E caiu a chuva, vieram as enchentes, sopraram os ventos e bateram com violência contra aquela casa, e ela desabou. E grande foi a sua ruína**". (Mt 7,24-27). (grifo nosso)

Dessa forma, diante do contexto de (Mt 7,21-29) que tem por tema **os verdadeiros discípulos**, o próprio Cristo arruína o argumento do pastor que tenta colocar o sangue do Mestre acima da prática de seus ensinamentos, como meio de reparação das faltas e correção de maus hábitos. Vamos agora ao derradeiro encerramento do pastor neste capítulo. Vejamos:

Reverentemente afirmo que se eu sou um verdadeiro cristão, Deus não quer me lançar no Inferno; e, se o quisesse, não poderia fazê-lo sem faltar com a justiça, pois Jesus já foi punido em meu lugar. Se Deus, para perdoar o pecador, exigisse tão-somente o arrependimento e o pedido de perdão, nada seria mais supérfluo do que o espetáculo da cruz.

Todos os cristãos creem que Jesus morreu para nos salvar, mas que teria a ver morte de Cristo com salvação, se o que estou expondo neste capítulo não fosse a expressão da verdade? Sim, Jesus Cristo teria morrido em vão se a cruz de Cristo não fosse um ato substitutivo (Gl. 2:21; Rm. 3: 21-28).

E finalizando, o pastor se julga como **um verdadeiro cristão**, conforme suas próprias palavras. Contudo, diante do que expusemos, Jesus o insere no rol de "**um insensato que construiu a sua casa sobre a areia** (Mt 7,26)", onde o

Mestre reconhece **os verdadeiros discípulos** (Mt 7,21-29) naqueles que ouvem o Evangelho e o praticam diligentemente. Não somos nós que estamos julgando o pastor, mas as Escrituras que o examinam e proferem a sentença que ele, o pastor, não aceita, quando diz que: *“Deus não quer me lançar no Inferno; e, se o quisesse, não poderia fazê-lo sem faltar com a justiça, pois Jesus já foi punido em meu lugar”*, onde mais uma vez, se esquece de tomar a sua cruz e seguir o Mestre, que novamente adverte o pastor, dizendo: **“E aquele que não toma a sua cruz e não me segue, também não é digno de mim. Quem encontra a sua vida a perderá. Mas quem perde a vida por minha causa a achará.”** (Mt 10,38-39). Já que o pastor enxergou **no espetáculo da cruz** a transferência da responsabilidade de seus atos em Cristo, o Mestre que deu a sua vida por nós, exemplificando o amor e nos dando uma direção, o pastor não se colocaria no lugar do Mestre, uma vez que este foi punido por ele. Dessa forma, como o pastor será corrigido de suas faltas, se as consequências de seus atos recaem no Messias? Não haveria lógica e, portanto, encerramos como mais uma grande incoerência!

Tudo o que apresentamos aqui é *a expressão da verdade*? Cremos que sim! E o que apresentou o pastor? Ele nos dá pistas: (Gl. 2,21; Rm. 3,21-28). Vamos ao exame mais uma vez, já que nos fundamentamos no Evangelho e o pastor recorre a Paulo. Diante do contexto de (Gl 2,15-21) é tratado do tema o **Evangelho de Paulo**^d que em nota, a **Bíblia de Jerusalém** nos dá o caráter desta exortação: “Mais que Pedro, Paulo dirige-se aqui aos judaizantes de Antioquia e sobretudo

aos da Galácia.” (Bíblia de Jerusalém, 2002, p. 2033)

Diane deste panorama, entendemos que a Lei ao qual Paulo se refere no verso (v. 21) é a Lei de Moisés, descrita na Torah, já que o público-alvo do apóstolo são os judaizantes que buscavam a salvação através da prática da Lei de Moisés (v. 17), e não através da prática do Evangelho do Cristo, já que é Cristo que vive em nós (v. 20) e nos motiva a prática da sua lei áurea: **“Respondeu Jesus: ‘Ame o Senhor, o seu Deus de todo o seu coração, de toda a sua alma e de todo o seu entendimento’. Este é o primeiro e maior mandamento. E o segundo é semelhante a ele: ‘Ame o seu próximo como a si mesmo’.** (Mt 22,37-39)

Para encerramos, o pastor cita o contexto de (Rm 3,21-31) que trata do tema da **revelação da justiça de Deus**. Novamente Paulo combate a justificação que os judeus enxergavam através da prática da Lei de Moisés que são as obras que ele enfatiza que são destituídas de justificação, onde somente pela fé em Cristo é que somos justificados. Paulo encontrou nestes discursos, uma forma de combater a prática das obras da Lei, como única e suficiente, através de uma complementação da prática do Evangelho do Cristo. Como o pastor ignora o contexto em seu desfecho, em tudo o que dissemos, o apóstolo Paulo enfatiza que a salvação veio por meio do Cristo a judeus e não-judeus que não elimina a Lei de Moisés pela fé, antes a consolida (v. 29-31). Bastava o pastor citar o contexto e ver que não é bem por aí não, Paulo não anula a Lei de Moisés, prescrita na Torah, antes a sanciona (Lv 19,18), como bem enfatizamos em todo este capítulo. Vamos

agora aos exemplos práticos do pastor, para angariamos a salvação, já que nós espíritas estamos perdidos e sentenciados ao inferno, por praticarmos as máximas do Evangelho do Cristo em nossos atos.

CAPÍTULO XIII - OS PASSOS DA SALVAÇÃO

Após diversas abordagens do pastor em defender seus dogmas, em detrimento à Doutrina Espírita, ao qual desenvolvemos nossa refutação até o presente momento, iremos nos deparar agora como uma tentativa do pastor em nos converter à sua ortodoxia, pois, segundo ele, estamos condenados ao inferno por praticar mais os exemplos de Jesus, do que dar a devida importância a visão deturpada da transubstanciação, que já o esclarecemos à sociedade em capítulos anteriores. Com isso, vamos conhecer o objetivo deste capítulo e conhecer a pregação do pastor.

Como já observei no capítulo anterior, o meu objetivo não é meramente criticar os kardecistas. A crítica que aqui faço contra o Kardecismo, é apenas o caminho que julgo necessário percorrer, para se chegar a um alvo infinitamente nobre, que é conscientizar os kardecistas, bem como os simpatizantes dessa confissão religiosa, que o Espiritismo é arapuca de Satanás; para, deste modo, encontrá-los no Céu um dia! Logo, o faço por amor! E, sendo assim, esta crítica que ora endereço ao Kardecismo é, obviamente, construtiva.

Conhecendo o objetivo do pastor que é retirar nós, espíritas, da *arapuca de Satanás*, tal qual o fez no capítulo anterior, onde seus argumentos foram julgados pelas próprias Escrituras, ante o registro de que nós damos muito mais importância à prática do Evangelho e o exercício da lei áurea

do Mestre (Mt 22,37-39), o pastor ainda entende que estamos condenados ao inferno. Com este nosso raciocínio, concluímos que quem está numa arapuca não somos nós, mas o nobre pastor que quer nos convencer que a prática do Evangelho que nós temos para com o nosso próximo, nos está levando a condenação, uma vez que satanás, por tanta inabilidade, nos recomenda a fazer tudo aquilo que desejamos de bem ao próximo, como gostaríamos que nos fizessem, sendo esta inspiração contrária ao mal que o tal príncipe dos demônios pratica. Dessa forma, tão inábil se revela essa figura caricata do pastor, que é satanás, em inspirar em nós espíritas, toda o bem que podemos realizar ao nosso próximo, sendo esta recomendação contrária ao seu reino de discórdia. Lembramos, inclusive, que Jesus sofreu este mesmo preconceito em sua época por parte dos judeus, que diziam sempre após Jesus operar uma cura, que o Mestre realizava através do Belzebu (Mt 12,22-32; Lc 11,14-23). Enfim, entendemos que estamos no caminho certo, em seguir os exemplos de Jesus, e perseguidos por pastores e afins, tal qual se apresenta esta obra que estamos respondendo, nos motiva a ser cada vez mais indulgentes com a falha alheia.

Diz o pastor que faz uma crítica construtiva ao Espiritismo e que quer nos encontrar no Céu, o que demonstramos que não foi bem assim as suas críticas, que vieram repletas de ódio e repúdio aos postulados espíritas, tal qual demonstrou a sua ojeriza no trato com o Espiritismo, onde em alguns momentos, seguiu a sua má-fé, ante a recortes de trechos da Codificação com o único objetivo que era detratar a

filosofia que tanto o incomodava. Esta não é uma boa tática, pois se quer nos converter aos seus prosélitos, nos apresente algo melhor do que a Doutrina Espírita nos oferece, e não o ataque com desonestidade e belicosidade que gera muito mais desconforto do que uma devida atenção às suas palavras. Com isso, vamos continuar examinando a atitude do pastor. Vejamos:

Diante de Deus este autor confessa que redigiu estas linhas chorando e orando. Embora eu já tenha falado sucintamente sobre o Plano de Salvação, volto a este assunto, num esforço de trazer mais luz sobre este importantíssimo tema. Vejamos, pois, o seguinte:

- A) Os passos que devem ser dados para se sair da perdição e alcançar a salvação;
- B) O passo que deve ser dado para se manter na salvação; e,
- C) Os passos que devem ser dados por se ter alcançado a salvação. Ei-los:

Já que orou a Deus nas linhas que se seguem, seu pedido será atendido em nos motivar a responder qual é o objetivo da Doutrina Espírita, que você ainda não compreendeu, e que espero que ao ler esta nossa resposta, possa ao menos reconhecer suas diversas falhas no trato doutrinário da Codificação, compreensão de passagens inteligíveis das Escrituras, à luz da Doutrina Espírita, em lhe ofertar, pelo menos, um pedido público de desculpas que para nós seria o suficiente, uma vez que não temos a pretensão de converter-lhe à nossa filosofia de vida, mas que nossas palavras possam tocar seu coração e destituí-lo do preconceito

com o Espiritismo. Vamos conhecer os passos da salvação, segundo o pastor.

13.1. Os Cinco Passos que Conduzem à Salvação

Neste tópico, o pastor desenvolverá sua cartilha de intenção ao tentar converter um pecador, tal qual ele nos julga, por termos a Doutrina Espírita como diretriz moral em nossa vida. Vejamos seu desenvolvimento.

13.1.1. Reconhecer Que é Pecador.

Nem precisamos nos delongar neste quesito, uma vez que não julgamos que somos perfeitos e sim, que somos seres perfectíveis, a galgar os degraus da experiência terrena, onde obteremos, nas incontáveis vidas sucessivas, sempre um novo aprendizado moral e intelectual, que nos impulsionará sempre à frente, no progresso de nosso ser. Cremos que aqueles que se debruçam na Codificação Espírita, sem preconceitos, compreendem este objetivo, o que demonstrou que o pastor não entendeu bem esta mensagem, quando ele diz.

A Bíblia diz que “não há homem que não peque”(II Cr 6.36). Este reconhecimento não nos pode salvar, mas é um passo que não pode deixar de ser dado por aquele que quer ser salvo.

O contexto ao que o pastor cita esta passagem (2Cr 6,36), está contido no livro de Crônicas que é uma repetição de fatos não narrados dos livros de Josué até os livros de Reis, onde sua continuidade perpassa pelos livros de Esdras e Neemias. Esta obra é pós-exílica, ao cativo da Babilônia, e o

objetivo do texto (2Cr 6,21-39) é justamente o tema **oração pelo povo**, que denota uma exortação ao povo de Israel, que mesmo sob domínio político de potências do oriente, necessitava de um alento e este texto reflete bem este intento, concomitante ao enredo de (1Rs 8,30-51). Portanto, este passo do pastor, seguimos completamente, pois somos seres perfectíveis e entendemos nosso objetivo, ante ao progresso.

13.1.2. Reconhecer que Deus é Justo.

Esse passo também somos completamente cumpridores em sua essência, pois um dos principais atributos de Deus é que Ele é **soberanamente justo e bom**, mas vamos conhecer o conceito do pastor:

A justiça de Deus vai além do que pensamos e falamos, e às vezes entra em choque com os nossos pontos de vista.

Creemos que a justiça divina que o pastor se deparou na Codificação Espírita o confrontou e o impactou, pois levou-o a escrever quase cem páginas em resposta, diante de sua completa insatisfação, ante a lei divina, mas vamos recordar a ele e aos leitores a questão de número 13 da obra **O Livro dos Espíritos**, que se encontra na primeira parte, capítulo I que trata do tema *De Deus*. Vejamos:

13. *Quando dizemos que Deus é eterno, infinito, imutável, imaterial, único, onipotente, soberanamente justo e bom, temos ideia completa de seus atributos?*

“Do vosso ponto de vista, sim, porque credes abranger tudo. Sabei, porém, que há coisas que estão acima da inteligência

do homem mais inteligente, as quais a vossa linguagem, restrita as vossas ideias e sensações, não tem meios de exprimir. A razão, com efeito, vos diz que Deus deve possuir em grau supremo essas perfeições, porquanto, se uma lhe faltasse, ou não fosse infinita, já Ele não seria superior a tudo, não seria, por conseguinte, Deus. Para estar acima de todas as coisas, Deus tem que se achar isento de qualquer vicissitude e de qualquer das imperfeições que a imaginação possa conceber”.

Deus é *eterno*. Se tivesse tido princípio, teria saído do nada, ou, então, também teria sido criado, por um ser anterior. E assim que, pouco a pouco, remontamos ao infinito e a eternidade.

E *imutável*. Se estivesse sujeito a mudanças, as leis que regem o Universo nenhuma estabilidade teriam.

E *imaterial*. Quer isto dizer que a sua natureza difere de tudo o que chamamos matéria. De outro modo, Ele não seria imutável, porque estaria sujeito a transformações da matéria.

E *único*. Se muitos deuses houvessem, não haveria unidade de vistas, nem unidade de poder na ordenação do Universo.

E *onipotente*. Ele o é, porque é único. Se não dispusesse do soberano poder, algo haveria mais poderoso ou tão poderoso quanto ele, que então não teria feito todas as coisas. As que não houvesse feito seriam obra de outro Deus.

E soberanamente justo e bom. A sabedoria providencial das leis divinas se revela, assim nas mais pequeninas coisas, como nas maiores, e essa sabedoria não permite se duvide nem da Justiça nem da Bondade de Deus. (KARDEC, A. 2019e, p. 58-59) (itálico no original e grifo nosso)

O conceito de Deus na codificação que apresentamos, é bem abrangente e não vemos nas demais agremiações religiosas, dente as quais o pastor se inclui, uma maior

completude de atributos da divindade, do que a Doutrina Espírita nos oferece, onde até destacamos a reflexão de Kardec, sobre um dos atributos de Deus que é ser **soberanamente justo e bom**. Como já o dissemos, que o pastor nos ofereça uma questão mais completa do que esta que apresentamos que deixaremos o Espiritismo, e o seguiremos. Vamos ao passo seguinte:

13.1.3. Reconhecer que Está Condenado.

Este é um ponto que divergimos, pois como bem já fizemos anteriormente, em salientar que a criação tem um objetivo comum que é chegar à perfeição, ante um ponto de partida igualitário que é a criação de seres simples e ignorantes. Este conceito de que já nascemos condenados, não tem respaldo prático, pois a vida de cada um de nós é diametralmente distinta entre a sorte de experiências e condições em que nos encontramos na presente encarnação. Entretanto, vamos conhecer as justificativas do pastor. Vejamos:

Sim, contrário ao que muitos pensam, a justiça divina não condenou apenas os grandes pecadores como: os estupradores, os latrocidias, os caluniadores, os adúlteros, os homossexuais, os invejosos, os ateus, os espíritas, os católicos e assim por diante. Não!!! Deus condenou todos ao inferno! Disse Jesus: “Se não vos arrependerdes, todos de igual modo perecereis...” (Lc 13.5). Disse o apóstolo Paulo: “todos pecaram e estão privados” (ou destituídos) “da glória de Deus” (Rm 3.23). Estes textos provam que a justiça divina vai além do que cogitamos, e não raramente diverge dos nossos padrões.

No juízo de valor do pastor, ele coloca num mesmo balaio todos os que não são evangélicos como condenados, na justiça divina que ele estabeleceu tal critério. Na cabeça dele, somente os evangélicos é que estão absolvidos desta condenação. Para tanto, ele vai recorrer novamente a pinçadas de textos bíblicos para dar maior respaldo às suas cavilações, tal qual o contexto de (Lc 13,1-5), que trata do tema **convites providenciais à penitência**, onde o pastor destaca **“Não, eu vos digo: se não vos arrependerdes, perecereis todos de modo semelhante”**. (v. 5). Na visão deturpada do pastor, esta passagem dá suporte a dizer que Deus condenou todos ao inferno que não são do rebanho de sua crença, quando cita esta conclusão de Jesus. Dessa forma, será preciso de citar o contexto e estabelecer uma boa hermenêutica e exegese do texto para atestarmos se os evangélicos estão isentos da condenação, pois nos parece que o pastor omite expressões ditas pelo Mestre, ao qual destacamos. Vejamos:

Lc 13,1-5: **Convites providenciais à penitência** – Nesse momento, vieram algumas pessoas que lhe contaram o que acontecera com os galileus, cujo sangue Pilatos havia misturado com o das suas vítimas^d. Tomando a palavra, ele disse: “Acreditais que, por terem sofrido tal sorte, esses galileus eram mais pecadores do que todos os outros galileus? Não, eu vos digo; todavia, se não vos arrependerdes, perecereis todos do mesmo modo. Ou os dezoito que a torre de Siloé matou em sua queda, julgais que a sua culpa tenha sido maior do que a de todos os habitantes de Jerusalém? Não, eu vou digo; mas, se não vos arrependerdes, perecereis todos de modo semelhante”.

d) Episódio totalmente desconhecido, bem como o acidente mencionado no v. 4. O ensinamento é claro: os ouvintes de Jesus mereciam por seus próprios pecados uma sorte

semelhante, isto é, sofrerão certamente se não fizerem penitência. (Bíblia de Jerusalém. 2002, p. 1813)

Diante do contexto, Jesus alude que todos os seus ouvintes, incluindo seguidores, habitantes de Jerusalém, mereciam tal sorte ao qual o relatam as vítimas de Pilatos. Ocorre ainda que estes dois fatos, sendo um, as vítimas de Pilatos com de pena de morte dos galileus e outro o da torre de Siloé, não tem comprovação histórica, segundo a nota explicativa da Bíblia de Jerusalém, mas que pela narrativa do evangelista, nenhum escaparia da condenação semelhante, segundo o Cristo.

Diante deste contexto, a exegese do (v. 2) nos remete a passagem de (Jo 5,14+) que retrata o homem coxo há 38 anos que aguardava sua cura no lago de Betesda, que ao encontro com Jesus, este o curou, asseverando que não provesse sua vida de forma torta, senão haveria uma enfermidade que poderia lhe sobrevir de maneira mais severa. Esta passagem já destrinchamos ela anteriormente e estamos apenas resumindo o entendimento judeu da lei de causa e efeito, no resgate das iniquidades (Ex 20,5-6). Dessa maneira, diante da má interpretação do pastor, omitindo palavras do (v. 5) que já apontamos, todos os ouvintes ali estariam condenados a mesma punição da vida, ante seus pecados, como resultado de suas ações pregressas, tal qual quando o Mestre afirma que todos os habitantes de Jerusalém estariam condenados, devido ao derrame do sangue dos profetas (Mt 23,35; Lc 11,50). Sem as vidas sucessivas, estas passagens se tornam ininteligíveis!

Por fim, o pastor cita o (v. 23) do contexto de (Rm 3,21-31), onde Paulo trata do tema **revelação da justiça de Deus** que já comentamos anteriormente e não retornaremos a este assunto, para não nos tomarmos longo e prolixo, uma vez que esta é a tática do pastor, em repetir sua cartilha de pregação, na tentativa de nos converter. Já o orientamos, nos apresente algo mais lógico e perfeito que a Doutrina Espírita que abraçaremos a ideia. Enquanto nos atacar, resta-nos refutá-lo! Vamos ao passo seguinte:

13.1.4. Reconhecer que a Morte de Jesus Foi Substitutiva.

Este é o ponto central da pregação do pastor, onde ele vai se basear nas epístolas paulinas, em detrimento aos Evangelhos, tentando nos convencer de que Jesus morreu em nosso lugar, a quitar o pecado original de Adão, devido a sua desobediência com Deus no jardim do Éden. Ocorre que este conceito se desfigurou no seio evangélico e qualquer delito que os cristãos hoje cometem, é remetido aos ombros de Jesus, como se o Mestre tivesse pago o preço da condenação, isentasse o culpado da sua correção, formando assim uma geração impune e cheia de preconceito, tal qual observamos no item anterior, em que o pastor condenou a toda espécie de criminosos e partícipes de outras filosofias religiosas, como pecadores condenados ao inferno, por não seguirem sua ortodoxia e tentou dar um respaldo numa má interpretação do Evangelho de Lucas, em detrimento a boa hermenêutica e segura exegese. Agora chegamos ao ápice, e vamos conhecer os argumentos do pastor.

Muitos pensam que a razão pela qual Jesus morreu, é a seguinte: “Para o homem se salvar, basta-lhe ser bondoso, e Jesus teria vindo ao mundo para nos ensinar isso. E o fez, não só com palavras, mas sobretudo, com atos, não pagando na mesma moeda, o mal que lhe fizeram”. Nada, porém, está mais longe da verdade. O quadro que nos é apresentado pela Bíblia, é diametralmente oposto.

À luz da Bíblia, a razão pela qual Jesus morreu é: O homem é pecador e Deus é justo; e, por estas razões, ficamos tão perdidos, que tudo quanto fizéssemos para sairmos da perdição, não produziria o efeito desejado. Inútil seria arrependermos dos nossos pecados, pedirmos perdão, chorar, etc.; visto que, na opinião de Deus, perdoar a culpa é tão errado quanto punir o inocente. Deus vê que o pecado é uma dívida que tem que ser paga. E por não termos com que pagá-la, fomos condenados à perdição eterna. Então Jesus desceu do Céu para cumprir a pena em nosso lugar. É por isso que Jesus é o Salvador. Ele não salva com Suas palavras, nem tampouco com Seus brilhantes exemplos, mas sim, com o Seu sacrifício substitutivo. Logo, para que servem as Suas palavras? Servem para nos informar isso, bem como para educar àqueles que, por serem nisso, tornarem-se cristãos. Assim está claro que Deus não perdoou a nossa dívida, e sim, que Jesus pagou-a por nós e para nós, se arrependidos cremos nesta verdade.

Após o conceito do pastor, ante o significado do sacrifício vicário do Mestre, ele coloca o martírio do Cristo acima da prática dos seus exemplos, onde nos diz que Deus ignora aqueles que se arrependem de seus pecados, comparado a punição de um inocente. Seu dogmatismo se torna assaz perigoso, pois demonstra que qualquer criminoso que acreditar no sacrifício vicário, poderá continuar em suas práticas delituosas que já está perdoado, pois como o pastor deixou bem claro, basta acreditar no sangue de Jesus. Pasmem, este é o conceito de salvação proposto pelo pastor!

Dentro deste axioma, podemos concluir que não foi necessário Jesus permanecer por três anos o seu ministério, ensinando, exortando e exemplificando, uma vez que era necessário para a justiça divina, apenas o seu sangue para quitar a dívida de Adão. Neste raciocínio do pastor, Jesus não seria mais o caminho a seguir seus exemplos, mas o sangue que precisaria ser derramado de um justo para quitação da dívida de outrem aos injustos.

É claro que o pastor e seus simpáticos argumentarão que não é bem assim não, que após um pecador acreditar no sangue de Jesus, mudará suas atitudes em desacordo com a providência divina e corrigir suas imperfeições, mas reforçamos que dentro do contexto, bastaria ao infrator da lei, de amor e caridade, apenas aceitar o sangue de Jesus que sua dívida já estava paga com o Pai. O pensamento do pastor nos levou a esta conclusão e não adiantará propor outra fórmula de salvação, uma vez que ele colocou a ineficácia da prática dos ensinamentos de Jesus. Bastaria recorrer ao raciocínio e prever a desordem que este conceito proporciona na sociedade, uma vez que já a estamos vendo, uma vez que “cristãos” que antes eram perseguidos, hoje perseguem, tal qual o pastor se motivou a escrever este livro que estamos refletindo, respondendo e propondo uma mudança de atitude da parte daqueles que se julgam salvos, mas não se esforçam em ser pessoas melhores para com o seu próximo! Vamos continuar a acompanhar o pensamento do pastor. Vejamos:

O leitor talvez queira formular a seguinte pergunta: “Por que

diz então a Bíblia que Deus perdoa?” A resposta a esta pergunta é que com este termo simples (perdão) e de fácil compreensão, a Bíblia está dizendo que Deus nos livra da condenação, se apelarmos para o sacrifício de Jesus. “Perdão”, neste caso, é um termo simples que designa a mudança de relacionamento entre Deus e o pecador, quando este se refugia no sangue de Jesus. Assim como a Bíblia diz que Deus se esqueceu dos nossos pecados (Hb10.17,18), mas esse esquecimento, muito longe de ser interpretado ao pé da letra, tem de ser encarado como uma força de expressão, posto que doutro modo faríamos de Deus um débil mental, assim também a palavra “perdão” tem de ser entendida como uma força de expressão que retrata a reconciliação com Deus. Se não fosse assim, Jesus teria morrido em vão. Sim, porque se Deus, para perdoar o pecador, exigisse tão-somente, arrependimento e fé, não dependeríamos do sangue derramado na cruz. É bem verdade que agora, mais nada precisamos fazer, além de arrepender e crer; mas tal se dá porque o preço já foi pago por Jesus.

Como o leitor sabe, substitutivo não é o mesmo que substituível. Portanto, quando afirmo que o sacrifício de Jesus foi um ato substitutivo, quero dizer que Ele nos substituiu na morte e no sofrimento, sofrendo a pena em nosso lugar, e que, por conseguinte, o Seu sacrifício nos quita para com Deus, se arrependidos cremos. É por isso que nós, os evangélicos, não cremos em purgatório, em salvação pelas obras, em reencarnação, etc., pois não temos dívida a pagar, nem mesmo parcialmente. Jesus já pagou-a totalmente por nós (Is. 53: 4 – 12; 2 Pe. 2: 24; Lc. 23: 43; Cl. 2:13 a 15).

O pastor reforça a sua ideia anterior e prolonga-se em dizer que Deus perdoa, mas no sentido de ser completo quando o infrator aceita o sangue de Jesus como quitação de sua dívida. Para tanto, cita novamente a sua regra de fé (Hb10,17-18) como probante de seus argumentos, de que o perdão de Deus, para com o pecador é uma força de expressão e não um fato. Entretanto, ao examinarmos o contexto (Hb

10,11-18) percebemos que o capítulo 10, tem como tema **o sacerdócio de Cristo**, em específico ao que vamos analisar, nos diz o seu objetivo **a eficácia do sacrifício de Cristo**, onde mais uma vez, o escritor da epístola aos Hebreus vai colocar o sacrifício de Jesus como único e substitutivo aos sacrifícios da Lei de Moisés para perdão de pecados, que passou a ser ineficiente (v. 11).

Sobre mais citações isoladas, o pastor lança mão, primeiramente, de (Is 53,4-12) que dentro do judaísmo, o servo sofredor é Israel e ao examinarmos todo o capítulo 53 e referências paralelas deste livro, chegaremos a esta conclusão. Chegamos agora a citação do pastor de (2Pe 2,24), mas devemos corrigi-lo que a citação correta é (1Pe 2,24) que em seu contexto (2Pe 2,18-25) retrata o contexto **para com os senhores exigentes**. Traz um paralelo de conduta de seu servo para com seu senhor, diante do exemplo do Cristo que mesmo sem pecado, sofreu a injúria e condenação de seus algozes. Pedro alude em sua epístola que o servo deve seguir ao seu senhor, mesmo que exigente, como Cristo seguiu seu martírio. Acerca do evento do **“bom ladrão”** (Lc 23,39-43), pincelado pelo pastor apenas o trecho final (v. 43), já o comentamos anteriormente e não tem nada a ver com este tema.

E por fim, o pastor pinça o texto de (Cl 2,13-15), onde nós trazemos o seu contexto anterior a (Cl 2,9-15) que tem por tema: **Só Cristo é o verdadeiro Chefe dos homens e dos anjos**. Pelo teor do tema, Paulo coloca uma legalidade judaica da circuncisão como uma outra determinação mais profunda e

espiritual, enquanto a outro é apenas material, a de Cristo é perpétua (v. 11). Nada mais do que este o combate de Paulo ao farisaísmo e o pastor pega somente a parte que lhe interessa, com a finalidade de apontar uma ideia que o texto não pode oferecer.

O pastor nos demonstrará, através do seu exemplo, de que Jesus o substituiu na morte e no seu sofrimento, onde o Mestre sofreu a pena em seu lugar. Mais uma vez, o pastor se utiliza de um raciocínio falho, pois se ele considera que Jesus o substituiu, logo o pastor e seus simpatizantes não sofreriam mais e nem mesmo morreriam, pois eles foram substituídos pelo Cristo que padeceu e seus lugares. Contudo, os fatos apontam que todos os Cristãos, mundo afora, continuam a sofrer suas mazelas e morrem dia após dia. Acreditar num efeito substitutivo, não existe um exemplo prático de que tais efeitos sejam suspensos. Outrora, os Cristãos primitivos foram muito mais perseguidos, martirizados e tinham a esperança do regresso do Mestre, mas não estavam isentos da perseguição, sofrimento e morte, que inclusive foi feroz.

Concluimos que o pastor apresenta uma ideologia ilusória, sem uma aplicação prática, ante os revezes da vida. Nós espíritas, apresentamos uma outra visão que destoa desta apresentada pelo pastor que é justamente o arrependimento, a mudança de atitude, a correção ante a pedagogia divina através da expiação, a reeducação de atitudes perniciosas, a prova de sua fidelidade ao novo caminho e a ressurreição de um novo ser transformado através das vidas e experiências sucessivas que o reintegram ao seio divino, capazes de

disseminar o Evangelho do Cristo, através do exemplo que vivenciaram e têm a oportunidade de agora, demonstrar com exemplos práticos a força da mensagem do Cristo que nos liberta!

13.1.5. Receber Jesus Como Salvador Pessoal

Esta linguagem é bem peculiar, àqueles que já se julgam isentos das consequências de seus erros, uma vez que já declararam aos quatro ventos que estão salvos e que Jesus quitou na cruz sua dívida com Deus, que era de outrem, a saber Adão. Ante este pensamento, o pastor vai fundamentar sua tese. Vejamos:

Já afirmei que se Jesus não morresse por nós, não seríamos salvos, por mais que implorássemos o perdão. Isto significa que não adiantaria arrependermos, se Jesus não morresse por nós. E uma verdade do mesmo tamanho desta, é que não adianta Jesus ter morrido por nós, se não nos convertermos. É o sacrifício de Jesus, mais a nossa fé nesse sacrifício, que mudam a nossa sorte. Para nos salvar, Jesus fez a Sua parte, e nos manda que façamos a nossa; e a nossa parte é crermos que Cristo fez a nossa parte, bem como nos valermos disso.

É de domínio público que nós, os evangélicos, sustentamos que já estamos salvos. Esta nossa postura tem gerado inúmeros questionamentos por parte daqueles que nada sabem a respeito da salvação em Cristo. Certo Kardecista me disse: “O fato de você ter encontrado o caminho da salvação, não lhe dá o direito de dizer que já está salvo, assim como também, um viajante que, após se perder numa mata virgem, não pode dizer que já está em casa, só porque conseguiu se situar e saber onde está, bem como que rumo tomar para regressar ao lar”. Ele disse-lhe que o tal viajante realmente não poderá dizer que já está no aconchego do seu lar enquanto não entrar na sua residência, assim como eu

também não posso dizer que já estou no Céu, enquanto lá não chegar. Mas assim como, a partir do momento em que o tal viajante ficou seguro dos quatro pontos cardeais e, conseqüentemente, da direção a tomar para voltar a casa, já não se podia mais dizer que ele ainda estava perdido, visto que perdido não é aquele que está numa mata virgem, mas sim, aquele que não sabe de onde veio, onde está e nem para onde vai. Ora, eu ainda não estou no Céu, mas já sei de onde vim, onde estou, e para onde vou. Logo, a Bíblia não está errada quando me diz que eu já estou salvo (1 Co 1:18; Ef 2:8; Lc 7:50). Ademais, Jesus Cristo disse que Ele veio buscar e salvar o que se havia perdido (Lc 19:10).

Após analisarmos este pormenor que para o pastor, que tem Jesus como seu salvador pessoal, basta a ele e seus simpatizantes que tenham apenas a fé de que Jesus morreu na cruz para salvar aos seus fiéis. Esta fé seria o bastante para se considerarem salvos, tal qual afirma o pastor que já estão libertos do pecado. Mais um ato falho, pois como já exemplificamos anteriormente, crer não basta ao cristão que não muda seu comportamento, ante a sociedade, pois uma vez crendo, se não houver mudança de conduta, continuarão a praticar os mesmos delitos. Como observamos, esta fé no sacrifício vicário se torna insuficiente e sem exemplo prático de uma sociedade mais justa e fraterna. O que vemos é um comportamento sectário e preconceituoso, alimentado por esta ideia que o pastor propala nesta obra. Crer no sacrifício vicário não isenta ao pastor e seus simpatizantes que não pecarão mais, mas julgam que estão libertos do pecado, contudo, continuam a errar diariamente e alimentam um ódio cada vez maior pelo diferente, principalmente pelo Espiritismo que o pastor dedicou esta obra em combater, mas como estamos

registrando, seus argumentos não afetam a doutrina, antes a divulgam com mais intensidade quando apontamos o erro, a hipocrisia e o preconceito.

Mais adiante, o pastor, numa outra oportunidade, deu um outro exemplo de *“um amigo espírita”* que ilustrou a tal história do viajante que sabe o destino, está no caminho, mas ainda não julga chegar ao objetivo, uma vez que ainda não chegou. Para tanto, este exemplo é deveras ilustrativo, contudo, mesmo não chegando ao objetivo, o pastor se julga salvo dos perigos e enganos da vida, mesmo não atingindo a meta e com isso, exemplifica que: *“sei de onde vim, onde estou, e para onde vou”*. Examinando esta assertiva, mais espírita do que evangélica, o pastor, em sua concepção, veio de sua mãe física, nasceu condenado ao inferno, está numa única experiência física e vai para o Céu, pois tem Jesus como seu salvador pessoal. Bem simplória, pois o Espiritismo apresenta algo mais profundo, pois ele nos faculta a concepção de que sabemos que viemos do Pai, fomos criados simples e ignorantes, para caminharmos na estrada da evolução, estamos no orbe terrestre vivenciando uma experiência encarnada, como uma página de nossa história espiritual e chegaremos à perfeição, mediante o exemplo do Mestre que vivemos a cada dia intensamente em nossa vida, com o objetivo de sermos ferramenta de trabalho para a construção de um mundo mais justo e fraterno, pois entendemos realmente o significado do Cristo ser o caminho, a verdade e a vida (Jo 14,6).

Nós usamos o Evangelho como base, o pastor se refugia

mais nas epístolas paulinas e um estudo meticuloso entre os Evangelhos e as epístolas de Paulo, destoará em muito os ensinamentos que deles provém, tanto que as igrejas pentecostais se valem mais de Paulo, do que os ensinamentos de Jesus. Portanto, neste intento, o pastor se utiliza de uma pincelada em (1Co 1,18) que está dentro do contexto de (1Co 1,17-31), onde Paulo trata do tema: **Sabedoria do mundo e sabedoria cristã**. Pelo teor do contexto, os judeus eram contrários ao martírio do Cristo, não entendemos o real sentido de sua missão que era resgatar, pelo exemplo da não violência, indulgência para o erro do próximo e retribuir o mal com o bem. Já para os gentios, que cultuavam a sabedoria grega, foram exortados em seu orgulho, não entendendo a mensagem de humildade, exemplo e amor ao próximo que Paulo destaca. Esta é a loucura ao qual se ele se refere e estava no contexto daquela época como demonstramos. Vamos agora ao encerramento deste passo da salvação:

Veja, os tais perdidos que Cristo veio buscar e salvar, ainda não estavam no Inferno, contudo, já estavam perdidos. De igual modo, embora eu ainda não esteja no Céu, segundo a Bíblia já estou salvo. A razão disso é que, de acordo com a Bíblia, assim como a perdição precede a entrada no Inferno, a salvação antecede o ingresso no Céu. Primeiro o pecador se perde para depois ir para o Inferno, e primeiro o pecador se salva para depois ir para o Céu. Assim ensina a Bíblia. E se não se deve recorrer à Bíblia para provar alguma coisa, por que os livros de Allan Kardec estão recheados de citações bíblicas?

Em sua conclusão, percebemos mais uma vez a incoerência do pastor, já que segundo ele, se nascemos

condenados, como poderiam os pecadores se perderem para irem ao inferno, se nasceram destituídos da salvação? Uma pergunta simples que desmorona todo o raciocínio do pastor e coloca em xeque toda a sua teologia. Nem precisaremos refletir muito para perceber que este conceito é destituído de lógica para se sustentar e com o passar do tempo, as pessoas perceberão que não há como saciar o vazio existencial, numa tese de que nem mesmo as citações bíblicas poderão dar o devido embasamento, que não existe!

13.2. O Único Passo que nos Mantém na Salvação.

Neste tópico, o pastor novamente vai isolar versículos de Paulo, em detrimento a outros apóstolos que conviveram com o Mestre e até mesmo omitir os Evangelhos, encontrando um único caminho para sua salvação, diante do que dizem alguns trechos das epístolas paulinas. Neste panorama, vamos conhecer os argumentos do pastor.

A Bíblia afirma que a salvação é um dom, isto é, presente, que Deus nos dá pela graça, por meio da fé, sem o auxílio das nossas obras (Ef 2.9-8); e acrescenta que esta verdadeira fé viva e produtora de real salvação, automaticamente produz em nós obras que de fato agradam a Deus. Logo, os que tentam se salvar pelas obras, estão pondo o carro diante dos bois. E os que tentam se salvar pela fé mais obras, estão pondo o carro ao lado dos bois. O certo, porém, é deixarmos o “boi” da fé puxar o “carro” da salvação, em cujo interior devemos adicionar cada vez mais as obras de justiça. Isto porque não somos salvos **pelas obras**, mas somos salvos **para as obras** (Ef 2.10). Do exposto se vê que as obras e a fé são importantes, mas temos que pô-las nos seus devidos lugares. Do contrário, não seremos salvos. A fé vale o perdão dos nossos pecados e a conseqüente salvação, a qual é um

dom; e as boas ações que daí nascerem serão galardoadas. Sobre estes galardões, só entenderemos quando chegarmos lá. Por enquanto fica claro apenas que galardão e salvação são coisas diferentes. A Bíblia fala de pessoas que terão salvação, mas não terão galardão (1 Co 3.10-15). A graça e a fé nos conduzem à salvação, bem como nos mantêm na salvação.

Do exposto acima se vê que o passo que nos mantém na salvação é o reconhecimento de que quando damos os cinco primeiros passos acima discriminados, nos tornamos salvos, e que, portanto, mais nada precisa ser feito para sermos salvos. É o que nos conduz à salvação, que nos mantém na salvação: a graça, por meio da fé. Fazer algo para se salvar é ser incrédulo; e fazer algo para se manter na salvação, é negar a fé. É desviar-se do Caminho da Salvação. Quem não vive como cristão, cristão não é; e está, pois, perdido. Mas há um enorme abismo entre viver como cristão, e associar a salvação às obras. O salvo vive como salvo, não **para ser** salvo, mas sim, **por ser** salvo; assim como também, a laranjeira não produz laranja para ser laranjeira, e sim, por ser laranjeira.

Como já bem salientamos, o pastor isolou passagens das epístolas paulinas, acreditando que somente através da fé é que se é salvo (Ef 2.9-8). Lembramos que já discutimos esta passagem da epístola de Paulo aos Efésios anteriormente e não retornaremos com uma reflexão detalhada sobre ela. Entretanto, vamos estabelecer um resumo do que o pastor ignorou completamente em seu discurso, recorrendo ao nosso artigo ***A Fé sem obras está morta***. Vejamos:

*Porque pela graça sois salvos, **por meio da fé (1)**, e isto não vem de vós, é dom de Deus; não vem das obras, para que ninguém se glorie. Porque somos feitura*

*sua, criados em Cristo Jesus **para boas obras (2)**, as quais Deus antes preparou para que andássemos nelas. (Ef 2:8-9).*

Entretanto, **onde foi demonstrado** pelos defensores da graça que o apóstolo Paulo junta o ensino dele com o de Tiago? Em nenhum lugar, no entanto, **iremos realizar a comparação** dos dois textos em questão. Após a repetição desta mesma passagem predileta dos defensores da graça, este faz duas observações também já reprisadas do escrito anteriormente.

*** 1 Somos salvos por meio da fé, sem obras?** Ou com as boas obras? Se, somos salvos por meio da fé, tão logo a fé não é um fim e sim um meio de se chegar a esta salvação, tão logo, o fim desta mesma fé são as boas obras, gerando conseqüentemente a salvação, mas se **a fé sem obras está morta** são as obras que dão vida à fé. A vida está nas obras, assim como a vida do corpo está no espírito. Ao menos que se mude a essência deste tópico.

*** 2 Criados para e não salvos pelas boas obras.** Criados para as obras? Ou criados para a fé? Se fôssemos criados para a fé, logo ela seria um fim e não um meio. Para os leitores entenderem melhor, a fé a que se refere Paulo é um meio de se chegar a graça que somente é **consumada através das obras**. Tão logo, sem as boas obras **a fé é morta**. Se a fé é morta, ela nada produz. Paulo enfatiza que a fé é um meio, as obras um fim para que andemos nelas, gerando o resultado da graça que é concedida por Deus, através da prática do **“amor ao próximo”**. (FERRARI. T. T. 2013. p. 14)

Fim da citação

O apóstolo Paulo deixa claro que a justificação é pela fé com obras, e não sem obras, senão colidirá frontalmente com o texto do apóstolo Tiago que preza pela justificação através das obras, pois, segundo ele, **a fé sem obra é morta** (Tg 2,24-26). Uma má interpretação do pastor acaba conduzindo o seu leitor ao erro, em acreditar que é salvo somente através da fé, sendo que tanto Paulo, como Tiago a fé é um meio de se chegar às obras e por conseguinte, alcançar a salvação, já que se observarmos a parábola de Jesus sobre as ovelhas e os cabritos, o critério de salvação transcorre à prática da caridade para com o seu próximo, tendo em vista que não é questionado a sua fé, mas as suas obras em favor do próximo, levando amparo e consolo (Mt 25,31-46). Vamos agora esmiuçar o que diz o apóstolo Tiago e que o pastor ignora, mais uma vez recorrendo ao nosso texto **A fé sem obras está morta**. Vejamos:

O segundo capítulo da epístola de Tiago e a exortação das boas obras

Sobre esta passagem, os que aceitam a graça pela fé apenas questionam: “se ele (Abraão) entregasse o filho por entregar, sem ter tido a fé, como muitos fazem hoje, tentam ser bons apenas para se mostrarem, sem ter fé em Deus?”, Prosseguem os que aceitam a graça pela fé apenas no seguinte questionamento: “assim como muitos oferecem ‘oferendas’ a deus sem ter fé no verdadeiro Deus?” Esta segunda pergunta é tão sem nexos quanto à primeira. Voltando à primeira pergunta e procurando aprofundar, respondemos novamente: Em

Primeiro lugar, o apóstolo Tiago evidencia uma analogia a Abraão, realizando sacrifício de seu próprio filho Isaque, no altar a Deus, este acontecimento está em consonância com a passagem do amparo ao próximo, através das boas obras (Tg 2:14-26). Tiago vem a estabelecer dois princípios que tratam de **“amor a Deus sobre todas as coisas”**, e a prova disso foi à oferta do próprio filho da parte de Abraão a Deus sobre o altar de sacrifícios, sendo o outro princípio o do **“amar ao próximo como a si mesmo”** abordado do verso 14 a 17, tendo em vista que o primeiro e maior mandamento deve vir primeiro, o que não discordamos. Todos estes dois princípios se baseiam no ensino do Mestre Jesus e que iremos demonstrar mais adiante.

Entendemos que se “toda a lei e os profetas dependem destes dois mandamentos”, podemos dizer que as “boas obras” envolvem o dever do homem primeiro para com Deus e segundo para com o próximo. Vejamos a passagem abaixo para corroborar o que temos afirmado.

*“Se alguém diz: Eu amo a Deus, e odeia a seu irmão, é mentiroso. Pois **quem não ama a seu irmão, ao qual viu, não pode amar a Deus, a quem não viu. E dele temos este mandamento, que quem ama a Deus ame também a seu irmão.**” (1 Jo 4:20,21).*

Caridade é amor e o amor é caridade. A verdadeira caridade ou verdadeiro amor **se manifesta em boas obras**, nas três direções: **Deus, nós mesmos e o próximo**. Para amarmos ao próximo como a si mesmo, devemos nos amar primeiro. Quem ama a Deus

deve se amar e amar ao próximo. Não existe caridade sem estes requisitos acima.

A questão esclarecida acima e em conformidade com o que o apóstolo Tiago nos elucida no segundo capítulo de sua epístola, são dois princípios de **“amor a Deus sobre todas as coisas”** e **“amar ao próximo como a si mesmo”**, sendo estes dois pilares toda a essência da Torah e dos ensinamentos de Jesus. É isto que está claramente na Bíblia e na passagem em análise, onde não procuramos inverter tal ordem, antes ao contrário aproximamos essa ideia ainda mais ao âmago da questão.

Ainda em análise, segundo os que aceitam a graça pela fé apenas: “foi à fé que moveu a obra, e não o contrário. **A obra aperfeiçoou a fé** (Tg 2:22), ou seja, já havia a fé em Deus, se não houvesse fé a obra iria aperfeiçoar o que?” Se acreditarmos que a fé por si só move as boas obras, como poderia algo que é inoperante, operar algo (Tg 2:20)? O que fica claro no texto é que a obra quem moveu e aperfeiçoou a fé, e não o inverso (Tg 2:22). Havia a fé em Deus, assim como até os “demônios” também acreditam, todavia, não havia o **“amor a Deus sobre todas as coisas”** e este se consumou através da obra de Abraão em oferecer o seu único filho (**Tg 2:21**).

Com efeito, elaboramos um terceiro questionamento: Diante do exposto, **concordam** que segundo Tiago a fé de Abraão, até aquele momento, era morta? Caros leitores, segundo alguns que aceitam a graça pela fé apenas: “o contexto que entram as exortações de Tiago para se identificar alguém que tem fé ou não,

afinal, crer em Deus até os demônios creem (Tg 2:19)”. Nesta passagem de Tiago, fica claro que se a fé sem obras realmente nos garantisse a salvação, até os demônios se salvariam, pois, eles também acreditam em Deus. Contudo, concluem os que aceitam a graça pela fé apenas dizendo que “serão as nossas obras perante Deus, como afirmam que não são apenas as obras com intuito de ajuda ao próximo, a exemplo o caso de Abraão”. Como foi dito anteriormente, Tiago vem a estabelecer dois princípios que tratam de “**amor a Deus sobre todas as coisas**”, e a prova disso foi à oferta do próprio filho da parte de Abraão, sendo o outro princípio o do “**amar ao próximo como a si mesmo**” abordado do verso 14 a 17, tendo em vista do que temos que realizar uns para com os outros. Todos estes dois princípios se baseiam no ensino do Mestre Jesus e neste contexto elucidado de Tiago. (FERRARI. T. T. 2013, p. 15-16)

Fim da citação

Esta é a parte que o pastor omite de você caro leitor, tendo em vista que em nosso artigo que trata deste tema no item 9, percorremos no item 10, onde destrinchamos a análise do grande julgamento, através da parábola dos bodes e das ovelhas, pronunciada pelo Mestre que preconiza que será dado **a cada um segundo as suas obras**. (Mt 25,31-46). Nem precisaremos citar este capítulo, mas sugerimos a você, caro leitor, a leitura deste nosso artigo “***A fé sem obras está morta***” clicando ([AQUI](#)).

Para encerrar este item, o pastor cita (1Co 3,10-15)

como que nem todos os salvos terão galardão. Ao examinarmos o contexto ((1 Co 3.5-17) trata do tema **a verdadeira função dos pregadores** que em resumo destrincha o serviço dos pregadores que levaram a fé em Cristo, tanto Paulo plantado, Apolo regado e Deus quem fez germinar e gerar frutos (v. 6-7). Concomitantemente a este conceito trazido pelo pastor e por nós examinado o seu contexto, traçaremos um paralelo ao exemplo que ele desfecha sua linha de raciocínio, em que a laranjeira só é laranjeira por que dá frutos e concordamos, pois, se não gerar frutos, ou seja, obras, para que servirá? Para nada, e para tanto, temos a resposta do próprio Mestre que nos recomenda: **“Toda árvore que não produz bons frutos é cortada e atirada ao fogo”**. (Mt 7,19)

13.3. Os Passos Subsequentes à Salvação

A partir deste tópico, o pastor já se considera salvo e recomenda que seus seguidores observem seus apontamentos anteriores que em parte são justificáveis, mas de um certo momento para o seu desfecho, desconsidera o posicionamento de outros apóstolos e até mesmo dos Evangelhos. Dessa forma, seremos sucintos na análise destes passos seguintes, procurando ser objetivos e dizer muito, em poucas palavras. Vejamos a análise inicial do pastor.

• Ao darmos o quinto passo, nos tornamos salvos. Ao darmos o sexto passo, nos mantemos salvos. Mas, quais são as obras que devemos fazer **por** sermos salvos, isto é, 100% perdoados? Veja a seguir alguns exemplos.

Diante de um sofisma, de uma má interpretação isolada de Paulo (Ef 2,8-9), desconsiderando outros apóstolos como Tiago (Tg 2,14-26), negligenciando até mesmo o Mestre, que estabelece o critério de julgamento (Mt 25,31-46), compreendemos que se pode formular a teoria que o pastor defende, isolado passagens de todo o contexto das Escrituras que afirma que **a fé sem obras é morta**. (Tg 2,26). Entretanto, vamos conhecer as legalidades do pastor.

13.3.1. Ser Batizado

Neste quesito, ser batizado transformou-se mais numa legalidade cristã que integra uma nova pessoa a uma instituição religiosa, perdendo o seu significado primitivo que era o arrependimento dos pecados. Contudo, o pastor aponta evidências. Vejamos:

(Mc 16.16). Cristo mandou pregar o Evangelho e batizar os que creem. Estes não se batizam para se salvarem, e sim, por serem salvos. Não inverta a ordem.

Como já salientamos, o capítulo 16 de Marcos encerra no verso 8 nos manuscritos mais antigos e do verso 9 em diante não passa de acréscimo de algum copista. Contudo, o pastor acaba invertendo a ordem do objetivo do batismo que era o arrependimento dos pecados, para andarem conforme a justiça do Evangelho e chegarem a plenitude da prática do amor ao próximo. O pastor entende que a salvação vem primeiro pela fé e o crente depois se batiza, invertendo todo o sentido original, criando assim uma legalidade. Vamos ao

segundo passo.

13.3.2. Comungar com seus Irmãos na Fé.

Partilhar com nosso semelhante a prática do Evangelho é comum no meio espírita e em qualquer denominação religiosa cristã. Não podemos nos furtar que existem pessoas que possuem um certo grau de altruísmo em relação ao seu semelhante, que transcende aos muros dos templos e das vias de fato na prática religiosa, onde certamente alcançam a plenitude de seus atos, independentemente de estarem filiados a uma ortodoxia cristã. Entretanto, nos diz o pastor.

Muitas pessoas já fizeram o que você acaba de fazer, e já se organizaram. Você é convidado a se unir a um desses grupos, porque lá você encontrará pessoas mais experientes que muito poderão ajudá-lo (Hb 10. 25). Estes grupos são conhecidos pelos nomes de evangélicos ou crentes. Cuidado, há igrejas se dizendo evangélicas, sem sê-lo de fato.

Como já explanamos, não precisa ser um evangélico para praticar a lei de amor e caridade que se conhece nos moldes do Cristianismo, pois a religião do futuro será a prática do amor e não uma filosofia religiosa e sectária que segrega as demais crenças e criam muros entre si, sendo mais separatistas do que fraternas. Salientamos que o contexto da epístola de Hebreus salienta **o sacerdócio de Cristo** que o pastor apela no trecho (Hb 10,25) que em seu contexto (Hb 10,19-25) trata do tema **transição**, onde observamos no verso anterior (v. 24) a recomendação do autor **“Velemos uns pelos outros para nos estimularmos à caridade e às**

boas obras". (Hb 10,24) e é o que temos constantemente reforçado e o pastor negligenciado!

13.3.3. Ler a Bíblia

Não só é preciso ler a Bíblia, mas estudá-la, pondo em prática os ensinamentos do Cristo para sermos servos prudentes, pois apenas ler a Bíblia, poderá incorrer em erros como temos visto e registrado os do pastor, que nos diz:

Leia a Bíblia diariamente. Na impossibilidade de fazê-lo, peça a alguém o favor de lê-la para você ouvir. Saboreie pelo menos um capítulo por dia (Js.1: 8; Sl 1. 2).

Ler apenas, sem o senso crítico, poderá leva-lo a conclusões não desejadas, tal qual nos sugere o pastor a passagem (Js 1,8) que em seu contexto (Js 1,6-9) tem por tema **fidelidade à Lei, condição da ajuda divina**, onde nos remete a estudar e meditar na Torah, a Lei de Moisés, que até já nos empenhamos neste intento e temos constantemente compartilhado deste conhecimento. Por sim, o pastor seleciona outro trecho (Sl 1,2) que tem por tema este Salmo (Sl 1,1-6) **os dois caminhos**, onde nós espíritas recorreremos novamente **"Sim, lahweh conhece o caminho dos justos, mas o caminho dos ímpios perece"**. (Sl 1,6)

13.3.4. Praticar a Doutrina dos Apóstolos.

Se seguirmos o caminho que os apóstolos construíram, como exemplo da Casa do Caminho gerida pelos discípulos do Cristo, tendo à frente as figuras de Pedro e Tiago, certamente

resgataremos o Cristianismo primitivo que levava alento aos mais necessitados, que é o objetivo das Casas Espíritas se espelham em suas campanhas de esclarecimento, auxílio nos moldes do Evangelho moral e materialmente. Com isso, vamos conhecer os concelhos do pastor.

Estas doutrinas estão registradas na Bíblia. Uma delas é que não devemos adorá-los (At.10:25-26; 14:11-18).

Esta é uma crítica aos que veneram os apóstolos, fato este que nós espíritas não temos o devido costume. No contexto de (At 10,19-26) tem por objetivo o tema da **fundação da Igreja de Antioquia** que Pedro recomenda não ser adorado por Cornélio por ser homem (v. 25-26) e no contexto de (At 14,8-18) que trata do tema **a cura de aleijado**, Paulo e Barnabé são comparados a deuses na cidade pagã de Icônio, onde os apóstolos repudiam este comportamento (v. 15). Certamente que nós espíritas não praticamos quaisquer tipos de adoração a figuras que estão na vanguarda do Espiritismo e do Cristianismo.

13.3.5. Cear.

Não há este tipo de prática dentro do movimento espírita, onde a nossa celebração não é o sacrifício de Jesus, mas o sacrifício que o seu Evangelho nos proporciona em prol de nossa reforma íntima, atendimento dos mais necessitados moralmente e intelectualmente. Esta é a nossa motivação;

A Ceia do Senhor é uma ordenança do Senhor Jesus e é

constituída de pão e suco de uva, os quais simbolizam, respectivamente, o corpo e o sangue do Senhor (1 Co.11:17-34). Todo cristão deve participar deste banquete espiritual, comendo do pão e bebendo do fruto da vide (1Co. 11: 28), em clima de festa, sim, a Festa Magna do Cristianismo, cujo objetivo é comemorar o sacrifício substitutivo que Jesus efetuou por nós lá na cruz.

Percebemos que esta é mais uma legalidade cristã que percorreu através dos séculos e que nós espíritas damos muito mais ênfase na prática do Evangelho, do que na observância de suas legalidades. Sobre o contexto de (1Co 11,17-34) que retrata **a ceia do Senhor** como tema, salientamos que o apóstolo Paulo nos exorta **“Porque, comendo, cada um toma antecipadamente a sua própria ceia; e assim um tem fome e outro embriaga-se. Não tendes porventura casas para comer e para beber? Ou desprezais a igreja de Deus, e envergonhais os que nada têm? Que vos direi? Louvar-vos-ei? Nisto não vos louvo”**. (1Co 11,21-22). Creio que o pastor não esteja muito preocupado com os mais necessitados, já que observa apenas a parte que lhe convém (v. 28).

13.3.6. Orar.

Este é um preceito que temos como prática, pois realizamos constantemente em nossas casas espíritas e ainda nos diversos eventos que participamos, como regra uma prece a Deus e uma leitura preparatória, antes de iniciar quaisquer atividades na casa espírita. Contudo, vamos observar o que nos diz o pastor.

Por ser Jesus o único Mediador entre Deus e os homens (1 Tm. 2: 5), Ele nos ensinou a orar direto a Deus (Mt. 6: 9-13), em Seu nome (Jo. 14: 13-14). Portanto, doravante não perca mais seu tempo rezando ao tal de “Anjo Guardião”, ou aos chamados santos, ou aos chamados orixás e outros espíritos que se fazem passar pelos mortos. Ore ao Senhor! Por favor, ore por mim.

Oramos a Deus, sempre dirigindo nosso pensamento ao Cristo que interceda em nossas atividades, como já bem o dissemos. Quando ocorre uma interseção a alguém, dirigimos nossos esforços a esta pessoa, seja em auxílio, ou em rogativa. Bastaria o pastor verificar a parte final da obra *O Evangelho Segundo o Espiritismo* que traduz as diversas preces que norteiam a nossa atuação em diversas situações. Outrossim, oramos pelo pastor, como nos recomenda o Mestre: “[...] **e orai pelos que vos maltratam e vos perseguem para que sejais filhos do vosso Pai que está nos céus**” (Mt 5,44).

13.3.7. Testemunhar.

Para encerrar este capítulo, o pastor nos recomenda a testemunharmos nossa mudança de atitude, ante o engajamento do Evangelho em nossas vidas e salientamos a ele que nós o fazemos constantemente em nossos atos para com o nosso próximo. Contudo, vamos conhecer o que o pastor nos apresenta.

Conte a todo mundo a sua nova vida, isto é, a sua experiência com Cristo! (Mc. 5: 20). E argumente mais ou menos assim: As religiões não cristãs (Budismo, Islamismo, Hinduísmo...) não podem salvá-lo. O mesmo podemos dizer das instituições religiosas que se fazem passar por cristãs (Testemunhas-de-

Jeová, Igreja Católica, Adventismo do Sétimo Dia, Kardecismo, Mormonismo...). E, pasme-se, nem mesmo a verdadeira Igreja de Cristo, que é o conjunto dos redimidos pelo Seu sangue, pode salvá-lo. Você quer ser salvo? Então vá direto a Cristo, pois só Ele salva (Jo. 14:6; At.4:12).

Como é de praxe o seu discurso, ele exclui todas as crenças diferentes da que ele professa, que é o movimento evangélico, dizendo que somente a igreja dele representa o objetivo da missão do Cristo. Nós, espíritas, por outra vez, recomendamos não o que o pastor orienta “**Fora da igreja não há salvação**”, atribuindo a abrangência da missão do Cristo que é universal e que a Doutrina Espírita tem como lema “**Fora da caridade não há salvação**”. Com este lema, vamos ao capítulo seguinte.

CAPÍTULO XIV - A PARÁBOLA DO JOVEM DELINQUENTE

Neste capítulo, o pastor nos apresenta uma parábola criada por ele mesmo, com o objetivo de validar e explicar de forma ilustrativa o conceito do sacrifício vicário. Dessa forma, ele desenvolve o seu enredo como justificativa de aplicação de uma lei divina, em termos práticos, numa história contada por ele mesmo, aplicando uma solução para a correção e punição de delitos de um infrator, do pagamento realizado por outrem, como solução e interrupção do processo de infração à lei. Vamos acompanhar ele do início ao fim e depois comentá-la! Vejamos:

Era uma vez um jovem com apenas 18 anos de idade, chamado Delin, cujo pai (Rei Paião, prezado e respeitado por todos os seus súditos) era um dos mais ricos de seu país. E, embora o Código Penal desta nação prescrevesse a pena de morte aos criminosos de alta periculosidade, o dito jovem, cobiçando riquezas maiores, empreendeu o primeiro de uma série de assaltos à mão armada.

Ele não queria praticar latrocínio e, por isso, empunhava sua pistola só para intimidar os proprietários dos bens que ele pretendia tomar para si. Sua primeira vítima, porém o senhor Robato, muito mais alto e robusto do que ele, reagindo ao assalto, tentou dominá-lo. O referido jovem, tomado pelo susto, disparou sua arma, matando o senhor Robato. Então o remorso invadiu o seu coração. Sua consciência o acusava ininterruptamente. Ele se sentia a escória da sociedade, bem como merecedor de uma severa punição. Como ele gostaria

que tudo aquilo não fosse real, e sim, apenas um pesadelo!

Mas, infelizmente, ele não estava sonhando! Ele deveras estava acordado e havia sim se tornado um latrocida! E, por isso mesmo, se julgava merecedor de uma severa punição! Seu ardente anseio pela longevidade, era mesclado com um forte desejo de ser enforcado, a bem da disciplina! E consigo mesmo tinha a certeza de que este prevaleceria sobre aquele, pois o seu crime era suficientemente hediondo para torná-lo digno da lei de talião, prevista na Carta Magna de sua nação, e pormenorizada no Código Penal da mesma. Mas integrava à Constituição de sua Pátria, que o Rei podia intervir em defesa de quem fosse sentenciado à morte, salvando-o da execução, desde que substituísse o réu, cumprindo por ele a pena. Era ainda constitucional que, uma vez que o Rei manifestasse o seu desejo de se deixar imolar pelo condenado, ninguém podia questioná-lo, nem tampouco empreender malograr seu intento. E foi desta cláusula que o Rei Paião se valeu para dar ao seu filho Delin a chance de se regenerar, tornar-se um cidadão de bem, casar, perpetuá-lo através dos possíveis netos, usufruir das delícias da vida, e, finalmente, morrer bem idoso, farto de dias! Então Delin foi convocado a comparecer diante de Sua Majestade, o Rei Paião. Delin, enquanto era levado manietado à presença do Rei, pensava: “Como irei encarar o meu Pai?! Certamente ele, dizendo que eu (seu imprestável filho) sou sua vergonha e tristeza, derramará inconsoláveis lágrimas!” E, mais rápido do que Delin desejava, viu-se diante do Rei Paião, o qual lhe falou: “Sabes que teu pai sempre primou pela justiça.

Logo, não posso e nem quero perdoar o teu crime. Seria ilegal fazê-lo. Portanto, anular tua sentença, nem pensar. Contudo, quero, posso e vou livrar-te da morte, morrendo em teu lugar. Mas, para eu morrer em teu lugar, terás que fazer três coisas: 1ª) jurar-me que estás arrependido; 2ª) prometer-me que longe de ser reincidente, serás um cidadão de bem por todos os dias da tua vida; 3ª) pedir-me perdão pela tristeza e vergonha que me causaste”. E assim foi. Delin fez o que Paião exigiu. Sem delonga, portanto, fez o Rei passar pregão por todos os rincões do território sob seu poder régio, notificando a todos os seus súditos que ele, Rei Paião, por amor do seu culpado filho, se servia de um dispositivo legal, a saber, o sacrifício vicário, objetivando salvar Delin, da morte.

Ademais exigiu, por escrito, que a Suprema Corte, cônica de que dura lex, sed lex, (Lei é dura, mas é lei), jamais permitisse que seu filho sofresse qualquer consequência de seu bárbaro crime, já que a substituição era legal. O Rei Paião argumentava que sua atitude gozava não só de legalidade, mas também de moralidade, visto ser moral que os pais lutem por seus filhos até à morte. Então morreu Paião, e Delin foi viver a vida.

Que salvou Delin da forca? O arrependimento? A regeneração? O pedido de perdão? Não!!! Estes expedientes lhe foram necessários para que o Rei morresse por ele, mas foi a morte do Rei, e só ela, que o absolveu. Ele deve, pois, a sua absolvição exclusivamente à morte de Sua Majestade. Se ele não se arrependesse, o Rei não morreria por ele; mas é se o Rei não morresse por ele, que ele não seria salvo. Delin já estava arrependido e desejoso de mudar de vida, muito antes de seu pai lhe fazer a proposta de morrer em seu lugar, mas isso não alterou em nada a sua condição de condenado; nem mesmo o amor de Paião por seu filho delinquente, anulou a sentença de Delin; mas quando Paião foi enforcado no lugar de Delin, este foi absolvido. O crime de Delin não foi perdoado nem mesmo por seu Pai, mas castigado na pessoa de Sua Majestade, o Rei Paião.

Sobre o presente conto informo que:

- 1)** Delin retrata Adão, Eva e todos os seus descendentes;
- 2)** o seu hediondo crime fala dos nossos pecados;
- 3)** a pena capital à qual ele foi sentenciado, refere-se à condenação à eterna separação de Deus, cuja consequência é o Inferno;
- 4)** a morte substitutiva de Paião ilustra o sacrifício vicário de Cristo;
- 5)** a absolvição de Delin diz respeito à nossa salvação através da morte de Jesus;
- 6)** o arrependimento e o pedido de perdão, exigidos do delinquente, como condição sine qua non para que o Rei concretizasse o seu desejo de morrer pelo jovem da presente parábola, representa a condição imposta por Jesus, para que os benefícios oriundos da Cruz nos sejam aplicados.

Delin tinha que se converter para Paião morrer por ele; nós, porém, temos que nos converter porque Jesus morreu por nós. Logo, porque Delin se converteu, Paião morreu por ele; e, porque Paião morreu em seu lugar, Delin foi salvo. Delin deve, pois, a sua salvação exclusivamente à morte de seu pai. É verdade que o Rei só morreu por ele porque ele se converteu, mas ele só foi salvo porque o Rei morreu. Não adiantaria ele se regenerar, se o Rei não morresse por ele. Por conseguinte, sempre que alguém lhe inquirir sobre o porquê de sua absolvição, ele nunca poderá dizer que foi porque ele se converteu. A sua conversão causou a morte do Rei, não a sua absolvição. Então, a sequência correta é: 1) conversão de Delin; 2) morte do Rei; 3) absolvição de Delin. Já a salvação em Cristo obedece outra sequência. Ei-la: 1ª) morte de Cristo; 2ª) nossa conversão; 3ª) nossa salvação. Mas, tal qual Delin, não podemos atribuir nossa salvação à nossa conversão, e sim, à morte de Cristo. A nossa conversão foi meramente a condição imposta por Deus para que os méritos do sangue de Cristo nos sejam creditados, não a causa meritória. Esta é a Cruz de Cristo, só a Cruz de Cristo e nada mais que a Cruz de Cristo. É que assim como Paião só morreria por Delin se este se convertesse, Cristo só aplica os méritos de Seu sacrifício, na vida de quem se converte a Ele. Altera-se a ordem, mas o raciocínio é o mesmo: a nossa fé, o nosso arrependimento, a nossa regeneração e as nossas boas obras, embora não atuem como coadjuvantes do sangue de Cristo na efetuação da nossa salvação, são, contudo, condições impostas e, portanto, imprescindíveis. Para nos salvar, Cristo entra com o mérito do Seu sangue, e nós entramos com o nosso vale-nada, já que este vale, além de não poder nos salvar sozinho, nem mesmo ajuda Cristo a nos redimir, embora seja indispensável, visto que o Senhor impõe esta condição.

Como pudemos acompanhar o raciocínio do pastor, nesta parábola ilustrada por ele mesmo, a dar embasamento ao sacrifício vicário, percebemos que há algumas incoerências nela que desenvolveremos nossa contra-argumentação. A primeira delas é que o personagem Delin que se ilustrava

como sendo referência a Adão e Eva, o pastor o empresta a este mesmo personagem, duas e até mesmo três individualidades distintas que precisaremos segregar quem praticou o rompimento à lei divina e outra figura que desfrutou da absolvição da pena de morte, após o pagamento da pena realizado pelo rei Paião, a fim de que possamos desatar o nó deste imbróglio! Vamos lá, segundo o pastor, Delin representa Adão e Eva, mas ao mesmo tempo nós mesmos. Isso mesmo que você está vendo caro leitor, Delin pecou contra a lei vigente e desfrutou da absolvição do seu erro em duas personalidades distintas, devido ao sacrifício do rei que morreu em seu lugar na pena de morte aplicada. Com isso, no raciocínio do pastor, Adão e Eva pecaram, foram condenados, mas nós é que desfrutamos da absolvição de seu pecado original, uma vez que Jesus morreu na cruz em nosso lugar, por um pecado praticado por Adão e Eva. Isso mesmo, a solução apresentada pelo pastor, para cessar o pecado é justamente esta, Adão e Eva pecaram, Jesus pagou o preço do pecado e nós ao aceitarmos esta quitação, somos absolvidos por um erro que não cometemos, já que nascemos com ele, tendo em vista que foi cessado o processo de infração à lei divina.

No exemplo prático, ilustrado pelo pastor, sendo o pecado praticado por uma personalidade, pago por outra e absolvido em nós, temos aí três personagens que o pastor não considera, e que na justiça por ele estabelecida, é a solução encontrada por Deus em extirpar o pecado do mundo, já que o pastor desconsidera a prática dos ensinamentos do Mestre, em detrimento, pura e simplesmente na aceitação do sangue

expiatório do Cristo. Ainda refletindo na ilustração do pastor, temos que considerar que certamente o pecado continuou a ser praticado por justos e injustos, uma vez que tanto na ilustração, quanto na vida real, mesmo Jesus tendo sido imolado no madeiro, não extirpou o pecado do mundo e nem mesmo no reino de fantasia criado pelo pastor, tendo em vista que continuamos a pecar e continuaremos até reconhecermos que Jesus só retirará o pecado do mundo, quando a humanidade estiver na plena prática de sua lei áurea de **“Amar a Deus sobre todas as coisas, e ao próximo com a ti mesmo”**. Dessa forma, cai por terra o conceito prático do sacrifício vicário, tendo em vista que nem mesmo na ilustração dada pelo pastor, e nem mesmo no mundo ao qual estamos inseridos, o pecado deixou de ser praticado, que em resumo é a desobediência que poderá ocorrer por ignorância, ou até mesmo por má índole.

Como podemos observar, o exemplo do pastor não resiste a uma análise acurada dos fatos, nem mesmo na ilustração por ele apresentada, e muito menos nos diversos exemplos práticos que dia após dia acontecem no mundo, ao qual estamos inseridos. A solução apresentada pelo pastor para cessar o pecado não funciona, se não praticarmos os ensinamentos de Jesus que é a única solução de extirpar a injustiça, a maledicência e nos colocar em um outro patamar de fraternidade universal, abrangendo toda a humanidade, tal qual nos apresenta a Doutrina Espírita, em consonância ao Evangelho, pela lie natural das vidas sucessivas, que o pastor tanto combateu nesta sua obra que a refutamos ponto a ponto.

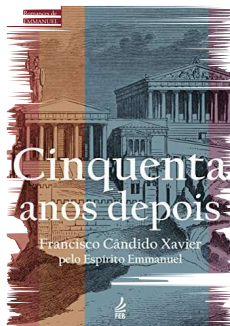
Daremos agora, não uma parábola, mas um exemplo prático ocorrido nos primeiros séculos de nossa era, de um personagem que viveu antes de Cristo, durante o ministério do Mestre e após sua morte. Este exemplo, deste mesmo espírito que animou três personalidades distintas, estão registrados nas obras **Há dois mil anos** e **Cinquenta anos depois**, vindo a ser o mentor Emmanuel de Francisco Cândido Xavier (1910-2002) e responsável por coordenar o trabalho das mais de 400 obras psicografadas do médium, com objetivo de educação moral da humanidade, com romances, mensagens e doutrinários para dar embasamento a nós espíritas na lide da vida.

A primeira obra que abordaremos é: **Há dois mil anos** que retrata **uma reflexão acerca da lei de causa e efeito!** Esta foi uma das primeiras obras espíritas que li por volta de 1996. Nesta releitura este ano, eu já não lembrava de tantos detalhes que percebi nesta releitura, o que marca uma série de fatos ocorridos



com Publius Lentulus, senador romano que inicia sua vida política no ano 27 d.C. dentro do cenário do império romano. Esta narrativa passa por um processo proveniente da lei de causa e efeito, deflagrada de vidas anteriores, como houve em sonhos revelações de que havia sido seu bisavô Publius Cornélio Lentulus Sura, bem como ações nesta vida presente de orgulho e vaidade, refletindo nesta própria encarnação e que ainda reverberarão na vida futura como Nestório, na

próxima obra a ilustrar: *Cinquenta anos depois*. Este é um romance permeado de ricos detalhes, numa narrativa culta! O encontro, em desdobramento, do senador Publius Lentulus com o Mestre Jesus que cura sua filha Flávia, da enfermidade que tinha, sendo esta a lepra, por intermédio da fé de sua esposa Lívia. Este evento, marca sua jornada evolutiva dali em diante, por meio de duros resgates e uma transformação moral contundente. Não vamos entrar muito em detalhes sobre o desfecho desta obra, devido ao fato que motivaremos aos leitores a sua leitura, mas asseguramos que a vida desregrada de Publius Lentulus Cornélius Sura reverberou na vida atual de Publius Lentulus, onde culmina no resgate nesta encarnação e no porvir, ilustrando a lei de causa e efeito, fazendo-o extirpar o orgulho e vaidade, dando margem para analisarmos a obra seguinte que demonstrará a correção pedagógica e divina, ante a lei (Ex 20,5-6).



Já nesta segunda obra, a saber: ***Cinquenta anos depois***, nos deparamos agora com o escravo Nestório, encarnado cinquenta anos após sua vida anterior, como senador romano Publius Lentulus. Esta obra retrata **o Cristianismo primitivo e seus discípulos**, onde este outro romance de Emmanuel se passa no

2º século da era comum, sob o período do imperador romano Adriano. O autor espiritual retrata uma outra encarnação sua como o escravo Nestório que passa a ser uma vida de resgate, ensino e perseverança! A partir daí entra em cena a Célia que

passa a ser a personagem principal da obra, principalmente na segunda metade da obra, igualmente como uma pessoa que renuncia sua vida em prol do seu próximo, exemplificando através dos seus atos, o significado do Cristianismo prático, com um final surpreendente e emocionante! Vale a leitura de um romance rico em detalhes e numa linguagem bastante culta! Recomendo aos prezados leitores o mergulho nesta ilustração de resgate, onde antes o senador Publius orgulhoso e vaidoso na vida aristocrática, agora exercitando a fé em Cristo, desenvolvendo a humildade e fraternidade que concluem e exemplificam a lei natural da reencarnação (Jo 3,12), ante a aplicação prática da pedagogia divina em regenerar seus filhos (Ex 20,5-6) e abraçá-los em exemplos a serem seguidos através dos séculos, de como funciona a justiça divina e a prática do Evangelho!

Quem ainda não leu estas obras, recomendamos que o façam para compreender como funciona o processo de resgate das faltas, através de uma prática genuína do Evangelho, como processo pedagógico do Criador que não relega as suas criaturas ao inferno eterno, mas assegura a nós uma oportunidade de reconstruirmos nosso caráter, ante a prática dos ensinamentos do Cristo, dando-lhe mais importância do que as legalidades criadas por um sistema religioso que mais separa, do que une fraternalmente a humanidade! Passemos agora aos pensamentos que decorreram a reflexão do pastor em validar o sacrifício vicário. Vejamos:

PENSAMENTOS

Os pensamentos que conheceremos nas linhas abaixo,

decorrem do desenvolvimento da ilustração do pastor que tem como tema central a justificação do sacrifício vicário. Vamos a eles e sempre que oportuno, nossos comentários em seguida!

1) Jesus não veio ensinar você a se salvar, mas sim, salvar você;

Se Jesus não veio ensinar, com objetivo de resgatar a humanidade com a prática dos seus ensinamentos, não seria necessário ficar cerca de três anos, enquanto poderia logo ir ao madeiro e em algumas horas quitar a dívida de Adão e Eva com a justiça divina e absolver os pecadores que nasceram com um erro que não cometeram. Concluímos que o tempo dedicado do Mestre em exemplificar, nos dando o caminho a seguir é muito maior e mais importante do que ser sacrificado, pois até mesmo em seu martírio, ensinou a retribuir o mal com o bem do perdão.

2) Jesus não veio ensinar o Caminho da salvação, e sim, construí-lo. O Seu sacrifício vicário é que é o Caminho; e apelar para esse sacrifício, é entrar na Trilha e percorrê-la;

Mais uma vez o caminho denota uma trajetória através dos milênios no processo de evolução, tendo em vista que Jesus deveria ter modificado sua sentença e dizer *“Meu sacrifício é o caminho, a verdade e a vida e ninguém vai ao Pai sem aceitar no meu sangue”*. Esta é a sentença do fundamentalismo e nós damos outra proposta, que é seguir os exemplos do Mestre e nos tornarmos pessoas melhores.

3) Jesus não veio ensinar o que você precisaria fazer para se salvar, mas sim, fazer o que precisava ser feito, para que você possa ser salvo;

Esta sentença é a terceirização da responsabilidade de quem não precisa se esforçar para entrar na porta estreita da prática das virtudes do Evangelho. É inverter o ônus da causa e produzir efeito sem causa! Trocando em miúdos, é um sofisma!

4) Jesus não veio apontar ou indicar o caminho da salvação, pois como apontar ou indicar algo inexistente?

Acreditar que a trajetória que Jesus percorreu é uma ilusão, é o mesmo que acreditar no sacrifício do madeiro, sem valorizar o que o levou a isso. Foi justamente por Jesus combater o *modus operandi* do padrão religioso das legalidades e iniquidades que ele foi condenado à morte.

5) Quem tenta fazer por onde merecer a sua salvação, ao invés de merecê-la, aumenta a sua indignidade;

Destituir a meritocracia e validar a recompensa sem o sacrifício individual é o mesmo que pregar um efeito sem causa, uma vez que não me esforcei, mas mereço o que Jesus conquistou, sem ao menos mudar de conduta pelo esforço próprio.

6) Cristo recebeu o que não merecia a condenação, para que nós recebamos o que também não merecemos a salvação;

Se não merecermos conquistar aquilo que nos esforçamos, destituído ficamos da razão. Se a punição de um inocente é validada como justiça divina. Como julgar nossos infratores que são punidos injustamente por não praticarem um delito que não cometeram? Mais um sofisma!

7) Deus, por ser o Justo Juiz, não pôde perdoar a nossa dívida; e, por ser amor, não pôde se esquivar de pagá-la;

Deus sendo três deuses, se entrega para ele mesmo quitar uma dívida cometida por um de seus filhos! Se não pudermos ser perdoados de nossos erros por Deus, então podemos não perdoar o nosso próximo, com a justificativa é de que Deus não nos perdoa! Mais um sofisma!

8) O pecador (isto é, cada ser humano), por ser mendigo em termos espirituais, não tem com que pagar a sua dívida; daí, o tormento eterno;

Se não podemos resgatar nossos erros, por que somos condenados por impossibilidade de quitar nossas dívidas? Jesus recomenda que se não perdoarmos para sermos perdoados, ficaremos presos até **pagarmos o último ceitil** (Mt 5,26).

9) Jesus é o Justo Juiz que nos sentenciou ao suplício, bem como o Advogado que cumpriu a pena em nosso lugar;

O Mestre não condenou a mulher adúltera, como prescrevia a Lei de Moisés, ante a recomendação: Então Jesus pôs-se em pé e perguntou-lhe: “Mulher, onde estão eles?

Ninguém a condenou? ‘Ninguém, Senhor’, disse ela. Declarou Jesus: **‘Eu também não a condeno. Agora vá e abandone sua vida de pecado’.**” (Jo 8,10-11).

10) Fazer por onde merecer a salvação é cometer o grave pecado de subestimar o sangue de Jesus;

Se esforçar em praticar os ensinamentos do Mestre é dar-lhe a devida importância de seu esforço em nos exemplificar de como devemos fazer para combater nossas más inclinações!

11) Quem faz por onde merecer o perdão dos seus pecados, comete mais um;

Quem se esforça em praticar os ensinamentos de Jesus, se compara ao homem prudente que construiu sua casa sobre a rocha. Quem não pratica os ensinamentos do Mestre, é que comete um erro e é comparado ao homem insensato que construiu sua casa sobre a areia. (Mt 7,24-27)

12) A graça só se obtém pela graça, visto que à parte da graça, só há desgraça;

A graça só é dada a quem se esforça. A gratuidade é pela prudência, a insensatez leva à perdição em si mesmo, crendo que somente ter fé, lhe será suficiente em demonstrar aquilo que não se é, não praticou e nem mesmo gerou frutos, já que **a fé sem obras é morta** (Tg 2,26).

13) Todos os pecadores que não buscam a salvação, estão indo para o Inferno na velocidade = “X”; os pecadores que dão tudo de si para merecer a salvação, estão indo para o Inferno numa velocidade > “X”; mas os que apelam para a graça que procede da Cruz, já mudaram de direção!;

Todos os infratores da lei que não buscam a reforma íntima, estão sem uma direção ao Pai, os que se esforçam por angariar as virtudes do Evangelho, permeiam o caminho da renovação e liberação de seu próprio ego. Já os que estão objetivando o fim de uma transformação que não se esforçaram, julgando adquirir aquilo que não buscaram, se perdem nos caminhos da insensatez, não entendendo que a libertação, ou salvação como queiram, não é a causa, mas o efeito do esforço em serem pessoas melhores a cada dia.

14) O pecador já está atolado. Se ele não se mexer, continuará afundando. E, se ele se mexer, afundará mais ainda. Mas, se ele se valer do mexer-se de Cristo, sairá do atoleiro;

No mundo, estamos atolados de vícios que precisam ser convertidos em virtudes, através do esforço próprio em angariá-los. Já os que se valem do esforço do Mestre em nos exemplificar, se encontram ainda distantes da vida em plenitude com o Pai, por não compreenderem a mensagem do Cristo da necessidade da reforma íntima!

15) A salvação não depende só da parte de Deus, mas também da nossa. Jesus já fez a parte que Lhe tocava; só nos resta agora, que façamos a nossa. E a nossa parte, é crer que Cristo fez a nossa parte;

Simplemente crer no sacrifício de Jesus não basta para transformarmos nossas vicissitudes em virtudes. É preciso trabalhar duro e com o Evangelho não somente nos lábios, mas sobretudo, em nossos atos para com o Pai e nosso próximo, desejando-lhes e realizado a eles, tudo o que gostaríamos que nos fizessem!

16) A única obra que produz salvação é a Obra de Cristo na Cruz;

A fé sem obras é morta e se o sacrifício de Jesus é incapaz de transformar um ser numa pessoa melhor, através da prática do seu Evangelho, seu sacrifício foi em vão!

17) No que diz respeito à salvação, há tanto uma causa meritória, quanto uma condição imposta: esta é a nossa fé na Cruz de Cristo; e aquela, a Cruz de Cristo;

A fé em Cristo é a causa e o efeito de seu Evangelho a consequência, gravado nas nossas ações, ante a sociedade que deverá ser mudada com a mudança individual! Quando a religião não é capaz de formar cidadãos menos preconceituosos e mais fraternos, para nada serve!

18) A salvação não é pelas obras, mas sim, pela Obra, a saber, a Obra de Cristo no madeiro;

A salvação vem da consequência de uma fé em Cristo, portanto, se seremos julgados pelas obras, cremos que as obras são o fim objetivado e exemplificado pelo Mestre! Se os

seus atos não são capazes de nos transformar, nada vale apenas acreditar, se nada fazemos em nos melhorar como seres humanos!

19) A salvação é tanto dádiva quanto pagamento. Quando Deus nos salva pela fé, Ele está pagando a Cristo pelo bom serviço prestado na cruz, ao passo que Cristo está nos presenteando algo que Lhe custou o Seu sangue;

Quem realmente se julga salvo e nada faz em prol de sua reforma íntima e nem mesmo se move em dirimir as provações de seu semelhante, não está preparado para entender o sacrifício do Cristo que permeou muito mais tempo em exemplificar o que devemos realizar, do que expirando seu último suspiro de vida!

20) A salvação de nossas almas é o salário de Jesus (Is. 53:11);

Israel foi tratada como o servo sofredor (Is 53) e muitos prefiguram como sendo alusão ao messias, enquanto a base do Judaísmo preconiza que Israel foi sepultada com os ímpios, mas ressurgiu em glória, após o cativeiro. Esta é a mensagem que denota uma nação que necessitava passar pelo cativeiro, a fim de combater seu desvirtuamento através da idolatria e do orgulho!

21) A salvação nunca foi à parte do sangue de Jesus. Os patriarcas e profetas do Antigo Testamento se salvaram pelo sangue que no futuro seria derramado por eles; o ladrão do qual trata Lc. 23:43, foi salvo pelo sangue que no presente

estava sendo derramado por ele; e nós, servos de Deus da atualidade, somos salvos pelo sangue que no passado foi derramado por nós. Deste modo, uns olham para frente, outros olham para o lado, e outros para trás, mas os olhares de todos os salvos convergem-se para a cruz do Calvário, pois dela, e somente dela, procede a vitória para todos nós!

O sacrifício do Cristo encerrou o processo de liturgia judaica do sacrifício de animais que eram aplacados para perdão de pecados. O Templo foi destruído e reconstruído na fé daquele que creram que o Mestre se ofereceu uma única vez para abolir uma legalidade que já não mais seria necessária. O ladrão da cruz possui relatos que não se convergem nos sinóticos e muitos se valem deste único registro (Lc 23,43) como única ação necessária para uma libertação dos erros praticados em vida, que através das vidas sucessivas não temos a abrangência de como foi o processo de arrependimento, expiação, prova e mudança de hábito de um ladrão a se transformar em servo, pelo exercício do Evangelho em vidas posteriores. A reencarnação regenera e a crença nas penas eternas multiplicam a iniquidade e indiferença de um Pai que é amor!

22) Os que fazem boas obras por serem salvos, serão galardoados agora e, especialmente, na eternidade (Ap. 22:12); mas os que fazem boas obras para se salvar, já estão condenados (Ef. 2:8-10; Rm. 11:6; At. 10: 1-6; 11: 14; Tt. 3: 5);

As boas obras são condição *sine qua non* de julgamento que o próprio Cristo exemplificou no grande julgamento (Mt 25,31-46). Os que praticam o Evangelho para com o seu

próximo, estão realizando ao próprio Mestre, mas os que nada realizam, se condenam na multiplicação de sua indiferença, pois a fé sem obras é morta (Tg 2,26).

23) Embora os que fazem boas obras para se salvar, já estejam condenados, os tais podem sair da condenação, trocando suas obras, por melhores que sejam, pela Obra de Cristo na cruz;

A inversão de efeito em causa, ignora o contexto de que **“a cada um será dado segundo as suas obras”** preconizado pelo próprio Mestre, já que ele não nos legou que *“será dado a cada um segundo a sua fé”*.

24) Cristo é o Caminho que nos conduz a Si próprio, pois é exclusivamente pelo Seu sacrifício vicário que temos acesso à Trindade, da qual Ele é parte integrante. Eis o porquê dEle haver dito que “Ninguém **vem** ao Pai, senão por mim” (Jo 14:6). Ele disse “vem”, e não “vai”. Logo, só por Ele podemos ir a Ele. Ele é o único caminho que nos leva ao Pai, que é Ele e os outros Membros da Trindade. Uma prova disso é o fato dEle haver dito que só o Pai sabe do dia e da hora da vinda do Filho (Mt 24:36). Ora, segundo a Bíblia, cada Membro da Trindade sabe de todas as coisas (Cl 2:3; 1 Co 2:9). Assim sendo, se entendermos que a locução “só o Pai sabe”, se refere exclusivamente à primeira Pessoa da Trindade, estaremos cometendo o grave erro de tentar limitar tanto a infinita sabedoria do lado Divino do Filho, como também negando a Onisciência do Espírito Santo;

O caminho que Cristo estabeleceu com seu exemplo, a seguir rumo a atingir a plenitude de nosso ser pela aquisição de virtudes imortais, nos credenciam a conhecer o Pai face a face, conhando-O totalmente e não mais em parte. Jesus,

estando no Pai, e o Pai estando nEle, formariam juntamente com os apóstolos um só, assim como o Pai e o Mestre eram um só. Eles estão um no outro em igualdade de pensamentos e ações, mas não são o mesmo. Se o filho não conhecia o dia a sua vinda, nem os anjos, somente o Pai sabia (Mt 24,36), é cristalina a ideia de que não há trindade e nem mesmo o filho partilhava do conhecimento pleno do Pai de todas as coisas, prefigurando uma onisciência que somente há em Deus, e não no Mestre e nem mesmo num espírito santo. Querer dar a eles a onisciência é transformar o cristianismo em forma de um paganismo, sendo um deus, formado de três deuses.

25) Todos os que creem em Cristo, creem que Cristo existe, mas nem todos os que creem que Cristo existe, creem em Cristo;

Acreditar no Mestre não validaria estarmos partícipes de uma recompensa que não nos esforçamos para merecê-la, tal qual acreditar em Cristo se torna o primeiro passo para prosseguir na reforma íntima.

26) Para muitos dos que se dizem cristãos, todas as igrejas são boas, mas os verdadeiros cristãos só reconhecem a Igreja de Cristo. E esta não está na rua tal número tal.

O templo do Cristo é dentro de nós mesmos, já que o seu Reino não virá em forma exterior, mas se revelará pela transformação que o Mestre é capaz de realizar em cada um de nós, melhorando assim, o mundo em que vivemos.

27) Da nossa passividade na transação da salvação, Cristo não abre mão. Logo, os ativos ainda não pactuaram com Cristo;

A passividade na prática das boas obras nada produz, tal qual uma árvore que não dá frutos e conseqüentemente para nada aproveita. Já a atividade ante a ação de fraternidade dá bons frutos, tal qual uma boa árvore que sacia a muitos. Reconhece-se a árvore pelos seus frutos, bem como os verdadeiros cristãos pelos seus atos (obras).

28) A salvação não é a recompensa dos que pecam pouco, tampouco o galardão dos que cometem pecados menores, mas sim, o dom (presente) dos que apelam para o Calvário;

A fé estimula às ações de reforma íntima e atos fraternos para com o próximo, onde levam a salvação de seu próprio ego. Acreditar que a salvação é o resultado da fé, é crer que há efeito sem causa.

29) Já que todo o mundo peca, mas há salvos e perdidos, pergunta-se: Até aonde posso ir no erro e ainda ser salvo? Quais os pecados que fariam de mim um perdido? Resposta: Tanto a salvação, quanto a condenação, não são proporcionais à quantidade e tamanho do pecado. O pecado, por menor que seja, traz no seu bojo total condenação. É, pois, o sangue de Cristo que nos dá absolvição;

Os seres humanos são completamente falhos e erram constantemente, dia após dia. Tanto crentes como descrentes pecam, mas o que os diferencia é justamente o esforço de se tornarem pessoas melhores para si mesmo e para o seu

próximo. Reconhece-se o verdadeiro cristão pelo esforço que se dedicam na atitude de domar suas más inclinações e na prática do amor ao próximo. Ter a fé não estanca a prática do erro, mas o identifica e move à mudança de atitude, em um processo diário e constante que atravessa as vidas sucessivas. Acreditar somente que se está salvo, não abona a necessidade da reforma íntima e nem mesmo o fato de ser indiferente, ante a necessidade de seu próximo.

30) Tudo que um homem consegue, quando dá tudo de si para não cometer um só pecado sequer, é pecar menos, o que não o torna menos digno da condenação. Logo, será condenado mesmo assim, visto que o Justo Juiz não pode nos dar o que não merecemos. Mas, como a Cruz de Cristo nos torna dignos da absolvição, nós, os cristãos, seremos salvos, já que o Justo Juiz não pode nos dar o que não merecemos. Sim, sou digno em Cristo! Sim, a Cruz de Cristo me confere mérito. Sim, se estou à sombra da Cruz, é injusto me condenar!

Como asseverou o mestre, apartemo-nos dos falsos profetas: *“Muitos me dirão naquele dia: Senhor, Senhor, não profetizamos nós em teu nome? e em teu nome não expulsamos demônios? e em teu nome não fizemos muitas maravilhas? E então lhes direi abertamente: **Nunca vos conheci; apartai-vos de mim, vós que praticais a iniquidade.** Todo aquele, pois, que escuta estas minhas palavras, e as pratica, assemelhará-lo-ei ao homem prudente, que edificou a sua casa sobre a rocha; E desceu a chuva, e correram rios, e assopraram ventos, e combateram aquela casa, e não caiu, porque estava edificada sobre a rocha. **E***

aquele que ouviu estas minhas palavras, e não as cumprir, compará-lo-ei ao homem insensato, que edificou a sua casa sobre a areia; E desceu a chuva, e correram rios, e assopraram ventos, e combateram aquela casa, e caiu, e foi grande a sua queda". (Mt 7,22-27)

31) Falo como cristão: A minha pena não está por cumprir, pois já foi cumprida por Cristo!

Aquele que não cumpre o seu dever de Cristão que é a aplicação da máxima "**amai o próximo como a si mesmo**", pois "**fora da caridade não há salvação**". Reconhecemos o verdadeiro **cristão** por suas obras e não apenas os que dizem "Senhor! Senhor!". Com isso é **dever** do **cristão** propagar as palavras de Jesus e fazê-las chegar até nossos queridos irmãos, não é reconhecido como discípulo do Mestre aqueles passivos a praticarem a iniquidade.

CONCLUSÃO

Chegamos ao fim de nossa refutação aos ataques propalados pelo Pr Joel Santana, que é mais para orientação aos espíritas, do que demover o pastor de suas crenças. Outrossim, diante das citações mutiladas e equivocadas por parte das obras Espíritas, esperamos que o pastor reconheça sua falha. Caso não ocorra este comportamento, entenderemos que tais citações foram usadas de má-fé, com o único objetivo de denegrir a imagem de Kardec, da espiritualidade superior e das obras citadas. Neste ínterim, vamos conhecer o desfecho do pastor.

Muitas outras heresias são propagadas pelos kardecistas, mas creio que as que estou denunciando e refutando neste humilde livro são mais que suficientes para provar que o que afirmei no capítulo 1, a saber, que o kardecismo é incoerente, não é uma crítica gratuita. Certamente está claro também que o Kardecismo prega outro evangelho; e que este deve, segundo a Bíblia, ser anatematizado, isto é, declarado maldito e, portanto, rejeitado e desdenhado (Gl. 1:8-9). Repito que essa tal de terceira revelação não tem razão de ser. Sim, ratifico que o que o kardecismo prega hoje, sempre pôde ser pregado e, de fato, sempre houve quem o pregasse. Ainda há cegos espirituais que nada veem, tal qual antigamente; bem como ainda há, também, os verdadeiros servos de Deus. As grandes realizações (boas e más) da Antiguidade provam que a Humanidade não evoluiu em nada. O homem está mais sábio, não mais inteligente, nem tampouco mais espiritual. Quanto a estas questões (inteligência e evolução espiritual) está tudo estável. Senão, reveja estes exemplos:

Como podemos observar, diz o pastor que a obra O Evangelho Segundo o Espiritismo é outro Evangelho, mas o que foi demonstrado em nossa refutação, foi justamente o oposto, pois trata-se do mesmo Evangelho por ele pregado, mas não praticado, já que se apega na salvação gratuita sem o mínimo de esforço em ser uma pessoa melhor, e até mesmo menos preconceituosa no trato com o Espiritismo. Esperamos que ao término da leitura desta obra, o pastor possa entender realmente o significado da missão de Jesus e colocar seus ensinamentos em prática, já que pelo que percebemos, não o vem realizando em sua vida. Para tanto, há uma recomendação de Gamaliel que remetemos ao pastor:

Contudo, neste caso, vos advirto: afastai-vos destes homens e deixai-os seguir em paz. Pois, se a obra ou o propósito deles for de origem meramente humana, perecerá. **Se, todavia, proceder de Deus não conseguireis jamais impedi-los, pois vos achareis em guerra contra Deus!**" (At 5,38-39)

Outrossim, afirma o pastor haver mais erros da parte da Codificação Espírita, o que acreditamos realmente poder existir, pois ela não é infalível, assim como a sua Bíblia. Contudo, o que foi apresentado pelo pastor, não passou de mera má interpretação e em alguns casos má-fé! Entretanto, diz o pastor que a humanidade não progrediu nestes últimos dois mil anos, nem moralmente e muito menos intelectualmente. Para tanto, ele julgou que sempre houve os conceitos espíritas permeados na antiguidade. O que havia era a mediunidade e o que o Espiritismo trouxe foi o seu estudo,

método e ciência prática na revelação destes fenômenos. O pastor não para por aí, alega ele dos pontos “A” ao “J” que existem diversas filosofias religiosas e sociedades que justificam sua assertiva de não houve progresso, uma vez que essas entidades existem para provar isso. O que não concordamos e até as suprimimos, pois, o nosso interesse é apenas com a Doutrina Espírita, e se o pastor tem certo preconceito com os muçulmanos, hindus, cultos afro-brasileiros, católicos, budistas, testemunhas de Jeová, adventistas do 7º dia, Maçonaria, mórmons, Racionalismo Cristão, LBV e demais vicissitudes da vida, não nos interessa comentá-los. Encerra assim o pastor:

Prezado leitor, dê-me o prazer de encontrá-lo no Céu! Sentir-me-ei bem recompensado se estas linhas contribuírem para a salvação de pessoas bondosas, sinceras e inteligentes que, por falta de uma experiência com Deus, se deixaram levar pelos escritos perniciosos de um homem usado por Satanás, chamado Hippolyte Léon Denizard Rivail, o qual alegava ser a reencarnação de um tal de Allan Kardec, por cujo motivo adotou esse pseudônimo em suas publicações.

Kardecistas, não paguem com ódio o amor que estou lhes devotando, pois esta obra, na verdade antkardecismo, é, simultaneamente, pró-kardecistas, pois visa livrá-los do engano religioso de que são vítimas.

Esforcei-me sobremaneira (orando ao Senhor e estudando o Kardecismo) para lhe ajudar a se libertar do Espiritismo. E este livro é consequência disto. Mas tudo isto só será eficaz se você deixar o Espírito Santo lhe iluminar. Tomara que você se dê por avisado e fuja da mentira para aquele que disse ser a Verdade: Jesus (Jo.14:6).

Prezado leitor, seu envolvimento com qualquer das seitas espíritas, sem dúvida o tornou muito íntimo de Satanás. Por isso, é de se esperar que tão logo ele note que este livro o

desmascarou e que você deseja trocá-lo por Cristo, que ele faça tudo para não perdê-lo. Ele vai até mesmo tentar matá-lo.

Porém, não o tema. Ore ao Senhor pedindo-Lhe para Lhe salvar pelo sangue de Jesus, bem como para repreender o Diabo. Ore mais ou menos assim: “Jesus, cobre-me com o teu sangue! Perdoa os meus pecados mediante o teu sacrifício! Salva a minha alma, Senhor! Escreve o meu nome no Livro da Vida!”. Você mesmo deve dizer a Satã e a todos os demônios: “Eu os repreendo em nome de Jesus.

Saiam demônios em nome de Jesus”. Peça a Deus para Lhe conduzir a uma igreja realmente de Deus, bem como para livrá-lo das “igrejas” que se intitulam evangélicas, mas que também estão a serviço do Diabo. Algumas das igrejas que muitos pensam ser evangélicas, como por exemplo, a Igreja Adventista do Sétimo Dia, a Igreja Mórmon, a Igreja Messiânica Mundial, Testemunhas-de-Jeová, Creciendo en Gracia, Tabernáculo da Fé e tantas outras, nada mais são que arapucas de Satã, tal qual o Espiritismo, o Catolicismo e muitos outros ismos.

Talvez não tenhamos a felicidade de nos conhecermos aqui na Terra, mas se permaneceremos em Cristo até o fim, nós nos encontraremos no Céu. Até lá, na Paz do Senhor Jesus Cristo.

Pr. Joel Santana.

Por fim o pastor deseja nos encontrar no “Céu”, após nossa conversão a sua filosofia religiosa, ao qual ora para que nos libertemos de satanáis que intuiu Kardec na elaboração da Codificação Espírita, que julgou o pastor desmascarado. Ocorre, que o que desenvolvemos em nossa resposta foi justamente demonstrar as credices fundamentalistas do pastor ante o preconceito e má-fé com relação a Doutrina Espírita. Que o leitor possa tirar suas próprias conclusões e que a verdade seja revelada! O pastor julgou que suas palavras

foram repletas de amor para conosco, entretanto, o que observamos em seu comportamento foi justamente o oposto, onde ele destilou seu ódio, sua repugnância e seu preconceito com nossa filosofia de vida. Não lhe devolvemos na mesma moeda e nem oramos ao Pai que lhe demova de suas convicções e venha para o Espiritismo, mas pedimos a Espiritualidade que retire de seu coração o ranço para conosco. Se queria nos convencer que estamos no caminho errado, que nos apresentasse outro mais justo, mas fraterno e impactante que a Codificação Espirita. Fato este que não ocorreu.

Sobre as bibliografias do pastor, ele se utilizou de apenas 16 obras espíritas, sendo 8 de Allan Kardec. Nós ampliamos estas fontes bibliográficas, expandindo as obras de Kardec em 20, sendo que o pastor até desconhecia as Revistas Espíritas de 1858 a 1869. O pastor ainda contou com cerca de 25 obras evangélicas e nós incrementamos as obras não espíritas em até 15 traduções bíblicas, 31 obras complementares e 7 dicionários e enciclopédias, bem como 23 artigos e e-book's de nossa autoria e dos confrades José Reis Chaves e Paulo da Silva Neto Sobrinho. Resolvemos suprimir as referências do pastor, uma vez que se encontram citadas ao longo desta obra. Por fim, deixamos a recomendação de Allan Kardec.

“Quando trato de maneira geral as questões levantadas por algum adversário, não é para convencê-lo, a isto não me prendo de nenhum modo, e ainda menos para fazê-lo renunciar à sua crença, que respeito quando é sincera, é unicamente para a instrução dos Espíritas, e porque ali encontro um ponto para desenvolver ou para esclarecer.

Refuto os princípios e não os indivíduos; os princípios ficam, e os indivíduos desaparecem; é por isso que pouco me inquieto com as personalidades que talvez amanhã não serão mais e das quais não se falará mais, qualquer que seja a importância que procuram se dar." (KARDEC, RE 1863, p. 219).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bíblias:

A Bíblia Anotada. São Paulo: Mundo Cristão, 1994.

Bíblia Sagrada. 68ª ed. São Paulo: Ave-Maria, 1989.

Bíblia Sagrada, Edição Barsa. Rio de Janeiro: Catholic Press, 1965.

Bíblia Sagrada, Edição Pastoral. 43ª imp. São Paulo: Paulus, 2001.

Bíblia Sagrada, 37a. ed. São Paulo: Paulinas, 1980.

Bíblia Sagrada, 5ª ed. Aparecida-SP: Santuário, 1984.

Bíblia Sagrada, 8ª ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1989.

Bíblia de Jerusalém, nova edição. São Paulo: Paulus, 2002.

Bíblia do Peregrino. São Paulo: Paulus, 2002.

Bíblia Sagrada, Sociedade Bíblica do Brasil, Brasília, DF, 1969.

Bíblia Sagrada, Editora Ave-Maria, São Paulo, SP, 68ª edição, 1989.

Bíblia Sagrada, Edição Pastoral, Paulus, São Paulo, SP, 43ª edição, 2001.

Bíblia Sagrada, São Paulo: SBB, 2000.

Escrituras Sagradas, Tradução do Novo Mundo das, Cesário Lange-SP: STVBT, 1986.

VULGATA LATINA, *Bíblia Sacra juxta Vulgatam Clementinam*, CBCEW, Londres, 2006.

Codificação Espírita:

KARDEC, A. **A Prece Segundo o Evangelho**. Rio de Janeiro-RJ: FEB, 1944.

- KARDEC, A. **A Gênese**. Brasília-DF: FEB, 2019a.
- KARDEC, A. **Obras Póstumas**. Rio de Janeiro-RJ: FEB, 2005.
- KARDEC, A. **Obras Póstumas**. Brasília-DF: FEB, 2019b.
- KARDEC, A. **O Céu e o Inferno**. Rio de Janeiro-RJ: FEB, 1995.
- KARDEC, A. **O Céu e o Inferno**. Brasília-DF: FEB, 2019c.
- KARDEC, A. **O Evangelho Segundo o Espiritismo**. Rio de Janeiro: FEB, 1996.
- KARDEC, A. **O Evangelho Segundo o Espiritismo**. Brasília-DF: FEB, 2019d.
- KARDEC, A. **O Livro dos Espíritos**. Brasília-DF: FEB, 2019e.
- KARDEC, A. **O Livro dos Médiuns**. Rio de Janeiro-RJ: FEB, 2007b.
- KARDEC, A. **O Livro dos Médiuns**. Brasília-DF: FEB, 2019f.
- KARDEC, A. **O que é o Espiritismo**. Brasília-DF: FEB, 2019g.
- KARDEC, A. **Revista Espirita 1858**. Brasília-DF: FEB, 2004a.
- KARDEC, A. **Revista Espirita 1859**. Brasília-DF: FEB, 2004b.
- KARDEC, A. **Revista Espirita 1860**. Brasília-DF: FEB, 2004c.
- KARDEC, A. **Revista Espirita 1861**. Brasília-DF: FEB, 2004d.
- KARDEC, A. **Revista Espirita 1862**. Brasília-DF: FEB, 2004e.
- KARDEC, A. **Revista Espirita 1863**. Brasília-DF: FEB, 2004f.
- KARDEC, A. **Revista Espirita 1864**. Brasília-DF: FEB, 2004g.
- KARDEC, A. **Revista Espirita 1865**. Brasília-DF: FEB, 2004h.
- KARDEC, A. **Revista Espirita 1866**. Brasília-DF: FEB, 2004i.
- KARDEC, A. **Revista Espirita 1867**. Brasília-DF: FEB, 2004j.
- KARDEC, A. **Revista Espirita 1868**. Brasília-DF: FEB, 2004k.
- KARDEC, A. **Revista Espirita 1869**. Brasília-DF: FEB, 2004l.

Obras Espíritas Complementares:

- CALLIGARIS, R. **Páginas de Espiritismo Cristão**. Brasília-DF: FEB, 2000.

- DIAS, H. D. **O Novo Testamento**. Brasília-DF: FEB, 2013
- FRANCO, D. P. **No rumo do mundo de regeneração**. Salvador-BA. LEAL. 2021
- PASTORINO, C. T. **Sabedoria do Evangelho - Volume 1**, Rio de Janeiro: 1964a.
- PASTORINO, C. T. **Sabedoria do Evangelho - Volume 2**, Rio de Janeiro: 1964b.
- PASTORINO, C. T. **Sabedoria do Evangelho - Volume 3**, Rio de Janeiro: 1964c.
- PASTORINO, C. T. **Sabedoria do Evangelho - Volume 4**, Rio de Janeiro: 1964d.
- PASTORINO, C. T. **Sabedoria do Evangelho - Volume 5**, Rio de Janeiro: 1964e.
- PASTORINO, C. T. **Sabedoria do Evangelho - Volume 6**, Rio de Janeiro: 1969.
- PASTORINO, C. T. **Sabedoria do Evangelho - Volume 7**, Rio de Janeiro: 1970.
- PASTORINO, C. T. **Sabedoria do Evangelho - Volume 8**, Rio de Janeiro: 1971.
- SCHUTEL, C. **Parábolas e Ensinos de Jesus**. Matão-SP: O Clarim, 2012.
- SILVA, S.C. **Analizando as Traduções Bíblicas**. João Pessoa-PB: Ideia, 2012.
- XAVIER, F. C. **Caminho, Verdade e Vida**. Brasília-DF: FEB. 2005.
- XAVIER, F. C. **Cinquenta anos depois**. Brasília-DF: FEB. 2020.
- XAVIER, F. C. **Fonte Viva**. Brasília-DF: FEB. 2002.
- XAVIER, F. C. **Há dois mil anos**. Brasília-DF: FEB. 2020.
- XAVIER, F. C. **Pão Nosso**. Brasília-DF: FEB. 2012.
- XAVIER, F. C. **O Consolador**. Brasília-DF: FEB. 2010.

Enciclopédias e dicionários:

- CHAMPLIN, R. N. e BENTES, J. M. **Enciclopédia de Bíblia Teologia e Filosofia 3a. ed.**, vol. 2. São Paulo: Candeia, 1995b.
- DOBSON, J. H., **Aprenda o Grego do Novo Testamento**, Rio de Janeiro, Editora CPAD, 1994)
- ERNESTO, F. **Dicionário Escolar Latino-Português**, Rio de Janeiro, CNME, 1962.
- MAGALHÃES, L. **Dicionário Português-Latim**, São Paulo: LEP S.A., 1960.
- R. Laird Harris, Gleason L. Archer Jr. e Bruce K. Waltke. **Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento**, Editora Sociedade Religiosa Edições Vida Nova; São Paulo/SP; 1ª edição: 1998
- SCHÖKEL, L. A. **Dicionário Hebraico Português**. São Paulo: Paulus, 1997.
- STRONG J. LL.D, S.T.D.; **Dicionário Bíblico Strong Léxico Hebraico, Aramaico e Grego de Strong**, Barueri/SP, Editora SBB, Ano 2002.

Obras Judaicas:

- JOSEFO, Flávio, **História dos Hebreus**, Editora CPAD, 8ª Edição, Rio de Janeiro/RJ, 2004 (Versão ebook - www.ebooksgospel.com.br)
- JOSEFO, F. **História dos Hebreus**, Rio de Janeiro, CPAD, 2003.
- TORÁ, A Lei de Moisés**, Templo Israelita Brasileiro Ohel Yaacov, São Paulo: Editora e Livraria Séfer, 2001.
- TANAH, Bíblia Hebraica**, São Paulo: Editora e Livraria Séfer, 2012.
- ITSCHAQ, S. B., **Chumash - Shemot com comentários de Rashi**, São Paulo: Editora TREJGER, I. U., 1993.
- VÁRIOS AUTORES. **TALMUD BAVLI - BERACHOT**, Capítulo 1-3, São Paulo: Editora Lubavitch Yeshivá Tomchei Tmimim Lubavitch, 2013.

VÁRIOS AUTORES. **TALMUD BAVLI - BERACHOT**, Capítulo 4-6, São Paulo: Editora Lubavitch Yeshivá Tomchei Tmimim Lubavitch, 2013.

VÁRIOS AUTORES. **TALMUD BAVLI - BERACHOT**, Capítulo 7-9, São Paulo: Editora Lubavitch Yeshivá Tomchei Tmimim Lubavitch, 2013.

VÁRIOS AUTORES. **TALMUD BAVLI - MACOT**, São Paulo: Editora Lubavitch Yeshivá Tomchei Tmimim Lubavitch, 2013.

Obras Diversas:

EHRMAN B. D. **Como Jesus se Tornou Deus**. São Paulo, Editora Leya Brasil, 2020.

MATTOS, Luiz. **Racionalismo Cristão**. Rio de Janeiro: 44.ed. 2010.

WEISS, B., **Muitas Vidas uma só Alma**, Rio de Janeiro: Editora Sextante, 2005.

Internet:

VALDOMIRO FILHO, **As coisas foram feitas por ele**, link: <http://www.unitarismobiblico.com/w/2010/05/03/jo-1-23/> -- Consultada 13/07/21.

VALDOMIRO FILHO, **Senhor meu, e Deus meu**, <http://www.unitarismobiblico.com/w/2010/05/03/jo-20-27-28/> - Consultada 13/07/21 às 16h.

Artigos e E-book's:

CHAVES. J. R. **Jesus e a mediunidade de João no Apocalipse**. Belo Horizonte-MG. 2021, <https://apologiaespirita.com.br/jesus-e-a-mediunidade-de-joao-no-apocalipse/>

FERRARI. T. T. **A fé sem obras está morta**. Vitória-ES. 2013, <https://apologiaespirita.com.br/a-fe-sem-obras-esta-morta/>

FERRARI. T. T. **A Comunicação com os Mortos na Bíblia**. Vitória-ES. 2014, <https://apologiaespirita.com.br/a-comunicacao-com-os-mortos-na-biblia/>

- FERRARI. T. T. **A Origem do Homem**. Vitória-ES. 2021, <https://apologiaespirita.com.br/a-origem-do-homem/>
- FERRARI. T. T. **A Reencarnação, a Comunicação com os Mortos e as Pesquisas Científicas** Vitória-ES. 2013, <https://apologiaespirita.com.br/wp-content/uploads/A-Reencarnacao-a-Comunicacao-com-os-Mortos-e-as-Pesquisas-Cientificas.pdf>
- FERRARI. T. T. **A Torá e a Reencarnação**. Vitória-ES. 2021, <https://apologiaespirita.com.br/a-tora-e-a-reencarnacao/>
- FERRARI. T. T. **Analisando Norman Geisler, João Batista é ou não Elias?** Vitória-ES. 2013, <https://apologiaespirita.com.br/analizando-norman-geisler-joao-batista-e-ou-nao-elias/>
- FERRARI. T. T. **Análise de alma e espírito no contexto grego** Vitória-ES. 2015, <https://apologiaespirita.com.br/analise-e-alma-e-espírito-no-contexto-grego/>
- FERRARI. T. T. **Há diferença entre o Cristianismo e Espiritismo?** Vitória-ES. 2013, <https://apologiaespirita.com.br/ha-diferenca-entre-o-cristianismo-e-espiritismo/>
- FERRARI. T. T. **Na transfiguração, Elias e Moisés falaram realmente com Jesus?** Vitória-ES. 2013, <https://apologiaespirita.com.br/na-transfiguracao-elias-e-moisés-falaram-realmente-com-jesus/>
- FERRARI. T. T. **O Diálogo entre Jesus e Nicodemos**. Vitória-ES. 2016, <https://apologiaespirita.com.br/o-dialogo-entre-jesus-e-nicodemos/>
- FERRARI. T. T. **O Espiritismo e a feiticeira de En-Dor** Vitória-ES. 2013, <https://apologiaespirita.com.br/o-espiritismo-e-a-feiticeira-de-en-dor/>
- FERRARI. T. T. **O Espiritismo esclarece o dogma da Trindade** Vitória-ES. 2014, <https://apologiaespirita.com.br/o-espiritismo-esclarece-o-dogma-da-trindade/>

- FERRARI, T. T. **O inferno existe?**. Vitória-ES. 2013, <https://apologiaespirita.com.br/o-inferno-existe/>
- FERRARI, T. T. **Onde se encontram as falácias nas propagandas anti-espíritas.** Vitória-ES. 2013, <https://apologiaespirita.com.br/onde-se-encontram-as-falacias-nas-propagandas-antiespiritas/>
- FERRARI, T. T. **Quem apareceu a Saul?**. Vitória-ES. 2013, <https://apologiaespirita.com.br/quem-apareceu-a-saul/>
- FERRARI, T. T. **Quem realmente é Satanás e quem são os demônios?** Vitória-ES. 2013, <https://apologiaespirita.com.br/quem-realmente-e-satanas-e-quem-sao-os-demonios/>
- FERRARI, T. T. **Reencarnação ou Penas Eternas?**. Vitória-ES. 2013, <https://apologiaespirita.com.br/reencarnacao-ou-penas-eternas/>
- FERRARI, T. T. **Seremos salvos ou teremos que nos salvar?**. Vitória-ES. 2013, <https://apologiaespirita.com.br/seremos-salvos-ou-teremos-que-nos-salvar/>
- FERRARI, T. T. **Verdade ou Mentira?**. Vitória-ES. 2014, <https://apologiaespirita.com.br/verdade-ou-mentira/>
- SOBRINHO, P. S. N. **A serpente é satanás?**. Belo Horizonte-MG. 2005, <https://apologiaespirita.com.br/a-serpente-e-satanas/>
- SOBRINHO, P. S. N. **Inspiração dos textos sagrados.** Belo Horizonte-MG. 2005, <https://apologiaespirita.com.br/wp-content/uploads/Inspiracao-dos-textos-sagrados.pdf>
- SOBRINHO, P. S. N. **Será que os profetas previram vinda de Jesus?** Belo Horizonte-MG. 2018, <https://apologiaespirita.com.br/sera-que-os-profetas-previram-a-vinda-de-jesus/>
- SOBRINHO, P. S. N. **Trindade - o “mistério” imposto por um leigo e anuído pelos teólogos.** Belo horizonte-MG. 2016, <https://apologiaespirita.com.br/trindade-o-misterio-imposto-por-um-leigo-e-anuido-pelos-teologos/>

SOBRE O AUTOR



Thiago Toscano Ferrari é natural de São Mateus, ES. Formado em Técnico em Mecânica pelo IFES (São Mateus/ES) e Engenharia Mecânica pela Faculdade Brasileira – Multivix (Vitória-ES), com MBA em Gestão de Projetos PMI PMBoK pela FAESA (Vitória-ES), bem como Teólogo pela Escola de Exegese Bíblica (São Paulo-SP). Atua na área industrial desde 2002. Regressou ao movimento Espírita em Janeiro/2004.

Escreveu os e-book's ***A arte do debate, A Torá e a Reencarnação, O Espiritismo e as incoerências de um pastor*** e ***A Grande Tribulação e o seu Cumprimento Histórico***, dentre vários artigos publicados no site www.apologiaespirita.com.br (GAE - Grupo Apologética Espírita).